

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**JACIEL GUSTAVO KUNZ**

**PAISAGENS E TURISMO NA/DA LAGOA MIRIM (BRASIL/URUGUAI):  
*COMPLEXUS* DE PRÁTICAS E SIGNIFICADOS**

**PORTO ALEGRE**

**2021**

**JACIEL GUSTAVO KUNZ**

**PAISAGENS E TURISMO NA/DA LAGOA MIRIM (BRASIL/URUGUAI):  
*COMPLEXUS DE PRÁTICAS E SIGNIFICADOS***

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Geografia.

Área de concentração: Ambiente, Território e Ensino.

Orientador: Prof. Antonio Carlos  
Castrogiovanni.

**PORTO ALEGRE  
2021**

## CIP - Catalogação na Publicação

Kunz, Jaciel Gustavo  
Paisagem e Turismo na/da Lagoa Mirim  
(Brasil/Uruguai): Complexus de práticas e significados  
/ Jaciel Gustavo Kunz. -- 2021.  
383 f.  
Orientador: Antonio Carlos Castrogiovanni.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Paisagens turísticas. 2. Paisagens lacustres. 3. Práticas turísticas. 4. Estéticas das paisagens. 5. Lagoa Mirim/Laguna Merín. I. Castrogiovanni, Antonio Carlos, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JACIEL GUSTAVO KUNZ

**PAISAGENS E TURISMO NA/DA LAGOA MIRIM (BRASIL/URUGUAI):  
COMPLEXUS DE PRÁTICAS E SIGNIFICADOS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Geografia.

Área de concentração: Ambiente, Ensino e Território.

Orientador: Prof. Antonio Carlos Castrogiovanni.

Aprovada em: 11/03/2021

**BANCA EXAMINADORA**

**BANCA REMOTA**

Prof. Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni (Orientador)  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

**BANCA REMOTA**

Prof. Dr. Maurício Ragagnin Pimentel  
Universidade Federal de Pelotas - UFPel

**BANCA REMOTA**

Prof. Dr. Mauro José Ferreira Cury  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste

**BANCA REMOTA**

Prof. Dr. Roberto Verdum  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

**BANCA REMOTA**

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Susana de Araujo Gastal  
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Dedico este trabalho à sociedade e ao Estado brasileiros, que, por meio de políticas públicas e programas específicos, permitiram minha formação e atuação como docente e pesquisador.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família por sempre estar presente em meus empreendimentos, e por continuamente apoiá-los.

Agradeço aos meus amigos, pelo apoio constante, em momentos bons e não tão bons.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni, pela inspiração, pelas inquietações e por acreditar no meu trabalho.

Agradeço ao PPG em Geografia da UFRGS, docentes e técnicos, pela oportunidade de cursar o doutorado e desenvolver nossas pesquisas.

Agradeço à FURG, pela disponibilização de afastamento para qualificação durante quatro anos no doutorado.

Agradeço à Capes, pela concessão de bolsa de doutorado sanduíche nos Estados Unidos, de outubro de 2018 a março de 2019 - processo 88881.188803/2018-01.

Agradeço à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Michelle Metro-Roland, pela acolhida e orientação no período de doutorado sanduíche em Western Michigan University.

Agradeço ao Programa Idiomas sem Fronteiras da UFRGS, pela oportunidade de aprimoramento em escrita e fala do Inglês, e pela realização do exame TOEFL.

Agradeço aos colegas orientandos do Prof. Castrogiovanni nesse período, pelas trocas e pelo companheirismo.

Agradeço a todos os entrevistados que concederam um pouco de seu tempo para exporem suas opiniões e pensarem juntos sobre a Lagoa Mirim.

Agradeço à Prof<sup>a</sup>. Adriana Pisoni da Silva, da Unipampa, e às Prof<sup>as</sup>. Trícia Amaral, da FURG, e Melise Pereira, então FURG, pela acolhida durante o período de pesquisa de campo.

Agradeço a Elisa Neves, que propiciou meu primeiro contato com Lago Merín.

Agradeço a Édson Lima, da SEaD/UFRGS, que atuou como suporte técnico na transmissão da defesa de doutorado.

*“Os homens [sic] são ao mesmo tempo sedentários e nômades: eles ficam felizes em ter um cantinho seu, mas não hesitam em deixá-lo. Alguns só se decidem a fazê-lo raramente; outros só se sentem bem na estrada.”*  
*(Paul Claval)*

## RESUMO

Esta tese versa sobre a significação das paisagens lacustres, ancorada nas práticas apropriadas pelo/para o turismo/lazer, aqui vistos de modo matizado. As partes da tese são redigidas de acordo com o voo de uma pipa, a partir dos ventos de pesquisa. A Lagoa Mirim é o maior corpo hídrico do seu gênero no Brasil e no Uruguai, cujo talvegue vem lhe servindo de limite internacional. As margens da Lagoa apresentam densa historicidade, ecossistema biodiverso, inseridos na Planície Costeira do Rio Grande do Sul e está presente no bioma pampa. O turismo/lazer tem-se constituído como um dos usos territoriais nessa zona de fronteira, calcado em paisagens lacustres e práticas sazonais, que envolvem olhar e performar. A paisagem é um conceito geográfico que parece dialogar com o saber-fazer Turismo. A questão desta pesquisa é: Como os Sujeitos do turismo/lazer interpelam as paisagens lacustres em seus encontros/experiências? O objetivo geral é, pois, compreender como os Sujeitos do turismo/lazer interpelam as paisagens em seus encontros/experiências. Os objetivos específicos são: caracterizar os sítios de encontro como versões turísticas particulares do todo lacustre "Lagoa Mirim"; analisar as estéticas subjacentes à apreciação (visual) dessas paisagens lacustres; identificar práticas e *performances* turísticas que ocorrem nos sítios estudados, durante o veraneio. Os pressupostos teórico-conceituais envolvem a paisagem, segundo a Nova Geografia Cultural (modo de ver), a Geografia Fenomenológica (modo de ser) e pelo olhar turístico a essas paisagens. O estudo de caso múltiplo compreende documentação (fotografias do Instagram e comentários do Trip Advisor), observação direta e entrevistas semipadronizadas, seguida de análise qualitativa de conteúdo (decomposição, codificação e recomposição) e triangulação, até atingir saturação teórica. Assenta-se, assim, no método da Complexidade de Edgar Morin sobretudo, nos princípios Dialógico, Recursivo e Hologramático, e na noção de Sujeito. Os sítios do recorte de estudo são a Praia da Vila da Capilha (Rio Grande, Brasil) – localidade histórica no entorno da Estação Ecológica do Taim - o Balneário de Lago Merín (Río Branco, Uruguai) – construído com essa finalidade – e o Porto Pindorama (Santa Vitória do Palmar, Brasil) – desativado como terminal. Cada um desses arranjos forja à sua maneira trajetórias de (des)encontro com paisagens e práticas do turismo/lazer. As narrativas trazidas pelas fotografias informam que os juízos estéticos, de interesse desinteressado, voltam-se à apreciação calcada na categoria do pitoresco e remontam o olhar romântico, com destaque para o pôr do sol, o atracadouro e a antiga capela, respectivamente no Porto e na Capilha, e mais próximo de uma paisagem de férias e de olhar coletivo, em Lago Merín. A geograficidade dos valores e atitudes veiculadas são o plácido, a rusticidade, a aventura, o horizonte e a automobilidade, entre outros. As práticas observadas e mapeadas são, por vezes, mais vastas que as documentadas e enunciadas. As *performances* nos/dos palcos mostram-se variadas e vão desde as conformistas até as contestadoras, passando pelas pós-turísticas. Os Sujeitos-turistas são tidos como estéticos, semiósicos e *operators* (de fotografia). A fotografia turística é o elo entre a representação formada pelo visual, e o mais-que-representacional formado pelas *performances* do posar, fotografar e postar em mídia social. O índice do encontro (a fotografia) dialogicamente transforma-se em convite para encontros por outros Sujeitos. A tese é a de que, na constituição do fenômeno turístico/de lazer, as práticas/*performances* e os significados das paisagens são tecidos em um todo *complexus*. Propostas de diretrizes de interpretação turística parecem conduzir a novas camadas de significação a essa paisagem lacustre una/múltipla.

**Palavras-chave:** Paisagens; Turismo/Lazer; Práticas turísticas; Complexidade; Lagoa Mirim (Brasil/Uruguai).



## ABSTRACT

*This thesis examines the signification of lakescapes, which is grounded in practices appropriate to and appropriated by tourism/leisure, here considered in a nuanced way. The sections of this thesis are written as though it were a flying kite, driven by the winds of research. The Mirim Lagoon is the largest water body of its kind in Brazil and Uruguay, and its thalweg has acted as the countries' international limit. The surroundings of the lagoon have a rich history, and a biodiverse ecosystem, inserted in the coastal plain of Rio Grande do Sul, and is situated in the Pampa biome. Tourism/leisure has been establishing themselves as one of the territorial uses in these borderlands, centered on lakescapes and seasonal practices, which involves gazing and performing. Landscape is a geographic concept that seems to converse with Tourism know-how. In this study, the question posed is: How do the Subjects of tourism/leisure interact with lakescapes in their encounters/experiences? The core goal is, therefore, to understand how the Subjects of tourism/leisure engaged with the landscapes in their encounters/experiences. The specific goals are: to characterize the encounter sites as particular tourist versions of the "Mirim Lagoon" lacustrine whole; to analyze the aesthetics underlying the (visual) appreciation of these lakescapes; to identify tourist practices and performances that occur in the studied sites, over the summer of 2020/2021. The theoretical and conceptual bases involve the landscape, according to the New Cultural Geography (way of seeing), the Phenomenological Geography (way of being), and the tourist gaze to these landscapes. The multiple case study comprises documentation (from Instagram photos and Trip Advisor reviews), direct observations and semi-standardized interviews, followed by qualitative content analysis (decomposition, coding and recomposition) and triangulation, until theoretical saturation is reached. It is thus based on Edgar Morin's (2011, 2015a/b) Complexity method, especially in regards to the Dialogical, Recursive, and Hologramatic principles, and the notion of Subject. The sites in the area studied are Vila da Capilha Beach (Rio Grande, Brazil) - a historical site in the surrounding area of the Taim Ecological Station -, Lago Merin resort (Río Branco, Uruguay) - built for this purpose - and the Pindorama Port (Santa Vitória do Palmar, Brazil) - no longer operating as a terminal. Each of these settings forges, in their own way, trajectories of (dis)encounter with landscapes, and tourism/leisure practices. The narratives presented by the photographs reveal that the aesthetic judgments, of "detached interest", are directed towards an appreciation based on the picturesque, and trace back a romantic gaze, with emphasis on the sunset, the dock, and the old chapel, respectively at Pindorama Port and at Vila da Capilha Beach, whereas the approach at Lago Merin is closer to a vacationscape and to a collective gaze. The geographicity of the values and attitudes conveyed are placidness, rusticity, adventure, horizon, and automobility, among others. The practices observed and mapped are, at times, wider than those documented and enunciated. Staged performances are varied and range from conformist to contesting, to post-tourist. Subjects-tourists are seen as aesthetic, semiotic and also as operators (of photography). Their photography is the link between the representation shaped by the visual, and the more-than-representational aspect shaped by the performances of posing, photographing, and posting on social media. The index of the encounter (the photograph) dialogically becomes an invitation for encounters to other Subjects. We propose that, in the constitution of the tourist/leisure phenomenon, practices/performances and meanings of landscapes are woven into a complexus whole. Proposals for tourist interpretation guidelines seem to lead to new layers of signification to this one/multiple lakescape.*

**Keywords:** *Landscapes; Tourism/Leisure; Tourist Practices; Complexity; Mirim Lagoon (Brazil/Uruguay).*

## RESÚMEN

*Esta tesis investiga la significación de paisajes lacustres anclada en prácticas apropiadas por/para el turismo/ocio, que aquí se consideran de modo matizado. Las secciones de esta tesis están escritas como si se tratara de una cometa que volara conducida por los vientos de la investigación. La Laguna Merín es el mayor cuerpo hídrico de su tipo en Brasil y en Uruguay, cuyo talweg ha funcionado como límite internacional entre ambos países. El entorno de la laguna tiene una gran riqueza histórica y un ecosistema biodiverso, ubicado en la llanura costera de Rio Grande do Sul y en el bioma de la pampa. El turismo/ocio se han consolidado como uno de los usos del territorio en estas zonas fronterizas, centrados en los paisajes lacustres y en las prácticas estacionales, que implican la contemplación (gazing) y la actuación (performing). El paisaje es un concepto geográfico que parece dialogar con el saber-hacer del Turismo. La pregunta que guía la investigación es: ¿cómo interactúan los Sujetos del turismo/ocio con los paisajes lacustres en sus encuentros/experiencias? El objetivo general es, por lo tanto, comprender cómo los sujetos del turismo/ocio se relacionan con los paisajes en sus encuentros/experiencias. Los objetivos específicos son: caracterizar los sitios de encuentro como versiones turísticas particulares del conjunto del todo lacustre de la “Laguna Merín”; analizar la estética que subyace a la apreciación (visual) de estos paisajes lacustres; identificar las prácticas y performances turísticas que ocurren en los puntos estudiados, durante el verano de 2020/2021. Las bases teóricas y conceptuales abarcan el paisaje, según la Nueva Geografía Cultural (forma de ver), la Geografía Fenomenológica (forma de ser) y la mirada turística a estos paisajes. El estudio de casos múltiple se basa en documentación (fotos de Instagram y comentarios de Trip Advisor), en observaciones directas y en entrevistas semiestandarizadas, seguidas de análisis cualitativo de contenido (descomposición, codificación y recomposición) y la triangulación, hasta alcanzar saturación teórica. Así pues, está basada en el método de la Complejidad de Edgar Morin (2011, 2015a/b), especialmente en los principios Dialógico, Recursivo y Hologramático, y en la noción de Sujeto. Los puntos de las áreas estudiadas son la Playa de la Villa La Capilla (Río Grande, Brasil) - un sitio histórico en el entorno de la Estación Ecológica Taim -, el balneario Lago Merín (Río Branco, Uruguay) - construido para este fin - y Puerto Pindorama (Santa Vitória do Palmar, Brasil) - que ya no opera como terminal. Cada uno de estos escenarios establece, a su manera, trayectorias de (des)encuentro con los paisajes, y con prácticas de turismo/ocio. Las narraciones aportadas por las fotografías informan de que los juicios estéticos, de interés desinteresado, pasan por la apreciación basada en la categoría de lo pintoresco y se remontan a la mirada romántica, con énfasis en el atardecer, el muelle y la antigua capilla, respectivamente en Puerto Pindorama y en la Playa de la Villa La Capilla, a la vez que se acercan a un paisaje de vacaciones y a la mirada colectiva, en Lago Merín. La geograficidad de los valores y de las actitudes que se transmiten son la placidez, la rusticidad, la aventura, el horizonte y la automovilidad, entre otros. Las prácticas observadas y trazadas son, algunas veces, más amplias que las documentadas y las enunciadas. Las performances de/en los escenarios son variadas y van desde el conformismo hasta la contestación, pasando por el post-turismo. Los Sujetos-turistas son vistos como estéticos, semióticos y también como operators (de la fotografía). La fotografía es el vínculo entre la representación formada por lo visual, y el aspecto más-que-representacional formado por las performances de posar, retratar y publicar en las redes sociales. El índice del encuentro (la fotografía) se convierte dialógicamente en una invitación al encuentro por otros Sujetos. Proponemos que en la constitución del fenómeno turístico/del ocio, las prácticas/performances y los significados de los paisajes se tejen en un todo complexus. Las propuestas de guías de interpretación turística parecen llevar a nuevos niveles de significación a este paisaje lacustre uno/múltiple.*

**Palabras clave: Paisajes; Turismo/Ocio; Prácticas turísticas; Complejidad; Laguna Merín (Brasil/Uruguay).**

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 – A Lagoa Mirim como corredor turístico.....	17
Figura 1 –Circuito dos objetivos geral e específicos.....	24
Mapa 2 – Localização da área de estudo.....	31
Figura 2 – Proposta de zoneamento ambiental da Capilha.....	39
Mapa 3 – Equipamentos da Vila da Capilha.....	44
Figura 3 –Fotografias da Praia/Vila da Capilha.....	45
Mapa 4 – Equipamentos de Lago Merín.....	54
Figura 4 – Fotografias do Balneário de Lago Merín.....	56
Mapa 5 – Equipamentos do Porto Pindorama.....	64
Figura 5 – Fotografias do Porto Pindorama.....	65
Quadro 1 – Entrevistas realizadas.....	109
Quadro 2 – Notas de campo.....	114
Figura 6 – Principais elementos do <i>design</i> metodológico executado.....	117
Figura 7 – Proposta das vias para triangulação teórico-metodológica.....	118
Figura 8 – Uma regata no Grande Canal (Canaletto).....	122
Figura 9 – Andarilho sobre o mar de névoa.....	137
Figura 10 – Gráfico com os planos fotografados e seus elementos.....	150
Figura 11 – Escrutínio das <i>performances</i> turísticas.....	169
Mapa 6 – Práticas da Vila da Capilha.....	176
Mapa 7 – Práticas de Lago Merín.....	177
Mapa 8 – Práticas do Porto Pindorama.....	178
Quadro 3 – Comparativo entre as práticas prescritas e as observadas em cada sítio.....	180
Figura 12 – Exemplos de <i>performances</i> presentes em fotografias.....	202
Figura 13 – Recursividade encontro/convite turístico.....	210

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Oferta de aluguéis de temporada em Lago Merín (2019/2020).....	56
Tabela 2 – Análise do conteúdo das fotografias de paisagem.....	143
Tabela 3 – Lista de <i>performances</i> fotográficas identificadas.....	195
Tabela 4 – Adereços utilizados pelos modelos fotografados.....	196
Tabela 5 – Objetos utilizados pelos modelos fotografados.....	196

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALM – Agência de Desenvolvimento da Bacia da Lagoa Mirim  
CLM – Comissão Lagoa Mirim  
Esec – Estação Ecológica  
FURG – Universidade Federal do Rio Grande  
ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade  
IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal  
Nema – Núcleo de Educação Ambiental  
NGC – Nova Geografia Cultural  
ONGs – Organizações não governamentais  
PCRS – Planície Costeira do Rio Grande do Sul  
PPG – Programa de Pós-graduação  
PUC-RS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Reuni – Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais  
Sisu – Sistema de Seleção Unificada  
SVP – Santa Vitória do Palmar  
UCS – Universidade de Caxias do Sul  
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura  
ZA – Zona de amortecimento

## SUMÁRIO

<b>1 DESENROLANDO A PIPA: INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
1.1 JUSTIFICATIVA.....	15
1.2 CONTEXTUALIZAÇÕES DA PESQUISA.....	20
1.3 POR QUE E PARA QUE EMPINAR PIPA? PROBLEMA E OBJETIVOS....	23
1.4 TESE.....	25
1.5 ORGANIZAÇÃO DA TESE.....	25
<b>2 ONDE EMPINAMOS A PIPA? OS SÍTIOS DE ENCONTRO COMO VERSÕES TURÍSTICAS DE UMA PAISAGEM LACUSTRE.....</b>	<b>26</b>
2.1 ENCONTROS TURÍSTICOS: ESPAÇO, SUJEITO E PAISAGENS.....	26
2.2 (RE)APRESENTANDO A LAGOA MIRIM (BRASIL/URUGUAI) .....	29
<b>2.2.1 Elementos e dinâmicas das naturezas.....</b>	<b>29</b>
<b>2.2.2 Contexto histórico do uso do território.....</b>	<b>36</b>
2.3 PRAIA/VILA DA CAPILHA – RIO GRANDE, BRASIL: DA CONSTRUÇÃO DA CAPELA ÀS EXCURSÕES LACUSTRES.....	39
2.4 LAGO MERÍN – CERRO LARGO, URUGUAI: DE BALNEÁRIO PLANEJADO À LOCAL DE RESIDÊNCIA.....	47
<b>2.4.1 Fronteiras e limites territoriais.....</b>	<b>47</b>
<b>2.4.2 A constituição e as características do sítio.....</b>	<b>52</b>
2.5 PORTO PINDORAMA – SANTA VITÓRIA DO PALMAR, BRASIL: DE PORTO ENCOMENDADO A SÍTIO DE LAZER.....	60
<b>2.5.1 Santa Vitória do Palmar: dos Campos Neutrais à atualidade.....</b>	<b>60</b>
<b>2.5.2 Trajetórias do Porto Pindorama.....</b>	<b>62</b>
<b>3 COM QUAIS CORES TRABALHAMOS AS PIPAS QUE FORMATAM A ABÓBODA CELESTRE? – REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL.....</b>	<b>68</b>
3.1 A PAISAGEM COMO MODO DE VER: A NOVA GEOGRAFIA CULTURAL – NGC.....	68
3.2 PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO VISUAL.....	72
3.3 GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA: A PAISAGEM COMO MODO DE SER.....	81
3.4 O OLHAR DO TURISMO/TURISTA PARA AS PAISAGENS.....	94
<b>4 COMO VEMOS O CÉU ONDE SE EMPINA A PIPA? COMO SE EMPINA A PIPA?.....</b>	<b>100</b>
4.1 COMO VEMOS O CÉU: MÉTODO DA COMPLEXIDADE.....	100
4.2 COMO SE FAZ E COMO SE EMPINA UMA PIPA? PERCURSO METODOLÓGICO.....	107
<b>5 NEM TODA PIPA É BELA, MAS É A QUE MAIS SE FAZ PRESENTE – ESTÉTICAS DAS PAISAGENS NO/DO TURISMO/LAZER.....</b>	<b>119</b>
5.1 ESTÉTICAS DA NATUREZA: ENTRE O ROMÂNTICO E O PITORESCO	119
5.2 PAISAGENS LACUSTRES E SUAS ESTÉTICAS NO/DO TURISMO/LAZER.....	140
<b>6 HÁ MUITOS VENTOS QUE SATISFAZEM AS PIPAS – AS PRÁTICAS E PERFORMANCES TURÍSTICAS/DE LAZER NA/D A LAGOA MIRIM.....</b>	<b>158</b>
6.1 CONCEITUAÇÕES DE PRÁTICA E PERFORMANCE DO/NO TURISMO/LAZER.....	158

6.2 PRÁTICAS E <i>PERFORMANCES</i> TURÍSTICAS NA/DA LAGOA MIRIM...	172
6.3 CONCEPÇÕES DE TURISMO E LAZER.....	185
6.4 <i>PERFORMANCES</i> , INCLUSIVE FOTOGRÁFICAS.....	188
6.5 DIRETRIZES PROVISÓRIAS PARA POSSÍVEL INTERPRETAÇÃO TURÍSTICA DAS PAISAGENS LACUSTRES.....	199
<b>PARA SOLTAR COM OUTROS VENTOS – CONSIDERAÇÕES (NÃO TÃO) FINAIS.....</b>	<b>203</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>213</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>229</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>383</b>

## 1 DESENROLANDO A PIPA<sup>1</sup>: INTRODUÇÃO

*A água cerca o arvoredo  
Com tanta calma que dá medo  
Meus dedos correm entre a areia fina  
Meus dedos correm entre a areia fina  
(Vitor Ramil)*

Pipa, papagaio, pandorga, raia. Diferentes vocábulos para o mesmo objeto que foi feito para soltar-se, seguir sua trajetória e, sem intercorrências, retornar ao sujeito que a conduziu, ou mesmo que a produziu. Para tal empreendimento, é necessário envolvimento corpóreo do sujeito, mas também interferem as condições e direções do vento, ora intenso, ora moderado; ora projeta a pipa, ora a faz cair sem ter feito seu voo. Novas tentativas, em diferentes tempos, podem se fazer necessárias. Cada voo é único, embora com o mesmo objeto, mesmo sujeito e iguais condições do vento, que estão de acordo, primordialmente, com as características do sítio onde a soltamos.

### 1.1 JUSTIFICATIVA

No entanto, o sujeito que empina a pipa o faz a partir de um lugar de fala e de um tempo histórico. Oriundo no Oeste catarinense, ainda adolescente, cursou Bacharelado em Turismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS, de Porto Alegre, como bolsista do Programa Universidade para Todos – Prouni. Após estágios no setor público e privado, ingressou no Mestrado Acadêmico em Turismo na Universidade de Caxias do Sul – UCS, onde investigou a geração de resíduos sólidos em aeroporto regional. Ingressou como professor assistente na Universidade Federal do Rio Grande – FURG, para atuar no campus de Santa Vitória do Palmar – SVP, por meio de vaga do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – Reuni. Ministrou disciplinas, como Agências de Viagens, Transportes, Planejamento Turístico, Turismo e Comunicação, Turismo e Território, e Metodologia da Pesquisa Turística, orientando estágios e trabalhos de conclusão de curso – TCCs. Coordenou o Curso por dois anos. Alunos provenientes de escola pública, do próprio local, e que prestaram o Enem, ingressam via Sistema de Seleção Unificada – Sisu e

---

<sup>1</sup> A versão do vocábulo é a de maior familiaridade do Sujeito-autor, desde a infância.



buscam formação acadêmica em Turismo na FURG e trazem consigo inquietações compartilhadas no/pelo seu lugar no/do mundo. Essas inquietações, ao serem apropriadas pelos docentes, podem resultar em aprendizado significativo para os discentes e podem alavancar projetos acadêmicos que, como tais, reforçam a indissociabilidade universitária entre pesquisa, ensino e extensão – especialmente, ensinar o que se pesquisa, e se pesquisar o que/onde se ensina.

Como oportunidade de qualificação na carreira, o sujeito optou por candidatar-se ao doutorado, com possibilidade de afastamento temporário das atividades na FURG. Considerando a origem e trajetória pela graduação em mestrado em Turismo, buscou alçar-se a outros voos, embora não tão distantes dos locais de origem. Trata-se do Programa de Pós-Graduação – PPG em Geografia da UFRGS, que já possuía turismólogos como egressos. A ciência geográfica é reconhecida pelos profícuos diálogos entre a atividade turística, o ambiente, as formações socioespaciais e ao uso dos territórios.

Santa Vitória do Palmar, distante mais de 500 km da capital estadual, é hoje periférica quanto ao mercado de turismo receptivo. Encontra-se na condição fronteira, a qual acaba por vez a dar-lhe a conotação de confim. Contudo, algumas condições e objetos ali existentes fazem alguns sujeitos, como professores, alunos e gestores públicos, aspirar condição mais relevante quanto ao fluxo turístico e qualificação profissional e dos serviços. Além disso, a necessidade de diversificação da matriz econômico-produtiva e os deslocamentos ao/pelo Chuí/Chuy colocam o turismo como atividade a qual seria capaz de fazer frente a desigualdades que o território enfrenta.

Buscando desenvolver pesquisa que articulasse o campo científico de origem, a realidade socioespacial com a qual se deparou ao ingressar na FURG, o PPG do qual passa a fazer parte como discente, propõe, junto ao orientador - embora geógrafo, possui experiência no campo do Turismo - pesquisar a Lagoa Mirim como elemento hidrográfico que une os municípios de Rio Grande (sede da FURG<sup>2</sup>) e Santa Vitória do Palmar e como Lagoa responsável por “firmar” limites entre Brasil e Uruguai. Como categoria geográfica optou pela paisagem, por entender que é uma das que mais dialoga com o fenômeno socioespacial do Turismo. Já havia disciplina e grupo de pesquisa constituído no PPG – o Pagus, que se tornou uma referência teórico-conceitual para o desenvolvimento do estudo. No PPG teve, também, a

---

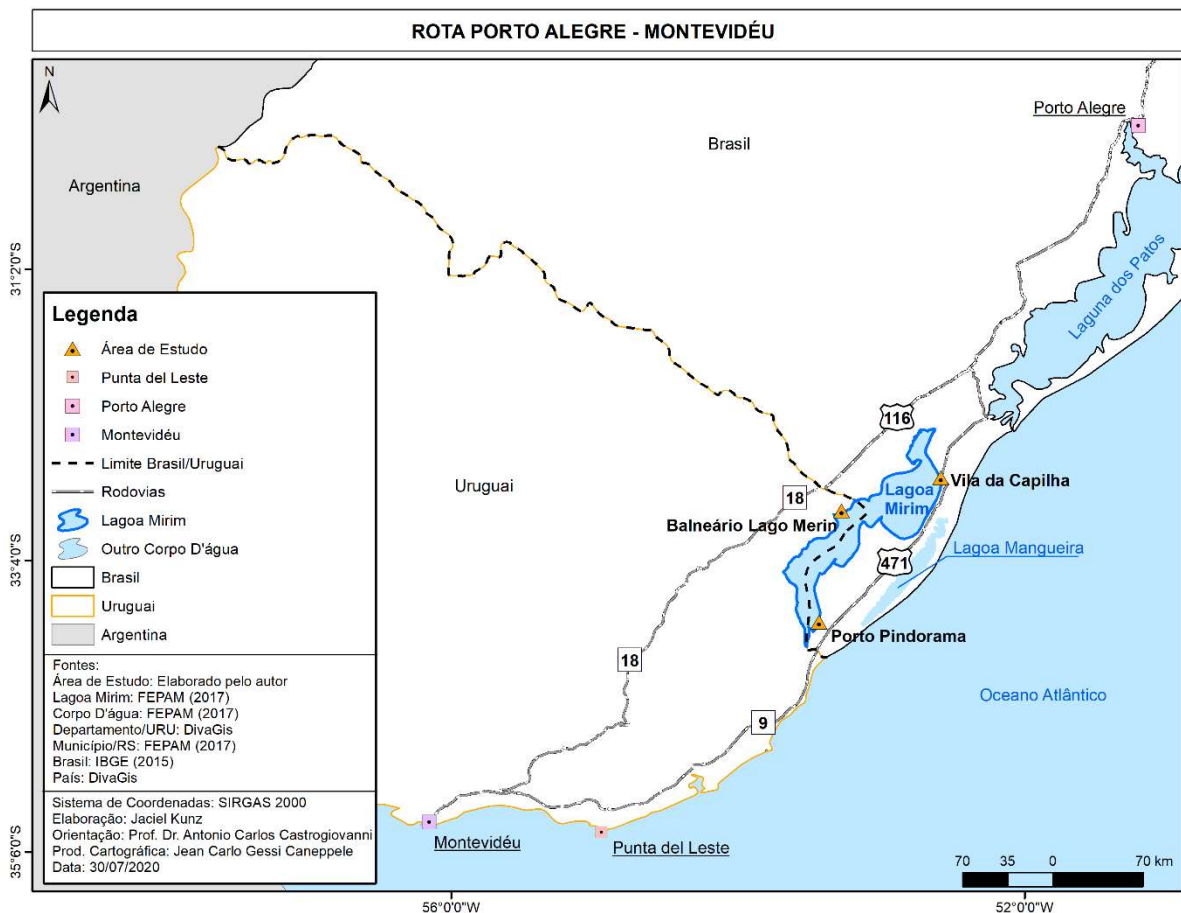
<sup>2</sup>A Universidade citada tem como missão: “Promover o avanço do conhecimento e a educação plena com excelência, formando profissionais capazes de contribuir para o desenvolvimento humano e a melhoria da qualidade socioambiental.” (FURG, 2011, p. 16). Por sua vez, a visão é: “A FURG consolidará sua imagem nacional e internacional como referência em educação, desenvolvimento tecnológico e estudo dos ecossistemas costeiros e oceânicos.” (FURG, idem, ibidem).

oportunidade de estudar a partir do método da Complexidade, em Edgar Morin, que demanda relação simbiótica entre sujeito-pesquisador e seu objeto de pesquisa.

Ainda, na parte do território compreendida entre a Lagoa Mirim e o Oceano Atlântico está um dos mais importantes corredores turísticos que ligam o sul do Brasil e o famoso balneário de Punta del Este, no Uruguai.

O mapa 1 representa a área adjacente à Lagoa Mirim como corredor de circulação turístico-recreativa, por meio de suas rodovias de acesso nacionais, BR-116 e BR-471 no Brasil, e *rotas* 9 e 18, no Uruguai – com destaque o balneário de Punta del Este e a capital, Montevidéu, trechos que levam de 10 a 12h por transporte rodoviário.

**Mapa 1 – Lagoa Mirim como corredor turístico**



Fonte: Elaboração de Jean Caneppele (2020).

Entretanto, as principais razões para os turistas virem à zona fronteira, como apontamos, estão ligadas a compras em *free shops* e ao veraneio em praias oceânicas de Santa Vitória do Palmar e praias do Departamento de Rocha, no Uruguai. No “lado” brasileiro, sobretudo, turistas e sujeitos do local parecem preferir a água salgada do mar, geralmente

bravio. Os entrevistados nesta pesquisa tendem a discordar de que a escolha da rota ocorre em virtude das paisagens da Lagoa Mirim.

Verificamos a relevância dos corpos d'água e dos banhados como categorias definidoras de elementos que compõem a beleza cênica e/ou qualidade intrínseca das paisagens, sem esquecer-se das matas de restinga, associadas à paleodunas, presentes no entorno da Lagoa Mirim (VIEIRA, 2014). De acordo com Vieira (2014), em termos de belezas cênicas da porção litorânea da área de ocorrência do bioma Pampa, a Lagoa Mirim aparece como um dos elementos elencados, especialmente, o Taim. Não muito distante da Lagoa Mirim, está a Lagoa Mangueira e o parque eólico em Santa Vitória do Palmar e Chuí, também elencados. Pelo “lado” uruguaio, encontramos o conjunto de ecossistemas Zonas úmidas do Leste, também com reconhecida beleza cênico-paisagística (ACHKAR; DOMINGUEZ; PESCE, 2012). Ademais, “a água é fator motivador para os deslocamentos humanos com finalidades de turismo, lazer, saúde, esportes e cultura.” (RUDZEWICZ; CASTROGIOVANNI; PEYRAQUE-GADEAU, 2020, p. 12). São paisagens de água aqueles que possuem, nas águas, fator de organização do território e de representações sociais (idem).

Ainda, atores do turismo estudados em municípios limieiros à Laguna dos Patos, no RS, apontam como possibilidade e necessidade a (re)valorização paisagística aliada à ativação turística de localidades do entorno, a partir de uma integração com outras áreas. Entre os municípios por eles citados está Santa Vitória do Palmar, bem como as Lagoas Mirim e Mangueira e as áreas fronteiriças adjacentes (RUDZEWICZ, 2018).

Rudzewicz (2018), no que tange ao turismo/lazer, defende a investigação sobre paisagens de outras lagoas, notadamente, aquelas com função turística pouco conhecida fora do âmbito técnico ou acadêmico, em especial, as representações e práticas do turismo/lazer em águas interiores da Planície Costeira do Rio Grande do Sul - PCRS. Outrossim, há o desafio de transpor os lagos<sup>3</sup> como contemplativos e/ou ativos, para alcançar a perspectiva de lagos multi sazonais, provendo práticas para além das possíveis na orla lacustre, adentrando os territórios adjacentes e em meses que não os de verão (RUDZEWICZ, 2018; CASTROGIOVANNI; PEYRAQUE-GADEAU, 2020).

A Geografia, retirando o campo do Turismo, é a ciência que mais produz conhecimento turístico em nível de país na atualidade. Buscamos, aqui, não apenas realizar um estudo dentro dos limites disciplinares da Geografia, programa de pós-graduação a que nos filiamos, mas, ao

---

<sup>3</sup> Aqui, tratamos lago como o termo técnico a que se refere o corpo d'água estudado, e Lagoa para a nomenclatura que é utilizada para designá-lo, como toponímia, no Brasil.

mesmo tempo, colocarmo-nos como produção de conhecimento em Turismo (REJOWSKI; BARBANTI, 2018; REJOWSKI; MENA-CHALCO, 2019).

Ao longo dos últimos cinquenta anos, no estrangeiro, a produção sobre Turismo, baseada em Geografia, volta-se a explicar espacialidades, a estudar planejamento turístico e os destinos, a evidenciar o desenvolvimento turístico e a reação a ele, a distinguir o Turismo como uma área de pesquisa “aplicada”, bem como a prospectar o futuro da atividade/fenômeno. Assim, trata-se de falar em geografias do Turismo, em vez de Geografia do Turismo (HALL; PAGE, 2009). Outros utilizam a abordagem geográfica ao turismo, ou simplesmente, Turismo e Geografia.

Dentre as relações Geografia e Turismo, as paisagens figuram como marco das chamadas Geografias Culturais do Turismo (CRANG, 2007). Além da paisagem, a Geografia também aporta outras contribuições conceituais, teóricas e metodológicas, a exemplo do território, da região, do lugar, dos espaços rural e urbano etc.

Em que pese sua relevância para a experiência turística, a Estética, até o momento, é pouco estudada pela literatura acadêmico-científica do Turismo no exterior, assim como no Brasil (KNUDSEN; METRO-ROLAND; RICKLY, 2015), o que estendemos à Geografia.

A literatura estrangeira (Anglo-saxã) do Turismo tem abordado o turismo lacustre<sup>4</sup>, em termos de paisagens e produtos, em escassos trabalhos e que foram pouco citados (HALL; HÄRKÖNEN, 2006; KONU; TUOHINO; KOMPPULA, 2010; POTOCKA, 2013). Julgamos que o contexto dos estudos era diferente, pois as lagoas costeiras sul-brasileiras têm suas particularidades geográficas.

Na literatura brasileira, o trabalho de Rudzewicz (2018), como tese deste PPG, é marco para o direcionamento deste trabalho, embora guardados os distintos enfoques. A Laguna dos Patos, estudada pela autora, está na continuidade do cordão lagunar do sul gaúcho, guardando trajetórias semelhantes/distintas com o aqui estudado.

---

<sup>4</sup> A palavra *land*, que é prefixo para “paisagem” na língua inglesa, foi empecilho inicial na busca por trabalhos científicos estrangeiros. Potocka (2013) trouxe o termo *lakescape*. Neste, o turismo lacustre não se trata de um segmento da oferta turística de até então, mas se sobrepõe o ecoturismo, o turismo esportivo, o de sol e praia etc. O governo brasileiro considera o turismo lacustre um subsegmento do turismo náutico (BRASIL, 2010b).

## 1.2 CONTEXTUALIZAÇÕES DA PESQUISA

O campo no qual o sujeito-pesquisador armou a pipa, a Lagoa Mirim, é dotado de ventos constantes que ora podem ser facilmente ouvidos, ora podem silenciar e gerar questionamentos.

Partimos da premissa de que os turistas, ao visitarem um destino, não apenas olham para objetos individuais, mas miram para uma paisagem inteira, embora por vezes não a enxerguem de fato. Cabe ao turista exitoso buscar e capturar paisagens picturáveis, fixando-as em imagens. O advento de um olhar do turista corresponde a uma relativa estetização do olhar. É a apreciação estética que torna o lugar uma presença para aqueles que vivem nele, ou para os que o visitam (BERLEANT, 2012; KNUDSEN; RICKLY-BOYD; METRO-ROLAND, 2012; LÖFGREN, 1999; URRY, 1999a).

Embora a paisagem não seja um elemento que por si explique a atratividade turística das localidades, é um fator que pesa muito, em termos de estranhamento e familiaridades. No turismo, não há atratividade *a priori*, mas sim um processo semiótico de atribuição de significados, a partir de atrativos e seus marcadores socialmente convencionados. As atrações são funções do desejo turístico, universal e sem-fronteiras (CRUZ, 2002; MACCANNELL, 2018; YÁZIGI, 2002).

Deslocar-se passa a significar, entre outros aspectos, olhar para aquilo que já foi visto, ou homologar aquilo em que se acredita, a partir de prescrições sobre o que ver, sob que condições e como valorar o que foi visto. Lado a lado com a dos outros sentidos humanos, a experiência visual parece ser fundamental para compreendermos os entrelaçamentos entre paisagem e turismo. As estruturas perceptivas do olhar são históricas e contingentes, na medida em que evoluem e transformam-se de acordo com alterações de ordem técnica, entre elas, as dos transportes, impondo novos códigos estéticos de leitura visual (CAUQUELIN, 2007; MENESES, 2002; URRY, 1999a; YÁZIGI, 2002).

Esteticamente, as paisagens são “um objeto favorito de contemplação” (SANTAYANA, 1999, p. 117). Por um lado, uma paisagem avaliada socialmente de modo positivo pode ou não ser uma paisagem com grande potencial estético (BROOK, 2013). Por outro lado, dentro das incertezas, tal pode não incidir, sob certas paisagens com beleza cênica, a intencionalidade turística. Seria esse o caso da Lagoa Mirim?

Ressaltamos, assim, que o turismo porta seu próprio código de uso e leitura do espaço (PIMENTEL; CASTROGIOVANNI, 2015); encontra-se associado a determinadas representações visuais, as quais dependem da expressão da visibilidade social e culturalmente – as condições espaciais são fundamentais (GOMES, 2013).

Há propriamente uma geografia do olhar, regida pelos chamados regimes de visibilidade; esta é fenômeno de geograficidade. Olhar significa afastar-se ou aproximar-se, sendo, portanto, questão de posição no espaço. Os arranjos também contam. Como decorrência, há o visível, como nos chamados lugares de exposição e, reversamente, o visível ou invisibilizado (GOMES, 2013).

Diferentemente da visualidade, a visibilidade é fenômeno semiótico e que parte de representações visuais; refere-se, pois, às relações entre os sujeitos e objetos que se oferecem à apreensão do mundo e ao conhecimento; examina-se o olhar para inseri-lo na pluralidade da experiência dos olhares turísticos dos sujeitos (FERRARA, 2002). Contudo, observar não é algo passivo, mas faz parte da cena. Num sítio turístico, há reflexividade dos olhares de observador e do observado (MINCA, 2007).

Diante disso, as chamadas paisagens turísticas são resultantes da valorização diferencial, pela prática socioespacial do turismo, de alguns arranjos e formas, quer naturais, quer antrópicas, num determinado espaço-tempo. Elas podem reforçar e dar origens a determinados estereótipos e/ou arquétipos das paisagens e lugares, como o das praias tropicais (CRUZ, 2002; YÁZIGI, 2002).

O uso ambivalente do conceito de paisagem pela cadeia produtiva do turismo contribui para confundir o objeto com seu processo de produção, ao conceber simultaneamente a paisagem como espaço inabitado e como uma perspectiva (MINCA, 2007).

As paisagens turísticas não são aqui vistas apenas como um “invólucro” para diversas práticas de lazer, tampouco como meras decorrências do olhar e da visualidade, que implica um modo de colocarmo-nos numa configuração geográfica. Elas são também abordadas como paisagens socialmente valoradas em termos estéticos, cognitivos e afetivos, a partir de determinados padrões culturais, muitos dos quais ditados por modismos e pela mídia. A fotografia, o cinema e a televisão acabam por renovar as concepções de paisagem, difundindo-as não só como fonte de informação, mas também de interpretação. Em meio a essa difusão, sobretudo, a de fotografias, cristalizam-se os significados da paisagem. Assim, alertamos que não se pode tratar a paisagem para o turismo (paisagens turísticas) em separado das paisagens para a sociedade em geral (CRUZ, 2002; MENESES, 2002; YÁZIGI, 2002).

No Turismo, a paisagem figura ainda como categoria a ser contemplada no diagnóstico e planejamento do turismo, ao proporcionar amplas possibilidades de análise do grau de preservação ambiental e orientar a avaliação dos recursos para aproveitamento turístico (PIRES, 2011).

Procuramos lançar luz sobre os modos pelos quais a paisagem forma as experiências turísticas, não apenas pelo olhar, mas levando em consideração a materialidade e os múltiplos sentidos. Nesse sentido, o turismo/lazer são práticas que produzem conhecimento geográfico no/do cotidiano. Os valores visuais/estéticos da paisagem determinam certas práticas de turismo/lazer em ambientes lacustres (CRANG, 1999; POTOCKA, 2013; TERKENLI, 2007). “A interface do Turismo e da Geografia, nos parece que se estabelece tanto pelas alterações objetivas que incita, quanto por sua mediação simbólica na relação dos sujeitos com o espaço [...] [e assim] nortear a estética a ser apreciada e consumida nas suas paisagens.” (DA SOLLER; CASTROGIOVANNI, 2014, p. 199).

Historicamente, a emergência de certas práticas turísticas (como o alpinismo) está alicerçada em mudanças na sensibilidade estética da paisagem (como as montanhas), em que o sublime e o pitoresco, como categorias do Romântico, ainda exercem notória influência, apesar de as *performances* terem-se diversificado desde então (GASTAL, 2013b). Ideologias dominantes acerca de paisagem e natureza são (re)construídas pelas práticas de turismo e lazer (CROUCH, 2006).

O sujeito atribui significados ao espaço por meio de seus encontros notemos que o turismo/lazer são (de)marcados por encontros culturais (CROUCH, 1999, 2006) os quais “envolvem também uma composição estética do sujeito e do lugar para estar-serne sse encontro.” (DA SOLLER; CASTROGIOVANNI, 2014, p. 199). Apesar (e com) (d)as tecnologias de comunicação e transportes, os sujeitos procuram encontrar-se com o Outro (MARTINS, 2011).

As práticas, que se desenrolam nos encontros, implicam considerar o que é feito, não só o que é representado, permitindo assim que se redimensione o papel e o valor dos outros sentidos, como superação da hegemonia da visão, a qual cabe se repensar, sobretudo, no que tange a paisagem, como segue sendo concebida (MINCA, 2007). As paisagens também são performadas! A própria fotografia turística pode ser considerada uma *performance* que possui geograficidade (CRANG, 1997; LARSEN, 2006). A visibilidade é também composta por uma ou mais práticas!

### 1.3 PORQUE E PARA QUE EMPINAR PIPA? PROBLEMA E OBJETIVOS

A princípio, enunciaremos algumas perguntas gerais: Seria possível saber mais sobre o teatro/palco, ou sobre o cenário, a partir de uma compreensão das performances mais comumente executadas, na Lagoa Mirim? O que as fotografias ali clicadas desvelam ou retêm? Seria possível distinguir as estéticas que perpassam os encontros que se dão nesse palco e sob esse cenário? Tal permitiria conhecer as identidades e biografias dos turistas, individuais e do grupo, são ali performadas, negociadas, contestadas?

Diante do exposto, derivamos e delimitamos este problema de pesquisa: Como os Sujeitos do turismo/lazer interpelam as paisagens lacustres em seus encontros/experiências?

Redigido de outro modo, o objetivo geral é compreender como os sujeitos do turismo/lazer interpelam as paisagens lacustres em seus encontros/experiências.

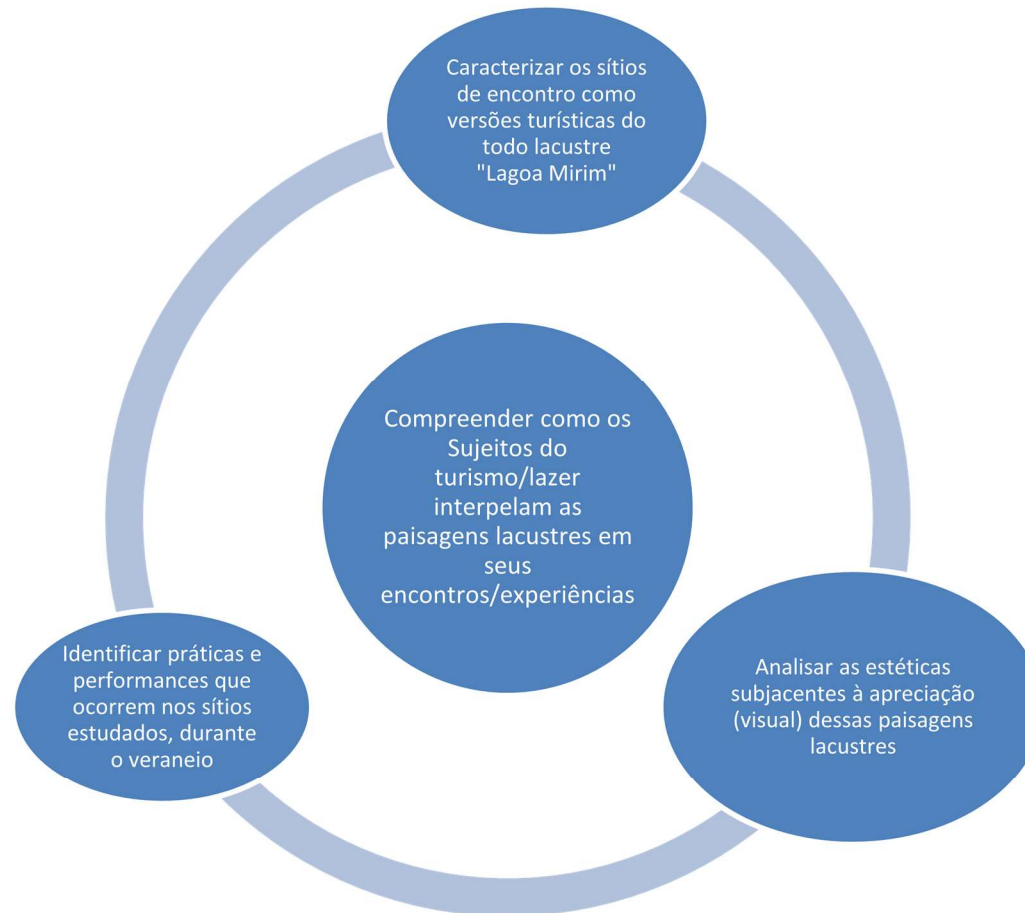
Como desdobramento, os objetivos específicos ou setoriais são:

- Caracterizar os sítios de encontro como versões turísticas particulares do todo lacustre “Lagoa Mirim”;
- Analisar as estéticas subjacentes à apreciação (visual) dessas paisagens lacustres;
- Identificar práticas e *performances* turísticas que ocorrem nos sítios estudados, durante o veraneio.

Apresentamos, também, os objetivos no formato de um circuito que transitam entre si de modo recursivo e relacionam-se hologramaticamente com o todo, representado pelo objetivo central de pesquisa (Figura 1).



**Figura 1 - Circuito dos objetivos geral e específicos**



Fonte: Elaboração do autor (2020).

#### 1.4 TESE

Apesar de comumente dissociadas na literatura, as práticas turísticas, articuladas em *performances*, são tecidas juntas como *complexus*, na/pela experiência, com os significados estéticos subjacentes à valoração das paisagens, pontualmente, em encontros turísticos, que ocorrem sob distintas versões dessas paisagens lacustres, no processo de tornar-se turista, no/pelo lazer.

#### 1.5 ORGANIZAÇÃO DA TESE

Como registro do voo de pesquisa, a seção dois apresenta os sítios onde “empinamos a pipa” deste, quais sejam, a Praia da Vila Capilha (Rio Grande, Brasil), Balneário de Lago Merín (Uruguai) e Porto Pindorama<sup>5</sup> (Santa Vitória do Palmar, Brasil). Na seção seguinte (três), perguntamo-nos “com quais cores trabalhamos as pipas que formatam a abóboda celeste?”, ou seja, apresentamos o referencial teórico-conceitual. Na parte quatro, descrevemos “como vemos o céu”, ou seja, o método por meio do qual enxergamos o mundo; bem como discutimos “como se faz” e “como se empina pipa”, quer dizer, as estratégias e os procedimentos metodológicos adotados. Na seção cinco, cogitamos que “nem toda pipa é bela, mas é a que mais se faz presente”, isto é, analisamos as estéticas subjacentes à valoração das paisagens da Lagoa Mirim pelos sujeitos do turismo. Na seção seis, questionamos “como o corpo faz para empinar pipa?”, o que corresponde às práticas e *performances* turísticas e ao apontamento de diretrizes provisórias de interpretação turística das paisagens lacustres estudadas. Então, tecemos as considerações (não tão) finais – “para soltar novas pipas” – e listamos a bibliografia, inserimos os apêndices e anexo.

---

<sup>5</sup> Topônimo consagrado no/pelo uso.

## 2 ONDE EMPINAMOS A PIPA? OS SÍTIOS DE ENCONTRO COMO VERSÕES TURÍSTICAS DE UMA PAISAGEM LACUSTRE

*“Na Lagoa Mirim é impossível permanecer mais de um segundo sem ouvir ou ver alguma coisa se mover.” (Décio Vaz Emygdio)*

### **Objetivos desta parte:**

- Retomar o caráter multissensorial da experiência turística;
- Apresentar o turismo/lazer como encontro dos sujeitos com o espaço e prática autocomplementar;
- Compreender os sítios de encontro como arranjos espaciais do objeto estudado, com distintas escalas, em seus processos sócio-históricos de constituição;
- Caracterizar os sítios de encontro como versões turísticas múltiplas da paisagem da Lagoa Mirim como objeto geográfico uno;
- Discutir o que a Vila da Capilha representa, a partir da capela, histórica e geograficamente na fronteira extremo sul;
- Avaliar a Capilha dentro dos limites da Zona de Amortecimento da Esec Taim;
- Conceituar os termos “fronteira” e “limite”, tais como entendidos nesta pesquisa;
- Considerar o turismo lacustre de Lago Merín como complementar ao turismo de fronteira do entorno imediato;
- (Re)inserir, desde suas origens, Lago Merín como local de vilegiatura lacustre, do turismo ao veraneio atual;
- Discutir a inserção do transporte lacustre, por meio do terminal do Porto de Santa Vitória, na história local-regional.
- Revisitar a conversão do Porto em sítio de turismo e lazer.

O primeiro dos objetivos operacionais desta pesquisa, ou da jornada da pipa ao vento, é o de caracterizar cada um dos três sítios de encontro elegidos para a realização do estudo multissituado, como versões turísticas particulares do todo lacustre (Lagoa Mirim), que é uno e múltiplo.

### 2.1 ENCONTROS TURÍSTICOS: ESPAÇO, SUJEITO E PAISAGENS

As experiências sensoriais e fenomenológicas estão associadas aos significados atribuídos durante nossos encontros com as correntes e energias de um mundo sempre em formação, com as *affordances* dos sítios que nós miramos, atravessamos, cheiramos, ouvimos e tocamos (EDENSOR, 2018). As experiências das paisagens dos/pelos turistas ocorrem como um caleidoscópio de impressões multissensoriais e não meramente uma perspectiva e um horizonte; tais experiências são corporificados e ganham sentido corporal e socialmente,

por meio da relação com a alteridade (CROUCH; ARONSSON; WAHLSTTRÖM, 2001), que se refere ao Outro sujeito, a outras paisagens, em última análise, uma alteridade sensória.

Nesses encontros com a paisagem (conceito analítico) e o espaço (categoria geográfica central), os sujeitos fundam uma relação recíproca entre o *self* e o objeto. Por meio do encontro, os sujeitos conferem significados ao espaço. Há encontros imaginados e encontros experienciados. O encontro, paralelamente ao descanso e ao movimento, é tema existencial referente para o mundo da vida, que é da rotina, mas também do incomum. A dimensão dos encontros é cara à Sociologia das interações sociais (CROUCH, 2007; GOFFMAN, 1961; SEAMON, 1980; SCARLES, 2009; WYLIE, 2013).

Para Crouch, Aronsson e Wahlström (2001), o turismo/lazer podem ser abordados como um encontro entre sujeitos e o espaço (lugares e paisagens), bem como entre os sujeitos. Esse encontro é experienciado não somente como consumo, mas também como praticado ativamente pelos sujeitos; o turismo/lazer praticado envolve engajamentos, relações e negociações; são cada vez mais esteticizados e, por vezes, tornam-se menos funcionais. Os encontros levam em conta o que o turista pratica nos sítios e como o turista interpreta o que ele vê ou faz, como um sujeito ativo e corporificado. Essa abordagem provê uma leitura do turismo com mais nuances do encontro complexo, em que o turismo é construído pela prática do turista, e por aquilo que o condiciona. Também desponta a dimensão da *performance*, inserida nas perspectivas da morada, das práticas e dos significados. Não esqueçamos que os campos de pesquisa também são sítios de encontro! (CROUCH, 1999; CROUCH, 2007; CROUCH; ARONSSON; WAHLSTTRÖM, 2001).

Crouch (1999, 2006) preconiza o uso conjunto dos termos turismo/lazer, que, em vez de tomados separadamente, são fenômenos imbricados e considerados meios de praticar o espaço cada vez menos distintos entre si. Aqui, não somente a geografia acadêmica é relevante, mas também as geografias vernaculares. Isso significa a supremacia da produção de conhecimento, com a reconexão entre dois diferentes domínios do conhecimento geográfico, levando em conta os sujeitos corporificados que conhecem o mundo, de maneira participativa (CROUCH, 1999, 2006).

Os sítios turísticos são marcados em termos da sua (in)adequação/coalescência às imagens fotografadas que circulam em um mundo intertextual (CRANG, 1997, 1999). Os sítios de encontro da Lagoa Mirim estudados são locais de exposição, dentro da relativa invisibilidade turística da Lagoa, como um todo? Ou, dentro do relativo desencontro dos sujeitos-turistas com as paisagens lacustres, em especial, as da Lagoa Mirim, não seriam os sítios estudados locais

de encontro e experiência turístico-recreativa? Se há desencontro, é por que os sítios não se fazem convidar? Encontro, desencontro e convite dos/nos/para os sítios, parecem se complementar em circuito.

Nesses sítios do hedonismo podem ocorrer eventos, aventuras e/ou férias em família. Nos sítios do estudado manifestam-se as paisagens de férias (*vacationscapes*) estudadas, sobretudo, Lago Merín (LÖFGREN, 1999; KUNZ; CASTROGIOVANNI, 2020b), que são índices de um veraneio ocorrido - no inverno há remanescentes de uma cultura passada, mas cíclica; ou ainda, são paisagens silenciosas, porque contém materialidades de um mundo da vida voltado às férias. A paisagem não está abandonada, mas repleta de sonhos e imaginários para a próxima temporada! (LÖFGREN, 1999).

Essas materialidades (con)formam os objetos geográficos, técnicos ou não, que, segundo Milton Santos (2002), apresentam forma, função (confere ação ao objeto), estrutura (essência, totalidade una) e, também, os processos sociais. Quanto ao “objeto-ações”, o ato é mais que ação, ao incluir a intencionalidade; esta, uma ligação entre o objeto, que se criam mutuamente e, sob a ação da forma, revelam-se os eventos que reproduzem em simultâneo o próprio espaço geográfico (SANTOS, 2002).

Os objetos e as ações geográficas pesquisadas revelam-se em distintas escalas. Segundo Corrêa (2019), a de tipo "dimensional" diz respeito ao tamanho das formas simbólicas ou econômicas, como uma cidade. A cartográfica é a do mapa, o qual representa processos e formas por meio de relações numéricas. Já a escala espacial diz respeito à hierarquia dos espaços (como o global, o regional, o local), voltando-se às construções e práticas sociais do Estado e outras organizações. Uma teoria elaborada em uma dada escala não pode ser transferida para outra (CORRÊA, 2019).

O mapa 1 exibiu a localização dos três sítios estudados - Praia da Vila da Capilha (Rio Grande, Brasil), Balneário de Lago Merín (Rio Branco, Uruguai) e Porto Pindorama (Santa Vitória do Palmar, Brasil).

Os sítios de encontro, como espacialidades, também se manifestam como distintos arranjos espaciais, formas de concretização dos processos socioespaciais, a partir da imposição de lógicas espaciais e que podem ser uma cidade, uma rede urbana ou uma região turística (CORRÊA, 2019). Como formas da espacialidade, os arranjos representam pausas, pequenas ou grandes, no movimento da sociedade. A pausa e a forma darão uma morfologia ao espaço. O arranjo pode ser concentrado ou disperso, mas tem que ser funcional. Os arranjos revelam

padrões espaciais que podem ser simples ou complexos, dentro das possibilidades de uma sociedade, em dada época (CORRÊA, 2019).

Acerca da interpelação turística das paisagens lacustres do objeto geográfico em tela, antes de buscarmos entender a natureza do encontro dos sujeitos do Turismo/Lazer com as paisagens lacustres estudadas, julgamos pertinente caracterizar, histórica e geograficamente, os processos pelos quais os sítios estudados, em arranjo, constituem-se em sítios de encontro turístico, a privilegiarem, de modo distinto, as paisagens lacustres da Mirim.

Como veremos, cada um desses sítios forja, a sua maneira e de acordo com a diferenciação dos processos socioespaciais, a natureza do encontro turístico/de lazer dos sujeitos com específicas versões de paisagens lacustres do corpo d'água “Lagoa Mirim” (KUNZ; CASTROGIOVANNI, 2020b). Vemos como o turismo/lazer dialogam, por meio da estética da paisagem, com o ambiente natural e, também, com rugosidades do ambiente construído, nos três sítios.

Em princípio, há uma apresentação geral do objeto empírico-geográfico; posteriormente, apreciar as diferenciações e complementaridades entre esses sítios, no que tange a paisagens e a turismo/lazer. De modo dialógico, recursivo e, sobretudo, em que o todo está hologramado em cada uma das partes: o todo é mais que a soma das partes, coexistindo unidade e multiplicidade complexas.

## 2.2 (RE)APRESENTANDO A LAGOA MIRIM (BRASIL/URUGUAI)

### 2.2.1 Elementos e dinâmicas das naturezas

A Mirim está localizada em uma enorme planície costeira na área mais meridional do Brasil e é separada do Oceano Atlântico por uma extensa e estreita faixa de terrenos baixos, unindo-se à Laguna dos Patos pelo exutório do Canal de São Gonçalo, na altura de Pelotas e Rio Grande e, neste município, ao Oceano Atlântico (ACHKAR; DOMINGUEZ; PESCE, 2012; BASSO, 2012; EMYDGIO, 2008; SAITO; STEINKE, 2010; SCHÄFER; LANZER; PEREIRA, 2009).

O talvegue da Lagoa serve como limite entre o Brasil e o Uruguai, em determinadas porções<sup>6</sup>. A superfície da bacia hidrográfica<sup>7,8</sup> da Mirim está em torno de 50% em cada “lado” desse limite internacional. Embora a superfície das águas da Lagoa corresponda 2/3 ao Brasil e 1/3 ao Uruguai, aproximadamente, prevalece o regime de águas compartilhadas, de acordo com tratado assinado em 1977<sup>9</sup>, que ratifica os propósitos dos tratados iniciais: qualquer represamento a montante ou a jusante é matéria de concertação internacional. O Tratado da Lagoa Mirim foi assinado no mesmo ano da Comissão Mista Uruguaio-Brasileira para o Desenvolvimento da Lagoa Mirim<sup>10</sup>, oferecendo suporte financeiro à Comissão da Lagoa Mirim – CLM, criada em 1963, como desdobramento do Tratado de 1909 – ver Anexo A (ALM, 2019; GOUVÊA; ZARNOT; ALBA, 2010) os territórios conectam-se por fronteiras secas e molhadas (CARDIN; ALBUQUERQUE; PAIVA, 2019), sendo este o caso da transfronteiriça Lagoa Mirim. A Lagoa Mirim é a menor das três bacias transfronteiriças do Brasil, ao lado da Bacia do Prata e da do Amazonas e, diferentemente das outras, a Bacia da Mirim é receptora e emissora de água (SAITO; STEINKE, 2010).

Mirim vem do tupi *mi'ri* e significa pequena. A Lagoa, mesmo com o nome remetendo à pequenez ou à infância, é o segundo maior lago do Brasil, atrás apenas da Laguna dos Patos; e é a maior do Uruguai. Quando comparada à Laguna dos Patos, próxima dali, é que a Lagoa Mirim recebe esse nome. Contudo, como maior corpo d'água da sua Bacia, a Lagoa Mirim ocupa uma superfície de 3.749 km<sup>2</sup>, possuindo 185 km de extensão e largura de 20 km, em média. A profundidade varia entre 7 m ao sul e 4 m ao norte, em uma média de 6 m - sendo a máxima 30m. A Bacia da Mirim está entre os paralelos 31°30'S e 34°20'S e os meridianos 52°O

---

<sup>6</sup>Na fronteira do Brasil com seus países limítrofes, predominam os rios e os divisores de águas como demarcadores. Os lagos são apenas 5% das fronteiras brasileiras (DECICINO, 2013).

<sup>7</sup>A ênfase na delimitação da Bacia deve-se ao fato de que ela é a unidade de atuação e gestão, no Brasil, do Sistema Nacional de Gestão dos Recursos Hídricos e locus de implementação da Política Nacional atinente. Esses mecanismos foram instituídos pela Lei Federal 9.433/1997, que preconiza os usos múltiplos da água, de forma participativa e descentralizada, contando sempre com a atuação do Poder Público, sociedade civil e representações dos usuários. Entre outros aspectos, procura assegurar que, em casos de escassez, seja dada prioridade ao consumo humano e dessedentação animal (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE – MMA, 2019).

<sup>8</sup>A Assembleia Geral da ONU não aceita o conceito de bacia hidrográfica, de recurso partilhado (ou compartilhado). Nos tratados internacionais de que o Brasil é signatário, o conceito de bacia hidrográfica é ignorado, entrando em contradição com a Política Nacional de Recursos Hídricos, que a propõe como unidade fundamental para a implementação da política e gerenciamento das águas. Predomina, para o Brasil, em relação aos seus vizinhos, os princípios segundo o qual se assegura direito estatal soberano de uso das águas (BRZEZINSKI, 2013).

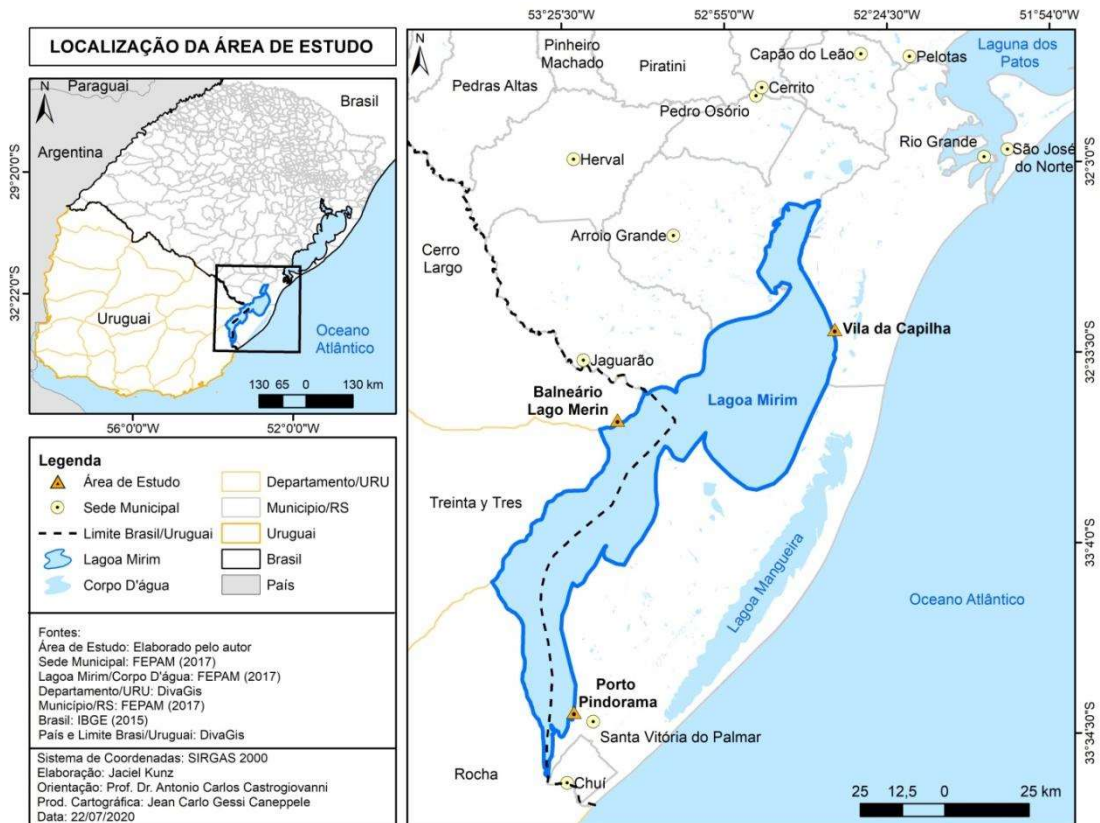
<sup>9</sup>Tratado de Cooperação para o Aproveitamento dos Recursos Naturais e o Desenvolvimento da Bacia da Lagoa Mirim (1977) e o Protocolo para o Aproveitamento dos Recursos Hídricos do Trecho Limítrofe do Rio Jaguarão (1978).

<sup>10</sup>Essa agência foi criada com a finalidade de fazer cumprir os termos do acordo. E, após anos de inatividade, voltou a se reunir no intento de se viabilizar uma hidrovía (ACHKAR; DOMINGUEZ; PESCE, 2012).

e 56°O (EMYGDIO, 2008; ALBA, 2010; ASCHKAR; DOMINGUEZ; PESCE, 2012; BASSO, 2012; ALM, 2019).

O mapa 2 apresenta a localização da Lagoa Mirim e dos três sítios de estudo – a serem explicitados na seção seguinte.

**Mapa 2 – Localização da área de estudo**



Fonte: Elaboração de Jean Caneppele (2020).

Conforme se pode visualizar no mapa 1, a Lagoa Mirim banha, na sua margem direita, os municípios brasileiros de Santa Vitória do Palmar e Rio Grande (estado do Rio Grande do Sul). Na sua margem esquerda, banha os municípios de Arroio Grande e Jaguarão (mesmo estado/país), os departamentos de Rocha, Treinta y Tres e uma pequena porção no de Cerro Largo<sup>11</sup>. É notório que as margens ou o perímetro são mais extensos no lado brasileiro. Ainda, o município que possui a maior extensão de margem é o de Santa Vitória do Palmar – desde as proximidades do Forte de São Miguel, próximo ao Chuí, até o limite com o município de Rio Grande, na altura da Estação Ecológica do Taim – Esec Taim<sup>12</sup>.

<sup>11</sup>Se considerarmos a Bacia de drenagem, também fazem parte os departamentos de Lavalleja e Maldonado (ACHKAR; DOMINGUEZ; PESCE, 2012).

<sup>12</sup> Por rodovia, a distância entre esses dois pontos é de 170km (aproximadamente 2h).



No território uruguaio, está a leste do país. A Bacia binacional da Lagoa Mirim-São Gonçalo, de tipo endorréica, é drenada por rios que formam bacias hidrográficas menores: São Gonçalo (o Rio Piratini é o principal afluente); Arroio Grande; Litoral (Banhado do Taim, Lagoa Mangueira e outras menores) - que ficam no “lado” brasileiro; Tacuari e Cebollatí – exclusivamente no “lado” uruguaio; e a do Jaguarão e de São Miguel – no limite entre os dois países (ACHKAR; DOMINGUEZ; PESCE, 2012; GOUVÊA; ZARNOT; ALBA, 2010).

Na PCRS, no “lado” brasileiro do território estudado, ocorre o clima mesotérmico brando, superúmido, sem estação seca, ou subtropical úmido costeiro. A temperatura média fica entre 22 e 26°C no mês mais quente e entre 10 e 15°C no mês mais frio; já a precipitação pluviométrica anual vai de 1.000 até 1.500mm (FUNDAÇÃO ESTADUAL DE PROTEÇÃO AMBIENTAL HENRIQUE ROESSLER - FEPAM, 2019; VILWOCK; TOMAZELLI, 2007).

Quanto ao enquadramento da Bacia, há diversos recortes no Brasil e no Uruguai. No Estado do RS, a Lagoa Mirim e o Canal de São Gonçalo compõem a maior das cinco<sup>13</sup> sub-bacias hidrográficas da Bacia Hidrográfica Litorânea (BASSO, 2012). Contudo, para o Sistema Estadual de Gestão das Águas, a Lagoa Mirim foi considerada separadamente, por ser domínio da União, e os principais rios tributários no estado gaúcho foram consideradas sub-bacias à parte, mesma situação da Lagoa Mangueira (FUNDAÇÃO ESTADUAL DE PROTEÇÃO AMBIENTAL HENRIQUE ROESSLER - FEPAM, 2019). No Uruguai, a Lagoa Mirim está na província hidrológica Costeira e, geologicamente, a área em estudo pertence ao Sistema de Planícies e/ou *Fosa* da Lagoa Mirim (ACHKAR; DOMINGUEZ; PESCE, 2012; MINISTERIO DE INDÚSTRIA Y ENERGÍA, 1986). A peculiaridade da Bacia Hidrográfica da Lagoa, que é binacional, representa um singular desafio à gestão de suas águas, envolvendo um cenário complexo e instituições e atores, todavia interligados por um interesse comum (MACHADO, 2012).

Em termos geológicos, a gênese das paisagens às margens da Lagoa Mirim deve suas características à formação da PCRS (no Brasil), a qual expõe a porção superficial de uma enorme sequência de sedimentos depositados em ambientes marinhos, continentais e de transição. Isso é resultado de processos da tectônica global e da dinâmica costeira. Trata-se de

---

<sup>13</sup> A Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Roessler - Fepam fala em seis sub-bacias da Região Hidrográfica do Litoral, que formariam a Bacia Mirim-São Gonçalo-Piratini. Citamos a Resolução 04/02, do Conselho de Recursos Hídricos - CRH da Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Infraestrutura - Sema do RS. Tal dispositivo instituiu a criação das bacias hidrográficas dos Rios Jaguarão, Piratini, do Canal de São Gonçalo e da Lagoa Mangueira, regradadas pela Lei Estadual do RS 10.350, de 1994. As Bacias são analisadas individualmente para fins de estudo de disponibilidade hídrica e de implementação da política atinente (FUNDAÇÃO ESTADUAL DE PROTEÇÃO AMBIENTAL HENRIQUE ROESSLER – FEPAM, 2019).

uma acumulação hídrica em depressão tectônica (ACHKAR; DOMINGUEZ; PESCE, 2012; VILWOCK; TOMAZELLI, 2007).

Diferentemente de outras províncias costeiras brasileiras, a PCRS<sup>14</sup> é uma conformada por um complexo de barreiras de arenosas, campos de dunas<sup>15</sup> eólicas adjacentes, canais (não há mangues) e lagos, dadas diferenças da área em dinâmicas globais de evolução tectônica. Eventos de regressão/transgressão marinhas dos últimos seis mil anos, ocorridas a partir do período geológico Quaternário (cerca de 400.000 anos atrás), a partir de variações glacioeustáticas, foram decisivas para a configuração da paisagem da PCRS e formação de suas lagoas, uma de suas feições características; as lagoas dessa planície, um dos maiores complexos lagunares do mundo (Laguna dos Patos, Lagoas Mirim e Mangueira), formam um ecossistema considerado único no mundo (FUNDAÇÃO ESTADUAL DE PROTEÇÃO AMBIENTAL HENRIQUE ROESSLER – FEPAM, 2019; GOUVÊA; ZARNOT; ALBA, 2010; SCHÄFER; LANZER; PEREIRA, 2009; VILWOCK; TOMAZELLI, 2007). O Banhado Taim interliga os maiores corpos d'água da área (SAITO; STEINKE, 2010).

A Lagoa Mirim serve como um depurador natural de água. Nem toda água que cai na Lagoa chegará ao Canal de São Gonçalo: muita água evapora, após meses nos alagadiços. A Mirim acumula a diferença de descargas, que é superior à vazão máxima (ACHKAR; DOMINGUEZ; PESCE, 2012; EMYDIO, 2008; GOUVÊA; ZARNOT; ALBA, 2010).

O sistema deposicional<sup>16</sup> Lagunar Patos-Mirim é um compartimento morfogenético da PCRS. Tal sistema lagunar instalou-se na primeira etapa de formação da Barreira Múltipla Complexa, a qual evoluiu, no Cenozóico, com avanços e retrocessos do nível do mar, cuja variação propiciou abertura e fechamento de áreas de comunicação com o Oceano. O sítio de estudo 1 (Capilha) está no limite entre esse sistema e uma barreira pleistocênica da PCRS (a II), a qual registra o pico de um desses eventos de regressão e transgressão marinha. Já os sítios estudados 2 e 3 (Porto de Santa Vitória e Lago Merín) são delimitados por sistemas lagunares pleistocênicos e holocênicos<sup>17</sup> (VILWOCK; TOMAZELLI, 2007).

---

<sup>14</sup>Juntamente com a Plataforma Continental, forma as Terras Baixas; junto às Terras Altas forma a Província Costeira do RS.

<sup>15</sup>Ventos que sopram do oceano levam areia das praias em direção ao interior, o que dá origem a esses campos de dunas, cuja orientação obedece à direção dos ventos dominantes nessa região costeira (VILWOCK; TOMAZELLI, 2007)

<sup>16</sup>Sistema deposicional é a reunião tridimensional de litofácies interligadas geneticamente por processos e sistemas deposicionais modernos ou antigos (idem, 2007).

<sup>17</sup>“As areias eólicas de cobertura apresentam, em geral, uma coloração mais avermelhada e um aspecto maciço [...]” (idem, p. 28).

De acordo com Vilwock e Tomazelli (2007), o vento é predominantemente sentido Nordeste e concentra-se na Primeira e no Verão; ele é elemento decisivo no transporte de materiais nas dunas dessa zona - elas são ocasionalmente fixadas por vegetação (FUNDAÇÃO ESTADUAL DE PROTEÇÃO AMBIENTAL HENRIQUE ROESSLER – FEPAM, 2019). Além disso, é responsável pelas vagas em corpos hídricos, um dos três tipos de ventos existentes na área. Ondas altas e correntes de deriva, com grande capacidade de transporte de sedimento, podem se formar dada a intensa atuação do vento (GOUVÊA; ZARNOT; ALBA, 2010)

Em suma, os ventos geram correntes que causam erosão, que fazem transportar e depositar sedimentos, moldando o relevo costeiro. O remodelamento das margens da Lagoa gerou terraços, cristas de praia, pântanos, além de erosão e deposição, responsáveis pela formação de falésias e pontais arenosos na atual e nas antigas linhas de costa, ainda visíveis (VILWOCK; TOMAZELLI, 2007), em locais como a Praia/Vila Capilha (sítio 1).

O Atlas Eólico do Rio Grande do Sul apontou o Litoral sul gaúcho como apresentando condições promissoras para instalação de usinas eólicas, incluindo de grande porte. A primavera é especialmente ventosa. Na margem leste da Lagoa Mirim, o vento médio anual, a uma altura de 50 m, fica na casa dos 6,5 a 7,5 m/s, com baixo grau de incerteza nas velocidades médias (<5%). Em relação a ventos extremos a 50m de altura, novamente, a porção leste da Lagoa Mirim apresenta uma das melhores condições do estado. Contudo, a porção entre a Lagoa Mangueira e o Oceano costuma apresentar condições ainda mais favoráveis, podendo chegar a 8,5 ou 9m/s de média anual<sup>18</sup> (CAMARGO, 2012).

Os tipos básicos de vegetação encontrados no entorno da Lagoa Mirim, no Brasil e no Uruguai, são: pioneira, campestre (herbáceas, campos litorâneos), savânica (palmeiras, butiazais) e florestal (matas de restinga, de origem marinha e fluvial, mata de galeria) e, ainda, comunidades hidrófitas (ACHKAR; DOMINGUEZ; PESCE, 2012; PIEVE; KUBO; SOUZA, 2009; SCHÄFER; LANZER; PEREIRA, 2009).

Os solos apresentam fertilidade variável, como nas áreas ribeirinhas. Em áreas deprimidas como na dos banhados, que ficam inundados de forma permanente ou estacional, a fertilidade natural é média-alta. Em geral, a permeabilidade é lenta, baixa drenagem e com baixo risco de seca (ACHKAR; DOMINGUEZ; PESCE, 2012). A estrutura e trabalho agrários, associados às densidades rurais, demonstra a alta rentabilidade da agricultura mecanizada, o

---

<sup>18</sup> Como desdobramento, desde 2017, está em operação o Complexo Eólico de Santa Vitória do Palmar. A potência instalada é de 207MW, capaz de abastecer 400 mil residências, por meio de 69 aerogeradores, distribuídos por 12 parques. A área do complexo é de 10.424 hectares, contando com três subestações. O investimento foi de R\$1,3 bilhão (ATLANTIC, 2019).

que é potencializado pelo relevo favorável; porém, o uso das terras na capacidade disponível pode levar a desequilíbrios entre os fatores climáticas, geomorfológicos e pedológicos (GOUVÊA; ZARNOT; ALBA, 2010).

Em suas margens, no “lado” brasileiro, está uma importante e restritiva unidade de conservação, a Esec Taim, com diversificada fauna e flora. A unidade foi criada em 1986 e conta com 32.806,31hec. Ela participa de convenções globais, tais como Ramsar<sup>19</sup>, a qual pretende proteger, entre outras, espécies de aves migratórias que usam as áreas úmidas para pouso, descanso e nidificação. O Taim é considerado Reserva da Biosfera pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - Unesco. A área da Lagoa no “lado” uruguaio, que forma o ecossistema da Zona Úmida do Leste, numa área de 5.000km<sup>2</sup>, é reconhecida como hábitat de aves migratórias e espécies em extinção (ACHKAR; DOMINGUEZ; PESCE, 2012; AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DA BACIA DA LAGOA MIRIM - ALM, 2019; GOUVÊA; ZARNOT; ALBA, 2010).

A Lagoa Mirim e a Esec Taim formam um ecossistema límnico indissociável, com banhados e lagoas. Os peixes dos corpos d'água dali servem como base da cadeia trófica, por alimentarem aves e mamíferos. As aves migratórias que vêm da Terra do Fogo com direção ao Rio de Janeiro, e, em caso de estiagem no Taim, transferem-se para a Mirim; nesta está a Ilha Grande do Taquari<sup>20</sup>, que também pertence à reserva (EMYDGIO, 2008).

Segundo Basso (2012), as águas da Lagoa Mirim e da Lagoa Mangueira sustentam as atividades econômica-chave<sup>21</sup> nessa porção do território, quais sejam, pesca, pecuária bovina de corte, lã de ovelha, e, especialmente, rizicultura. Esta cultura utiliza as Terras Baixas, a partir de um sistema de irrigação por gravidade ou inundação<sup>22</sup>, o menos eficiente, o que intensifica os conflitos advindos desse modelo de comercialização da água. Além disso, Santa Vitória do Palmar estaria enfrentando problemas referentes ao despejo de esgotos domésticos (não tratados) na Lagoa (BASSO, 2012). As lavouras de arroz, além do impacto ambiental da contaminação por agrotóxicos (águas superficiais e subterrâneas), têm repercussões ecossistêmicas ainda mais negativas com a construção de diques de drenagem. As áreas foram

---

<sup>19</sup> Trata-se de um dos mais amplos tratados mundiais internacionalmente sobre a conservação e uso racional da natureza, com foco em terras úmidas, mostrando-se eficiente quanto a esses fins, com destaque para áreas transfronteiriças (GOUVÊA; ZARNOT; ALBA, 2010).

<sup>20</sup> A Ilha é uma das 15 existentes na Lagoa Mirim, sem contar o conjunto que está na desembocadura do Rio Cebollatí, no Uruguai (idem).

<sup>21</sup> Os serviços ambientais dos ecossistemas litorâneos incluem o pescado, a provisão de hábitat para a vida silvestre, os sítios para assentamentos humanos e, ainda, a provisão de turismo, lazer e recreação.

<sup>22</sup> Dados de Achkar, Dominguez e Pesce (2012) apontam que, no “lado” da Bacia, a técnica de gravidade responde por apenas 36% do captado, e os restantes 64% seriam por bombeio.

tidas como improdutivas e, a fim de ampliar a fronteira agrícola arroseira, era necessário dessecá-las. Ainda, é apontada como problema a chuva ácida advinda de emissões brasileiras (ACHKAR; DOMINGUEZ; PESCE, 2012; EMYDGIO, 2008).

Em que pesem os impactos das atividades realizadas, a economia é considerada pouco dinâmica, situação usual em fronteiras sul-americanas. A densidade populacional é baixa em ambas as margens, brasileiras e uruguaias<sup>23</sup>. Diante desse quadro que inclui excedentes de mão-de-obra pelo uso de mecanização, precarização do trabalho e desterritorialização de camponeses, a população e os governos procuram alternativas de renda e emprego para melhorar a qualidade de vida das populações, inclusive, com novos cultivos no meio rural (ACHKAR; DOMINGUEZ; PESCE, 2012; GOUVÊA; ZARNOT; ALBA, 2010).

### 2.2.2 Contexto histórico do uso do território

É preciso, no entanto, retroceder no tempo. O uso do território nesta porção do Brasil e do Uruguai remonta à formação socioespacial da área, ligada, em particular, aos processos de ocupação e povoamento ocorrido a partir da colonização e dos conflitos e concertações inerentes na consolidação de limites internacionais. A porção extremo sul do Brasil foi contestada entre Portugal e Espanha durante muito tempo, até ser considerada Campos Neutrais e, nesse contexto, a Lagoa Mirim foi importante alvo e motivo de vigilância/defesa, bem como de incursões de colonizadores.

Os povos originários são os índios charruas e os minuanos (EMYDGIO, 2008). Era então chamada de Península do Albardão essa porção entre a Lagoa Mirim e o Oceano, havendo registros de incursões portuguesas e espanholas nos séculos XVIII e XIX (EMYDGIO, 2008).

Em 1750, Portugal e Espanha assinaram o Tratado de Madri, que legalizou a ocupação de aproximadamente dois terços do atual território do Brasil. “O desacerto entre os plenipotenciários dos países limítrofes girava em redor de um ponto de vista diferente com relação à linha divisória sobre a Lagoa Mirim e a foz do Arroio São Miguel, onde se encontra o Pontal do Papagaio.” (AMARAL, 2008, p. 17). O Brigadeiro Silva Paes, preocupado com as invasões espanholas, ordenou a construção de um marco na fronteira, no ponto mais austral da Lagoa Mirim: ali foi erigido o primeiro Forte de São Miguel, em madeira (EMYDGIO, 2008).

---

<sup>23</sup> Apenas 0,3% da área da Bacia da Lagoa Mirim, no “lado” uruguaio, tem usos urbanos, industrial ou com equipamentos correlatos. A densidade demográfica é de apenas 0,83hab./km<sup>2</sup> no meio rural, e 92% residem no meio urbano (ACHKAR; DOMINGUEZ; PESCE, 2012).

“Em 1777, entretanto, pelo Tratado de Santo Ildefonso, as fronteiras de Madri eram retomadas, à exceção do extremo sul, onde os Sete Povos retornaram à soberania espanhola.” O evento corresponde em designar como zona neutra (Campos Neutrais) o trecho entre os Arroios Chuí, ao sul, e Taim, ao norte (EMYDGIO, 2008).

Em 1821, por ocasião da invasão portuguesa a esse território neutro, houve a incorporação da Banda Oriental do Uruguai à monarquia portuguesa, passando a chamar-se Província Cisplatina. Até então, os limites meridionais entre os atuais Brasil e Uruguai eram os rios Quaraí e Jaguarão, ligados pelo divisor de águas que une suas nascentes e a Lagoa Mirim, que se comunica com o oceano pelo arroio Chuí, preservando o assentamento dos Sete Povos das Missões sob domínio do império português (GOES FILHO, 2013).

Este parágrafo, segundo Goes Filho (2013): Com a independência uruguaia, em 1828, foram mantidas as mesmas linhas-limite da anterior incorporação, ou seja, o arroio Chuí, a Lagoa Mirim, o rio Jaguarão, os altos da coxilha de Santana e o rio Quaraí. Entretanto, dada a sua instabilidade crônica mesmo após sua independência, o novo país volta a agitar a vida política no Prata, dadas as persistentes instabilidades entre os dois grupos. O acordo bilateral Brasil-Uruguai conservava basicamente os limites da Província Cisplatina. Precisava ser mencionado, no seu texto do acordo final, que a Lagoa Mirim seria de uso exclusivo dos brasileiros, isto é, não compartilhada pelos dois estados por ela banhados. O retomado acordo de 1821 norteou-se pelo princípio de *uti possidetis*. Tal estado de agitação refletia na vida do Rio Grande do Sul, especialmente, na zona de fronteira, onde havia muitos brasileiros proprietários de estâncias no país vizinho. O roubo e o contrabando de gado eram prática corrente à época, e grupos brasileiros, várias vezes, invadiam o Uruguai sob o argumento de reaver gado roubado (GOES FILHO, 2013).

Em 1851, um tratado entre os dois países ofereceu ao nosso vizinho o uso compartilhado da Lagoa Mirim e do rio Jaguarão. O Brasil é que propôs a modificação, o que representaria perda territorial. O último acordo de fronteiras é de 1909, dado que a localização exata de um ponto no espaço era de difícil consecução; além do que um marco antigo estava colocado em lugar errado; foi necessário, ainda, verificar a mudança espontânea da linha das maiores profundidades (talvegue) de um rio-divisa, podendo inverter a soberania de alguma ilha (GOES FILHO, 2013)

No primeiro quarto de século, a navegação lacustre de cargas era intensiva, cujas rotas principais eram entre Santa Vitória do Palmar, Rio Grande e Porto Alegre, até mesmo com registros de diversos naufrágios nessa época. Contudo, com o fim da navegação comercial, nos

anos 1960, a Lagoa caiu em relativo esquecimento, inclusive, com o apagamento do farol. Nos anos 1970, a BR-471 interferiu na circulação entre as águas da Mirim e da Mangueira, também prejudicando a fauna. A partir de março de 1977, por meio da construção da eclusa<sup>24</sup> projetada a partir da atuação da CLM, a Lagoa Mirim deixou de receber a influência da intrusão de águas oceânicas (salinização). A finalidade era garantir água própria à orizicultura, evitar maiores cheias<sup>25</sup> causadas por represamentos, melhorar a qualidade das águas e facilitar a navegação. Essa eclusa é mantida pela Agência de Desenvolvimento da Bacia da Lagoa Mirim – ALM<sup>26</sup> (EMYDGIO, 2008; GOUVÊA; ZARNOT; ALBA, 2010).

Atualmente, a navegação para fretes é reduzida e, portanto, o risco de contaminações por embarcações com cargas perigosas ou poluentes é diminuto (BASSO, 2012). Porém, nos anos 2000, diante de planos para implantação de infraestruturas binacionais Brasil/Uruguai (de transporte e, até mesmo, lazer), havia o receio de que pudessem afetar a harmonia desse santuário ecológico (EMYDGIO, 2008). Tal situação de inativação não se alterou nos anos mais recentes, em que pesem políticas e projetos para implantação de infraestruturas necessárias<sup>27</sup> a um transporte multimodal (ferroviário e hidroviário) no sistema Mirim-Patos e rios uruguaios tributários, ligando La Charqueada (Uruguai) a Estrela (Brasil). Houve um acordo, em 2010, sobre Transporte Fluvial e Lacustre por meio de uma hidrovia<sup>28</sup> entre os dois países. Paralelamente, reparar-se-ia a Ponte Barão de Mauá, e/ou construir-se-ia uma segunda ponte sobre o Rio Jaguarão (entre Rio Branco e a cidade homônima), também com ligação até o porto marítimo de Rio Grande, contribuindo, nesse caso, com o escoamento da produção de arroz exportada ao Brasil pelo Uruguai, além de interconexão elétrica e ferroviária: a iniciativa de ativação de uma hidrovia constituir-se-ia em alternativa ao transporte rodoviário, implementando novos meios logísticos e, conseqüentemente, maior integração econômica

---

<sup>24</sup> Possui 120m de comprimento, 17m de largura e 5m de profundidade (GOUVÊA; ZARNOT; ALBA, 2010).

<sup>25</sup> Já em 1916 o Engenheiro Idelfonso Lopes apontara para o represamento das águas do Canal pela ferrovia Pelotas-Rio Grande (GOUVÊA; ZARNOT; ALBA, 2010).

<sup>26</sup> A ALM foi criada em 1994, estando vinculada à CLM, à Universidade Federal de Pelotas - UFPel e ao então Ministério de Integração Nacional. Entre outras ações em prol do desenvolvimento regional e da gestão sustentável das águas, colaborou para a formação do Comitê de Bacia da Lagoa Mirim-São Gonçalo (AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DA BACIA DA LAGOA MIRIM – ALM, 2019; GOUVÊA; ZARNOT; ALBA, 2010).

<sup>27</sup> Alerta-se que, dada a características mórficas, a Lagoa não é de fácil navegabilidade, sobretudo em pontas e pontais. São exigidas tecnologias e infraestruturas adequadas, o que poderia comprometer os fins de preservação ambiental (GOUVÊA; ZARNOT; ALBA, 2010).

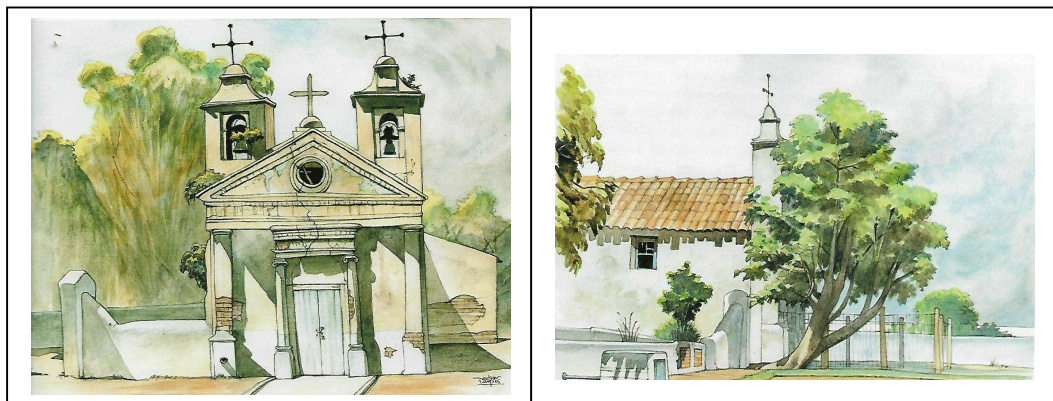
<sup>28</sup> O projeto é incorporado pela Agenda de Projetos Prioritários de Integração (API) do Conselho Sul-Americano de Infraestrutura e Planejamento (Cosiplan), por meio do Grupo de Trabalho 2, que se dedica ao trecho Porto Alegre-limite Argentina e Uruguai-Buenos Aires (SOUZA, 2015).

intrarregional, além de diminuir o tráfego de carretas e caminhões pela Esec Taim (ACHKAR; DOMINGUEZ; PESCE, 2012; CLEMENTE, 2010; SOUZA, 2015).

Atualmente, em termos de planejamento e política turística, a Lagoa Mirim situa-se em distintas regiões turísticas, de acordo com o “lado” da fronteira. No Brasil, está na Região da Costa Doce<sup>29</sup>, no Rio Grande do Sul (SECRETARIA DE TURISMO... DO RIO GRANDE DO SUL, 2019), e no Uruguai, está na Região Leste, onde fica a maior parte da costa marítima uruguaia (MINISTÉRIO DE TURISMO DE URUGUAY, 2019). Em termos de rotas turísticas, no lado brasileiro, destaca-se a Rota dos Campos Neutrais, que une a Capilha (Rio Grande) a estâncias antigas de Santa Vitória do Palmar, além de praias oceânicas, *free shops* no Chuy, fortificações de São Miguel e Santa Tereza, indo até Punta del Diablo, no Uruguai (SECRETARIA DE TURISMO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL, 2019).

### 2.3 PRAIA/VILA DA CAPILHA – RIO GRANDE, BRASIL: DA CONSTRUÇÃO DA CAPELA ÀS EXCURSÕES LACUSTRES

*“Capilha é simplesmente uma aldeia, composta de algumas choupanas e de uma pequeníssima capela subordinada à paróquia do Rio Grande, mas sem capelão. Essa aldeia está situada numa posição muito agradável, às margens da lagoa Mirim”.*  
(Auguste de Sainte-Hilaire)



Fonte: Edgar Vasques, disponível em Gastal (2013a).

<sup>29</sup> A região, cujo nome remete ao cordão lagunar Patos-Mirim-Mangueira (além do Guaíba), estende-se desde Guaíba (na Grande Porto Alegre) até o Chuí (cidade extremo sul). O contexto turístico dessa região dá conta das águas lacustres, oceânicas, do bioma Pampa, da arquitetura de influência ibérica e da história da Revolução Farroupilha. Poucas menções ou informações turísticas especificamente sobre a Lagoa Mirim são encontradas, exceto a Praia da Pontal e o Farol da Ponta Alegre (este em ruínas), no município de Arroio Grande. O Porto de Santa Vitória do Palmar é mencionado (SECRETARIA DE TURISMO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL, 2019).



A Vila da Capilha corresponde ao perímetro urbano da sede do distrito autônomo do Taim (RIO GRANDE, 2008), tendo cerca de 1.400 habitantes (PRAIA..., 2021). O Município do Rio Grande, no sul do Rio Grande do Sul, tem população estimada para 2018 em 210.005 habitantes (IBGE, 2019).

A Vila da Capilha é o ponto no qual a BR-471 passa mais próximo à Lagoa. Em épocas de cheias, a Lagoa Mirim e o Banhado do Taim podem se unir. Chamado de Saco da Capilha pelos espanhóis, a praia está na parte mais larga da lagoa, tendo 20 milhas de extensão e 4m de profundidade; localizada na maior enseada da Lagoa, a praia possui 53 milhas, estendendo-se da Ponta do Salso até a Ponta dos Latinos e passando pelos povoados do Taim e do Del Rei (AMARAL, 2006; MELLO, 1992).

Vieira (2014), em sua avaliação das belezas cênicas da paisagem do Pampa gaúcho, elencou: a Reserva Biológica Estadual e seus cordões litorâneos (Rio Grande); o conjunto formado pela Esec Taim; o conjunto formado pela Vila do Taim; e a margem da Lagoa Mirim. Das belezas cênicas do Pampa, a Estação Ecológica do Taim foi a que recebeu menção máxima (VIEIRA, 2014) dentro do contexto por nós estudado.

Outros estudos têm-se debruçado sobre problemáticas socioambientais da Capilha e do Taim, especialmente, dissertações de mestrado, de áreas como o Gerenciamento Costeiro, Educação Ambiental e Extensão Rural (PUCCINELLI, 2016; SCHREINER, 2012; SETE, 2010). Dos três sítios, o Taim/Capilha é o que mais tem estudos que, embora não tratem diretamente de questões das paisagens e/ou do turismo, tangenciam o assunto e servem como contextualização do campo pesquisado. Não há como descolar disso a existência, a poucos quilômetros dali, da sede da Esec Taim.

Puccinelli (2016) coloca que a história da Esec está marcada pela violência simbólica dos órgãos ambientais contra certas práticas cotidianas dos residentes, notadamente, pescadores artesanais; também, por pactos com agropecuaristas que financiam projetos de preservação, como compensação ambiental. Ele adverte que há uma culpabilização dos moradores quanto a problemas de preservação. Estaria havendo, por parte do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio e do terceiro setor, tentativas de mediação de conflitos, embora desconsiderando a desigualdade e a injustiça ambiental da área, ao promover projetos socioambientais e de Educação Ambiental pautados por mudanças em certos valores culturais. Essas ações produzem o que o autor chama de ecologização dos residentes na

Capilha/Taim, em que o ecoturismo<sup>30</sup> é parte interessada nessa sensibilização. Esses projetos socioambientais participativos afetam assimetricamente formas sociais e a apropriação do território. Embora distintos do modo autoritário assumido em outro momento, dele diferem em muito em conteúdo. A maioria dos moradores não se opõe à Esec, mas há tratamento desigual em relação ao dado aos empresários (PUCCINELLI, 2016).

Para Sete (2010), a população do entorno percebe as contradições do discurso conservacionista, bem como divergências entre seus propósitos como comunidade residente e os da Esec. Apesar de diversas, as iniciativas de harmonização e conciliação ainda são incipientes, dependentes de recursos externos, o que restringe as repercussões positivas (SETE, 2010).

Schneider (2012) estudou cenários para delimitação da zona de amortecimento – ZA da ESEC Taim, neles podendo haver, ou não, a inclusão da Vila da Capilha/Taim (no cenário mais favorável). Para ele, a inclusão teria como vantagens o fortalecimento da relação da Esec com a comunidade residente na vila, pela cogestão, a obtenção de apoio político, a conservação patrimonial e ambiental, a organização da oferta de atividades do turismo. Porém, a inserção da Vila na ZA da Esec pode impedir o desenvolvimento da localidade, dadas as restrições urbanísticas e burocracia adicional de licenciamento ambiental, uma vez que as atividades dentro da ZA necessitariam passar pelo crivo da Esec. A clara definição de área urbana é uma dificuldade, visto que urbanizações se distribuem em diferentes graus, embora no caso da Capilha ainda prepondere o meio rural (SCHREINER, 2012) ou vista, até mesmo, como área natural (EICHENBERGER, 2015).

Schreiner (2012) abordou o turismo como uma atividade cada vez mais destacada na localidade, levando a preocupações quanto a uma futura especulação imobiliária. Puccinelli (2016) também aponta para essa situação de aquecimento do turismo e aumento do preço da terra, ligado a atividades turísticas sazonais, que, embora pudessem oferecer oportunidades de emprego, acabam por trazer outros problemas, como acúmulo de resíduos, aumento dos preços etc. Segundo Sete (2010), o turismo calcado na Esec, ao lado de outras atividades, apresenta potencial de conflito no entorno: pesca em locais não autorizados é por ele citada.

Para Eichenberger (2015), dentre os conflitos socioambientais está a reclamação, pelas comunidades, para incentivar o turismo na área. Há uma percepção dos moradores da Capilha de que a localidade está mudando e que sua qualidade de vida está melhorando, devido à

---

<sup>30</sup> “Ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações.” (BRASIL, 2010a).

afluência de turistas no verão, embora com infraestrutura a desejar. O autor também cita problemas com a geração de resíduos sólidos, com a falta de sanitários e de ordenamento na praia. Sugere pesquisar a percepção dos turistas de sol e praia sobre essas dinâmicas. Recomenda planejamento participativo da área, bem como educação ambiental, de moradores e turistas. Ele considera que as questões de especulação imobiliária ainda não são visualizadas (EICHENBERGER, 2015).

Em 2002, o Núcleo de Educação Ambiental – Nema (2002) já apresentava preocupação com o crescimento, diante disso, percebeu a necessidade de propor diretrizes para ordenar a área. O plano ordenamento territorial da Vila da Capilha (2003-2008) acaba por contribuir para um modelo sustentável de turismo.

A Figura 2 exibe a proposta de diretrizes para zoneamento ambiental na Vila da Capilha, executada pelo Nema.

**Figura 2 - Proposta de Zoneamento Ambiental da Capilha**



Fonte: Núcleo de Educação Ambiental – Nema (2002).

Foram delimitadas as zonas de proteção do patrimônio (centro histórico) e de preservação ambiental (APPs e áreas verdes). Há também zonas de ocupação e zonas de interesse turístico e de expansão territorial, ao norte da vila (NEMA, 2002), o que pode ser destinado, a nosso ver, a infraestrutura básica e turística.

Segundo Schreiner (2012), são oferecidas trilhas ecológicas/interpretativas são oferecidas no entorno da ESEC<sup>31</sup>, como a Trilha da Capilha, do Tigre e das Figueiras, durando de 1:30 a 3:00, com monitoramento. São atividades desenvolvidas pelas comunidades locais, em conjunto a Organizações não governamentais - ONGs e à Esec Taim e que divulgam modos de vida tradicionais, aspectos históricos e as belezas cênicas da ESEC (SCHREINER, 2012). A visita orientada ocorre, inclusive, com fins de sensibilização ambiental (SETE, 2010). Na Praia da Capilha há um ponto de coleta para monitoramento da qualidade da água, o que faz parte do Projeto de Balneabilidade durante o veraneio (FEPAM, 2019a). Em visita a sites de notícias local, não encontramos nenhuma notícia de falta de balneabilidade nas temporadas 2018-2019 e 2019-2020 (OCEANO, 2020).

A Praia/Vila da Capilha e o entorno da Esec do Taim são consideradas de interesse ecológico, estético e recreativo, para além do núcleo de Rio Grande. Dada a grande extensão territorial do município e a diversidade de ecossistemas e paisagens, a dinâmica turística está relativamente diluída no território, porém concentrada no tempo (RUDZEWICZ, 2018), notadamente, na temporada de verão.

Ao contrário dos argumentos dominantes, de que a Capilha não possui infraestrutura adequada e que, portanto, não pode ser considerada destino turístico, Coutinho (2015) observou a ocorrência dos componentes tangíveis de destino, em maior ou menor medida, ainda que por modos alternativos. A hospitalidade dos locais e as paisagens da área compensam, para alguns visitantes, a ausência de densa infraestrutura (COUTINHO, 2015).

Rosa (2019) narra a preparação dos moradores da Capilha para oferecerem alguns produtos e serviços aos turistas-excursionistas durante o verão, época de defeso da pesca, uma das principais atividades a que os moradores se dedicam, desde jovens.

O mapa 3 exhibe o perímetro urbano do Taim (Vila da Capilha) e as respectivas instalações turísticas.

---

<sup>31</sup> Uma de nossas entrevistadas é condutora ambiental dessas trilhas (Angélica). Há também o Caminho dos Faróis, roteiro com oito dias de caminhada, até atingir a Barra do Chuí, e que parte da Capilha, mostrando como o território turístico está em rede (Rio Grande/Santa Vitória do Palmar).

**Mapa 3 - Equipamentos na Vila da Capilha**



Fonte: Elaboração de Jean Canepelle (2020).

Na Capilha, além de casas de aluguel, há uma pousada, dois restaurantes, além de mercearias, posto de combustível na rodovia, dois *campings* – sendo um deles estacionamento para *trailers* e *motor homes* e semelhantes que são, segundo Palhares (2002), veículos rodoviários recreativos.

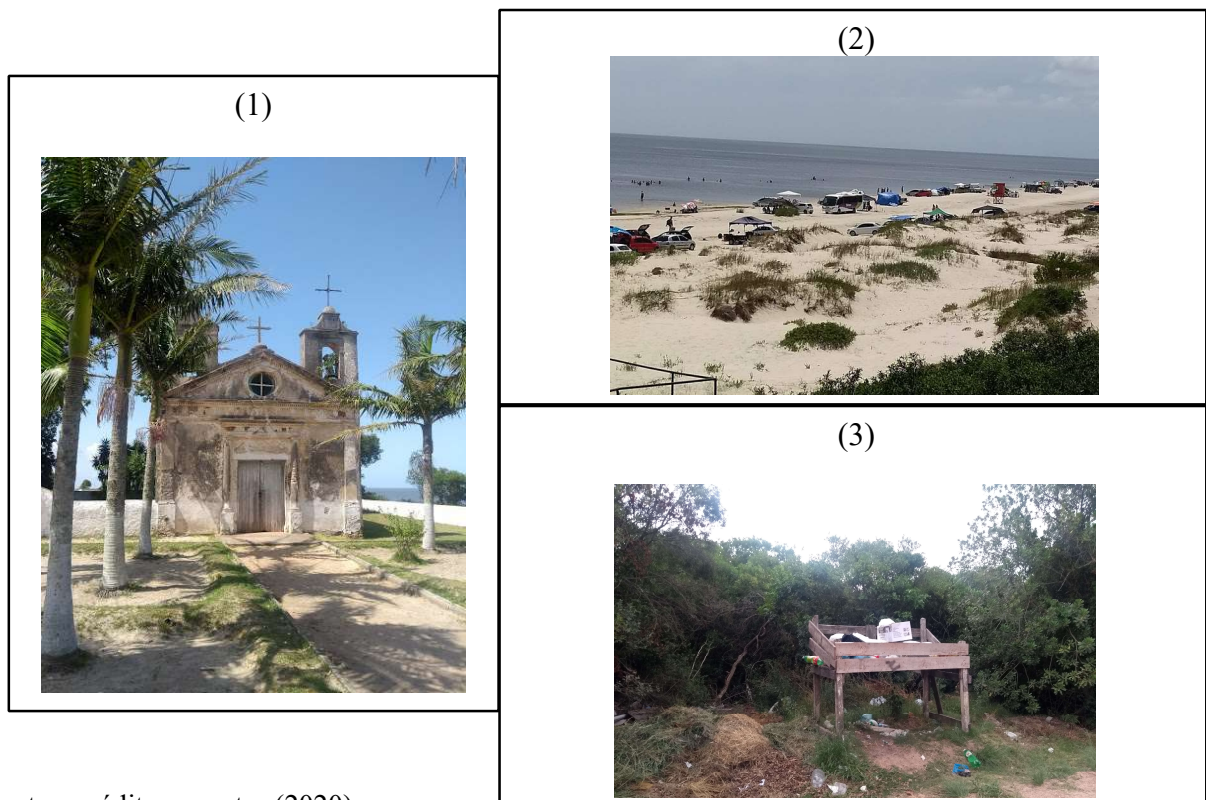
A Lagoa Mirim é apontada como um dos novos territórios do turismo nesse município, para além das áreas historicamente consagradas ao turismo em Rio Grande, como as áreas centrais e a do balneário marítimo do Cassino, fundado em 1890. Diante disso, órgãos oficiais manifestam tanto interesse pela diversificação da oferta turística municipal, quanto preocupação com o aumento de visitantes na Capilha. Apesar de contar com orla lacustre de cerca de 128 km, em Rio Grande, apenas instalações pontuais nas margens lacustres são destinadas ao turismo/lazer (RUDZEWICZ, 2018). Acrescentaríamos que quando isso ocorre é, sobretudo, na Laguna dos Patos e, em menor medida, na Lagoa Mirim.

Notamos na Capilha que poucos objetos-alvo do olhar do turista foram de fato feitos para funcionar primordialmente como atrações. A maioria dos atrativos turísticos foi feita para

servir a outras finalidades, ou a finalidade nenhuma, como no caso dos atrativos naturais (MACCANNELL, 2001).

Nesse sentido, as duas primeiras fotos da Figura 3 (1 e 2) exibem uns dos principais ícones da localidade da Capilha: a capela (tombada pelo patrimônio de Rio Grande) e a vista das águas da Lagoa Mirim, esta num dia de temporada de verão. A última (3) mostra a situação do acondicionamento dos resíduos encontrada na localidade, similar à descrita por outros autores.

**Figura 3 – Fotografias da Praia/Vila da Capilha**



Fonte e créditos: o autor (2020).

O que se observa na Capilha é análogo ao descrito por Arruda e Furtado (2012). Por vezes, as lagoas convertem-se em sítios buscados por excursionistas de classes trabalhadoras em fins de semana. Em outras, acedem aos locais em excursões, bem como por automóvel próprio e trazem consigo o alimento e as bebidas a serem consumidas durante a curta estada, não raro alcunhado de “farofeiros” (ARRUDA; FURTADO, 2012). Segundo esses autores (2012), tal mobilidade representa a outra face do turismo institucionalizado, encorajado e visibilizado pelas políticas públicas e pelos investimentos privados de agentes hegemônicos. Enquanto a promoção turística volta-se ao turismo de sol e mar, as lagoas acabam sendo alternativas de lazer (idem).

Por outro lado, em observações que realizamos, notamos a afluência de turistas a caminho do Uruguai, mesmo nos meses de frio, em mobilidades alternativas que, não raro, são estilos de vida, muitas vezes, mesclando a viagem, o lazer e migração – são múltiplas possibilidades entre os extremos “turismo” e “migração” definitiva (COHEN; DUNCAN; THULEMARK, 2015).

Apesar dos méritos e do recente crescimento da demanda, a Capilha não é mencionada pela Secretaria de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer estadual como atrativo do município de Rio Grande (SECRETARIA DE TURISMO DO RIO GRANDE DO SUL, 2019). Já no *site* da Prefeitura de Rio Grande, a Capilha é considerada atrativo natural. É descrita a partir de aspectos culturais (a capela) e naturais (lagoa, e entorno do Taim). Aparecem prescrições/orientações quanto às práticas passíveis de serem realizadas. Na íntegra:

Esta comunidade localizada na BR 471 a 60 km do centro de Rio Grande, possui a Capela de Nossa Senhora da Conceição, que é uma das mais antigas construções da fronteira sul do Brasil, sendo a primeira edificação construída em 1785. Contempla a praia banhada pelas águas da Lagoa Mirim de uma beleza exuberante, onde os visitantes podem transitar de carro, acampar, praticar esportes, desfrutar da gastronomia local através de dois restaurantes e uma praia tranquila bem perto da Reserva Ecológica do Taim. (PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO GRANDE, 2019).

Fica claro, em termos de localização e lugarização, que a Vila da Capilha é onde está a Capela do Taim, chamada Nossa Senhora da Conceição do Tahym, ao lado de um cemitério, ambos sobre a barranca da Lagoa (AMARAL, 2006). A Lagoa Mirim é um lugar para muitos moradores da Capilha (PUCCINELLI, 2016).

O nome da Capela deve-se à Balandra del Rei, que pertenceu a uma expedição do Brigadeiro Silva Paes (fundador de Rio Grande) e que navegava sob invocação da Nossa Senhora. Em 1737, Silva Paes adentrara a Barra do Rio Grande, logo após a construção do Forte Jesus Maria José, ali construindo trincheiras para evitar invasões espanholas, em uma época em que os dois países ibéricos não se entendiam quanto aos limites extremo-meridionais de suas colônias. Nesse sentido, chegou a haver, também, uma guarda na desembocadura do Arroio Taim. O primeiro marco espanhol foi junto ao Arroio Chuí; o primeiro marco de Portugal<sup>32</sup>, ao sul do Arroio Taim, em obediência ao Tratado de Santo Idelfonso, de 1777, que nunca teve execução efetiva (AMARAL, 2006; MELLO, 1992).

---

<sup>32</sup> O marco do Rincão do Tigre, próximo à Lagoa Mirim, apesar de em bom estado, estaria caído ao lado do pedestal e seria o único dos três marcos ainda existentes (AMARAL, 2006).

O fato de ser enquadrado como “território de ninguém”, trouxe consequências sociais para a área, também chamada de Península do Albardão.

Não será necessário muito esforço para concluir-se sobre a situação de abandono e miséria que ficou a Península do Albardão, outrora Campos Neutrais, do Taim ao Chuí, após essa fase de neutralidade. Restava-lhe somente funcionar como caminho de tropas e o estágio que o gado fazia, aos milhares, para descanso (AMARAL, 2008, p.)

O naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire esteve no Rio Grande do Sul em excursão científica entre os anos de 1820 e 1822 e relata ter passado pelo Taim e pela Capilha, a caminho do Uruguai (SAINT-HILAIRE, 2002).

O arroio Taim nascia próximo da Lagoa das Flores e, seis quilômetros adiante, lançava-se na Lagoa, era o desaguadouro das Lagoas Caiuva e das Flores; com seu soterramento, formou-se o córrego Aguirre (AMARAL, 2006; EMYDGIO, 2008), na altura da Capilha. “O antigo leito do arroio Taim serviu nos tempos coloniais de limite oriental dos Campos Neutrais, que se estendiam até o arroio Chuí, por onde ocorre atualmente a linha divisória que nos separa da República do Uruguai.” (AMARAL, 2006, p. 35-36). A linha, correndo de leste para oeste, deveria cortar pelo centro da Lagoa Mirim até a foz do Rio Jaguarão (idem), ao sul do Taim/Capilha.

A Vila do Taim<sup>33</sup> foi fundada em 1832, pelo Comendador Faustino Corrêa. A provável origem do nome, primeiro do Arroio e, então, da Vila, está relacionada à tachá (ave de banhado); alguns dizem que, quando um intruso se aproximava, as fêmeas no ninho emitiam um som estridente, por onomatopeia “taim”; outros, dizem que é um termo indígena e que significa “banhado” (MELLO, 1992).

## 2.4 LAGO MERÍN – CERRO LARGO, URUGUAI: DE BALNEÁRIO PLANEJADO À LOCAL DE RESIDÊNCIA

### 2.4.1 Fronteiras e limites territoriais

Quantas paisagens há em relação a um único grande objeto geográfico “lagoa”, se este for utilizado para demarcar limites territoriais entre dois países? Há uma paisagem única, considerando-se as diversas textualidades em relação a essa? Ou há uma paisagem “dividida”

---

<sup>33</sup> Nessa vila nasceu Mirapalmete, que fundaria Santa Vitória do Palmar e o distrito de Santa Isabel do Sul.



pelos limites internacionais, devido a questões políticas, sociais, linguísticas e/ou culturais? O limite é mais fluido dado o fato de ser o elemento líquido a dividir/unir os “lados” da fronteira? Que ideologias influenciam as interpretações da paisagem transfronteiriça? Como a condição fronteiriça interfere na (res)significação de paisagens lacustres pelo fenômeno do turismo/lazer<sup>34</sup>? Ou, que limites e fronteiras são (re)tecidas nas/pela paisagens turísticas em lagoas, como a Mirim, na fronteira entre Brasil e Uruguai?

Para entender a fronteira, a questão territorial de Estado parece ser chave. Embora seja condição indispensável, é cada vez mais insuficiente. Desse modo, ao percorrermos a construção de sentido da fronteira, apontamos para a possibilidade de esta antecipar questões que caracterizam e tencionam os avanços do processo de globalização. Abordamos as fronteiras, no modo em quão densas podem ser na sua imposição sobre a paisagem, ou o quão difusas podem estar no território. Consideramos que cada uma carrega imaginários próprios, que só serão plenamente entendidos se na inserção na alma de cada lugar (GASTAL; CASTROGIOVANNI, 2006).

“O imaginário mais associado às fronteiras as via como linha de separação, ou melhor, como limite.” (CASTROGIOVANNI; GASTAL, 2006, p. 2). Este é vigente na Modernidade, em contraposição com uma tendência mais atual em se falar de união e hibridismo cultural. “A fronteira contemporânea funde simbólico e metafórico.” (p. 8). Assim, a fronteira apresenta, pelo menos, três facetas: a do espaço geopolítico, a mais conhecida, marca o limite da soberania e a governabilidade sobre cidadãos; a cultural, que abrange os (des)encontros, os significados e a identidade e a das relações sociais (DONNAN, 2015). Nesse aspecto, a fronteira é experiência social que “aciona ritmos diversos de continuidades e descontinuidades, reprodução e transformação de mundos sociais que se tensionam e se contagiam mutuamente.” (CARDIN; ALBUQUERQUE; PAIVA, 2019).

Os paradigmas mais recentes dos Estudos Fronteiriços têm posto ênfase nos processos, na dinâmica e nas relações que (con)formam as fronteiras, ou seja, na sua mobilidade, na sua ubiquidade e na sua difusão multilocacional por meio de redes, fazendo atualmente surgirem as fronteiridades e as fronteirizações, empreendimentos dos Sujeitos e das coletividades (DONNAN, 2015; SZARY; GIRAUD, 2015); ou seja, acaba sendo mais um processo contínuo e de fluxo do que um produto acabado, pois é historicamente contingente e não um espaço pré-

---

<sup>34</sup> Quando reconhecemos o Turismo como objeto de estudo e campo de conhecimento, optamos pela grafia com letra maiúscula. Para referir-se à atividade/prática/setor/fenômeno usamos a grafia em minúsculo. Da mesma forma, concebemos o turismo e o lazer de modo indissociável, pois o que está em questão são as práticas, que não raro confundem-se.

definido (DONNAN, 2015). “É sempre preciso estar aberto para se deixar levar pelas dinâmicas da fronteira, esquecendo em alguns momentos dos marcadores físicos que a inventam para, então, olhar para os movimentos que a tornam um pouco mais aberta, porosa e multifacetada.” (CARDIN; ALBUQUERQUE; PAIVA, 2019, p. 17). Olhar as fronteiras transnacionais requer reconhecer que ali a(s) realidade(s) nacionais são contrastadas, naturalizadas e questionadas pelos sujeitos, ao entrarem em contato uns com os outros; elas são, portanto, realidades geográficas complexas que devem levar em conta os modos cotidianos de viver nessas áreas (idem).

Assim sendo, diferentemente do que já fora apregoado, as fronteiras não desapareceram, mas são cada vez mais versáteis: formas e funções da fronteira não mais coincidem, havendo a multiplicação das especializações de divisão, regulação e controle e tendo em conta a virtualização e os dispositivos das relações de poder globais e interestatais, provendo governabilidade sobre os limites territoriais e controlando, em distintos graus, o acesso a eles (SZARY; GIRAUD, 2015).

Soma-se a esta discussão o conceito corrente de fronteira sintetizado por Bento (2012), repleto de dialogicidades.

A palavra fronteira também não é neutra, mas carregada de valores [...] ela é, também, uma palavra descritiva, designa o lugar do início ou do fim: início de um Estado, ou fim de outro Estado. Numa linha visível ou imaginária de fronteira, um Estado termina e outro começa. Fronteira é o fim do mundo para quem deixa o seu Estado de pertença; ou o início do mundo para quem volta ao seu Estado de pertença (BENTO, 2012, p. 44)

A ideia de confim pode ser útil à compreensão da fronteira. Para Calabrese (1994), confim é um conjunto de pontos que pertencem ao espaço interno de uma configuração e, ao mesmo tempo, ao espaço externo<sup>35</sup>. A propriedade separadora dos pontos, de um lado, e a coerência de todos os pontos do sistema, por outro, garante a existência do confim. (CALABRESE, 1994; GASTAL; CASTROGIOVANNI, 2006).

No cenário de mudança de concepções, componentes relevantes são a globalização e suas ideologias, neoliberalismo e a ampla circulação de mercadorias. Em termos práticos, há liberação das fronteiras a partir dos grandes blocos regionais, a exemplo da União Europeia<sup>36</sup>. Porém, não apresentou, na condição de ato contínuo, a liberalização da circulação da força de

<sup>35</sup> De um ponto de vista interno, o confim faz parte do sistema, porém o delimita. Já do ponto de vista externo, quer, ou não, um sistema, faz parte do exterior. Se o exterior constitui um sistema, a separação se dá por oposição. O exterior não se constitui em sistema, e a separação se dá por privação (CALABRESE, 1994; GASTAL; CASTROGIOVANNI, 2006).

<sup>36</sup> É digna de menção o Brexit, a saída do Reino Unido do bloco europeu atualmente.

trabalho, mesmo no interior dos blocos (GASTAL; CASTROGIOVANNI, 2006). A ideia é de que, sob a globalização, e os ditames da (i)mobilidade sem precedentes, haveria o exercício de uma cidadania pretensamente global (BIANCHI; STEPHENSON, 2013) Uma fronteira (mais) móvel engloba a instabilidade espacial e o exercício do poder (SZARY; GIRAUD, 2015).

Segundo Bento (2012, p. 45), talvez a fronteira passe a ser vista como “defeito moral da humanidade”. Comumente vista dessa forma, o problema não é o da fronteira em si, mas o modo como ela funciona, expressão dos tipos de relações que há entre vizinhos fronteiriços. Essa desqualificação da fronteira está vinculada a um relativo enfraquecimento do poder dos Estados (BENTO, 2012).

Assim, o conteúdo militar da fronteira tem perdido relativamente seu sentido, dando lugar a outros conteúdos, tais como o legal, fiscal e de controle migratório, rompendo-se uma das concepções de fronteira-limite ou fronteira-zona (CASTRO, 2005).

As políticas públicas de integração territorial do Brasil dos anos 2000, que buscavam reduzir as desigualdades territoriais das quais as fronteiras acaba(va)m sendo alvo, possuíam suas próprias definições para fins de gestão das políticas (GASTAL; CASTROGIOVANNI, 2006). Entre elas, a noção de zona de fronteira, destacando seu caráter geográfico-territorial.

Na prática, a noção de zona de fronteira<sup>37</sup>, composta pelas faixas territoriais de cada lado do limite internacional, caracterizadas por interações que criam um meio geográfico próprio de fronteira, só perceptível na escala local/regional, seria a forma ideal para tratamento dos fluxos de bens, capitais e pessoas. Entretanto, barreiras políticas, administrativas, legais e diplomáticas impedem esse tratamento, que para ocorrer, demandaria o estabelecimento, por parte dos países envolvidos, de “zonas de integração fronteiriça” (BRASIL, 2008, p. 28).

Isto posto, vemos que a fronteiras refletem, de vários modos, a política. Não apenas a política de delimitação/classificação, mas também a política de representação e identidade que entra em jogo (JOHNSON et al., 2011). “Fronteiras separam e reúnem. Fronteiras permitem a existência de certas expressões de identidade e memória, enquanto bloqueia outros[...] fronteiras estão abertas à contestação a nível de Estado e da vida cotidiana.” (idem, p. 62). As fronteiras manifestam em si, de modos mais diversos, vidas cotidianas e práticas relacionadas ao Estado e a instituições, tais como língua, cultura, mitos, patrimônio, política, legislação e economia. Essas práticas estão condensadas na contestada ideia de cidadania que reúne Estado, poder, controle e responsabilidades sociais (idem, 2011).

---

<sup>37</sup> Faixa de 150km acompanhando a linha-limite, conforme disposto ainda nos anos 1940.

Para Johnson et al. (2011), mais que linhas fixas, as fronteiras tem sido vistas como práticas, discursos, símbolos, instituições e/ou redes, por meio das quais o poder opera. Diante disso, uma série de tópicos sendo recentemente (re)discutida nos/pelos Estudos Fronteiriços, entre eles: a lógica conflituosa da fronteira nacional e da unidade supranacional; a narrativa da construção do aparato de Estado, incluindo fronteiras, e a performatividade da/na fronteira – estilizada repetição de atos na mobilidade fronteiriça, envolvendo aspectos das mobilidades turísticas. Este tópico é inovação em relação aos estudos mais tradicionais de Geografia Política, porque as práticas de fronteira estão cada vez menos sob domínio do Estado, uma vez que outros agentes atualmente desafiam a soberania estatal (JOHNSON et al., 2011; SZARY; GIRAUD, 2015).

Uma porção de atores da iniciativa privada, incluindo a mídia, os negócios e os cidadãos, estão envolvidos no trabalho cotidiano de (re)fazer fronteiras. A natureza cambiante das fronteiras na contemporaneidade as tem feito menos politizadas, não diminuindo, contudo, a necessidade de os acadêmicos serem críticos da relação complexa entre o poder do Estado e do espaço e do fato de que relação seja mais aparente nas fronteiras, onde quer que estejam (JOHNSON et al., 2011).

A zona fronteiriça pode apresentar obstáculos à mobilidade do capital, de mercadorias e pessoas, também valendo para o turismo e os turistas (HISSA, 2002). As fronteiras são tidas como áreas diferenciadas em relação ao restante do território, tanto no que tange a vantagens e atratividades dessas áreas, quanto no que concerne a uma potencial liberdade aos movimentos, ou ainda, a limitações e barreiras a elas relacionadas (KUNZ; PIMENTEL; TOSTA, 2014).

Nesse contexto é o que o Turismo surgiu no Brasil como agenda de investigação e políticas nas áreas de fronteira: “[...] visto ser a fronteira um terceiro espaço, em constante expansão-retração, portanto, repleto de atratividade.” (GASTAL; CASTROGIOVANNI, 2006, p. 3). Nos anos 2000, os órgãos oficiais de turismo nacionais, procuraram descriminalizar a fronteira para o turista, a fim de que não precisasse ser submetido(a) às lógicas policiais, que veem as fronteiras como espaços potenciais da contravenção e do crime, justificando mantê-las sob severo e permanente controle.

Assim, boa parte dos países busca ressignificar a fronteira, “[...] transformando o seu status securitário como espaço fechado, de contenção a potenciais contravenções e crimes, em um status descriminalizado [...]” (SENHORAS, 2015, p. 40), típico do ideário da eliminação de fronteiras, a fim de transformar a fronteira em um espaço aberto para o impulso aos fluxos internacionais de turismo, embora ainda persista “[...] uma lógica reativa e carente de políticas

públicas consistentes” (SENHORAS, 2015, p. 40), que envolva a efetiva integração transfronteiriça por/para o turismo.

#### 2.4.2 A constituição e as características do sítio

Nosso objeto/recorte são os sítios (diversidade), mas temos também o contexto geográfico: no caso brasileiro (a PCRS) e uruguaio – as planícies lacustre-fluviais da Bacia da Lagoa Mirim –, o caráter de unidade.

A República Oriental do Uruguai é limitada, além do Brasil, com a Argentina e o Oceano Atlântico. Sua fronteira terrestre é de 1.564 km, destes, 579 km são com a Argentina e 985 km com o Brasil - faz fronteira somente com o RS. Sua costa marítima é de 660 km. Seu território possui área de 176.215 km<sup>2</sup>, e uma população de 3.161.486 habitantes (EMBAJADA DEL URUGUAY EN BRASIL, 2019)

Em termos de atrativos e destinos turísticos, o país apresenta-se por meio de seu *site* de turismo (MINISTÉRIO DE TURISMO DE URUGUAY, 2019). Fala na peculiaridade de seus costumes, recomendando: tomar mate (ou chimarrão), ir ao tablado no Carnaval (espetáculo carnavalesco de bairro, de rua), ir comer um *asado* (churrasco), jogar futebol (esporte popular no país), acampar na Semana de Turismo/Semana Crioula (corresponde à Semana Santa no Brasil), comer tortas fritas (massa simples frita). Cita, ainda, a figura do gaúcho (como arquétipo), festas tradicionais (muitas voltadas aos costumes campeiros), o Carnaval (um dos mais longos do mundo) e, também, o tango (originário do Prata, entre Uruguai e Argentina).

Além da capital, Montevidéu, e do balneário de Punta del Este, outros destinos e atrativos destacam-se. Em termos de regionalização turística uruguaia, como dissemos, a área da Lagoa Mirim pertence à região Leste, onde se encontram praias, cidades e áreas protegidas. Nessa mesma região estão Punta del Este, Cabo Polonio e Punta del Diablo. O local mais próximo a Balneário Lago Merín, e citado pelo Ministério de Turismo (2019) em seu *site*, é La Charqueada: próxima à barra do rio Cebollatí, é um preâmbulo à Lagoa Mirim (MINISTÉRIO DE TURISMO DE URUGUAY, 2019).

Em vez de contrastar esses dados com o Brasil, optamos por fazer a comparação com um dos seus 27 estados, o Rio Grande do Sul, a fim de se ter uma dimensão das relações escalares envolvidas. O estado gaúcho possui fronteira terrestre com o Uruguai e Argentina. São 620 km de costa marítima e um território de 281.707km<sup>2</sup>. A população é de 10.693.929

habitantes (IBGE, 2019). Somente a Região Metropolitana da capital do estado, Porto Alegre, supera a população do Uruguai: 4.032.062 habitantes em 2010 (ATLAS SOCIECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL, 2019).

No Uruguai, a área em estudo é conhecida não somente como Bacia da Lagoa Mirim, mas também como Bacia Arrozeira. Entre 2007-2012, correspondia a 70% da superfície plantada no país. Dentro dos limites da Bacia, quase a metade (47,8%) é produzida no departamento de Treinta e Tres. Não existe disposição final adequada dos resíduos gerados na Bacia e o pó e o odor da queima da casca do arroz são, por vezes, um problema. Importante lembrar que toda a linha de costa lacustre, no Uruguai, corresponde a sítios Ramsar (ACHKAR; DOMINGUEZ; PESCE, 2012).

Tem crescido o modelo de estrangeirização da propriedade das terras, passando para brasileiros, que acabam acrescentando mais elementos ao pacote tecnológico da cultura arrozeira. Nos últimos anos, está se observando uma queda na captura<sup>38</sup> de pescado, dado que os pescadores artesanais acabam atraídos por outras atividades econômicas (ACHKAR; DOMINGUEZ; PESCE, 2012).

Os centros mais populosos da área uruguaia em estudo, que fica na unidade paisagística da planície lacustre-fluvial (que ocupa 23,8% da área da Bacia, sendo 4,9% de água, no “lado” uruguaio, desses departamentos são Treinta y Tres (25.477 habitantes), Río Branco (com 14.604), e Lascano (7.645). O balneário não está numa área inundável (ACHKAR; DOMINGUEZ; PESCE, 2012).

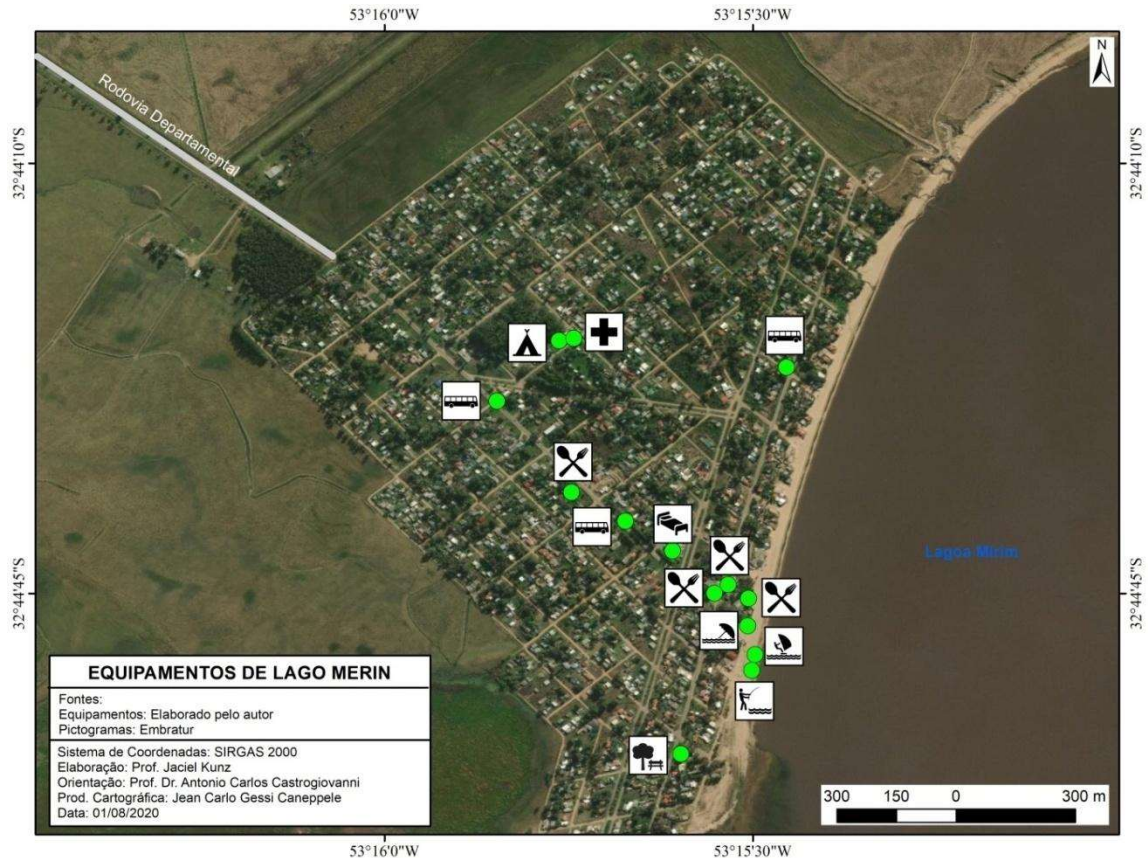
Segundo Cunha et al. (2012), já em seu primeiro ano de edição (1935), a revista Turismo no Uruguai referia-se à Lagoa Mirim como um lago estupendo, navegável e dotado de paisagens belas que serviriam somente à contemplação, mas às quais se associavam atividades de caça e pesca. Estas advinham de hábitos recreativos tradicionais no meio rural e que se estendiam como práticas turísticas. Dado o mal estado das estradas, cogitava-se chegar a Rocha utilizando o Rio São Luís, o que também se poderia converter em viagem atrativa. Já nos anos 1940, mencionava-se Lago Merín como balneário referente para o departamento de Cerro Largo. Lago Merín está localizado entre as desembocaduras dos rios Jaguarão e Taquari, a 20 km das cidades-gêmeas de Rio Branco e Jaguarão (CUNHA et al., 2012).

O mapa 4 mostra uma vista aérea do sítio urbano do Balneário, suas bordas, e a respectiva infraestrutura turística disponível.

---

<sup>38</sup> No “lado” brasileiro, se alega a queda na disponibilidade de pescado após a construção da Eclusa no São Gonçalo (GOUVÊA; ZARNOT; ALBA, 2010).

### Mapa 4 – Equipamentos de Lago Merín



Fonte: Jean Cannepele (2020).

A localidade possui em torno de 1.000 habitantes permanentes, com tendência de alguns turistas, posteriormente, se fixarem; a população flutuante em finais de semana de temporada chega a 10.000 visitantes e, em dias de eventos especiais, pode chegar a 25.000. A maioria da população economicamente ativa combina atividades características do turismo com atividades agropecuárias ou com pesca artesanal; há hotel e cabanas de aluguel. Casas de comércio mantêm-se abertos durante a temporada, sendo escassos os serviços permanentes (MIGLIARO, 2014). O entrevistado Pedro concebe que a maioria dos visitantes é brasileira, muito dos quais contando com segunda residência no Balneário. Nossas observações, porém, indicam que predominam os uruguaios, embora o público brasileiro, especialmente jaguarenses, nos finais de semana - seja considerável.

É relativamente recente o começo de atividades de um ecoturismo. Encontram-se às margens do Taquari algumas estâncias turísticas dedicadas à caça esportiva. Essas estâncias afetam, em alguns casos, a atividade pesqueira, ao cercarem campos e impedirem a passagem e acampamento (MIGLIARO, 2014).

A criação da reserva privada Banãdos do Yacaré (Banhados do Jacaré) cercou a faixa costeira desde o Balneário até a desembocadura do Taquari a fim de delimitar uma trilha interpretativa para preservação ambiental e mitigação de impactos. Inicialmente, a intenção era oferecer numerosas atividades (como barco e *avioneta*), mas acabou restringindo-se à caminhada, por questões normativas, de falta demanda e de falta de profissionais (MIGLIARO, 2014).

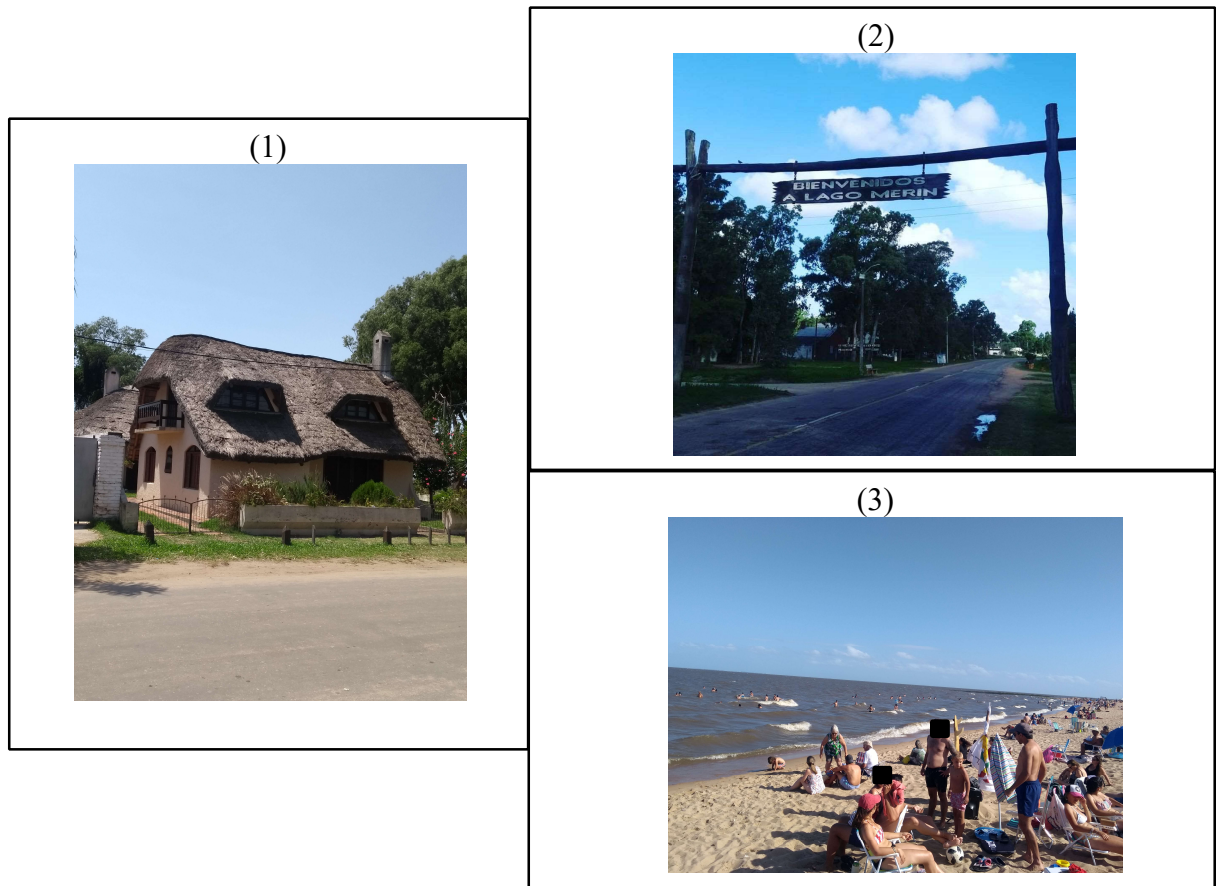
Em termos de pesca, a autora uruguaia Migliaro (2014) reconhece maior desenvolvimento relativo no “lado brasileiro”, que se deve a diferenças de normativas em ambos os países, a possibilidades dos mercados e a estratégias para superar restrições aduneiras. Ao fim e ao cabo, os arroseiros são os principais usuários da Lagoa.

Ainda segundo ela (MIGLIARO, 2014), há dois tipos de turismo claramente identificáveis na área. O primeiro, ligado ao Balneário de Lago Merín, com utilização da praia, realização de esportes náuticos e a presença de alguma infraestrutura, inclusive de alojamento hoteleiro. Este tipo não afeta as atividades dos pescadores, podendo contribuir com complementação de renda. O outro tipo de turismo é de caráter privativo, alijados do balneário, assentando-se em sítios privados. O acesso é por estradas privadas, com pouco contato com a população local. Entrevistas no balneário, empreendidas por Migliaro (2014) destacaram a segurança do banho na Lagoa, a propriedade da maioria dos casos sendo de brasileiros, a presença de segunda residência; ainda, aproveitamento pouco intensivo, aliado à falta de infraestrutura.

A Figura 4 exhibe três fotos clicadas no Balneário durante as coletas de dados em campo.



**Figura 4 – Fotografias do Balneário de Lago Merín**



Fonte e créditos: o autor (2020).

A Foto 1 apresenta uma residência, na entrada central da praia, e que lembra a arquitetura praticada no Uruguai. A Foto 2 é do portal de entrada ao Balneário, pela rodovia. A Foto 3 é de um dia na praia durante a alta temporada.

Nosso recorte restringe-se ao Balneário, em especial, à praia. Por meio de observação nas ruas da localidade, foi levantada a oferta de casas para aluguel de temporada, o que não é anunciado de outro modo.

A Tabela 1 exibe os números da oferta de aluguel por rua e o total.

**Tabela 1 - Oferta de aluguéis de temporada em Lago Merín (2019/2020)**

<b>Rua</b>	<b>Número de anúncios</b>
Um	17
Dois	2
Três	6
Quatro	3
Cinco	1
Nove	2

10	3
11	2
12	1
13	3
14	1
15	1
16	4
18	2
20	1
23	3
24	1
26	1
27	3
34	1
40	2
<b>Total</b>	<b>60</b>

Fonte: Elaboração do autor (2020).

Essa oferta extra-hoteleira, concentrada nas porções sudeste e nordeste do Balneário, reflete a constituição histórica do Balneário, sobretudo, como segunda residência de verão, algo como a vilegiatura. Descrita por Ambrozio (2005) como sucessora da viagem e do turismo, a vilegiatura tem seu auge no Renascimento europeu, em que aristocratas ociosos, em busca de recreação e cura, dispunham de *villas* e casas no campo, distantes da cidade, para passar temporadas. A vilegiatura, que “realizou subúrbios com espessura espacial” (AMBROZIO, 2005, p. 105), não tem um fim em si mesma, diferentemente do espaço que é a mercadoria deambulatória do turismo massivo, o qual, ao dotar a viagem com um caráter específico, a torna um fim em si mesma. Todavia, o que une a vilegiatura e o turismo são as temporadas de recreio, objetivada pelo fenômeno da segunda residência (idem), uma das expressões espaciais do fenômeno turístico. A vilegiatura evoluiu, a ponto de se constituir em uma vilegiatura lacustre, com especificidades de/em Lago Merín?

Uma versão dá conta de que Balneário teria surgido, inicialmente, como colônia para recuperação de tuberculosos<sup>39</sup>. O curismo pode ser considerado um modo proto-turismo. Tal movimento é marcado, segundo Corbin (1989), pela prescrição médica que codificava as práticas, por meio de um “arsenal terapêutico” (p. 75), nas costas marítimas britânica e francesa, entre os séculos XVIII e XIX. Antes da praia, a atenção era mais voltada ao campo, ao literário e aos jardins - estes, síntese do doméstico e do selvagem. No curismo marítimo, a paisagem variada também fora considerada fator de cura de doenças crônicas. Não somente uma nova

<sup>39</sup> Informação contida na entrevista de Pedro (rótulo atribuído ao entrevistado).

sensibilidade estética era requerida, mas também outra sensibilidade sinestésica (CORBIN, 1989).

Além disso, o regime dos ventos marítimos fazia parte das indicações médicas (CORBIN, 1989). Tal também se sucedeu nos primórdios de Lago Merín, em que os ventos lacustres eram amenidades favoráveis ao tratamento da tuberculose. No auge da tísica dos românticos, por volta de 1820, surge a denominada arquitetura do mar, a partir de um complexo de esplanadas e terraços, com elevações de até 60m (idem). Nesse caso, o terreno plano da Lagoa não favorece(u) esse tipo de construção.

Não se pode desconsiderar que a “sociabilidade finamente codificada que caracteriza então a vilegiatura marítima”, aliada a um “desejo de imitar os nobres”, em que a “aprendizagem e a ampliação social de práticas que se vêm diversamente reinterpretadas.” (CORBIN, 1989, p. 20). A sociabilidade durante a temporada de verão, muitas vezes, com os vizinhos ou amigos de sua localidade de origem, é hoje, de alguma forma, reinterpretada no veraneio na/da Lagoa Mirim. Contudo, é preciso retroceder para adicionar informações acerca da formação do Balneário em questão, o único local dessa categoria às margens da imensa Lagoa Mirim.

O Balneário surgiu sob iniciativa de Saturnino Arismendi, quem, em 1939, observou as condições naturais da praia da Lagoa Mirim e as comparou com as do sul do Uruguai com as da brasileira Laguna dos Patos. Seu filho, Athos, juntamente com Felipe Ruiz, começaram, em 1951, a promoção e a venda de terrenos. As modalidades turísticas constantes em fontes históricas dão conta das de natureza e das de compra no Brasil, além de pesca e jogos de azar. O turismo de veraneio é algo acrescentado a partir da década de 1950 (CUNHA et al., 2012). O Balneário passa a atrair aposentados oriundos de Melo e Treinta y Tres (MIGLIARO, 2014).

Río Branco evoluiu do Pueblo Arredondo. Em 1853, o Parlamento do Uruguai muda o nome do povoado para Villa Artigas. No ano de 1915, torna-se Villa Río Branco. Somente em 1927 inicia a construção da ponte binacional Mauá<sup>40</sup>, inaugurada em 1930. Em 1952, a vila passa a denominar-se Cidade de Río Branco. Dez anos mais tarde, foi criada a Junta Local Autónoma e Electiva de Río Branco, substituída pela denominação de município em 2009 (MIGLIARO, 2014).

Assim, historicamente, o intercâmbio com o Brasil ocorria mediante a travessia do Rio Jaguarão. Em 1931, começam as obras ferroviárias para unir Río Branco a Treinta y Treis,

---

<sup>40</sup> Construída entre 1927 e 1930, a fim de viabilizar o tráfego de cargas da agropecuária (IPHAN, 2020). Declarada monumento histórico nacional do Uruguai em 1977, tombada pelo patrimônio histórico nacional brasileiro, em 2011, e considerada patrimônio binacional pelo Mercosul Cultural em 2015 (PONTE., 2018)

finalizadas em 1936. A construção de infraestrutura (ponte e trem) coincide com o desenvolvimento do complexo arroseiro dessa área, que se dá entre os anos 1930 e 1940, mesma época do loteamento do balneário. Consolida-se, assim, o setor agropecuário na área e a delimitação de Ríó Branco como cidade comercial fronteiriça (MIGLIARO, 2014).

Já em 1940, leis declaravam Rio Branco, as costas do Rio Jaguarão, a desembocadura e as margens da Lagoa Mirim como zonas de interesse turístico. Também se autorizavam a implementação de jogos de azar na então Villa Ríó Branco, sob o incentivo de construção de hotéis-cassino. Também já nessa época criou-se uma Comissão Honorária de Fomento Turístico de Rio Branco e das costas do Rio Jaguarão e da Lagoa Mirim, formada por cinco membros, que se encarregariam de propor obras de melhorias e embelezamento (CUNHA et al., 2012).

Atualmente, a população de Ríó Branco e Jaguarão (no Brasil) está estreitamente conectada por vínculos culturais e familiares, sendo frequente encontrar habitantes com dupla nacionalidade, uruguaia e brasileira. Conforme já comentado, predominam a agropecuária, bem como arroz, que se encontra em sua fase industrial do complexo. Cinco moinhos arroseiros empregam muitos habitantes. O quartel, com base na cidade, do Ministério da Defesa, também é fonte de empregos. Desde 2005, assim como em outras áreas fronteiriças com o Brasil, foram instalados *free shops* e centros comerciais, que têm crescido com o passar dos anos, dinamizando os setores de comércio e serviços (como alojamento e alimentação), além de atividades informais (ambulantes, cuidadores de carro, recicladores de resíduos etc.). São locais de comércio internacional que oferecem ampla gama de produtos livres de impostos para cidadãos estrangeiros, especialmente, brasileiros (MIGLIARO, 2014). Em finais de semana, feriados e férias, recebem público brasileiros que vêm de cidades como Pelotas e Porto Alegre.

Desde há muito os veraneios nas orlas lacustres e fluviais (como do Rio do Jaguarão), por sua beleza e pela pesca, são recomendados em complementação às compras nas cidades-gêmeas. O Guia da Federação Uruguaia de Turismo, em 1954, cita o atrativo das compras no lado brasileiro, como café, doces, guloseimas, roupas de *nylon*, bebidas alcoólicas, conservas etc. (CUNHA et al., 2012)

Neste momento, concordamos com Castrogiovanni (2012) quando fala que o turismo na fronteira, muitas vezes, acaba se restringindo às compras, dadas vantagens cambiais e/ou fiscais. O patrimônio, nesse caso, o conjunto histórico e paisagístico de Jaguarão, tombado em 2011, acaba ficando à margem como atrativo da área das cidades-gêmeas, embora intimamente conectado como forma remanescente na ocupação e expansão nessa/dessa fronteira.

## 2.5 PORTO PINDORAMA – SANTA VITÓRIA DO PALMAR, BRASIL: DE PORTO ENCOMENDADO A SÍTIO DE LAZER

*“O Dr. Vicente fez, em voz alta, a leitura da correspondência: “Vicente, acabo de realizar teu maior desejo - autorizei a construção do porto de Santa Vitória do Palmar – Getúlio Vargas.” (AMARAL, 2008).*

### 2.5.1 Santa Vitória do Palmar: dos Campos Neutrais à atualidade

Em 1821, os Campos Neutrais foram integrados ao Brasil, e Dom Diego de Souza fez o primeiro ano de jurisdição nesse território, concedendo a primeira sesmaria a Antônio Joaquim de Carvalho Porto. Já em 1852, o Governo Imperial nomeou o Marechal Francisco José de Souza Soares Andréa para comissário, cuja tarefa era limitar com o Uruguai das terras brasileiras (EMYDGIO, 2008).

Em 1855, nas terras que pertenciam à sesmaria de Carvalho Porto, no local chamado de Coxilha do Palmar<sup>41</sup> do Lemos, foi criado, pelo Comendador Mirapalhete – um dos maiores estancieiros dos Campos Neutrais – o Povoado André, em homenagem ao Marechal Andréa, então presidente da Província do Rio Grande do Sul. Da estância de Mirapalhete, em Curral de Arroios, saiu a imagem da santa de devoção, Santa Vitória, no ano de 1858, para então rezar a primeira missa na Capela de Santa Vitória do Chuy, 2º Distrito do Taim. Em 1872, a povoação passa a ser vila de Santa Vitória do Palmar e, dois anos depois, esta é alçada a município. Em 1888, foi elevado à categoria de cidade (EMYDGIO, 2008)

A cidade experimentou “progresso” entre a última década do século XIX e a primeira do século XX. Situada em uma área pecuarista desde a fundação, Santa Vitória do Palmar viu a atividade decair com o passar das décadas no século XX. Apesar do gado bovino e ovino ainda ser importante, abriu-se espaço para o cultivo de arroz em larga escala (IBGE, 2020)

A área do município de Santa Vitória do Palmar é extensa: são 5.195,667 km<sup>2</sup> (IBGE, 2019) e a localização do Porto dá-se na contiguidade da área urbana. Estimativas de 2017 apontam uma população municipal de 31.563<sup>42</sup> (FEE, 2018). A população rural tende a diminuir, e a urbana, aumentar (FERREIRA, 2009). O município é polarizado por Pelotas,

<sup>41</sup> O conjunto formado pelos palmares de Santa Vitória é hoje considerado beleza cênica do bioma pampa (VIEIRA, 2014).

<sup>42</sup> Estimativas do IBGE para 2018 dão conta de 29.877 habitantes. Considerando essa contagem, a densidade demográfica municipal é de apenas 5,91hab./km<sup>2</sup> (IBGE, 2019)

centro regional/cidade média do sul do estado gaúcho, a 240km, embora a cidade do Rio Grande também ofereça alguns serviços ao município.

Quanto ao Índice de Desenvolvimento Socioeconômico – Idese, segundo dados de 2015, o município possuía um índice de 0,698, ocupando a 385ª colocação no estado: isolando os itens educação, renda e saúde, o município ocupa as posições 401ª, 306ª, 436ª, respectivamente (FEE, 2019). O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – IDHM vem crescendo desde os anos 1990, pelo menos: de 0,501 em 1991, passa para 0,712 em 2010 (IBGE, 2019).

A Administração Municipal<sup>43</sup> descreve Santa Vitória do Palmar, enaltecendo os aspectos naturais, as tradições, mencionando as lagoas e concebendo que o município deixou de ser apenas uma rota aos países do Prata. Segue na íntegra:

Santa Vitória a muito tempo deixou de ser apenas mais um ponto na rota em direção ao Uruguai e à Argentina. É uma terra de cultura própria que oferece ao visitante uma variada rede de atrações e uma natureza inigualável. A terra dos palmares, pela profusão de palmeiras de butiá na região, e das águas, por ser costeada pelo Oceano Atlântico, pelos banhados do Taim e pelas lagoas Mirim e Mangueira, Santa Vitória do Palmar é o cenário ideal para quem aprecia o turismo ecológico, a preservação do passado e das tradições e a aventura em harmonia com o meio ambiente. (SANTA VITÓRIA DO PALMAR, 2019, s. p.).

A descrição prossegue e, assim como no trecho anterior, o ecoturismo aparece como uma faceta desse município, aliado a aspectos históricos, paleontológicos e de pertencimento ao território (pelo gentílico mergulhão<sup>44</sup>). Os estoques hídricos também são ressaltados.

Com reservatório hídrico invejável, dunas, concheiros e fósseis, a vegetação e fauna exuberantes chamam a atenção de visitantes e ecologistas de todas as partes do mundo e causam orgulho aos Mergulhões, como são carinhosamente conhecidos os habitantes da cidade. Além dos atrativos naturais, Santa Vitória possui várias opções de lazer ligadas a festas e eventos culturais promovidos pelo município no decorrer de todo o ano, possuindo ainda suporte cultural, histórico e natural com presença dos museus Coronel Tancredo Fernandes de Mello, Museu de Paleontologia Mario Costa Barbarena, Museu Atelier Hamilton Coelho e ECO-Museu da Praia do Hermenegildo. (SANTA VITÓRIA DO PALMAR, 2019, s. p.).

Na guia de turismo, do mesmo *site*, há as seções gastronomia (citam-se o butiá, a carne de ovelha e os pescados), Rota dos Faróis (a cidade conta com três faróis, um deles na divisa

---

<sup>43</sup> A Prefeitura estampava o pôr do sol no Porto em sua página, na data de 18 jul. 2019, no sítio <http://www.santavitoriadopalmar.rs.gov.br>

<sup>44</sup> O gentílico da população é uma analogia ao comportamento do mergulhão, ave que, ao se sentir ameaçada ou desconfiada, mergulha na água das lagoas e dos canais da região.

com Rio Grande<sup>45</sup>) balneários (Hermenegildo<sup>46</sup> e Barra do Chuí) e o Porto, ou seja, este não é visto como propriamente um balneário, supostamente, por não ser marítimo e/ou por não ter tido urbanização turística específica para lazer e recreação, ou segundas residências.

### 2.5.2 Trajetórias do Porto Pindorama

No Plano Diretor de Santa Vitória do Palmar (Lei nº 2.715, de 3 de outubro de 1995), o Porto Pindorama - da capela de Nossa Senhora dos Navegantes à Lagoa - é uma das três áreas especiais, dado seu valor histórico e cultural e, conseqüentemente, sua presumida expressividade turístico e de lazer, o que deveria ser estudado e tratado (SANTA VITÓRIA DO PALMAR, 1995).

No site da Prefeitura Municipal, o Porto é apresentado como obra de engenharia, revitalizado e como promessa de emprego e renda pelo turismo. Há orientações/prescrições sobre o que praticar ali em termos de lazer, bem como o modo de apreciar a paisagem: o por do sol é recomendado. Na íntegra:

Com uma vista inigualável da Lagoa Mirim, a cerca de 10 minutos do centro da cidade, Santa Vitória do Palmar abriga um pequeno porto lacustre às margens da lagoa. A obra, iniciada em 1942, foi considerada a maior de engenharia até os anos 50 e, nos últimos anos, recursos têm sido investidos na sua revitalização. Além de atender o modal hidroviário da região, como uma porta de entrada e saída de comércio do Mercosul, o Porto atua também como chamariz turístico, de forma a aproveitar o potencial natural para a geração de emprego e renda de maneira sustentável. Suas instalações consistem em um pier com extensão total de 451,10 metros, fazendo do Porto um lugar perfeito para tomar um chimarrão com os amigos à tardinha ou aproveitar para relaxar lendo um bom livro. O local atrai também os apaixonados pelo esporte e é indicado para a prática de esportes aquáticos como *stand up paddle*, caiaquismo e pesca. O Porto santa-vitoriense é hoje um local para os moradores de Santa Vitória e para os visitantes aproveitarem momentos de lazer e se deslumbrarem com o magnífico pôr-do-sol [sic] que a vista do mirante proporciona. (SANTA VITÓRIA DO PALMAR, 2019, s. p.).

Além disso, “a cultura da comunidade do Porto pode ser sustentada a partir de alternativas econômicas para os moradores do bairro, fomentando atividades sustentáveis na localidade e no município, a partir do desenvolvimento do ecoturismo.” (VARNIER, 2017, p. 108). O Bairro onde se localiza é o Getúlio Vargas, local de residência de classes mais pobres, a maioria, pescadores (FERREIRA, 2009), embora menos da metade viva da renda da pesca,

<sup>45</sup> Dois deles construídos em 1942, os outros dois, em 1964 (SANTA VITÓRIA DO PALMAR, 2019).

<sup>46</sup> O *site* coloca a praia do Hermenegildo como se estendendo por 119km, até a divisa com Rio Grande. (SANTA VITÓRIA DO PALMAR, 2019).

pois há aposentados, e outros vivendo de trabalhos eventuais. A chamada comunidade do Porto faz parte da colônia de pesca Z-16; em fevereiro, ali, ocorre a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes/Iemanjá, com procissão por água (PIEVE; KUBO; SOUZA, 2009). “Além das lavouras de arroz com seus canais de irrigação também bem próximos da comunidade e pecuária no seu entorno, verifica-se o plantio de eucalipto para lenha, muitas vezes, trabalho temporário para os pescadores locais” (idem, p. 71).

Segundo Vieira (2014), o Porto Pindorama é considerado beleza cênica pontual do pampa gaúcho. Varnier (2017), por sua vez, aponta o Caminho do Porto, como uma paisagem periurbana de alta diversidade, média naturalidade, grande singularidade, com alguns detratores pequenos e médios e qualidade visual média-superior. Já a Lagoa Mirim (o porto em si) possui diversidade média, naturalidade média-superior, grande singularidade, detratores pequenos e grandes e qualidade visual média-superior (idem).

O Cerro de São Miguel<sup>47</sup>, bem como a margem oeste da Lagoa (ambos no Uruguai), são visíveis desde o Porto. A elevação (200m) é uma das únicas no entorno da Lagoa Mirim (EMYDGIO, 2008). Ocorrem, no Porto, áreas alagadiças e inundáveis, sobretudo sob interferência de uma represa uruguaia (VARNIER, 2017). Essas paisagens de fronteira (*bordescapes*) são resultado de uma soma de várias interpretações que vêm de públicos diversos, em vez de como um conjunto objetivo de formas. São, ainda, produtos de uma rede intrincada de intertextualidades, porque são derivadas de influências históricas e culturais (DELL'AGNESE; SZARY, 2015).

A foto do Porto no site da Prefeitura busca ressaltar melhorias da administração atual (MELLO, 2017). O trapiche (antes bloqueado para pedestres) sugere caminhada, movimento em direção à paisagem, sobretudo, o pôr do sol. Os bancos sugerem parada para contemplação.

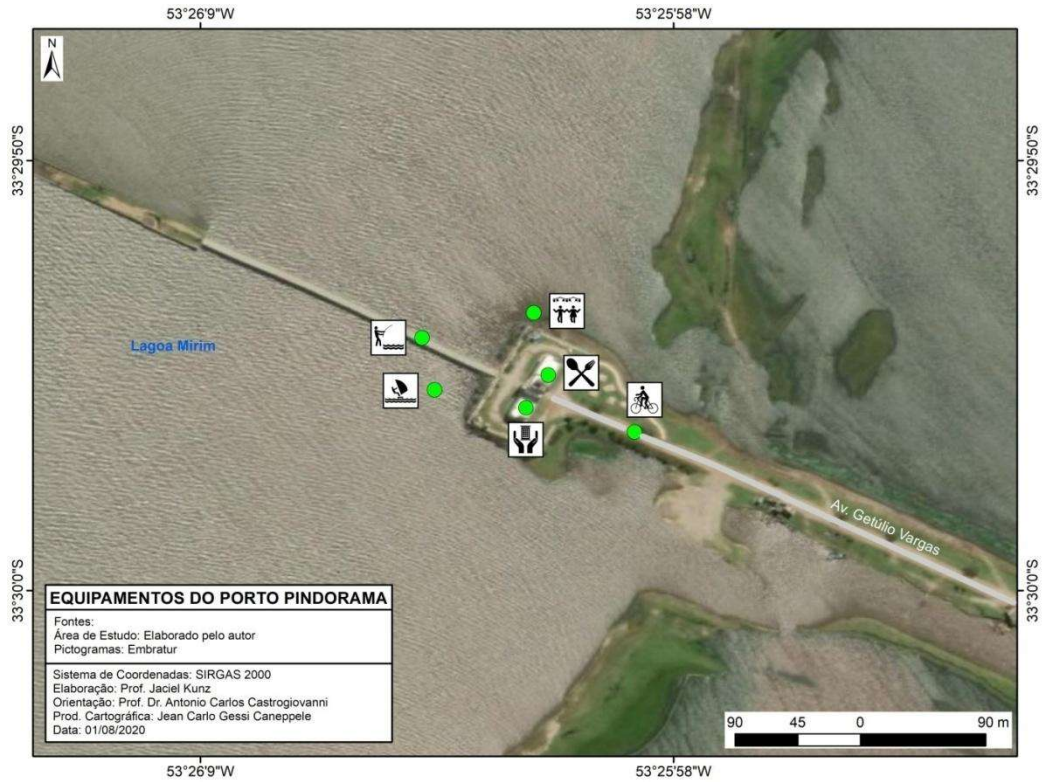
A mapa 5 exhibe o acesso, a infraestrutura e as atividades do/no Porto Pindorama.

---

<sup>47</sup> O Forte de São Miguel (*Fortín de San Miguel*) possui vista para onde a Lagoa inicia. Foi construído pelos portugueses, em 1737, e tomado pelos espanhóis três anos mais tarde (TURISMO ROCHA, 2017).



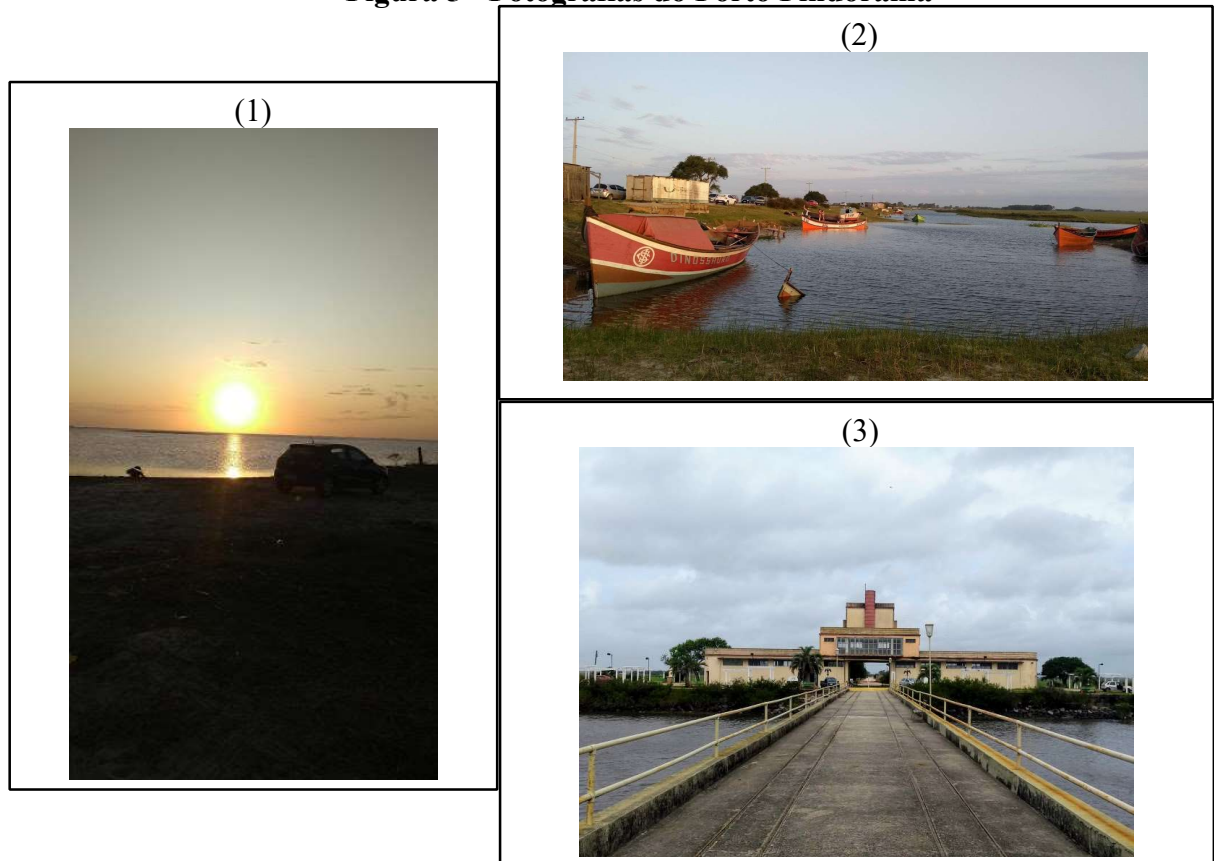
### Mapa 5 - Infraestrutura no Porto Pindorama



Fonte: Jean Cannepele (2020).

No antigo terminal, funcionam duas concessões para serviços de alimentação, sanitários e, também, o Museu Mário Costa Barbarena, voltado à Paleontologia e criado sob iniciativa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

A Figura 5 exhibe fotos do prédio do Porto e seu entorno, clicadas em campo.

**Figura 5 - Fotografias do Porto Pindorama**

Fonte: o autor (2020).

A Foto 1 exibe um pôr do sol no mês de janeiro; a Foto 2 mostra os fundos do terminal, no canal onde ficam atracados barcos pesqueiros e outras embarcações; e a Foto 3 exibe o terminal (em formato de barco), visualizado do antigo trapiche do Porto.

No cenário de turismo e lazer, notemos que no Porto há um ponto de coleta para monitoramento da qualidade da água, o que faz parte do Projeto de Balneabilidade durante o veraneio (FEPAM, 2019). Durante a estada em campo, as águas estavam próprias para banho.

O estudo de Silva (2014) demonstrou que o Porto é um lugar apropriado por seus frequentadores como local de sociabilidade, memória e afetividade. Dada a proximidade e o espaço convidativo, os sujeitos são cidadãos-turistas, em geral, oriundos da própria cidade.

Já Mello (2017) discutiu as repercussões do projeto de revitalização do Porto e seu entorno, entre 2006 e 2008, o qual contou com aportes financeiros do Ministério do Turismo. Houve restauro do terminal, combinado à revalorização do entorno (por exemplo, mobiliário urbano). Contudo, passada uma década da inauguração, considerou que as estratégias de planejamento para ativação turística do local foram insuficientes. Embora haja o discurso de potencial turístico por parte da comunidade e do Poder público local, o Porto é reconhecido

pela infraestrutura insuficiente, sobretudo, de acesso ao local, bem como pela falta de animação turístico-cultural. Também, o enquadramento do Porto em IP4 (pequeno porte, o ideal seria), área de Marinha, bem como a falta de um Plano Diretor para o Porto (um ordenamento), seriam empecilhos para o estabelecimento de empreendimentos turístico-recreativos. Não há presença da Marinha, Capitania dos Portos ou alfândega. O Porto foi usado como símbolo da cidade pela Administração municipal anterior. Caberia maior inserção da comunidade, bem como interpretação patrimonial (MELLO, 2017).

Notamos que as motivações para construção do Porto são históricas e guardam relação com as trajetórias da formação socioespacial e das interações espaciais do município e com a zona fronteira. O Porto, hoje, é uma rugosidade no tecido espacial, formando um arranjo próprio. Nesse sentido, indagamos como ocorreu a refuncionalização dessa infraestrutura e a que processos sociais esteve vinculada.

Em 1852, uma grande charqueada<sup>48</sup> foi construída por Joaquim Gomes Campes, juntamente com um pequeno atracadouro, no então Pontal das Capinchas (ou Capivaras), à esquerda do Porto, antes mesmo da fundação do povoado de Andréa. No mesmo local, no início do século seguinte, José Estela organizou um complexo saladeiro, possivelmente, utilizando as bases do complexo original (FERREIRA, 2009).

Não tardou a iniciar a navegação lacustre de pequeno e médio calados<sup>49</sup>. Embarcações partiam do Rio Grande, cruzavam o Canal de São Gonçalo e infiltravam-se pela Lagoa Mirim, até São Miguel (AMARAL, 2008). No início do século XX, era intenso o movimento de barcos que ligavam a cidade a Jaguarão, Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre. Dois vapores do Lyod brasileiro (com 75ton. cada) e o vapor América (da Companhia Fluvial Jaguareense) – o único que viajava até Porto Alegre (até 150ton) – ancoraram no Porto. Também havia transporte a barcos a vela (iates) para as cargas, com até 45ton (EMYDGIO, 2008).

Na década de 1930, época de construção do Porto, havia em Santa Vitória do Palmar uma agência do Loyd brasileiro que administrava passagens e cargas em alguns vapores, como o Colombo, o Rio Grande, o Juncal e o Laguna Mirim. Esses atravessavam a Lagoa e deixavam os visitantes em Cebollatí, Uruguai (AMARAL, 2008).

Os ventos são fortes, e a Lagoa sofre oscilações em seu nível. Assim, no início do século, os barcos que chegavam tinham de fundear ao longo (ficando desabrigados do vento),

---

<sup>48</sup> Emygdio (2008) fala em duas charqueadas na área.

<sup>49</sup>“No período compreendido na primeira década do século XX foi o seguinte o movimento marítimo, tendo como ponto final o ancoradouro de Santa Vitória do Palmar – 4 vapores de passageiros, 20 iates, 4 barcas e 1 chalupa, num vai e vem constante de uma praça para a outra.” (AMARAL, 2008, p. 38).

e eram descarregados em embarcações menores, sendo a carga transportada até a cidade. O frete de Rio Grande a Santa Vitória era caro, pelas muitas baldeações. Santa Vitória do Palmar chegou a sonhar com a ligação férrea com a Estação da Quinta, o que nunca se concretizou, pois, para tal, seria necessário, em Rio Grande, um molhe (que só seria construído nos anos 1940) e uma estrada férrea de 6km até o centro (EMYDGIO, 2008).

O Porto foi importante para a Cooperativa de Lãs, fundada em 1952, e para a Cooperativa Agrícola Vitoriense, fundada em 1961: ambas se instalaram na avenida que dá acesso ao porto. Até 1969 as cooperativas escoaram produtos via Lagoa Mirim (FERREIRA, 2009).

Assim, antes de trechos rodoviários consolidados, a Mirim era a via natural de acesso do extremo sul do Brasil ao restante do estado e do país. Houve serviço de ônibus pela costa marítima<sup>50</sup> e, por automóvel, somente após construção rodovia BR-471, na década de 1970, ligado a Quinta (Rio Grande) ao Chuí. Tal só se sucedeu após o abandono do Porto e da navegação e da mobilização do município (AMARAL, 2008).

Ainda não citada, a construção do Porto (o único na Lagoa Mirim) foi possível com a segunda lei orgânica do município, na década de 1940, a partir da qual surge a ideia da construção de um porto na cidade. A iniciativa deve-se a Manoel Vicente do Amaral, sobretudo, por sua relação de amizade com o presidente da época, Getúlio Vargas. Outra figura, Dr. Carneiro, juiz da comarca de Santa Vitória do Palmar, amigo de Vargas, também contribuiu (AMARAL, 2008; FERREIRA, 2009).

O Porto só seria terminado nos anos 1950, contando com um trapiche de concreto e outras instalações, exatamente quando o desenvolvimento do transporte rodoviário solapa a navegação na Lagoa (EMYDGIO, 2008).

---

<sup>50</sup> “Tínhamos àquela hora apenas a beira do mar, contando com a bravura de um castelhano [sic] com coração brasileiro, mantendo uma linha de ônibus pelo litoral Atlântico.” (AMARAL, 2008, p. 38).

### 3 COM QUAIS CORES TRABALHAMOS AS PIPAS QUE FORMATAM A ABÓBODA CELESTRE? - REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL

*“As paisagens são culturais antes de serem natureza; construções da imaginária projetadas sobre pedra e água.”  
(Simon Schama)*

#### 3.1 A PAISAGEM COMO MODO DE VER: A NOVA GEOGRAFIA CULTURAL – NGC

**Objetivos desta parte:**

- Situar os estudos da paisagem na (Nova) Geografia Cultural;
- Contextualizar a história do conceito de paisagem;
- Apresentar a etimologia do vocábulo “paisagem”;
- Aproximar/distanciar a ideia de paisagem e as de natureza e jardins;
- Discutir a paisagem como terra pintada;
- Examinar a visão na linguagem, no conhecimento e na experiência ocidentais;
- Vincular o ocular-centrismo ao olhar turístico;
- Aproximar o olhar romântico das práticas proto-turísticas do Grand Tour;
- Percorrer o caminho dos mecanismos de percepção e representação;
- Distinguir paisagem, natureza e cenário;
- Desvelar a perspectiva linear como relevante na pintura de paisagens, em dada época;
- Discutir os regimes de visibilidade no âmbito da exposição.

As definições do geógrafo inglês Denis Cosgrove das décadas de 1980 e 1990 tratam a paisagem como produto cultural e, conseqüentemente, como “expressão fenomênica do modo particular como uma sociedade específica está organizada em um dado tempo e espaço” (CORRÊA, 2011, p. 13), ou seja, as formações econômica e social. Nesse aspecto, tangencia os conceitos de Milton Santos, quem, na década de 1970, abordara o espaço como formação socioespacial. Por ora, parece-nos que a paisagem não fora conceito central na Geografia de Milton Santos, pelo menos não em sua dimensão cultural e simbólica.

O conceito de paisagem de acordo com a Geografia Cultural Norte-americana está associado ao ainda bastante citado Carl Sauer (de 1925), quem levava em conta a gênese e a morfologia das paisagens, resultado da transformação da natureza pelos grupos culturais (SAUER, 1998).

A contribuição de Cosgrove, contudo, não teria sido menor que a do seu antecessor, na avaliação de Corrêa (2011). Na realidade, ele observa rupturas com a Geografia Cultural

Sauer - formando uma NGC – combinada com continuidades, em que Meinig (1979) seria um intermediário.

Nesse ínterim, passa-se a conceber que paisagem não seria apenas uma forma material resultante da transformação da natureza por meio da ação humana transformando a natureza, passando a ser também como forma simbólica<sup>51</sup> e, como tal, impregnada de valores (CORRÊA, 2011).

A paisagem é um dos poucos conceitos modernos capazes de ser, a um só tempo, o referente de algo e o descritor desse mesmo algo, ou seja, objeto e significante; é objeto e representação ao mesmo tempo, porção do território ou representação imagética deste (MINCA, 2007, 2008).

Paisagens e representações do espaço são as mais fundamentais expressões da espacialidade humana. Se, numa primeira análise, a paisagem pode parecer superficial ao estudo do espaço, ao ser tomada numa visão mais aprofundada, adquire centralidade para a Geografia. A paisagem denota o modo como a Geografia é vista, imagetizada e imaginada. A observação parece ser o elo entre a paisagem como ciência e paisagem pintada ou estética (BRADY, 2003; CORRÊA, 2011; COSGROVE, 2002).

Portanto, a paisagem não é intelectualmente superficial, tampouco insignificante como objeto da reflexão geográfica, em que pesem as críticas ao sentido da visão que impregna a paisagem, no que tange a privilegiar a superfície e a forma sobre a profundidade: a visão e ação estão conectadas (COSGROVE, 2002).

Com a NGC, Cosgrove (2008) considera que o espaço geográfico<sup>52</sup> existe no tempo histórico, envolvendo, portanto, relações contingentes entre um observador ativo e o seu campo de observação. Olhar a paisagem vai além de fornecer traços, na medida em que os elementos paisagísticos são ativos em constituir e moldar os ambientes que ocupamos, bem como as práticas sociais e espaciais. Ler a paisagem – *in loco*, ou por meio de imagem/texto – abordando-

---

<sup>51</sup> Para Corrêa (2007, p. 15), as formas simbólicas são marcas e matrizes, as quais, conforme os termos de Berque (1988), estão “presentes na criação e recriação das práticas sócio-espaciais.”

<sup>52</sup> O espaço geográfico é, para Milton Santos (2002), um conjunto indissociável, solidário e contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações; atualmente estaríamos vivendo o meio técnico-científico-informacional. “A paisagem cultural pode ser abordada como uma das principais expressões geográficas dessa coevolução [de técnicas], cujo exame crítico é uma preocupação atual [também] dentro da Geografia Cultural.” (COSGROVE, 2002, p. 250). Além da forma (objetos técnicos), são elementos do espaço geográfico, de acordo com Milton Santos (2002), a função (dá ação a um objeto), a estrutura (essência, totalidade una) e os processos. Quanto ao “objetos-ações”, o ato é mais que ação, ao incluir a intencionalidade, esta, uma ligação entre sujeito (poucos são verdadeiramente sujeitos, segundo ele) e objeto, que se criam mutuamente; sob a ação da forma revelam-se os eventos, os quais reproduzem em simultâneo o próprio espaço geográfico. “É o espaço que, afinal, permite à sociedade realizar-se como fenômeno.” (SANTOS, 2002, p. 119). A historicidade é a realização completa. (idem).

a como testemunho da ação humana, torna-se contribuição honorável à Geografia Cultural, de modo a que atinja seus objetivos, quais sejam, de conhecer o mundo e entendermos a nós mesmos (COSGROVE, 2008).

O conceito de paisagem não é propriedade exclusiva da Geografia Cultural, extravasando, até mesmo, a ciência geográfica. Embora com fronteiras menos estritas, há que serem respeitados os distintos campos disciplinares. Em realidade, a paisagem implica movimento por um complexo campo filosófico e político, concernente ao controle e direito à terra e à reivindicação de autoridade sobre o espaço público-privado. Assim, o poder da paisagem reside no fato de ser simultaneamente terreno da Economia, da sociedade, do político e do valor estético, cada qual inserido no outro (idem). Desse modo, pintar as paisagens, as terras e os territórios foi elemento-chave na expressão geográfica do projeto Moderno racionalista (COSGROVE, 2008; MATLESS, 2002).

Quando e onde, no Ocidente, a paisagem surge como esquema simbólico de contato com a natureza? Segundo Cauquelin (2007), por volta de 1415, na Holanda, após a elaboração da perspectiva. Seria essa uma das respostas mais aceitas. Emerge sob o termo *landschap* (TUAN, 2012), literalmente, “pedaço de país”, em Holandês, ou seja, certa porção de espaço delimitada por uma janela pictórica (ROGER, 2008).

No final do século XVI, quando foi transportada para a Inglaterra, o termo perdeu a conotação original, vinculada à terra e adquiriu significado voltado à Arte, passando a ser ali considerada um panorama abarcado, desde um dado ponto. Fora pano de fundo de retratos oficiais, ou seja, cenário de certa pose. Ainda dentre as concepções inaugurais da palavra “paisagem”, desponta *landscape*, que surge no século XVII na Inglaterra, como o visível a partir de um determinado ponto privilegiado (COSGROVE, 2002; TUAN, 2012).

“Na Inglaterra, no século XVIII, a assim chamada paisagem natural, tornou-se popular. A paisagem natural era tanto um trabalho de arte e de realização de engenheiros, quanto paisagem simétrica.” (TUAN, 2012). “A paisagem é justamente a apresentação culturalmente instituída dessa natureza [ou, melhor de partes dessa natureza] que me envolve.” (CAUQUELIN, 2007, p. 143).

Não há dúvida de que é por esse viés que a natureza está presente na paisagem, não porque seria uma parte dela, valendo pelo todo, mas porque é produzida por uma seqüência [sic] de regras, cuja coerência faz um objeto em tudo e por tudo semelhante a um objeto natural. (idem, p. 186).

“Por sua vez, a paisagem não tem a mínima necessidade de legitimação. Ela parece bastar a si mesma, em sua perfeição 'natural'. Tudo se passa como se se estabelecesse uma transparência entre a 'natureza' e nós, sem intermediário.” (idem, p. 121).

A natureza não despertou muito interesse entre os europeus ricos até fins do século XVIII e começo do século XIX, quando grande número de gente rica se interessou pelas paisagens. Observar a natureza passou a ser um passatempo de moda.” (TUAN, 2012, p. 177). Leia-se, moda para uma aristocracia, não voltada a trabalhadores camponeses e, assim, “podemos tomar as paisagens pintadas como estruturações particulares da realidade que, durante um tempo, desfrutaram da apreciação popular.” (idem, p. 173). A curiosidade científica é tida como uma motivação para a mirada, combinando-se ao prazer pela beleza (idem).

Em suma, costumam-se distinguir pelo menos duas acepções para o termo e o surgimento da paisagem: (a) raízes germânicas (*landschaft*), tem a ver com a comunidade agrária, jurisdição, espaços rurais ou regionais e, derivada desta, (b), mais moderna, de unidade estética, tomada como produto de determinadas qualidades visuais, como composição, forma e cor - o que tem a ver com *landskip*, paisagem a ser pintada. Porém, enquanto a Terra é quantitativa e homogênea, a paisagem mostra-se qualitativa e heterogênea (BROOK, 2013; COSGROVE, 2008; COSGROVE; DANIELS, 1984; INGOLD, 2000; WYLIE, 2007).

Mudanças no gosto em relação à paisagem eram reflexos de novas ideias advindas da Filosofia, incluindo o campo da Estética. Em um contexto paralelo à contextualização e significação da paisagem na Europa está a prática dos jardins em perspectiva (BRADY, 2003; COSGROVE, 2002). Uma teoria desses jardins de ócio aponta para “[...] traços distintivos longe da cidade” (CAUQUELIN, 2007, p. 61). Embora um tangencie o outro, a paisagem está fora do campo de visão cotidiana (idem).

A paisagem deriva do envolvimento ativo de um sujeito com um objeto material. Não é meramente o mundo que vemos, mas sim uma construção, uma composição desse mundo, apesar de sua aparente objetividade, provendo códigos de leitura das intencionalidades. A paisagem é, assim, concebida como uma maneira de ver, participando de geografias e histórias da visão. Tanto a paisagem, quanto o mapa são termos fortemente pictóricos: é a visão que os conecta tão intimamente à Geografia e, assim, a visão ativa mostra-se inescapável à prática da Geografia enquanto ciência (COSGROVE, 2008; COSGROVE; DANIELS, 1984; WYLIE, 2007).

Desse modo, a paisagem torna-se “uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma ‘cena’, em uma unidade visual” (COSGROVE, 1998, p. 98), indicando novas relações entre seres humanos e ambiente, ou seja, leva ver o mundo como ordenador e



harmonioso, e cujos mecanismos “[...] são acessíveis à mente humana, assim como ao olho, e agem como guias para os seres humanos em suas ações de alterar e aperfeiçoar o meio ambiente.” (idem, p. 99)

Assim, a conceituação de paisagem elaborada por Cosgrove implica que não seja apreendida somente pela ciência, mas também por meio da experiência que proporciona (CORRÊA, 2011). A experiência da paisagem consiste “em selecionar, enquadrar, composto o que é visto; em outras palavras, o observador exercita um poder imaginativo de transformar o espaço material em paisagem.” (COSGROVE, 2002, p. 254). As distintas visões de mundo interferem na leitura da paisagem: a visão do mundo é uma experiência conceitualizada; esta é parcialmente pessoal e, em grande, parte social, sendo também uma atitude ou um sistema de crenças (TUAN, 2012).

Diante do exposto, a paisagem é cada vez mais abordada como um processo contínuo, por meio do qual a natureza é produzida e consumida, pela cumplicidade com a visão, em vez de tomada como forma acabada. Pode ser reconhecida na dinâmica impressa no caráter relacional das representações e das práticas. Mais do que entender o que a paisagem significa, é preferível buscar entender como ela funciona, como veículo de identidades, como reivindicação cultural, como fonte de lucro e como espaço para gêneros de vida (COSGROVE, 2002; CROUCH, 2010; MATLESS, 2002). A visão lírico-romântica da paisagem é influenciada por culturas. “A significação afetiva de certas paisagens pode ser codificada por meio de verdadeiros estereótipos que condicionam a percepção individual (a do turista, particularmente).” (COLLOT, 2012, p. 23).

Em suma, há pelos menos três implicações conceituais da paisagem: a) ênfase nas formas visíveis, sua composição e estruturação espacial; b) unidade, ordem e coerência do ambiente; c) intervenção humana e respectivo controle das forças que (re)modelam o espaço. Isto porque toda intervenção humana consiste em transformar natureza em cultura (COSGROVE, 1998).

Em sua trajetória histórico-conceitual, a paisagem acabou por impor-se como questão do domínio do espaço sensível e, paralelamente, a viagem converte-se em exercício burguês para confirmação visual da natureza em tal domínio (MINCA, 2008).

### 3.2 PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO VISUAL

Enraizada na segunda onda feminista dos anos 1980 e 1990, o olhar (*gaze*) foi considerado inescapavelmente voyeurístico, dominador e explorador. Assim sendo, a

Geografia, muitas vezes, desconfiou da visão e da imagem<sup>53</sup>. Contudo, a longa tradição que conecta paisagem e visão continua forte na Geografia. O julgar a paisagem, por parte do geógrafo, é um exercício comparativo e discriminante, é uma atividade típica do olhar (BESSE, 2014; COSGROVE, 2008).

“A paisagem é da ordem da imagem, seja esta imagem mental, verbal, inscrita sobre uma tela, ou realizada sobre o território (*in visu* ou *in situ*).” (BESSE, 2014, p. 62). Assim, a imagem territorial está intimamente relacionada ao que entendemos por paisagem. A luz é presença unificadora em cada uma das escalas da visão geográfica (CORRÊA, 2011; COSGROVE, 2002; COSGROVE; DANIELS, 1984). As imagens da paisagem constroem e, ao mesmo tempo, “[...] refletem a expressão geográfica das identidades individuais e sociais.” (COSGROVE, 2008, p. 250).

A paisagem coloca-se na lacuna entre representações espaciais modernas e a nossa experiência do mundo. Nesse sentido, há contínua evolução da experiência espacial concomitantemente ao desenvolvimento de técnicas e significados do ver no Ocidente (pós) moderno. Os conteúdos mudaram e, com a experiência do mundo, ocorre o mesmo: a tecnologia evidencia a artificialidade da sua constituição como paisagem (CAUQUELIN, 2007; COSGROVE, 2002; MINCA, 2013).

Diversos autores apontam a primazia cultural da visão na experimentação do espaço, o que é intensificado pela tecnologia, evidente em uma variedade de formas, especialmente, no Moderno (COSGROVE, 2002; MINCA, 2007; TUAN, 2012). Isso pode ser argumentado pelos vocábulos – em língua inglesa, com alguns correspondentes em português – implicados com o olhar e a visão, tais como *sight*, *vision*, *staring*, *seeing*, *gazing* etc., demonstrando com isso que o sentido da visão é mais que uma marca passiva das impressões formadas pela luz na retina ocular (COSGROVE, 2002).

Ainda em termos linguísticos, a cultura grega, marcadamente plástica, aproxima *eidos* (figura ou forma) de *idea*. No Latim, *video* (eu vejo) é afim a *idea*. Algumas locuções, como “olhar por”, “estar de olho”, “não perder de vista”, associam a visão à atenção e ao cuidado. Em português, olho e olhar são aproximados, o que não ocorre em outras línguas latinas, em que o órgão sensorial da visão possui raiz etimológica distinta da do ato ocular (BOSI, 1999).

“Dos cinco sentidos, somente a audição (referida à linguagem) rivaliza com a visão no léxico do conhecimento. [...] Se o olhar usurpa e é usurpado por todos os outros sentidos [...] não menos espantoso é o léxico da visão domine o conhecimento intelectual.” (CHAUÍ, 1999,

---

<sup>53</sup>Críticas semelhantes foram direcionadas ao *tourist gaze*, de Urry (1996) (KNUDSEN; SOPER; METRO-ROLAND, 2007).

p. 39). Ainda, expressões como cenário atraente, vilarejo pitoresco e bonito como cartão-postal povoam nosso léxico cotidiano e turístico (CRAWSHAW; URRY, 1997).

Identificar algo como paisagem requer aprendizado (BERLEANT, 2012). O conceito de *gazing* ressalta que olhar é uma habilidade que pode ser aprendida, não havendo, assim, olhar puro ou inocente. Ver é o que o olho humano faz; já o *gazing* refere-se a determinações discursivas do olhar socialmente construído. São essas as matrizes que permitem ver as formas físicas e espaços materiais ante seus olhos como interessantes ou belos. Tais condicionamentos não são propriedade da visão de cada indivíduo: até que ponto o indivíduo é sujeito de sua própria visão? O chamado olhar turístico compreende discursos, práticas visuais aprendidas, signos, tecnologias visuais, sítios para ver, uso de câmeras e, em alguns casos, o visualmente extraordinário<sup>54</sup>. Os paradigmas que estudam ou enquadram o olhar do turista não devem conceber que ver é acreditar, pois algumas coisas sempre ficarão escondidas, inclusive, coisas familiares (LARSEN; URRY, 2011; MACCANNELL, 2001).

Acreditamos que “ver não é pensar e pensar não é ver, mas que sem a visão não podemos pensar, que o pensamento nasce da sublimação do sensível no corpo glorioso da palavra que configura campos de sentido a que damos o nome de idéias [...] O olhar [...] é a definição mesma do espírito.” (CHAUÍ, 1999, p. 60-62).

Pensamento e visão são, por vezes, equiparados na Filosofia Ocidental. A visão possui um *logos* implícito, um pensamento visual e uma capacidade perceptiva. Embora com afinidades, olhar e conhecer não coincidem totalmente, pois há de se considerar o papel e a interação dos outros sentidos; no pensamento antigo sobre o conhecer, o olhar manifesta-se em dois eixos: o receptivo e o ativo (BOSI, 1999; COLLOT, 2012).

Segundo Bosi (1999), a relação entre olho e cérebro é íntima, já em termos evolutivos, dado que “a estrutura celular da retina nada mais é que a expansão diferenciada da estrutura celular do cérebro.” (p. 65), ou seja, o olho complexificou-se para dar origem ao córtex. O órgão visual externo é ligado ao sistema nervoso central por meio dos nervos ópticos.” (idem). “A frontalidade dos olhos no rosto humano remete à centralidade do cérebro.” (BOSI, 1999, p. 65). A maior parte das informações sensoriais que o ser humano “pós-moderno recebe é oriundo de estímulos visuais, cerca de 80%” (idem). Alguns, como Tuan (2012), asseveram que o ser humano é um animal visual.

Olhar é ato de significação e intencionalidade, definindo a essência do agir humano (BOSI, 1999). Diferentemente do órgão externo, olhar é o “[...] movimento interno do ser que

---

<sup>54</sup>MacCannell (2011) questiona-nos, porém, se ao assumirmos essa posição, não estaríamos presumindo que a vida ou o cotidiano de todos, sem exceção, é maçante, o que parece não ir ao encontro da realidade.

se põe em busca de informações e significações [...]” (idem, p. 66). “O olho é, a sua maneira, artista, paisagista.” (COLLOT, 2012, p. 20).

Contudo, “[...] não temos a consciência de utilizar artifícios para perceber, admirar e desfrutar uma paisagem: acreditamos estar simplesmente fazendo uso de nossos sentidos [...]” (CAUQUELIN, 2007, p. 114). A visão humana não é só uma questão de ótica ou percepção, mas também uma construção social, o que excede as informações registradas na retina do olho a partir da luz exterior. A percepção representa o nível mais íntimo de nossa relação com as paisagens (BERQUE, 2009; COLLOT, 2012, 2016; COSGROVE, 2008).

Além disso, em razão de avanços científicos, inclusive na Neurologia, tem havido gradativa ênfase nas relações entre a visão e os demais sentidos. Tem-se reconhecido que o olho está sempre incorporado a um corpo de carne e osso, um todo muscular, esquelético, orgânico e neurológico, no qual nenhum sentido opera independentemente dos outros (COSGROVE, 2008).

Todos os sentidos humanos são geográficos, na medida em que contribuem para os sujeitos, entre outras funções, orientarem-se no espaço. Historicamente, até o século XVIII, a viagem a ambientes diferentes era amplamente baseada no discurso falado, no sentido da audição e na estabilidade da narrativa oral dos lugares do mundo. O olfato, por exemplo, parece propiciar um encontro mais direto e menos premeditado com a paisagem e o ambiente e que não podem ser facilmente acionados e desligados (ADLER, 1989; URRY, 1999b).

Paralelamente à hegemonia da visão na Europa, ocorria a transformação da natureza em espetáculo. O século XIX é conhecido como o mais visual: a natureza aos poucos foi vista como sinônimo de cenários, vistas e percepções romantizadas, especialmente, em decorrência da literatura romântica. A visão é não somente secular, na medida em que a natureza foi concebida para ser algo vista a partir dos olhos de um deus onisciente e não somente aos olhos dos humanos ou dos pintores (URRY, 1999b).

É um sentido individual, social, intencional e culturalmente condicionado: boa parte do aprendizado é pessoal, ainda que ditada por convenções sobre o que ver, por quem, quando e em que contexto (COSGROVE, 2002). “Só vemos o que já foi visto e o vemos como deve ser visto” (CAUQUELIN, 2007, p. 96). “O mesmo se dá com a paisagem, sua ‘realidade’ social, uma construção que é passada por filtros simbólicos, antigas heranças.” (idem, p. 96).

A visão e sua percepção por si só já interpretam, semantizam e organizam simbolicamente. A mensagem sensorial é interpretada também em função de esquemas obtidos pelas experiências, construídos e reforçados por aprendizagens socioculturais (COLLOT, 2012).

Percepção visual, experiência e conhecimento parecem caminhar lado a lado.

Percepção vem de *percipio* que se origina em *capio* – agarrar, prender, tomar com ou nas mãos, empreender, receber, suportar. Parece, assim, enraizar-se no tacto e no movimento, não sendo casual que as teorias do conhecimento sempre a considerassem uma ação-paixão por contato: os sentidos precisam ser tocados (pela luz, pelo som, pelo odor, pelo sabor) para sentir. (CHAUI, 1999, p. 40).

“*Percepção* é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos como a atividade propositiva, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sobra ou são bloqueados.” (TUAN, 2012, p. 18, grifo do autor). “A percepção é seletiva, já que não se encarrega de todos os dados que os sentidos proporcionam. Isso se deduz seu caráter global: nem todos os dados sensíveis são percebidos, só aqueles que são essenciais para identificar um objeto como tal.” (SANCHEZ-VAZQUEZ, 1999, p. 137-138). Dado que o sujeito é um ser social, o ato de perceber é individual e social a um só tempo, a partir de esquemas/códigos perceptivos de organização dos dados sensoriais (idem).

Morin (2015) destaca a existência do grande cômputo operado pelos Sujeitos.

A megacomputação cerebral constitui um cômputo, ou seja, um ato autoexorreferente que se autocomputa computando os estímulos vindos do exterior, e esse ato é ao mesmo um ato egocêntrico que unifica o conhecimento do indivíduo como sendo o *seu* conhecimento. (MORIN, 2015, p. 67, grifo do autor).

Primeiramente, o cérebro analisa (percepção sensorial) e, depois, a sintetiza em razão de certas regras organizadoras da percepção e da representação. A percepção produz e, ao mesmo tempo, necessita de representação (MORIN, 2015b). Em termos de paisagem, partimos da percepção, tendo como resultado as interpretações e representações dessa paisagem (COSGROVE, 1998).

A representação possui caráter: dialógico (entre objeto e subjetivo, espírito e matéria); recursivo, a partir do “[...] circuito construtor [...] que parte do olho (estímulos fotônicos) para retornar ao olho (visão tridimensional) reconstruindo o mundo a partir das ‘amostras coletadas’” (MORIN, 2015, p. 120); e, holoscópico, “pois [o] produto das visões panorâmicas que invadem o horizonte mental e tiram do olhar, da audição, do olfato, a forma, as formas e a consciência do mundo exterior; é igualmente hologramático nos modos de inscrição e rememoração.” (idem, p. 121). Já desde o mundo antigo concebe-se que olhar é fronteira permeável entre o sujeito e o mundo externo, pois, tanto recebe estímulos luminosos, “[...] quanto se move à procura de alguma coisa [...]”, entrecortando e interpretando a realidade (BOSI, 1999, p. 66).

A representação é uma emergência e, ao mesmo tempo, um produto global e material do trabalho da “megacomputação cerebral [...] como construção ‘simuladora’ de um análogo mental ‘apresentando’ e ‘tornando presente’ (daí a precisão do termo) a parte do mundo exterior captada pelo sentido.” (MORIN, 2015, p. 60-61).

Morin (2015, p. 119), então, acrescenta: “A representação é uma síntese cognitiva dotada de qualidades como globalidade, coerência, constância e estabilidade.” Parece haver relações entre representação e conhecimento do mundo: “toda representação é acompanhada, explícita ou implicitamente, por palavras e ideias que exercem sobre aquelas análises e sínteses. Assim, a representação é cognoscente [...]”

Para Collot (2012), sem a operação de percepção do longínquo, ato de pensamento dos mais sofisticados, não teríamos uma paisagem. A seleção dos elementos observados é psicológica e fisiológica. A observação à distância conta com parâmetros dinâmicos (como a movimentação de objetos) e com estáticos – perspectivas, textura, luz, nitidez etc. A própria estrutura dos aparelhos sensoriais é discriminante, contemplando abertura de campo, a focalização da retina e a ilimitada possibilidade de acomodação, como enquadramentos do espaço (COLLOT, 2012). No que tange a cores, é a cultura a responsável pelo rompimento do espectro de luz que efetuamos e pela designação dessas cores, a fim de representá-las (HALL, 2016).

“O ato físico do olhar é pouco criterioso e se nutre de um homogêneo e generalizado interesse. O olhar percorre e não se fixa.” (GOMES, 2013, p. 32). Olhar é amplo e generalizante, enquanto a visibilidade é dirigida, parcelar e seletiva, podendo ser analisadas as razões que levam sujeitos e coletividades a ver ou a não ver, dada a “[...]distribuição desigual o interesse por aquilo que é olhado [...] [em oposição] ao seu inverso, o invisível.” (idem, 2013, p. 34).

A visibilidade da paisagem é função de composição, “um conjunto estruturado de formas, cores ou coisas.” (GOMES, 2013, p. 23). Tal visibilidade é também função da exposição, definida pela situação espacial e pela posição de exterioridade. “Lugares de exposição são lugares de grande e legítima visibilidade.” (idem, p. 23). Esse é o caso dos destinos turísticos, das cidades globais, os centros cívicos (idem).

“O dispositivo visual que se desdobra na frequentação das paisagens possui um caráter *fundador* para o saber geográfico clássico.” (BESSE, 2014, p. 77, grifo do autor). Os significados atribuídos ao que é visto não são simples, porque sócio-históricos. A visão tem capacidade criativa que pode transcender o tempo-espaço (COSGROVE, 2008). As paisagens lacustres, aos olhos do turista, podem ser entendidas de duas maneiras: *stricto sensu*, a paisagem

da percepção ocular imediata, e *lato sensu*, a paisagem cujos significados são atribuídos pelos observadores (POTOCKA, 2013).

Consideremos, também, as tensões e complexidades ideológicas da paisagem, contemplando as complexas conexões entre ver, imaginar e representar geograficamente o mundo. Palavra complexa tem uma conotação abstrata e imaginativa, pois cria e projeta imagens mentais (COSGROVE, 2008)

Evidências da transformação estão na mudança do significado da palavra “natureza”, que, na Modernidade, adquiriu sinonímia quase perfeita com as palavras “paisagem” e “cenário” (TUAN, 2012). “A natureza perdeu as dimensões de altura e profundidade; ganhou qualidades pretensiosas de charme e de beleza natural. Neste sentido diminutivo, natureza evoca imagens semelhantes àquelas de campo, paisagem e cenário.” (idem, p. 187-188). “A cena é o palco, originalmente do teatro grego ou romano. Um segundo significado, agora o mais amplamente aceito, é o de paisagem ou vista, uma cena pitoresca, ou de representação pictórica da paisagem.” (idem, p. 188). Paisagem e cenário são, a partir de então, sinônimos. Uma pequena diferença reside em suas origens: cenário é associado ao teatro, como tal, um mundo ilusório, enquanto a paisagem é associada predominantemente ao real.

Tal visão alarga-se ainda mais, até que, no fim do século XX, refletiam novos modos de ver e, também, de ser, como a estética e a proteção ambiental e estética. Aliado a isso, nos últimos séculos tem-se intensificado a mecanização da visão, como o desenvolvimento da fotografia no século XIX, e a realização do voo motorizado, no século seguinte (idem). Assim, nesse mesmo século XIX, há a industrialização da imagem. Mais recentemente, é possível atravessar paisagens da realidade virtual, que mobiliza o olhar, combinada ao estímulo a outros membros do corpo. Esse contexto tem permitido avanços, tais como: coleta e classificação da informação espacial; escala e mapeamento e, imagens realísticas (COSGROVE, 2002; CRAWSHAW; URRY, 1997).

A hegemonia da visão expressa-se no ocular-centrismo (BANKS, 2009; CRAWSHAW; URRY, 1997; LÖFGREN, 1999; URRY, 2000), em que o olhar passou a ser o mais nobre e confiável dos sentidos, que possui uma faceta negativa, a partir da dominação visual e da vigilância institucional, partindo do panóptico. Embora apontado como mais nobre dos sentidos, é considerado o mais superficial, ao reduzir corpo/materialidade à superfície, marginalizando os múltiplos sentidos e empobrecendo as relações do corpo com seu ambiente (URRY, 2000), visto não haver hierarquia sensorial na percepção humana.

Toda experiência, quer visual, quer não, é moldada por determinados modelos artísticos (ROGER, 2008). Os cânones usados para avaliar uma obra de arte (pode ser uma

pintura) são os mesmos mobilizados para valorar uma paisagem que é bela, na medida em que podemos nela reconhecer um antecedente endossado artisticamente (passado) ou por meio da mídia - mais recentemente (MINCA, 2008, p. 12). A ponto de a pintura de paisagem, “[...] apesar de não passar de uma representação, tem a ver com a verdade fora de toda relação com a conformidade social [...] ela projeta diante de nós um ‘plano’, uma forma à qual se cola a percepção; vemos em perspectiva, vemos quadros [...]” (CAUQUELIN, 2007, p. 78-79). Fenomenologicamente, “A pintura de paisagem autêntica é aquela que exprime este excesso [de representação]: a paisagem é não saber.” (BESSE, 2014, p. 81).

A perspectiva é o próprio olhar da Renascença. Do legado renascentista, Descartes apenas manteve o olhar central e imóvel propiciado pela perspectiva. Para ele, as cores eram secundárias, pois não eram objeto da Geometria. O olhar do racionalismo clássico esquadriha, mas não promove a expressão (BOSI, 1999).

A hegemonia da perspectiva, nos séculos XVIII e XIX, faz-se acompanhar de novas teorias espaciais. Foi fundadora da revolução gráfica da Renascença. A perspectiva linear é uma metáfora do mundo moderno, a mesma modernidade que declarou guerra aos cheiros. No século XIX, a concepção de paisagem como perspectiva linear foi reforçada pelo movimento romântico, das paisagens sublimes e estereis (COSGROVE, 2008; MINCA, 2007; PANOFSKY, 2017; URRY, 1999b; 2000).

Segundo Collot (2016), perspectiva é ligada ao horizonte ocidental, que ocorre mediante a relação do observador com o ponto de fuga, no fundo do quadro - o sujeito é que traça o limite do campo visual, à altura do seu olho. Há substituição da profundidade horizontal pelo escalonamento de planos. “Quando o quadro adota um formato horizontal, desenrola-se sobre nossos olhos como um panorama móvel [...] correspondendo a muitos pontos de vista diferentes.” (COLLOT, 2016, p. 5). “A visão panorâmica surgiu da encenação do sublime em que as qualidades dramáticas da vastidão se tornaram critério central.” (LÖFGREN, 1999, p. 43, tradução nossa).

Então, “[...] é essa perspectiva, invenção histórica datada que ocupa o lugar de fundação da realidade sensível. Ela instaura uma ordem cultural na qual se instala imperativamente a percepção.” (CAUQUELIN, 2007, p. 114). Mas, também, dentro da perspectiva, há transposição da “[...] percebido ao dever ser percebido, e isso por meio de um reajuste permanente por meio da linguagem.” (idem, p. 114).

“A perspectiva – que é passagem através, abertura (*per-scipere*) – alcança o infinito, um ‘além’ que sua linha evoca.” (CAUQUELIN, 2007, p. 35). Chauí (1999) explica a etimologia e trajetória da palavra “perspectiva”. “Sua ciência chama-se, no grego, *optikê* e, no



latim, *perspectiva*. Se a *perspectiva* ensina-nos o motivo que nos leva cotidianamente a designar o próprio ponto de vista – o nosso e o alheio – também nos ensina onde se efetua aquela visão ativa do *skopiá*: o olho do observador.” (p. 37, grifos da autora).

Diante disso, a perspectiva porta pelo menos dois sentidos. Envolve ver para frente e em profundidade, o que foi conquistado pelo artista, a partir da geometria. A perspectiva tornou-se ciência geométrica da visão (diotrópica) e da representação dos objetos (ótica) (CHAUI, 1999).

Verdadeiros pintores-cientistas empenhavam-se em aprender a olhar, de perto e de longe, no afã de realizar duplo empreendimento, de recriar a pintura antiga e fundar uma ciência moderna (BOSI, 1999). CA perspectiva construída a partir de um ponto de fuga é uma abstração”. (GASTAL, 2013b, p. 127). Na perspectiva, o observador carece de uma experiência sensorial. Se todas as informações estão disponíveis, então, é possível criar um ambiente sem tê-lo visto anteriormente (idem).

Não obstante, é preciso lembrar que

[...] a perspectiva tonal também foi muito usada. O claro-escuro (*chiaroscuro*), pelo jogo de contrastes, possui uma dimensão mais dramática e produz outro tipo de espacialidade, de percepção dos elementos no espaço, e foi muito utilizado nas pinturas pós-renascentistas holandesas e italianas [...] (GOMES, 2013, p. 175).

A perspectiva favorece a constância perceptual. Sendo artificial, é um código que todo sujeito a ele exposto pode facilmente aprender a ler e interpretar. Diante disso, a perspectiva não é somente um dispositivo técnico, mas apresenta implicações ideológicas (CHANDLER, 2003).

Ponderamos que a perspectiva geométrica é senão uma das dimensões da representação da paisagem. A geometria oferece apenas a estrutura da paisagem, cuja plenitude exige descrição específica, vista em trabalhos geográficos que combinavam especificidade topográfica com narrativa (COSGROVE, 2008).

A enunciada mecanização da visão pela mídia e pela publicidade acabou por reforçar as convenções e cânones. Os olhos treinados por imagens pictóricas ajudaram os sujeitos no contexto da mecanização da visão, levando-os a modelarem a paisagem diferentemente, a redefinirem escolhas de consumo, e (re)enquadrarem suas identidades (COSGROVE, 2002).

### 3.3 GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA: A PAISAGEM COMO MODO DE SER

*“A fenomenologia transformou as perspectivas dos geógrafos que a descobrem, porque lhes revela que os lugares não são pontos anônimos num espaço neutro; a Terra não é uma superfície geométrica.”*  
(CLAVAL, 2014, p. 224).

**Objetivos desta parte:**

- Apresentar como a Fenomenologia influencia o arcabouço teórico-conceitual da Geografia e da paisagem, sobretudo, a partir da geograficidade, o ser-estar no-com mundo e os sujeitos;
- Distinguir as principais ideias do método fenomenológico e suas implicações geográficas;
- Destacar as ideias de morada e corpo-sujeito como superação do meramente visual na paisagem;
- Demonstrar a indissociabilidade entre olhos e corpos na paisagem fenomenológica;
- Apontar os componentes da paisagem na Fenomenologia: parte/todo, horizonte, distância, etc.
- Discernir o surgimento das sociedades paisageiras, no cerne da Geografia Romântica.

A Geografia dos anos 1970, em alguma medida, veio a contrapor-se com as perspectivas ideológicas - como o modo de ver e a ideologia visual, dos anos 1980 e 1990. Isso ocorre sob influências das filosofias existencialistas heideggerianas e merleau-pontianas da metade do século. Ambas as perspectivas aparecem e reaparecem, nessas décadas, de modo intermitente (WYLIE, 2007).

De acordo com Besse (2014), a Fenomenologia – que se desenvolvia nas Ciências Sociais e passou a influenciar a Geografia – constituiu-se reação aos modelos da ciência positivista, respondendo à necessidade de diversificação do temário e do objeto geográficos. Ao ocupar-se das percepções, representações e atitudes, a ciência geográfica experimentou também renovação metodológica, conferindo-a maior complexidade. A Fenomenologia manifesta-se tanto na Geografia Humanista quanto na NGC. Na relação, constitui-se uma ontologia do espaço, em que o sujeito se encontra em dada posição, e, também, no mundo (BESSE, 2014; SERPA, 2019).

À Fenomenologia cabe descrever, ao Compreensivismo, compreender e à Hermenêutica, interpretar. No fazer ciência da Fenomenologia cumpre tomar as coisas em seus próprios termos, em suas particularidades, num retorno “a uma visão primeira do mundo [...]” (BESSE, 2014, p. 85). Em outras palavras, atua como disciplina exploratória e descritiva, busca retornar ao mundo diretamente e descrever-lhe os aspectos de modo mais cuidadoso possível. O chamado empirismo radical concebe(u) um modo pelo qual a conexão do sujeito com o mundo deva ser estudada a partir de um contato direto com o fenômeno experienciado (SEAMON, 1980, 2019).

De acordo com Serpa (2019), essa descrição é de caráter redutor, a fim de captar as essências, sem eliminar o transcendente. Essa descrição reduzida é considerada ato pré-intencional e coloca em suspensão o saber e, partindo do intento, visa ao universal. A redução utiliza a percepção e a fantasia em ato - ambas influenciadas por uma intuição. Porém, há dificuldades na suspensão na redução eidética, pois é impossível na sua totalidade (SERPA, 2019).

Diante disso, a Fenomenologia tornou-se um método descritivo, mas também crítico, relacionado tanto ao existencialismo, quanto à Hermenêutica – Ricoeur, Heidegger e Merleau-Ponty, Bachelard etc. Sartre e Heidegger, por exemplo, fazem a crítica a Husserl (SEAMON, 1980), proponente do método.

A Fenomenologia busca descrever as qualidades essenciais da experiência humana, a partir da descrição dos fenômenos, quer sejam objetos ou experiências, das características mais gerais que compõe a essência desses fenômenos. A busca por essências é um meio, não uma meta. E, embora considere as condições sociais e culturais, a Fenomenologia admite, de certa maneira, as experiências humanas como dadas (SEAMON, 1980, 2019; SERPA, 2019).

A percepção cotidiana é inacabada, falha. À Fenomenologia interessa a ambiguidade da vida, conforme ela ocorre espontânea e cotidianamente. Para esse método, pessoa e mundo são “intimamente parte e parcela” (SEAMON, 2019, p. 7): no mundo vivido não existe separação radical entre as visões idealista e realista. Ainda, a abordagem fenomenológica concebe que sujeitos e ambiente compõem um todo indivisível (idem).

Qual a intencionalidade implicada na experiência? (SERPA, 2019). É para superar a dicotomia entre idealismo e realismo que os fenomenólogos propõem a noção de intencionalidade. A intenção se dá através de um fenômeno, na interação entre singular e universal, bem como na inter-relação entre transcendência - que relativiza o singular (coisa, fenômeno) e coloca em suspensão, em situação - e o universal (consciência) e na interação entre singular e universal. Mediante a intencionalidade, experiência e consciência envolvem aspectos do mundo como seu o objeto. (SEAMON, 1980, 2019; SERPA, 2019).

A constituição do fenômeno do conhecimento conforma “a ciência dos conhecimentos como atos de consciência” (SERPA, 2019, p. 38). A consciência, ato fundamental, apreende as coisas que, em situação (momento e conjuntura), serão compreendidas pelo fenômeno, que é uma extrapolação do particular situacional. Essa consciência é imanente e o é para o imanente da coisa e transcendente do ingrediente, num circuito de retorno do intento à consciência. A transcendência, ao ser algo compartilhado entre sujeitos, dá origem à intersubjetividade, ideia cara ao método (idem).

O tempo fenomenológico é sincrônico e processual, importando os fenômenos, não os fatos consumados! A manifestação do fenômeno à consciência dá-se pela presença, mas também pela ausência; dá-se pelo finito, mas também pelo infinito (SERPA, 2019). “O ser é presença e ausência, porque a essência está radicalmente apartada da aparência individual que manifesta, já que a essência é o que pode se manifestar através de uma série (infinita) de manifestações individuais [...]” (idem, p. 26-27). Há distintas fenomenologias. Uma delas encontra-se na dialógica sartreana entre atividade (de um agente) e a passividade da matéria inerte.

Vários fenomenólogos concebem que a percepção é pré-condição para o pensamento objetivo. Especificamente, sob inspiração merleau-pontiana, a Fenomenologia busca resgatar a percepção originária, aquela que vem antes da sensação, do juízo, da memória. Sob tal perspectiva, a percepção funda o conhecimento. Certos preceitos cartesianos<sup>55</sup> são relativizados e revisados pela Fenomenologia (INGOLD, 2000; SERPA, 2019; WYLIE, 2007).

A Fenomenologia, ao solicitar uma atualização de contato, procura entender como os sujeitos vivem seus espaços e lugares cotidianamente. Assim, em Geografia, a abordagem busca compreender a natureza essencial da morada humana na Terra, ou ainda, as estruturas essenciais das experiências, concebendo os sujeitos como localizados em um mundo de existência. O espaço assim visto é um espaço da experiência, anterior a qualquer racionalização científica; e a Geografia, como encontro com o espaço, por meio da experiência (BESSE, 2014; PIMENTEL; CASTROGIOVANNI, 2015; SEAMON, 1980).

É heideggeriana a noção de *dasein*, ou seja, ser-no-mundo (SEAMON, 2019). Derivada desta, a geografia fenomenológico-existencial tem como conceito central a geograficidade, a “qual expressa a própria essência do ser-e-estar-no-mundo permitindo uma compreensão fenomenológica da experiência geográfica.” (MARANDOLA JUNIOR, 2012, p. 12, grifo do autor). O conceito de geograficidade foi cunhado por Eric Dardel (HOLZER, 1997).

“A geograficidade se refere a essa cumplicidade obrigatória entre a Terra e o homem em que se realiza a existência humana. A situação ajuda a definir a geograficidade.” (HOLZER, 2012, p. 146). O conceito em debate expressa tanto a experiência, quanto a ação/intencionalidade; também, designa a existência e o destino do sujeito (SERPA, 2019). Ressaltamos que a visibilidade é um fenômeno de “incontornável geograficidade” (GOMES, 2013, p. 33). O olhar exprime uma ou mais intencionalidades (BESSE, 2014).

---

<sup>55</sup>Que estruturam seu pensamento em dualismos, que assegura que os sentidos podem mentir e que separam pensamento/sentidos, corpo/mente, dentro/fora, cultura/natureza, *res cogitans/res extensa* (objeto e sujeito de conhecimento), visão/tato etc. (WYLIE, 2007).

Hoje, é também relevante o ser-com, distinguindo a singularidade da experiência e da existência, estatutos distintos. Numa pluralidade de relações, o ser-com nos expõe com o Outro na nossa/sua singularidade. O toque é comumente associado ao próximo e ao íntimo: toco algo ou alguém e sou tocado por algo ou alguém. O toque é separação em contato. Assim, o espaço, corolário de interrelação, corresponde à distância entre mim e o Outro (WYLIE, 2017).

Wylie (2014) demonstra que a Fenomenologia e a paisagem possuem como legado comum, no Ocidente, o Romantismo. Isso é notável nas sensibilidades e atitudes em relação à humanidade e à natureza, somado à contemplação solitária e ao culto do que é selvagem. O Romantismo e a Fenomenologia formam parte da Filosofia europeia continental – proeminente no final do século XVIII e início do XIX, ao destacar a importância da experiência vivenciada, ou seja, as experiências pré-cognitivas ou pré-objetivas, ressaltando a subjetividade humana (INGOLD, 2000; WYLIE, 2007).

Nas teorias geográficas da paisagem, a Fenomenologia ganha destaque, às vezes, fica às margens do debate (1980-1990), mas continua presente e evoluindo (WYLIE, 2007, 2014). Segundo Besse (2014), foi Erwin Straus que introduziu a Fenomenologia no estudo da paisagem, dando ênfase ao sentir e ao perceber. Na atualidade, citamos Tuan (2015), Dardel (2015), Berque (2009) e Wylie (2007, 2014). Ingold (2000), por sua vez, é apontado como o principal defensor das abordagens fenomenológicas da paisagem, a partir das noções heideggerianas de morada e ser-no-mundo e, como um corpo merleau-pontiano, adiciona-se o ser-do-mundo. Contudo, o autor é criticado ao compartilhar dos problemas da Fenomenologia clássica - centrada demais no objeto, mesmo sendo o pesquisador um sujeito intencional. Críticas a outros autores gira(va)m em torno de uma preocupação demasiada da Geografia Fenomenológica com terminologias filosóficas, tais como subjetividade e percepção ou por ainda estarem impregnadas do Romantismo (WYLIE, 2007, 2013).

De todo modo, a paisagem é uma janela de acesso à Geografia dos espaços vividos, fenomenológica e ontologicamente. Em estudos fenomenológicos da paisagem, investigamos como os sujeitos relacionam-se entre si e, também, como se relacionam com objetos, constituindo paisagens “universais” (SERPA, 2019, p. 25). No exercício de redução eidética, por exemplo, poderíamos perguntar: como a paisagem constitui-se, para os sujeitos, um objeto intencional? (idem).

Entender fenomenologicamente a paisagem e o espaço não consiste somente decifrar significados ocultos pelos fenômenos, tampouco elencar os significados atribuídos pelos sujeitos, mas fazer com que o sujeito encontre-se consigo mesmo, na experiência do espaço

(BESSE, 2014). Assim, a paisagem merleau-pontiana é um inter-mundo, um horizonte do ser, para si e para o outro (SERPA, 2019).

Qual a essência das aparições de uma paisagem no todo espacial? A paisagem, em acepções bachelardinas, por exemplo, correspondem ao estado da alma (SERPA, 2019). A paisagem da Fenomenologia, “um espelho da afetividade do sujeito”, figura ao lado de perspectivas psicofisiológica e psicanalítica<sup>56</sup> da percepção dessas paisagens. (COLLOT, 2012, p. 22).

Desse modo, a paisagem questiona a totalidade do ser humano, considerando suas ligações existenciais com a Terra, ou seja, sua geograficidade<sup>57</sup> original: “[...] a Terra como lugar, base e meio de sua realização.” (DARDEL, 2015, p. 31, grifo do autor). A paisagem é geograficidade humana, “[...] significa[ndo] a inserção do elemento terrestre entre as dimensões fundamentais da existência humana” (idem, p. 120); e a historicidade, significa a consciência do ser humano, ou a relação do sujeito com seu tempo (BESSE, 2014; DARDEL, 2015).

Crouch (2010) define que: “A paisagem é considerada como poética expressiva do espaço em um modo que torna possível uma relação dinâmica entre representações e práticas, ambas situadas e móveis.” (p. 5), ou seja, a paisagem é um modo privilegiado de flerte entre espaço e sujeito (idem). Segundo essa poética, sentir a paisagem requer imaginar o lugar do sujeito no mundo, que pode estar conectado com o espaço a ponto de sentir-se, pelo menos, por instantes, parte indistinguível da paisagem (idem).

De acordo com Serpa (2019), as fenomenologias da paisagem são também ontologias; partindo do ôntico, ao ontológico; do universal, ao particular. A Paisagem é ser-com existencialista, no sentido sartreano, na presença/ausência de um Outro, na coexistência sujeito-sujeito, ser-ser. Comporta, dialogicamente, estranhamentos/surpresas - modos de compreender a realidade. A novidade na paisagem expressa o não familiar, a não identidade (SERPA, 2019).

A paisagem pode ser ainda considerada ato intencional - eu é a noesis, e o objeto da paisagem o noema. Nem o mundo, nem a paisagem são dados absolutos, ou externos ao sujeito. A paisagem é individual/subjetiva, mas também negociada/intersubjetivo (universal) - ambas os modos considerados transcendências. Nesses termos, a paisagem não é mais um modo de saber, mas um modo específico de ser (e ser-com), ou seja, move-se de uma epistemologia espectral cartesiana para uma ontologia fenomenológica (SERPA, 2019; WYLIE, 2007).

---

<sup>56</sup>Nesse caso, voltamo-nos à compreensão dos desejos e pulsões envolvidas. As paisagens podem ser descritas por meio de metáforas uterinas, como “cidadezinha *aconchegante* ou *refúgio* no verde, *berço* do vale...” (COLLOT, 2012, p. 26, grifos do autor).

<sup>57</sup>Dardel (2015) entende a geografia como grafia objetiva da Terra e, portanto, a tarefa da Geografia, para ele, é ler e interpretar esses signos de escrita (BESSE, 2014).

As experiências espaciais são existenciais (BESSE, 2014), e a morada é a condição primeira de existência. A morada é também uma visão poética do entrelaçamento da Terra e da humanidade como paisagem. A concepção de morada é sentido elementar da ideia de *ethos*, ou de ética, que é modo privilegiado de tornar o mundo habitável (BESSE, 2014; INGOLD, 2000; WYLIE, 2007).

A paisagem é para se estar vivendo/morando nela, transcendendo as vistas e panoramas, noções que incorporaram teatralidade (SERRÃO, 2017). Assim, a concepção de morada busca ser uma crítica à paisagem como modo de ver (WYLIE, 2007). Ressaltamos que todo o corpo é envolvido na morada do/pelo turista (ADEY, 2010).

A perspectiva da morada a paisagem é um registro e/ou testemunho duradouro de vidas e trabalhos das gerações passadas que nela habitaram. Por meio da morada, a paisagem torna-se uma parte de nós, tal como somos parte dela: assim como organismo e ambiente, paisagem e sujeito são noções complementares. A temporalidade é algo performado, o que ocorre em um contexto relacional de engajamento dos sujeitos com o mundo: os significados são imanentes a esses contextos relacionais. Com Ingold (2000), a significação humana surge desses contextos do envolvimento do sujeito perceptivo com o mundo e menos de um exercício de reflexão sobre as práticas. Enquanto no espaço os significados são conectados ao mundo, na paisagem eles são coletados do mundo. É por meio das práticas de habitar o mundo (e com ele), que a compreensão sobre nós mesmos, e sobre o mundo, emerge. O nome dado às práticas de morada é paisagem (INGOLD, 2000; WYLIE, 2007, 2013). Praticamos a paisagem por meio do nosso corpo!

Sob a versão merleau-pontiana, o corpo é o veículo do ser. Nós somos nosso corpo! Ele “é irreduzível ao 'fragmento do espaço dissecado pela ciência, o corpo é, ao mesmo tempo, aquilo pelo que o ser humano está 'preso no tecido do mundo' (II) e o que lhe permite inscrever nele um sentido.” (CAMUS, 2014, p. 72). Assim, o corpo é o organismo humano, e o processo de corporificação é uno, e este deriva do desenvolvimento do organismo em seu ambiente. O corpo não é mais um objeto, mas possui subjetividade encarnada, a partir de um *self* inseparável de sua corporificação; o *self* é no mundo e do mundo (INGOLD, 2000; WYLIE, 2007).

Nesses termos, o corpo tem reaparecido academicamente como sujeito, ao lado da cultura. Conectado com a noção de morada está a de corpo-sujeito, uma acumulação de atitudes ambientais, surgida sob inspiração merleau-pontiana. O corpo-sujeito, ainda que versátil, possui uma força estabilizadora, pois assegura que movimentos e gestos aprendidos no passado continuarão no futuro (INGOLD, 2000; WYLIE, 2007). Diante disso, Seamon (1980) sugere a expressão balé do corpo que, dirigido pelo corpo-sujeito, refere-se a “*um conjunto de comportamentos integrados que sustentam uma tarefa ou objetivo particular.*” (SEAMON,

1980, p. 157, grifo do autor, tradução nossa). Similarmente, há rotinas espaço-temporais. Uma ação, um gesto ou um movimento coordenado, irão, em sua combinação e composição, constituir-se em esforços como um todo: eles são orgânicos e não fragmentários. A regularidade pré-cognitiva do balé do lugar é alicerce do qual também surgem surpresa, novidade e o inesperado, já que o/a lugar(ização) requer regularidade, mas também variedade, ordem, mudança, auto-eco-organizados. Esse balé do lugar torna explícita uma dimensão oculta do mundo da vida (SEAMON, 1980).

“E assim como o lugar (*topos*) é, segundo a definição aristotélica, o invólucro dos corpos que limite, a pretensa ‘paisagem’ (lugarzinho: *topion*) nada é sem os corpos em ação que a ocupam.” (CHAUÍ, 1999) Alerta-nos Chauí (1999): “O corpo não é coisa. Não é feixe de nervos, músculos e sangue. Não é central de informação nem receptáculo de estímulos.” (p. 58). Com o corpo, temos as distâncias éticas e estéticas. Wylie (2017) defende que não falemos “a paisagem e eu”, mas que tratemos essa paisagem em termos de unicidade.

“Interessar-se pelos homens [sic] e pela sua experiência de mundo é interrogar-se sobre seus sentidos. As impressões que os homens [sic] recebem do mundo exterior através dos seus sentidos são incomensuráveis.” (CLAVAL, 2014, p. 228-229). Nesse sentido, também é necessário falarmos do olho e olhar como instâncias do corpo(-Sujeito)!

A paisagem fenomenológica não se presta somente ao olhar, mas se encontra à disposição do corpo, a partir do qual: “O caminho é visto como percorrível, o pomar como comestível, o sino como audível...” (COLLOT, 2012, p. 22, grifo do autor) “O vínculo da percepção visual com os estímulos captados pelos outros sentidos é um dos temas fundantes da fenomenologia do corpo.” (BOSI, 1999, p. 66). Sítios e experiências turísticas são mais-que-visuais (EDENSOR, 2018).

Quando olhamos, ocorre o entrelaçamento do corpo e o mundo. Segundo a tese merleau-pontiana da reversibilidade, o corpo é simultaneamente sujeito e objeto: podemos perceber partes de nosso corpo como objetos, por exemplo: ao tocar é tocado, é passivo e ativo, observador e observado. Não estamos nem olhando para algo, tampouco situados dentro desse algo, mas nos encontramos entrelaçados a uma diferenciação que se desdobra. Paisagem visível e *self* entrelaçam-se, num processo em andamento, a partir do qual surge nosso sentido de *self* como um sujeito observador (idem). É o nosso olhar que possibilita testemunhar esse pertencimento!

A semantização do observado em uma paisagem envolve processos que fundam a estrutura do horizonte da paisagem observada, ou seja, o esquema perceptivo das paisagens, no Ocidente e no Oriente (COLLOT, 2012, 2016). “A paisagem está em torno do homem, como



ambiente terrestre [Ela] [...] é um escape para toda a Terra, uma janela sobre as possibilidades ilimitadas: um horizonte. Não uma linha fixa, mas um movimento, um impulso.” (DARDEL, 2015, p. 30-31). Para Dardel<sup>58</sup>, a paisagem é a mediação “[...] que permite à natureza subsistir como mundo para o homem.” (BESSE, 2014, p. 82). No flerte com o espaço, o sujeito, por intermédio da consciência, confunde-se com o horizonte, ou campo visual do observador (COLLOT, 2012).

A percepção da paisagem dá-se a partir da noção de ponto de vista, metafórico ou propriamente dito. Quanto a este sentido, a tridimensionalidade é dotada de horizontalidade, diferentemente do mapa, cujo espaço não se edifica a partir um ponto de vista específico. Já o metafórico remete-nos a uma teoria da paisagem, advinda do Romantismo, que a trata como “estado de alma”, enfatizando os conteúdos subjetivo e egocêntrico da experiência espacial. (COLLOT, 2012, p. 12). “Não há como reportar uma posição a um centro panorâmico, é-se o próprio centro original, que não pode estar referido a outro centro sem perder sua dimensão de originalidade.” (BESSE, 2014, p. 81).

O ponto de vista<sup>59</sup> leva em conta enquadramento do olhar, seu delimitador. Escolhemos a posição do nosso olhar e, a partir dessa posição, serão determinados o ângulo, a direção, a distância, entre outros atributos posicionais. É ela uma trama de localizações no/do espaço, o que torna um objeto algo visível; as posições não são absolutas, mas portadoras de sentidos e atributos (GOMES, 2013). O ponto de vista desdobra-se em relações de poder entre pintor/observador e o visto/observado, envolvendo uma vista “olho de pássaro”, e a realização de uma escala: tanto fotografias quanto mapas pressupõem a exclusão deliberada de determinados aspectos da paisagem (URRY, 2000b).

Na Fenomenologia, o horizonte extrapola a noção que a ele, comumente, atribuímos. A etimologia grega liga-se ao limite, especialmente, aos visuais. O horizonte é apenas uma parte da paisagem, dando-lhe um contorno provisório, na dialógica entre visível/invisível, determinado/indeterminado, finito/infinito, o que atrai os pintores (COLLOT, 2016). A linha do horizonte representa uma manifestação do conceito husserliano de estrutura de horizonte, “paisagem para além da paisagem”, a qual condiciona a percepção dos objetos no espaço, bem como a relação com o tempo e com os outros (idem, p. 8). Essa estrutura encontra-se presente tanto no Ocidente, quanto no Oriente. Contudo, a importância da linha do horizonte, que a

---

<sup>58</sup> Este autor transcende o humanismo, ou subjetivismo, ao aliar Fenomenologia e Hermenêutica (BESSE, 2014).

<sup>59</sup> Chauí (1999, p. 36) complementarmente explica: “Quem olha, olha de algum lugar. *Skópos* se diz daquele que observa do alto, vigilante, protetor, informante, mensageiro. Pratica o *skopeuô* (observar de longe e do alto, espionar, vigiar, espionar) alojando-se no *skopé*, o observatório [...]”

pintura ocidental consagra, não encontra a mesma relevância na poesia do extremo-orient. No Ocidente, cultiva-se o distanciamento e a perspectiva, enquanto no Oriente recorre-se ao horizonte que dá a ilusão de uma “profundidade incomensurável” (idem, p. 7). No hemisfério ocidental, a perspectiva é horizontal, e no oriental, há também um tipo de perspectiva vertical. Na pintura chinesa, por exemplo, há pelo menos quatro tipos de distância - elevada, profunda e plana (a do panorama). Num mesmo quadro, essas distâncias coexistem.

Outra característica da paisagem é a parte, lembrando que a Complexidade remete-nos a pensar dinamicamente a parte e o todo. A paisagem como parte refere-se à extensão do campo visual, dada a posição do observador, sempre a um recorte e refere-se também ao relevo (COLLOT, 2012). “Se a natureza é em si mesma isenta de cores ou de partes, a paisagem envolve necessariamente um processo de síntese que volta a recompor como unificado o que fora previamente dividido.” (SERRÃO, 2017, p. 45).

Sendo a paisagem uma parte, em se tratando de região, questionamos se esta não se trata de uma parte da parte, ou, do mesmo modo, uma parte que contém o todo e vice-versa. Ainda como parte, leva-se em consideração o horizonte externo - ou a (de)limitação da paisagem visível - e o horizonte interno - que, embora esteja no campo visual, não é possível abarcar. Nesse sentido, diferentemente da paisagem, “[...] o panorama tende a retomar o espaço do mapa e a sua visão fora de alinhamento.” (COLLOT, 2012, p. 15).

Dialogicamente, a paisagem também é abordada como todo, na qual operamos homogeneização analítica. Neste espectro, a paisagem constitui-se em totalidade coerente, formando um todo apreensível por um único golpe de vista. A paisagem define-se a partir da exclusão de determinados aspectos heterogêneos, sendo que elementos, anteriormente, dispersos passam a estar reunidos (COLLOT, 2012). Assim, “a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma ‘impressão’ que une todos os elementos.” (DARDEL, 2015, p. 30). Formando-se no interior de cada sujeito, “essa totalidade só é acessível aos sentidos, e mesmo ao sentimento, porque ela se dá unicamente sob a forma de uma ‘tonalidade afetiva dominante’ [que é] refratária a toda redução puramente científica” (idem, p. 31).

Ao lado do ponto de vista, da parte e do todo, a paisagem fenomenológica também pressupõe distanciamentos. “A *abertura* própria da paisagem significa que na paisagem nos deslocamos de uma parte à outra.” (BESSE, 2014, p. 80, grifo do autor). A distância é o “que predispõe a paisagem, em determinado contexto histórico e social, a tornar-se objeto estético” (COLLOT, 2012, p. 20), gerando, portanto, sensações de prazer.

Distâncias, afastamentos e posicionamentos são revelados ao sujeito por meio do seu encontro com o mundo em um lugar preciso (BESSE, 2014). A distância tende, ainda, a ser vista como uma medida ou um fato objetivo, para além de significados e emoções. Entre os geógrafos, tal perspectiva é um legado da Geografia quantitativa das décadas de 1960 e 1970, sobretudo, por meio de mapeamento e modelagem espacial.

Contudo, a própria morada humana no mundo expressa um senso de ritmo envolvido, do perto e do longe, do próximo e do distante. Assim, distância não é alheia à existência humana. O próprio espaço é uma interação existencial entre próximo e distância (WYLIE, 2017). “Na paisagem, a distância entre dois lugares, A e B, é experienciada como uma jornada feita, um movimento corporal de um lugar a outro, e a gradativa mudança de vistas ao longo da rota.” (INGOLD, 2000, p. 191, tradução nossa).

Assim, a paisagem é dotada de múltiplas escalas e distâncias - primeiros planos, distâncias médias e horizontes distantes. Estes correspondem a emoções em uma estética da perda (ou do melancólico?). A paisagem tida como visual figura como uma atmosfera, na qual a distância é indicada por um abrandamento gradual (WYLIE, 2017).

Corpos e mentes envolvem-se em relações de distanciamentos, que não estão deslocados de relações de poder entre observador e observado.

As relações entre paisagem e observador são então duplamente distanciadas; primeiro, pelas distâncias físicas entre ponto de observação e superfície; segundo, pela separação do olho (corpo) e a imaginação (mente). [...] Esse distanciamento, entretanto, também recebe uma relação de poder que privilegia o observador sobre o observado. A autoridade ofereceu ao observador da paisagem pode ser real e material. (COSGROVE, 2002, p. 254).

Além de ser um modo de mapear o mundo, a paisagem visual é ferramenta para mantê-lo à distância. Como vimos, uma distância é estabelecida, deslocando o sujeito observador do mundo para uma posição de separação, da qual deriva sua autoridade epistemológica. A visão distanciada do explorador e do proprietário de terras, a partir de um ponto privilegiado, levanta o problema ético e ecológico da separação/distanciamento e da indiferença, pelo não pertencimento. Apesar de serem aproximadas ao desinteresse estético, as distâncias não são necessariamente problemáticas, sendo uma feição complexa e persistente das inter-relações entre os sujeitos e o espaço (WYLIE, 2007, 2017).

A partir da criação do deslocamento sobre rodas, proporcionado pela propulsão a motor, aquele que se desloca não está mais na paisagem, mas a observa com relativo distanciamento: o espaço, abordado desse modo, será imagem, em que se deslocar supõe adequação do olhar à

velocidade. A velocidade crescente também forçou os pioneiros do turismo a aprender novos modos de olhar, a fim de assimilar um panorama, o que não ocorreu de modo natural, mas teve de ser aprendido (GASTAL, 2013b; LÖFGREN, 1999).

Fenomenologicamente, espaço e distância têm a ver com nossa consciência, nossas intenções e nossa atenção, envolvendo os atos diários de percepção. Desse modo, a noção de distância é (re)calibrada. Consequentemente, as visões mais contemporâneas de distância abordam a espacialidade como relativa e relacional-topológica. Nesta, importam mais as conexões do que propriamente a distância e a posição. Conexões essas que são de poder. O espaço relacional tem dificuldades com a distância, pois destaca os modos nos quais fenômenos não conectados são, em realidade, conectados. A concepção geométrica de distância é suplantada por aquela que engloba contiguidades e implicações. A geometria foi responsável por extrair e representar a forma (BOSI, 1999; WYLIE, 2017).

Teorias estéticas contemporâneas preconizam irmos além do modelo visual, concebendo o sujeito estético a partir de corporeidade, do corpo em movimento na/da/pela paisagem. Logo, deslocamo-nos pela paisagem e não somente até ela. “O caminhar seria a preparação para a recepção total da paisagem e o viajante o protagonista por excelência de uma exploração topográfica das paragens que visita.” (SERRÃO, 2017, p. 46). O turista “capta para consumir, num absorver frenético que coleciona impressões desagarradas que não chega sequer a assimilar.” (idem, *ibidem*).

Segundo Berleant (2012), a experiência tátil engloba a percepção tátil e também a subcutânea de textura, contorno, pressão, temperatura, umidade, dor, e sensação visceral. Já o sentido cinestésico envolve consciência muscular e óssea, por meio da qual percebemos posição, solidez, bem como o grau de resistência das superfícies, como duro, mole, pontiagudo... Ainda, o sistema vestibular (ou gravitoceptor) ajuda-nos a identificar a sensação de subida, descida, virada, torcer, passagem livre, obstrução etc. Relevante é a gama sensória formada pela sinestesia, que inclui a fusão das modalidades dos sentidos. Os ramos sensoriais são distinguíveis somente na análise, mas não o são na experiência direta. A percepção ambiental solicita um aparelho humano sensório que funcione interativamente, numa interpenetração entre corpo e espaço. A apreciação da natureza pauta-se pelo o experienciar desta como ambiente (BERLEANT, 2012; BRADY, 2003).

Partamos para os elementos de representação e imaginação geográficas que interessam às estéticas e práticas das paisagens por nós estudadas. Em uma hermenêutica do espaço material, o espaço aquático, na condição de realidade geográfica que opera por meio de imagens e símbolos, possui função idealizante, qual seja, a de espelho que, como tal, tem a capacidade

de ampliar, repetir, enquadrar (DARDEL, 2015). A vista da água, da luz sendo refletida na sua superfície, propicia ao ser humano a reflexão sobre si mesmo e o mundo (POTOCKA, 2013).

De fato a água nos atrai para o fundo da natureza com seus encantos mágicos, mas só reflete para o homem a sua própria imagem. A água é imagem da consciência de si mesmo, a imagem do olho humano [...] É com água que o homem [sic] se vê, é com a água que a identidade e a verdade do homem [sic] podem ser refletidas [...] (BRUNI, 1993, p. 58).

A água “[...] mistura as imagens que se levantam das profundezas e aquelas que se referem ao céu ou à costa. A intimidade da substância líquida suaviza o dourado frio do reflexo, e cria um mundo de formas moventes que parecem viver sob o olhar.” (DARDEL, 2015, p. 37).

“Os mares ocupam a maior parte da superfície do globo e, mesmo no domínio continental, as águas lacustres e fluviais, as lagoas e as fontes têm um papel preponderante. Lá onde não existe água, o espaço tem algo de incompleto, de anormal [...]” (TUAN, 2015, p. 19). Desse modo, cenários áridos sugerem morte (idem). Suas significações mais profundas, sobretudo, se claras, sugerem fonte, purificação e regeneração da vida, na cosmovisão judaico-cristã ocidental. A água está do lado da vida. A poluição das águas afeta não somente a vida biológica, mas também prejudica o legado do patrimônio psíquico da história humana (BRUNI, 1993; TUAN, 2015).

A água simboliza o lado feminino da personalidade humana. A imersão na água implica a extinção do fogo, bem como da consciência, nesse aspecto, significando morte. Todas essas constatações não são aqui tomadas como generalizações absolutas, mas como orientadoras gerais das significações correntes atribuídos ao elemento “água”, na História ocidental (TUAN, 2012). Quanto à água e o Eros, podemos ver “a natação como o esporte caracterizado pela luta contra a água. A necessidade de vencer a força das águas marítimas impõe à natação um caráter disciplinador e competitivo.” (BRUNI, 1993, p. 63).

Águas tempestuosas provocam a reflexão sobre a fragilidade da existência humana. Límpida ou de cores claras, a água é percebida e sentida de modo positivo, enquanto nublada ou escura, evoca respeito e estimula o medo. A aquafobia é uma realidade, principalmente, para aqueles sujeitos que já sofreram ou presenciaram alagamentos e afogamentos (POTOCKA, 2013).

O paraíso frequentemente retratado envolve a existência de água, e que oásis é o termo que se refere ao local onde a água é encontrada, um sinônimo de paraíso seguro. A água relaciona-se com ambientes imaginados pelo ser humano, dentre os quais se destacam a praia. As praias, zona de contato ou fronteiras entre o mar (a água) e o continente (a terra), são

ambientes que atraem muito a atenção dos seres humanos. Cogita-se que as praias marítimas ou lacustres foram os primeiros ambientes utilizados como morada do ser humano, no continente africano (POTOCKA, 2013; TUAN, 2012).

“Não é difícil entender a atração que exercem as orlas marítimas sobre os seres humanos [...] o corpo humano, que normalmente desfruta apenas do ar e da terra, entra em contato com a água e a areia.” (TUAN, 2012, p. 163). Com as orlas lacustres da PCRS, ocorre algo semelhante, algum mimetismo, ou não?

A água é elemento de atratividade<sup>60</sup>; porém, os pontos para os quais o olho dos turistas mais direciona a mirada são aqueles das linhas de contato entre água e terra, ou água e céu, ou seja, na linha da orla, buscando diferenciação de linhas e texturas. Há a convergência dos pontos em perspectivas e, também, com teorias da visão vigentes. A vasta superfície de água dos lagos, ao ser considerada monótona, é avaliada negativamente (POTOCKA, 2013).

A liquidez da água, em seu caráter móvel, sugere movimento de ideias. Diferente da torrente, que coloca o espaço em movimento, as lagoas são espaço líquido que para, é (relativamente) imóvel (BRUNI, 1993; DARDEL, 2015). “Marinha ou lacustre, a água mais clama responde ao sopro que a faz ondular.” (DARDEL, 2015, p. 21). Por sua vez, “a horizontalidade do lago está ligada por uma motivação evidente à ideia de repouso” (COLLOT, 2012, p. 23). A significação das águas para a geograficidade humana encontra-se numa dialógica movimento/repouso, com características específicas para os lagos e as lagoas, em contraposição com as planícies. Como os movimentos da água lacustre, acionados pelos ventos, escondem-se na aparente tranquilidade plácida da Mirim?

No caso da Lagoa Mirim, temos o corpo d’água associado a uma imensa planície. As paisagens de planície, assim como a dos pântanos, dariam a impressão de natureza abandonada, até mesmo, triste e melancólica. “A planície cerca o homem de silêncio e de melancolia.” (DARDEL, 2015, p. 30). A melancolia é uma emoção estética madura (BRADY; HAAPALA, 2003).

Em nossa cultura, são os quatro elementos da *physis*, surgida da dissociação ideal entre natureza e mito: água, fogo, ar e terra (BERQUE, 2009). “Qualquer que seja a apresentação que a paisagem me der, será preciso, para que eu creia nela, que esses elementos de referência

---

<sup>60</sup> As ideias deste parágrafo são oriundas de pesquisa fisiológica sobre a visualização das paisagens, feita por Potocka (2013). Ela utiliza metodologia de *eye-tracking* (amostra de 36 indivíduos), buscando rastrear e gravar a atividade ocular do ser humano, a fim de definir os elementos que os turistas percebem em paisagens lacustres polonesas. Levou-se em conta, entre outros aspectos, o tempo de fixação do olho em determinado objeto ou linha. A técnica foi seguida da aplicação de questionário.

apareçam.” (CAUQUELIN, 2007, p. 143). A teoria dos quatro elementos de Empédocles perdurou na cultura ocidental por mais de dois milênios (BRUNI, 1993).

### 3.4 O OLHAR DO TURISMO/TURISTA PARA AS PAISAGENS

Questionamo-nos: na contemplação da paisagem, qual a centralidade do sujeito estético “turista”? O sujeito-turista, ao encontrar o objeto paisagístico, com ele dialoga, e está diante de uma situação estética. Reiteramos que cada sítio de encontro estudado tem um modo diferenciado/combinado de se relacionar turística-geograficamente com a paisagem da mesma Lagoa, especialmente, a partir das categorias estéticas evocadas pela/para a experiência turística de um deles, inserido nos regimes de visibilidade vigentes.

De sociedades paisageiras, ou com pensamento de paisagem, parece ter surgido e difundido o fenômeno turístico, na medida em que nas sociedades modernas as pessoas consideravam feio e insípido seu local de vida e buscavam em outros lugares paisagens mais belas. Tal movimento provocou, em países ricos, os fenômenos do turismo e do urbano difuso (BERQUE, 2009). O pensamento de paisagem sublinha que muito se reflete sobre as paisagens, ao mesmo tempo em que muito se devasta a natureza. Esse pensamento é retomado por Berque (2009) a fim de assegurar a preservação paisagística (MARANDOLA; OLIVEIRA, 2018), reflexão que vai ao encontro das problemáticas socioespaciais do turismo.

O desejo de imitar a natureza por meio da arte provocou a transformação do turismo por meio da linguagem da estética, à medida que conferia autoridade visual do turista, sujeito que consome paisagens durante suas viagens (SCARLES, 2014). A fruição turística das paisagens, muitas vezes, é mais estética que cognitivo-funcional (PIMENTEL, 2010).

Por volta de 1850<sup>61</sup>, sobretudo, na Inglaterra e países próximos, o crescimento dos balneários marítimos deu-se pelo acesso via trens, o que se intensificou ainda mais no pós-guerra, pelo automóvel; “porém não explicam por que, em primeiro lugar, as pessoas acham o mar atrativo. A origem do movimento para o mar deve-se a uma nova avaliação da natureza.” (TUAN, 2012, p. 196). É em consequência de novas sensibilidades sociais, acompanhadas pelas telas pintadas, que passou a observada uma movimentação pública para a beira-mar (CAUQUELIN, 2007). De pouco adiantaria maior acesso por transportes se sujeitos e grupos não se sentissem atraídos pelas praias, ou continuassem a ver o mar como proibitivo (TUAN,

---

<sup>61</sup> Não nos coube, aqui, retomar e esgotar a evolução histórica e conceitual do turismo ocidental, mas apenas recuperar alguns momentos e eventos-chave para a discussão proposta, tendo em vista as inter-relações entre o olhar turístico e a disseminação da ideia de paisagem.

2012). Assim, a narrativa das melhorias tecnológicas de infraestruturas de transportes é insuficiente para explicar as então novas demandas, embora novos modos de mobilidade gerassem novos modos de experienciar a paisagem (LÖFGREN, 1999). As estatísticas de visitação pouco revelam sobre como os sujeitos utilizam os momentos junto ao meio natural e como podem deles beneficiar-se (TUAN, 2012).

Para Boyer (2003, p. 14), “nenhum lugar é ‘turístico em si’, nenhum sítio ‘merece ser visitado’, como diz a literatura turística”, na medida em que o turismo é produto de diversos processos socioculturais. “O [chamado] espaço turístico seria, assim, a produção de um discurso e de uma imagem sobre os lugares que desperta o desejo de lhe experienciar turisticamente, de ali realizar determinadas práticas.” (PIMENTEL; CASTROGIOVANNI, 2015, p. 446). Novos sítios proporcionaram novas experiências. Não podemos ser a-históricos: a História Social revela que o turismo tem sofrido mudanças estáveis, num diálogo entre tradição e novidade (LÖFGREN, 1999).

O desenvolvimento do olhar do turista possui raízes na curiosidade científica, orientado a partir de um código estético do Romantismo, em que um montanhismo nascente desempenhou papel fundamental (PIMENTEL; CASTROGIOVANNI, 2015). O período do Romantismo coincide com o do surgimento no fenômeno turístico. Assim, tem-se a construção do olhar turístico como romântico (GASTAL, 2013b), pelo menos em seus inícios. Nesse contexto, o código visual do turista é pautado na decifração do mundo por meio do simbólico, do lúdico, e numa despreziosa descoberta do espaço (PIMENTEL; CASTROGIOVANNI, 2015).

O olhar turístico conecta signos e objetos referentes, passíveis de serem identificados (LARSEN; URRY, 2011). O olhar romântico é um dos tipos do olhar de turista descrito por Urry (1999). Caracteriza-se pela visualização solitária, pela imersão e pela admiração e envolve a atribuição de um sentido de aura à paisagem. O olhar coletivo, por sua vez, é atividade de grupo, realizada a partir de uma série de encontros compartilhados, voltando o olhar para o familiar, inclusive com aqueles que nos são familiares. O olhar de espectador também é uma atividade de grupo, que ocorre a partir de uma série de encontros breves, a partir do relance e da coleta de signos do espaço circundante. O olhar “ambiente” é uma organização coletiva, é didático e perscruta a natureza. Por fim, o antropológico é solitário, mediante imersão continuada, realizando-se exame e interpretação ativa das culturas (URRY, 1999b).

Além disso, a perspectiva pautou concepção do olhar de turista de Urry (1999), em que o ideal paisagístico está pautado em um sujeito moderno, que usa um ponto de vista privilegiado e perspectivado (MINCA, 2008). A busca de posições elevadas e vistas abertas



resultou, no século XIX, na procura por torres de observação (LÖFGREN, 1999). O sujeito do olhar turístico é aquele ocidental, remanescente da perspectiva linear da Renascença, sujeito este que se concebe como fonte e, ao mesmo tempo, centro de tudo, mas que falha ao não reconhecer tal característica; ainda, um sujeito que se outorga certa superioridade e primazia no/do seu olhar (MACCANNELL, 2001).

A própria experiência turística surge de algumas tensões ou dialogicidades, pelas que passa o sujeito-viajante. Este é instado a encaixar-se em um dos polos epistemológicos da paisagem (dentro ou fora dela). Ainda, há necessidade de ordenamento do mundo (com mapas e roteiros) em lugares turísticos pré-determinados. O turista esforça-se frequentemente para dissolver essas contradições dentro de uma sequência de performances (quase que coreografadas) no/do lugar, por meio de materialidades dessa sua experiência. Por isso a importância de se voltar ao estudo do que os turistas fazem quando buscam uma experiência paisagística (MINCA, 2007), item a ser explorado na parte 6.

Notamos que “ainda hoje, as paisagens turísticas continuam a ser representadas como objetos, como uma simples coleção de imagens infinitamente reproduzíveis [...]” (MINCA, 2007, p. 439), quando, em realidade, provocam sentimentos, emoções e senso de pertencimento. O sujeito, ainda congelado ou escondido nas/das paisagens, reaparece como consumidor-turista, como usuário passivo (MINCA, 2007, 2008).

Assim, as contradições e tensões na/da paisagem turística não evitam que as narrativas do Estado e o mercado continuamente atribuam a determinadas paisagens novos significados, produtos ou experiências; isso se dá a partir da transformação da paisagem em ícones, em fetiches (MINCA, 2007, 2008), replicando as tensões inerentes ao conceito de paisagem (WYLIE, 2007). O turismo herda essa construção de sentido, cujo modo de observação não permite acercar-se de fato natureza, apesar do prazer estético que proporciona (TUAN, 2012).

No turismo, não há somente a paisagem a ser contemplada, mas também paisagens ordenadas previamente com fins de contemplação turística (CASTROGIOVANNI, 2001). O que nós olhamos como turistas pode ter sido organizado ou arranjado previamente, e deslocamo-nos para determinados sítios precisamente porque outros turistas foram antes de nós (MACCANNELL, 2001).

O turismo e suas paisagens parecem estar atrelados, sobretudo, a um regime de visibilidade do extraordinário e seus respectivos tempo-espacos sociais. “Ele capta a atenção, cria ou se associa a um evento, tem impacto, mobiliza e interfere nessa ordem do cotidiano.” (GOMES, 2013, p. 52). Distingue-se do regime do ordinário, que é “previsível, repetitivo, não impactante” (idem, p. 51). Ponderamos que muitas paisagens ditas turísticas são projetadas e

comodificadas, não sendo, necessariamente, do extraordinário, mas podendo adquirir qualidades do habitual, em que o cotidiano é transcendido no confronto com a alteridade (EDENSOR, 2007).

Os regimes de visibilidade<sup>62</sup>, sendo mais parciais que o olhar, são “uma espécie de protocolo, de cartilha de procedimentos regulares, que estabelecem socialmente aquilo que deve ser visto, as condições e os valores que devem ser julgados.” (idem, p. 51-52). Tais regimes “nos informam sobre o que deve ser visto, como aquilo que é visto deve ser entendido e, simultaneamente, o que não merece ser visto.” (idem, p. 52). Ainda, nos fornecem condições necessárias para a interpretação do que está sendo exposto, ou seja, sua legitimidade. Por fim, a visibilidade “nos informa sobre o estatuto e a compreensão possível para as coisas que ali se apresentam, sua importância e seu sentido.” (idem, p. 52).

Edensor (2018) critica a concepção segundo a qual demais sentidos ainda sejam organizados pelo da visão, a qual organiza o lugar, o papel a ser desempenhado pelos sujeitos-turistas, além de afetar os outros sentidos (LARSEN; URRY, 2011). É possível aprender novas habilidades sensoriais em lidar com impressões diferentes (resultante capital cultural do turista), na alteridade sensorial (EDENSOR, 2018). O turismo é um dos principais modos pelos quais os sujeitos vêm cultivando experiências multissensoriais nos últimos 200 anos! (LÖFGREN, 1999).

Como vemos, a grande abrangência do conceito e do estudo da paisagem exige sua aplicação em muitas áreas e não causa surpresa que atinja o campo do Turismo (TERKENLI, 2007). As tendências no estudo das paisagens turísticas dividem-se em: construção físico-material dos sítios turísticos; representações do turismo e, experiência das paisagens (KNUDSEN; METRO-ROLAND; RICKLY-BOYD, 2013). Neste trabalho, optamos pela segunda e terceira vertentes.

As paisagens turísticas exigem interpretação contextual, considerando-se a questão de posição de seu observador (TERKENLI, 2007). Elas não são simplesmente dadas ingenuamente. Como toda paisagem, vão além de um mero conjunto de objetos materiais e dizem respeito a símbolos, intencionais ou não, de relações de ideologia e de poder, a partir das quais os lugares e turistas buscam conferir sentido (KNUDSEN; RICKLY-BOYD, 2012). E sob descrição ou avaliação, cenários, situações e paisagens são classificadas turisticamente (LÖFGREN, 1999).

---

<sup>62</sup>São regimes de verdade em visão foucaultiana, os quais referem-se a “quem está autorizado a falar, o tipo de discurso que é aceito como verdadeiro” (GOMES, 2013, p. 52).

Entre outros aspectos, “escolhemos em grande parte os destinos turísticos a partir de representações sociais e de ideologias, tendo nos meios de comunicação um dos principais canais de sua propagação” (DA SOLLER; CASTROGIOVANNI, 2014, p. 205). No turismo, “ocorre a manipulação do Espaço Geográfico, através de um discurso, que encaminha para a necessidade de consumo de um Lugar.” (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 46). Aí opera uma cultura turística, “um conjunto de crenças, valores e técnicas, para lidar/construir/usufruir o Espaço Turístico.” (idem, p. 46). O turismo é considerado um evento (espacial) que, ao ocorrer, marca o espaço (DA SOLLER; CASTROGIOVANNI, 2014). O turismo, para nós, que não é apartado do cotidiano, mas é um espaço promissor para explorar os meios nos quais o cotidiano é repleto de práticas irrefletidas e, ao mesmo tempo, provoca desejos pela alteridade não confinada (EDENSOR, 2007).

Löfgren (1999) pensa que o turismo é, também, um laboratório promissor de produção e transformação de experiência; nele, há micro-rituais de enquadramento de tempo-espaço, a transformação da experiência em eventos, e, também, a possível ativação de todos os sentidos. É por meio da interação entre elementos da paisagem, mentalidades e tecnologias de mobilidade e representação, que as *vacationscapes* são produzidas. Certas paisagens têm atrativos para certos turistas porque podem acionar certas paisagens mentais: a imaginação é o componente essencial (idem).

Percebemos que o turismo é composto essencialmente de movimentos/paradas dos turistas no espaço. Nas paradas é que ocorre o processo de territorialização do turista, mediante lógicas de apropriação, sobretudo, reticulares. Contudo, nem toda ação tem lógica reticular: algumas podem ser mais zonais. O território turístico corresponde ao espaço, não só o que contém a atividade, mas o que contém as ações e políticas de planejamento e gestão da atividade - estes, interdependentes, de modo recursivo (FRATUCCI, 2014).

A atividade turística refere-se à dimensão econômica do fenômeno, no modo vigente de produção: “A atividade é resultado do acontecer do fenômeno socioespacial” (FRATUCCI, 2014, p. 91), sendo considerada na sua dialogicidade e/ou recursividade. Alguns agentes ou atores sociais acabam ficando de fora da atividade, mas não do fenômeno, como a comunidade receptora, por exemplo. Quando aparecem nas definições e sistemas de turismo, os turistas, “responsáveis iniciais pelo fenômeno turístico, são tratados apenas como clientes (consumidores!)” (idem, p. 92), o que não permite abranger sua complexidade. O termo “turista” pode soar pejorativo e muitos sujeitos preferem descrever-se como visitantes ou viajantes (CRAWSHAW; URRY, 1997).

Diante disso, a excitação, característica deste tempo de alta mobilidade e de turismo, gera novas relações sociais, novos modos de vida, novos vínculos com o espaço e novas formas de lazer. Notamos o turismo como parte importante na maneira pela qual percebemos e sentimos o mundo, onde quer que estejamos, o que quer que façamos. O fenômeno, como temos visto, porta seu próprio *kit* de técnicas, tecnologias, predisposições e sensibilidades estéticas (FRANKLIN; CRANG, 2001).

## 4 COMO VEMOS O CÉU ONDE SE EMPINA A PIPA? COMO SE EMPINA A PIPA?

*“Aqui, a teoria não é nada sem o método, a teoria quase se confunde com o método ou, melhor, teoria e método são os dois componentes indispensáveis do conhecimento complexo. O método é a atividade pensante do sujeito.”*  
(Edgar Morin)

### **Objetivos desta parte:**

- Apresentar o turismo como fenômeno socioespacial complexo e transdisciplinar;
- Problematizar a natureza da Complexidade no discurso metodológico e científico;
- Traduzir a noção de Sujeito como ser computante de si e para si;
- Discorrer sobre os princípios de inteligibilidade adotados na/pela tese;
- Defender a relevância da pesquisa qualitativa, tendo em conta o objeto de estudo;
- Definir o protocolo para estudo de caso utilizado;
- Relatar os procedimentos de coleta de dados primários e secundários;
- Explicitar a condução da análise quali-quantitativa de conteúdo realizada;
- Apresentar os princípios de triangulação teórico-metodológica, visando à (maior) validade e confiabilidade.

### 4.1 COMO VEMOS O CÉU: MÉTODO DA COMPLEXIDADE

Dado o fato de que a Geografia se constitui no diálogo com epistemologias de domínios diversos, Pimentel e Castrogiovanni (2015) defendem que o pensamento da Complexidade nos acena com a possibilidade de compreendermos e articularmos essa diversidade de contribuições. “O turismo enquanto fenômeno complexo pode ser entendido como um ponto de contato para essa diversidade” (idem, p. 454), em termos de epistemes de origens também diversas.

Tal fenômeno pode ser compreendido em termos da sua complexidade e, assim, o método homônimo parece aportar a essa discussão.

Entender o turismo como um campo de práticas histórico-sociais, que pressupõem o deslocamento do(s) sujeito(s), em tempos e espaços produzidos de forma objetiva, mas possibilitador de afastamentos simbólicos do cotidiano, coberto de subjetividades, e explicitador de uma estética diante da busca do prazer, é posicionar-se a partir de sua complexidade numa atitude interdisciplinar. (BENI; MOESCH, 2017, p. 445).

Como observamos, a ciência faz-se por migração de conceitos. Morin (2015) considera que é melhor que se migrem conceitos sem deixar de ter consciência disso; ao mesmo tempo, os “aduanheiros”, ou seja, aqueles que procuram “barrar” a migração de conceitos de uma disciplina a outra, defendendo suas próprias, também não o saibam, pois, desse modo, torna-se mais profícuo o pensar e fazer ciência.

Tendo em vista a Paisagem, a Estética e o Turismo, o viés da Semiótica e os procedimentos metodológicos adequados, julgamos ser o método da Complexidade capaz de demandar a diversidade de contribuições e pluralidade metodológica, ao mesmo tempo, fazemos sentido dos dados coletados. Assim, a análise das evidências obtidas ocorreu por intermédio do chamado método ou pensamento da Complexidade, de acordo com o filósofo-cientista Edgar Morin (MORIN, 2015a).

Complexidade vem da palavra latina *complexus*, e designa “o que é tecido junto”, recolocando o paradoxo do uno e do múltiplo, ou o princípio do *unitas multiplex*, escapando, ao mesmo tempo, do holismo e do reducionismo (MORIN, 2011, 2015a). A própria categoria central da Geografia, o espaço geográfico, apresenta-se como una e múltipla, em que os conceitos-chave (como a paisagem) são possibilidades analítico-operacionais e apresentam níveis de abstração diversos (SUERTEGARAY, 2001).

Antes de refletirmos sobre a Complexidade como teoria, método e/ou paradigma, é necessário brevemente apresentar Edgar Morin, de quem nos aproximamos quando tratamos da Complexidade. O autor diz não se encaixar nem como filósofo, nem como cientista, pois defende uma visão matizada entre esses sistemas de conhecimento (MORIN, 2011).

Morin é pesquisador emérito do Centro Nacional de Pesquisa Científica, tendo nascido em Paris, França, no ano de 1921. Graduado em História, Geografia e Direito, posteriormente, migrou para a Filosofia, a Epistemologia e a Sociologia, após ter participado da resistência ao nazismo, enquanto a França esteve ocupada, durante a II Guerra Mundial. Autor de dezenas de livros, sendo considerado um dos principais pensadores do século XX (MORIN, 2016).

Diante disso, a Complexidade pode ser entendida a partir de incertezas históricas, empíricas e cognitivas, em sistemas ricamente organizados, de modo que ela testemunhou e colocou em relevo métodos, teorias, paradigmas e princípios até então aceitos e compartilhados, calcados por certezas aparentemente imutáveis. A incerteza é acompanhada da impossibilidade de conclusão e unificação. Física, Biologia e, até mesmo, Geografia – além de determinadas visões/sistemas organizativos de ciência e sociedade – são desafiados a se (auto)questionarem e reelaborem alguns de seus princípios, até mesmo, recuarem, para, admitindo a complexidade envolta nos fenômenos do real, acenderem a um nível mais complexo de explicação, ainda

assim, provisório. As incertezas também convivem com ambiguidades, contradições e aparentes irracionalidades (MORIN, 2011).

A Complexidade está presente no cotidiano, nos contextos e sujeitos singulares. No entanto, foi necessário chegar às últimas décadas para que percebêssemos que a desordem e a ordem, aparentemente inimigas uma da outra, têm cooperado de certa maneira para continuamente organizar o universo. O universo, o mundo físico e o biológico, constituem-se processualmente como tais a partir das inter-relações entre ordem e desordem (e não somente ordem, como se pensou anteriormente) que, adicionadas de eventuais agitações, deram origem a novas organizações, embora com seu grau de instabilidade, imprevisibilidade e provisoriedade (MORIN, 2011).

A Complexidade não aspira à totalização e busca adotar a racionalidade, sem cair num racionalismo. A Complexidade, como caminho, não se propõe a atingir de forma definitiva a totalidade, pois não assume como sendo a verdade em si. Por outro lado, também não admite total indisciplina ou ceticismo. Trabalha, assim, como algo que transita entre esses dois polos (MORIN, 2011).

A esta altura textual, oferecemos a uma aproximação a um conceito de Complexidade. Nesse intuito, Morin (2014, p. 330, grifo do autor) declara: “Chamo *paradigma de complexidade* ao conjunto de princípios de inteligibilidade que, ligados uns aos outros, poderiam determinar as condições de visões complexas do universo (físico, biológico, antropológico [sic]).” Porém, Morin (2014) esclarece que não existe propriamente um “paradigma da complexidade” disponível, mas uma problemática da complexidade, paralela aos modos de inteligibilidade com os quais se conta. Complexidade tem a ver com as tramas, as relações e as interações do tecido, pano de fundo, constitutivos do mundo da vida (BENI; MOESCH, 2017; MORIN, 2011).

Ao contrário do que se pensava, o mundo está mais próximo de algo imperfeito. Em contraste com paradigma complexo – que pensa o uno e o múltiplo concomitantemente – o paradigma simplificador buscou e bastou-se na redução e na ordem. Esta se assentaria em unidades (como próprio universo) indivisíveis. Todavia, em realidade, ordem e desordem cooperam entre si a fim de se obter novas organizações provisórias. O mundo físico e o biológico são complexos, embora este mais que aquele. Essa complexidade reside exatamente em alguns paradoxos, aparentes contradições que devem ser explicitadas e utilizadas. Há uma ciência do geral e, também, do individual, de acordo com a Complexidade (MORIN, 2011).

Assim, para o pensamento complexo, ordem, desordem e organização dos sistemas são vistos no mesmo patamar. Complementando, a ideias de ordem-desordem-interações-

organização são fundamentais e pressupõem sempre um retorno para a ordem e, a partir disso, o recomeço do circuito. Paralelamente a isso, a aleatoriedade é também considerada na busca por explicações, bem como a incerteza, a incompletude e o inconcluso (MORIN, 2011, 2014).

Paralelamente a isso, a consciência de uma multidimensionalidade nos leva a conceber que toda visão unidimensional, especializada ou parcelada, é sempre empobrecida: o ideal na Complexidade é buscar unir o que está disperso, evitando a fragmentação de saberes (MORIN, 2011).

Nesse sentido, consideremos que cada especialidade de conhecimento abarca uma dimensão desse mundo, ou de fenômenos que concernem à determinada dimensão. Assim, caso não haja preocupação em integrar os saberes, em termos de interdisciplinaridade, não haverá ligações capazes de nos permitir maior compreensão do mundo e, assim sendo, não chegarmos a uma completude do conhecimento, como verdade, e sim, sucessivas aproximações e leituras provisórias (MORIN, 2014). Em tal visão: “Uma teoria não é o conhecimento, ela permite o conhecimento. Uma teoria não é uma chegada; é a possibilidade de uma partida. Uma teoria não é uma solução; é a possibilidade de tratar um problema.” (idem, p. 335, grifo do autor).

Nesse sentido, há de se considerar a reciprocidade em termos de teoria e método que se retroalimentam de modo recursivo, embora continuem distinguíveis entre si.

Assim,

[...] o método, para ser estabelecido, precisa de estratégia, iniciativa, invenção, arte. Estabelece-se uma relação recorrente entre método e teoria. O método, gerado pela teoria, regenera-a. O método é a práxis fenomenal, concreta, que precisa da geratividade paradigmática/teórica, mas que, por sua vez, regenera esta geratividade. Assim, a teoria não é o fim do conhecimento, mas um meio-fim inscrito em permanência decorrência. (MORIN, 2014, p. 335-336).

Ambos, teoria e método, são relevantes no saber-fazer científico, possuindo relações de reciprocidade entre si, embora pareçam em simbiose, dificultando sua separação radical. (MORIN, 2014).

O pensamento complexo emprega diversos termos, tomados por empréstimo a partir de diversas ciências e que são ressignificados. Alguns, porém, são fundamentais. Três desses conceitos/noções fundamentais são o Hologramático, o Dialógico e o Circuito Recursivo.



O princípio Hologramático tem origem na ideia de holograma<sup>63</sup>, que é projetado no espaço tridimensional e produz um sentimento de “relevo”<sup>64</sup> e de cor (MORIN, 2015b, p. 113). “Reconstitui-se, com extraordinária fidelidade, na sua imagem, o objeto hologramado.” (idem, p. 113). Cada ponto do objeto hologramado é memorizado pelo holograma inteiro, e cada ponto do holograma contém a presença da totalidade, ou quase, do objeto. O holograma demonstra a realidade física de um tipo de organização, em que o todo está na parte que está no todo e, assim, a parte poderia estar mais ou menos apta a regenerar o todo. O todo (que vem de *holos*) supõe que “cada parte tem [...] microtodos virtuais”, sendo que “a complexidade organizacional precisa da complexidade das partes” (MORIN, 2015a, p. 114). Assim, nesta pesquisa, procuraremos articular cada objetivo e cada parte do trabalho levando em conta o processo hologramático da organização do todo do trabalho, em que um contém o outro e capaz de regenerar o todo. Do mesmo modo, cada cena ou cada dado do objeto fenomênico observado, é retextualizado no todo que compõe a tese.

O princípio Dialógico procura diferenciar-se da dialética<sup>65</sup>, conservando algumas características. A dialogicidade surge como contraponto ao que Morin (2011) chama de paradigma simplificador vigente na Ciência Clássica, no qual elementos eram julgados distinguíveis, mas de modo disjuntivo e redutor. Sob tal paradigma, antagonismos, tais como sujeito-objeto, essência-existência, corpo-alma, matéria-espírito, quantidade-qualidade etc., foram tidos como opostos que não dialogavam (MORIN, 2011).

Já na Complexidade, a dialogicidade vem a articular variáveis ou conceitos aparentemente opostos e, embora mantenha suas especificidades, torna-os capazes de dialogar num movimento simultâneo de associações antagônicas, concorrentes e complementares (MORIN, 2014). O dialógico permite conceber a interação mútua entre elementos contrastantes, aproximando-os mesmo que antitéticos, mantendo as dualidades ou distinções. As sínteses dialéticas apontam para a cessação do processo, sendo que, em realidade, são infinitas as inter-retroações (MORIN, 2011). Este trabalho adota a dialogicidade de conceituações de paisagem aparentemente antagônicas - paisagem como modo de ver *vis-à-vis* paisagem fenomenológica (ser-existência, corporificações, morada, movimento), não no sentido de construir uma síntese definitiva nos/dos dados da pesquisa, mas de ressaltar as

---

<sup>63</sup> “O holograma (imagem tridimensional criada com luz laser) poderia ser considerado uma variante dos heliogramas - as primeiras fotos feitas sem câmera, na década de 1820, por Nicéphore Niepce.” (SONTAG, 2004, p. 142).

<sup>64</sup> Aqui o termo relevo vem como metáfora, distinguindo-se do conceito corrente em Geomorfologia.

<sup>65</sup> A dialética possui como regras de seu método, entre outras, a síntese, como resultado do confronto de tese e antítese. A dialógica, diferentemente, não prevê necessariamente uma resolução do conflito entre contrários ao final.

ambiguidades e complementações que ambas as tendências apresentam. A complexidade nos fez buscar a dialogicidade teórico-conceitual, a fim de favorecer a triangulação metodológica e, também, teórica.

Falamos na noção de Recursividade, iniciando pela ideia de circuito. No que tange à chave do circuito, vemos a passagem da ideia de forma retroativa para a de circuito recursivo, esta última mais rica e complexa que a anterior (MORIN, 2015b). Isso ocorre porque: “A ideia de circuito não significa apenas reforço retroativo do processo sobre si mesmo.” (MORIN, 2016, p. 229). Assim, o recursivo define-se como “*qualquer processo cujos estados ou efeitos finais produzem os estados iniciais ou as causas iniciais.*” (idem, p. 229, grifo do autor). Dito de outro modo, este se trata de “qualquer processo por meio do qual uma organização ativa produz os elementos e efeitos que são necessários à sua própria geração ou existência, processo *circuitário* pelo qual o produto ou o efeito final torna-se elemento ou causa inicial.” (idem, p. 229, grifo do autor).

Contudo, ponderamos que a ideia de recursão não suplanta a de retroação, uma vez que esta oferece, além de um fundamento organizacional, também uma dimensão lógica para a recursividade, na condição de organização ou totalidade ativa. A recursividade é o fundamento lógico da chamada generatividade, significando em termos lógicos a produção-de-si e, também, (re)generação. Na produção-de-si observamos que o processo retroativo e o circuito recursivo produzem o sistema e que os produz incessantemente, num recomeço ininterrupto que se confunde, até mesmo, com o da sua existência. Uma vez que a degeneração dos sistemas é uma possibilidade, a regeneração parte da generatividade para alcançar seus objetivos. Assim, a regeneração é a um só tempo produção-de-si, a ponto de a organização fenomenal dos seres exigir reorganização também permanente (MORIN, 2016). Conforme apresentado pela Figura 1 (p. 24), os objetivos e o próprio desenvolvimento deste trabalho obedecem ao princípio recursivo, sem desconsiderar as retroações, buscando se dissociar de ideias lineares de causa/consequência, indo ao encontro da ideia de processos contínuos de (re)organização do trabalho.

O próprio fazer ciência pode ser considerado recursivo, no que tange a processos e produtos de conhecimento, mediados pela construção de objetos de pesquisa/conhecimento. Concordamos com Beni e Moesch (2017), quando discorrem sobre o processo de construção do objeto de conhecimento. “A Ciência não é uma leitura da experiência a partir do concreto. Fundamentalmente, consiste em produzir, com a ajuda de abstrações e de conceitos, o objeto a ser conhecido. Ela constrói o seu objeto próprio pela destruição dos objetos da percepção comum.” (BENI; MOESCH, 2017, p. 433).

Por fim, é notório que no método é atribuído um papel crucial à dialógica do sujeito-objeto. Na Complexidade, sujeito é empregado como alternativa à noção de indivíduo. Para Morin (2014, p.), o Sujeito “[...] é o único para ele computando [de si e] *para si*. A menor atividade viva supõe um *computo* pelo qual o indivíduo trata todos os objetos e dados em egocêntrica referência a ele mesmo” (grifos do autor). O *cômputo* é imprescindível para as operações de informação e de conhecimento. O termo tem origem latina na palavra *computare* – analisar em conjunto, comparar, confrontar e compreender (MORIN, 2015a/b). Computação é mais que informática. Para Morin (2015b), “*a computação viva é ao mesmo tempo organizadora/produtora/comportamental/cognitiva.*” (p. 52, grifo do autor). O processo prossegue e, de modo dialógico e recursivo, “o *cômputo* torna-se *cogito* ao ter acesso à reflexividade do sujeito capaz de pensar o seu pensamento pensando-se a si mesmo, isto é, desde que alcança correlativamente a consciência de si mesmo.” (idem, p.88).

O indivíduo-sujeito que realiza o *cômputo/cogito* possui um cérebro, mas também um espírito, o qual apresenta determinadas regras (como a linguística e a lógica), bem como coisas desse espírito (mitos e ideias). Ambos os elementos acabam por transcender o próprio indivíduo-sujeito, na medida em que se enraíza num certo egocentrismo subjetivo e na identidade pessoal (MORIN, 2015b). Nesse sentido, é preciso associar as ideias de determinismo e acaso, as de autonomia e dependência. A noção de sujeito se funda no funcionamento do mais arcaico ser vivo, mas também vai além, abarcando o sujeito computante de completa organização: a complexidade abarca o simples e o complexo (MORIN, 2015b). “O sujeito emerge ao mesmo tempo em que o mundo.” (MORIN, 2015b, p. 37).

Desse modo, “[...] o computante e o computado, embora permanecendo distintos, são mesmo e constituem um Ego ao mesmo tempo sujeito e objeto.” (MORIN, 2015b, p. 54). Nesses termos, há auto-organização, bem como (auto)exorreferência – ter a si próprio como referência e, ao mesmo tempo, aos demais. A autorreferência consiste em “designar a si mesmo: é uma aptidão para autocomputar-se ao mesmo tempo como objeto e sujeito [...] capacidade de referir-se a si ao mesmo tempo que se refere ao que lhe é exterior.” (idem, *ibidem*).

O Sujeito não conhece por si só, mas também por meio de sua família e de outros grupos sociais e culturais aos quais se filia. O conhecimento do indivíduo é alimentado pelas memórias biológica e cultural (MORIN, 2011). A “hipercomplexa maquinaria sociocultural” (idem, p. 22) comanda “o uso da lógica, a articulação dos conceitos, a ordem dos discursos [...]”, como também os modelos, esquemas e demais princípios organizadores do pensamento. As culturas modernas contam com vários métodos de conhecimento, que se alternam e

combinam-se entre si, a saber, racionalistas, empiristas, místicos, poéticos (idem) e, também, artísticos.

Vemos, então, que o sujeito é a um só tempo fechado e aberto. Fechado, egocentricamente, para o outro, que a nós é estranho, ocasionalmente abrindo-se, de modo altruísta e empático. O outro pode se mostrar amigo ou inimigo. Para ter a existência de um sujeito, é necessária a intersubjetividade. Há a figura do alterego, diferente e idêntico a si próprio (MORIN, 2012). “A relação com o outro está na origem. O outro virtual em cada um e deve atualizar para que cada um se torne si mesmo.” (idem, p. 78). A intersubjetividade propicia a compreensão humana (idem).

Retomando o tema desta pesquisa, no conceito de sujeito turístico repousa a precedência da existência do chamado ecossistema de turismo e não o inverso (BENI; MOESCH, 2017). Assim, o sujeito adquire centralidade. Não somente os “técnicos” do Turismo ou da Geografia, ou os sujeitos das comunidades residentes, mas, sobretudo, os sujeitos-turistas e/ou sujeitos praticantes de lazer nas paisagens lacustres. A observação das práticas turísticas, bem como a utilização de imagens fotográficas elaboradas pelos próprios turistas, procura dar conta do protagonismo e da auto-exo-referência característica do sujeito nos estudos em Complexidade.

#### 4.2 COMO SE FAZ E COMO SE EMPINA UMA PIPA? PERCURSO METODOLÓGICO

Tendo discorrido sobre o método a que nos filiamos, faz-se necessário classificarmos o tipo de pesquisa adotado e, conseqüentemente, as estratégias e procedimentos de pesquisa utilizados a fim de atingir os objetivos estipulados.

A tese lança mão de três estudos de caso múltiplos (YIN, 2015), multissituados, que correspondem a cada um dos sítios de encontro que são recortes espaciais para a pesquisa. Na sua multiplicidade, eles compõem a diversidade que a unidade da Lagoa Mirim parece apresentar, ou seja, o estudo de caso único que é, ao mesmo tempo, múltiplo. Cada sujeito entrevistado, cada fotografia analisada e cada observação tomada correspondem a unidades de coleta de dados (fragmentos), enquanto a Lagoa Mirim como um todo é tida como unidade de análise – a tentativa de unificação (idem).

Os estudos de caso são estratégias metodológicas de pesquisa qualitativa, a qual apresenta como diferencial: o estudo dos significados da vida dos sujeitos no contexto real; a representação de opiniões e perspectivas desses sujeitos; a abrangência contextual em que o fenômeno social ocorre; contribuição para revelar conceitos existentes ou emergentes que fazem compreender o comportamento social; esforço para uso de múltiplas fontes de evidência.

A pesquisa qualitativa tem sido mais amplamente aceita, em comparação com décadas anteriores; é tipo de pesquisa menos impessoal que o dos questionários, pois privilegia o papel dos sujeitos estudados (VEAL, 2011; YIN, 2016).

Procuramos observar os critérios de validade externa e de construto. Para a validade externa, usamos, por um lado, a lógica de replicação nos estudos de casos múltiplos e, por outro, a teoria nos estudos de caso únicos. Para a validade de construto, utilizamos múltiplas fontes de evidência, estabelecendo encadeamento entre elas. Nesse sentido, buscamos formular boas questões, sermos bons ouvintes, assegurarmos adaptabilidade, termos noção clara do objetivo do estudo e evitarmos vieses (YIN, 2015)

No intuito de assegurarmos a confiabilidade da descrição e das interpretações, visamos a um ajuste entre experiência e linguagem, uma vez que, conforme a Fenomenologia, o mundo da vida, por vezes, extrapola o dizível. Pautamos a confiabilidade de nosso trabalho, também, por meio da corroboração subjetiva, segundo a qual os dados são possibilidades interpretativas, abertos de acordo com o público (SEAMON, 2019). Nesse sentido, usamos um protocolo de estudo de caso (exceto nas observações) e desenvolvemos uma base de dados da pesquisa (YIN, 2015).

Dentro do viés da Fenomenologia, adotamos, a um só tempo, duas posturas. A perspectiva fenomenológico-existencial concebe que certas experiências de sujeitos e grupos são base para a generalização<sup>66</sup>. Já na concepção fenomenológico-hermenêutica, a interpretação é “expressão tangível imbuída de alguma forma com significado humano.” (idem, p. 14).

Em nossa pesquisa, analisamos o fenômeno após seu acontecimento (no caso de entrevistas, fotografias e demais documentos), mas são também coletadas evidências enquanto os acontecimentos ocorrem, mediante observação, na perspectiva dos estudos de caso multimétodo (BEETON, 2005; YIN, 2015) por nós assumida.

As entrevistas realizadas podem ser categorizadas como entrevistas curtas de estudo de caso ou, ainda, podem ser consideradas entrevista semiestruturada/semi-padronizada. Tencionamos entre-vistas, as quais, se assemelhando a uma conversa, apresenta uma estruturação semiemergente (FLICK, 2009; JENNINGS, 2005; YIN, 2015).

Não nos valem de uma amostra aleatória de sujeitos, pois os entrevistados foram considerados mais apropriados ou mais perceptivos, dada sua situação particular; esses nove sujeitos são tidos como respondentes ou co-pesquisadores (SEAMON, 2019). Optamos por uma

---

<sup>66</sup>Primeiro, identificamos o fenômeno de interesse; após, coletamos dados descritivos dos pesquisados sobre a experiência fenomenal; estudamos com vagar os relatos a fim de identificar padrões subjacentes; por fim, elencamos resultados (SEAMON, 2019).

amostragem intencional, agrupada de modo deliberado, o que não é incomum em Ciências Sociais. “O objetivo ou propósito de selecionar as unidades de estudo específicas é dispor daquelas que gerem os dados mais relevantes e fartos [...]”. (YIN, 2016, p. 79) Alguns dos sujeitos são especialistas em Turismo e áreas correlatas.

O protocolo consta de um roteiro de entrevista (Apêndice A), o qual continha três abordagens principais: entrevista episódica, foto-elicitación e técnicas projetivas (FLICK, 2009; YIN, 2016). Uma entrevista-piloto foi realizada em 11 de julho de 2019, com uma turismóloga que atua como técnica de laboratório em uma universidade, a fim de validar o instrumento, ou realizar possíveis adaptações. A duração foi de 35:40 e a gravação não foi utilizada para a análise.

Num primeiro momento do roteiro, buscamos elaborar questões abertas, a fim de abrimo-nos à opinião subjetiva dos participantes, mas também questões confrontativas, para aprofundarmos a posterior análise (FLICK, 2009).

A foto-elicitación, ou seja, a que se utiliza de fotografia como suporte para questionamentos e debates, é técnica corrente nos estudos de percepção da paisagem no Turismo, em conteúdos gerados pelo usuário da Internet e rede social. O intuito foi o de enriquecer a técnica da entrevista. Embora comuns em grupos de discussão, técnicas projetivas foram utilizadas na última parte da entrevista, por meio de situações hipotéticas projetadas (JACOBSEN, 2007; FLICK, 2009; VEAL, 2011).

O Quadro 1 mostra o perfil dos entrevistados e alguns dados das entrevistas, realizados em datas e locais convenientes para os entrevistados.

### Quadro 1 - Entrevistas realizadas

Sujeito pesquisado(r)			Entrevista		
Código atribuído	Formação e atuação	Sítios com que tem envolvimento	Data	Local	Duração
Alberto	Ciência da Computação, processamento de dados. Canoísta.	Capilha, Lago Merín e Porto Pindorama	25/9/19	Café Baden, Porto Alegre	32:00
Luíza	Turismóloga. Técnica em Turismo municipal.	Capilha	26/9/19	Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo, Rio Grande	19:48
Paulo	Graduado em Ciências Sociais e Mestre em Educação. Supervisor de Turismo municipal.	Lago Merín e Porto Pindorama	27/9/19	Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, Santa Vitória do Palmar	27:24
Carla	Publicitária e turismóloga.	Capilha	25/11/19	Sebrae, Pelotas	35:24

	Diretora de projetos e membro do APL Costa Doce.				
Ricardo	Veterinário. Presidente de associação cultural, membro do Comitê de Bacias	Capilha	25/11/19	Café Libre, Pelotas	34:06 <sup>67</sup>
Pedro	Diretor departamental de Turismo	Lago Merín	27/11/19	Café Panemio, Jaguarão	30:36 <sup>52</sup>
Amélia	Oceanóloga e mestre em Gerenciamento Costeiro. Coordenadora de projetos ambientais	Capilha	16/1/20	Núcleo de Educação Ambiental, Rio Grande	31:49
Angélica	Gestora ambiental. Condutora ambiental.	Capilha	17/1/20	Praça da Vila da Capilha, Rio Grande	16:45
Ludovica	Turismóloga e graduada/doutora na área de Letras. Professora universitária.	Porto Pindorama e Capilha	20/1/20	Residência da entrevistada, Santa Vitória do Palmar	29:18

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

A média de tempo de entrevista foi 27:51. O tempo das entrevistas totalizou 4h10min (Apêndice C). Os dados registrados por meio da transcrição das entrevistas conformam a base textual de análise (JENNINGS, 2005).

Posteriormente, lançamos mão de documentação indireta, com a obtenção de dados secundários, por meio da fotografia. A utilização de registros produzidos com objetivos da vida cotidiana permite abertura a processos e inter(ações), e o fato de utilizarmos dados que não tenham sido originalmente produzidos para fins de pesquisa contribuem para o desenvolvimento geral de metodologias multifocais (FLICK, 2009).

A seleção de documentos tem a ver com a constituição de um *corpus*, o qual remete à representatividade de amostragem, bem como à intenção de selecionar documentos para a reconstrução do caso. Os documentos puderam representar uma contribuição instrutiva, tanto às entrevistas quanto à observação (FLICK, 2009).

Compôs o *corpus* da pesquisa as fotografias do Instagram e comentários no Trip Advisor. Inicialmente, como piloto para obtenção das fotografias de interesse, distribuídos *flyers* aos frequentadores de Lago Merín com o seguinte dizer, em Português e Espanhol: Tire uma ou mais fotos de paisagem para promover o turismo na Lagoa Mirim! Poste no Instagram ou no Facebook. Use a *hashtag* #paisagenslacustres. Adicione outras *hashtags*, se quiser. No comentário, explique por que tirou aquela foto e o que enxerga naquela paisagem - Projeto de

<sup>67</sup>A entrevista foi complementada com questões enviadas por e-mail.

tese Prof. Jaciel Gustavo Kunz – [jacielkunz@gmail.com](mailto:jacielkunz@gmail.com). Essa distribuição ocorreu nos dois primeiros dias de campo, em Lago Merín. Contudo, a técnica de obtenção não foi satisfatória, já que, durante o período, não foram encontradas postagens com a *hashtag* divulgada. O intuito era adentrar a representação da paisagem como atratividade turística para o turista, a partir de sua intencionalidade.

Dado esse percalço, optamos por fazer uso de fotografias postadas no Instagram. Escolhemos essa rede social por ser amplamente utilizada no Brasil e por ser baseada em fotografia. Inserimos a *hashtag* #capilha e #lagomerin para localizar fotos no modo público. Para o Porto Pindorama, inserimos o local "Porto de Santa Vitória do Palmar", para verificar as imagens de paisagem obtidas naquele local. O período analisado foram as postagens dos meses de janeiro e fevereiro de 2020, nos três sítios estudados, percorrendo do fim ao começo do período. Inserimos no *corpus* 60 fotografias da Capilha, 17 de Lago Merín e 55 do Porto de Santa Vitória do Palmar. Notamos que os sítios do lado brasileiro tendem a ser mais fotografados ou, pelo menos, mais divulgado, por meio de imagens digitais de paisagem na rede social estudada.

Como uma variante de rede social, a plataforma Trip Advisor permite avaliações e recomendações dos consumidores/turistas/sujeitos acerca dos destinos, atrativos e serviços turísticos. Também realiza a distribuição e comercialização de produtos. Assim, constitui-se em banco de dados obtidos de modo espontâneo, com avaliações no modo de texto, imagem e *ranking*. Foram considerados 28 postagens, com título e descrição, da Capilha e 13 postagens de Lago Merín (Apêndice F). O Porto de Santa Vitória do Palmar não estava, em maio de 2020, na referida plataforma, ou seja, não figura como atrativo perante essa plataforma e seus usuários.

Por fim, realizamos observação direta intensiva no intuito de derivar informações acerca do problema de prévio, ao mesmo tempo em que buscamos evidenciar novos fatos, fenômenos e relações que ocorrem espontaneamente. A observação pretendeu ir além da mera coleta de dados.

Procedemos a observações focais que se ativessem à questão da pesquisa e, também, a observações seletivas que promovessem compreensão intencional dos aspectos mais relevantes (FLICK, 2009). Outrossim, a observação realizada foi predominantemente assistemática e/ou ocasional, não contamos com controle pré-elaborado, uma vez que não tínhamos de antemão os aspectos relevantes que seriam observados, mas sim a problemática, a temática e o objeto empírico.



Fizemos uso de um esquema misto entre pesquisa participante e não participante. Por exemplo, a investigação do uso de balneários pelos sujeitos pode ser um exemplo de pesquisa com tendência participante. Adotamos a postura do observador-participante, uma vez que, em se tratando de espaços públicos e abertos, os usuários alternam-se com grande frequência, o que gera dificuldades em entrevistar e obter termo de consentimento; por outro lado, quando mais público for o espaço, mais fácil será de o pesquisador não ser percebido com facilidade (FLICK, 2009). Na observação individual ocorrida, a personalidade do sujeito-pesquisador em alguma medida projeta-se na observação.

O sujeito-pesquisador ficou um tempo como usuário desses sítios, deles participando, embora isso seja uma visão reduzida da pesquisa participante que envolve, geralmente, alto grau de interação com os grupos dos sujeitos analisado. Esse tipo de pesquisa pode ser, em alguns casos, a única alternativa para executá-la, em que o questionário não foi uma escolha plausível, na medida em que “as práticas apenas podem ser acessadas por meio da observação, uma vez que as entrevistas e as narrativas somente tornam acessíveis e os relatos das práticas não são as próprias práticas.” (FLICK, 2009, p. 203). Portanto, esclarecemos que não foram entrevistados turistas/lazeiristas em campo, dando ênfase à observação direta das práticas.

Observações preliminares de reconhecimento de campo ocorreram em 9 de junho de 2019 (Porto Pindorama), 27 de novembro de 2019 (Lago Merín) e 29 de novembro de 2019 (Capilha) e em 3 de janeiro de 2020 (novamente em Lago Merín). A partir daí, julgamos pertinente conceber o campo como um terreno, fluido, ativo e complexo, com o qual nos encontramos de maneiras surpreendentes e incertas, potencialmente obtendo-lhe um retrato mais fiel (SEAMON, 2019).

Em se tratando de espaços públicos e abertos, as dificuldades de acesso e permanência em campo, que comumente ocorrem, não foram uma questão. O problema do registro de informações, manuscrita ou gravação, foi reduzida pelo uso do gravador de voz de aparelho celular - sozinho, o pesquisador poderia estar encenando comunicar-se com alguém por um curto áudio em aplicativo de mensagens, situação bem mais corriqueira que a chamada de voz. Colocamo-nos de um modo que a gravação não fosse ouvida, apenas vista, assim evitando inibição e distanciamento que um caderno de campo poderia impor.

Por vezes, o sujeito-pesquisador confundia-se em meio ao observado, buscando vivência em conjunto, sem perder a objetividade – o que se não equivale à neutralidade. Na observação, pudemos obter evidências de que os sujeitos, por vezes, não têm plena consciência, mas que lhes ditam o comportamento. Possibilitou-nos meios satisfatórios e diretos para estudo de um amplo espectro de fenômenos, além da coleta de dados sobre comportamentos típicos, o

que é válido para estudarmos as *performances* turísticas nos sítios de encontro e, muitas vezes, evidencia dados não obtidos nas entrevistas aos sujeitos. Contudo, corremos o risco de não presenciarmos determinados fatores, além de que, a duração dos acontecimentos pode ser de longa ou curta duração, dificultando a coleta de dados.

Assim, a etapa de campo voltou-se ao objetivo de (re)problematização e de aumento de nossa familiaridade com um contexto e/ou fenômeno, modificando/aclarando conceitos. Buscamos descrições qualitativas do(s) objeto(s) de pesquisa, combinando estudos exploratórios e descritivos, a fim de obtermos caracterizações detalhadas. As informações acumuladas poderão ser analisadas por outros pesquisadores, com finalidades distintas.

A pesquisa observatória complementou as entrevistas, inclusive, comparando o observado com a verbalização do observado por outros, como autoridades, e pôde colaborar para desfazer estereótipos de sítios, sujeitos ou grupos. Voltamo-nos para a observação das rotinas (a partir da inspiração Goffmaniana) e/ou do comportamento social nos sítios de estudo. Por vezes, acabamos nos voltando para a (auto)observação do comportamento desviante (*idem*). Além da escolha dos locais (sítios), foi necessário optar por pontos de observação centrais, inicialmente, fixos e, posteriormente, também móveis. A condução da observação não estruturada exige ainda mais do observador, que deve ter clareza sobre a problemática e descrever com precisão o observado. Em vez de registrar mecanicamente os dados, buscamos realizar uma observação em que interpretássemos as informações, enquanto as coletávamos, até atingirmos a exaustão da energia analítica (VEAL, 2011; YIN, 2015).

As notas de campo são consideradas o meio clássico de documentação na pesquisa qualitativa. Os registros foram feitos logo após terem sido feitas as observações. Reconhecemos que a produção das notas de campo é decisivamente influenciada pela percepção e seletividade do pesquisador. Também realizamos algumas anotações de caráter analítico-interpretativo, ao longo do contato com o campo (FLICK, 2009)

Das notas de observação direta, fizeram-se acompanhar de registros fotográficos (FLICK, 2009; VEAL, 2011), que não se confundem com as fotografias extraídas da rede social.

Foram 15 turnos de observação, em 12 dias de janeiro de 2020, predominantemente, aos finais de semana, para valer-se de maior afluência de sujeitos aos sítios, do modo mais uniforme possível nos três sítios de estudos. Os 159 áudios gravados em campo transformaram-se em notas, e as transcrições aproximaram-se das 20 páginas (Apêndice D).

O Quadro 2 mostra a distribuição das observações no tempo e no espaço.

**Quadro 2 – Notas de campo**

<b>Sítio de encontro</b>	<b>Data</b>	<b>Dia da semana</b>	<b>Turno de trabalho</b>
Lago Merín	4/1/20	Sábado	Manhã/tarde
	5/1/20	Domingo	Manhã/tarde
	6/1/20	Segunda-feira (feriado no Uruguai)	Manhã/tarde
	7/1/20	Terça-feira	Manhã/tarde
Capilha	18/1/20	Sábado	Tarde
	19/1/20	Domingo	Tarde
Porto Pindorama	21/1/20	Terça-feira	Tarde
	22/1/20	Quarta-feira	Tarde
	23/1/20	Quinta-feira	Tarde
	24/1/20	Sexta-feira	Tarde
Capilha	25/1/20	Sábado	Tarde
	26/1/20	Domingo	Tarde

Fonte: Elaboração do autor (2020).

Tanto a documentação fotográfica, quanto os dados primários das entrevistas e das observações, foram coletados até o ponto de sua saturação teórica, “ou seja, quando um avanço na codificação, um enriquecimento de categorias, etc., não mais representem uma promessa de novos conhecimentos.” (FLICK, 2009, p. 286). A definição das decisões de seleção e conclusão estiveram a cargo da teoria elaborada e do pesquisador, que a realizou, então, por saturação teórica.

Como pesquisa multifocal, demos origem a dados textuais e visuais (FLICK, 2009). “Um problema peculiar é a questão do enquadramento – o que está na fotografia, ou que está sendo focalizado, o que é deixado de fora? – e da medida em que o estilo estético pessoal do fotógrafo determina o conteúdo da foto.” (FLICK, 2009, p. 223), ou seja, as imagens levam em conta o quadro, pois todas as imagens possuem limites físicos (JOLY, 2012). Quanto à fotografia, a Fenomenologia sugere retornar às suas partes reiteradamente (SEAMON, 2019).

Para apreciação dos dados, utilizamos a análise qualitativa de conteúdo, pertinente ao contexto de um estudo multimétodo/multifocal. Permite analisar os conteúdos reais e simbólicos de todo registro de comunicação. É adequada às análises semiótica e hermenêutica. Seu domínio de aplicação é para considerável volume de dados e provindos de fontes diversas (HALL; VALENTIN, 2005)

A análise qualitativa de conteúdo é a que tem como premissa a utilização de categorias, geralmente, obtidas por meio de modelos teóricos, embora possam ser continuamente reavaliadas em contraste com o material empírico e, ocasionalmente, modificadas (FLICK, 2009). Pôde-se realizar a síntese da análise de conteúdo, no qual “o material é parafraseado, o

que significa que trechos e paráfrases menos relevantes que possuam significados iguais são omitidos (primeira redução), e paráfrases similares são condensadas e resumidas (segunda redução).” (idem, p. 292-293). Procedimento semelhante foi utilizado na análise de imagens (BANKS, 2009), que figura dentre as metodologias visuais (ROSE, 2001), a partir de aspectos como ancoragem e revezamento (BARTHES, 1986).

Diversamente da codificação teórica, a codificação aberta consiste em que dados e fenômenos sejam expressos sob a forma de conceitos. Para tal, os dados devem ser primeiramente desemaranhados ou segmentados de acordo com as unidades de significados. (FLICK, 2009, p. 279). “O resultado da codificação aberta deve ser uma lista de códigos e de categorias associadas ao texto. Esta lista deve ser complementada pelas notas de codificação elaboradas para explicar e para definir o conteúdo dos códigos.” (idem, p. 280). Utilizamos cores para destacar o conteúdo dos códigos. Assim, após compilação, realizamos a decomposição em códigos abertos e recomposição, que precede a interpretação – a criação de novas narrativas – e as considerações (não tão) finais (YIN, 2016). Utilizamos o auxílio da ferramenta QDA Miner Lite para organizar, decompor e reorganizar os dados qualitativos das entrevistas, notas de pesquisa e comentários no Trip Advisor.

As estratégias de análise no estudo de caso contam com as proposições teóricas, aliado ao desenvolvimento da descrição do caso (YIN, 2015). Nesse sentido, não há hierarquia entre os modos de coleta de dados (idem) nesta pesquisa multifocal (FLICK, 2009). Em vez de um modelo linear de pesquisa, adotamos a perspectiva recursiva (VEAL, 2011) e interativas (YIN, 2016). Partindo da Fenomenologia, buscamos agir de modo a incorporar a incerteza e a espontaneidade, permitindo fluidez do processo de pesquisa (SEAMON, 2019). Partimos do princípio de que a descrição no/do estudo de caso já se reveste de caráter interpretativo, a fim de atingirmos generalizações analíticas. Buscamos uma análise interpretativa. Como consequência, por vezes, a redação da tese não obedece a uma estrutura estritamente linear, mas, ao tentar considerar perspectivas alternativas e apresentar evidências suficientes, o relatório segue estruturas não estritamente sequenciais, comparativas e de construção da teoria (YIN, 2015, 2016), embora tenhamos procurado manter uma estruturação de lógicas que possam ser apropriadas pelo sujeito-leitor, o que é fundamental.

Estudos que utilizam múltiplas fontes de evidência requerem a convergência de dados por meio de triangulação (BEETON, 2005), ver Figura 7. A triangulação é a justificativa para

uso de múltiplas fontes de dados (YIN, 2015). A triangulação<sup>68</sup> teórico-metodológica é tendência ou no campo das metodologias qualitativas, a fim de enfrentar as limitações da utilização de um método único. Ela designa “a combinação de diversos métodos, grupos de estudo, ambientes locais e temporais e perspectivas teóricas distintas para tratar de um fenômeno.” (FLICK, 2009, p. 361). A ideia é a de que distintas perspectivas metodológicas, todas com pontos positivos e fragilidades, possam ser complementadas e compensadas, obtendo-se compreensão mais ampla do objeto estudado, na medida em que dá conta de diferentes aspectos das questões de pesquisas (VEAL, 2011).

Como conceito guarda-chuva, distintas dimensões foram consideradas na triangulação. A primeira delas é aquela dos dados, provindos de fontes diversas, não podendo ser confundido com o emprego de tipos de diferentes metodologias. Foram levados em conta diferentes tempos, espaços e sujeitos – por exemplo, diferentes pessoas consultadas em momentos diferentes e em locais diferentes. Nesse sentido, realizamos as entrevistas, observações e coleta de documentos em três sítios distintos, durante a temporada de verão – combinando com períodos durante a semana e aos finais de semana.

Na triangulação metodológica, houve triangulação dentro do método, despontando a hibridação, “como forma de fugir à filiação restritiva a um discurso metodológico específico.” (FLICK, 2009, p. 33). A intenção foi “superar os potenciais epistemológicos (sempre limitados) do método individual.” (idem, p. 362).

Ensejada pela Complexidade, a triangulação teórica considera o tratamento dos dados a partir de perspectivas múltiplas, ampliando possibilidade de produção do conhecimento (FLICK, 2009).

---

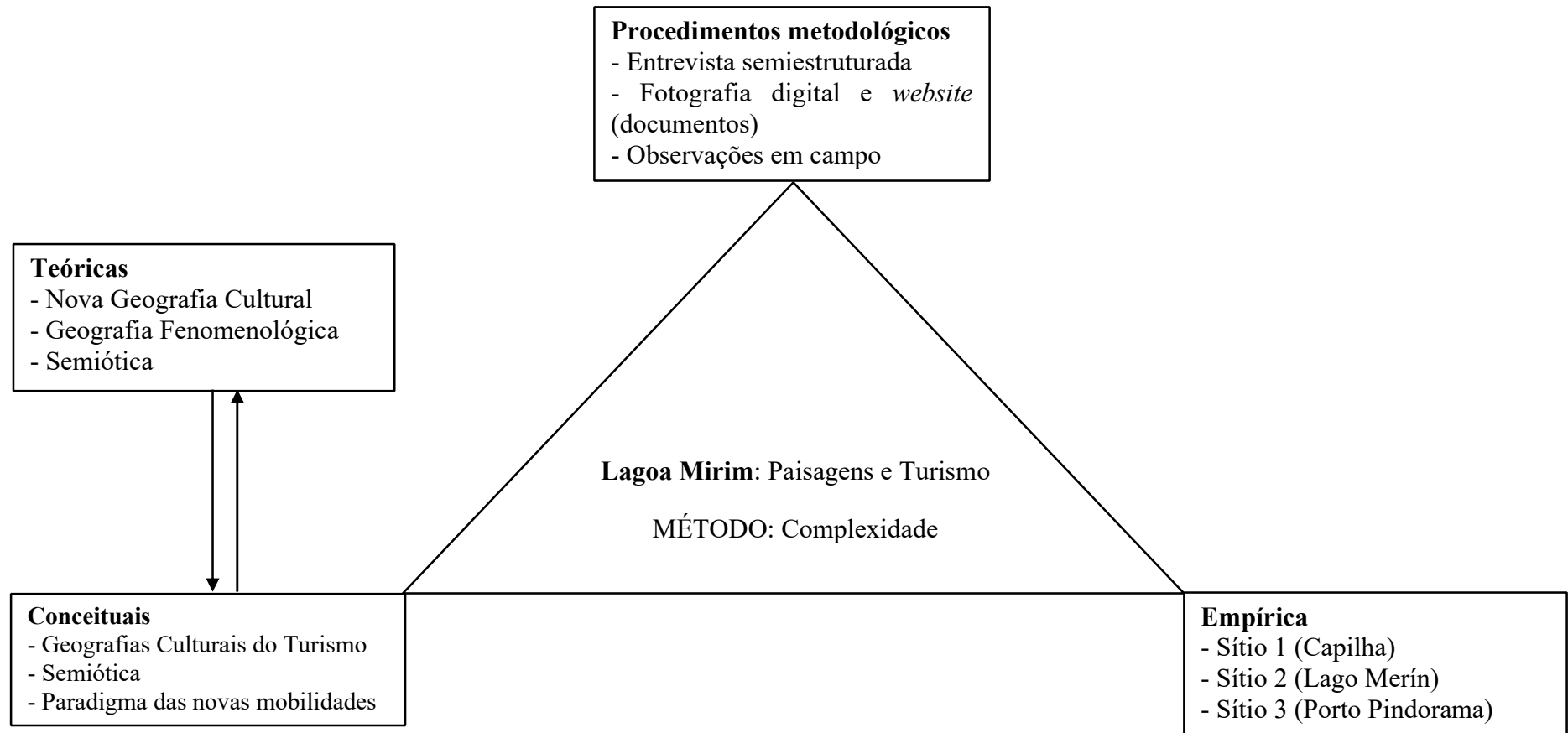
<sup>68</sup> “O nome de *triangulação* é derivado do método terrestre de fixação da posição de um objeto através de as medidas por dois pontos diferentes, com o objeto sendo o terceiro ponto do triângulo.” (VEAL, 2011, p. 159, grifo do autor).

**Figura 6 - Principais elementos do *design* metodológico executado**

DADOS MULTIFOCAIS ABORDAGEM MULTIMÉTODOS	PROTOCOLO DO ESTUDO DE CASO MÚLTIPLO (PRÉ-COLETA)		COLETA DE DADOS TEXTUAIS E VISUAIS		ANÁLISE DE DADOS	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação preliminar</li> <li>- Pré-teste do roteiro de entrevista</li> <li>- Leitura flutuante de documentos em rede social (imagem e texto)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Amostragem intencional</li> <li>- Saturação teórica</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação direta intensiva (assistemática)</li> <li>- Entrevista semi-padronizada (esquema misto)               <ul style="list-style-type: none"> <li>a) Episódica</li> <li>b) Foto-elicitação</li> <li>c) Técnica projetiva</li> </ul> </li> <li>- Fotografias e avaliações (dados secundários)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Notas de campo (com fotografias)</li> <li>- Transcrição de entrevistas</li> <li>- Banco de imagens</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Análise qualitativa de conteúdo</li> <li>- Codificação aberta</li> <li>- Decomposição e recomposição</li> <li>- Produção de mapas de equipamentos e de práticas</li> </ul>

Fonte: Elaboração do autor (2020).

**Figura 7 – Proposta das vias para triangulação teórico-metodológica (formas de dialógica)**



Fonte: Elaboração do autor (2020).

## 5 NEM TODA PIPA É BELA, MAS É A QUE MAIS SE FAZ PRESENTE – ESTÉTICAS DAS PAISAGENS NO/DO TURISMO/LAZER

*“Havia uma estética que parecia mesmo unificar os brasileiros, uma estética para a qual nós, do extremo sul, contribuíamos minimamente; havia uma idéia [sic] corrente de brasilidade que dizia muito pouco, nunca o fundamental de nós.”  
(Victor Ramil).*

### **Objetivos desta parte:**

- Discutir a fundação e o âmbito da Estética;
- Vincular a estética ao interesse desinteressado e ao distanciamento;
- Apresentar o pitoresco como categoria estética do romântico;
- Situar o objeto e o sujeito na situação estética;
- Aproximar e distinguir a apreciação visual na paisagem na natureza e nas Artes Visuais;
- Apresentar breve histórico do *sightseeing* na confluência de Arte, viagem e paisagem;
- Distinguir a pintura da paisagem como gênero pictórico, sua ascensão e declínio no Ocidente.

### 5.1 ESTÉTICAS DA NATUREZA: ENTRE O ROMÂNTICO E O PITORESCO

Berleant (2012) questiona: A que se referem experiências paisagísticas? Como as descrevemos? Como experienciamos a paisagem nas Artes? E, de modo mais complexo, como as Artes relacionam-se com a experiência na/da paisagem?

A apreciação ou experiência estética é acionada pela referida percepção, que inclui toda sorte de contatos com o mundo - ver, cheirar, tocar... A percepção é quando a atribuição de valor estético começa. Mais que visual, essa percepção envolve a presença dinâmica de um corpo e toda sua gama de consciência sensorial (BERLEANT, 2012; BRADY, 2003).

No entanto, a percepção comum discutida na seção anterior, diferencia-se de uma percepção propriamente estética. Nesta, o objeto nunca é totalmente apreensível pelo sujeito. É necessária a presença sensível do objeto, acrescida da capacidade sensorial desse sujeito. A percepção não se reduz a uma atividade sensorial, mas se constitui em experiência psíquica complexa. Há uma estrutura que integra as partes do objeto, indo além da mera soma das partes. A percepção faz-se acompanhar da recordação, da imaginação, do sentimento e do pensamento. “E toda essa variedade de componentes perceptivos ocorre na unidade indissolúvel de uma



estrutura global que não permite ser reduzida a um deles – a sensação [...]” (SANCHEZ-VAZQUEZ, 1999, p. 135).

Para Brady (2003), a maioria das qualidades estéticas – sensoriais, afetivas, imaginativas, comportamentais, simbólicas... – pode ser considerada como propriedades fenomênicas. A experiência perceptual sofre influência das condições de percepção, que incluem capacidades sensoriais de cada sujeito, sua bagagem cognitiva, suas crenças, seus valores, aliado ao contexto histórico-cultural da experiência estética. São qualidades não intrínsecas ao objeto - mas dependentes da resposta do sujeito e, diferentemente, de qualidades que existem independentemente do observador - a massa, o volume e o formato, o que um físico pode detectar e medir. É única a paisagem e a experiência desta por um sujeito (BRADY, 2003; SERRÃO, 2017).

A pintura é a forma mais expressiva do sentido da visão. “A pintura é ‘ruminação do olhar’ é ‘inspiração, expiração, respiração do Ser’. Essas expressões merleau-pontianas não são metáforas e sim descrições rigorosas da pintura como filosofia figurada da visão.” (CHAUÍ, 1999, p. 60). Para os/as pintores(as), a paisagem é um espetáculo ou um objeto visual (BERLEANT, 2012). “Ver é um ato complexo e nenhuma grande pintura comunica seu valor e sua excelência sem alguma forma de preparação e instrução.” (SONTAG, 2004, p. 163).

A visão e a audição são consideradas os sentidos propriamente estéticos, pois permitem um tipo de reflexão impassível há muito ligada a um ideal de beleza. Esteticamente, a percepção pode começar com a visão, a qual irá dirigir os outros sentidos a um engajamento sensorial mais amplo. O visual permite discernir luz, cor, movimento e a correspondente abstração espacial. O auditivo permite discernir timbre, nível, ritmo etc. Também, esteticamente, os canais sensoriais não operam separadamente (BERLEANT, 2012; BRADY, 2003; SANCHEZ-VAZQUEZ, 1999).

São sinônimos a apreciação estética e a resposta estética, ali situando o estudo da natureza das propriedades estéticas, em vez da experiência estética. A resposta estética é uma resposta emocional, e pode ser abordada enquanto uma impressão sensorial, e/ou enquanto caráter avaliativo do prazer sensual e, por vezes, do belo (BRADY, 2003; COSGROVE, 2002; TUAN, 2012).

Resposta e juízo estéticos estão implicados. “Uma profunda mutação acontece quando passamos da experiência de ver – do olhar – à explicação racional dessa experiência – ao pensamento de ver –, quando passamos da percepção ao juízo.” (CHAUÍ, 1999, p. 45). É da apreciação detida que se depreende um sentimento de harmonia, resultante da conjugação do pensar e o agir, que termina, por sua vez, na emissão do juízo (SERRÃO, 2017). Assim sendo,

“os espectadores acreditam 'ver' o que esperam de uma paisagem natural, sem reconhecer, a esse espetáculo, uma arte ou um estilo particular que possam dar ocasião a um juízo estético.” (CAUQUELIN, 2007, p. 119). A paisagem, por ser entendida como uma matriz que torna a terra conhecida, visível e calculável, faz surgirem juízos críticos mais nítidos (WYLIE, 2007).

Para Brady (2003), os juízos estéticos são intersubjetivos. Pode haver concordância e discordância em relação a esses juízos, revelando o problema do gosto e da comunicação estética. Essas diferenças podem ser explicadas por meio de: atenção diferencial, de discrepâncias nas experiências, de preconceitos, vieses – às vezes, ter visitado o lugar tem desvantagens para o juízo estético – e de múltiplas experiências dos objetos. Porém, o juízo turístico implica, em geral, a necessidade de concordância entre os sujeitos-turistas. Isso porque os turistas formam um grupo de sensibilidade, que formam um determinado padrão de gosto que, por sua vez, é de senso público (BRADY, 2003; KNUDSEN; METRO-ROLAND; RICKLY, 2015).

Como gênero de pintura específico, as paisagens correspondem a uma estetização do olhar, despertando muita atenção dos geógrafos, uma vez que são representações de áreas (GOMES, 2013). De acordo com Roger (2008), a paisagem é noção bem mais antiga que a de ambiente - é anterior à busca por rigor científico desses conceitos na Ecologia e na Geografia e, ao possuir origem artística, merece análise e autonomia estética.

A pintura da paisagem e da natureza é relativamente recente na história da Arte Ocidental (TUAN, 2012). Especializa-se artisticamente no século XVII. No século seguinte, tem destaque Canaletto<sup>69</sup>, tido como o mais importante pintor de paisagens (PINTURA..., 2019).

A Figura 8 exibe a pintura em tela Uma Regata no Grande Canal (data aproximada, 1740).

---

<sup>69</sup> Giovanni Antonio Canal (1697-1768).

**Figura 8 – Uma Regata no Grande Canal (Canaletto)**



Fonte: Galeria Nacional de Londres (2021). Disponível em: <<https://www.nationalgallery.org.uk/paintings/learn-about-art/paintings-in-depth/the-national-gallery-masterpiece-tour-canalettos-a-regatta-on-the-grand-canal?viewPage=2>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

Destacamos que as inter-relações entre literatura e pintura de paisagens são relevantes: “O texto [literário] acompanha, redobrando seu efeito, a própria realização. Trata-se, ao mesmo tempo, de um manual de pintura, de um guia para o paisagista-arquiteto e de um guia turístico”. (CAUQUELIN, 2007, p. 93). No período, surge também maior interesse pela visualização direta e imediata das paisagens descritas por palavras, na medida em que “as palavras podem mentir; a imagem, por seu lado, parece fixar o que existe.” (idem, p. 97).

Relegada em um segundo plano até o século XVIII, no século XIX ela ocupa o centro da cena (PINTURA..., 2019), ganhando imagética própria durante o Romantismo (GASTAL, 2013b), “ou seja, de complemento à figura, a natureza passa a motivo central do quadro. A paisagem ganha espaço não apenas no âmbito da tela, mas na concepção de natureza, da sociedade.” (idem, p. 128).

Ao analisar a pintura *Monalisa* (1503), de Leonardo da Vinci (1452-1519), Gastal (2013a, p. 127) pontua: “A paisagem ao fundo da figura não registra sinal da vida humana e contrasta com a figura bastante moderna do protagonista. O tipo de composição ao fundo [...] tem um rebatimento no rosto e no pano da roupa, criando uma continuidade com a figura.”. “Em suma, a paisagem adquiriria a consistência de uma realidade para além do quadro, de uma realidade completamente autônoma, ao que passo que, de início, era apenas uma parte, um ornamento da pintura.” (CAUQUELIN, 2007, p. 37).

Além disso, no século XIX, desponta a prática de pintura ao ar livre, redundando na predileção pela paisagem vista de perto, em detrimento de paisagens míticas e alegóricas. São

chave nas origens do gênero “pintura de paisagens” os nomes de Constable<sup>70</sup> e Turner<sup>71</sup>, britânicos que viveram em período próximo. São influências de Constable os paisagistas holandeses de dois séculos antes, ao registrar as mudanças atmosféricas e o movimento das nuvens. Já Turner tem como influência a paisagem clássica de Lorrain<sup>72</sup> e as perspectivas dramáticas de Canaletto. Em ambos observamos o interesse pela atmosfera e pela luminosidade (PINTURA..., 2019). “Só que nos quadros de Turner a luz explode numa espécie de turbilhão, inundando a tela [...]” (idem, p. 2).

Ainda no século XIX, mas em um (então) novo momento, o Impressionismo conferiu, à pintura de paisagens, lugar destacado.

A observação da natureza a partir das impressões pessoais e sensações visuais imediatas, a suspensão dos contornos e dos claro-escuros em prol de pinceladas fragmentadas e justapostas e o aproveitamento da luminosidade e uso de cores complementares, favorecidos pela pintura ao ar livre, são traços da renovação estilística empreendida por Claude Monet (1840-1926), Pierre-Auguste Renoir (1841-1919), Camille Pissarro (1830-1903), entre muitos outros. (PINTURA..., 2019, p. 1).

Monet é um clássico do Impressionismo. Ele recusava a ideia de paisagem como tal, porque ela estaria sempre mudando. Dá importância à luz e à atmosfera, que fazem a paisagem aparecer, e dá vazão a um olhar espetacular cotidiano. Menos objetos são reconhecidos, em favor da profusão de cores, de uma sensação pura. Menos inteligível, mais sensível, Monet preconizava ir direto para a natureza, depois de uma breve aula no museu. Ele juntava o aparecimento e a aparência, diferentemente de Cézanne<sup>73</sup>, que tentou recuperar a densidade dos objetos (SALLIS, 2015).

A discussão instaurada também se encontra relacionada à perspectiva que foi, no século XIX, desafiada pelas tecnologias de transporte surgidas nessa época: a imagem é paulatinamente destituída na paisagem da janela do trem (GASTAL, 2013b). “Muda o olhar, menos orientado pela racionalização implícita na perspectiva: a paisagem que passa célere pela janela, fala antes ao sensorial do que ao intelectual do observador.” (idem, p. 128). Fica claro que Cézanne evita o esforço da perspectiva visual, ou seja, somente no século XIX a perspectiva será pela primeira vez relativizada na pintura. Os pontos não convergem para um ponto distante indefinido; eles divergem. Volume e profundidade são para ele atingidos não pela perspectiva, mas pela cor. Também para Cézanne, a natureza era mais profundidade que

<sup>70</sup> John Constable (1776-1837).

<sup>71</sup> Joseph Mallord William Turner (1775-1851). É considerado por Cauquelin (2007) como o “mais heraclitano” dos pintores, na medida em que a água é tema dos mais frequentes (p. 148).

<sup>72</sup> Claude Lorrain (1600-1682).

<sup>73</sup> Paul Cézanne (1839-1906).

superfície. A arte ocidental foi dominada, do Renascimento ao século XIX, por uma proposta representacional e mimética, que ainda prevalece na cultura popular, na qual predominam códigos do realismo (CHANDLER, 2003; SALLIS, 2015; SANCHEZ-VAZQUEZ, 1999).

Nesse cenário, inicia-se “[...] o processo de desmaterialização da imagem-paisagem. Os impressionistas registraram essa mudança em suas telas, com suas pinceladas fluidas, a figura liberando-se da prisão da linha.” (GASTAL, 2013b, p. 128). O pintor impressionista não buscava a paisagem, mas com ela se encontrava continuamente, imperando a lei da mudança; quem a buscava, eram os pós-impressionistas, imbuídos de atitude neorromântica, pautada pela fuga, pela busca do insólito, uma vez favorecidos pelas facilidades para transporte de longa distância (GASTAL, 2013b; NOGUÉ, 2008).

Os pós-impressionistas, ou neoimpressionistas (PINTURA..., 2019), como Seurat<sup>74</sup> e Signac<sup>75</sup> “colocam sua ênfase na pesquisa científica da cor, decomposta e recomposta na série de pontos e manchas que cobrem a superfície da tela [...]” (idem, p. 2). É preciso esclarecer que Cézanne “explora as possibilidades do Impressionismo, embora nunca tenha se inclinado às representações realistas e às impressões fugares.” (idem, p. 2). Como outros, Cézanne recusa submeter-se às leis da perspectiva (SERPA, 2019). Em algumas de suas obras, contudo, “as sensações visuais são filtradas pela consciência.” (PINTURA..., 2019, p. 2). À diferença deste, que muitas vezes não lançava mão de brilhos ou transparências, Van Gogh<sup>76</sup> possuía “pinceladas em redemoinho e explosão de cores.” (idem, *ibidem*). Novas soluções são implementadas, entre outros, por Matisse<sup>77</sup> (idem).

Após esta explanação, temos de esclarecer que esta subseção tem como suporte as indagações do campo da Estética da Natureza a partir do século XVIII, alinhando temporalmente com os outros capítulos – paisagem, turismo, pintura. Por vezes, as práticas pictóricas antecipam-se à elaboração estético-filosófica; por vezes, são delas acompanhadas. Por isso, retrocedemos um pouco no tempo para aprofundarmos o entendimento estético da pintura de paisagens. Optamos por essa sequência uma vez que as categorias estéticas transcendem a prática da pintura e incorporam outros domínios artísticos e experienciais.

O termo “estética” foi cunhado por Alexander Baumgarten, para definir o estudo filosófico do belo artístico e natural, em 1735, inicialmente, uma ciência da percepção. Deriva

---

<sup>74</sup> Georges Seurat (1859-1891).

<sup>75</sup> Paul Signac (1863-1935).

<sup>76</sup> Vincent van Gogh (1853-1890).

<sup>77</sup> Henri Matisse (1869-1954).

de *aesthesis* (do Grego, *aisthanomai*) e que se refere aos sentidos perceptivo e cognitivo (BRADY, 2003; ROSENFILED, 2006).

Esclarecemos que a Estética estuda os objetos estéticos, bem como as atitudes em relação a eles, e se definiu, a princípio, como ciência do belo. Entretanto, o estético não se resume ao belo. Exemplos de estético sem ser belo são: o cômico, o grotesco, o monstruoso, o gracioso, etc. O belo está contido no estético. É uma instância dele. Logo, o belo parece uma parte, insuficiente para entender o estético como um todo (SANCHEZ-VAZQUEZ, 1999). Assim, optamos por não discorrer sobre o belo clássico, como o de Sócrates, Platão ou Aristóteles (ROSENFILED, 2006).

#### A Estética, como disciplina

[...] analisa o complexo de sensações e dos sentimentos, investiga sua integração nas atividades físicas e mentais do homem [sic], debruçando-se sobre as produções [...] da sensibilidade, com o fim de determinar suas relações com o conhecimento, a razão e a ética. (ROSENFILED, 2006, p. 7).

Em Peirce, há uma continuidade da Semiótica com as Ciências Normativas (Estética, Ética e Lógica) que estudam, respectivamente, as finalidades do sentimento, das ações e do pensamento humanos. A Estética serve como um privilegiado modo de conhecimento colateral<sup>78</sup>, na medida em que nos ajuda a moldar nossas interpretações (). Nossas próprias experiências aprofundam a apreciação dos objetos estéticos (BRADY, 2003; KNUDSEN; METRO-ROLAND; RICKLY, 2015; KNUDSEN; METRO-ROLAND; RICKLY, 2015). E, “mesmo que um objeto estético se refira, à primeira vista, a algo externo, como pode acontecer numa pintura e, muito mais, numa fotografia, ou no cinema, ou no vídeo, o que faz do estético aquilo que ele é, não é a referência, mas a ambiguidade dela.” (SANTAELLA, 2000, p. 180).

Como exemplo de indissociabilidade categorial na/da experiência em Peirce, trazemos a contemplação da paisagem, que, ao possuir caráter estético, articula a

porosidade sensorial do deleite (primeiridade), assim como ao esforço interpretativo implícito na percepção, na observação entre distraída e atenta de um objeto (secundidade), além da promessa de compreensão e assentimento intelectual com que esse objeto nos acena (terceiridade). (SANTAELLA, 2000, p. 183).

Como tal, trabalha com a fixação de significados, por meio da estabilização, seleção e combinação, com certa cadeia de equivalências. Pela natureza das relações que determina, a

---

<sup>78</sup> Em suma, refere-se às experiências, ao conhecimento ou às informações prévias as quais permitem que elaborem novos conhecimentos, segundo Charles S. Peirce.

Estética acaba por despolitizar a paisagem turística, ao fazê-la parecer natural e de senso-comum. A estética estende-se para o nível da civilização, ou seja, em termos de ideologia estética, não falamos de uma estética francesa, norte-americana ou brasileira, mas sim ocidental (KNUDSEN; METRO-ROLAND; RICKLY, 2015).

A Estética é mais do que um paradigma visual que serve à organização do que se vê durante um passeio ou uma viagem; serve também para naturalizar o que nós vemos, constituindo, assim, um modo de ideologia visual, já trabalhada em seção anterior. O sujeito que olha acaba imobilizado ante uma paisagem pensada cientificamente como quadro espaço-temporal, fica incapaz de reconhecer os aparatos ideológico e cognitivo, produtores de saberes éticos e estratégicos (KNUDSEN; METRO-ROLAND; RICKLY, 2015; MINCA, 2008).

Apreciamos inicialmente a teoria de Kant, para, após, considerar as formulações de Brady (2003) e Berleant (2012), entre outros. Assinala-se o marco em Kant, pois teria sido ele o primeiro a sistematizar filosoficamente o exame estético da apreciação da natureza. Há indícios de sensibilidade estética já entre as sociedades iletradas. Porém, na era Moderna, a natureza torna-se objeto de indagação filosófica, pela Estética (século XVII), e ganhando identidade disciplinar – século XVIII (BERLEANT, 2012; BRADY, 2003).

“A estética, de sua parte (a paisagem pictural, por exemplo), tem a tarefa de interpretar ou de explicitar, segundo os códigos de uma cultura e em função de escolhas existenciais e inconscientes do indivíduo criador, essa estruturação presente na *aesthesis*” (COLLOT, 2012, p. 20).

No século XX, a Estética identifica-se como filosofia da arte (BERLEANT, 2012). Nesse ínterim, pontuamos que não há “como pensava Kant – um ‘sentido estético’ comum aos homens [sic] de todos os tempos, e social porque apenas socialmente ocorre a relação sujeito-objeto que chamamos estética.” (SANCHEZ-VAZQUEZ, 1999, p. 179).

Retomando Kant<sup>79</sup>, o belo natural, por vezes, interessa mais que o belo artístico, numa posição ambivalente, em que o primeiro é referência para o segundo. Na visão dele, somente a natureza poderia ser objeto de juízo de gosto puro. Em Kant, o julgamento estético distingue-se do julgamento cognitivo, pois, aquele não é determinado pelo conhecimento do objeto, mas por um sentimento de gosto, ou não, por parte do apreciador. Cores ou formas, por si sós, não causam resposta estética, segundo Kant, quem iguala o gosto estético a outros juízos, como o ético, por exemplo. Contudo, o prazer estético, para ele, é de uma ordem distinta da do prazer

---

<sup>79</sup> Às vezes, a teoria de Kant não é devidamente percorrida pelos autores, dado o fator de não ter mencionado a paisagem em si (SERRÃO, 2017).

cognitivo ou biológico (BERLEANT, 2012; BRADY, 2003; ROSENFELD, 2006; SERRÃO, 2017).

A contemplação kantiana pressupõe “um espectador como ponto fixo perante o objecto contemplado, estando este à distância que a apreensão visual permite identificar [...] nem demasiado longe, nem demasiado perto.” (SERRÃO, 2017, p. 46). A raiz etimológica do vocábulo “contemplação” está em *con-templume* significa olhar religiosamente. E, ao lado de outros termos correlatos, pressupõe atenção e deferência (BOSI, 1999). A contemplação amplia o fenômeno sem conceitualizá-lo, tomando-o como algo singular; ela é, ainda, a percepção que reflete, exercitando a faculdade de um julgar reflexivo. Há uma recursividade entre espanto e admiração no jogo contemplativo que consiste em vaivéns de Sujeito a objeto, e vice-versa. Encontram-se inseparáveis o sujeito-contemplador e objeto contemplado, sob pena de empobrecer a noção de paisagem, restringindo-a a cenário ou espetáculo (SERRÃO, 2017).

A imaginação é central para Kant, a qual seleciona conjuntos de dados da experiência sensível, oferecendo-os à avaliação cognitiva, repousa sobre uma faculdade autônoma” (ROSENFELD, 2006, p. 8). Nele, imaginação e entendimento transitam entre si. Para Kant, o ser humano não está situado fora da natureza. Ao contrário, na experiência estética, sujeito e mundo equiparam-se. Ainda para Kant, somente o desinteresse reflete em juízo de gosto puro. Diante disso, a teoria kantiana define a Estética como desinteressada, imediata, simpática e espontânea de determinadas qualidades perceptuais (BRADY, 2003; ROSENFELD, 2006; SERRÃO, 2017).

O desinteresse pede que nos afastemos de nossos desejos e preocupações, solicitando-nos certa imparcialidade. Não obstante, desinteresse não é sinônimo de indiferença. As críticas ao desinteresse são a respeito do olhar passivo, por suportarem uma estética formalista. Em defesa do desinteresse, colocamos que é ele que permite manter atenção no objeto estético e impede apreciação puramente hedonista (BRADY, 2003). “A experiência 'desinteressada' da natureza e relação estética com a natureza são atitudes histórica e socialmente situadas.” (BESSE, 2014, p. 168).

Na percepção estética, não contemplamos o objeto estético porque simplesmente nos interessa, mas nos interessa porque contemplamos esteticamente; ou seja, é um meio, mas como fim. A contemplação estética é, a um só tempo, interessada e desinteressada. Há um interesse desinteressado (SANCHEZ-VAZQUEZ, 1999, p. 146). Pode-se revitalizar o conceito de desinteresse, ao demonstrar como ele pode coadunar com outros componentes estéticos de apreciação da natureza (BRADY, 2003).



A fim de considerarmos os outros sentidos, ora não tidos como propriamente estéticos, temos de superar a tradição, segundo a qual o envolvimento corpóreo de proximidade rompe com a apreciação desinteressada, ainda hoje considerada essencial para o prazer estético. Os sentidos olfativo e gustativo estão presentes em nossa sensação de tempo-espaço, acionando memórias (BERLEANT, 2012).

Uma das tensões da paisagem e que parece se relacionar ao (des)interesse estético, é a distância-proximidade. Os sentidos humanos, como o da visão, contam com receptores de distância e os de contato. Propõe-se que a noção negativa de distância, nesse contexto, seja revista. A distância pode ser espacial, ética, estética, fenomenológica, metodológica... Em termos éticos, a distância informa-nos sobre fronteiras, visibilidade, exclusão.... Lembra-nos a proxêmica, a semiótica do espaço. Na representação visual, a distância social é parcialmente relacionada à proximidade aparente (BERLEANT, 2012; CHANDLER, 2003; NÖTH, 1995; WYLIE, 2017).

Os interesses estéticos quanto à beleza das paisagens desempenharam papel pouco relevante nas práticas de *sightseeing* – até os séculos XV e XVI. A crença nos efeitos restaurados de alguns cenários e a crescente orientação para um *sightseeing* de caráter estético trouxeram um legado às convenções do turismo comercial, que surgiria posteriormente (ADLER, 1989).

O período entre os séculos XVIII e XIX é conhecido como divisor de águas, no qual a apreciação da paisagem toma a forma de arte, ao mesmo tempo em que se converte em uma atividade de lazer para as classes escolarizadas (BRADY, 2003).

Somente nos anos 1960, Kant e o campo da Estética da Natureza foram sistematicamente retomados e reexaminados. Tal retorno deve-se ao recrudescimento da denominada crise ambiental, embora o foco na estética do urbano ainda prevaleça (BRADY, 2003; BERLEANT, 2012; SERRÃO, 2017).

A projeção sentimental do sujeito para o objeto é limitada na percepção comum e mais intensa na percepção estética; procuramos não cair em subjetivismo (SANCHEZ-VAZQUEZ, 1999) na apreciação da natureza (BERLEANT, 2012). “A fúria, a tristeza ou a serenidade são emprestados por nós ao mar, ao vale ou ao céu, já que na verdade ocorrem na nossa própria *persona*.” (idem, p. 148). Contudo, as projeções não são de todo arbitrárias, na medida em que “é preciso que ofereçam certa analogia com os sentimentos que reconhecemos nelas. Não é acidental atribuímos força e vitalidade a uma árvore e não a um simples arbusto; ou que liguemos a altivez ou a soberba a uma rocha imponente [...]”. (idem, p. 148).

Sujeito-apreciador e objeto estéticos encontram-se em relação mútua (BRADY, 2003; SANCHEZ-VAZQUEZ, 1999), numa situação datada, temporal. “Para que um objeto exista esteticamente, é preciso que se relacione com um objeto concreto, singular, que o usa, consome ou contempla de acordo com sua natureza própria: estética [...] enquanto não é consumido ou contemplado, só é estético potencialmente.”<sup>80</sup> (SANCHEZ-VAZQUEZ, 1999, p. 108).

Sob a Estética da Natureza, importa mais o processo de apreciação ou a experiência estética, do que propriamente o objeto (), havendo a ampliação da estética para além da Arte, preocupados com uma abordagem menos elitista, uma vez que esta é considerada mais pré-definida. Reiteramos, pois, que na Estética as obras de arte são destaque, mas a ela não se limitam (BERLEANT, 2012; BRADY, 2003; ROSENFELD, 2006). Outros campos e produtos de consumo, como a arquitetura, o design etc. são alcançados. Aos produtos turísticos, que são culturais, “deve ser agregada uma visualidade qualificada ao gosto da maioria.” (GASTAL, 2013b, p. 124).

Debruçamo-nos, então, sobre o modo estético da experiência e, particularmente, a experiência estética da natureza, notadamente da paisagem. Nesse quesito, os conceitos de paisagem e natureza implicam-se mutuamente: paisagem atua como porção de natureza (BRADY, 2003; SERRÃO, 2017).

A já mencionada apreciação estética é uma experiência holística que conta com a contribuição de múltiplos fatores; ela emerge em uma situação contextual - o que, quando, onde e por quem, embora haja características genéricas (BERLEANT, 2012). Aqui, a percepção humana possui uma localização, ou seja, a visibilidade tem a ver com o posicionamento no espaço (GOMES, 2013).

Assim, é preciso compreender essa situação estética como um todo integral e não como um compósito de partes dispartadas. Algumas avaliações similares circunscrevem-se a determinados ambientes e suas paisagens, tais como o selvagem, o campo, o ambiente costeiro, o urbano etc. (BERLEANT, 2012). As paisagens das lagoas costeiras teriam um traço comum, ou não?

Há diferenças e continuidades entre observações da natureza e da arte (pintura): esta atua como produto da intencionalidade humana, como objeto (de arte), enquanto aquela, não foi planejada, tendo surgido espontaneamente (BERLEANT, 2012; BRADY, 2003).

Berleant (2012) coloca que certas pinturas povoaram as paisagens que nós experienciamos diretamente. O autor (2012) defende que a descontinuidade entre apreciar arte

---

<sup>80</sup> Na condição de potencial, pode ser considerado uma primeiridade em Peirce.

e apreciar a natureza é um não problema, pois ambos são recíprocos, um nutrindo o outro. Não haveria, para ele, arte de paisagem em si. A experiência apreciativa dá-se tanto no domínio da Arte, quanto no da natureza e/ou paisagem. Trata-se da apreciação da paisagem e não de paisagens para apreciação, configurando um saber. A apreciação adentra a experiência como um saber direto, envolvido e repleto (p. 60). Berleant (2012) questiona: O que ocorre na justaposição entre uma intervenção artística e uma paisagem? Ou ainda, o que a experiência da paisagem nas Artes interfere na experiência *in loco* de uma paisagem, e vice-versa?

Em algumas passagens, incluindo as da parte anterior, parece difícil separar a apreciação da paisagem pintada e a paisagem observada diretamente.

Passando da galeria de arte para a paisagem natural, ficamos em um só lugar e apreciamos o que vemos como uma cena, uma tela colocada diante de nós, delimitada não por uma moldura de madeira, mas pelo horizonte e pelos limites do campo visual. (BRADY, 2003, p. 68).

A paisagem é objeto preferente de apreciação da natureza, o que é válido para os pintores, poetas e romancistas. A paisagem pode ser experienciada como arte, mas também por meio dela: aquele que percebe é um quase-artista. Entretanto, sobre objetos naturais não incidem categorias de gênero ou estilo (BERLEANT, 2012).

Assim como nas acepções ecossistêmicas de natureza, em que os sujeitos são vistos como partes desta, aquele que aprecia a paisagem é um apreciador na paisagem, é uma parte integral desta, indo de encontro às perspectivas fenomenológicas de paisagem-morada. Segundo tal visão, nós não entramos em uma paisagem, pois estar numa paisagem não é como adentrar um cômodo. Nós nos encontramos de imediato na paisagem, contribuindo para sua formação (BERLEANT, 2012; INGOLD, 2000; WYLIE, 2007).

Todas as sociedades, no tempo e no espaço, investem suas paisagens de valores estéticos, a serem compartilhados pelos indivíduos na coletividade (CASTRO, 2002). Partimos do princípio de que “uma ‘bela paisagem’ satisfaz, para nós, condições que são comuns a nossa cultura.” (CAUQUELIN, 2007, p. 114).

Ao contemplar-se determinada paisagem, exclui-se, em princípio, certamente toda consideração acerca dos benefícios que tal fragmento de natureza pode produzir como objeto de um possível investimento turístico, ou seja, de interesse. Seria a paisagem turística uma percepção ou situação estética interessada, ou não? Pois, se há interesse, deixa de ser situação estética, só restaria a percepção comum (SANCHEZ-VAZQUEZ, 1999).

Segundo Brady (2003), há uma corrente que afirma que, quando à natureza é atribuído um valor de amenidade ou recreação – ou seja, pelos prazeres que uma caminhada na mata pode nos proporcionar – há uma razão instrumental antepondo-se à valoração desinteressada da natureza, sem promessa de gratificação, ou destituída de finalidade utilitária. A questão é que, fenomenologicamente, é difícil isolarmos nossas experiências estéticas das recreativas, e isso é particularmente instigante ao pensarmos a valoração estética das paisagens no/pelo Turismo. Alguns, contudo, explicam que o prazer não desempenha um papel motivacional, sendo apenas um subproduto da experiência estética. Nem sempre a resposta estética redundava em prazer. Às vezes, há desânimo, curiosidade, choque etc. (BRADY, 2003).

De todo modo, as experiências paisagísticas são balizadas por modos ou categorias estéticas, as quais possuem fontes de prazer distintos e atuam como componentes cognitivos de nossas heranças culturais ocidentais. Enquanto é pouco provável que perguntemos a um turista sobre os registros estéticos propriamente ditos (belo, sublime e pitoresco...), concebemos que os paradigmas de visualidade desempenham um papel destacado nas interpretações da paisagem turística (BROOK, 2013; KNUDSEN; METRO-ROLAND; RICKLY, 2015).

A categoria do pitoresco, cuja estética estimulou o surgimento dos primeiros destinos litorâneos, campestres e montanhosos no Ocidente, marcou a visualidade dessas bordas. O fenômeno do turismo surge na mesma época em que o pitoresco emerge – fim do século XVIII (BOYER, 2003; GASTAL, 2013b). Em outras palavras, com o pitoresco, pela primeira vez a apreciação de paisagem torna-se uma atividade recreativa organizada (BRADY, 2003, p. 41), por parte de viajantes de classe média-alta – Grand Tour<sup>81</sup> (ADLER, 1989). No emergente Grand Tour, o pitoresco transmuta-se de teoria estética para uma prática turística (LÖFGREN, 1999).

Os proponentes<sup>82</sup> do pitoresco dispunham de listas das vistas que desejavam capturar, tal como alguns turistas da atualidade (CRAWSHAW; URRY, 1997). As paisagens pitorescas atraem turistas na medida em que parecem incentivar certa moralidade do esforço, da solidão e do trabalho. O gosto pelo pitoresco espalhou-se rapidamente nesse século da Europa para o Ocidente, e figurou como modo de selecionar, enquadrar e representar certas vistas, ensinando turistas como olhar e sentir a paisagem. Na Inglaterra, o pitoresco, em combinação com a viagem, institucionalizou o turismo (LÖFGREN, 1999).

---

<sup>81</sup> Mas, a História do Turismo, pensada somente a partir de uma concepção evolutiva ou das grandes narrativas do Grand Tour, acaba marginalizando certas experiências turísticas (LÖFGREN, 1999).

<sup>82</sup> Urry (2000) cita o Reverendo William Gilpin, em 1782.

O termo “pitoresco” – que remete ao que se pode pintar (GASTAL, 2013b) – surgiu como vocábulo para uma nova categoria estética, exatamente em relação à paisagem, quer objeto natural, quer pintada numa tela (PITORESCO, 2017). Na História da Arte, o pitoresco figura entre a pintura clássica e a romântica (LÖFGREN, 1999)

Um dos teóricos do pitoresco, Cozens<sup>83</sup>, propunha que as sensações visuais, ao contrário do que apregoa o olhar clássico, apresentam-se de modo variável e irregular. Entretanto, o pitoresco não era apenas uma teoria estética, mas, principalmente, um movimento de gosto estético e de *design* (BRADY, 2003; PITORESCO, 2017). “Em termos sócio-históricos, o senso de ruptura e perda que acompanha a Modernidade e à qual alguns observadores atribuíam à nostalgia, é fundamental para a sensibilidade pitoresca.” (COSGROVE, 2008, p. 138, tradução nossa).

Nesses termos, foi necessário aprender como mirar de modo pitoresco (BROOK, 2013). “Havia também guias recreativos para a visualização dos cenários naturais desde uma perspectiva pitoresca.” (BRADY, 2003, p. 40, tradução nossa). Essa categoria estética manifesta-se no jardim inglês, que surgiu e alastrou-se pela Europa; performava a educação ou perfeição da natureza sem, contudo, retirar-lhe certa espontaneidade, indo contra à disciplina e a simetria, foi uma reação à estética rígida do jardim barroco francês. Uma das finalidades desse jardim inglês foi treinar a sensibilidade dos turistas pioneiros (LÖFGREN, 1999; PITORESCO, 2017). A ênfase na jardinagem diferencia o sublime do pitoresco, em suas origens.

O pitoresco é um tipo particular de beleza, agradável num quadro. Serve como possível mediação entre o belo e o sublime, pois, rejeita o belo como perfeito demais, artificial demais ou divorciado da natureza; por outro lado, rejeita o sublime como selvagem, ameaçador ou incontrolável demais. Exaltando irregularidade, o pitoresco é distinto da claridade do belo e do disforme preconizado pelo sublime. A distância entre belo e pitoresco é superior a que o separa do sublime (BRADY, 2003; BROOK, 2013; KNUDSEN; METRO-ROLAND; RICKLY, 2015).

Entretanto, diferentemente do sublime, o pitoresco “evoca imperfeições e assimetrias e cenas repletas de detalhes curiosos e característicos que procuram remeter a uma natureza acolhedora e generosa.” (PITORESCO, 2017, p. 1). Ele enfatiza “o característico, o mutável e o relativo.” (idem, p. 1). Rugosidade, confusão, variações, protuberâncias repentinas e a irregularidade definem o pitoresco, que valoriza, ainda, variedade, a complexidade, o selvagem e o decadente. O culto ao pitoresco lembra-nos da tensão rotineiro/improvisado no mecanismo

---

<sup>83</sup> Alexander Cozens (1717-1786).

do turismo (BRADY, 2003; BROOK, 2013; LÖFGREN, 1999; KNUDSEN; METRO-ROLAND; RICKLY, 2015).

“A estética do pitoresco vale-se também da associação entre paisagem e ruínas, sobretudo, aquelas cobertas de musgos e trepadeiras, que trazem consigo sugestões fantásticas e/ou sentimentais.” (PITORESCO, 2017, p. 2). “As paisagens pitorescas empregam, em geral, tonalidades quentes e luminosas, que destacam a irregularidade e a diversidade das coisas no mundo natural.” (idem, p. 2). O repertório de cenas representadas é amplo, abrangendo troncos caídos, poças d’água, choupanas, animais pastando etc. Ou, ainda, o exemplo das águas de um lago com vento soprando é apontado (BRADY, 2003; PITORESCO, 2017).

“O pitoresco de certas regiões se concebe como um mundo onde a beleza natural como um atrativo ou uma distração.” (DARDEL, 2015, p. 9). Além disso, em relação ao sublime, o pitoresco é menos ansioso, menos temerário, mais curioso e charmoso (BRADY, 2003). A paisagem pitoresca “caracteriza-se pela singularidade, pela raridade, excentricidade, complexidade, variada e irregular, vibrante, com energia e graciosamente original.” (VIEIRA; VERDUM, 2017, p. 155).

Quando se adjectiva o termo paisagem (pitoresca), fica evidente como a estética da pintura foi incorporada e condicionou o olhar, e como a expressão “paisagem” passou a ser sinônima de belo e de natural: em outras palavras, não haveria paisagem feia, pois, na natureza, o contrário do belo não pode ser o feio, uma vez que esta possui a beleza do feio. Os valores negativos viriam sempre da intervenção humana. Isto porque, na cosmovisão ocidental, Deus é o realizador da beleza e da feiura na natureza e da própria natureza. Contudo, argumentamos que no pitoresco as relações de poder não se dão mais entre uma divindade e o homem (sic), mas de ser humano a ser humano (BRADY, 2003; GASTAL, 2013b; KNUDSEN; METRO-ROLAND; RICKLY, 2015; POTOCKA, 2013; SERRÃO, 2017).

Para MacCannell (2011), os turistas estão predispostos a admirar os cenários pitorescos, tais como: mar, morros, quedas d’água etc.; lugares onde se pode verificar pouca evidência da presença humana e/ou que essa evidência pertença ao passado. Esses lugares nos forçam uma parada. Paisagens consideradas pitorescas engendram sentimentos de calma, paz e consolo e são buscadas por turistas que procuram alívio dos barulhos e demais agressões da vida urbana. Na viagem, a paisagem pitoresca funciona como o Outro do/no desejo do turista. Portanto, a paisagem é, muitas vezes, o que fica entre o sujeito e o Outro, ou o que medeia experiência do turista com o Outro (MACCANNELL, 2011).

A alteridade perseguida pelos turistas não se refere apenas a sujeitos, mas a própria paisagem desempenha papel de relevância nessa busca por alteridade sensorial da paisagem e

do Outro. E, na individualização dos sujeitos, a distância entre mim e o Outro, e entre mim e o mundo, é um pressuposto; logo, um distanciamento relativo é fundamental para considerar que a paisagem cause estranheza e seja considerada exótica ou pitoresca (MACCANNELL, 2011; MINCA, 2007; WYLIE, 2017).

De acordo com Brady (2003), o pitoresco é uma das categorias problemáticas/críticas à categoria. Centrada no ser humano, a categoria levanta questões éticas e estéticas que giram em torno da tendência de as paisagens serem apreciadas e apreendidas como pinturas (vide espelhos negros de Cláudio), o que representa um viés estreito de valoração da paisagem e da natureza, empobrecendo-a apenas como aparência de cor, por exemplo. Isso leva a natureza a ser valorada por esses preceitos. De outro modo, os ambientes demandam diferentes matrizes para a apreciação que não só as obras de arte. A natureza é tridimensional, dinâmica e apresenta qualidades multissensoriais (BRADY, 2003).

Desse modo, o pitoresco acaba por limitar a percepção ao visual, o sentido-chave para apreciação das pinturas e, além disso, não captura as possibilidades sensoriais de imersão no ambiente (BRADY, 2003). Porém, Löfgren (1999) contrapõe defendendo que o pitoresco, na sua raiz, não era apenas uma visão, mas sim acontecimento focado não somente no olho, mas em todos os sentidos humanos.

O pitoresco, (re)cria distanciamento entre sujeitos e paisagem, entre sujeitos e natureza. Por fim, os projetistas pitorescos não sentimentalizam a natureza, mas dela apropriam-se, recriando-a como se fosse selvagem e desabitada, para ser vista de fora, a partir de um ponto de vista privilegiado. Para o pitoresco, é preferível buscar uma natureza melhorada (BRADY, 2003).

Ainda, a emoção contemplativa do pitoresco é, por vezes, associada à melancolia ( . Os sinais de decadência são uma das principais características compartilhadas entre pitoresco e melancólico, pelas marcas do tempo, que passa (LÖFGREN, 1999). O melancólico de ruínas e atracadouros, por exemplo, causam prazer, pela contemplação e reflexão, embora não se confundam com depressão. O estado solitário acompanha esse melancólico. Sendo emoção complexa e madura, a melancolia segue incompreendida. Isto posto, é possível seguir a viagem do pitoresco através de mais de dois séculos, em seus ajustes a novas configurações, sobretudo quando cruzou o Atlântico. Ele é considerado um sobrevivente: às vezes, ridicularizado, sempre sendo redefinido, mas ainda entre nós (BRADY; HAAPALA, 2003; KNUDSEN; METROLAND; RICKLY, 2015; LÖFGREN, 1999).

Não nos aprofundamos, aqui, na explicitação da categoria estética do sublime, por entender que o objeto paisagístico que se refere à Lagoa Mirim volta-se, especialmente, à

contemplação romântica e, por vezes, é perpassada pela dimensão do pitoresco. Contudo, o Romantismo é elo comum entre esse sublime e pitoresco. Então, o sublime é indiretamente contemplado na explanação sobre o Romântico, caro à historicização das gêneses do fenômeno turístico.

Sublime e pitoresco encontram-se na raiz do Romantismo. Por exemplo, o pitoresco compartilha com o sublime a mudança da tranquilidade do belo em direção a uma estética mais expressiva. Como vimos, o pitoresco reconhece a temporalidade da natureza, bem como seu caráter dinâmico e orgânico, aceita suas imperfeições, incorpora sua expressividade, negando-lhe o atributo de simetria. E essas qualidades chegam ao auge com o Romantismo, no qual surge um gosto coletivo pelos cenários (BRADY, 2003; CRAWSHAW; URRY, 1997; PITORESCO, 2017).

As raízes do Romantismo estão numa revalorização do campo e da natureza, em tempos de Revolução: a ideia de ordem (ecológica) é associada ao selvagem, e a cidade é vista com demérito, tida como caótica. A essência nômade da humanidade, da busca por conhecer novos ambientes, está no cerne do romântico. Temos como exemplo os astrônomos românticos, os quais busca(vam) tão somente o deleite pela imensidão e pelo remoto. E o romântico predomina e se perpetua, por meio do sublime e do pitoresco, no olhar do turista (TUAN, 2012, 2015; URRY, 1999a).

O código estético do Romantismo está subjacente ao juízo estético no turismo, desse modo, conservador. Isso ocorre a despeito da evolução das tecnologias de dramatização e de imagem e da evolução e diversificação das performances turísticas. O olhar turístico romântico requer contemplação solitária, diferentemente, do olhar turístico coletivo, que ocorre em meio a multidões (GASTAL, 2013b; URRY, 1999a).

Segundo Gastal (2013a), no Romantismo, a natureza é acessada pelo pitoresco. Já para Brady (2003), o Romantismo surge como reação à perspectiva distanciada e elitista da natureza, experienciada pelo pitoresco (BRADY, 2003). Tuan (2015), ao contrastar com o belo, coloca que o Romântico está calcado como no sublime, na sua mescla entre o cativante e o horrível, entre a altura e a profundidade. Ora pensamos que tais proposições, aparentemente dissonantes, reforçam o caráter de compartilhamento de características do sublime e do pitoresco no Romântico, embora em alguns casos (ou obras) possa predominar ora uma matriz, ora outra. Ainda, pode refletir certa ambiguidade das duas categorias estéticas, no cerne do Romântico.

Segundo Brady (2003), o Romantismo tem diversas raízes, tais como: a mudança da beleza formal e ordenada; a exploração da liberdade humana em relação à grandiosidade e mistério da natureza; as teorias kantianas de imaginação, liberdade e gênio artístico; o idealismo



alemão e a ideia rousseauana de nobre selvagem. As ideias filosóficas do Romantismo, que valorizaram a natureza, mantiveram-se centradas no humano, o qual dela utilizaria para descobrir a liberdade. O Romantismo rompe com a estética neoclássica, calcada na ordem, na objetividade e no equilíbrio e abraça as paixões, o desmedido e o subjetivismo, ou seja, há valorização da sensibilidade subjetiva e da emoção em detrimento da razão; o interesse pelo passado e respectivo passadismo<sup>84</sup> e o apelo ao exótico à utopia (BRADY, 2003; GASTAL, 2013b; ROMANTISMO, 2019).

Para Kant, o belo ocorria mediante encontro entre objeto e sujeito estéticos (BRADY, 2003). Já no Romântico, o belo clássico - que em síntese apela para o objetivo, o universal e o imutável - é dicotomizado com a versão romântica do belo. O belo romântico “[...] se refere ao subjetivo, ao variável e ao relativo.” (BELO, 2019, p. 1). Diferentemente do clássico, o belo romântico é condicionado social e historicamente (idem). Não se pode aqui confundir beleza com perfeição (SERRÃO, 2017).

Como vemos, é difícil a tarefa de definir Romantismo. Melhor pensar em um complexo romântico, capaz de englobar as diferentes artes, bem como o movimento filosófico. Mais que uma escola, o Romantismo revela-nos uma verdadeira visão de mundo, que se alastra pela Europa de meados do século XVIII até fins do século XIX. No contexto em que o Romântico é teorizado, são relevadas contradições da Revolução Industrial e da irrupção da Revolução Francesa. O Romantismo nasce atrelado à ascensão burguesa e a movimentos de independência. Rousseau, um precursor do Romantismo, é pessimista quanto à sociedade e à própria civilização, redundando na premissa da natureza humana corrompida pela cultura. Diante disso, o filósofo exalta a natureza, a simplicidade, o primitivo (ROMANTISMO, 2019).

Morin (2015) assim descreve o espírito do Romantismo e como se relaciona/opõe ao Iluminismo: “Quanto ao romantismo, pode-se dizer que ele é o jorro daquilo que foi rejeitado pelo Iluminismo. O espírito de comunidade, [...] as virtudes do fenômeno religioso, enfim, coisas que realmente aparecem como uma espécie de reabilitação da Idade Média. [...]” (p. 25). E prossegue, diferenciado o Romantismo tardio: “Mas o romantismo tardio [...] carrega a mensagem das Luzes e, de toda maneira, trabalha pelo progresso humano inscrito na emancipação dos oprimidos.” (idem, *ibidem*).

“O cerne da visão romântica é o sujeito, suas paixões e traços de personalidade, que comandam a criação artística.” (ROMANTISMO, 2019, p. 1). O sujeito do Romantismo tem

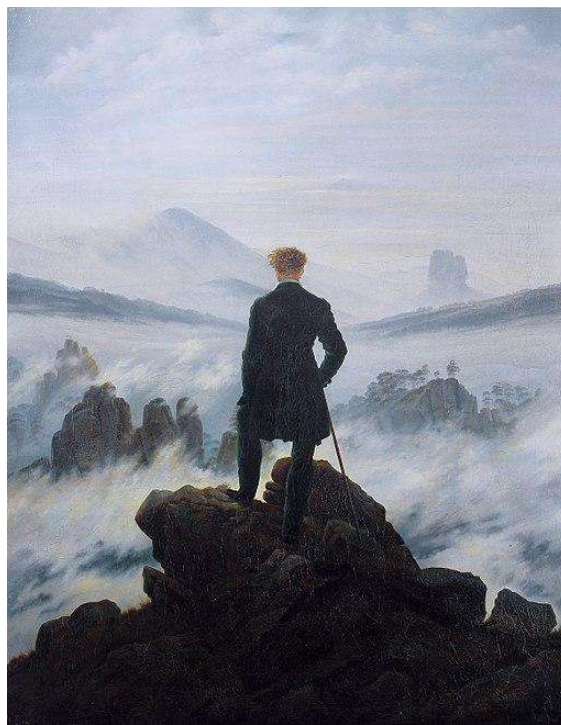
---

<sup>84</sup> A autora cita o Passadismo em Goethe e as tempestades na perspectiva da estética do sublime (GASTAL, 2013b).

como um de seus tipos ideais o viajante solitário, que explora sua liberdade expressiva por meio de experiências de proximidade com a Terra, levando à autocompreensão e autorrealização. O pitoresco, vigente no Romantismo, é conhecido por remover o observador da paisagem, de modo que tal observador olha a paisagem como cena. (BRADY, 2003; KNUDSEN; METRO-ROLAND; RICKLY, 2015).

O pintor Friedrich<sup>85</sup> se filia diretamente aos teóricos do Romantismo. A Figura 9 exibe uma das mais relevantes obras de Friedrich - O Andarilho sobre o Mar de Névoa (1818).

**Figura 9 – O Andarilho sobre o Mar de Névoa**



Fonte: <<https://www.the-artists.org/wanderer-above-the-sea-of-fog>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

É comum em suas telas uma natureza expressiva e não decorativa (ROMANTISMO, 2019).

As grandes extensões do mar, montanhas e planícies cobertas de nuvens e/ou neblina que se estendem ao infinito, as rochas e picos, e o **homem solitário em atitude contemplativa**, compõe a imagística do romantismo: a natureza como locus [sic] da experiência espiritual do indivíduo, a postura meditativa do sujeito, a solidão, a longa espera etc. (ROMANTISMO, 2019, p. 2, grifo nosso).

Turner e Constable também são considerados pintores românticos, mesmo que suas soluções estejam, por vezes, distantes da fonte alemã. O primeiro, pelo "tom dramático", pelo

---

<sup>85</sup> Caspar David Friedrich (1774-1840).

movimento e pela luminosidade (ROMANTISMO, 2019, p. 2). O segundo segue um "tom poético", tratando-se de ambientes acolhedores e pitorescos, em que são representas águas, casas e nuvens (idem, p. 2).

A ficção de uma janela romântica (italiana) faz enquadrar o exterior, pressupondo uma imagem elaborada desde um lugar privilegiado. Ainda, narra um fragmento de território inexistente e/ou inexplorado. Seguem sua essência o desenho, a fotografia, o automóvel e as telas em geral. Isso vale para o formato retangular dos cartões-postais. A janela separa, limita e inventa. A aparição da janela, como uma *vedutta* (ou olhar, em italiano) – que parte do interior do quadro, abrindo-o ao exterior - é considerada passo decisivo na consolidação da pintura de paisagem (NOGUÉ, 2008; ROGER, 2008).

Lembremos que quadros, formas e telas são mecanismos de aprisionamento da natureza (CAUQUELIN, 2007). As molduras estão associadas às janelas...

Porque a moldura corta e recorta [...] faz recuar o excedente, a diversidade. O limite que ela impõe é indispensável à constituição de uma paisagem como tal [...] interpomos não apenas essa moldura da intenção entre o mundo e nós, como também redobramos os véus, as telas. (CAUQUELIN, 2007, p. 137).

Busca-se sempre uma moldura, associada a uma sintaxe – com simetrias e junção de elementos (CAUQUELIN, 2007). Há um “[...] enquadramento perceptivo [que] invoca a tela, e é essa uma das razões que faz da paisagem percebida um objeto estético, apreciado em termos de belo e feio.” (COLLOT, 2012, p. 16). Enquadramento é uma maneira técnica de domar paisagens desconhecidas, porque o selvagem fora considerado caótico (LÖFGREN, 1999).

Para uma apreciação estética da paisagem, esta deve contar com limites, o que fora cultivado já no século XVIII pelos já citados espelhos de Cláudio. Tal visão fora atualizada pelos cartões-postais (retangulares), obtidos por meio de pontos de vista cênicos, desestimulando apreciação multissensorial do ambiente. Essa técnica ainda persiste, ao olharmos as paisagens, quer por fotografias, quer por pinturas. E transferimos isso à visualização de paisagens, ao designarmos certos locais como vistas cênicas, ou pontos de fotografia e/ou de pintura (BERLEANT, 2012; BRADY, 2003).

O movimento (de contemplação da paisagem) Romântico e Neorromântico foi gerado/gerador das chamadas viagens pitorescas nessa época, com finalidade estrita de observação. A viagem pitoresca é resultado de uma relação necessária entre uma verdade do lugar, a Modernidade e um método de observação meticulosamente estabelecido. Também chamadas de excursões pitorescas, elas foram realizadas por diversos pintores paisagistas.

Turner foi um deles, em 1792, retratou temas pitorescos, paisagens, vistas... (MINCA, 2008; LÖFGREN, 1999; PITORESCO, 2017).

Desde o Romantismo, a poesia passa a privilegiar o horizonte, no Ocidente, atrelando-o a um ponto de vista lírico: enquanto a descrição romântica enfatiza os elementos visíveis, a poesia abre espaço para os silêncios e para imaginação, retomando o horizonte (COLLOT, 2016).

Assim, a paisagem romântica via a natureza como um “jardim harmonioso e acolhedor” (GASTAL, 2013b, p. 113-114). Nessa posição, a paisagem é uma janela de acesso à Geografia dos espaços vividos, fenomenológica e ontologicamente (SERPA, 2019)

A Geografia Humanista-Cultural fala em geografia romântica, aquela dos exploradores, topógrafos ou cartógrafos. Baseando-se na aventura, ela combinava o pensar, o imaginar e o sentir (TUAN, 2015). “A imaginação romântica prefere fenômenos ou muito grandes ou muito pequenos, em vez dos de tamanho médio. E mais, a imaginação romântica facilmente passa de um extremo a outro [...]” (TUAN, 2015, p. 49-50, tradução nossa); tal evoca a grande extensão da Mirim; outra, remete à rarefação populacional dessas margens da Lagoa, e os possíveis sentimentos provocados em turistas/exploradores: “Ao não ser habitáveis, ou facilmente habitáveis, liberam a mente humana de uma angústia de pensar como ali buscar para si o sustento, de maneira que essa possa dedicar-se, em contrapartida, a satisfazer sua inclinação lúdica e intelectual.” (idem, *ibidem*, tradução nossa). “A geografia romântica não é uma coisa do passado [...]”, na medida em que ainda há lugares inexplorados, como os oceanos e os outros planetas (p. 177). Roger (2008) fala em “novas paisagens<sup>86</sup>” (p. 74). Os pioneiros do turismo, em busca novas experiências, também, inauguravam novos modos de ver a paisagem (LÖFGREN, 1999).

“A pintura de paisagens terá seu período de apogeu para, depois, tornar-se um estilo que acaba perdendo sua exuberância, não sem antes passar por exacerbações e degeneração, para cair no caricato.” (GASTAL, 2013b, p. 128). Apesar do descrédito como gênero<sup>87</sup> pictórico, acreditamos que a pintura de paisagem tenha tido um “nascimento tão vertiginoso que dele ainda não nos restabelecemos.” (CAUQUELIN, 2007, p. 81). Diante disso, vimos que o caráter estético da paisagem, não é domínio apenas dos artistas, mas é também relevante para o estudo das relações paisagem-espço e paisagem-cultura como um todo (MINCA, 2008).

---

<sup>86</sup> Essa observação foi-nos imposta a partir dos meios audiovisuais, da aceleração das velocidades e das conquistas espaciais e abissais, além de paisagens sonoras e olfativas, sem contar as paisagens virtuais (ROGER, 2008).

<sup>87</sup> Gêneros provêm uma importante matriz de referência que auxiliam os leitores/usuários a identificar, selecionar e interpretar textualidades (CHANDLER, 2003).

## 5.2 PAISAGENS LACUSTRES E SUAS ESTÉTICAS NO/DO TURISMO/LAZER

Nos comentários do Trip Advisor, o termo geográfico “paisagem” ter sido subsumido na ideia de “lugar”, por vezes, usado como sinônimo de local ou sítio. Contudo, notamos que os termos “água”, “lagoa” e “praia” referem-se aos componentes da paisagem lacustre, na qual alguns componentes da composição destacam-se. O pôr do sol é citado várias vezes em comentários sobre a Capilha: “O pôr do sol é maravilhoso, vale a pena conferir”; “pôr do sol é incrível de se observar”; “um pôr do Sol de tirar o fôlego. Inclusive, o mais bonito que já vi em minha vida foi nesse lugar.” Os comentários surgem como que numa poética dos sujeitos: “Você verá o sol derretendo na água e um jogo de cores incrível”; “pôr do Sol perfeito [...] O Sól [sic] laranja esbanjando luz no horizonte e beijando as águas límpidas da Lagoa Mirim. Amo!” Algumas *hashtags*, que servem como ancoragem/revezamento da fotografia, mencionam “pôr do sol perfeito”, seguidas de “foto perfeita”. Nesse sentido, o pôr do sol está implicado na busca por uma perfeição visual, estética e fotográfica.

As fotografias analisadas estão dispostas em galeria no Apêndice G. O pôr do sol não é citado em Lago Merín (ali ele nasce), mas, em vez disso, há uma fotografia do nascer do sol. Para o Porto de Santa Vitória, cujos comentários não foram encontrados, há uma série de fotografias que retratam cenas do sol ao poente.

Ainda sobre concepções de paisagem lacustre, o canoísta Alberto considera que paisagens lacustres são aquelas que poucos sujeitos já encontraram, aproximando-se de uma paisagem ou geografia romântica.

As paisagens que pouca gente conhece nas voltas das lagoas, assim. Tem lugares muito bonitos, muito diferentes, na volta das lagoas, tanto dos Patos, quanto da Mirim. Pouquíssima gente conhece, assim. E são lugares realmente com uma beleza diferenciada. Então, esses lugares é que me lembram quando tu falou (ALBERTO, entrevistado em 2019).

De modo distinto, o uruguaio Pedro mostra proximidade e valorização das paisagens lacustres que frequenta, sobressaindo-se o ético ao estético. “*Lago Merín. Sí, este, nos gusta, y lo disfrutamos, este, bueno, lo valoramos mucho. Es una importante reserva de agua dulce que tiene el mundo. Y que nosotros debemos cuidarla, ¿no?*” (PEDRO, entrevistado em 2019).

Paulo associa as paisagens lacustres por ele vivenciadas às paisagens rurais, ou seja, ao bucólico, ao idílico, ao pastoral, como elementos pitorescos e românticos.

Do entorno, né, me, quando me vem a Lagoa Mirim, eu penso logo no gado, né? Que tá sempre, que normalmente, quando a gente olha no Porto, assim, as paisagens mais pra baixo que eu conheço também. Ou os espaços que são, as fazendas que têm lá

embaixo, que é o Pontal do, Pontal da... meu deus... Pontal do Arroito, né? Umhas paisagens belíssimas pra lá, umas figueiras, né? O gado pastando na beira daquela [inaudível], bem bacana (PAULO, entrevistado em 2019).

Carla usa duas palavras para falar da sua concepção de paisagens lacustres: “Natureza. Preservada.” (CARLA, entrevistada em 2019). A entrevistada sugere que a preservação da natureza resulta em paisagens lacustres, tal como a concebemos e tal como a concebem os sujeitos pesquisados. Ao menor sinal de impacto ambiental, a paisagem lacustre deixa de ser vista e valorada como tal, sobretudo, em termos de estética turística.

Já a entrevistada Luiza tende a falar em como se sente diante de uma delas: “Na verdade, se tu fala, não sei se tu fala em sensação ou que eu penso. De sensação me veio uma questão de paz, de tranquilidade, de bem-estar, de natureza, de uma *vibe* boa.” (LUIZA, entrevistada em 2019). Há, aqui, registros do distanciamento necessário, ao mesmo tempo de um interesse desinteressado, na junção entre valoração estética e recreativa, típica da situação estética sujeitos turísticos-natureza.

Angélica vê as paisagens lacustres como abertura a um horizonte potencialmente infinito, que compartilha características marítimo-ocêânicas, instigando a imaginação, sobrepondo planos e fazendo-nos sentir menores.

Aqui, o que marca muito, assim, é quando tu chega, tu vê esse, essa lagoa assim. Parece que não tem fim, né? Que tu não consegue enxergar os finais dela, devido à grande... mistura com o céu, com a Lagoa, assim. Então, tu fica no, muitos, um horizonte que não tem fim, assim. Muito bonito, assim. (ANGÉLICA, entrevistada em 2020).

Amélia recorre a um episódio tido para falar sobre sua concepção de paisagem lacustre em sua dinamicidade. As impressões sensoriais de mutação são registradas, principalmente, pelos pintores impressionistas, que podem ter deixado seu legado na observação de paisagens lacustres.

Eu acho que a questão dinâmica da Lagoa, né? Porque eu já fui em diferentes épocas, e é incrível, assim. Porque, ela é gigantesca, né? Parece um mar! Um dia a gente foi, faz pouco tempo isso, e tava muito ventoso esse dia. A água tava lá em cima! Com ondas, aquela coisa bem mexida, assim. Então, me chama a atenção essas experiências de como ela é dinâmica, né? De como o vento o vento influencia a Lagoa e a paisagem, né, que ela vai estar formando ali. (AMÉLIA, entrevistada em 2020).

Ludovica percorre alguns elementos da natureza para falar da paisagem lacustre e utiliza a estética como mediação da observação e o corpo hídrico como objeto preferencial de deleite.

Contudo, recorre ao componente “harmonia” para descrever tal paisagem, possivelmente, para se referir ao equilíbrio ecológico.

Eu acho que esteticamente vem uma questão relacionada muito forte a uma harmonia entre água e elementos de fauna, né? Ahm, tipo, pássaros, né? Uma vegetação também mais, ahm, característica, né, do local. Ahm, e não tem como não, ahm, relacionar a esse meu tempo aqui em Santa Vitória, né? Acho que a questão do pôr do sol, também eu acho que é algo que marca muito, digamos, nessa ideia de paisagem. Não sei se é isso a pergunta. Ahm, então acho que essa, essa lembrança visual de uma harmonia, né, ahm, de uma imagem harmônica, agradável. A ideia de tranquilidade. (LUDOVICA, entrevistada em 2020).

Em fotografias e, também, nas notas de campo, o elemento da pesca artesanal, barcos e redes às margens da Lagoa e de seus canais, é notório para o pesquisador e os turistas. “É, eu ia comentar antes sobre os barcos, né? Que uns estão na casa dos pescadores. No canal tem alguns poucos. Mas agora eu vejo um sendo rebocado por outro aqui na Lagoa, de pesca, da própria comunidade.” (NOTAS DE CAMPO, 2020).

O termo *frame*, em inglês, comporta pelo menos três significados: quadro, enquadramento ou moldura. O enquadramento pode ser físico, por meio de uma moldura delimitadora, mas também pode fazer alusão ao que faz parte, ao que é incluído e, por outra parte, ao que é deixado de fora da cena; e isso tem motivações sociológicas e importância analítica e teórica (BANKS, 2009), constituindo, portanto, nosso objeto de interesse geográfico, pois se trata de paisagens.

Embora não seja nosso objetivo precípua a quantificação, optamos por apresentar a análise de conteúdo com as frequências em que os elementos aparecem na fotografia de modo aproximativo e, posteriormente, lançar mão de metodologias interpretativas. E, desse modo, avaliar o enquadramento da paisagem realizado por sujeitos fotógrafos, intencionalmente ou não.

Tabela 2 - Análise do conteúdo das fotografias de paisagem

Elemento	Categoria	Frequência	Elemento	Categoria	Frequência	Elemento	Categoria	Frequência
1. Água calma	Água	45	1. Água calma	Água	14	1. Água calma	Água	41
2. Água agitada	Água	2	2. Céu claro	Atmosfera	18	2. Céu claro	Atmosfera	51
3. Céu claro	Atmosfera	53	3. Céu encoberto	Atmosfera	1	3. Nuvens esparsas	Atmosfera	28
4. Céu noturno	Atmosfera	2	4. Céu noturno	Atmosfera	1	4. Raios de sol	Atmosfera	24
5. Nuvens esparsas	Atmosfera	40	5. Nuvens esparsas	Atmosfera	9	5. Sol	Atmosfera	16
6. Nuvens carregadas	Atmosfera	1	6. Nuvens carregadas	Atmosfera	1	6. Areia	Solo	7
7. Raios de sol	Atmosfera	17	7. Raio	Atmosfera	1	7. Pedras	Solo	3
8. Sol	Atmosfera	15	8. Raios de sol	Atmosfera	2	8. Estrada/caminho	Solo	2
9. Estrelas	Atmosfera	1	9. Sol	Atmosfera	1	9. Herbáceas	Vegetação	21
10. Areia	Solo	44	10. Lua	Atmosfera	1	10. Árvores	Vegetação	10
11. Falésia	Solo	4	11. Areia	Solo	15	11. Arbustos	Vegetação	13
12. Rastros na areia (carros)	Solo	2	12. Herbáceas	Vegetação	17	12. Pessoas (que não a figura intencionalmente fotografada)	Pessoas	7
13. Pedras (formando um letreiro)	Solo	1	13. Árvores	Vegetação	16	13. Trapiche	Ambiente construído	28
14. Herbáceas	Vegetação	17	14. Arbustos	Vegetação	8	14. Poste	Ambiente construído	19
15. Árvores	Vegetação	16	15. Tronco	Vegetação	1	15. Banco	Ambiente construído	12
16. Arbustos	Vegetação	8	16. Pessoas (que não a figura intencionalmente fotografada)	Pessoas	8	16. Estrutura de madeira	Ambiente construído	9
17. Pessoas (que não a figura intencionalmente fotografada)	Pessoas	13	17. Casas	Ambiente construído	7	17. Calçada	Ambiente construído	8
18. Capela	Ambiente construído	11	18. Poste	Ambiente construído	3	18. Meio-fio	Ambiente construído	6
19. Muro	Ambiente construído	7	19. Calçada	Ambiente construído	2	19. Terminal	Ambiente construído	5
20. Meio-fio	Ambiente construído	4	20. Estrutura de madeira	Ambiente construído	2	20. Muro	Ambiente construído	2
21. Passarela	Ambiente construído	3	21. Letreiro	Ambiente construído	2	21. Barreira	Ambiente construído	1
22. Calçada	Ambiente construído	2	22. Lixeiras	Ambiente construído	2	22. Casinha de alvenaria	Ambiente construído	1
23. Torres de transmissão de energia	Ambiente construído	2	23. Loja	Ambiente construído	2	23. Símbolo “mergulhão” (ave arisca típica da região)	Ambiente construído	1

CAPILHA

LAGO MERÍN

PORTO DE SANTA VITÓRIA DO PALMAR



24. Banco	Ambiente construído	1	24. Brinquedo de pracinha	Ambiente construído	1	24. Animais de estimação	Animais	2
25. Poste de iluminação	Ambiente construído	1	25. Cercado	Ambiente construído	1	25. Cavalo	Animais	2
26. Animais de estimação	Animais	3	26. Tenda	Ambiente construído	1	26. Gado bovino	Animais	1
27. Pássaro	Animais	1	27. Pássaro	Animais	1	27. Inseto	Animais	1
28. Carro	Transporte	10	28. Carro	Transporte	1	28. Peixe	Animais	1
29. Barco	Transporte	7	29. Barco	Transporte	1	29. Teia de aranha	Animais	1
30. Caminhão	Transporte	1	30. Guarda-sol	Objetos	6	30. Carro	Transporte	7
31. Motocicleta	Transporte	1	31. Cadeira de praia	Objetos	5	31. Barco	Transporte	4
32. Quadriciclo	Transporte	1	32. Toalha de banho	Objetos	4	32. Bicicleta	Transporte	2
33. Barracas	Estruturas móveis	3	33. Baldinho	Objetos	1	33. Bandeiras	Objetos	2
34. Banheiro químico	Estruturas móveis	1	34. Boia	Objetos	1	34. Balões	Objetos	1
35. Gazebo	Estruturas móveis	1	35. Cordas	Objetos	1	35. Cadeira de praia	Objetos	2
36. Boia	Objetos	2	36. Cuia de chimarrão	Objetos	1	36. Cuia de chimarrão	Objetos	2
37. Bolsa	Objetos	1	37. Sacola	Objetos	2	37. Caderno	Objetos	1
38. Bíblia	Objetos	1	38. <i>Stand up paddle</i>	Objetos	1	38. Chapéu de religioso	Objetos	1
39. Cadeira de praia	Objetos	1				39. Garrafa térmica	Objetos	3
40. Chapéu	Objetos	1				40. Galão	Objetos	1
41. Copo de <i>sundae</i>	Objetos	1				42. Imagem de nossa senhora	Objetos	1
42. Fogueira	Outros	1				43. <i>Kitesurf</i>	Objetos	1
						44. Lata de cerveja	Objetos	1
						44. Prancha	Objetos	1
						45. Óculos de sol	Objetos	1
						46. Redes de pesca	Objetos	1
						45. <i>Stand up paddle</i>	Objetos	1

Fonte: Elaboração do autor (2020), a partir de fotografias públicas do Instagram. Disponível em: <<http://www.instagram.com>> (2020). Acesso em: 16 maio, 2020.

Em Lago Merín, o menor número de fotografias encontrado dentro dos parâmetros da pesquisa (18), ainda que seja o local de maior afluência de longa temporada.

Na Capilha, 42 elementos diferentes foram retratados em fotografias, 349 elementos registrados ao todo, com cerca de oito elementos destacados por fotografia analisada. Em Lago Merín, 38 elementos diferentes foram retratados em fotografias, 148 elementos detectados ao todo com, aproximadamente, oito elementos destacados para cada fotografia analisada. No Porto, 45 elementos diferentes foram retratados em fotografias, 356 elementos registrados ao todo, também com aproximadamente oito elementos destacados para cada fotografia.

Como era de se supor, boa parte do conteúdo das tomadas ao ar livre, retratam a água calma da Lagoa. As águas da Lagoa Mirim ora estão claras, ora estão escurecidas. De acordo com Potocka (2013), a visão da água com a luz sendo refletida na superfície, propicia ao sujeito a reflexão sobre si: em um mundo límpido, de cores mais claras, a água é percebida de modo positivo, enquanto escurecida, evoca respeito e provoca o medo.

Embora haja nuvens esparsas, o céu claro é o mais clicado, ou seja, com atmosfera vibrante, corroborando com Kunz e Castrogiovanni (2020c). Isso tem a ver com uma predileção, mas também com as condições do tempo no verão. Uma fotografia de raio foi clicada em Lago Merín. O tempo é a experiência da luz, da qual a visão depende, esta constrói por dentro o que o mundo é por fora (INGOLD, 2005).

Apesar dos elementos antrópicos e técnicos serem alvo de um olhar pitoresco, a apreciação dos aspectos naturais, como atmosfera e corpo hídrico, é superior, em detrimento do ambiente construído e, também, dos objetos pessoais, como materialidades das práticas.

Chama atenção a larga presença dos elementos do ambiente construído no Porto - quase o triplo da segunda colocada, Capilha. Nesta localidade, o elemento construído mais fotografado é a capela (11), como que um ícone do que dá nome ao local e pode adquirir esfera dramática, conforme alguns fotógrafos (KUNZ; CASTROGIOVANNI, 2020c).

Contudo, cogitamos se as paisagens da Capilha, as do Porto e, em menor medida, as de Lago Merín, não poderiam ser consideradas paisagens residuais, ou ainda, alternativas (COSGROVE, 1998), bem como se a ativação turístico-imobiliária da Capilha, apontada por autores e entrevistados, não a faria conformar uma paisagem

emergente no atual momento, por meio de possíveis novas intervenções no arranjo socioespacial da localidade.

A passarela da Capilha, local de vista privilegiada, aparece em apenas três fotografias, embora em nossas observações a passarela parecesse disputada, vimos que o maior movimento se concentra na parte baixa, na praia. Apenas duas fotografias estampam as torres de transmissão de energia na parte sul. Também foram pouco fotografadas as falésias, consideradas de interesse pela entrevistada Amélia/Angélica, mas elementos que não estão no enquadramento paisagístico da maior parte dos turistas, mesmo que seja diferencial em relação a outros sítios. Em pesquisa anterior no Flickr, as falésias estavam mais presentes em Lago Merín do que na Capilha (KUNZ; CASTROGIOVANNI, 2020c).

Na condição de ambiente construído, o trapiche do Porto Pindorama aparece 28 vezes - antes um apoio para embarque/desembarque, hoje, um percurso para olhar a paisagem lacustre e, especialmente, admirar o pôr do sol. Os bancos, onde se pode sentar e contemplar a paisagem circundante, aparecem 12 vezes. Surpreende o fato de o olhar do turista não estar voltado ao terminal do porto – que dá nome ao local, como a capela - sendo que o meio-fio é mais frequente (6) que o próprio terminal (5), cabendo valorizá-lo.

As pessoas, que não as figuras intencionalmente fotografadas, aparecem pouco. Isso ocorre especialmente no Porto, muito provavelmente por uma busca de um ambiente prístino e, também, porque no verão o local não é tão frequentado em alguns momentos, conforme observações.

Os veículos automotores, como componentes e viabilizadores de determinadas paisagens, são mais relevantes no “lado” brasileiro do que no “lado” uruguaio da Lagoa. Os automóveis aparecem com maior frequência na Capilha (10) e no Porto (7), corroborando com as observações e dados anteriores (KUNZ; CASTROGIOVANNI, 2020c). Também confirmando as observações, na Capilha há fotos de quadriciclo, motocicleta e, até mesmo, de caminhão. Ou ainda, jipes, presentes em fotografia da Capilha (idem).

Os barcos de pesca artesanal aparecem nos três sítios, mas em maior medida no “lado” brasileiro – sete ocorrências na Capilha e quatro no Porto. Indo ao encontro desta pesquisa, algumas fotografias do Flickr denotavam o componente pitoresco e melancólico como construto simbólico da apreciação da paisagem lacustre, como o atracadouro localizado no Porto Pindorama (KUNZ; CASTROGIOVANNI, 2020c).

Há estruturas móveis na Capilha (como barracas e banheiro químico) e, nos demais sítios, não, também indo ao encontro do observado. Incomuns ou inexistentes no outro sítio, certos objetos de uma paisagem de férias aparecem no Balneário de Lago Merín. Guarda-sol (6), cadeira de praia (5) e toalha de banho (4) são os mais comuns. A paisagem de férias arquetípica foi observada em (KUNZ; CASTROGIOVANNI, 2020c). Dito de outro modo, a paisagem de tal balneário é objeto do olhar coletivo do turista (URRY, 1999a), tendência na qual a visualização massiva com os coturistas confere sentido ao observado.

No Porto, chamam a atenção objetos religiosos como a imagem de nossa senhora e o chapéu de religioso, o que se dá em razão da procissão lacustre de 2 de fevereiro, em honra à Iemanjá/Nossa Senhora dos Navegantes.

Nas fotografias, embora frequentes os outros tipos de estrato, as herbáceas são as que mais aparecem. As árvores não são altas, nem numerosas, declaram os entrevistados. No caso do Porto, aparecem as palmeiras de butiá, que é uma árvore nativa, diferentemente de outras espécies exóticas que foram introduzidas no Uruguai e trariam mais status (DABEZIES, 2020).

Dada a orientação dos sítios, no “lado” brasileiro o sol aparece com maior frequência e, em seu poente, enquanto no “lado” uruguaio aparece apenas uma vez, no seu nascente. O pôr do sol que aparece na paisagem fotografada da Capilha e do Porto, no “lado” brasileiro, também é destaque em pesquisa anterior (KUNZ; CASTROGIOVANNI, 2020c). Esse fenômeno, que corresponde ao jogo de pelo menos dois elementos – ar (atmosfera) e foto – é elemento notável. “Nas primeiras décadas da fotografia, esperava-se que as fotos fossem imagens idealizadas. Ainda é esse o objetivo da maioria dos fotógrafos amadores, para quem uma bela foto é uma foto de algo belo, como [...] um pôr do sol.” (SONTAG, 2004, p. 40).

A entrevistada Ludovica pensa que, se pedíssemos aos turistas fotografarem livremente a Lagoa Mirim, a foto mais clicada seria do pôr do sol e buscando retirar a interferência antrópica. “Pegando essa relação mais da água e do sol, né? Céu, sol. Tirando um pouco a construção. Digamos, como se fosse retirar a intervenção humana.” (LUDOVICA, entrevistada em 2020). Angélica, trabalhadora do turismo e moradora da Capilha, traz o seguinte juízo estético: “O pôr do sol aqui em cima, cada dia, é um mais bonito que o outro.” (ANGÉLICA, entrevistada em 2020).

Há discordância entre os entrevistados de que as paisagens da Lagoa Mirim podem causar sentimento análogo ao medo. Apenas o canoísta Alberto responde

afirmativamente a essa questão, possivelmente, pelo mesmo motivo da resposta negativa a que nunca presenciou tempestades na Mirim. Tal imagética retoma o sublime, em especial, o marítimo presentes em telas de Turner, mas que aqui não parece se manifestar, nem em caráter comparativo. Do mesmo modo, os perigos de transitar por estradas que exijam carro com tração nas quatro rodas também são descartados pelos entrevistados.

Além dos qualificadores convencionais de lugar, relacionado à sua estética e ao seu ritmo (surpreendentemente) lindo, belo, maravilhoso, fantástico, tranquilo - foram também utilizados, em comentários, outros termos para descrever os locais, as praias, e a Lagoa, traduzidos no gosto pelos lugares bucólicos e pelas paisagens pitorescos. “A Capilha é um pequeno e, ao mesmo tempo, grandioso paraíso do pampa”, relacionando ao bioma de que faz parte. Outros comentários vão à mesma direção: “lugarzinho escondido entre Rio Grande e Chuí”; “lugar bonito. Muito simples, mas íntegro, bonito e ermo”; “lugar muito diferente”; “uma paisagem peculiar”; “pacato vilarejo, com casinhas rústicas”, por vezes, se aproximando aos relatos de Saint-Hilaire, de dois séculos atrás.

Nesse sentido, a Capilha tem sido descrita em relatos como local “natureza quase intocado[sic]”. É levantada uma dicotomia entre domínio do ambiente natural e a (in)disponibilidade de infraestrutura para locais e visitantes. “*Roots*, muito bonito, nenhuma infraestrutura”, ou seja, uma tríade entre rusticidade, beleza e infraestrutura deficiente. Ou, ainda, “Lugar bonito, mas com pouca infraestrutura”; “alguma urbanização básica [sic] como alguns abrigos para o sol.” Todavia, alguns comentaristas chegam à conclusão que: “Embora careça de infraestrutura de serviços, compensa com sobra pelo visual e tranquilidade do local”; “nem [d]á pra cobrar uma rede de serviços mais forte no local, já que o charme do lugar é, de certa forma, a sensação de isolamento”. O caráter pitoresco das localidades ora é abordado como diferencial estético-paisagístico, ao mesmo tempo em que, funcionalmente, reclamam-se mais serviços e infraestrutura turística, o que provavelmente alteraria tal caráter.

O termo “local pitoresco” também ocorre em comentários sobre Lago Merín, embora não como vilarejo, e sim como “pequeno Balneário”: “É como voltar no tempo”, afirma um usuário. A Lago Merín são atribuídos alguns qualificadores, tais como: “paraíso”; “lindo lugar”; “tranquilo e com jeito de interior”.

Não há consenso entre os entrevistados sobre se os locais de encontro da Lagoa Mirim são inóspitos. Também não há consenso nas entrevistas sobre se as paisagens lacustres da Mirim são melancólicas, embora em pesquisa a partir de fotografias do Flickr, tal registro manifesta-se com certa frequência. Esse sentimento maduro está presente e

possui raízes, tanto no pitoresco, quanto no sublime, perpassando o romântico. Os entrevistados respondem afirmativamente à assertiva de que a paisagem da Lagoa Mirim é romântica, ou os locais são românticos de se estar. Do mesmo modo, concebem que a Mirim força à parada e oferece-se à contemplação, um dos ditames do romântico. Entretanto, em fotografias do Instagram, apenas de cinco das 134 retratam casais enamorados, que potencialmente performariam e replicariam o amor romântico. Já em fotografias do Flickr, o olhar romântico direcionado aos sítios da Capilha e do Porto são notados, destoando do olhar coletivo característico de Lago Merín (KUNZ; CASTROGIOVANNI, 2020c).

Verbalmente, os entrevistados não concordam que os vilarejos, aqui sítios de encontro, cause-lhes estranhamento na alteridade consigo e seus locais de origem. Entretanto, em comentários no Trip Advisor, o termo pitoresco é utilizado para evocar os lugares. As fotografias estudadas também apresentam elementos do pitoresco, como o atracadouro, os barcos de pesca artesanal e a pequena capela. A fotografia 36 tem como legenda que ancora/reveza com a imagem, além da *hashtag* “*church*” (igreja), a *hashtag* “*antiguidades*”, apontando certo respeito, admiração e saudosismo, mas também de comodificação dessas antiguidades (sempre relativo), colocando-as em uma categoria comum, como objetos de consumo simbólico.

O Instagram parece dissolver, em partes, a antinomia entre fotografia amadora e profissional. Esta última, que até então era uma das principais fontes de divulgação de um imaginário perante a audiência coletiva “turistas”, é paulatinamente substituída pela fotografia amadora, em que pesem os crescentes recursos dos aplicativos e das câmeras de celular que, facilmente, tornam fotografias tiradas por leigos, em fotografias potencialmente profissionais, dignas de comporem um circuito recursivo entre imagem projetada e paisagem/atrativo visitados. Os turistas, já na pré-viagem, estão em contato com mais e mais imagens de outros turistas, buscando posteriormente conformar-se a estas. Desse modo, o turista é cada vez mais influenciado pela fotografia tirada de modo amador e, pretensamente, casual.

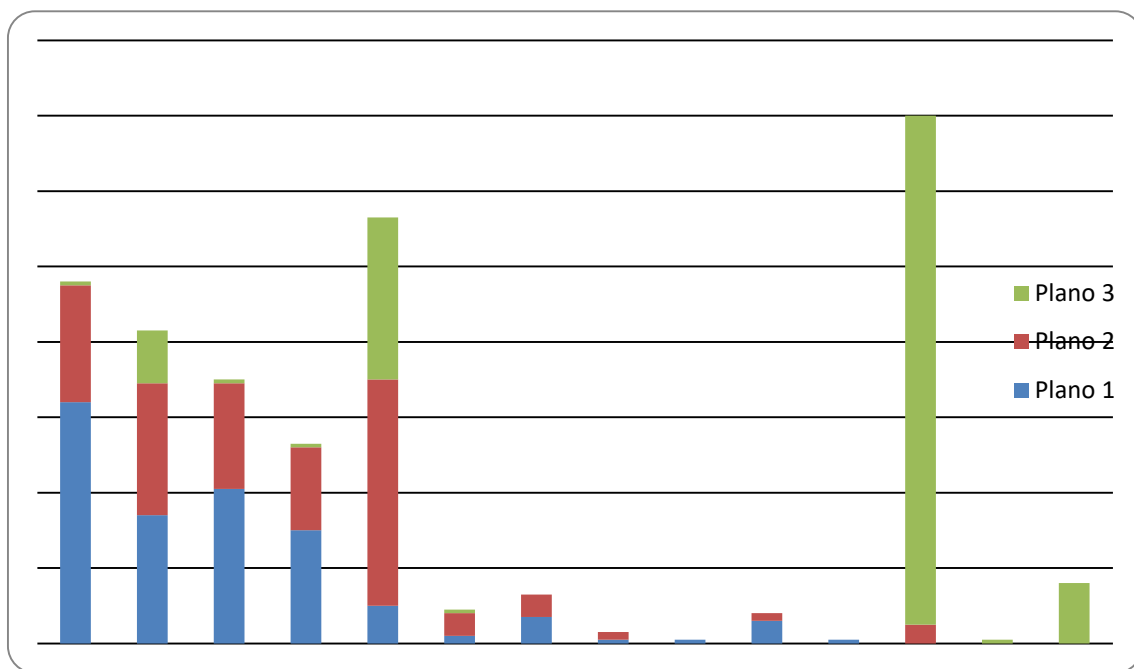
Contudo, emergem segmentos como os influenciadores digitais, que estão na fronteira entre um visitante real e um profissional que foi (auto)contratado para disseminar imagens, imaginários e recomendações. As fotografias 70 e 71 têm como uma de suas legendas “*like for likes*”, ou seja, busca-se uma interatividade e uma permuta de posicionamento dentro do ciberespaço, onde estão as redes sociais e as fotografias

digitais, que potencialmente podem se tornar turísticas, a despeito de esforços mercadológicos ou de estratégia de comunicação do destino.

A *hashtag* “fotografia amadora”, da imagem 33, ancora denotações opostas, a partir das quais se busca um profissionalismo amador: o amadorismo é ressaltado como pretensas autenticidades, fidedignidade e genuinidade às paisagens e aos sítios fotografados. As fotografias 69 e 112 têm como índice “*no filter*” (sem filtro): se está querendo dizer que, embora pareçam artificializadas ou manipuladas, a imagem é real, ou na melhor das hipóteses, o mais análoga possível com o verificado *in loco*, dentro dos limites do que podem representar os ícones.

Sobre os planos das fotografias, selecionamos os elementos mais recorrentes no primeiro, segundo e terceiro planos, que foram decompostos, e os comparamos por meio de um gráfico (Figura 10).

**Figura 10 – Gráfico com os planos fotografados e seus elementos**



Fonte: Elaboração do autor (2020).

Pudemos verificar que o trapiche se destaca como ambiente construído e o mobiliário urbano, em primeiro plano. A figura humana aparece, especialmente, em primeiro e em segundo plano. Com a areia ocorre o mesmo. A água da Lagoa ocupa,

sobretudo, o plano central<sup>88</sup> (2) e no plano de fundo (3), o céu/horizonte e os fenômenos atmosféricos estão retratados.

O Instragram propõe um enquadramento vertical para as fotografias, a partir do manejo do *smartphone* de modo a obter uma fotografia em tal sentido, favorecendo o retrato. Das 134 fotografias analisadas, 92 seguem essa orientação, enquanto 42 buscam horizontalizar a fotografia, mesmo com perda de área de fotografada na postagem. A maior parte segue um ângulo retilíneo (93), e as restantes distribuídas entre fotos tomadas de cima (21), que supõem domínio, seguidas das tomadas de baixo (20), que supõem sujeição.

A cor foi o elemento plástico estudado. Dentre as cores principais, abundam as neutras (cinza, preto e branco), com 67 fotos, seguidas das cores frias (verdes, azuis etc.), e, em apenas cinco fotografias, predominam as cores quentes. O inverso também é verdadeiro. Das cores de segunda importância na fotografia, as cores quentes aparecem em 83 fotografias, as neutras em 64, e as frias em outras 57, neste ponto, nesse caso em contraposição do pitoresco, que evidencia cores vibrantes.

Com veemência, os entrevistados concordam com a assertiva por nós formulada, com fins de estímulo, de que as paisagens da Lagoa Mirim são mais naturais que artificiais, desconsiderando, assim, elementos técnicos, o ambiente construído e/ou o mobiliário urbano. Isso sustenta a proposição que a concepção de paisagem como natureza - sob valores de pureza, bem, nostalgia, beleza - é uma das principais vertentes de sua conceituação (MEINIG, 1979), esta persistindo em estudos de imagem de destino turístico, mesmo os urbanos ou patrimoniais (KUNZ; CASTROGIOVANNI, 2020a). “Sempre que falamos de 'natureza' falamos na verdade de imagens que praticamente não existem mais. Regiões que não se enquadram no sistema de produção vigente são entendidas como 'naturais' e representam para muitos um conjunto de referenciais [...]” (SERPA, 1995, p. 113). E isso parece direcionar o olhar do turista, especialmente, para as paisagens da Capilha.

Não há consenso entre e os entrevistados se os praticantes de aventura tendem a emitir juízos estéticos mais positivos, quando em relação com os demais frequentadores, questão que segue em aberto.

Os entrevistados tendem a concordar que os turistas preferem contemplar as paisagens lacustres estudadas estando sós, ou com poucas pessoas em volta. Nas

---

<sup>88</sup> Em algumas metodologias avaliativas, corresponde à paisagem propriamente dita.



fotografias publicadas não é frequentemente o aparecimento de pessoas que não as figuras ou grupos intencionalmente fotografados. Em nossas observações, ficou evidenciado que tal é verdadeiro, particularmente, para o Porto de Santa Vitória, já que o balneário de Lago Merín e a praia da Capilha costumam estar, nos finais de semana do verão, repletos de visitantes e, também, de automóveis, conforme o caso.

Nesse sentido, os entrevistados concordam fortemente que as paisagens lacustres da Mirim são comparáveis a uma pintura, embora Barthes (2017) sinalize que a fotografia torna-se arte não pela pintura, mas pelo teatro.

A afirmativa dessa comparação diz respeito a uma tradição do gênero pictórico, que experimentou auge e declínio alguns séculos atrás, mas que chega até nós por meio de produtos culturais (como a decoração, a fotografia etc.) e manifesta-se também na busca por paisagens picturáveis quando de nossas incursões turístico-recreativas, e que não raro são registradas e compartilhadas em fotografias de meio digital. Mesmo que não tenhamos visitado os museus de arte que expõe pinturas de paisagem, pitorescas ou sublimes, do período do Romantismo, com elas temos um contato aproximado no ambiente natural, predominantemente.

Entre os entrevistados, há alto grau de concordância de que o pôr do sol na Mirim é um espetáculo da natureza. Essa sentença fala da dimensão cênica da natureza, bem como de um fenômeno atmosférico que ocorre diariamente, mas que é valorado de modo diferencial por turistas e gestores quando falamos da Lagoa. Lembramos, contudo, que no “lado” uruguaio o sol nasce na Lagoa Mirim e que no “lado” brasileiro (Capilha e Porto) ele põe-se.

Amélia sustenta que há um diferencial no pôr do sol na Capilha, o qual reside no selvagem e na solidão. “O diferencial? Nossa! (riso). Não sei. As cores é, eu acho que, tu não tem interferência ali de luzes. É um ambiente tão natural, ainda. Selvagem, assim. Então, dependendo da época que você vai, é só a Lagoa, realmente, o pôr do sol e as dunas.” (AMÉLIA, entrevistada em 2020). A paisagem de vastidão da Laguna Negra, Uruguai, é comparável ao observado na Lagoa Mirim, de acordo com ela.

Como vista privilegiada, Amélia recomenda a vista da passarela e das falésias, na Capilha. “Eu acho que lá de cima da passarela. Eu acho lindo o contraste da areia branca com a Lagoa. Eu acho aquela paisagem maravilhosa. E uma seria, virado de costas pra Lagoa, das falésias. Eu acho muito bonito também.” (AMÉLIA, entrevistada em 2020). Em nossas notas de campo, também observamos que a vista panorâmica a partir das falésias da Capilha garante maior amplitude na visualização do corpo d’água. “A passarela

bastante disputada pra fotos. Essa questão da altura realmente propicia uma vista melhor. As pessoas têm que esperar as outras passarem pra poder tirar foto.” (NOTAS DE CAMPO, 2020).

Além da Capilha, o Porto de Santa Vitória parece prestar-se mais à contemplação (romântica, relativamente passiva) do que em Lago Merín. Contudo, os entrevistados concebem que faltam pontos elevados para melhor observar a paisagem lacustre. Concordando com que faltam pontos elevados para observar melhor, Ricardo complementa: “Por isso que eu te falei no Farol do Albardão.” (RICARDO, entrevistado em 2019). Alberto cita como um dos lugares que merece uma fotografia o Farol da Ponta Alegre, de cima do qual é possível observar a extensão da Lagoa, bem como o nascer do sol. Dada a sua localização em planície costeira sem elevações no entorno, a posição da observação é inferior.

A maioria dos entrevistados tende a concordar que o foco do olhar do turista está na linha do horizonte, como paisagem focalizada, o que é próprio à natureza desse sujeito. O uso da perspectiva é aumentado no/pelo olhar romântico, bem como para paisagens de aparência estéril (URRY, 1999a). De outro, a Mirim é monótona. Na paisagem silenciosa e horizontalizada do Pampa pode se esconder uma aparente monotonia, que se rompe no espaço-tempo; em realidade, tal paisagem mostra-se um mosaico biogeográfico, surgido a partir de uma complexa evolução geomorfológica, de sua constante morfodinâmica e de uma ocupação territorial particular (VERDUM, 2016).

A horizontalidade da Lagoa é destacada por Angélica na descrição de episódios experienciais e estéticos com esta.

Aqui, o que marca muito, assim, é quando tu chega, tu vê esse, essa lagoa assim. Parece que não tem fim, né? Que tu não consegue enxergar os finais dela, devido à grande... mistura com o céu, com a Lagoa, assim. Então, tu fica no, muitos, um horizonte que não tem fim, assim. Muito bonito, assim (ANGÉLICA, entrevistada em 2020).

Os entrevistados tendem a conceber que a água é o elemento que torna a paisagem da Lagoa Mirim e entorno esteticamente aprazível. Tal proposição vai ao encontro de teorias avaliativas vigentes, em que a água, no campo central, é item da maior relevância para a qualidade visual e cênica de uma paisagem.

Entre os entrevistados, há discordância de que a água da Lagoa Mirim traz-lhes energia e senso de movimento, deixando-lhes agitados; ao contrário, a água da Mirim traz-lhes sentimento de calma e repouso, deixando-os tranquilos, em consonância com a

conceituação da paisagem como estado de alma. Observamos uma projeção das condições calmas da água da Lagoa para si, como sujeito que busca a tranquilidade.

Outrossim, não fica claro nas afirmações dos entrevistados se a Lagoa mimetiza o mar aberto, ou seja, compartilhando características visuais presentes nas grandes ondas e nos ventos fortes.

Já nas fotografias 49 e 50, a *hashtag* “mar” ancora uma conotação de grandiosidade, veneração ou, até mesmo, temor. Há outras fotografias com a *hashtag* “beach” para a Capilha, ou seja, buscam explicar à audiência que apesar de ser às margens de uma lagoa, a Capilha compartilha dos atributos de uma paisagem de férias junto ao oceano.

Também, em alguns comentários postados no Trip Advisor, a Lagoa Mirim parece sim mimetizar o mar: “uma lagoa que mais parece mar”; “uma imensidão de água doce com uma praia também extensa e um visual exuberante”. A *hashtag* “mar” foi inserida ancoragem em uma fotografia analisada. Noutros momentos, as praias oceânica e lacustre são comparadas: “ótima praia de água doce”; tranquilidade pela inexistência de grandes ondas; “Quem não tiver acesso à praia, pode matar a saudade com esse banho de lagoa.”. Outras vezes, esclarecem: “recomendo a praia da capilha, que é lagoa na verdade”. Em um comentário, mesmo que recomende a Capilha, usa o termo praia entre aspas.

Em outros comentários sobre a Capilha, as virtudes da água são classificadas como rasa, calma, límpida, cristalina, quente: “praia de água doce, super calma e rasa por uma boa extensão”; “a lagoa é incrível, a natureza é encantadora”; “lugar lindo, paraíso da natureza”. Ainda, há “areia branquinha”, e “se anda com a água pela cintura por metros a dentro [sic], não deve chegar a 2 metros de fundura [profundidade] no local mais fundo”. O vento é considerado positivo na Capilha em um comentário; em outros, se coloca “no fim da tarde tinha muito vento.”. Em Lago Merín, um turista fala de “água super quente, minimizada pelo grande volume de vento, o ano inteiro e o tempo todo. Pelo calor excessivo do sol no verão, o vento é peça fundamental para harmonizar”. Quanto às águas, os comentários dão conta de “águas límpidas e convidativas. Estava um pouco frio e não entramos na água”. Alguns adjetivos das águas repetem, “bem rasas, tranquilas”; “calmas e tranquilas”; “águas navegáveis”; muito embora não tenhamos observado veleiros, por exemplo.

Nesse estabelecimento de semelhanças e diferenças, tanto em comentários, quanto em entrevistas, a Capilha é vista como uma alternativa à praia oceânica do Cassino, que recebe maior afluência de visitantes: “Cansados do Cassino”; “Opção para fugir da praia

do Cassino”; “Para quem gosta de água doce e ficar longe do barulho é uma boa opção”. Assim, notamos uma nova dinâmica socioespacial do turismo, com parte do fluxo em direção à Capilha, que está às margens da BR-471, que liga Brasil e Uruguai: “Passamos pela Capilha no retorno de uma viagem de feriado no Uruguai”.

Na Capilha, parece haver intrusão de atividades mais energéticas, até, possivelmente, barulhentas, em um lugar descrito como tranquilo. Quando perguntados sobre o possível grupo de viagem do fotógrafo, durante a foto-elicitación, a maioria opinou que seriam grupos de jipeiros, que se aventuram por circuitos *off-road*, indo ao encontro com pesquisa já publicada (KUNZ; CASTROGIOVANNI, 2020c), ou seja, há certa ambivalência nos significados e nas práticas relacionados à Lagoa Mirim na Capilha, destoando dos outros sítios.

Em nossa observação de campo, notamos que a paisagem lacustre é mais-que-visual e fala aos diversos sentidos.

É, a gente fecha os olhos e sente o vento batendo, a gente escuta o vento batendo, as ondas... A gente sente a areia, a gente sente o calor, a gente sente o frio. Então, a experiência é mais do que a gente enxerga na água, embora a água também seja um apelo visual. Talvez ela seja um apelo visual exatamente pelo, pelo multissensorial que ela tem. (NOTAS DE CAMPO, 2020).

A comparação entre a experiência nos distintos sítios ajuda a configurar paisagens sonoras lacustres de/para turistas.

Sabe que, em termos de paisagem sonora, aqui o som do motor aqui se sobressai ao som das águas: a água tá muito calma. E os motores, tanto na praia, quanto da água, sobressaem-se ao vento e água, que são sons naturais. Em Lago Merín, me lembro de ouvir as pessoas, obviamente, assim como aqui. Mas, como tinha vento, tinha ondas. Você ouvia o som das águas. E não ouvia motores, né, porque os carros estavam distantes. E *jet ski* não me lembro se eu vi. (NOTAS DE CAMPO, 2020).

Surge, então, a ideia de que a paisagem seja condição, embora não suficiente, para a experiência turística lacustre, até mesmo, pela linearidade da observação permitida pelos terrenos baixos da planície costeira.

Que os tipos de turismo cênico, com trilhas pra observação, belve-belvederes, talvez o sensual no turismo, se faça presente exatamente nesse tipo de turismo banhar, com água, sol, vento e areia. E outros talvez seja mais cênico. Não é que a paisagem não importe: ela importa mas ela não esgota, novamente, a experiência turística desse tipo de turismo, né? (NOTAS DE CAMPO, 2020).

Como paisagem semelhante à Lagoa Mirim, Ludovica cita a Ilha da Pólvora, na Laguna dos Patos, em Rio Grande, e justifica tal assertiva pela pouca interferência antrópica.

Alguma coisa da vegetação rasteira, né? Mais assim esses arbustos, alguma coisa assim. Ah, ahm, a predominância de determinadas aves, né? Algumas espécies... então, tem essas características, né? Mas eu observo que ali tá um pouco, ahm, como é que eu vou dizer? Mesclado com a proximidade, digamos, do município de Rio Grande, né? Até a questão do Porto. Então, acho que, semelhante, aqui acho que é algo mais voltado pra natureza. Que não tem muito essa interferência urbana do espaço, né? (LUDOVICA, entrevistada em 2020).

O canoísta Alberto compara as expedições à Mirim e à Laguna dos Patos e aponta fatores biogeográficos, climáticos e de orientação como diferenciais.

É, a gente fez a Lagoa dos Patos. E tem várias semelhanças. O ponto que eu achei mais, a maior diferença, realmente é essa do junco, assim, em termos de paisagens. A Lagoa dos Patos tem junco, e na Lagoa Mirim esse junco não existe. É tipo uma árvore que cresce. Então, é bem diferente, essa questão é bem diferente, assim. E uma coisa que tem na Lagoa dos Patos e na Lagoa Mirim, que eu achei diferente, pra quem é da canoagem faz diferença, é que a Lagoa dos Patos, praticamente só tem costa leste e oeste. E na Lagoa Mirim, tem, ahm, algumas pequenas costas ou baías, assim, ahm, norte e sul. E aí, o que que acontece? Quando dá um temporal que provavelmente vento sul, então ela tem bastante impacto nessas costas aí. E na Lagoa dos Patos não é tanto porque o vento não afeta tanto (ALBERTO, entrevistado em 2019).

A Laguna dos Patos, em São Lourenço do Sul, é mencionada por Paulo e por Carla como paisagem semelhante à Lagoa Mirim. Já Ricardo assevera que a Laguna dos Patos faz parte de um mesmo ecossistema. A Lagoa Mangueira é citada somente por Angélica; a Laguna Negra, no Uruguai, somente por Amélia. O que vemos é um complexo lagunar que se estende desde Santa Catarina, atravessa toda a costa do Rio Grande e vai, de norte a sul, até o Uruguai, com paisagens quiçá semelhantes em alguns pontos/aspectos, mas distintas na alma de cada lugar, bem como na dinâmica de apropriação por fluxos de turismo.

Diante da foto-elicitação (Ver Apêndice A), Luiza (entrevistada em 2020) responde: “Na verdade, pra mim são os jipeiros aqui, praticando esporte de aventura. É, tão curtindo muito, a lagoa tá calma, não tanto que fosse ruim pra eles porque eles gostam desse tipo de aventura. Eu acho que tá perfeito pra eles.”. Angélica (entrevistada em 2020), por sua vez, adota elementos de sua vivência proximal: “É um lugar tranquilo como a gente tá acostumado aqui na Capilha.”. Carla pontua, de modo semelhante à

Angélica, na questão aberta: “Uma lagoa. Infinita. O horizonte bem infinito. E uma intervenção do homem com a natureza.” (CARLA, entrevistada em 2019).

Ainda diante da foto-elicitação, os entrevistados foram instados a projetivamente responderem quem teria tirado a fotografia daquela paisagem. Luiza considera que foi um morador do local: “Eu acho que esse fotógrafo é um nativo. Que tava passeando pela praia ou colhendo alguma coisa, ou trabalhando, e achou interessante essa imagem, e tirou no celular.”. Alberto cogitou que o autor faz parte de um grupo de jipeiros.

Já Amélia analisa: “Essa luz, esse céu limpinho. De repente, na primavera (riso). Não sei.”. Ludovica considerou “outono-inverno” como uma possibilidade. Pedro e Paulo, assim como Angélica, moradora da Capilha, arriscaram dizer que a cena da fotografia foi clicada no inverno: “Pela cor da água. Exceto se tem alguma referência com a impressão. Mas é, a cor da água seria inverno.” (ANGÉLICA, entrevistada em 2019). Alberto faz aposta semelhante: “pelo pouco vento eu chutaria mais pro inverno”. Ricardo disse “fevereiro”.

Angélica, Carla, Luiza e Ricardo defendem que é uma paisagem e um ecossistema único no mundo - embora concebamos paisagem, ambiente e natureza diversos -, pelo menos dentro do Rio Grande do Sul. Carla admite que a entrevista lhe proporcionou pensar na Lagoa Mirim como um todo.

Embora a Lagoa Mirim e seus sítios sejam classificados, pelos entrevistados, como bons locais para passar as férias com a família, predominam as fotografias *solo*, e as fotos do tipo “álbum de família” são menos frequentes.

## 6 HÁ MUITOS VENTOS QUE SATISFAZEM AS PIPAS – AS PRÁTICAS E PERFORMANCES TURÍSTICAS/DE LAZER NA/DA LAGOA MIRIM

“Os turistas acabaram sendo abordados como sujeitos todo olhos, sem corpos, e às vezes, sem cérebro!” (LÖFGREN, 1999).

### **Objetivos desta parte:**

- Vincular a apreciação de paisagem à realização de práticas e *performances* turísticas, distinguindo-as e aproximando-as;
- Descrever as principais práticas turístico-recreativas que ocorrem nos sítios estudados;
- Discutir a sazonalidade como fator para realização das práticas turísticas na Lagoa Mirim;
- Antever o caráter performático do engajamento corpóreo dos sujeitos-visitantes;
- Apresentar as principais representações das águas da Lagoa Mirim para eles;
- Ressaltar o corpo d'água lacustre como locus de práticas esportivas e de lazer;
- Examinar a cultura visual dentro da experiência turística (da pré ao pós-viagem), especificamente, por meio da inter-relação entre os códigos do suporte fotográfico eo turismo;
- Abordar a fotografia como (auto)apresentação do *self* do indivíduo *operator* e como performance coletiva;
- Recolocar a paisagem como fundo da fotografia de figura humana.

### 6.1 CONCEITUAÇÕES DE PRÁTICA E *PERFORMANCE* DO/NO TURISMO/LAZER

O que a paisagem turística se torna quando ela é desempenhada, colocada em prática? E, ainda, como os turistas realizam a *performance* do/no palco (ou cenário?) da paisagem? Como eles negociam a relação entre as narrativas turísticas oficiais e as suas próprias experiências materiais dessa paisagem? (MINCA, 2007). Ainda, como as práticas turísticas moldam e interagem com aquelas práticas e mobilidades não propriamente turísticas, mas que ocorrem num contexto de lazer?

Numa tensão entre racionalidade e desejo, inerente às práticas turísticas, surgem os comportamentos orientados pela paisagem. Assim, a abordagem do turismo como código visual é hoje complementada pela condição de campo de aprendizagem de si mesmo e do mundo, além das corporeidades e da mais-que-representação na/da espacialidade turística. É, hoje, uma das tendências nos estudos da paisagem pelo Turismo (KNUDSEN; METRO-ROLAND; RICKLY-BOYD, 2012; MINCA, 2007; PIMENTEL; CASTROGIOVANNI, 2015). É essa possibilidade analítica e conceitual

que nos propomos a explorar nesta seção, a partir de contribuições da geografia mais-que-representacional e da Fenomenologia, sobre a qual discorremos na seção 4.3.

As práticas e *performances* referem-se ao ser-estar no/do mundo e são a contrapartida da Fenomenologia em nosso trabalho. Os significados estéticos são desdobramento da parte sobre paisagem como modo de ver, criticada por essa vertente. O fato de utilizarmos dois vieses não implica, a nosso ver, incoerência ou infidelidade, mas sim um compromisso com a posterior triangulação teórica dos dados.

A paisagem é mais que uma maneira de ver, é com a qual nós vemos uma percepção com o mundo. As maneiras de ver não estão descoladas dos modos pelos quais nos tornamos Sujeitos que olham. Logo, o correspondente engajamento com o mundo, ocorre com o surgimento de um ponto de vista dentro do visível – o que é sempre produzido dentro de subjetividades performadas e da ocorrência do sentido (CRANG, 2007; WYLIE, 2007).

Corpos e mentes encontram-se entrelaçados. As mobilidades podem ser consideradas práticas visuais, em que os sujeitos são pilotos, ao usarem seus os olhos para orientar-lhes o movimento. As práticas móveis do turista são uma atividade predominantemente visual. A *performance* da apreciação visual, poucas vezes questionada, não é universal. O corpo que olha em movimento funde-se com a paisagem da qual e com a qual ele vê (ADEY, 2010; WYLIE, 2007).

As imagens podem desdobrar algumas características dos encontros, mas não os prefiguram. As práticas visuais não servem tão somente para reforçar as percepções do turista, mas também para expandir os seus horizontes imaginários, conforme a mídia (social) revela novos lugares. Tratam-se de encontros contingentes com os objetos, em que a produção e visualização de imagens são práticas corpóreas (CROUCH; LÜBBREN, 2003; PINK, 2011; SCARLES, 2009).

O consumo não é limitado a atos de compra. Por exemplo, consumo visual ocorre ao longo de outros componentes da prática. A visão ocorre em encontros que são multissensoriais – ela não ocorre sozinha. Tratam-se de visualidades corporificadas (CROUCH, 2006; CROUCH; LÜBBREN, 2003; SCARLES, 2009). A própria visibilidade conforma práticas, o que ocorre por meio de determinados lugares, como os turísticos. “O espaço pode ser um instrumento que faz ver e que torna visível.” (GOMES, 2013, p. 26). “O ato de observar é ele mesmo parte do espetáculo [...] um público diante de um espetáculo; o público nesse caso é o próprio espetáculo [...]” Os espaços públicos são elucidativos (idem, p. 252).



Sob uma geografia das porções mais-que-representacionais das experiências de mobilidade, as práticas são consideradas atos corporificados de paisagem turística, mudando, neste caso, a ênfase da representação e significado, para as formas de conhecimento fenomenológicas, centradas no corpo. Segundo teorias da prática, as normas e os valores podem ser internalizados e replicadas por meio de movimentos, práticas e rotinas (idem); hábitos organizam a vida dos sujeitos, ligando-os aos grupos e formando comunidades culturais, em meio a práticas legítimas do cotidiano (ADEY, 2010; EDENSOR, 2007; LORIMER, 2005; GOFFMAN, 2014). Por vezes, “a natureza rotineira da representação<sup>89</sup> é escondida [...] e os aspectos espontâneos da situação são reforçados.” (GOFFMAN, 2014, p. 62).

Nesse cenário, o paradigma do olhar turístico (*gazing*), antes comentado, é doravante abordado como relacional, como uma *performance* comunal envolvendo negociações corporais e verbais, bem como interações entre membros de um grupo sobre o que ver, como vê-lo e por quanto tempo. Miradas individuais são mediadas e afetadas, permitidas ou restringidas, pela presença do olhar dos outros turistas, que contribuem para influenciar o olhar turístico. A tese é a de que há similitudes entre os paradigmas do *gazing* e o da *performance*, ou seja, entre o olhar e o praticar/desempenhar (LARSEN; URRY, 2011).

São as contribuições merleau-pontianas que, se distanciando do cartesianismo, em uma filosofia do corpo, entrelaçam o corpo e o sujeito. Nesta abordagem, o corpo é a base para o conhecimento. A prática corpórea é o modo mais básico de intencionalidade – categoria fundamental na Fenomenologia (ADEY, 2010; CRESSWELL, 2002; WYLIE, 2007).

O corpo é ativo na prática de lazer (CROUCH, 2006). A já enunciada noção de corpo-sujeito, ou intencionalidade corporal, incorporam-se às concepções fenomenológicas em Geografia e aqui nos parecem úteis. Tais ideais consideram que a natureza habitual do movimento surge do corpo, que abriga seu próprio tipo de sensibilidade proposital.

*O corpo-sujeito é a capacidade inerente do corpo de dirigir comportamentos da pessoa inteligentemente, e assim funciona como um tipo especial de sujeito que se expressa em um modo pré-côncio geralmente descrito por palavras*

---

<sup>89</sup>Evitamos usar o termo "representação" empregado no livro traduzido, pois é distinta da ideia de representações sociais. *Performance*, no português, pode ser traduzido como apresentação, representação ou desempenho.

como 'automático', 'habitual' e 'mecânico' (SEAMON, 1980, p. 155, grifos do autor, tradução nossa).

Assim, o corpo-sujeito experencia o mundo em modo fenomenal, o que ocorre antes de qualquer pensamento reflexivo ou cômico, rejeitando a ideia de que a consciência e a representação determinam a intencionalidade – o corpo móvel não se encontra contido no espaço-tempo, mas, como vimos, o corpo um intermediário ativo entre sujeito e mundo (ADEY, 2010).

Na percepção e motricidade, Morin (2015a) observa ligações recíprocas entre três pontos: aparelho neurocerebral, *motorium* e o *sensorium* (percepção, sensibilidade). Como consequência das ligações aludidas, há a dialógica ação-conhecimento-comunicação-sensibilidade e afetividade – os últimos retroagindo em circuito com a primeira (idem).

As mobilidades, entre elas a do turismo, podem exceder nossa capacidade de pensar sobre elas ou representá-las. Qualquer tentativa de retratar esses movimentos por meio de palavras podem apenas tocar uma franja da experiência: nossa capacidade de descrição verbal é limitada. Enquanto isso, nosso corpo é um estrategista espontâneo, na medida em que conhece, compreende, julga e reage ao mesmo tempo. Os movimentos propiciam experiências que podem não ter significado fora do mundo das sensações e do movimento. A representação de uma experiência, por meio de uma fotografia, grava apenas uma parte das complexas dimensões desta (ADEY, 2010).

A difusão do conceito de práticas ocorreu sob influência dos Estudos da *Performance*, das teorias feministas e da teoria social pós-marxista. “Práticas” é um conceito que, recentemente, começou a ter um impacto significativo sobre a Geografia Cultural e, é ainda, pouco presentes nos estudos da paisagem, o que permitiria superar o dualismo olhos-corpos; as paisagens da prática representam uma injeção de temporalidade e movimento na paisagem estática. O intento foi afastar-se da ideia de as práticas serem meros efeitos secundários do domínio cultural discursivo e de significado cultural já estruturado. Contudo, até que ponto esse movimento não se caracteriza como antipaisagem? (CRESSWELL, 2002; WYLIE, 2007).

O exemplo da execução da música parece instrutivo. “Para o músico orquestral, tocar um instrumento, observar o maestro e ouvir seus companheiros tocadores são aspectos inseparáveis do mesmo processo de ação: por essa razão, os gestos dos *performers* pode se dizer que ressoam um ao outro.” (INGOLD, 2000, p. 196, tradução nossa). Essa sincronidade encontra-se no cerne da sociabilidade, na qual incorrem

temporalidades ritmadas e cíclicas, e outras, não, ou seja, a música só existe quando está sendo executada, ela não preexiste. A paisagem das práticas (ou tarefas) existe somente quando os sujeitos estão realmente envolvidos nas atividades de morada/habitação, vistas em seção anterior. Essa concepção desliza da visão (INGOLD, 2000).

A música reflete a noção de *taskscape* (paisagem das tarefas) melhor que a pintura que, tradicionalmente, representa as formas da paisagem. Para Ingold (2000), as pinturas não necessitam ser performadas, elas nos são apresentadas como trabalhos acabados em si mesmos. Ela é escondida da vista e somente mais tarde torna-se objeto de contemplação. A paisagem, vista como tal, nunca está completa, mas sempre em processo. Ela é tida como a forma congelada da paisagem das tarefas/trabalho, explicando o que nós ouvimos e, para ser ouvida, é preciso haver movimentos ativos de sonorização - de modo coletivo, a partir do movimento humano (INGOLD, 2000). As paisagens são em realidade produzidas pelos sentidos em movimento! (LÖFGREN, 1999).

Em outras palavras, muda-se do visual ao tátil, do horizonte à terra; ou seja, da paisagem distante migra-se para um lugar material de proximidade/engajamento/prática, quase que se sobrepondo ao conceito de lugar, em que comportamentos e competências corpóreas são solicitadas (WYLIE, 2007). Quais os principais comportamentos e competências corpóreas solicitadas aos/pelos sujeitos-turistas nas paisagens lacustres, expressas em práticas e *performances*?

Segundo Crouch (1999), é valoroso adotar, no Turismo/Lazer, a perspectiva das práticas, dada a complexidade dos acontecimentos, a natureza da intersubjetividade de ambos, as múltiplas significações e representações desses fenômenos e a atividade do sujeito socializado e corporificado dos sujeitos em reproduzir, experimentar, negociar e contestar. Para este autor (CROUCH, 1999), é preferível práticas a consumo, embora este seja ferramenta teórica útil, pode ser inadequada no estudo da prática espacial do turismo, já que a abordagem produtivista atribui pouco à agência do sujeito-turista, na sua *performance* e expressividade. A prática do turismo pode ser modo temporário, cíclico, repetitivo, ritualístico... – em que o saber geográfico cotidiano importa (idem). A cognição é um processo em que tanto as pessoas, como agentes sociais cognoscentes, quanto o cenário em que atuam, são um vir-a-ser, cada qual em relação com o outro (INGOLD, 2000).

Falta ao Turismo o senso das práticas, do que os turistas praticam, em que a ação/agência possa ser eminente face à estrutura. Historicamente, as estruturas são consideravelmente normativas quanto às experiências turísticas. Todavia, a agência provê

somente estruturas nas quais nossas práticas imaginativas entram em cena. Por meio dela, exploramos os desejos e as mensagens promocionais que modulam essas estruturas, que podem não ser as nossas. No caso das fotografias, há que evitar priorizar somente essas imagens como símbolos de significado oculto, em detrimento das práticas que as produziram, o que permite examinar processos e ideologias (CRANG, 1997, 1999; LÖFGREN, 1999).

A prática é apenas uma parte do papel assumido e, assim, “a fachada atrás da qual a prática é apresentada servirá para outras práticas um pouco diferentes [...]” (GOFFMAN, 2014, p. 78). A socialização da *performance* a fixa, demandando expressiva. Nesse ínterim, muitas vezes, utilizamos padrões de modo irrefletido e, imbuídos de papéis, os Sujeitos conhecem os outros e a si mesmos (idem).

Nesse sentido, o giro performativo, junto à teoria não representacional, muda o foco das representações da paisagem, como imagem e textos, signos, que teriam tomado a precedência sobre a experiência vivenciada e a materialidade (CRESSWELL, 2002).

No Turismo, essa perspectiva surge a partir de *insights* dos Estudos Culturais e das Teorias da *Performance*, especialmente, a de Erving Goffman, do interacionismo. Essa virada performativa volta-se ao estudo dos atos e fazeres, mais do que propriamente para as representações e significações. Nessa vertente, as próprias representações são consideradas performativas em si mesmas: imagens e narrativas paisagísticas conduzem *performances* no/do mundo, logo, representação é um modo de prática (EDENSOR, 2001; INGOLD, 2000; LARSEN; URRY, 2011; WYLIE, 2007).

As práticas de turismo e lazer tendem a apresentar protocolos pelos quais os sujeitos atuam e buscam significados e valores. A ideia de performatividade, que articula as práticas, com potência para abertura, pode elucidar como tais protocolos funcionam, em processos de tornar-se, em uma semiótica corporificada do espaço (CROUCH, 2006).

A apreensão sensorial modula determinadas normas performativas que, em seu conjunto, reproduzem uma paisagem no/do/pelo turismo, em sítios interligados, enclaves móveis. Isso ocorre em movimentos intermitentes do olhar, fotografar, comer, comprar. As explorações espaciais mais previsíveis permitem maior antecipação da experiência. Assim sendo, o turismo mostra-se como processo exemplar por meio do qual distintos modos de prática e de *performance* de lazer são confrontadas. Pode-se usar o exemplo do turismo de aventura, que ocorre em alguns adjacentes à porção do território estudada. Este adquire uma feição eminente da viagem associada ao esporte, através da participação casual ou organização, com objetivo de melhorar o condicionamento físico, a saúde, o

bem-estar mental, formando redes de interação social- ou encontros, como quer Crouch (2006) – e obter resultados em competições. A ação física envolve sentimento e pensamento (CROUCH, 2006; ROBERTS, 2011).

Esporte, turismo e lazer, como práticas, aparecem sobrepostos. Contudo, um dos critérios para estudarmos as *performances*, conforme nos propomos aqui, é o grau de codificação e normatividade das práticas prescritas para cada sítio da Lagoa Mirim, na relação com a visibilidade de suas paisagens. Isto é, o turismo é envolvido por processos cognitivos, em que a paisagem e o turista, não são, mas tornam-se. No interacionismo, o *self*, como construção social, surge de uma dialógica constância, repetição e réplica.

Podemos [...] justificar nossa atitude através de uma razão de ordem pragmática direta, por exemplo a vontade de tomar um café, de descansar, de passear, de ir à praia etc., mas, ao fazê-lo e independentemente de nossa decisão, estamos participando de um espetáculo, compondo uma cena, sendo simultaneamente objeto e sujeito de uma encenação. (GOMES, 2013, p. 193).

Entretanto, “mesmo a mais delineada performance social deve ser reencenada em diferentes condições e sua recepção pode ser imprevisível.” (EDENSOR, 2007, p. 204, tradução nossa). São exemplares as diversas formas de organização na areia da praia (diferentes arranjos e composições); ou seja, de determinadas morfologias “ao longo da linha da borda do mar [...] que se alternam de acordo com o trecho, o público e o horário [...] Essa composição nada tem de permanente. Transforma-se continuamente [...]” (GOMES, 2013, p. 251).

Segundo Löfgren (1999), os sítios de férias contêm muitas regras não escritas, que formam uma bagagem que carregamos irrefletidamente. Regras institucionalizadas (uns lugares mais que os outros!), força de trabalho, a cadeia produtiva (esta muito heterogênea!) compõem tal bagagem. As habilidades necessárias para performar o estar em férias têm histórias longas. Aprendemos a ser turistas! - então “novo” modo de consumo (LÖFGREN, 1999). Seriam os sítios da Lagoa Mirim locais em que, na falta de uma normatividade em termos de performance institucionalizada, o turista pode vir a se sentir desorientado quanto ao que praticar e, desse modo, o faz ser pouco “turístico”?

Dentre as funções mais elementares dos sujeitos humanos está a locomoção. No entanto, há tantos modos de caminhar! Passear, vagar, caminhar, escalar, fazer uma trilha, ou acelerar-se através da paisagem... é preciso discutir como movimento, parada e experiência fundem-se. Caminhar é pensado e impensado: representações rastreiam, traçam e controlam mobilidades (ADEY, 2010; LÖFGREN, 1999).

Os modos de caminhar não são intercambiáveis e assumem modos específicos no tempo-espaço, de acordo com gênero e classe. Nas origens do turismo institucionalizado na Inglaterra, as viagens de trem significaram a imposição dos horários nas experiências turísticas; com a disponibilização de novos meios de transporte, o caminhar adquiriu uma aura, tornando-se um modo sensual de se mover através da paisagem, unindo corpo e mente, aproximando-se da natureza e do rural e de si próprio (LÖFGREN, 1999).

Assim como a perspectiva das práticas, as *performances* turísticas surgem do conhecimento geográfico leigo/empírico, que conforma uma disposição participativa com influências representacionais e semióticas, por sua vez, mescladas ao conhecimento sensório, irrefletido e prático, marcando os encontros turísticos (CROUCH, 1999; EDENSOR, 2007).

Reiteramos que o turismo pode ser concebido como um conjunto de atividades imbricadas com o cotidiano, por meio do qual determinadas convenções podem ser reforçadas ou rompidas (EDENSOR, 2001). Até mesmo, as “formas de turismo que pretendem rejeitar turistas ‘convencionais’, ‘não exclusivos’ estão imbuídos com suas próprias convenções [...]” (idem, p. 62). Os turistas, embora impregnados com noções de fuga da normatividade, carregam consigo hábitos e respostas cotidianas (idem).

Uma série de recomendações, quer dos guias de turismo, quer nos guias de viagens, requer que os turistas devam performar de modos específicos (EDENSOR, 2001). Há orientações do *must-do* (deve fazer) em cada sítio turístico (LÖFGREN, 1999). E, se os cursos de ação pré-determinados não forem levados a cabo durante a viagem, uma suspeita é invocada de que o turista não aproveitará adequadamente a viagem ou o destino, de que performance turística será deficiente, incompetente (EDENSOR, 2001). “Os atores podem mesmo dar a impressão de que o equilíbrio e a eficiência atuais são coisas que sempre tiveram e que nunca precisaram passar por um período de aprendizado.” (GOFFMAN, 2014, p. 60). Contudo, sempre performaremos melhor do que sabemos de fato fazê-lo (GOFFMANN, 2014).

“Assim, quando um indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais que o comportamento do indivíduo como um todo.” (GOFFMAN, 2014, p. 48). Desse modo, a *performance* do sujeito pode informar recursivamente determinados valores sociais, culturais e ambientais manifestados coletivamente.

A conformidade da *performance* depende de a habilidade de um grupo compartilhar significados (EDENSOR, 2001). Ser competente requer a posse de códigos sociais, que regulam o regime sensório dos modos de olhar e experienciar. Aprender tais códigos envolve adotar valores e visões de mundo. Os códigos transcendem textos individuais, mas os relacionam em intertextos formando matrizes interpretativas (CHANDLER, 2003).

Há idealização e socialização da *performance*, a fim de esta ajustar-se às expectativas sociais (GOFFMAN, 2014). Assim, o turista que performa está sujeito ao olhar disciplinador dos espectadores, que também são coparticipantes (EDENSOR, 2001). Há uma reflexividade do olhar de um turista a outro. “Olhar e ser olhado, atividade e passividade, exerce-se em um campo de forças onde o poder e o conhecer se fundem mutuamente [...] O outro é uma liberdade que pode invadir a minha; logo, o outro existe. O outro é a expressão mesma desse poder.” (BOSI, 1999, p. 96).

A alteridade pode conduzir, ou não, à interpretação ou à compreensão.

Outro significa, ao mesmo tempo, o semelhante e o dessemelhante; semelhante pelos traços humanos ou culturais comuns; dessemelhante pela singularidade individual ou pelas diferenças étnicas. O outro comporta, efetivamente, a estranheza e a similitude. (MORIN, 2012, p. 77).

As *performances* são processos interacionais baseados em encontros precipuamente face a face. Na interação é que o ator expressa o que quer transmitir. Entretanto, as coações da interação são responsáveis por transformar atividades em *performances*. A vigilância, interna e externa, delimita o escopo da *performance*, e contribui para assinalar convenções sobre modos apropriados, de ser, estar ou tornar-se turista. As identidades determinam *performances*, que determinam, por sua vez, os lugares tais como eles serão, incluindo os turísticos (EDENSOR, 2001; GOFFMAN, 2014; MARTINS, 2011).

Adotar um modo de ver implica assumir identidades como sujeitos (CHANDLER, 2003), o que se dá pela significação e comunicação. A comunicação massiva confere aos seus usuários identidades sociais (*idem*).

Comunicamos nossas identidades sociais através do trabalho que fazemos, do jeito que caminhamos, das roupas que vestimos, nossos cortes de cabelo, nossos hábitos alimentares, nossos ambientes domésticos e possessões, nosso uso do tempo de lazer, nossos modos de viajar, e assim por diante. (CHANDLER, 2003, p. 154, tradução nossa).

As identidades podem ser polimorfas, ou seja, sociais, históricas, planetárias, futuras etc. (MORIN, 2012). Haveria uma identidade que designa, identifica e singulariza o sujeito-turista na contemporaneidade? Ou identidades? Investigar a natureza do palco e da performance turística significa perscrutar as identidades individuais e de grupo, dentro de geografias imaginadas e que formam o palco. O espaço turístico é (re)produzido pelos turistas, os responsáveis por performar os significados dos sítios turísticos, dramatizando sua fidelidade a lugares e a tipos determinados cursos de ação. Há um cotidiano turístico, ou rotinas da vida turística (EDENSOR, 2001; LÖFGREN, 1999).

A teorização de MacCannell (1999) trata dos *frontstages* e *backstages* no/do turismo. Na primeira região<sup>90</sup>/área, a cultura da comunidade receptora é encenada pelo/para o turismo; na segunda, a vida dessa comunidade resguarda como ela é ou acontece, mas à qual o turista não tem acesso. O turismo transforma muitas áreas de bastidores em *frontstages*.

Como vemos, a *performance* turística é regulada, social e espacialmente, em variados graus. É contextualizada pelo palco turístico, uma vez que a organização, a materialidade e as qualidades estéticas e sensoriais do espaço influenciam os tipos de performances empreendidas pelos turistas. Alguns espaços turísticos são cada vez mais preparados ou elaborados para os encontros. Rotas e caminhos são projetados para oferecerem vistas que organizam nossa experiência estética da paisagem (BRADY, 2003; EDENSOR, 2001; DA SOLLER; CASTROGIOVANNI, 2014).

Mais do que as instalações ou o ambiente construído, é a *performance* fator da maior relevância para a existência de um sítio turístico: se a performance da mobilidade turística deixa de ocorrer, se o movimento cessa, os sítios turísticos cessam de sê-lo como tais (SHELLER; URRY, 2004), ou seja, a *performance* ativa turisticamente os sítios. Pimentel e Castrogiovanni (2015) defendem o uso do termo “ativação turística” de sítios ou localidades para designar o que comumente se aborda como turistificação, esta frequentemente associada à urbanização intensiva ou a impactos negativos (PIMENTEL; CASTROGIOVANNI, 2015).

Há, desde os lugares pouco planejados para o turismo, pouco direcionados e normativos em torno das sensações e aquisições sensoriais do ambiente – até os *resorts*, ambientes tematizados, com design, lugares que incentivem convenções performativas compartilhadas do andar, do relaxar e do consumir (EDENSOR, 2018). Os locais do

---

<sup>90</sup> Aqui não se refere ao conceito geográfico de região.



primeiro tipo são mais abertos a práticas ditas alternativas? Seria esse o caso dos sítios da Lagoa Mirim?

Apesar de promulgarem a quebra com o cotidiano, os locais planejados acabam por demandar um novo conjunto de prescrições e de hábitos a serem cumpridos, o que remete a familiar. Por outro lado, há turistas que buscam escapar desse ambiente que passou por curadoria, buscando espaços em que a apreensão sensorial é desafiada, intensificada. Contudo, aventura e hospedagem confortáveis podem hoje ser combinados (EDENSOR, 2018).

Observamos, pois, dialogicidade no turismo entre familiaridade/alteridade sensorial na experiência de paisagens/lugares e as convenções culturais por meio das quais interpretamos essas qualidades sensoriais (o estético é uma delas), embora haja o inesperado e o imprevisível, também.

Muitas vezes, a experiência turística é tão premeditada, que desejamos escapar dos principais enclaves turísticos. Parece haver, no turismo, um conflito entre experiência pré-fabricada e a experiência que é única de cada Sujeito! Urge pensar não em termos da experiência turística, mas sim experiências turísticas, no plural! (EDENSOR, 2007; LÖFGREN, 1999). A Lagoa Mirim não seria subespaço de práticas plurais, alternativas, errantes?

Lembremos que destino é o ponto partida para o estudo do Turismo, desde a perspectiva de uma sociedade sedentária, ou seja, uma unidade geográfica que recebe visitantes. Contudo, a ênfase nas *performances* turísticas, acaba por dissolver essa oposição entre turistas e habitantes, notando-se que “as próprias *performances* dos visitantes e o fato de um lugar estar povoado de turistas, auxilia a compor o sentido de determinadas paisagens” (PIMENTEL; CASTROGIOVANNI, 2015, p. 441). Além disso, “[...] a própria presença de visitantes parece ser um aspecto a ser considerado na definição de um espaço como turístico”. (idem, p. 441). E, de modo a construir destinações turísticas, a *performance* turística atua como prática geográfica de cada um dos sujeitos, inclusive em termos de sua corporeidade (CRANG, 1999).

O turismo é um processo que envolve contínua (re)construção da práxis e do espaço, ao ocorrer em contextos espaciais significativos. A coerência da maioria das *performances* turísticas depende do que está sendo performado em teatros específicos. Determinados palcos (praias, montanhas ou cidades), ditam, de algum modo, quais atividades devem ocorrer. Mesmo que haja *performances* dominantes, pode haver

sobreposição de performances contestadoras, expressando diferentes disposições e identidades, de acordo com classe, gênero ou etnia, entre outros (EDENSOR, 2001).

Pimentel (2010) identificou e ilustrou pelo menos quatro *performances* turísticas ligadas à fotografia e à paisagem. Há desde um complexo e subjetivo diálogo com a paisagem, passando pela conexão entre o texto e a paisagem (significar e enunciar), pela *performance* claramente pautada pela fotografia, até uma interação social sem qualquer vínculo com a paisagem.

Edensor (2001), por sua vez, realiza um escrutínio dos tipos de *performances* que entram em jogo nos palcos do turismo – Figura 11.

**Figura 11 – Escrutínio das *performances* turísticas**



Fonte: Elaboração do autor, adaptado de Edensor (2001).

O primeiro tipo refere-se às *performances* orientadas por identidades, tendo em vista que o turismo é veículo para a transmissão de identidade, pois ocorre em modos e estilos particulares de viagem. A leitura de guias de viagem alternativos ajuda a mediar a experiência de lugares e costumes não familiares. Como exemplo, podemos falar nos mochileiros, nos circuitos *off-road*. Um segundo tipo é o das *performances* não conformistas, que buscam evitar a reiteração forçada das normas, fixadora de significado. Isto porque as *performances* também oferecem uma maneira do qual dela se desviar, numa oportunidade para marcar a subjetividade, rebelando-se contra as convenções (EDENSOR, 2001).

Ainda, há performances turísticas cínicas. O cinismo pode servir para isolar a personalidade do público - oscilamos entre cinismo e sinceridade. Não há perfeito ajuste entre uma *performance* e seu aspecto aparente, fazendo sobressair matizes no contínuo mentira-verdade (EDENSOR, 2001; GOFFMAN, 2014).

O comportamento é baseado em *performances* consideradas verdadeiras (não intencionais, inconscientes) e as falsas. Na representação falsa, queremos saber se o sujeito-ator é legítimo no desempenho de seu papel, de acordo com a posição no espaço social. Ficamos menos preocupados quando alguém se faz passar por um *status* menor do seu (GOFFMAN, 2014).

Para Goffman (2014), a fachada é a parte da *performance* do sujeito que ocorre regularmente; serve como expressão, intencional ou inconsciente, durante a *performance*. Quando se assume um papel, já há fachada institucionalizada. Esta, ora tem caráter abstrato, ora de generalidade (GOFFMAN, 2014). Vestuário, gênero, idade, atitudes e expressões são aspectos da fachada. Diferentes grupos expressam diversamente idade, gênero e posição social, a fim de “manter os padrões de conduta e aparência que o grupo social do indivíduo associa a ela.” (idem, p. 88).

Por sua vez, a aparência informa sobre o *status* social do sujeito-ator, examinado um grupo ou classe (como comportamento aristocrático), os sujeitos dentro desses empenhando-se em realizar certas práticas e, ainda, se estão a trabalho ou num momento informal, de lazer. Já a maneira informa “sobre o papel de interação que o ator espera desempenhar [...]” (GOFFMAN, 2014, p. 35). Os sujeitos-atores esforçam-se para manter o imaginário social que projetam em suas interações sociais, havendo nestas um componente emocional (MARTINS, 2011). Geralmente, o sujeito mostra uma faceta distinta a cada um dos grupos que participa. “Graças à segregação do auditório o indivíduo garante que aqueles diante dos quais desempenha um de seus papéis não serão as mesmas pessoas para as quais representará outro papel num ambiente diferente.” (GOFFMAN, 2014, p. 61).

Desse modo, constatamos que o relacionamento social é disposto como cena de teatro, em que interagem ações, oposições e respostas. As contingências dramáticas são compartilhadas, a fim de que a plateia não atribua um significado distinto do pretendido pelo ator (GOFFMAN, 2014).

Contudo, dentro dessas contingências está a coerência entre aparência, maneira e ambiente. No cenário, ocorre a disposição dos elementos do pano de fundo, com suporte do palco (GOFFMAN, 2014). Os atores “não possam começar a atuação até que se

tenham colocado no lugar adequado e devam terminar a representação ao deixá-lo.” (idem, p. 34). É exceção um cenário servir para um único tipo de prática, maneira ou aparência (idem, 2014). Ainda, “o cenário pode não ter sido montado adequadamente, ou ter sido preparado para outra representação, ou funcionar mal durante a apresentação.” (idem, p. 65). Retomando as categorizações, as performances turísticas improvisadas partem do princípio que a *performance* normatiza, por meio de instruções que ofuscam suas contingências, dentre suas incontáveis possibilidades. Os espaços podem não ser identificados como palcos demarcados, mas estar destituídos de pontos de referência que permitem orientações e coreografias particulares (EDENSOR, 2001).

Ainda, há *performances* involuntárias - próximas das noções fenomenológicas - em que nunca se pode prever com precisão como determinada *performance* será lida - de modo que é possível ressaltar uma natureza ambivalente do turismo. De modo dialógico, o turismo pode tanto reforçar o dado culturalmente, quanto apresentar *performances* potencialmente subversivas (EDENSOR, 2001). Não se trata de uma desorganização do esquema das *performances*, mas de uma auto-eco-organização, de *imprinting* e calor culturais (MORIN, 2011). Em acontecimentos ocasionais, o sujeito não quer dar necessariamente alguma significação: estes podem ser contingências da comunicação (GOFFMAN, 2014).

Por fim, há performances pós-turísticas, como reflexão da natureza construída de um papel e a vontade de desafiá-la. Essas *performances* são apenas subversivas de modo parcial, ao valerem-se das convenções turísticas (EDENSOR, 2001; GOFFMAN, 2014).

É possível que o mesmo cenário paisagístico da Lagoa Mirim sirva a práticas e *performances* contrastantes? O quão funcional os sítios de encontro são, na condição de palcos de encontros turístico-paisagísticos desejados? O que há por trás das fachadas de cada *performance* turística ao longo da Lagoa? Uma mesma prática pode comportar distintas fachadas e estabilizar certas *performances* como turísticas?

## 6.2 PRÁTICAS E *PERFORMANCES* TURÍSTICAS NA/DA LAGOA MIRIM

Os sujeitos entrevistados têm tendência a conceberem que a Lagoa Mirim dispõe de bons locais para descanso. Nesse sentido, os sujeitos entrevistados concordam fortemente que a água da Lagoa Mirim lhes traz sentimento de calma e repouso, deixando-os tranquilos. De modo contrário, concordam que as águas da Mirim não lhes trazem sentimento de energia e disposição, tampouco, deixando-os agitados. Os respondentes não creem que as águas da Lagoa Mirim estejam contaminadas na maior parte do tempo. Tal percepção da virtude dessas águas é corroborada pela balneabilidade aferida pela Fepam, conforme observado durante a alta temporada de 2020 e, também, pela ausência de notícias, na mídia local de Rio Grande, de águas impróprias para o banho, exceto na temporada de 2017.

Na Capilha, as qualidades da água são classificadas pelos turistas, no Trip Advisor, como rasa, calma, limpa, límpida, cristalina, quente, ou ainda, uma “praia de água doce, supercalma [sic] e rasa por uma boa extensão”. Eles divulgam que “se anda com a água pela cintura por metros a dentro [sic], não deve chegar a 2 metros de fundura [profundidade] no local mais fundo”, ou seja, a água é, em geral, percebida como segura para banhos, principalmente, de crianças.

No que se refere ao grupo de viagem, os entrevistados concordam muito de que a Lagoa é um bom local para passar férias em família. Tal dado vai ao encontro dos grupos de viagem relatados no Trip Advisor (famílias e/ou casais). Observamos casais com crianças pequenas, especialmente, em Lago Merín. Porém, quando analisamos as fotografias do Instagram, a foto *solo* é a preferida (57). Entretanto, foi pouco frequente observar pessoas transitando desacompanhadas nas praias e no Porto. Quatro são as fotos em grupos.

A foto de álbum de família é pouco frequente (11). Contudo, observamos em campo um intenso convívio familiar intergeracional, singularmente, em Lago Merín, o que conta com seus respectivos registros, inclusive *selfies*. “É, outras questões de foto, é, são as famílias, né? A foto 'álbum de família', convívio com a família, convívio dos mais velhos com os mais novos, com os bebês, é bastante convívio mesmo.” (NOTAS DE CAMPO, 2020). O mesmo ocorre em relação ao convívio com animais de estimação.

Apenas 11 fotografias escolhem um foco: oito deles na figura humana e três deles no objeto, constituindo figura-fundo. Desse modo, aparentemente, os sujeitos insinuam que a figura humana é mais relevante que o próprio quadro paisagístico, que a interação

com a paisagem nem sempre ocorre e que o entorno dá continuidade ou destaque à figura humana fotografada. Na história da pintura contemporânea, a paisagem é precedida pelo retrato - o vertical pelo horizontal. Atualmente, a figura humana volta a ser o foco das atenções, de acordo com o observado.

Quanto ao ritmo e demanda física das vivências, os respondentes à entrevista dividem-se quanto à afirmativa de que visitar a Lagoa Mirim exige-lhes disposição. Porém, não julgariam necessário utilizar carro com tração nas quatro rodas para ir ou transitar pelas margens da Mirim, ou seja, não a consideram uma rota *off-road* (fora da estrada). Segundo a Associação Brasileira de Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura – Abeta:

No turismo fora-de-estrada, o nome já diz tudo: é preciso abandonar o conforto das rodovias asfaltadas para descobrir o que muita nem sabe que existe. A viagem, e não apenas o destino, também importa: as condições adversas do percurso, como solavancos e atoleiros, garantem uma dose extra de emoção. Isto torna o *off-road* uma experiência particularmente divertida para ser vivida em grupo de amigos ou em família - sem restrições de idade. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMPRESAS DE ECOTURISMO E TURISMO DE AVENTURA, 2020, s. p.).

Praticamente nenhum entrevistado concorda que o oceano é melhor para banhos e recreação. Enquanto na praia oceânica é possível surfar, a lagoa é mais favorável para atividades como canoagem e *stand up paddle*<sup>91</sup>, por exemplo.

Os ventos são favoráveis à realização de *windsurf* e *kitesurf*. Os ventos constantes na área costeira, atestados pelo Atlas Eólico do RS, não são vistos como problemáticos por nenhum dos entrevistados, quando confrontados com as afirmações da Escala Likert, que aplicamos. Pedro complementa dizendo que “*se aprovecha*”.

Em comentários do Trip Advisor, um visitante constata que na Capilha há muito vento no fim da tarde, enquanto outros o consideram positivo. Sobre Lago Merín, um turista fala de “água superquente [sic], minimizada pelo grande volume de vento, o ano inteiro e o tempo todo.” A fala sobre o local corrobora a proposição de que Lago Merín surgiu, entre outras coisas, como estância de turismo devido aos ventos saudáveis da Lagoa, também em termos de conforto térmico no verão, segundo Pedro, dispensando o uso de ar condicionado.

---

<sup>91</sup>“é uma atividade que mescla canoagem com surfe, em que o turista rema em pé em cima de uma prancha.” (ABETA, 2020, s. p.).

Amélia vê na intempérie do tempo, no inverno, um impeditivo para realização de algumas práticas. “Mas, em compensação, no inverno é muito frio, né? Tem um vento muito forte. Então, acampar ali deve ser complicado (riso). Aqueles ventos ali, aquela areia.” Ludovica pondera que, embora a paisagem lacustre do inverno agrade-lhe mais, a permanência na orla lacustre é dificultada no inverno: “embora eu goste mais, digamos, das cores da Lagoa em si, no inverno, né? Mas eu acredito que tu não consegue ficar muito tempo ao ar livre, pelo frio, pelo vento, né?”. Já o canoísta Alberto, ao comparar a Mirim com a Laguna dos Patos, observa, naquela, uma maior incidência de ventos: “Quando dá um temporal que provavelmente vento sul, então ele tem bastante impacto nesses corpos aí. E na Laguna dos Patos não tanto porque o vento não afeta tanto.” (TRIP ADVISOR, 2020).

Assim como servem à produção de energia eólica em Rio Grande e Santa Vitória do Palmar, são também indicados para velejar, embora não se tenham observado veleiros. Enquanto um visitante aponta que Lago Merín possui águas navegáveis, só observamos a modalidade do *kitesurf*, que depende do vento, nessa localidade.

Em nossas observações, durante o verão, presenciamos ventos leves e moderados, mas constantes. Não raro, ao início das gravações em campo, o vento soprava, principalmente, em Lago Merín e no Porto de Santa Vitória, em que, em vez de ouvirmos o som de motores (de automóveis ou motos aquáticos), ouvíamos o barulho do vento e das ondas por ele formadas. Porém, nem todo dia, o evento era o mesmo em direção e intensidade, variando conforme as horas do dia também.

O canoísta Alberto explica que os ventos contribuem para alguns desportos náuticos: “Como tem o regime de ventos forte, eu sei que o pessoal do *kitesurf*<sup>92</sup> é forte lá, já ouvi falar de pessoas que, ah, vão lá fazer *kite* em Lago Merín, por exemplo.” Essa declaração concorda com a de Pedro, que informa que argentinos vêm ao Balneário para praticar tal atividade.

A temperatura, a insolação e a velocidade do vento - como fatores climáticos - e o período de férias escolares e laborais - como fatores sociais - redundam na sazonalidade das práticas e na oferta de infraestrutura.

---

<sup>92</sup>“Junção de duas palavras inglesas: *kite*, que significa pipa e *surf*, que significa navegar. Na prática, o kitesurfista utiliza uma prancha fixada aos pés e uma pipa inflável (semelhante a um parapente) possibilitando deslizar sobre a superfície da água e, ao mesmo tempo, alçar voos que se traduzem em movimentos singulares. Ou seja, o vento é o motor, e o grande fator de emoção do kitesurfê.” (ABETA, 2020, s. p.).

Há pouca concordância, entre os entrevistados, de que a infraestrutura básica e turística atenda à atual demanda turística, ainda que concentrada no espaço-tempo. Em comentários sobre a Capilha, no Trip Advisor, o local é avaliado quanto à sua infraestrutura: “Lugar bonito, mas com pouca infraestrutura”; “alguma urbanização básica [sic] como alguns abrigos para o sol”; “fraca estrutura para comércio”; “[...] como única estrutura próxima da praia observa-se a existência de alguns banheiros químicos.”. Isso pôde ser observado no mapa 6.

Entretanto, alguns visitantes da Capilha chegam à conclusão que: “Nem [d]á pra cobrar uma rede de serviços mais forte no local, já que o charme do lugar é, de certa forma, a sensação de isolamento<sup>93</sup>”, isto é: “Embora careça de infraestrutura de serviços, compensa com sobra pelo visual e tranquilidade do local.”. Alguns enaltecem a rarefação dos turistas e os respectivos efeitos: “ótimo lugar para quem quer fugir das praias lotadas [e] dos perigos do mar”; “areia fininha, poucos turistas, barulho de som - zero (obrigado amigos)”.

Foi possível observar, na Capilha. “É, todo mundo, um guarda-sol ou mais. Improvisando alguma coisa que tape o sol. Muitos deles com gazebo, churrasqueiras; é, outros trouxeram uma pequena lancha, *jet ski, stand up...* de uma forma independente, nos grupos.” (NOTAS DE CAMPO, 2020).

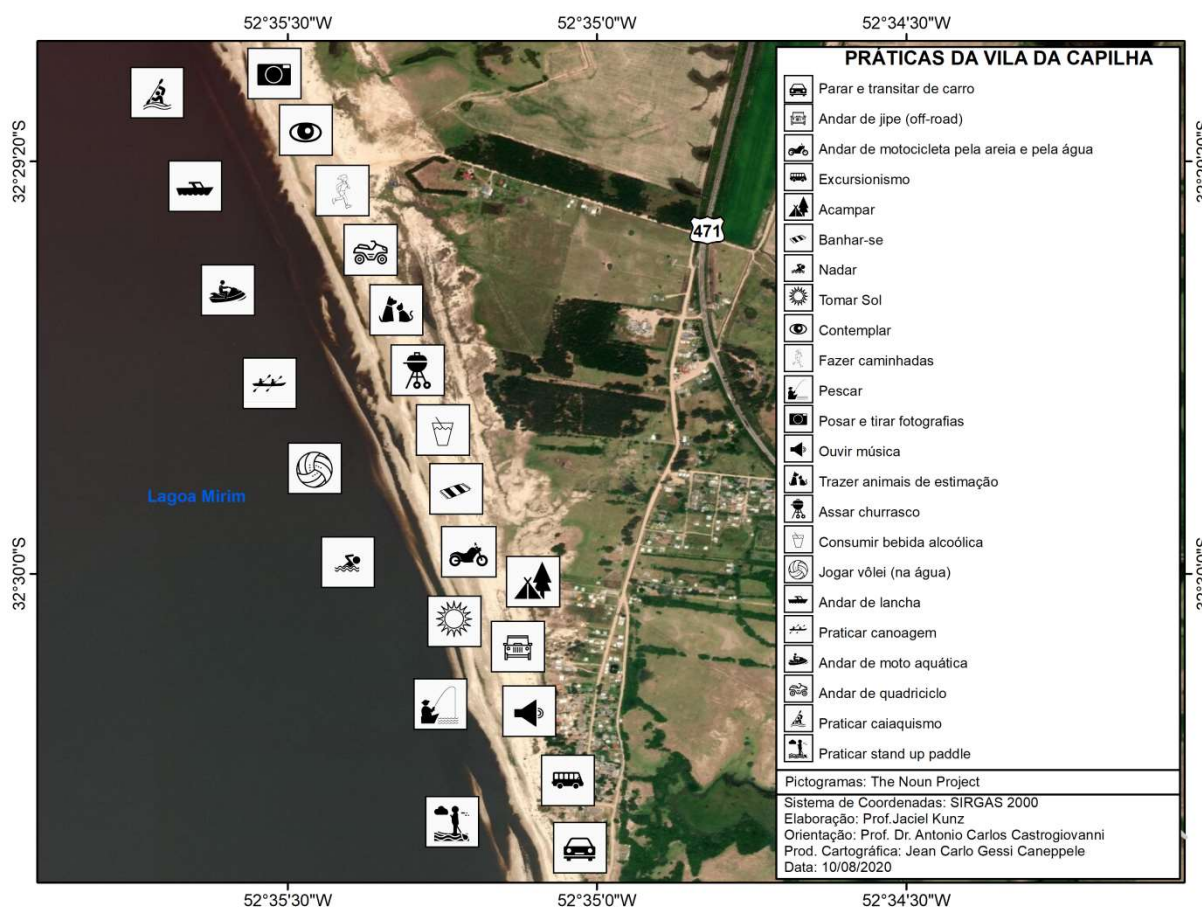
A figura seguinte corresponde a um mapa (10) de práticas turístico-recreativas ao ar livre na Capilha, que se dão em fluxos e que parecem conduzir a uma leitura menos dependente de fixos do que no mapa de localização das infraestruturas.

---

<sup>93</sup> Já no cenário pré-decretação da pandemia de Covid-19, pela Organização Mundial de Saúde.



### Mapa 6 – Práticas da Vila da Capilha



Fonte: Elaboração de Jean Caneppele (2020).

Apesar das limitações na infraestrutura da/na Capilha, a afluência de turistas e/ou lazeristas é considerada alta: “a fluência de público é bem grande e famílias montam suas barracas e puxadinhos na faixa de areia próxima da praia, trazendo suas caixas com alimentos e bebidas para usufruir das belezas e tranquilidade do lugar.” (TRIP ADVISOR, 2020). Com um “restaurante bem limitado” e, assim, “não tem praticamente opção de comida para comprar”, sendo a recomendação: “leve tudo o que precisar.”.

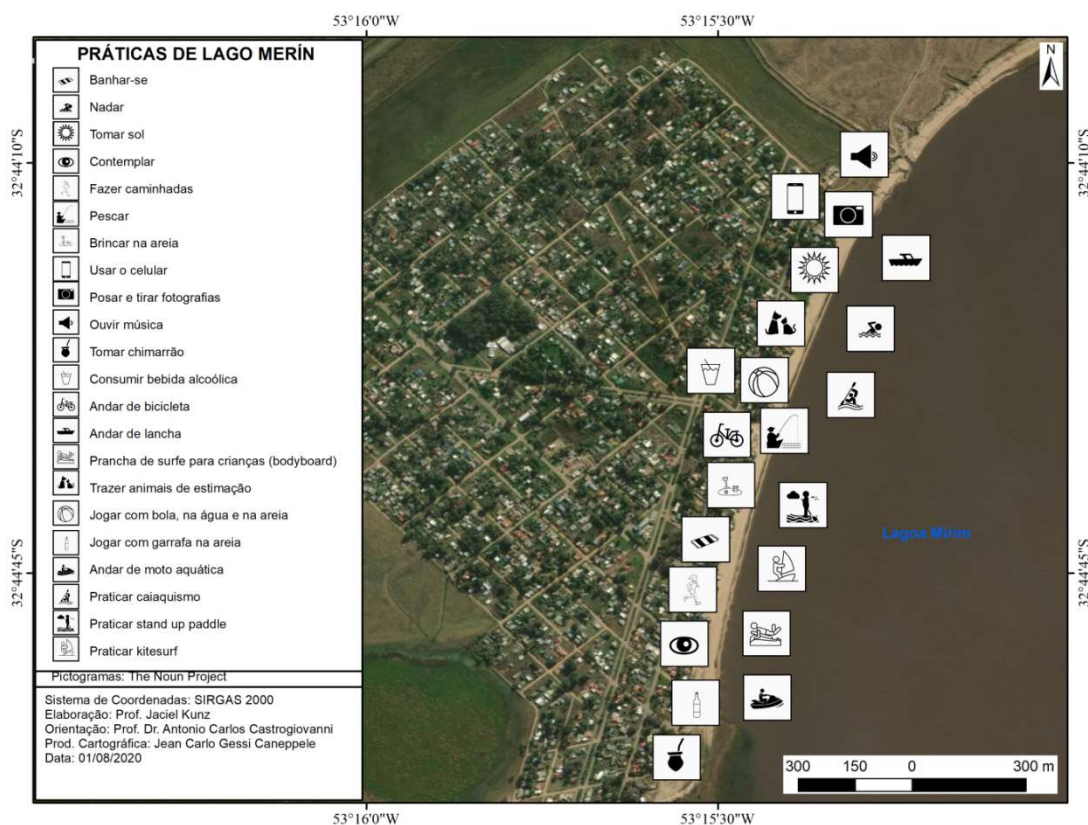
Retomemos que “práticas diferentes podem empregar a mesma fachada [...] [esta] tende se tornar institucionalizada em termos de expectativas estereotipadas abstratas [...]” (GOFFMAN, 2014, p. 14) que, sob estabilidade, tornam-se *performances* coletivas. Conforme antecipamos, a prática observada às margens da Lagoa, na Capilha, é pejorativamente conhecida como “farofadas”, e seus praticantes, os “farofeiros” (ARRUDA; FURTADO, 2012). Na fala de Carla, é um grupo de visitante/turista ao qual estão associadas práticas não sustentáveis, o que pode nos levar a considerar um estigma, que deve ser sistematicamente avaliado.

Sobre Lago Merín, um turista o considera “balneário bem estruturado”. A avaliação oposta também ocorre: “Quanto a [sic] estrutura não tem nada, não tem restaurantes, nem bares.”. Outros ponderam: “Mais facilidade em encontrar lanches do que refeição”; “local tem boas opções para lanche mas para *trip* menos exigentes”; “senti falta de bons locais para Almoçar. Algumas famílias usam suas casas, pequenas, como um restaurante selservice [sic]”. O oposto também é dito: “A comida local também é muito boa. Um lugar ideal para relaxar e apreciar a natureza e a gastronomia uruguaia.”.

Nesse aspecto, fizemos a seguinte observação de um grupo: “Tem gente também com uma tenda, com cadeiras e mesa. Parece que vão passar o dia, porque... De novo, uma senhora fazendo uma foto ou um vídeo panorâmico, bem na entrada principal, bem no acesso onde as pessoas provavelmente deixam o carro.” (NOTAS DE CAMPO, 2020).

A figura a seguir exhibe mapa (7) de práticas turístico-recreativas observadas em Lago Merín.

**Mapa 7 – Práticas de Lago Merín**



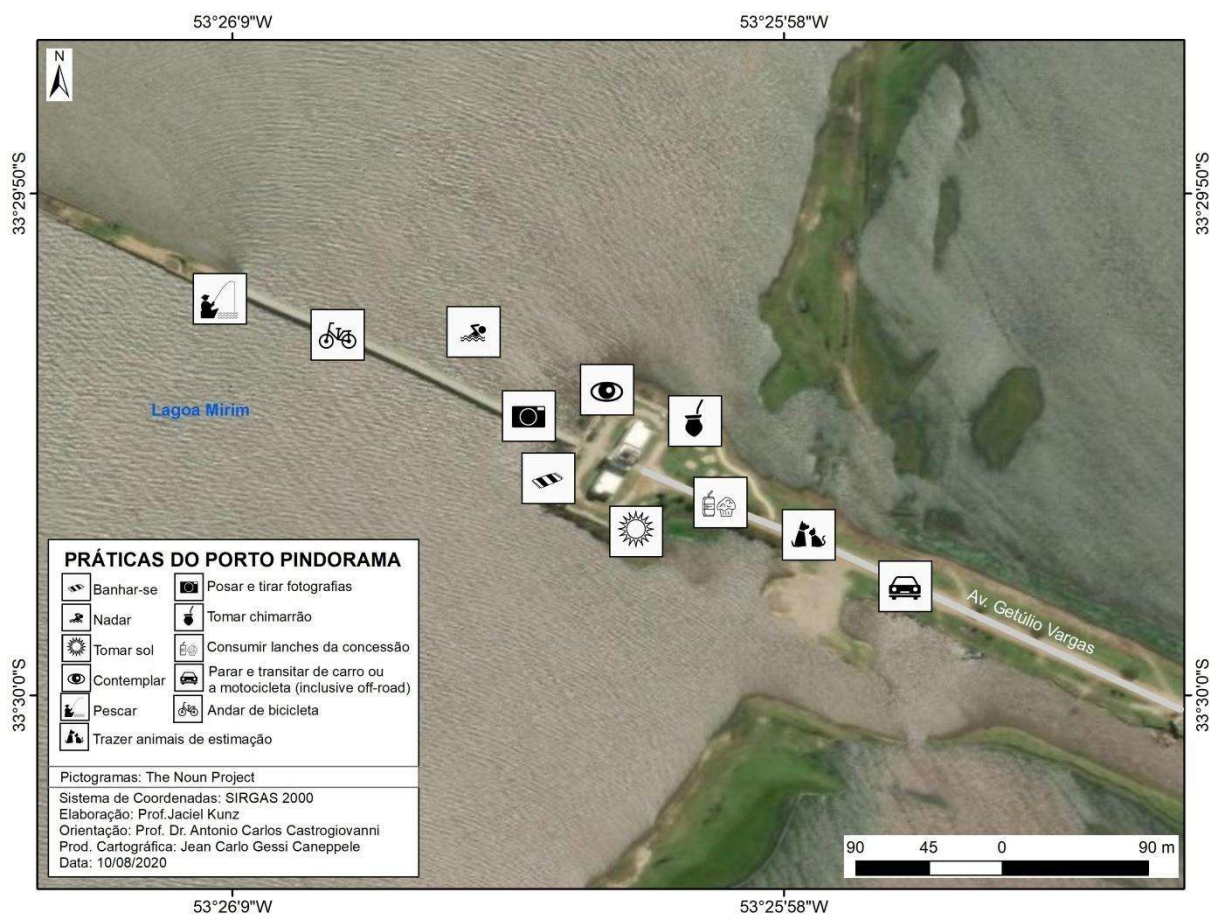
Fonte: Elaboração de Jean Caneppele (2020).

Embora com tendência a considerarem que há o que praticar na Lagoa Mirim, inclusive nas estações mais frias, as narrativas no Trip Advisor sobre o assunto, positivas e negativas, voltam-se a Lago Merín: “Local bem movimentado com cabanas para alugar o ano todo.”; “um local muito interessante para refrescar-se durante o calor do verão. No

inverno, o Hotel possui piscina térmica.”. “Balnário [sic] bem estruturado, com alguns comércios abertos inclusive na baixa temporada”. Outros comentários vão à direção oposta: “Estivemos na baixa temporada. Nada estava aberto”; "diz[em] que na alta temporada é muito procurado.”

Embora não houvesse informações sobre o Porto Pindorama no Trip Advisor, foi elaborado mapa das práticas ali observadas.

**Mapa 8 – Práticas observadas no Porto Pindorama**



Fonte: Elaboração de Jean Caneppele (2020).

Quanto às percepções, simbolizações e atitudes frente às águas da Lagoa, os entrevistados discordam de que elas trazem energia e disposição e/ou os deixam agitados. De modo contrário, concordam muito que a água traz sentimento de calma e repouso, deixando-os tranquilos. Aventamos que os sujeitos podem ver refletidas ou projetadas as características da Lagoa em si próprios, o que não seria o caso de uma praia oceânica.

Antes de irmos a campo, levantamos as práticas orientadas e/ou prescritas para serem realizadas pelos sujeitos turistas em cada um dos sítios estudados, predominando a fala institucional da gestão pública local do turismo.

O Quadro 3 exhibe comparativo entre as práticas indicadas e as observadas durante a pesquisa de campo.

Quadro 3 – Comparativo entre as práticas prescritas e as observadas em cada sítio

Sítio de encontro	Práticas previstas pela autoridade de turismo local	Práticas prescritas pelos próprios turistas (Trip Advisor)	Práticas observadas em campo (diurno)	Práticas nas fotografias e entrevistas
Praia da Vila da Capilha, Rio Grande-RS, Brasil	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Transitar de carro</li> <li>- Acampar</li> <li>- Praticar desportos (não especificados)</li> <li>- Desfrutar da gastronomia local</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Transitar de carro</li> <li>- Correr</li> <li>- Acampar</li> <li>- Posar para fotografias</li> <li>- Fazer esportes</li> <li>- Velejar</li> <li>- Remar</li> <li>- Praticar <i>kitesurf</i></li> <li>- Consumir os próprios alimentos e bebidas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Transitar de carro</li> <li>- Andar de jipe (<i>off-road</i>)</li> <li>- Andar de motocicleta pela areia e pela água</li> <li>- Excursionismo</li> <li>- Acampar</li> <li>- Banhar-se</li> <li>- Nadar</li> <li>- Tomar sol</li> <li>- Contemplar</li> <li>- Fazer caminhadas</li> <li>- Pescar</li> <li>- Tirar fotografias</li> <li>- Ouvir música (com caixas de som)</li> <li>- Trazer animais de estimação</li> <li>- Assar churrasco</li> <li>- Consumir bebida alcoólica</li> <li>- Jogar vôlei (na água)</li> <li>- Andar de lancha</li> <li>- Andar de moto aquática</li> <li>- Andar de quadriciclo</li> <li>- Praticar caiaquismo</li> <li>- Praticar <i>stand up paddle</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Transitar de carro</li> <li>- Andar de motocicleta</li> <li>- Andar de quadriciclo<sup>94</sup> (<i>off-road</i>) na falésia</li> <li>- Excursionismo</li> <li>- Acampar</li> <li>- Banhar-se (brincar na água)</li> <li>- Contemplar</li> <li>- Banhar-se</li> <li>- Tomar café</li> <li>- Ler a bíblia</li> <li>- Pescar</li> <li>- Posar e tirar fotografias</li> <li>- Trazer animais de estimação</li> <li>- Fazer fogueira</li> <li>- Tocar violão</li> <li>- Praticar ioga (ou simular)</li> <li>- Andar de quadriciclo</li> <li>- Andar de moto aquática</li> </ul>
Porto Pindorama, Santa Vitória do Palmar-RS, Brasil	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tomar chimarrão (com amigos, à tardinha)</li> <li>- Relaxar lendo um bom livro</li> <li>- Realizar desportos (<i>stand up paddle</i>, caiaquismo,...)</li> <li>- Pescar</li> </ul>	-	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Banhar-se (crianças)</li> <li>- Nadar (crianças)</li> <li>- Tomar sol</li> <li>- Contemplar</li> <li>- Pescar</li> <li>- Tirar fotografias</li> <li>- Tomar chimarrão (com amigos e família à tarde)</li> <li>- Consumir lanches da concessão</li> <li>- Passar e parar o carro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Posar e tirar fotografias</li> <li>- Usar o celular</li> <li>- Contemplar</li> <li>- Pescar</li> <li>- Tomar chimarrão</li> <li>- Andar de barco (Procissão de Iemanjá/Nossa Senhora dos Navegantes)</li> <li>- Dançar (ou simular)</li> <li>- Caminhar</li> </ul>

<sup>94</sup> “Um veículo simples, mas que permite superar obstáculos e explorar lugares onde a maioria dos meios de transporte não consegue chegar. Como já anuncia seu nome em inglês (ATV, *all-terrain vehicle*), o quadriciclo é uma máquina capaz de encarár todo tipo de terreno. Com quatro rodas, pneus de baixa pressão, guidão e banco, trata-se de uma evolução dos triciclos que surgiram na década de 1970 [...] Hoje, segundo a legislação brasileira, os quadriciclos não podem circular nas vias abertas ao tráfego. Ou seja, seu lugar é mesmo na natureza.” (ABETA, 2020, s. p.).

			<ul style="list-style-type: none"> <li>ou a motocicleta (inclusive <i>off-road</i>)</li> <li>- Andar de bicicleta</li> <li>- Trazer animais de estimação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Consumir bebida alcoólica</li> <li>- Andar de bicicleta</li> <li>- Trazer animais de estimação</li> <li>- Tocar o gado</li> <li>- Lidar com cavalos</li> <li>- Prestar segurança (trabalho)</li> <li>- Praticar <i>stand up paddle</i></li> <li>- Praticar <i>kitesurf</i></li> </ul>
<p>Balneário de Lago Merín, Río Branco-Cerro Largo, Uruguai</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Refletir</li> <li>- Admirar o pôr do sol</li> <li>- Realizar desportos, atividades culturais e noturnas (não especificadas)</li> </ul>	-	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Banhar-se (inclusive com cadeira adaptada)</li> <li>- Nadar</li> <li>- Tomar sol</li> <li>- Contemplar</li> <li>- Fazer caminhadas</li> <li>- Pescar</li> <li>- Brincar na areia</li> <li>- Usar o celular</li> <li>- Posar e tirar fotografias</li> <li>- Ouvir música (com caixas de som)</li> <li>- Tomar chimarrão (pela manhã)</li> <li>- Consumir bebida alcoólica</li> <li>- Andar de bicicleta</li> <li>- Andar de lancha</li> <li>- Prancha de surfe para crianças (<i>bodyboard</i>)</li> <li>- Trazer animais de estimação</li> <li>- Jogar com bola, na água e na areia</li> <li>- Jogar com garrafa na areia</li> <li>- Andar de moto aquática</li> <li>- Praticar caiaquismo</li> <li>- Praticar <i>stand up paddle</i></li> <li>- Praticar <i>kitesurf</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Banhar-se</li> <li>- Tomar sol</li> <li>- Contemplar</li> <li>- Posar e tirar fotografias</li> <li>- Tomar chimarrão</li> </ul>

Fonte: Sites das Prefeituras Municipais - cidades brasileiras (2019), e do canal Uruguay Natural no YouTube Departamento de Cerro Largo - Uruguai (2013, 2016), pesquisa direta (2020) e Trip Advisor (2020).

Verificamos uma diversidade bem superior de práticas sendo realizadas nos sítios do que as autoridades públicas de locais anunciam ou, até mesmo, supõem. A triangulação entre as fontes de dados e entre os sítios estudados permite chegar a uma diversidade, diferença e complementaridade entre as práticas realizadas. Enquanto há apenas quatro atividades sendo sugeridas ao visitante da Capilha, os turistas indicam nove diferentes possibilidades. Ainda assim, foram observadas pelo menos 24, embora pudessem ser agrupadas de alguns modos. O número de atividades representadas em fotografia, ou descritas por entrevistados é menor no Porto Pindorama<sup>95</sup>, embora numerosas poses fotográficas sejam observadas.

E, enquanto é sugerido desfrutar da gastronomia local da Capilha, o que se vê são pessoas acampadas, ou que passam o dia e assam seu próprio churrasco. Não há sugestão prévia de que desportos praticar. Na Capilha, foram observados, pelo menos, cinco esportes náuticos, além de veículos *off-road*. A motocicleta é um desses veículos de automobilidade com apelo para aventura. O chamado “mototurismo” é um nicho que dialoga com as motivações, atividades e preocupações ambientais do modelo do ecoturismo (RAMOA; PIRES, 2019).

De fato, transitar de carro é sugerido, observado e retratado em fotografias e em entrevista, com especial destaque, à Capilha, o que ocorre na praia riograndina de Rio Grande, como que um mimetismo.

Para Lago Merín foi possível identificar apenas três sugestões de práticas pelas autoridades locais e departamentais. Destas, só observamos os esportes náuticos, ainda mais presentes do que na Capilha. Os turistas, em seus comentários, não recomendam nenhuma atividade específica para realizar no local.

Foi observado um número semelhante de atividades que na Capilha (22). Contudo, o número cai para 18 quando nos baseamos nas representações fotográficas e nos depoimentos dos entrevistados. Atividades náuticas preconizadas, como o *kitesurf*, não foi observado em nossa estada durante o verão, embora esteja retratado em fotografias da mesma época.

No Porto Pindorama, das quatro atividades sugeridas, apenas duas são observadas - tomar chimarrão e pescar. Em vez disso, foi possível observar pelo menos catorze diferentes atividades sendo praticadas, e um número ainda maior é revelado pelas fotografias - diferenciando-se dos demais sítios -, o que é retificado por entrevistas.

Em Lago Merín, as práticas valem-se mais da água e do vento, e na Capilha maior parte na areia, baseado em automóvel, motocicleta e assemelhados. No local, onde há vastaspráticas, elas pouco aparecem em fotografias, ficando mais evidente a paisagem lacustre e, em algumas

---

<sup>95</sup> Em Santa Vitória do Palmar, há grupo de caiaque.

delas, a paisagem de férias. Ali, embora se preveja ver o pôr do sol, em realidade, o sol nasce. Já no Porto, embora o número de práticas observado seja menor que as outras, o número de práticas retratadas em fotografia é inversamente proporcional, o que é retificado pelas entrevistas.

Embora apareça o trânsito de automóvel nas recomendações e nas observações, os entrevistados não julgam necessário o uso de carros com tração nas quatro rodas para visitar a Lagoa Mirim.

Particularmente, em Lago Merín e na Capilha, as práticas turístico-recreativas ocorrem de acordo com uma proximidade, formando territorialidades provisórias, semelhantemente ao observado por Gomes (2013). Contudo, com o passar dos dias, foi possível observar as mesmas pessoas ao local do dia anterior, reforçando o hábito dentro do turismo. O horário de chegada não é consenso: o meio-dia pode ser horário de chegada ou de partida, embora observemos que, no intervalo entre 13h e 16h, a praia de Lago Merín estava mais vazia<sup>96</sup>, ou seja, há certa reiteração de práticas.

Aqui, o tempo todo, pessoas chegando, novas pessoas, novos arranjos, novas territorialidades formam esse espacinho [sic] da areia, [inaudível] espaço pessoal, [inaudível] você não se pode chegar, ou não, aproximar ou não, e... isso é bem característico das praias. [ondas]. Talvez mais do que dos parques, não sei. Porque as pessoas trazem objetos, e por meio deles, eles demarcam, né, esse território. E isso também se dá em função é, em função dos outros, né? Até onde vai o do outro. Então, eu consigo demarcar o meu. Mais apertado, mais espaçoso... (NOTAS DE CAMPO, 2020).

Os entrevistados dividem-se quanto à concepção de que visitar a Lagoa Mirim exija disposição do visitante. A busca por encontrar-se com o ambiente pouco conhecido, o que demandaria percorrer vias de pouca circulação, é característico das raízes da geografia romântica. Essa faceta não aparece na verbalização da maioria dos sujeitos entrevistados, embora encontre concordância na fala do canoísta.

Fica, de certo modo, evidente que as gestões locais do turismo dão menos sugestões de atividades aos frequentadores do que poderiam, visto que muitas das praticadas não são mencionadas. Algumas por elas citadas não são de fato realizadas, conformando um círculo de representação.

Algumas práticas perpassam os três sítios, mas a *performance* muda como, por exemplo, o horário de tomar o chimarrão. A pesca esportiva é mais presente na Capilha e no Porto e

---

<sup>96</sup> Isso remete para sesta, costume dos hispânicos e de dos países por eles colonizados, o que consiste num breve cochilo após o almoço.



tímida em Lago Merín. De acordo com nossas evidências, a procissão de 2 de fevereiro é exclusiva do Porto.

Nas distintas práticas, em especial em Lago Merín, emergem os imaginários urbanos da praça, ao abordar o espaço e do palco, por sua visualidade (GASTAL, 2006), para designar o observado.

E sobre análise junto, o que, aonde eu vou chegar, né, a questão do palco, é... eu acho que tem a praça muito forte, um imaginário urbano "praça", porque é de comunhão, é de diversão juntos. Mas é palco de algumas *performances* de aparecer. Talvez isso seja mais presente com jovens, e com os adultos, né? Da praça, do reunir-se, do palco, do ver e ser visto. (NOTAS DE CAMPO, 2020).

Sob o palco e na praça, ressaltamos para identidades provisórias do veranista, a qual se auto-eco-organiza com a apreciação à paisagem e com a configuração dos ambientes naturais e construídos pré-existentes ao investimento turismo/de lazer nos sítios de estudos.

Ainda, existem atividades, inclusive envolvendo o uso do vento, que são potencialidades e, como tais, primeiridade do fenômeno turístico na manifestação de suas práticas (o objeto em si, secundidade), os significados seriam uma terceiridade fenomenológica.

Alguns comentadores, com a imposição de preocupações quanto aos impactos ambientais do turismo na Capilha - se não há turismo, como e por que se veem seus impactos e as tensões territoriais?: “de negativo só o lixo deixado na praia, principalmente, por quem acampa no local”, ligado, na visão de outra, pela falta de infraestrutura “pena que a infraestrutura ainda permita que se acumule a sujeira e o lixo dos que a utilizam. Os governantes deveriam melhorar urgentemente a estrutura básica para os que a utilizam, sob pena de ter problemas, em breve, como segurança, praia contaminada etc.”

Diante disso, emerge uma cronopolítica do turismo (NORUM; MOSTAFANEZHAD, 2016), ligado a questões ecológicas, ou melhor, apregoando um turismo antes dos turistas: “Ainda é uma praia quase desconhecida no RS, apenas o pessoal da região conhece a Praia [sic] da Capilha”; “espero que possam ir antes que o turismo sem regras polua o lugar!

### 6.3 CONCEPÇÕES DE TURISMO E LAZER

Os sujeitos entrevistados veicularam, em suas falas, distintos significados ao turismo e ao lazer (e para a possível relação entre eles), de acordo com suas posições de fala e com certas experiências anteriores de trabalho, turismo e/o lazer, nos seus contrastes e sobreposições. Partimos do princípio que a conceituação, embora seja predominantemente empírica, baliza a fruição (estética) da paisagem e a realização de determinadas práticas, fazendo os sujeitos colocarem-se, ou não, como turistas, diante do entre-lugar/mundo.

O canoísta Alberto, quando questionado se a sua prática refere-se ao turismo, esporte ou lazer, responde, conforme segue, que a dimensão do esporte está contemplada no condicionamento físico necessário para a canoagem, e a do turismo encontra-se na visitação a atrativos e localidades por ele desconhecidas, no registro dessas visitas, bem como em orientar-se para atingi-los, causando-lhe estranhamentos.

Ah, eu acho que eu considero... hum, um misto de turismo com esporte, assim. O esporte, em termos de que a gente tem que se preparar pra isso. Então, é um treinamento, que nem no esporte tu te prepara pra uma competição. Tu te prepara, tu faz treinamento de musculação, tu faz, tu treina técnicas de resgate de caiaque, essas coisas. E o turismo, no contexto de que tu vai conhecer lugares que tu não tinha ideia que existiam. E que tu te planeja pra isso. Que nem, tu faz uma rota, vai lá no Google Maps e olha que tu vai fazer uma viagem pro Uruguai, vai buscar os pontos, que lugares tem. A canoagem é a mesma coisa. Tu quer conhecer, sabe que tu vai passar perto do Farol da Ponta Alegre, tu quer conhecer, tu quer passar lá, tu quer passar conhecer o marco de fronteira, tu quer tirar uma foto ali. Então tem bastante também acho que do turismo, assim (ALBERTO, entrevistado em 2019).

Apesar de não relacionar suas atividades ao lazer, responde afirmativamente ao questionamento sobre se a canoagem é realizada durante um tempo liberado, ou seja, durante as férias.

Outrossim, o canoísta (idem) é confrontado sobre a natureza do deslocamento que realiza para efetuar o turismo e esporte a que se refere e responde:

Ahm, na canoagem a gente fala muito de expedição, realmente. E até tem esse, essa controvérsia entre expedição e uma remada. Ou uma viagem, que nem tu falou. E normalmente quando é uma coisa mais longa, e que tem menos recursos, a gente acho que gosta de se colocar naquele papel de expedicionários que existiram antigamente [riso]. Mas não deixa de ser uma, uma remada que tem mais um planejamento tem que ser melhor. Que tu vai ter pouco apoio. Mas é isso, assim. Quando é maior, eu chamo de expedição. Ou quando pouca gente fez, ou ninguém fez esse trajeto a gente chama de expedição, e depois vai... se é menor é remada. Então, nesse contexto.

A turismóloga Luiza, ao introduzir sobre o trabalho que realiza junto ao poder público municipal, destaca que a pasta de Turismo deve estar alocada junto ao setor de desenvolvimento econômico e inovação, ou seja, enxerga pelo lado da oferta de serviços e o possível retorno econômico mediante o consumo. “E aqui estamos. Com uma perspectiva boa, com uma outra realidade, e esperando que a gente possa tirar novamente aquelas coisas que ficaram pra trás, dar uma continuidade, e lançar cada vez mais coisas novas pro bem da cadeia produtiva e da própria cidade.” (LUIZA, entrevistada em 2019). A referida entrevistada também é confrontada quanto à natureza das práticas que ocorrem na Capilha durante o veraneio, ao que responde: “é lazer, durante o verão, é lazer. No resto do ano a gente pode até vincular a esporte, alguma coisa. Mas no, no verão, te digo com certeza que é lazer.” (LUIZA, entrevistada em 2019).

Carla (entrevistada em 2019), por sua vez, ao ser instada a responder sobre a natureza da atividade turística nas adjacências da Lagoa Mirim, pondera: “Então, a Lagoa Mirim é o grande potencial da região ainda pouco explorado. Eu vejo ela assim.” E mais especificamente sobre o perfil dos visitantes, se a turismo, ou por lazer, diferencia dois grupos no Taim/Capilha, a partir de critérios de contribuição à preservação ambiental.

Mas a percepção [...]é, que se tem, é que as pessoas vão no verão, por causa da praia, da Lagoa Mirim, né? As pessoas vão fazer observação no entorno da Estação Ecológica do Taim, da fauna e da flora daquele ambiente. E que são pessoas que, quem vai à praia não sei se tá preocupado com a preservação (CARLA, entrevistada em 2019).

Ricardo recorre a uma narrativa episódica de uma experiência de mobilidade que teve no entorno da Lagoa Mirim, a cavalo, mesclando os seus interesses pessoais de lazer com os intentos da associação turístico-cultural de que faz parte.

Nós saímos daqui [Pelotas], e fomos a Santa Vitória, para chegar em 1º de maio, que o rodeio campeiro deles, lá. Um grupo, nós éramos umas dez pessoas. A cavalo. E nós viajamos, nós viajamos justamente num ano em que a Lagoa estava baixa. Nós viajamos todo o tempo entre os banhados e a Lagoa. Até sair fora da Lagoa, tá? Passamos por todos esses canais de granja. Tenho todos os pontos. Essa a gente sempre faz e, e [...] tem documentado (RICARDO, entrevistado em 2019).

Para Pedro, Lago Merín diferencia-se como ambiente de trabalho e de lazer de acordo com a época do ano, ou seja, possui tempo-espacos relativamente delimitados. “*Voy todos los veranos porque trabajo. Pero después lo disfruto más en vacaciones de julio, cuando hay menos gente. Yo no soy un amante de la playa. Si no que sí me gusta salir las mañanas, tomar el aire puro, tomar un mate, escuchar los pajaros.*” (PEDRO, entrevistado em 2019).

Amélia faz afirmativas semelhantes quanto à divisão do tempo de trabalho e tempo liberado. Outrossim, considera que o trabalho de trilhas guiadas interpretativas, ao se dirigirem a objetivos de educação ambiental aos grupos prioritários, não se constituem em atividade ou olhar turísticos, ou de qualificação do tempo de lazer.

Não é no foco do turismo. Seria mais no foco da educação ambiental, de olhar pra aquele ambiente, a gente perceber a paisagem, a fauna, a flora. Trazer uma concepção daquele meio ambiente ali, com a nossa vertente. E levar essas crianças, ou jovens, adultos, idosos - que já aconteceu também -, pra conhecer o Taim. Um dos pontos que a gente visita é a Capilha, né? A gente passa ali pela igreja, vai por baixo, faz a trilha todinha, dá a volta, vê as falésias. E aí retorna ali por trás. Então, a gente sempre, é um dos nossos pontos. E a Lagoa Mirim, com a sua beleza, né, ali. Sempre chamou muito a atenção: a criançada adora brincar nas dunas, bem ali. Então, é um ponto obrigatório de passagem quando a gente trabalha no projeto "Trilhas interpretativas" (AMÉLIA, entrevistada em 2020).

Em outro ponto da entrevista, é instada a relatar alguma atividade de lazer na Lagoa Mirim que porventura tenha realizado, ao que responde: “Eu nunca fui como... tô tentando lembrar se eu já fui alguma vez como lazer. Eu acho que só fui pra trabalhar. Assim, todas as vezes eu fui, mesmo no verão, eu estava, ou como monitora de trilha, ou (riso) fazendo alguma outra atividade.” (AMÉLIA, entrevistada em 2020).

Mais adiante, lembra-se de um episódio em que, após a realização de suas tarefas, pôde olhar para a Lagoa Mirim de um modo diferenciado, descompromissado e, ao final, emite um juízo estético.

Na verdade, eu estava até trabalhando, né? A gente estava fazendo essa monitoria de trilhas. E aí o último ponto é lá. Então, depois, e o pessoal ia voltar de ônibus, e a gente estava de carro. E a gente se estendeu, pra ver o pôr do sol, ali. Então, querendo, ou não, é uma forma de lazer, né[...] Foi pós-trabalho. E aí, ficamos ali observando até tarde, e estava lindíssimo (AMÉLIA, entrevistada em 2020).

Angélica concorda que, por vezes, pratica turismo e lazer, mesmo estando a trabalho, guiando grupos escolares ou de visitantes.

A gente faz muito, a gente trabalha com a ideia de escola. Então, a gente faz muita coisa de praia, faz passeio, fotos com a escola local. E trago amigos pra conhecer, caminhadas na beira da praia, que é muito bom. Mais a modo de conhecer mesmo [...] Sem compromisso com o passeio (ANGÉLICA, entrevistada em 2020).

Ludovica também é questionada sobre a natureza das atividades que pratica no Porto de Santa Vitória com certa regularidade e rememora os primeiros momentos de lazer tidos no local:

O Porto acho que foi um dos primeiros locais que eu conheci aqui de, em Santa Vitória, né? Até porque a nossa proximidade do campus, ahm, era um pouquinho mais

próximo agora do que era antes, o Porto, né? E eu gosto muito de frequentar, né? Até momentos de lazer, né? Passeios de bicicleta, pela distância que tem, então, principalmente no verão. Às vezes, eu vou todos os dias ao Porto, né? Ahm, algumas coisas relacionadas a alguns eventos que acontecem, né? E sempre tá dentro, digamos, do roteiro que a gente faz quando recebe alguma visita, alguém. Tanto profissional, quanto pessoal, né? (LUDOVICA, entrevistada em 2020).

Diante da sua fala, foi convidada a enquadrar sua relação com o Porto, respondendo que a condição de turista é temporária, e o esporte/lazer é o que vem depois disso, dada sua familiaridade.

Eu acho que uma praticante de lazer, né? Acho que a parte do turista já passou, né? Esportes, eu acredito que digamos relacionados ali à prática, não, né? Chega ali, dá uma descansada, né? Ahm, se observa que existe alguns praticantes de esportes mais náuticos, alguma coisa relacionada (LUDOVICA, entrevistada em 2020).

#### 6.4 *PERFORMANCES*, INCLUSIVE FOTOGRÁFICAS

Há uma cadeia de procedimentos para se tirar fotografias, conforme observamos. As pessoas que fotografam, elas olham a foto, elas dão instruções, elas combinam como as pessoas vão fazer a foto. Pelo menos, foi esse o caso que eu vi, as pessoas se comunicam de longe, combinar como vai ser essa foto.” (NOTAS DE CAMPO, 2020). Embora apresente maior número de práticas observáveis, é no Porto que identificamos maior número de poses que apresentam caráter performático.

Na entrada principal da praia de Lago Merín, é um local preferente para tirar fotografias, no qual observamos. “E... e essa pessoa que veio tirar foto, ela não ficou um minuto na praia. Ela veio tirar uma foto panorâmica e um vídeo e foi embora.” (NOTAS DE CAMPO, 2020). Isso demonstra uma experiência mediada pela lente e pela tela do equipamento utilizado para fotografar e, por outro lado, uma fruição estética, aparentemente, superficial, de contato pouco duradouro. Quando mudamos nosso ponto de observação para um ponto além da entrada principal (aproximadamente 50m), em outro horário, o número de fotografias diminui, como se houvesse um momento e um ponto mais favorável para tal.

No primeiro dia de campo na Capilha, deixei meu carro e descii a pé à praia, pela passarela. Não obstante, ao chegar, vi que minha *performance* era dissonante, que a maioria dos frequentadores adentra a praia de carro, por meio de acesso no extremo sul da vila. Da mesma forma, a caminhada que realizei destoava das atividades que, comumente, os frequentadores realizaram, baseadas no trânsito de automóvel e na fruição da água, basicamente. Testemunhamos a seguinte situação: “E acabei de ver um carro com caçamba

atrás, as pessoas sentadas, com cadeiras sentadas atrás. E passeando, e falando: 'A gente não vai pela, pela Vila, a gente vai pela praia!'. Então, essa opção por transitar pela praia, né? Algumas *selfies* no carro.” (NOTAS DE CAMPO, 2020). O controle do ambiente sonoro ocorre pela automobilidade. “O que é bastante comum, que é previsível isso, as pessoas estarem ouvindo suas músicas no carro. Quando elas passam, quando elas estão paradas, sempre, ou muitas vezes, tendo uma trilha sonora que é de agrado dos passageiros ou motorista.” (idem).

Isso tem um motivo aparente. “Parece aqui, pela maioria ser de Rio Grande, Pelotas, que se tenta reproduzir a, um pouco o que é o Cassino, né? Vejo poucas pessoas descendo pela passarela porque, realmente, a maioria vem de carro mesmo, né?” Ou seja, há uma dinâmica espacial do turismo em que parte dos fluxos rumam à Capilha, de modo crescente, tal como observado pela entrevistada Luíza.

A automobilidade difusa na Capilha, possivelmente, espelhando-se na do Cassino, revela modos distintos de comercialização de produtos, até então não vistos em outros sítios.

Última curiosidade que eu vi na saída, e talvez por isso tem que caminhar mais pra ver as coisas. É um carro, um carro até relativamente novo, bom, vendendo sorvete e picolé. Que é uma coisa que eu realmente nunca tinha visto. Não sei se no Cassino tem isto, mas aqui eu vi. E faz algum sentido, pela extensão da praia. (NOTAS DE CAMPO, 2020).

No Porto, a automobilidade também está presente, mas é de outra ordem.

É, mesmo no verão, a gente percebe a importância do carro, né? Algumas pessoas, né, elas não ficam o tempo todo no carro, mas, às vezes, ficam um bom tempo no carro. Com o carro fechado. Eu tô com as janelas abertas, mas as pessoas estavam com a janela fechada. Ou caminham e voltam pro carro. Muitas vezes, os bancos que estão bem de frente pra Lagoa, pro pôr do sol, estão vazios. Mas as pessoas estão dentro do carro (NOTAS DE CAMPO, 2020).

Essa característica se intensifica no inverno entre os locais, pela intempérie, conforme coloca a entrevistada Ludovica.

O ponto onde o veículo estaciona no Porto também denota se estamos diante de um turista *stricto sensu* ou de um praticante local de lazer; e a performance nessa época do ano também é marcada por questões de classe social e *status*.

Agora vejo um casal circundando o prédio do Porto. Vestido, não parece ser daqui, parece ser de Porto Alegre, ou algum lugar assim. É, de fato, eles chegaram num carro de elite, né? É, estão como se estivessem viajando e passeando aqui. Não estacionaram onde a maioria estaciona; estacionaram atrás. Mas estão aqui nos bancos (NOTAS DE CAMPO, 2020).

A automobilidade, de fato, faz parte da paisagem fotografada por turistas. “Acabo de ver uma *performance* fotográfica do casal, digo, pai e filho com o carro, né? Com o carro na paisagem. Da Lagoa Mirim.” (NOTAS DE CAMPO, 2020).

As visitas ao Porto, quem sabe mais frequentes, são em geral curtas, duram alguns minutos. Foram raros os casos em que excediam uma hora. “É, uma figura solitária, um cara, ahm, um pouco mais velho, uma caminhonete boa. Parou, comeu um crepe, sentou, caminhou pelo trapiche e foi embora.” (NOTAS DE CAMPO, 2020). “Hoje novamente vejo um ciclista, diferente do que eu vi ontem. Solitário. Com capacete, tênis. Também só dá a volta no Porto.” (idem). Ou se fica até o pôr do sol. “O carro de Santa Maria até ficou um tempo razoável: ficou uma hora. Agora que o pôr do sol tá quase ocorrendo, eles foram embora.” (idem).

Diferentemente do Lago Merín, na Capilha e, também, no Porto há um percurso de contemplação cênica e fotográfica a qual se engajam os visitantes.

Aqui eu observo, que não todos, mas a maioria, descem e fazem o percurso no trapiche. Talvez custe, leve uns cinco minutos. Então, lá em tenho a passarela, aqui em tenho o trapiche; em Lago Merín eu não me lembro de um local como este, de contemplação da própria Lagoa. Porque tudo está na linha da praia [lá]. Do próprio balneário (NOTAS DE CAMPO, 2020).

O trapiche divide a massa de água em duas e se lança ao horizonte, permitindo a contemplação e diferentes performances fotográficas. “Do meio do trapiche, o casal, com dois filhos, ahm, tira uma foto ou um vídeo 360 graus. Panorâmico. E a filha, deve ter uns oito anos, fazendo uma pose como se fosse pulando. Pra capturar no ar a foto.” (NOTAS DE CAMPO, 2020). Além do trapiche e do carro, os bancos também orientam o olhar fotográfico do turista. “O banco realmente acaba demarcando o local pra captura da imagem, né? E as pessoas também tem diversão fazendo isso, dentro desse ato.” (idem).

Fortemente incentivada na Capilha e em Lago Merín, o banho de sol e o banho de lagoa parecem não ser lícitos no Porto, onde observamos apenas crianças, especificamente, meninos, aproveitando a água. Paulo comenta: “Geralmente quando eu vou, né, tomo, nunca tomei banho no lado de cá do Porto! Sempre tomei banho do lado de lá [Uruguai].” (PAULO, entrevistado em 2019).

Os ícones de cada sítio de encontro também são investidos pelo caráter performático dos turistas e pelo olhar fotográfico. Sobre locais e paisagens da Lagoa Mirim que mereceriam uma foto, Luiza responde: “Aquela da trapiche, escadaria, não sei como a gente chama. Fantástica. E a própria igreja, né? Aquela igreja ali é algo... Eu acho que remete bem às duas coisas que a gente precisa trabalhar ali.” (LUIZA, entrevistada em 2019). Tal resposta vai ao

encontro daquela frente à pergunta sobre quais são as fotografias mais tiradas, ou seja, da igreja e da própria praia. Quando confrontada, na foto-elicitación, com a imagem do jipe adentrando as águas da Lagoa Mirim, Luiza respondeu, de forma assertiva, de que aquela cena é na Capilha, tendo feito corretamente, assim como Alberto, Amélia, Angélica, Carla, Ludovica e Paulo. O uruguaio Pedro não conseguiu localizar, não tendo a paisagem da Capilha, ou as práticas que ali ocorrem, como um referente na/da Lagoa Mirim.

Angélica considera que as falésias da Capilha merecem uma foto, ressaltando que seria do que ainda resta delas. Tal dado vai de encontro à análise de conteúdo das fotografias do Instagram, nas quais as falésias aparecem com pouca frequência. Contudo, Angélica admite que seria mais fotografada o corpo d'água lagunar e depois os barrancos que, na “Capilha, tem esse acesso fácil às dunas e às falésias. Então, aqui seria mais fácil, e bem mais bonito de tirar foto (riso).” (ANGÉLICA, entrevistada em 2020).

Carla pensa que, dentre as paisagens da Lagoa Mirim que merecem fotografias, está o pôr do sol na Lagoa Mirim, mais especificamente, da Capilha. E que dentre as fotografias mais clicadas pelos turistas estaria esta: “Eu faria uma foto da igreja da Capilha com a Lagoa Mirim. Não sei nem se conseguiria fazer isso. Mas eu vejo que tu tem como unir a questão da natureza com a história. Acho que seria uma foto legal.” (CARLA, entrevistada em 2019). Ricardo também concorda que a igreja da Capilha seria um dos elementos mais fotografados.

Amélia fala em duas paisagens que mereceriam uma fotografia, de modo semelhante, referindo-se à Capilha. “Eu acho que lá de cima da passarela. Eu acho lindo o contraste da areia branca com a Lagoa. Eu acho aquela paisagem maravilhosa. E uma seria, virado de costas pra Lagoa, das falésias. Eu acho muito bonito também.”. Para ela, a fotografia mais tirada pelos turistas é de um pôr do sol, ou tomando banho na Lagoa. E a menos fotografada seria a das falésias, indo nesse caso ao encontro das fotografias do Instagram.

Outra entrevistada que menciona a Capilha é Ludovica, apesar de seu vínculo cotidiano com o Porto. “Eu acho que uma das primeiras imagens relacionadas à capela da Capilha, né? Acho que tem essa questão, desse marco histórico que é relacionado à colonização. Tu consegue fazer um ângulo com as águas da Lagoa. Acho que seria interessante.” (LUDOVICA, entrevistada em 2020).

Contudo, Ludovica também elabora uma imagem mental de uma fotografia ideal para o Porto.

O pôr do sol aqui do Porto de Santa Vitória, né? De repente não só com a inserção do prédio, do trapiche, né? Mas acho que é uma marca que valeria a pena, né? E acredito que também, ahm, que às vezes a gente não percebe muito. Mas essa inclusão de quem



realmente faz a Lagoa um espaço de vivência. Que é aquele morador local, o pescador, né? Então, a gente ali como se fosse um canal, que os barcos entram. Então, que acho que, eu pelo menos fotografo muito aqueles espaços ali. Da chegada dos barcos ou ancorados, né? Porque às vezes a gente só tira foto lá no trapiche. E esquece-se um pouquinho antes, né? (LUDOVICA, entrevistada em 2020).

De fato, os pitorescos barcos de pesca artesanal – uma espécie de *backstage* – aparecem pouco na paisagem do turista, na Capilha e no Porto e, ao contrário, o trapiche do Porto é bastante fotografado, não somente como uma plataforma que permite uma visualização da água em ângulo abrangente, mas também sugere um percurso, conforme as fotografias do Instagram. Quanto às fotografias mais clicadas, Ludovica cogita que o pôr do sol seria um elemento a aparecer com frequência. Esta última colocação vai ao encontro da afirmativa, com larga concordância dos entrevistados, de que as paisagens da Lagoa Mirim são por eles vistas mais como naturais que artificiais.

O cavalariano Ricardo aponta um local pouco conhecido, a barra del Rey, como uma paisagem que merece fotografia, apesar de a Capilha ser considerada bonita. “A barra do Del Rey inclusive foi um lugar assim que, aqui, que eu vi ao natural, flamingo. Eles migram. Flamingo mesmo! Em fevereiro. Que eles migram, né? Tem foto. De longe, mas tem foto. Eu a cavalo, tirando foto.” O uruguaio Pedro menciona como paisagem que merece ser fotografada o nascer do sol em Punta Muníz, em seu país. Paulo defende que a paisagem que merece ser fotografada fica no Pontal do Arroito, em Santa Vitória do Palmar, em uma estância que frequenta por ser amigo dos proprietários. O canoísta Alberto também destoa dos demais ao propor que uma paisagem da Lagoa Mirim que merece ser fotografada é a vista do desativado Farol da Ponta Alegre. “Ah, por ser das águas, eu sempre, bá, os faróis me chamam muito a atenção, assim. Então, o Farol da Ponta Alegre no final de tarde, ou de manhã cedo, geram fotos lindíssimas, assim.” (ALBERTO, entrevistado em 2019). O entrevistado complementa: “A vez que a gente foi, essa última vez aqui, em janeiro, a gente pegou a lua cheia. Então, de manhã, pelas cinco da manhã, tinha um momento que tu conseguia fazer uma montagem na foto onde a lua significava a luz em cima do farol. Bá, fantástico, assim.” (ALBERTO, entrevistado em 2019). Como foto mais clicada pelos turistas, Alberto muda sua posição e afirma que seria da igreja da Capilha, nas costas da lagoa.

Carla considera que dentre as motivações para a fotografia: “Porque hoje todo mundo quer tirar uma foto, uma boa imagem e dizer onde é que esteve. As fotos instagramáveis<sup>97</sup>”. Não somente uma fotografia digital, postada numa rede social, não inaugura um novo tipo de

---

<sup>97</sup> Neologismo em língua inglesa, em tradução aproximativa para o Português, se refere às fotografias clicadas para serem postadas no Instagram.

fotografia, em que o amador e o profissional se fundem, assim como o ordinário e o turístico e o cotidiano, dando uma nova ordem para a significação e a comunicação no/do Turismo?

Também foi objeto de observação o modo como automóveis, visitantes e cadeiras se acomodam no terreno da Capilha.

Algumas pessoas estão no meio da água porque tem um canal no meio; com a baixa da Lagoa, formaram uns cômodos de areia no meio, né? E aí os carros podem passar, principalmente carros com tração nas quatro rodas, né? E as pessoas, com cadeiras praticamente dentro d'água, porque a água, a maré [sic] não sobe.

Outros sujeitos também demonstram a relevância das práticas, embutidas na fotografia, e vice-versa para demarcar o encontro turístico em Lago Merín. “Casal tirando foto, parece mais uma pessoa tirando foto dela. Ela observa, é difícil contra a luz do sol. E a foto é tirada com os apetrechos da praia, ou seja, é uma paisagem, mas é uma prática. Quero mostrar o que eu tô fazendo, não só o que eu estou vendo.” (NOTAS DE CAMPO, 2020). Exemplos de poses fotográficas seguem-se para referendar o exposto. “Fotos mesmo dentro da água, das crianças. Uma moça com água na boia, sentada. Tem as poses, né? Sentada na boia de pernas batendo, uma *selfie*. Hoje dá pra tirar de dentro da água que não tem vento, né?” (NOTAS DE CAMPO, 2020).

Além das observações e das fotografias coletadas no Instragram, foi possível, em raros momentos, registrar os sujeitos fotografando, bem como algumas *selfies* em que as corporeidades engajam-se à paisagem lacustre, por meio da prática do fotografar. Surgem, com graus expressivos variados, de improviso e espontaneidade, algumas *performances* corporais orientadas por essa intenção de fotografar e, potencialmente, postar.

A *selfie* é hoje considerada um novo olhar turístico, direcionado não mais a atrações ou grupos de visitados, mas a si próprio e, por meio desse novo olhar turístico, os sujeitos esperam projetar as características dos atrativos sobre si (DINHOPL; GRETZEL, 2016). O *operator* é, cada vez mais, um *spectator* de si, diante do *spectrum* paisagístico lacustre. E o *spectator* coletivo reveste-se do caráter de *operator*, com facilidade crescente, por meio da câmera do celular e da difusão por rede social.

Por vezes, a paisagem lacustre não passa de um pano de fundo para as práticas e *performances*, objetos preferentes de registro fotográfico, principalmente, a *selfie*.

Exceto essas pessoas que vêm à praia pra tirar só a foto, que tiram uma foto da paisagem, ocasionalmente uma *selfie*. Que as pessoas tiram *selfie* mais na *performance* do que elas tão [sic] fazendo, do momento da praia, dessas práticas, do

que propriamente da paisagem. Muitas fotos são *selfies* e são, não são voltadas pra água. (NOTAS DE CAMPO, 2020).

Possivelmente, a abordagem das práticas e da *performance* sejam adequadas apensar a espacialidade do turismo lacustre e da geograficidade da experiência de encontros, tão ou mais importante que a apreciação estética de suas paisagens.

Outro *insight* teórico-prático é que essa questão da *performance*, talvez ela caiba nesse tipo de turismo, talvez mais do que outros. Que os tipos de turismo cênico, com trilhas pra observação, belve-belvederes, talvez o sensual no turismo, se faça presente exatamente nesse tipo de turismo balnear, com água, sol, vento e areia. E outros talvez seja mais cênico. Não é que a paisagem não importe: ela importa mas ela não esgota, novamente, a experiência turística desse tipo de turismo, né? (NOTAS DE CAMPO, 2020).

Outra situação observada elucidada a *performance* no palco turístico do Balneário, pois nem sempre a situação retratada em fotografia condiz com uma prática executada, mas sim como uma prática idealizada e socialmente oportuna.

Acabei de ver agora, provavelmente uma filha tirando foto pra uma mãe, né? Ela tá deitada de bruços, tomando banho de sol, de chapéu, numa esteira, de óculos de sol. Ela tá relativamente longe da, da água. Talvez mais importante seja a areia. Aí ela checa a imagem, e levanta. Eu não acompanhei, mas parece que ela fez essa pose exatamente pra, pra foto, né? Não necessariamente ela tenha passado muito tempo, ahm, no sol, né? (NOTAS DE CAMPO, 2020)

Quanto ao posicionamento do corpo, os sujeitos tiram as fotos, predominantemente, em pé (63), seguido pela pose sentada (23), e poucos tiram fotos agachados (3) ou deitados (2), e o restante não se aplicava (48). A maior parte dos fotografados tira a foto de frente (47), seguidas das de perfil (27) e, em menor medida, de costas (12). Em 46 fotografias não se aplica a avaliação. O direcionamento do olhar também foi analisado. A grande maioria olha para frente (74), nove olham para o lado e apenas 6 olham para baixo. Ninguém olha para cima, e em 46 não se aplica. Das 134 fotos, apenas 15 são *selfies* (autorretratos) passíveis de identificação pelo aparecimento do braço em posição condizente. Ao contrário do que se poderia presumir dentro de um estereótipo ocidental atual, havia menos fotografados sorrindo (31) do que com feição cerrada (39) - a 78 não se aplicava ou não se identificava o sorriso.

Logo, a *performance* fotográfica prototípica das paisagens e experiências lacustres é do modelo em pé, de frente, olhando para frente, retratos que não *selfies*, e com feição cerrada.

Pelo menos 32 performances fotográficas diferentes foram executadas, ora incluindo os braços, ora incluindo braços pernas, entre outras. Em 25 oportunidades, a figura humana aparece tocando ou segurando um objeto. Em 32, não foram identificadas ou não se aplicam.

A Tabela 3 exibe quadro com listagem de performances identificadas nas fotografias selecionadas ao estudo.

**Tabela 3 – Lista de *performances* fotográficas identificadas**

<i>Performance</i>	Frequência	<i>Performance</i>	Frequência
1. Toca ou segura objeto	25	18. Gesto “namastê”	1
2. Apoia braço e/ou corpo	6	19. Gesto “paz e amor”	1
3. Braço ao longo do corpo	4	20. Gesto “paz e amor” com braços levantados	1
4. Toca uma parte do corpo (exceto mão)	4	21. Joga (água) para cima	1
5. Mãos no bolso	3	22. Mão lançando (rede)	1
6. Mão fechada/em punho	3	23. Mão levantada	1
7. Braços abertos	2	24. Mão levantada aberta	1
8. Mãos ao volante	2	25. Mão na cintura	1
9. Gesto "OK"	2	26. Mão no rosto	1
10. Pega no colo	2	27. Mão sobre as pernas	1
11. Agarra (o <i>kite</i> )	1	28. Pega no colo	2
12. Braços cruzados	1	29. Pernas levantadas	1
13. Braços levantados com dedos abertos	1	30. Pisa no letreiro	1
14. Braço sobre o outro	1	31. Segura a mão do outro	1
15. Dança em par	1	32. Toca o outro	1
16. Gesto "coração"	1	33. Toca a mão	1
17. Gesto "mexe no celular"	1		

Fonte: Elaboração do autor (2020), a partir de fotografias públicas do Instagram.

Das fotos em que o calçado aparece e se aplica, 15 fotografados usavam tênis, todos eles, no Porto de Santa Vitória, pela característica do espaço, que se diferencia de um balneário como Lago Merín, ou de uma praia como a Capilha; oito pessoas aparecem descalças, seis deles, nestes dois locais. Outras cinco pessoas calçam chinelos ou sandálias. Duas vestem botas, uma delas no Porto, outra, na Capilha, trata-se de uma bota para motociclistas. Em apenas 21 situações ocorre o cabelo preso; em geral, quando comprido, aparece solto.

Nas fotografias, a *performance* vestuária tende para as roupas básicas de verão (bermudas e camisetas) utilizadas 37 vezes, e as roupas de banho, utilizadas 19 vezes; exceto no Porto, quando as roupas de banho, praticamente, não aparecem. Por 13 vezes, as bermudas de banho foram utilizadas. Os casacos foram utilizados seis vezes, os vestidos foram usados duas vezes. Uniformes aparecem duas vezes, e roupa de ginástica, apenas uma.

Nas observações sobre *performance* vestuária, consideramos: “E, pode parecer detalhe, né, mas, que eu tô destoando aqui, porque só eu que tô de sunga. Tá todo mundo de calção, alguns calções da moda, assim, calções de banho, né? A maioria sem camisa, alguns com camisa. Mas esse é o traje oficial: calções mais floridos, né?”; “Além da sunga que só eu

tinha, a prática de ouvir música com fone de ouvido também ser uma exclusividade minha.” (NOTAS DE CAMPO, 2020). Na Capilha, observamos: "E também a questão da moda, né, calções, como eu já tinha falado, bermudas, e chapéu de palha também começa[m] a aparecer.” (idem).

Das fotos analisadas, em 21 casos havia cabelos presos; os demais ou eram curtos, ou estavam soltos, ou não se aplicavam. Uma série de dez distintos adereços compunha a personificação turística dos sujeitos fotografados, conforme Tabela 4.

**Tabela 4 – Adereços utilizados pelos modelos fotografados**

<b>Objeto</b>	<b>Frequência</b>
1. Óculos de sol	22
2. Correntinha	7
3. Pulseira	7
4. Relógio	7
5. Boné	4
6. Chapéu	4
7. Óculos	4
8. Aliança	1
9. Bolsa	1
10. Viseira	1

Fonte: Elaboração do autor (2020), com base em busca no Instagram.

Destacamos o uso dos óculos de sol, por uma questão de proteção solar, mas também de modismo e de figuração. Igualmente, com sete frequências estão a correntinha, a pulseira e o relógio. Empatados com quatro frequências cada estão o boné, o chapéu e os óculos de grau. Já aliança, bolsa e viseira aparecem uma vez cada.

Os turistas portam ou tomam objetos diversos, conforme Tabela 5.

**Tabela 5 – Objetos utilizados pelos modelos fotografados**

<b>Objeto</b>	<b>Frequência</b>
1. Câmera fotográfica	2
2. Caneca	2
3. Cuia de chimarrão	2
4. Caderno	1
5. Celular	1
6. Garrafa d'água	1
7. <i>Kitesurf</i>	1
8. Lata de cerveja	1
9. Livro	1
10. Peixe	1
11. Remo de <i>stand up</i>	1
12. Vara de pesca	1

Fonte: Elaboração do autor (2020), com base em busca no Instagram.

Dentre os objetos, destacamos a câmera fotográfica, a caneca e a cuia de chimarrão. A câmera fotográfica é figurativa, já que a maioria das fotografias são sacadas pelo *smart phone*. A cuia de chimarrão sinaliza o lazer, o encontro, a convivência entre sujeitos, mas também denota, uma vez mais, o encontro dos sujeitos com a paisagem, em que um matear solitário, somado à contemplação da paisagem, pode ser também uma convenção. Como esportes náuticos, aparece o *kitesurfe* e o *stand up*, uma vez cada. Isso vai ao encontro do observado, em que os esportes (ainda?) não são praticados em massa, mas sim como empreendimento individual de alguns sujeitos que dispõem de equipamento.

Logo, a *performance* fotográfica arquetípica das paisagens e experiências lacustres é do modelo em pé, de frente, olhando para frente, com óculos de sol, retratos que não *selfies*, e com feição cerrada, segurando algum objeto. Nessa imagem prototípica os pés não aparecem.

A Figura 12 analisa e classifica o caráter das *performances* turísticas, a partir dos apontamentos de Edensor (2001).

**Figura 12 – Exemplos de *performances* presentes em fotografias**

Orientada por  
identidade



Não conformista



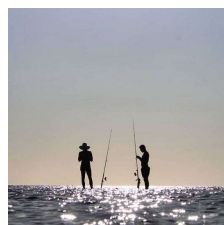
Pós-turística



Cínica



Involuntária



Contestadora



Improvisada



Fonte: Elaborado pelo autor (2020), a partir de fotos públicas do Instagram.

Como podemos observar, as *performances* turísticas retratadas pelos sujeitos *operator* variam do conformismo à contestação, do involuntário à improvisação. Percebemos variados graus de aderência aos códigos estéticos e sociais compartilhados pelos *operators*, que encontram na expectativa tácita do *spectator* a sua intencionalidade, conscientemente ou não.

Não se tratou de avaliar, aqui, os méritos estéticos das fotografias, as qualidades cênicas da paisagem, tampouco a fotogenia das figuras. Tratamos de buscar entender como, corporalmente e sensorialmente, os sujeitos veiculam/ratificam/reafirmam *performances* determinadas por distintos *scripts* ou narrativas do veraneio e pelas possibilidades de certos recortes paisagísticos (cenários). Ainda, as "farofadas" podem ser consideradas *performances* turísticas de classe, de apropriação provisória dos sítios por parte de sujeitos e grupos.

As margens da Lagoa são tomadas como palcos em que a fachada é, por vezes, exercida - vide *performances* cênicas. O palco é "desmontado" ao final do dia, ou do veraneio? Ou é apenas esvaziado? As fotografias revelam cenas/recortes dos encontros turísticos dos sujeitos com a Lagoa e dos próprios sujeitos entre si, diretamente, ou por intermédio instantâneo com a mídia social.

Passa-se, também, pela assunção de determinadas identificações, que são provisórias e que, para manterem-se, devem ser replicadas. Há uma identidade de turista, na sua circunscrição com as características do viajante, visitante, esportista, veranista, fotógrafo, pescador? A *performance* pós-turística guarda em seu bojo uma adesão involuntária e sutil a identidades de outros (novos) grupos, que se pretendem superadores da faceta identitária mais conhecida do turista, sob novos modos de errância, mobilidade, agendamento ou "transgressão".

## 6.5 DIRETRIZES PROVISÓRIAS PARA POSSÍVEL INTERPRETAÇÃO TURÍSTICA DAS PAISAGENS LACUSTRES

Tencionamos propor diretrizes provisórias de interpretação das paisagens lacustres, de modo a (re)significar o encontro turísticos dos sujeitos com a Lagoa Mirim. Tal propósito volta-se ao sujeito-turista que visita os sítios, sua geograficidade, mas também ao sujeito residente no local e adjacências: há similitudes e diferenças. Isso lhes permite incrementar o pertencimento ao lugar, a ponto de que sua historicidade como sujeitos confunde-se, em parte, com a trajetória histórica dos sítios. A autoestima dos residentes em relação ao seu lugar e as paisagens que habitam é ponto relevante em qualquer ação, projeto ou plano turístico que venha a desenvolver o turismo/lazer nos locais de modo sustentável e integrado.



Os temas da narrativa interna das fotografias analisadas apontam para temas como sol e praia, pôr do sol, pesca, convívio familiar, patrimônio, entre outros. Pensamos ser conveniente levar em conta tais achados numa possível proposta de interpretação da paisagem na/da Lagoa, ou seja, partir das representações sociais já difundidas.

Por outro lado, o turismo cidadão supõe, por parte dos residentes, o (re)conhecer, (re)olhar e (re)situar-se frente aos atrativos, à oferta cultural e ao patrimônio ambiental de que dispõem suas cidades ou municípios, ou seja, pode-se promover o estranhamento, para, muitas vezes, o já conhecido (GASTAL; MOESCH, 2007). Nesse sentido, há que se reabilitar processos semióticos por meio dos quais os objetos figuram no lugar de outra coisa. O turismo cidadão parte de iniciativas que promovam essa (re)ligação dos sujeitos-habitantes com o tão propalado entorno habitual, privilegiando momentos de lazer, prazer, diversão e conhecimento, como direitos individuais e coletivos. Espaços de moradia e trabalho podem se confundir, assim como os espaços de moradia, circulação e lazer. Pode haver múltiplos significados por elas atribuídos, e sua voz deve ser ouvida, por exemplo, a mudança da paisagem com o passar das estações, vivenciada pelos moradores.

Não encontramos na literatura consultada, tampouco nos sítios observados, práticas ou instalações que promovam ou direcionem o olhar (e o corpo) para a Lagoa, sua formação e história, ou seja, proporcionem subsídios a uma interpretação da paisagem lacustre. Não é intento inculcar interpretações hegemônicas ao objeto paisagístico vivenciado. Pelo contrário, há que se (re)constituir continuamente o processo de interpretação turística das paisagens lacustres e considerar a intertextualidade existente entre as leituras de turistas, moradores e outros sujeitos.

Diante disso, elencamos e descrevemos cada uma das diretrizes complexas a orientar um plano interpretativo das paisagens lacustres, cuja pertinência e abrangência pode ser (re)avaliadas segundo cada contexto.

1) Dialogicidade: que se promovam fóruns perenes de diálogo entre os públicos e os sujeitos envolvidos, turistas, empresários, poder público e comunidade residente; em que as representações paisagísticas das distintas comunidades interpretativas sejam contrapostas/somadas.

2) Holograma parte/todo: que os moradores dos sítios vejam-se como partes do todo que é a Lagoa Mirim e, numa escala maior, o cordão lagunar da PCRS e, também, como morador de uma faixa de fronteira. Por outro lado, que se vejam como um todo denso e complexo, em que relações sociais, econômicas e ecológicas são engendradas por sujeitos agentes locais em

solidariedade/contradição com ações exógenas, em consonância, ou não, com os ritmos e ciclos da história ambiental. Também, que se reconhecem como parte visitante/visitada da/na Lagoa Mirim e do lado brasileiro, da Costa Doce gaúcha. Algo semelhante ocorre com a Laguna dos Patos: “A Laguna dos Patos, talvez, por sua 'imensidão de águas', é apresentada turisticamente de modo seccionada, localizada, disforme e desconectada de seu complexo sistema hídrico.” (RUDZEWICZ, 2018; CASTROGIOVANNI; PEYRAQUE-GADEAU, 2020, p. 22).

3) Recursividade encontro/interpretação: que os encontros turísticos com a paisagem da lagoa sejam oportunidades de (re)avaliar os significados derivados de interpretações anteriores e, ao mesmo tempo, que a semiose operada pelo(s) sujeito(s) seja subsídio e convite a orientar encontros paisagísticos de outros Sujeitos, quer moradores, quer visitantes. Que toda experiência possa ser única, ao mesmo tempo diversa em seu conteúdo e aprendizados obtidos.

4) Para além da percepção comum: visa a interpretação das paisagens para além do que os sentidos, isoladamente. Visa atingir inspiração, capitalizando a curiosidade para o enriquecimento da mente e do corpo humanos. Há que se alimentar e fazer crescer as possibilidades de interpretação, por meio de pesquisa bem-dirigida (TILDEN, 1976).

5) De/para além do prazer estético: o deleite estético, por vezes, distante e desinteressado, pode ser ponto de partida para compreensão de forças mais amplas que, conjugadas, contribuiriam para o entendimento acerca da formação das feições naturais e culturais com que se deparam, estimulando um maior engajamento e uma relação mais estreita de geograficidade no/do/com o mundo. As abstrações de “beleza” são prólogos para um todo. Em si, as chamadas belezas cênicas parecem não carecer de interpretação específica. Esse senso de “beleza” pode ser algo que vemos, mas também que ouvimos (ondas, vento, pássaros); de todo modo, as vistas privilegiadas permitem que o deleite estético seja vivido e compreendido, estimulando o mistério, trazendo à vista a “beleza” oculta e propiciando que certa atmosfera positiva se instaure (TILDEN, 1976). Há que se valer da porosidade sensorial de deleite de que todo sujeito dispõe, não se atendo a essa dimensão.

6) Da informação à interpretação: atividades educacionais, ou iniciativas turísticas que visem revelar significados e relações dos objetos na/da paisagem, lançam mão da experiência em primeira mão (fenomenológica), em vez de simplesmente comunicar informação, da qual é matéria-prima. A interpretação turística das paisagens é revelação baseada em informação (TILDEN, 1976).

7) Da instrução à provocação, estimulando o leitor a ampliar seus horizontes de interesse e conhecimento, levando o ouvinte não a fazer algo para/com o intérprete (guia), mas a si

(TILDEN, 1976): para além das práticas correntes de educação formal/informal, procura ressignificar a experiência, convidando e confrontando os sujeitos com os objetos paisagísticos. A instrução, por vezes, está alijada da busca por prazer que manifestam os sujeitos.

8) Combinação complexa Arte/Ciência/Educação: a paisagem lacustre e sua interpretação são um empreendimento único e complexo, no qual são evocados e combinados aportes das Artes - a partir do legado das Artes Visuais, ou das poéticas - cuja apreciação dá forma e vida ao material bruto (TILDEN, 1976). Também, das ciências naturais e humanas, além das técnicas de educação não formal, em que o conhecimento pode ser tratado de modo imaginativo. A interpretação do patrimônio, e por extensão, da paisagem, constitui-se em arte que se pode ensinar/aprender (idem).

9) Demonstrações e *performances*: um dispositivo para tornar vívida e significativa a leitura da paisagem lacustre corresponde às demonstrações ou, até mesmo, dramatizações das atividades de navegação e/para pesca artesanal, desenvolvidas nas comunidades brasileiras como complementares ao visível, evitando os estereótipos e encorajando a participação ativa dos Sujeitos, demarcando uma experiência – próximo ao que se conhece por animação sociocultural.

10) A escrita da informação, a inscrição do sujeito: essa característica demanda mensagens escritas breves (nada em excesso), entusiasmadas, situadas em ambientes externo ou interno, que visem algo mais profundo que a mera informação. Há locais em que a instalação de placas interpretativas é desaconselhada. Citações históricas ou relevantes podem ser acionadas (TILDEN, 1976), a exemplo das descrições da Capilha por Saint Hilaire.

11) A “personalidade” da Lagoa. Em vez de colocar o intérprete humano a falar em primeira pessoa, interpelar os sujeitos por meio de painéis nos quais a Lagoa apresenta-se, fala de si, discorre sobre suas paisagens e conta suas próprias histórias e, desse modo, a convida para uma jornada de apreciação e conhecimento.

## PARA SOLTAR COM OUTROS VENTOS – CONSIDERAÇÕES (NÃO TÃO) FINAIS

Como foi montar a pipa? Foi difícil soltá-la? Seguiu o sentido previsto? Enfeitou visualmente o céu? Pode se soltar e atravessar a fronteira, ou ficará atada ao território de origem? Se tivesse uma câmera, que outros voos poderia ter registrado? Uma nova visão sobre a paisagem seria atingida, ou não? Quanto tempo a pipa manteve-se no alto? Encontrou outras pipas pelo caminho, ou não? O vento garantiu estabilidade, ou não? Ou o vento arrancou o fio da pipa? A pipa retornou intacta, ou não? O sujeito teve diversão, ou não? Que habilidades psicomotoras e cognitivas exigiram e desenvolveram nesse sujeito? Ele segue sendo o mesmo interessado em soltar pipas, ou não? Ficou instigado a produzir pipas diferentes? Entusiasmado para soltar a pipa novamente? Ficará aborrecido caso não haja vento suficiente da próxima vez? Ou ficará com medo, caso o vento anuncie um temporal? O sujeito voltou para casa até que a ventania passasse e retornou assim que pôde?

Após alçar voos, ora rasantes, ora mais altos, intercalados, chega o momento de trazermos de volta a pipa, o que, a depender do vento, rende maior ou menor esforço. É tempo de enrolar a pipa e de prospectar novos voos, quer com a mesma pipa, quer com outras. O vento que impulsiona a pipa para longe do sujeito implicado nessa atividade é o mesmo vento que desafia esse sujeito a puxá-la novamente para si, pois a ele pertence provisoriamente como objeto. O voo produz um espetáculo e garante ludicidade a esse sujeito que o empreende e, também, ao que observa. Ao mesmo tempo, o voo não será o mesmo, já que os ventos mudam. O sujeito também se transforma. Se ele se transforma, poderá não conseguir repetir o mesmo voo duas vezes. Num primeiro momento, fez-se necessário avaliar as condições do vento, estudar como se faz uma pipa e correr na direção correta para que a pipa inicie seu voo. Essa pipa poderá ganhar novos adereços para um novo voo. Poderá ser produzida uma pipa maior, mais estruturada, a partir das habilidades obtidas neste voo primeiro. Companheiros de jornada poderão ser chamados, bem como se pode compartilhar a pipa por alguns instantes.

Outras pipas já foram empinadas em outros destinos lacustres, mas não havíamos encontrado, até o momento, quem tivesse se proposto a pesquisar o voo turístico que a Lagoa Mirim permite, ou, por vezes, inibe. Contudo, outros voos, das outras pipas, empinadas em outros sítios lacustres, serviram de inspiração, orientação e questionamento para esta iniciativa. Juntamente com esse conhecimento pré-existente, e com os ensinamentos que foram

construídos pelo empinar da pipa, foi possível conduzir a uma síntese provisória que, em sendo dialógica, enseja novos ventos, novas pipas e, principalmente, que o vento siga soprando. Ao final da “brincadeira”, esperamos que o sujeito tenha se transformado, pois estará mais apto a se surpreender com os movimentos, ao soltar outras pipas. No entanto, quando junta-se a outros companheiros, haverá um festival de pipas, de formatos e cores surpreendentes que, embora tenda a ter sua trajetória determinada pelo vento, também são influenciadas pela força subjetiva do(a) pesquisador(a).

A Lagoa Mirim, em sua gênese e evolução geomorfológica, localização e clima, apresenta ventos favoráveis para se empinar pipas ao longo do ano. Porém, em dados momentos, o vento excessivo afugenta o turista ou visitante de suas margens, especialmente, no inverno. Já no verão, é amenidade que agrada o hóspede em Lago Merín.

Entre a Lagoa e o oceano estão aerogeradores que aproveitam sua energia cinética, a transformam e a transmitem energia elétrica a lares e estabelecimentos. Na Lagoa, vêm alguns barcos a motor, mas não se observam veleiros, por exemplo. Embora o vento já esteja sendo mais bem-aproveitado do que fora anteriormente, ainda é visto como obstáculo a ser transpassado. É pouco provável não o sentir. O vento movimentava as dunas da Planície Costeira, o que é processo natural e contínuo. No céu dessa área, voam muitas espécies de aves endêmicas e migratórias, que auxiliam a colorir ainda mais as pipas.

Caso as condições dos ventos favoráveis não tivessem sido detectadas *a priori*, não iniciariamos o empreendimento de montar uma pipa, tampouco, aprenderíamos metodologicamente como fazê-la ou como empiná-la. Vimos na Lagoa Mirim, em especial nos três sítios turísticos estudados, condições favoráveis para um voo científico que permitisse conhecer de modo mais aproximado, analítico e complexo tal corpo hídrico, sem discordarmos que são conhecimentos provisórios. Buscamos, na Geografia Humanista-Cultural, aportes ao conhecimento do fenômeno turístico em geral e das paisagens lacustres, em particular, balizados pelo método Complexo.

A Complexidade requer reconciliar, na intencionalidade turística, a agência dos Sujeitos com as estruturas sociais (inter)postas. A estrutura é parte do espaço geográfico. Baliza as processualidades históricas, revela o exercício do poder, garante (ou não) o exercício do lazer cidadão, permite (ou não) férias remuneradas, provê (ou não) acesso e acessibilidade nos sítios de prática, expõe as responsabilidades do poder público, da sociedade civil e das organizações no planejamento e gestão dos sítios-destino. A garantia de educação básica e formação de qualidade por parte dos visitantes, que aponte para caminhos não formais de

educação ambiental e patrimonial, faz parte das estruturas sociais a partir do qual os arranjos territoriais colocam-se, ou não, como entre-lugares turísticos, de cunho social, em uma constelação de destinos em nível regional, nacional e global.

A tomada de decisão sobre onde ir, o que visitar, o que consumir, que preço pagar e que distância percorrer, compõe a agência do turista sobre buscar, ou não, os sítios turísticos da Lagoa Mirim. Não apenas esses fatores tangíveis são importantes, como também o é a geograficidade do sujeito turístico frente ao mundo e aos lugares. O papel do agendamento midiático, que hoje perpassa a mídia social, acrescenta uma camada à estrutura já formatada, a partir da qual determinados sítios poderão projetar-se, ou não, como destinos, e os pequenos negócios neles localizados possam alçar-se como ofertantes de serviços turísticos.

Como metodologia de soltar pipas, realizamos a análise de conteúdo e, posteriormente, a interpretação dos dados. Antes do voo inaugural de pesquisa, os sítios foram previamente visitados, as redes sociais investigadas e a trajetória dos entrevistados inquirida. O ocularcentrismo ocidental, acompanhado hoje pela saturação das imagens e de sua paulatina substituição pela noção de visual, fez que buscássemos dados multifocais de fontes primárias e secundárias, entrevistas, fotografias e observações, a fim de fazer frente a essas críticas e favorecermos a triangulação, realçando a validade e confiabilidade. Apesar de a observação ser técnica, conhecida pelo visual, os múltiplos sentidos são envolvidos nos (des)encontros turísticos com a Lagoa - a pesquisa de campo foi modo de mediação para o encontro com ela.

A literatura de viagem, como os tradicionais guias de viagem, é ferramenta fundamental na historicização dos processos de ativação turística dos principais destinos. Contudo, hoje contamos com plataformas colaborativas de avaliação e recomendação, com base no depoimento e na fotografia de turistas. Ao não encontrar literatura de viagem (clássica) que citasse a Lagoa Mirim, optamos por utilizar essas ferramentas. Dialogicamente, os olhares dos *operators*, as observações tidas e os depoimentos dos entrevistados são contrapostos e complementados - compreendem a Complexidade.

Como conceituação de paisagem no/do Turismo/Lazer, os modos de ver são complementados pelos modos de ser, ou ainda, modos de ver são modos de ser, estar, ou tornar-se (um turista). Concebemos que a relação entre paisagem e turismo/lazer não se esgota no fetiche da mercadoria, mas perpassa camadas intersubjetivas e, por vezes, indeterminadas, de trocas simbólicas não mediadas pelo capital (periférico).

Evitamos utilizar variantes semióticas baseadas em Linguística por entendermos que, por vezes, as mais sutis impressões sensoriais dos turistas são restritas no/pelo (con)texto.

Lembramos que o olhar é uma prática e uma mobilidade. Assim, neste momento, vemos o Turismo na confluência de fenômenos amplos, de natureza social, geográfica e econômica. Na intersecção entre (i) mobilidades, hospitalidade/hostilidade e lazer, o Turismo desponta. Ainda, para que ocorra essa apropriação, é preciso que os sítios sejam comunicados. Mencionemos, ainda, o confronto/diálogo entre práticas conhecidas como sendo de lazer e as performances turísticas, consagradas pelo componente fotográfico.

Atingir um ou mais significados não era a proposta final, mas sim dar pistas de como a sociedade e a cultura os cria e os mantêm, o que se reproduz esteticamente e semioticamente. De um ponto de vista complexo, paisagens lacustres e práticas são tecidas juntas no/pelo turismo e o lazer. Práticas e significados equiparam-se e retroalimentam-se. As práticas representacionais, como o fotografar, parecem ser um elo concreto entre essas duas esferas.

Buscamos contemplar o primeiro objetivo específico, qual seja, caracterizar os sítios de encontro estudados como versões turísticas particulares do todo lacustre. Recursivamente, a (in)visibilidade da paisagem lacustre pampeana estudada é causa/efeito complexos da tímida ativação turística como todo. Cada sítio, como parte, é versão que holograma o todo que é o ambiente e a paisagem da Lagoa, na intermitência dos processos turísticos. Nesse sentido, não encontramos indícios de que a Lagoa Mirim esteja sendo pensada e utilizada turisticamente como um todo complexo, embora consideremos as fricções de sua extensão e das distâncias existentes. Tal constatação dá-se a partir de documentos, das fotografias, entrevistas e observações. O público visitante de um dos três sítios tende a não experimentar a paisagem da Lagoa Mirim como um todo, mas sim a partir de versões particulares, em que se diluem/cristalizam em dadas representações paisagísticas e práticas performáticas. Esses sítios, na sua singularidade, encontram rebatimentos ou resistência do complexo fenômeno do turismo/lazer que, por sua vez, apresenta faceta de pretensa universalidade. Em vez disso, os sítios estudados forjam seus próprios “modelos” de ocorrência geográfica do fenômeno.

Os recortes municipais e regionais, além das toponímias de cada um dos sítios, sobressaem-se em relação ao todo do corpo hídrico lacustre, distinto do que se intenta como gestão hídrica de modo geral. Mecanismos de controle social buscam assegurar a conservação ambiental no Taim e em seu entorno, e eles incidem sobre o planejamento territorial da Vila Capilha, o que acarreta, por sua vez, a transformação das paisagens e mercadorização, ou não, por possíveis empreendimentos turísticos, ligados a interesses e ao capital imobiliário exógenos à Vila.

Os visitantes ora acorrem à Capilha, ora ao Porto, e ora se dirigem a Lago Merín. Os propósitos e a duração do encontro também são variáveis: leva alguns minutos ou horas no Porto; passa-se o dia na Capilha (às vezes, se acampa); e dura uma temporada veraneio em Lago Merín, havendo, possivelmente, tempos de permanência e níveis de enraizamento distintos.

O entre-lugar da condição de ser/estar/tornar-se turista requer que se parta do espaço vivido pelo visitante a partir de seu arcabouço cognitivo e do *imprinting* cultural obtido, não raro, com base em lugares alhures. Alguns visitantes têm familiaridade com as feições de uma lagoa que está em uma planície costeira, outros, não. Independentemente disso, a interpretação dar-se-á recursivamente a partir do ponto de vista de quem já conhece alguns destinos, aspira outros e reside habitualmente em um ou mais lugares, somado e em contraste com o novo, o estranho (des)conhecido.

Quanto ao segundo objetivo específico de pesquisa – analisar as estéticas subjacentes à apreciação (visual) das paisagens lacustres, por meio de observações e da narrativa interna das fotografias analisadas, a intencionalidade revestida na agência do turista/visitante revela-se, por vezes, ambígua. As águas levemente onduladas da Lagoa Mirim, a linha da costa e o pôr do sol formam um conjunto paisagístico que, aparentemente, se presta à contemplação romântica que evoca as telas pintadas com cenários pitorescos aos olhos do público, em que a natureza forma um espetáculo de que o turista é observador, ou seja, o olhar romântico dos sítios brasileiros contrasta com o olhar coletivo da paisagem de férias no “lado” uruguaio.

Por outro lado, as águas da Lagoa, para alguns sujeitos, permitem um contato ativo e um confronto que envolve o visual, o psíquico e o psicomotor, por meio de atividades desportivas e recreativas. Nesse caso, requer-se, além das devidas habilidades, dispor dos equipamentos necessários. Não observamos serviços náuticos para que o visitante, sem tais atributos, possa fruir das águas da Lagoa para além das possibilidades do visual, do banho e do nado individual. Observar os sítios a partir de embarcações alteraria sobremaneira a paisagem percebida e representada. Privilégio esse que os pescadores, em seus barcos a motor, podem ter/ofertar, especialmente, no Porto Pindorama e na Vila da Capilha.

Ainda atrelado ao segundo objetivo, notamos que a paisagem figura, muitas vezes, como segundo plano, ou como fundo contíguo ao Sujeito posicionado para o clique. Nas fotografias, os sujeitos buscam atrelar o imaginário a eles atribuído ao do sítio visitado, que pode corresponder, ou não, ao ideário mercadológico projetado ou pretendido. Pesquisas de demanda e satisfação, embora não sejam frequentes institucionalmente, ocorrem espontaneamente na mídia social de modo recursivo. A reputação *online* de um destino pode ser causa/consequência



da experiência turístico-paisagística obtida no sítio, ao mesmo tempo em que a experiência descrita e fotografada por outros turistas também conformam a interpretação possível de cada paisagem analisada. Os temas da narrativa interna das fotografias apontam para o sol e a praia, o pôr do sol, a pesca, o convívio familiar, o patrimônio, entre outros. É conveniente levar em conta tais achados numa possível proposta de interpretação da paisagem na/da Lagoa, ou seja, partir das representações sociais já difundidas.

No terceiro objetivo específico buscávamos identificar as práticas e performances de turismo/lazer que ocorrem comumente nos sítios de encontro durante o veraneio. A *performance* turística estudada deve-se ao encontro interacional dos Sujeitos, quer *in situ*, quer *online*. Uma ou mais *performances* turísticas conformam, ou atualizam, as identificações individuais e coletivas. Os Sujeitos são também semióticos ao portarem e definirem os interpretantes.

Observamos uma multiplicidade de práticas, superior à reconhecida por agentes institucionais. O encontro turístico ora se insinua espontâneo, ora se mostra agendado exogenamente. As práticas turísticas, uma vez articuladas, permitirão a performatividade e, com isso, ativarão os sítios, o que se dá de modo contingente e intermitente e, ao mesmo tempo, cíclico. A natureza das práticas, e em menor medida, das *performances* informa sobre o conteúdo estético do encontro com os sítios. A semiótica das paisagens lacustres estudadas dá conta de um objeto dinâmico que é estético, ou seja, um valor que reside, por vezes, em ambiguidade. O signo é mediação entre o mundo vivido e sua interpretabilidade como tal. O interpretante dinâmico pode redundar, ou não, em uma alteração de concepção na mente do intérprete e pode se manifestar/concretizar não somente por imagens (mentais ou digitais), ou por enunciados de um juízo estético, mas também por meio de atividades que ocorrem em função de sensibilidades corporificadas do ambiente.

As *performances* observadas/fotografadas dão pista sobre o grau de adesão, voluntária ou não, dos sujeitos individuais ou coletivos, a determinados códigos sociais (como o de vestimenta) igualmente contingentes no espaço-tempo. A “farofada” foi abordada como *performance* turística de classe. Por vezes, a *performance* turística reforça a contestação de certos códigos, enquanto, dialogicamente, cria, mantém e multiplica outros. O turismo/lazer é sobre replicar a *performance* turística em condições espaço-temporais e (auto)biográficas (identitárias) específicas. As mobilidades turísticas podem ter sido orquestradas para tal, ou como contraponto, podem ser encenadas diferentemente pelos Sujeitos, de acordo com a mobilidade do próprio palco, seu *backstage* e *frontstage*. Nos sítios de estudo, a falta de

performances prescritas claramente sobre o que ver e o que fazer quando em visita a um dos sítios estudados, pode colaborar para que sejam considerados pouco “turísticos”.

A observação da paisagem e sua representação em imagens informam a geografia e a história cultural do olhar. Na dualidade romântico/coletivo, seria a fotografia atual resultante de um novo olhar coletivo do turista, de encontros compartilhados<sup>98</sup>, apesar de alguns temas românticos retratados? Seria o Instagram uma manifestação de calor cultural no/do Turismo, que desafia arquétipos de representação paisagística, calcados na horizontalidade e na inserção/remoção do observador do campo visual, tal como retratado em muitas telas pintadas outrora?

Verificamos que a fotografia turística contemporânea, digital e disponível em mídia social, reside na ambiguidade entre amador e profissional, entre *studium* e *punctum*, entre retrato e paisagem. A *performance* fotográfica reconcilia as dimensões representacional e mais-que-representacional dos encontros com as paisagens. Nesse contexto, parece haver uma dissolução da linha que separa produtor/consumidor de conteúdo *online*, *operator* e *spectator*, em que os Sujeitos, a depender de seu posicionamento no (ciber)espaço, podem ser co-produtores de experiência e valor (mercadológico), de modo subjetivo – o que é recentemente descrito – dissolvendo os limites entre pré-experiência, experiência propriamente dita e o pós-experiência. Nesse sentido, até que ponto o deslocamento para fotografar o *self* em um cenário paisagístico ainda configura o turismo como descoberta despretensiva do espaço?

Buscamos transcender o enfoque da paisagem consumida pelo turismo/turistas, quer simbólica – quer concretamente, quer simbolicamente – para a coprodução móvel e provisória de uma paisagem, nos/dos turistas/visitantes. A fotografia clicada e comentário postado podem ser paradoxalmente índices ou ícones do encontro tido, ou das férias usufruídas, ou ainda, símbolo de status, por exemplo. Tais cenas configuram dialogicamente convites para os demais Sujeitos, ao que parece, independentemente da agência de Sujeitos da política/marketing turístico que incide nos locais, possivelmente um falso dualismo entre a imagem<sup>99</sup> projetada e a percebida, ou seja, entre estrutura societal e agência individual.

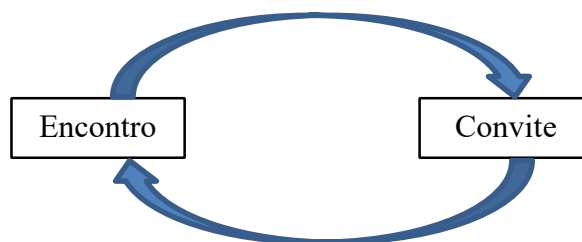
Para cada encontro, um ou mais convites podem ter sido direcionados – Figura 13 – do mesmo em que fragmentos intencionais do encontro podem se constituir em convites, na/da circularidade da significação, e em instância superior, da comunicação.

---

<sup>98</sup> Não estamos fazendo alusão ao compartilhamento de fotografias.

<sup>99</sup> Estamos falando de imagem da marca, de acordo com lições do marketing de destinos.

**Figura 13 - Recursividade encontro/convite turístico**



Fonte: Elaboração do autor (2020).

Cogitamos que os encontros turísticos também sejam situações estéticas privilegiadas. O Sujeito *operator* da fotografia parece se mostrar estético, ao buscar vistas superiores, ângulos adequados e objetos pungentes da paisagem e, ao realizar curadoria de suas fotografias, já durante o encontro, podendo revisitá-las e ressignificá-las intersubjetivamente em momento futuro. Cada sujeito tem historicidade e geograficidade particulares, embora inserido no contexto simbólico, cultural e comportamental.

Se devidamente autorizado, algumas fotografias analisadas poderiam ser utilizadas em campanhas publicitárias da Lagoa Mirim em si, ou do Rio Grande do Sul, por exemplo. Cada vez mais o turista deseja enxergar(-se) pelo olhar de um companheiro-turista, e não mais, necessariamente, pela visão técnica, intencional e potencialmente deformadora, de um especialista em planejamento e organização de viagens e turismo, ou de *marketing* a partir de suas fotografias. Ativemo-nos a estudar as estéticas da paisagem e da(s) natureza(s) subjacentes às fotografias turísticas, e não propriamente avaliar o mérito estético destas, o que demandaria outros aportes técnico-científicos.

Como proposições, a partir da revisão teórico-conceitual efetuada e dos dados analisados, podem ser elaboradas diretrizes para um possível plano de ação, pautado no turismo e no lazer. Para atingir isso, é necessário transcender a escala da gestão de esferas locais e, até mesmo, os recortes delimitados pelas regionalizações turísticas vigentes, com suas macros e microrregiões e os posicionamentos mercadológicos delas decorrente, como o da Costa Doce gaúcha e a chamada Costa do Mar – esta que privilegia o oceânico ao lacustre. É preciso, pois, considerar recorrer à transfronteirização, a partir da paradiplomacia turística. Esforços conjuntos para a gestão das águas da Lagoa vêm sendo empreendidos entre os dois países de que faz parte; o turismo/lazer é um dos usos, não consuntivos e, portanto, parte interessada na gestão hídrica eficiente e sustentável.

Não é intento inculcar interpretações hegemônicas ao objeto da paisagem vivenciada. Pelo contrário, há que se (re)constituir continuamente o processo de interpretação turística das

paisagens lacustres. Cabe somar as textualidades da paisagem de acordo com os turistas e os gestores com as percepções e representações dessa paisagem com especialistas e com a comunidade local, a fim de compor um produto territorial baseado em interpretação da paisagem lacustre, estimulando o que o turista a realizar um circuito, partindo de Pelotas ou Rio Grande (ou origens mais remotas), com duração de um final de semana, que contemple trechos dos dois países, o que ainda inexistente. Sugerimos grupos de discussão com residentes de cada um dos sítios, baseado em imagens e painel com especialistas em ecoturismo, a fim de balizar o desenvolvimento de novos produtos, o que guarda afinidade com o campo do Marketing.

Partimos do princípio de que leitura da paisagem não é promessa de interpretação satisfatória, no que tange à complexidade envolvida em sua processualidade social, geomorfológica e histórica. A Lagoa está na história, e a história está na Lagoa. Temporalidades distintas entrecruzam-se. O trânsito fluido da BR-471 e da BR-116 (pelo lado do Brasil), em busca do destino Uruguai, bem como dos bens ofertados na fronteira, contrapõem-se (ou se somam) à temporalidade cíclica de balneários e sítios. Ao longo do ano, a sazonalidade faz com que os turistas se avolumem no verão, e não sejam tão notados nas outras estações, embora sim visitem os sítios. Há sazonalidade também na pesca, embora por razões distintas e alheias a esta pesquisa.

Além dos eventos atlético-desportivos e de beleza que ocorrem em Lago Merín, sugerimos eventos náuticos na Capilha e em Santa Vitória do Palmar, a exemplo do que já ocorreu no passado na cidade vitoriense, reunindo veleiros, aproveitando o vento abundante para projetar o ideário turístico e instigar a intencionalidade turística do corpo-sujeito. Competições ou festivais de pipas poderiam ser promovidos simultaneamente nos três sítios, a fim de conferir-lhes visibilidade e densidade simbólica, como parte do todo lacustre. O maior aproveitamento das águas e dos ventos para a função turístico-recreativa apareceu como premência no estudo de Rudzewicz (2018), sobre a Laguna dos Patos, diante de um contexto de descontinuidade de ações articuladas, o que parece caber para a Lagoa Mirim. No caso de ocorrência de eventos como esses, em não havendo leitos hoteleiros e serviços de alimentação suficientes, poderão ser constituídos iniciativas solidárias e alternativas, ainda que temporárias, para tais empreendimentos. É necessário constante inventário turístico dos sítios e dos municípios envolvidos.

Como limitações deste soltar pipa e, ao mesmo tempo, eixos para aprofundamento em pesquisas futuras, apontamos a abordagem das ideologias como sustentadoras de determinados comportamentos sociais e ações socioespaciais, sob a estrutura socioprodutiva vigente. A

disputa de sentidos entre um imaginário de projeção turística e o de território usado por atividades agropecuárias, poderá ser contemplada em futuros trabalhos, quer dizer, que a disputa de sentidos sobre as paisagens pode redundar em certas territorialidades hegemônicas.

Embora pudéssemos contar com pistas, os fotógrafos cujos registros utilizamos não foram questionados sobre sua intencionalidade como autores, que pode diferir da intenção do leitor. A ciência da Comunicação pode auxiliar no encaminhamento dessas e outras questões. Esta pesquisa também não abarcou o perfil do turista/visitante, não problematizou questões de renda/classe inerentes aos Sujeitos que buscam as paisagens lacustres estudadas, tampouco, se realizou análise aprofundada sobre se, e como, o turismo/lazer participa da pauta e da agenda da governança do corpo hídrico, o que compete ao Brasil (RS) e ao Uruguai. A paradiplomacia é intensa entre Brasil e Uruguai, e tem sido apontada como um caminho para a concertação de agendas comuns por meio de instâncias de governança representativas dos setores envolvidos. Essas são limitações a serem enfrentadas em futuros empreendimentos de pesquisa.

Nessa agenda, também figuram questionamentos que derivam do trabalho de tese, que chega a seu fim provisório. Como tornar mais significativos os encontros entre turistas/lazeiristas e Lagoa Mirim? Ou ainda, como promover encontros, diretos e indiretos, entre turistas e as comunidades que residem de modo permanente nas adjacências dos locais estudados? Qual a natureza do encontro com a alteridade paisagística lacustre no/pelo ciberespaço? Como revelar ao turista a complexidade da Lagoa em termos ecossistêmicos, históricos e socioculturais? Como difundir o imaginário turístico da Mirim em termos de fotografia digital e mídia social? Como mudar a direção dos ventos, no que tange a tornar a Lagoa paisagem (mais) atrativa como sítio(s) de turismo/lazer? Como fazer com que se torne um local de exposição, em cada objeto ali situado tende a ser valorizado socialmente? Como ofertar produtos que permitam experiências memoráveis de contato com águas lacustres? Como prolongar a estada e os encontros dos Sujeitos? Como prover subsídios para a superação da narrativa de monotonia paisagística, em direção à paisagem complexa e preñe de símbolos, até então invisibilizados? Como assegurar com que os Sujeitos realizem encontros dialógicos com a paisagem lacustre e com os habitantes dos sítios? Como permitir que os visitantes se adaptem ao lugar de encontro, em vez de os sítios terem de se alterar substancialmente por meio da implantação de infraestruturas e serviços, como modelo vigente de turismo institucionalizado? Cabe ainda, uma pergunta, com outros ventos, chegamos a uma possível resposta: O que torna uma paisagem turística?

## REFERÊNCIAS

ACHKAR, M.; DOMINGUEZ, A.; PESCE, F. **Cuenca de la Laguna Merín-Uruguay: Aportes para la discusión ciudadana**. Montevideu: Redes, 2012. Disponível em: <<https://www.redes.org.uy/wp-content/uploads/2012/12/Publicacion-Laguna-Merín-WEB.pdf>>.

ADEY, P. **Mobility**. Londres: Routledge, 2010.

ADLER, J. Origins of sightseeing. **Annals of Tourism Research**, v. 16, n. 1, p. 7–29, 1989.

AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DA BACIA DA LAGOA MIRIM – ALM. **Bacia Hidrográfica da Lagoa Mirim**. Pelotas: ALM, 2019. Disponível em: <[https://wp.ufpel.edu.br/alm/?page\\_id=2103](https://wp.ufpel.edu.br/alm/?page_id=2103)>. Acesso em: 31 dez. 2019.

AMARAL, A. F. **O porto mais meridional do Brasil: Sua história e seu significado**. Santa Vitória do Palmar: Liberal, 2008.

AMARAL, A. F. **Santa Vitória do Palmar: 150 anos**. Santa Vitória do Palmar: Liberal, 2006.

AMBROZIO, J. Viagem, turismo, vilegiatura. **Geosp**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 105–113, 2005.

ARRUDA, A. P. De; FURTADO, E. M. Os “farofeiros” em excursão nas lagoas de Arituba, Boágua e Carcará (Nísia Floresta, RN): Uma outra face do turismo potigual. **Revista de Geografia UFPE**, Recife, v. 29, n. 2, p. 218–236, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMPRESAS DE ECOTURISMO E TURISMO DE AVENTURA. **Atividades**. São Paulo: Abeta, 2020. Disponível em: <<http://abeta.tur.br/pt/atividades-lista/>>. Acesso em: 31 dez. 2020.

ATLAS SOCIECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Região Metropolitana de Porto Alegre**. Porto Alegre: Secretaria de Estado do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2019.

BANKS, M. **Dados visuais para a pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARTHES, R. **A câmara clara: Nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

BARTHES, R. **El obvio y lo obtuso: Imágenes, gestos, voces**. Barcelona: Paidós, 1986.

BASSO, L. A. Bacias Hidrográficas do Rio Grande do Sul: Implicações ambientais. In: VERDUM, R.; BASSO, L. A.; SUERTEGARAY, D. M. A. (Org.). **Rio Grande do Sul: Paisagens e Territórios em transformação**. 2. ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2012.

p. 87–108.

BEETON, S. The case study in tourism research: A multi-method case study approach. In: RITCHIE, B. W.; BURNS, P.; PALMER, C. (Org.). **Tourism research methods: Integrating theory with practice**. Oxfordshire: Cabi Publishing, 2005. p. 37–48.

BELO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo402.belo>>. Acesso em: 31 dez. 2019.

BENI, M. C.; MOESCH, M. M. A teoria da complexidade e o ecossistema de turismo. **Turismo: Visão e Ação**, Balneário Camboriú, v. 19, n. 3, p. 430–457, 2017.

BENTO, F. R. Fronteiras, significado e valor – a partir do estudo da experiência das cidades-gêmeas de Rivera e Santana do Livramento. **Conjuntura Austral**, Santana do Livramento, v. 3, n. 2, p. 43–60, 2012.

BERLEANT, A. The Art in knowing a landscape. **Diogenes**, v. 59, n. 1–2, p. 52–62, 2012.

BERQUE, A. **El pensamiento paisajero**. Madri: Biblioteca Nueva, 2009.

BESSE, J.-M. **Ver a Terra**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BIANCHI, R. V.; STEPHENSON, M. L. Deciphering tourism and citizenship in a globalized world. **Tourism Management**, v. 39, n. 12, p. 10–20, 2013.

BOSI, A. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, A. (Org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 65–87.

BOYER, M. **História do turismo de massa**. Bauru: Edusc, 2003.

BRADY, E. **Aesthetics of the natural environment**. Tuscaloosa, Edinburgh: University of Alabama Press, Edinburgh University Press, 2003.

BRADY, E.; HAAPALA, A. Melancholy as an aesthetic motion. **Contemporary Aesthetics**, v. 1, n. 1, p. 1–1, 2003.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Ecoturismo: Orientações básicas**. 2. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010a.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo náutico: Orientações básicas**. 3. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010b.

BROOK, I. Aesthetic appreciation of landscape. In: HOWARD, P.; THOMPSON, I.; WATERTON, E. (Org.). **The Routledge Companion to Landscape Studies**. Londres: Routledge, 2013. p. 108–118.

BRUNI, J. C. A água e a vida. **Tempo Social**, São Paulo, v. 5, n. 1–2, p. 53–65, 1993.

- BRZEZINSKI, M. L. N. O Brasil e os tratados sobre águas transfronteiriças. In: RIBEIRO, W. C. (Org.). **Conflitos e cooperação pela água na América Latina**. São Paulo: Annablume, 2013. p. 101–140.
- CALABRESE, O. **La era neobarroca**. 2. ed. Madri: Cátedra, 1994.
- CAMARGO, O. A. **Rio Grande do Sul: Atlas eólico**. Porto Alegre: Secretaria de Minas, Energia e Comunicações, 2012.
- CAMUS, S. et al. **100 obras-chave de Filosofia**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CARDIN, E.; ALBUQUERQUE, J. L. C.; PAIVA, L. F. A fronteira como campo de pesquisa. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 49, n. 3, p. 15–28, 2019.
- CASTRO, I. E. de. **Geografia e Política: Território, escalas de ação e instituições**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CASTRO, I. E. de. Paisagem e turismo: De estética, nostalgia e política. In: YÁZIGI, E. (Org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 121–140.
- CASTROGIOVANNI, A. C. **A geografia do espaço turístico, como construção complexa de comunicação**. 2004. 335 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- CASTROGIOVANNI, A. C. Paisagens sem fronteiras, geograficidade sem limites. **Turismo: Planejamento estratégico e capacidade de gestão - desenvolvimento regional, rede de produção e clusters**. Barueri: Manole, 2012. p. 29–44.
- CASTROGIOVANNI, A. C. Turismo e ordenação do espaço urbano. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Turismo urbano**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 23-32.
- CAUQUELIN, A. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CHANDLER, D. **Semiotics: The basics**. Londres: Routledge, 2003.
- CHAUÍ, M. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, A. (Org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 31-63.
- CLAVAL, P. **Epistemologia da Geografia**. 2. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.
- CLEMENTE, I. La región de frontera Brasil-Uruguay y la relación binacional: Pasado y perspectivas. **Revista Uruguaya de Ciencia Política**, v. 19, n. 1, p. 165–184, 2010.
- COHEN, S.; DUNCAN, T.; THULEMARK, M. Lifestyle mobilities: The crossroads of Travel, Leisure and Migration. **Mobilities**, v. 10, n. 1, p. 155–172, 2015.
- COLLOT, M. Horizonte e estrutura do horizonte: Entre o Oriente e o Ocidente. **Geograficidade**, Niterói, v. 6, n. 2, p. 4–12, 2016.



COLLOT, M. Pontos de vista sobre a percepção de paisagens. In: NEGREIROS, C.; ALVES, I.; LEMOS, M. (Org.). **Literatura e paisagem em diálogo**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012. p. 11–28.

CORBIN, A. **O território do vazio**: A praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CORRÊA, R. L. **Caminhos paralelos e entrecruzados**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

CORRÊA, R. L. Denis Cosgrove - A paisagem e as imagens. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 29, p. 7–21, 2011.

CORRÊA, R. L. Formas simbólicas e espaço: Alguns considerações. **Geographia**, Niterói, v. 9, n. 17, p. 7–17, 2007.

COSGROVE, D. A geografia está em toda a parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Geografia cultural**: Uma antologia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92–123.

COSGROVE, D. **Geography and Vision**: Sensing, imagining and representing the world. Londres: IB Tauris, 2008.

COSGROVE, D. Landscape and the European Sense of Sight – Eyeing the Nature. In: ANDERSON, K. et al. (Org.). **Handbook of Cultural Geography**. Londres: Sage Publications, 2002. p. 249–268.

COSGROVE, D.; DANIELS, S. **Social formation and symbolic landscape**. Madison: University of Wisconsin Press, 1984.

COUTINHO, M. V. C. **O destino turístico na mídia social**: Uma análise de conteúdo das postagens dos viajantes da Capilha/Taim - Rio Grande/RS. 2015. 57 f. Monografia (Graduação em Turismo Binacional) - Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2015.

CRANG, M. Geografias culturais do turismo. In: LEW, A. A.; HALL, C. M.; WILLIAMS, A. M. (Org.). **Compêndio de Turismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2007. p. 97–108.

CRANG, M. Knowing, tourism and practices of vision. In: CROUCH, D. (Org.). **Leisure/tourism geographies**: Practices and geographical knowledge. Londres: Routledge, 1999. p. 238–256.

CRANG, M. Picturing practices: Research through the tourist gaze. **Progress in Human Geography**, v. 21, n. 3, p. 359–373, 1997.

CRAWSHAW, C.; URRY, J. Tourism and the photographic eye. In: ROJEK, C.; URRY, J. (Org.). **Touring cultures**: Transformations of travel. Londres: Routledge, 1997. p. 176–196.

CRESSWELL, T. Landscape and the obliteration of practice. In: ANDERSON, K. et al. (Org.). **Handbook of Cultural Geography**. Londres: Sage Publications, 2002. p. 269–281.

CROUCH, D. Flirting with space: thinking landscape relationally. **Cultural Geographies**, v. 17, n. 1, p. 5–18, 2010.

CROUCH, D. Geographies of leisure. **A Handbook of Leisure Studies**. Londres: Palgrave MacMillan, 2006. p. 125–139.

CROUCH, D. Introduction. In: CROUCH, D. (Org.). **Leisure/tourism geographies: Practices and geographical knowledge**. Londres: Routledge, 1999. p. 1–16.

CROUCH, D. Práticas e resultados turísticos. In: LEW, A.; HALL, C.; WILLIAMS, A. (Org.). **Compêndio de Turismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2007. p. 111–120.

CROUCH, D.; ARONSSON, L.; WAHLSTRÖM, L. Tourist encounters. **Tourist Studies**, v. 1, n. 3, p. 253–270, 2001.

CROUCH, D.; LÜBBREN, N. Introduction. In: CROUCH, D.; LÜBBREN, N. (Org.). **Visual culture and tourism**. Londres, Nova York: Berg, 2003. p. 1–23.

CRUZ, R. de C. A. da. **Política de turismo e território**. São Paulo: Contexto, 2002.

CUNHA, N. da et al. **Visite Uruguay: Del balneario al país turístico**. Montevideu: Ediciones de la Banda Oriental, 2012.

DA SOLLER, J.; CASTROGIOVANNI, A. C. Geografia e Turismo: Caminhos e desafios para a leitura complexa do patrimônio de Garopaba (SC). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 198–214, 2014.

DABEZIES, J. M. Visuality, palm trees and tourism in Uruguay: Between tropical and traditional representations of postcolonialism. **Annals of Tourism Research**, v. 81, n. 3, p. 1–12, 2020.

DARDEL, E. **O homem e a terra: Natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DECICINO, R. **As fronteiras brasileiras: Os limites do nosso território**. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/geografia/fronteirasbrasileiras-os-limites-do-nosso-territorio.htm>>. Acesso em: 31 dez. 2013.

DELL'AGNESE, E.; SZARY, A. L. A. Introduction – Borderscapes: From border landscapes to border aesthetics. **Geopolitics**, v. 20, n. 1, p. 4–13, 2015.

DINHOPL, A.; GRETZEL, U. Selfie-taking as touristic looking. **Annals of Tourism Research**, v. 57, n. 1, p. 126–139, 2016.

DONNAN, H. Anthropology of borders. In: WRIGHT, J. D. (Org.). **International**

**Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences**. 2. ed. Oxford: Elsevier, 2015. p. 760–765.

EDENSOR, T. Mundane mobilities, performances and spaces of tourism. **Social & Cultural Geography**, v. 8, n. 2, p. 199–215, 2007.

EDENSOR, T. Performing tourism, staging tourism: (Re)producing tourist space and practice. **Tourist Studies**, v. 1, n. 1, p. 59–81, 2001.

EDENSOR, T. The more-than-visual experiences of tourism. **Tourism Geographies**, v. 20, n. 5, p. 913–915, 2018.

EICHENBERGER, C. C. D. **Diagnóstico participativo no planejamento e ordenamento territorial de unidades de conservação: O caso da Estação Ecológica do Taim**. 2015. 113 f. Dissertação (Mestrado em Gerenciamento Costeiro) – Instituto de Oceanografia, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2015.

EMBAJADA DEL URUGUAY EN BRASIL. **Dados básicos**. Brasília: Embaixada do Uruguai no Brasil. Disponível em: <<http://www.emburuguai.org.br>>. Acesso em: 1 jan. 2019

EMYDGIO, D. V. **Lagoa Mirim: um paraíso ecológico**. Pelotas: Editora UFPel, 2008.

FERRARA, L. D. Os lugares improváveis. In: YÁZIGI, E. (Org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 65-82.

FERREIRA, L. R. **Transformações na paisagem urbana de Santa Vitória do Palmar-RS: Relações sociais, políticas de habitação e a produção da cidade**. 2009. 167 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman/Artmed, 2009.

FRANKLIN, A.; CRANG, M. A. The trouble with tourism and travel theory? **Tourist Studies**, v. 1, n. 1, p. 5–22, 2001.

FRATUCCI, A. C. Turismo e território: Relações e complexidades. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 14, n. sup. 1, p. 87–96, 2014.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA – FEE. **Idese**. Porto Alegre: FEE, 2018. Disponível em: <<https://www.fee.rs.gov.br/indicadores/indice-de-desenvolvimento-socioeconomico>>. Acesso em: 31 dez. 2019.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA – FEE. **Municípios**. Porto Alegre: FEE, 2018. Disponível em: <<https://www.fee.rs.gov.br/indicadores/indice-de-desenvolvimento-socioeconomico/>>. Acesso em: 31 dez. 2018.

FUNDAÇÃO ESTADUAL DE PROTEÇÃO AMBIENTAL HENRIQUE ROESSLER – FEPAM. **Região Hidrográfica Litoral**. Porto Alegre: Fepam. Disponível em:

<[http://www.fepam.rs.gov.br/qualidade/bacias\\_hidro.asp](http://www.fepam.rs.gov.br/qualidade/bacias_hidro.asp)>. Acesso em: 31 dez. 2019.

GASTAL, S. de A. **Alegorias urbanas**: O passado como subterfúgio. Campinas: Papirus, 2006.

GASTAL, S. de A. **Edgard Vasques** – desenhista crônico. Porto Alegre: Gastal & Gastal, 2013a.

GASTAL, S. de A. Imagem, Paisagem e Turismo: A construção do olhar romântico. **Pasos**, v. 11, n. 3, p. 123–133, 2013b.

GASTAL, S. de A.; CASTROGIOVANNI, A.C. Fronteiras e turismo: Tencionando conceitos. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL - Semintur, 4., 2006, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: UCS, 2006. p. 1-15.

GOES FILHO, S. S. **As fronteiras do Brasil**. Brasília: Funag, 2013. Disponível em: <<http://funag.gov.br/biblioteca/download/1030-as-fronteiras-do-brasil.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GOFFMAN, E. **Encounters**: Two studies in Sociology of interaction. Indianápolis: Bobbs-Merrill, 1961.

GOMES, P. da C. **O lugar do olhar**: Elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GOUVÊA, T.; ZARNOT, D. H.; ALBA, J. M. P. Caracterização geoambiental e histórico do processo de desenvolvimento da bacia da Lagoa Mirim. In: ALBA, J. M. F. (Org.). **Sustentabilidade socioambiental da bacia da Lagoa Mirim**. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2010. p. 17–28. Disponível em: <<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/912638/1/Livrolagoamirimcomcapa.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2013.

HALL, C. M.; HÄRKÖNEN, T. **Lake tourism**: An introduction to lacustrine tourism systems. Buffalo: Channel View Publications, 2006.

HALL, C. M.; PAGE, S. J. Progress in Tourism Management: From the geography of tourism to geographies of tourism – A review. **Tourism Management**, v. 30, n. 1, p. 3–16, 2009.

HALL, M. C.; VALENTIN, A. Content analysis. In: RITCHIE, B. M.; BURNS, P.; PALMER, C. (Org.). **Tourism research methods**: Integrating theory with practice. Oxfordshire: Cabi Publishing, 2005. p. 191–210.

HISSA, C. E. V. **A mobilidade das fronteiras**: Inserções da geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

HOLZER, W. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar,

território e meio ambiente. **Território**, v. 2, n. 3, p. 77–85, 1997.

INGOLD, T. The eye of the storm: Visual perception and the weather. **Visual Studies**, v. 20, n. 2, p. 97–104, 2005.

INGOLD, T. **The perception of the environment**: Essays on livelihood, dwelling and skill. Londres, Nova York: Routledge, 2000.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Monumentos e Espaços Públicos Tombados - Jaguarão (RS)**. Brasília: IPHAN, 2020. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1537/>>. Acesso em: 31 dez. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **IBGE Cidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **IBGE Cidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

JACOBSEN, J. K. S. Use of landscape perception methods in tourism studies: A review of photo-based research approaches. **Tourism Geographies**, v. 9, n. 3, p. 234–253, 2007.

JENNINGS, G. R. Interviewing: A focus on qualitative techniques. In: RITCHIE, B. W.; BURNS, P.; PALMER, C. (Org.). **Tourism research methods**: Integrating theory with practice. Oxfordshire: Cabi Publishing, 2005. p. 99–15.

JOHNSON, C. et al. Interventions on thinking the ‘border’ in border studies. **Political Geography**, v. 30, n. 2, p. 61–69, 2011.

JOLY, M. **Introdução à análise de imagens**. 14. ed. Campinas: Papirus, 2012.

KNUDSEN, D. C.; METRO-ROLAND, M. M.; RICKLY-BOYD, J. M. Landscape studies and tourism research. In: HOWARD, P.; THOMPSON, I.; WATERTON, E. (Org.). **The Routledge Handbook of Tourism Geographies**. Londres: Routledge, 2013. p. 286–295.

KNUDSEN, D. C.; METRO-ROLAND, M. M.; RICKLY-BOYD, J. M. Tourism, aesthetics, and touristic judgment. **Tourism Review**, v. 19, n. 4, p. 179–191, 2015.

KNUDSEN, D. C.; RICKLY-BOYD, J. M.; METRO-ROLAND, M. M. Landscape perspectives on tourism geographies. In: WILSON, J. (Org.). **Landscape perspectives on tourism geographies**. Londres: Routledge, 2012. p. 201–207.

KNUDSEN, D. C.; SOPER, A. K.; METRO-ROLAND, M. Commentary: Gazing, performing and reading - A landscape approach to understanding meaning in Tourism theory. **Tourism Geographies**, v. 9, n. 3, p. 227–233, 2007.

KONU, H.; TUOHINO, A.; KOMPPULA, R. Lake wellness – A practical example of a new service development (NSD) concept in tourism industries. **Journal of Vacation**

**Marketing**, v. 16, n. 2, p. 125–139, 2010.

KUNZ, J. G.; CASTROGIOVANNI, A. C. Concepções de paisagem em estudos de imagem de destinos: Uma revisão desde a Geografia Humanista-Cultural. **Marketing & Tourism Review**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 1–42, 2020a.

KUNZ, J. G.; CASTROGIOVANNI, A. C. Lagoa Mirim (Brasil/Uruguai): Três versões turísticas de uma paisagem. **Relacult**, Foz do Iguaçu, v. 6, n. 3, p. 1–24, 2020b.

KUNZ, J. G.; CASTROGIOVANNI, A. C. Turismo e paisagens lacustres: Uma análise estética de fotografias da Lagoa Mirim (Brasil/Uruguai). **Turismo: Visão e Ação**, Balneário Camboriú, v. 22, n. 3, p. 508–532, 2020c.

KUNZ, J. G.; PIMENTEL, M. R.; TOSTA, E. Mobilidades turísticas: Cruzando os limites das fronteiras. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO - ANPTUR, 11., 2014, Fortaleza. **Anais...** São Paulo: Aleph, 2014. p. 1-18.

LARSEN, J. Geographies of tourist photography: Choreographies and performances. In: FALKHEIMER, J.; JANSSON, A. (Org.). **Geographies of Communication: The spatial turn in media studies**. Gotemburgo: Nordicom, 2006. p. 243–261.

LARSEN, J.; URRY, J. Gazing and performing. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 29, n. 6, p. 1110–1125, 2011.

LÖFGREN, O. **On Holiday: The history of vacationing**. Berkeley: University of California Press, 1999.

LORIMER, H. Cultural geography: the busyness of being 'more-than-representational'. **Progress in Human Geography**, v. 29, n. 1, p. 23–84, 2005.

MACCANNELL, D. **The ethics of sightseeing**. Berkeley: The University of California Press, 2011.

MACCANNELL, D. The making of The Tourist. **Via - Tourism Review**, v. 13, p. 1–10, 2018.

MACCANNELL, D. **The tourist: A new theory of the leisure class**. Berkeley: University of California Press, 1999.

MACCANNELL, D. Tourist agency. **Tourist Studies**, v. 1, n. 1, p. 23–37, 2001.

MACHADO, J. B. **Análise da governança das águas da bacia hidrográfica da Lagoa Mirim, extremo sul do Brasil**. 2012. 205 f. Dissertação (Mestrado em Gerenciamento Costeiro) – Instituto de Oceanografia, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012.

MARANDOLA, H. L.; OLIVEIRA, L de. Origens da paisagem em Augustin Berque: pensamento paisageiro e pensamento da paisagem. **Geograficidade**, v. 8, n. 2, p. 139–148, 2018.

MARTINS, C. B. Resenha: A contemporaneidade de Erving Goffman no contexto das Ciências Sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 26, n. 77, p. 231–240, 2011.

MATLESS, D. Introduction: The properties of landscape. In: ANDERSON, K. et al. (Org.). **Handbook of Cultural Geography**. Londres: Sage Publishing, 2002. p. 227–232.

MEINIG, D. W. The beholding eye: Ten versions of the same scene. In: MEINIG, D. W. (Org.). **The interpretation of ordinary landscapes**. New York, Oxford: Oxford University Press, 1979. p. 33–48.

MELLO, M. M. **Repercussões de um projeto turístico: Revitalização do Porto de Santa Vitória do Palmar (2006-2008)**. 2017. 116 f. Monografia (Graduação em Turismo Binacional) – Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2017.

MELLO, T. F. de. **O Município de Santa Vitória do Palmar: Estudo histórico, físico e político**. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992.

MENESES, U. T. B. de. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, E. (Org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 29-64.

MIGLIARO, A. **Por la frontera: Una mirada psicosocial a los pescadores artesanales de la cuenca de la Laguna Merín en el Uruguay**. 2014. 128 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Faculdade de Psicologia, Universidade da República, Montevídeu, 2014.

MINCA, C. El sujeto, el paisaje y el juego posmoderno. In: NOGUÉ, J. (Org.). **El paisaje en la cultura contemporánea**. Madri: Biblioteca Nueva, 2008. p. 209–232.

MINCA, C. The cultural geographies of landscape. **Hungarian Geographical Bulletin** v. 62, n. 1, p. 47–62, 2013.

MINCA, C. The tourist landscape paradox. **Social & Cultural Geography**, v. 8, n. 3, p. 433–453, 2007.

MINISTÉRIO DE INDÚSTRIA Y ENERGÍA. **Elementos del ciclo hidrológico**. Montevídeu: Ministério de Indústria y Energía, 1986.

MINISTÉRIO DE TURISMO DE URUGUAY. **Home**. Montevídeu: Ministério do Turismo. Disponível em: <<https://turismo.gub.uy/index.php/pr/>>. Acesso em: 31 dez. 2019.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE - MMA. **Água**. Brasília: MMA, 2019. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/agua.html>>. Acesso em: 31 dez. 2019.

MORIN, E. **O Método 1: A natureza da natureza**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2016.

- MORIN, E. **Ciência com consciência**. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- MORIN, E. **O Método 3: O conhecimento do conhecimento**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015b.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015a.
- MORIN, E. **O Método 5: A humanidade da humanidade - a identidade humana**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- MORIN, E. **O Método 4: As ideias – habitat, vida, costumes, organização**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- NOGUÉ, A. El paisaje en el arte contemporáneo: de la representación a la experiencia del paisaje. In: NOGUÉ, J. (Org.). **El paisaje en la cultura contemporánea**. Madri: Biblioteca Nueva, 2008. p. 155–168.
- NORUM, R.; MOSTAFANEZHAD, M. A chronopolitics of Tourism. **Geoforum**, v. 77, n. 12, p. 157–160, 2016.
- NOTAS DE CAMPO**. [S.l: s.n.], 2020.
- NÖTH, W. **Handbook of Semiotics**. Bloomington, Indianapolis: Indiana University Press, 1995.
- NÚCLEO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL – NEMA. **Projeto Taim Banhado de Vida**. Rio Grande: Nema, 2003. Disponível em: <<https://nema-rs.org.br/projetos>>. Acesso em: 31 dez. 2019.
- OCEANO. **Busca**. Rio Grande: Oceano, 2020. Rio Grande: [s.n.], [S.d.]
- PALHARES, G. L. **Transportes turísticos**. São Paulo: Aleph, 2002.
- PANOFSKY, E. **Significado nas Artes Visuais**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- PIEVE, S. M. N.; KUBO, R. R.; SOUZA, G. C. **Pescadores da Lagoa Mirim: Etnoecologia e Resiliência**. Brasília: MDA, 2009.
- PIMENTEL, M. R. **Cataratas do Iguazu: Experiências e registros de uma paisagem turística**. 2010. 219 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- PIMENTEL, M. R.; CASTROGIOVANNI, A. C. Geografia e Turismo: Em busca de uma interação complexa. **Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul, v. 7, n. 3, p. 440–458, 2015.
- PINK, S. Sensory digital photography: Re-thinking “moving” and the image. **Visual Studies**, v. 26, n. 1, p. 43–13, 2011.
- PINTURA de paisagem. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras (Org.). São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Verbetes da enciclopédia.



PIRES, P. dos S. Marco teórico-metodológico de los estudios del paisaje: Perspectivas de aplicación en la planificación del turismo. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, v. 20, n. 3, p. 522–541, 2011.

PITORESCO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Verbete da enciclopédia. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3461/pitoresco>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

POTOCKA, I. The lakescape in the eyes of a tourist. **Quaestiones Geographicae**, v. 32, n. 3, p. 85–97, 2013.

PRAIA da Capilha: conheça um pequeno paraíso na Lagoa Mirim. **GZH**, 08 jan. 2021. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/verao/noticia/2021/01/prai-da-capilha-conheca-um-pequeno-paraíso-na-lagoa-mirim-ckjoojxsd006i017wypcgsgfxa.html>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO GRANDE. **Atrativos naturais**. Disponível em: <<https://www.riogrande.rs.gov.br/rgmap/index.php/unidades#atrativos>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

PUCCINELLI, V. R. **Educação ambiental e o participativismo autoritário da preservação**: O caso da Estação Ecológica do Taim e a ecologização dos moradores da Vila da Capilha. 2016. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2016.

RAMOA, C. E. de A.; PIRES, P. dos S. O mototurismo e sua relação com o ecoturismo e o turismo de aventura. **Turismo: Visão e Ação**, Balneário Camboriú, v. 21, n. 2, p. 195–216, 2019.

REJOWSKI, M.; BARBANTI, C. H. Construção de um Tesouro Brasileiro de Turismo. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 182–195, 2018.

REJOWSKI, M.; MENA-CHALCO, J. P. Mapeo de la producción académica de jóvenes doctores sobre con tesis sobre turismo en Brasil. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, v. 28, n. 1, p. 38–60, 2019.

RIO GRANDE. **Lei nº 6.585, de 20 de agosto de 2008**. Dispõe sobre o Plano Diretor Participativo do Município do Rio Grande e estabelece as diretrizes e proposições de desenvolvimento urbano municipal. Rio Grande: [s.n.], 2008. Disponível em: <[http://www.riogrande.rs.gov.br/consulta/arquivos/secretaria\\_servico/plano\\_diretor/Leis\\_do\\_Plano\\_Diretor/Lei\\_6.585\\_Plano\\_Diretor.pdf](http://www.riogrande.rs.gov.br/consulta/arquivos/secretaria_servico/plano_diretor/Leis_do_Plano_Diretor/Lei_6.585_Plano_Diretor.pdf)>. Acesso em: 31 dez. 2019.

ROBERTS, C. Sport and adventure tourism. In: ROBINSON, P.; HEITMANN, S.; DIEKE, P. U. C. (Org.). **Tourism: The key concepts**. Londres: Cabi Publishing, 2011. p. 146–159.

ROGER, A. Vida y muerte de los paisajes: Valores estéticos, valores ecológicos. In: NOGUÉ, J. (Org.). **El paisaje en la cultura contemporánea**. Madri: Biblioteca Nueva,

2008. p. 67-86.

ROMANTISMO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú, 2019. Verbetes da enciclopédia.

ROSA, R. C. R. da. **Taim, paisagem insinuada**: Múltiplos olhares e percepções sobre os Campos Neutrais. 2019. 148 f. Monografia (Graduação em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

ROSE, G. **Visual methodologies**: An introduction to the interpretation of visual materials. Londres: Sage Publications, 2001.

ROSENFIELD, K. J. **Estética**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

RUDZEWICZ, L. **Paisagens lacustres e práticas turísticas**: “com os pés na água” ou de “costas para a água”? – O caso da Laguna dos Patos, Rio Grande do Sul, Brasil. 2018. 294 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

RUDZEWICZ, L.; CASTROGIOVANNI, A. C.; PEYRAQUE-GADEAU, V. A valorização da paisagem lacustre pelo turismo: Um estudo comparativo entre a Laguna dos Patos, no Brasil, e o lago de Aiguebelette, na França. **Papers do NAEA**, Belém, v. 29, n. 3, p. 10-26, 2020.

SAINT-HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Brasília: Senado Federal, 2002.

SAITO, C. H.; STEINKE, V. A. Avaliação geoambiental do território brasileiro nas bacias hidrográficas transfronteiriças. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 6, n. 1, p. 189–221, 2010.

SALLIS, J. **Senses of landscape**. Evaston: Northwestern University Press, 2015.

SANCHEZ-VAZQUEZ, A. **Convite à Estética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

SANTA VITÓRIA DO PALMAR. **Plano Diretor de Santa Vitória do Palmar**, Lei nº 2.715, de 3 de outubro de 1995. Santa Vitória do Palmar: Prefeitura Municipal, 1995. Disponível em: <[http://www.santavitoriadopalmar.rs.gov.br/municipio/arq\\_lei/arq\\_lei\\_4e4fac1126.PDF](http://www.santavitoriadopalmar.rs.gov.br/municipio/arq_lei/arq_lei_4e4fac1126.PDF)>. Acesso em: 31 dez. 2020.

SANTAELLA, L. Charles Sanders Peirce (1839-1914). In: AGUIAR, L.; BARSOTTI, A. (Org.). **Clássicos da Comunicação**: Os teóricos de Peirce a Canclini. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 20-35.

SANTAELLA, L. **Estética de Platão a Peirce**. São Paulo: Experimento, 2000.

SANTAYANA, G. **El sentido de la belleza**. Madri: Tecnos, 1999.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: Técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 2002.

- SAUER, C.O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 12-74.
- SCARLES, C. Becoming tourist: Renegotiating the visual in the tourist experience. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 27, n. 3, p. 465–488, 2009.
- SCARLES, C. Tourism and the visual. In: LEW, A. A.; HALL, C. M.; WILLIAMS, A. M. (Org.). **The Wiley Blackwell Companion to Tourism**. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2014. p. 325–335.
- SCHÄFER, A. E.; LANZER, R.; PEREIRA, R. **Atlas Socioambiental Lagoas Costeiras I**. Caxias do Sul: EducS, 2009.
- SCHREINER, G. de M. **Proposta de cenários para a delimitação de Zona de Amortecimento de Impactos na Estação Ecológica do Taim**. 2012. 103 f. Dissertação (Mestrado em Gerenciamento Costeiro) – Instituto de Oceanografia, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012.
- SEAMON, D. Body-subject, time-space routines, and place-ballets. In: BUTTIMER, A.; SEAMON, D. (Org.). **The human experience of space and place**. Nova York: St. Martin's Press, 1980. p. 148–165.
- SEAMON, D. Uma maneira de ver as pessoas e o lugar: A Fenomenologia na pesquisa do comportamento ambiental. **Geograficidade**, Niterói, v. 9, n. 2, p. 4–28, 2019.
- SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E TURISMO DO RIO GRANDE DO SUL. **Destinos**. Porto Alegre: Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo, 2019. Disponível em: <<https://www.turismo.rs.gov.br/destinos>>. Acesso em: 31 dez. 2019.
- SENHORAS, E. M. Diplomacia e paradiplomacia turística fronteiriça. In: PIERI, V. S. G. de; TELES, R. M. de S. (Org). **Turismo e relações internacionais: fronteiras transnacionais, paradiplomacia das cidades e inserção internacional do Brasil**. Rio de Janeiro: Cinegri, 2015. p. 17–45.
- SERPA, A. Paisagem e percepção da paisagem: Estudos de caso na Áustria e no Brasil. **Paisagem e Ambiente** – Ensaios, São Paulo, n. 7, p. 103–139, 1995.
- SERPA, A. **Por uma geografia dos espaços vividos: Geografia e Fenomenologia**. São Paulo: Contexto, 2019.
- SERRÃO, A. V. Pensar a paisagem: Interpeleções à estética de Kant. **Estudos Kantianos**, Marília, v. 5, n. 1, p. 43–57, 2017.
- SETE, L. R. **Relações entre Estação Ecológica do Taim e comunidade local: Conflitos e cooperação**. 2010. 127 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Centro de Ciências Rurais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

SHELLER, M.; URRY, J. Places to play, places in play. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Tourism mobilities: Places to play, places in play**. Londres: Routledge, 2004. p. 1–10.

SILVA, A. E. **Apropriação do Porto de Santa Vitória do Palmar-RS, por meio do lazer e do turismo cidadão**. 2014. 64 f. Monografia (Graduação em Turismo Binacional) – Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, V. H. P. Integração territorial no Mercosul: O caso da IIRSA/COSIPLAN. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 21, n. 1, p. 21–35, 2015.

SUERTEGARAY, D. M. A. Espaço geográfico uno e múltiplo. **Scripta Nova**, n. 93, 2001.

SZARY, A.-L. A.; GIRAUD, F. Borderities: The politics of contemporary mobile borders. In: SZARY, A.-L. A.; GIRAUD, F. (Org.). **Borderities and the politics of contemporary mobile borders**. Londres: Palgrave MacMillan, 2015. p. 1–19.

TERKENLI, T. S. Turismo e paisagem. In: LEW, A. A.; HALL, C. M.; WILLIAMS, A. M. (Org.). **Compêndio de Turismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2007. p. 381–390.

TRIP ADVISOR. **O que fazer**. Disponível em: <<https://www.tripadvisor.com.br>>. Acesso em: 1 maio 2020.

TUAN, Y.-F. **Geografía romántica: En busca del paisaje sublime**. Madri: Biblioteca Nueva, 2015.

TUAN, Y.-F. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.

TURISMO ROCHA. **Qué hacer**. Rocha: Gobierno de Rocha, 2017. Disponível em: <<http://turismorocha.gub.uy/>>. Acesso em: 31 dez. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG. **Projeto Pedagógico Institucional/Plano de Desenvolvimento Institucional**. Rio Grande: FURG, 2011. Disponível em: <<https://pdi.furg.br/ppi>>. Acesso em: 18 jan. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – UFRGS. Setor de Patrimônio Histórico. **Ponte...** Porto Alegre: UFRGS, 2018. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/patrimoniohistorico/2018/02/17/ponte-internacional-barao-de-maua-e-o-primeiro-bem-binacional-reconhecido-pelo-mercosul-cultural/>>. Acesso em: 22 jan. 2021.

URRY, J. **O olhar do turista: Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. 2. ed. São Paulo: Senac SP, 1999a.

URRY, J. Sensing leisure spaces. In: CROUCH, D. (Org.). **Leisure/tourism geographies: Practices and geographical knowledge**. Londres: Routledge, 1999b. p. 34–

45.

URRY, J. **Sociology beyond societies: Mobilities for the twenty-first century**. Londres: Routledge, 2000.

VARNIER, N. C. C. **Ecoturismo e paisagem: A composição visual da paisagem como recurso para o ecoturismo no extremo sul do Brasil – RS**. 2017. 128 f. Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria, Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2017.

VEAL, A. J. **Metodologia de pesquisa em Lazer e Turismo**. São Paulo: Aleph, 2011.

VERDUM, R. Paisagem do Pampa: monotonia que se rompe no tempo e no espaço. In: CHOMENKO, L.; BENCKE, G. A. (Org.). **Nosso Pampa desconhecido**. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do RS, 2016. p. 45–60.

VIEIRA, L. de F. dos S. **A valoração da beleza cênica da paisagem do bioma pampa do Rio Grande do Sul: Proposição conceitual e metodológica**. 2014. 251 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

VIEIRA, L. de F. dos S.; VERDUM, R. A estética da paisagem cênica, pitoresca e sublime. In: AZEVEDO, A. F.; REGO, N. (Org.). **Geografia e (in)visibilidades: Paisagens, corpos, memórias**. Porto Alegre: Compasso, Lugar-Cultura, 2017. p. 129–158.

VILWOCK, J. A.; TOMAZELLI, L. J. Planície Costeira do Rio Grande do Sul: gênese e paisagem atual. In: MOURA, L. de A.; RAMOS, R. A. (Org.). **Biodiversidade: Regiões da Lagoa do Casamento e dos Butiazais de Tapes, Planície Costeira do Rio Grande do Sul**. Brasília: MMA, 2007. p. 20–33.

WYLIE, J. **Landscape**. Londres: Routledge, 2007.

WYLIE, J. Landscape and phenomenology. In: HOWARD, P.; THOMPSON, I.; WATERTON, E. (Org.). **The Routledge Companion to Landscape Studies**. Londres: Routledge, 2013. p. 54–65.

WYLIE, J. The distant: Thinking towards renewed senses of landscape and distance. **Environment, Space, Place**, v. 9, n. 1, p. 1–20, 2017.

YÁZIGI, E. **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.



YIN, R. K. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

**APÊNDICES**


APÊNDICE A – Roteiro de entrevista.....	230
APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	233
APÊNDICE C – Transcrição das entrevistas.....	235
APÊNDICE D – Transcrição das notas de campo.....	344
APÊNDICE E – Dados da Escala Likert.....	338
APÊNDICE F – Postagens no Trip Advisor.....	339
APÊNDICE G – Galeria de fotografias.....	365

## APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

	Instituto de Geociências Programa de Pós-Graduação em Geografia Doutorando: Jaciel Gustavo Kunz Ano: 2019/2020	
Nesta entrevista, irei questionar seu ponto de vista sobre alguns tópicos relevantes do estudo, que envolve as relações entre paisagens da Lagoa Mirim e o Turismo/Lazer. A expectativa de duração é de 30 a 40min.		
Tópicos gerais	<b>Tópicos específicos</b>	<b>Questões</b>
Perfil e atuação pessoal/profissional	Perfil profissional	1. Qual é a sua profissão, sua formação, o seu ramo?
	Atuação no Comitê de Bacias	2. Há quanto tempo participa do Comitê, e como ocorreu a indicação/escolha?
	O Turismo/Lazer no Plano de Bacias	3. O quanto o Turismo/Lazer vem sendo contemplado no Plano, na sua opinião?
	Experiência pessoal	4. Que locais da Lagoa Mirim você conhece e/ou já esteve, como visitante, ou por outras razões?
Relação com as paisagens lacustres	Concepção de paisagens lacustres	5. Quando falo de paisagens lacustres, o que vem à sua mente?
	Experiências de paisagem na Lagoa Mirim	6. Dos locais que você visitou na Lagoa Mirim, conte-nos sobre a experiência/dia que mais lhe marcou.
	Comparação dos "lados" brasileiro e uruguaio	7. Você já visitou Lago Merín ou outro ponto da Lagoa no "lado" uruguaio? Quais são as diferenças e semelhanças da paisagem do "lado" brasileiro?
	Comparação com outros destinos lacustres	8. Você já visitou algum local com paisagens semelhantes à Lagoa Mirim? Se sim, conte-nos a experiência mais recente.
Percepção e realização de práticas turísticas na Lagoa	Práticas realizadas	9. Você poderia listar e descrever as atividades de lazer que realizou quando foi à Lagoa Mirim, pela última vez? Se não foi, o que você faria lá fazer? E qual local escolheria?
	Práticas possíveis	10. O que outros visitantes fazem e que você porventura (ainda) não tenha feito/praticado?
	Práticas e sazonalidade	11. O que é bom de fazer no verão e que não é bom de fazer no inverno (e vice-versa)?

	Comparação com outros destinos	12. O que não se pode hoje realizar na Lagoa Mirim, mas que é ofertado em locais semelhantes (citar o local já visitado)?
	Comparação dos "lados" brasileiro e uruguaio	13. Quais são as práticas realizadas aqui e não são realizadas lá? (somente se conhece Lago Merín ou outro ponto no Uruguai)
Círculo de representação e fotografia turística	Ícones da paisagem	14. Que paisagens da Lagoa Mirim, que você conhece ou não, merecem ser fotografadas?
	Circulação das imagens	15. Qual é o principal meio de informação e divulgação da Lagoa Mirim hoje?
	Visibilidade das paisagens pela fotografias	16. Se pedíssemos para os turistas fotografarem paisagens da Lagoa Mirim livremente, quais seriam as mais fotografadas, e quais serão as menos (pode coincidir com as da questão 14 ou não)?
Questões de checagem, consolidação e síntese	<b>A seguir, apresento uma série de afirmações sobre as paisagens turísticas da <u>Lagoa Mirim</u>. Responda-as variando entre o "5. concordo muito", "4. concordo", "3. não concordo, nem discordo", "2. discordo", e "1. discordo plenamente" (ou não sei opinar), seguido de uma breve explicação do porquê, se quiser.</b>	
	1. Outros locais com paisagens semelhantes têm mais turismo.	
	2. Os barcos e redes de pesca artesanal são belos de se ver.	
	3. Os turistas contemplam as paisagens sós ou com poucos em volta.	
	4. O foco do olhar do turista está na linha do horizonte.	
	5. O por do sol é um espetáculo da natureza.	
	6. As paisagens da Lagoa parecem pintura.	
	7. Há bons locais para descansar no tempo livre.	
	8. Na temporada, o porto-alegrense opta ir ao Uruguai pelo Chuí ou Jaguarão pelas paisagens da Lagoa.	
	9. As paisagens às vezes me causam medo.	
	10. Os locais são inóspitos.	
	11. As árvores são altas e numerosas.	
	12. A paisagem é melancólica.	
	13. Os brasileiros vão mais à Lagoa que os uruguaiois.	
	14. Para ir, é necessário carro de tração nas quatro rodas.	
	15. Os locais dispõem da infraestrutura necessária.	
	16. A paisagem é monótona.	
	17. O oceano é melhor para banhos e recreação.	
	18. Os vilarejos me causam estranhamento.	
19. A água me traz energia e movimento. Me deixa agitado.		



	20. A Lagoa parece mar aberto.	
	21. O vento constante é um problema.	
	22. Ir exige disposição.	
	23. É boa para passar as férias com a família.	
	24. As paisagens são mais naturais que artificiais.	
	25. A água me traz sentimento de calma e repouso. Me deixa tranquilo.	
	26. As paisagens são mais belas para quem busca aventura.	
	27. Falta um ponto elevado para observar melhor.	
	28. A água torna a paisagem bela.	
	29. A paisagem parece um jardim.	
	30. Nunca vi tempestades lá.	
	31. É um local romântico de se estar.	
	32. Há o que fazer inclusive no inverno.	
	33. É um local para parar e contemplar.	
	34. A água geralmente está contaminada.	
	<b>Você verá uma foto da Lagoa Mirim. A seguir, você responderá a algumas perguntas, que envolvem imaginar uma situação.</b>	
Percepção e imaginários na circulação de fotografias turísticas (ênfase no sublime)		<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Como é a paisagem?</li> <li>2. Onde a foto foi encontrada?</li> <li>3. Onde é este local?</li> <li>4. Que época do ano foi?</li> <li>5. Como é ou quem é o fotógrafo?</li> <li>6. O fotógrafo foi sozinho? Se acompanhado, de quem?</li> <li>7. Ele foi exclusivamente a esse local ou foi a outros, na mesma viagem?</li> <li>8. Que outros locais ele conhece?</li> <li>9. Além de fotografar, que mais ele fez?</li> <li>10. Quanto tempo ele ficou nessa localidade?</li> <li>11. Por que ele tirou e postou a foto?</li> </ol>
Finalização	1. Há algo que eu não tenha perguntado e sobre o que você gostaria de falar?	
	2. Há algo em que não tinha pensado até a realização da entrevista?	
	3. O que achou da entrevista?	

Agradecimento ao entrevistado(a).

## **APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Informações sobre o estudo ao participante:

Antes de participar deste estudo, gostaríamos que você tomasse conhecimento do que ele envolve. Damos abaixo alguns esclarecimentos sobre dúvidas que você possa ter.

Qual é o título da pesquisa?

Paisagens da Lagoa Mirim (Brasil/Uruguai): *complexus* de significados estéticos e *performances* do Turismo/Lazer.

Qual é o objetivo da pesquisa?

Com este estudo buscamos avaliar como as paisagens da Lagoa Mirim são valoradas esteticamente pelo Turismo/Lazer, levantar as práticas turísticas ali realizadas, e estabelecer a relação entre elas.

Como o estudo será realizado?

Você responderá a uma entrevista semiestruturada presencial acerca das suas percepções, experiências e relações com as paisagens turísticas da Lagoa Mirim.

Existem riscos em participar?

Os riscos e os desconfortos ao participar desta pesquisa são mínimos.

Itens importantes:

Você tem a liberdade de desistir do estudo a qualquer momento, sem fornecer um motivo, assim como pedir maiores informações sobre o estudo e o procedimento a ser feito. As informações contidas no seu questionário serão mantidas em sigilo pelo pesquisador.

O que eu ganho com este estudo?

Sua colaboração neste estudo pode ajudar a aumentar o conhecimento científico sobre o que envolve a percepção e a atribuição de significado às paisagens lacustres, que poderão eventualmente beneficiar você na condição de turista, bem como as comunidades residentes na região, por (re)aproximarem os turistas das paisagens da Lagoa.

Quais são os meus direitos?

Os resultados deste estudo poderão ser publicados em revistas especializadas, mas você não será identificado por nome. Sua participação neste estudo é voluntária.

**DECLARAÇÃO:**

Eu, \_\_\_\_\_ declaro que:

1. Concordo total e voluntariamente em fazer parte deste estudo.
2. Recebi uma explicação completa do objetivo do estudo, dos procedimentos envolvidos e o que se espera de mim.
3. Concordo em cooperar inteiramente com o pesquisador.
4. Estou ciente de que tenho total liberdade de desistir do estudo a qualquer momento e que esta desistência não irá, de forma alguma, me afetar futuramente.

5. Estou ciente de que não serei referido por nome em qualquer relatório relacionado a este estudo. Da minha parte, não devo restringir, de forma alguma, os resultados que possam surgir neste estudo.

Nome completo do doutorando e pesquisador: JACIEL GUSTAVO KUNZ

Assinatura:

Data: / / 20\_\_

Para maiores informações sobre a pesquisa, entre em contato pelos telefones:

Orientador de Tese: Prof. Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni  
Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS, (51) 3308-6000.

### **Termo de autorização**

A participação neste estudo é voluntária. O participante tem a liberdade de cancelar a participação a qualquer momento. O material gravado em áudio e será ouvido, lido e visto pelo pesquisador e, ocasionalmente, por seu orientador. Somente eles terão acesso ao material escrito e ao material gravado em áudio. Os textos e as gravações ficarão de posse do pesquisador e os dados coletados serão utilizados na tese de doutorado, podendo ser utilizados em pesquisas posteriores, respeitando as mesmas condições.

A identidade do participante permanecerá sempre confidencial. Ao participar da pesquisa, o participante receberá um nome fantasia, de modo que o seu nome não seja reconhecido ou divulgado.

Declaro que li e compreendi as informações acima e que consinto participar deste estudo.

---

## APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

### Entrevista com "Alberto"

Café Baden, Porto Alegre, 25/09/19

**J – Entrevistador**

**E – Entrevistado(a)**

**J:** Vamos começar, então, a entrevista. [nome], se você pudesse falar um pouquinho da sua formação, né, é, no que você trabalha, e como é que você chegou a praticar, enfim, a canoagem, [inaudível].

**E:** Eu sou formado em Ciência da Computação na Universidade Católica de Pelotas. Em 2004, final de 2004, vim pra Porto Alegre fazer mestrado em Computação na UFRGS também, terminei em 2007. E aí fiquei aqui por Porto Alegre, trabalhei um pouco na CEEE, depois eu tô até hoje, fiquei dois anos lá, mais ou menos, e agora faz 10 anos que eu trabalho no Serpro, também na área de TI, assim. Continuo na área de TI, ta? E sobre a canoagem, ahm, quando eu tinha 15 anos eu ganhei um caiaquezinho, pequenininho, lá em Pelotas brincava com ele. Aí vendi, nunca mais tive contato. E aí em 2013, por algum motivo, eu fui atrás dessas coisas. Sempre gostei de... Sempre tive vontade, assim de conhecer alguns lugares. Por exemplo, passava na ponte ali de Camaquã e queria entrar lá pro rio, e tal. E a canoagem me proporcionou isso. Conhecer lugares que eu nem tinha ideia de existiam e que eu tinha vontade de conhecer, assim.

**J:** Então, há quanto tempo tu praticas aventuras, digamos assim?

**E:** Eu comecei, com a canoagem, assim, que eu acho que foi o marco que eu chamo, comecei em 2013.

**J:** 2013?

**E:** É 2013, comprando um caiaque. Mas, além da canoagem, eu sempre, eu gosto de algumas outras coisas, assim, desse meio *outdoor*. Já fiz o Caminho de Santiago, achei bem legal. Caminho bem turístico. É diferente, mas é legal, assim. Canoagem, desde 2013.

**J:** Certo. Vou fazer uma pergunta direta, fica bem à vontade pra explicar o que tu achar.

**E:** Uhum.

**J:** Essa operação, da atividade que fez, operação [omitido o nome]. Você considera turismo, lazer ou esporte?

**E:** Ah, eu acho que eu considero... hum, um misto de turismo com esporte, assim. O esporte, em termos de que a gente tem que se preparar pra isso. Então, é um treinamento, que nem no

esporte tu te prepara pra uma competição. Tu te prepara, tu faz treinamento de musculação, tu faz, tu treina técnicas de resgate de caiaque, essas coisas. E o turismo, no contexto de que tu vai conhecer lugares que tu não tinha ideia que existiam. E que tu te planeja pra isso. Que nem, tu faz uma rota, vai lá no Google Maps e olha que tu vai fazer uma viagem pro Uruguai, vai buscar os pontos, que lugares tem. A canoagem é a mesma coisa. Tu quer conhecer, sabe que tu vai passar perto do Farol da Ponta Alegre, tu quer conhecer, tu quer passar lá, tu quer passar conhecer o marco de fronteira, tu quer tirar uma foto ali. Então tem bastante também acho que do turismo, assim.

**J:** Do turismo.

**E:** É.

**J:** Só uma curiosidade: essa expedição você fez no período de férias?

**E:** Férias.

**J:** Você já ouviu falar no termo “paisagens lacustres”?

**E:** Ahm... os dois termos separados, me fazem sentido. Juntos, eu imagino que sejam as paisagens na volta da lagoa, das lagoas, de qualquer lagoa, né?

**J:** A primeira coisa que te veio à mente quanto eu falei este nome “paisagens la, lacustres”?

**E:** As paisagens que pouca gente conhece nas voltas das lagoas, assim. Tem lugares muito bonitos, muito diferentes, na volta das lagoas, tanto dos Patos, quanto da Mirim. Pouquíssima gente conhece, assim. E são lugares realmente com uma beleza diferenciada. Então, esses lugares é que me lembram quando tu falou.

**J:** Ahm, eu sei que você narra no blog, nos livros, várias experiências que você teve. Mas hoje, qual foi a experiência que mais te marcou durante essa, essa expedição? Primeira coisa, que te vem à mente.

**E:** Ahm, o que mais me marca nessas expedições que a gente faz da canoagem, apesar de ser turístico, são as pessoas. Apesar de ser lugares lindíssimos, muito mais me marcou, assim, os lugares a gente guarda em fotos, até. Mas, a, a, o relacionamento com as pessoas que tu tem, nesses momentos nos lugares que tu vai, ficam marcados mais profundamente, assim. Uma ajuda que uma pessoa te dá, um pão, uma água. A pessoa às vezes não tem água potável, tem que buscar da cidade, mas tu passa lá, e se tu disser que tu não tem, ela vai te dar. Então, essas ações, essas, esse relacionamento é o que mais marcou, eu acho.

**J:** E tu diria o mesmo, que tu viajaste com um amigo teu.

**E:** Uhum.

**J:** Um amigo. Você acha que esse tipo de viagem também fortalece os laços de amizade, companheirismo...?

**E:** É.

**J:** Não é um esporte competitivo.

**E:** Não tem nada de competição.

**J:** Cooperativo.

**E:** Cooperativo. Totalmente. Tem duas questões que eu levanto, assim. Ahm, primeiro: como tu passa vários dias junto, tem que ser uma pessoa que tu tenha uma afinidade prévia, assim já. Porque os relacionamento, quando tem muito tempo junto, tendem a gerar conflito.

**J:** E...

**E:** Então, quando eu fiz essas viagens com o [nome omitido], assim, foi bem bacana, a gente sempre se deu bem. Teve um momento de discussão que a gente parou, conversou, resolveu. Mas eu já fiz expedições com mais gente também. E é bem mais difícil. Então, acho que tem que escolher bem as pessoas que tu vai fazer esses momentos, assim.

**J:** De viagem.

**E:** É.

**J:** E, uma pergunta, assim. Por que tu chamou, ou vocês, né. Quero ouvir de, de você.

**E:** Aham.

**J:** Você chama a saída à Lagoa Mirim de expedição e não de uma viagem?

**E:** Pois é. Ahm, na canoagem a gente fala muito de expedição, realmente. E até tem esse, essa controvérsia entre expedição e uma remada. Ou uma viagem, que nem tu falou. E normalmente quando é uma coisa mais longa, e que tem menos recursos, a gente acho que gosta de se colocar naquele papel de expedicionários que existiram antigamente [riso]. Mas não deixa de ser uma, uma remada que tem mais um planejamento tem que ser melhor. Que tu vai ter pouco apoio. Mas é isso, assim. Quando é maior, eu chamo de expedição. Ou quando pouca gente fez, ou ninguém fez esse trajeto a gente chama de expedição, e depois vai... se é menor é remada. Então, nesse contexto.

**J:** Varia.

**E:** É.

**J:** É, talvez tenha me passado batido no blog, e tal... Mas, por que Graxaim?

**E:** Ah, essa é uma história engraçada. Na primeira vez que nós fomos da Capilha pra Pelotas, remando, era eu, o graxaim e mais um cara chamado graxaim, lá de Pelotas, que se chama o sangradouro do São Gonçalo. Que é bem na divisa do São Gonçalo e a Lagoa Mirim. E a gente acampou lá e foi assar um churrasco, enquanto uns organizavam barraca, e outros iam pescar, e a gente ficou ali, conversando e disse: “Bá, e aquele churrasco lá e tudo.” Eu disse: “Se vocês não cuidar, um graxaim vai pegar”. E não deu outra, né. Um graxaim roubou nosso churrasco,

roubou os espeto, roubou tudo. E a gente criou um grupo de canoagem que era o Graxaim. E aí foi Graxaim na Lagoa Mirim porque as pessoas desse grupo que iam fazer a viagem.

**J:** E vocês viram que bicho que era, no caso?

**E:** Aham.

**J:** Vocês viram...

**E:** Viram que era um [nome do animal/nome do grupo omitido] pelo, pelo olhinho dele, ali...

**J:** Entendi (riso).

**E:** É inconfundível, assim.

**J:** História engraçada.

**E:** É.

**J:** Ahm, eu ia te perguntar os lugares que você já visitou no lado uruguaio, mas você já citou, mostrou em mapa...

**E:** Sim, sim.

**J:** No blog, todos os locais que você passou. Ahm, existem diferenças e semelhanças da paisagens do lado brasileiro pro lado uruguaio, ou é uma paisagem...

**E:** Acho que dá pra considerar que é bem semelhante. Não tem muita diferença, não.

**J:** E, aqui uma pergunta também um pouco óbvia, né, a partir do que já me colocou. Mas você já visitou paisagens semelhantes da Lagoa Mirim, como é que você compara uma e outra?

**E:** É, a gente fez a Lagoa dos Patos. E tem várias semelhanças. O ponto que eu achei mais, a maior diferença, realmente é essa do junco, assim, em termos de paisagens. A Lagoa dos Patos tem junco, e na Lagoa Mirim esse junco não existe. É tipo uma árvore que cresce. Então, é bem diferente, essa questão é bem diferente, assim. E uma coisa que tem na Lagoa dos Patos e na Lagoa Mirim, que eu achei diferente, pra quem é da canoagem faz diferença, é que a Lagoa dos Patos, praticamente só tem costa leste e oeste. E na Lagoa Mirim, tem, ahm, algumas pequenas costas ou baías, assim, ahm, norte e sul. E aí, o que que acontece? Quando dá um temporal que provavelmente vento sul, então ela tem bastante impacto nessas costas aí. E na Lagoa dos Patos não é tanto porque o vento não afeta tanto.

**J:** Certo.

**E:** Então esse foi um...

**J:** O fato, bom, de você já passou pela Laguna dos Patos, o fato da Lagoa Mirim, ser de dois países, isso atrai mais, ou não?

**E:** Ah, eu acho que sim. É um diferencial, assim, ela ser partilhada por dois países. É até botei que é, uma chamada dessa viagem, que é “paraíso ecológico que não cabia num só país”, ou alguma coisa assim. Justamente porque eu acho que é um ponto, que, que, que trabalha essa

união que tem Brasil e Uruguai, e assim, eles têm tantas coisas iguais, a gente rema com tanta gente do Uruguai, eles vêm aqui, a gente vai lá. E a Lagoa Mirim é um trecho que a gente tem em comum, assim.

**J:** O fato de navegar em águas de outros países, não tem nenhum tipo de problema... a água, o regime é compartilhado de águas, né?

**E:** Pois é. Eu acho que sim. Eu acho que o regime é compartilhado, os barcos entram e navegam pela Lagoa Mirim e não tem problema. Mas, realmente, eu, quando entrei ali, e parei em Lago Merín, por não ter passado por uma aduana, por não ter passado por nada, fiquei apreensivo que de repente iam parar a nossa viagem ali. E eu tenho experiência de outros amigos que fizeram, que também, os guardas ali da armada uruguaia ali, pararam, foram saber da história, que que era, porque eles têm umas regras de segurança bem, bem forte ali. Então eles vêm, conversam. Eu fiquei cabreiro [riso].

**J:** Então a segurança no lado uruguaio é mais forte do que no lado brasileiro, nesse aspecto?

**E:** Sim, porque, até porque no Brasil, ali, não tem nada, na Lagoa Mirim, na divisa, não tem nada, né?

**J:** Certo.

**E:** Ali em Jaguarão, nada, nada.

**J:** Já em Lago Merín, sim.

**E:** Ah, em Lago Merín tem, é um balneário bem, bem urbanizado. Na época que nós fomos era verão, tava lá tocando música, cheio de barzinho, pessoal dançando, as famílias... tudo bem, bem cheio, assim.

**J:** Bem cheio.

**E:** É.

**J:** Bom, eu ia fazer uma pergunta sobre as atividades que você realizou quando fez, mas no blog tem bastante coisa. Tem até um que você diz que surfa. Que você surfa, digamos.

**E:** Ah, tá. Aham, aham.

**J:** Então, tem mais atividades que é possível fazer que você...

**E:** Sim.

**J:** ...realizou ali. É, que que os outros visitantes, que não você, fazem na Lagoa Mirim que porventura você ainda não, não tenha feito?

**E:** Olha, na Lagoa Mirim, coisas que eu sei, assim. Como tem um regime de ventos forte, eu sei que o pessoal do *kitesurf* é forte lá, então, já ouvi relatos de pessoas que, ah, vou lá fazer *kite* em Lago Merín, por exemplo.

**J:** Em Lago Merín.



**E:** É. E na Capilha, eu sei do pôr do sol que é fantástico, assim. Já, já tive essa oportunidade de ver algumas vezes. Eu vi até que tinha gente que no verão, no verão, tava deixando de ir no Cassino, porque é muito movimento, pra curtir ali a Lagoa Mirim, Capilha, no caso, porque é um ambiente para as crianças mais, mais tranquilo, e tudo. Então, essas duas coisas. E eu queria um dia navegar de barco mesmo na Lagoa Mirim, que deve ser fantástico também.

**J:** Quem sabe. É, o que não se pode fazer na Lagoa Mirim, mas que se pode fazer em outras lagoas, ou lagunas. Alguma coisa que você lembre? Ou que não é ofertado?

**E:** É, a única coisa é, é que a Lagoa Mirim, ela é mais, ahm, tem menos cidades, menos... Então, a estrutura ofertada pelo turismo, até pro turismo de aventura, assim, ela é menor que a Lagoa dos Patos, por exemplo. Ou numa lagoa aqui do litoral norte. Então tem que, exige um planejamento maior e um conhecimento maior, uma experiência um pouco maior pra poder fazer essas, essas navegadas, essas coisas assim.

**J:** Agora sobre, você falou já de fotos aqui, né.

**E:** Uhum.

**J:** Que paisagens da Lagoa Mirim que você conhece ou não que mereceriam uma, uma foto?

**E:** Ah, tem várias. Ahm...

**J:** Se tivesse que escolher uma?

**E:** Uma? Ah, por ser das águas, eu sempre, bá, os faróis me chamam muito a atenção, assim. Então, o Farol da Ponta Alegre no final de tarde, ou de manhã cedo, geram fotos lindíssimas, assim.

**J:** Mereciam uma foto. Ahm,

**E:** Só de te, de te comentar, assim. A vez que a gente foi, essa última vez aqui, em janeiro, a gente pegou a lua cheia. Então, de manhã, pelas cinco da manhã, tinha um momento que tu conseguia fazer uma montagem na foto onde a lua significava a luz em cima do farol. Bá, fantástico, assim. Tem coisas, tem momentos assim, que merecem uma foto.

**J:** Fotos fantásticas.

**E:** É.

**J:** Na sua opinião, qual é o principal meio de informação e de divulgação da Lagoa Mirim hoje?

**E:** Olha, pra mim, ahm, são os blogs e a pouca literatura que tem sobre a Lagoa Mirim. Porque eu não vejo, assim, ahm, as cidades, ou os municípios divulgarem a Lagoa, ou os pontos turísticos dela, assim. Eu acho, é mais as experiências pessoais mostrando do que as cidades tentando valorizar o seu, o seu turismo.

**J:** E se nós pedíssemos para os turistas fotografarem a Lagoa Mirim, qual o seria o lugar que elas mais tirariam fotos? Você citou umas, pode ser esse ou não.

**E:** Uhum. Eu acho que a Capilha, Capilha tem...

**J:** Alguma coisa específica da Capilha que caberia nessa foto mais, clicada?

**E:** Ah, a Capilha tem a igrejinha da Capilha. Que é muito bonito. Santa Isabel não faz parte realmente da, da Lagoa Mirim, mas é bem perto ali, então tem uma igreja ali, Santa Isabel, que é bem bonita. E pra quem gosta de fotos só da natureza tem, aí tem foto de animais, fotos de várias coisas, da natureza em si, assim, né? Dos marcos de fronteira... são essas coisas que eu lembro, eu acho.

**J:** Que mais sairiam em fotos.

**E:** É, o Porto Pindorama. Acho que são esses os itens, assim. A estrutura, tem uma estrutura de postes de energia elétrica bem grande pela, quem passa costeando o Taim ali, é bonito também. É uma estrutura enorme, assim. E também de longe a gente enxerga o parque eólico, né, lá de Santa Vitória. São essas coisas que eu lembro, assim.

**J:** Tá certo. Eu vou fazer uma série de afirmações aqui, aí você vai usar, eu tenho uma escala aqui, que aí fica mais fácil de você...

**E:** Uhum.

**J:** ... responder. É de um a cinco. Do “discordo totalmente” até “concordo totalmente.”

**E:** Perfeito.

**J:** Você pode complementar se você achar que é necessário com uma ideia sua, ta?

**E:** Tá OK.

**J:** Algumas paisagens semelhantes à Lagoa Mirim têm mais turismo.

**E:** Concordo. Ahm, desculpa, é... cinco. Concordo totalmente.

**J:** Barcos e redes de pesca artesanal são belos de se ver.

**E:** De se ver eu concordo. Quatro.

**J:** Todas as afirmativas são em relação à La, Lagoa Mirim, tá?

**E:** Sim.

**J:** Os turistas costumam contemplar as paisagens sós ou com poucas pessoas em volta.

**E:** Concordo totalmente.

**J:** O foco do olhar do turista está na linha do horizonte.

**E:** Concordo totalmente.

**J:** O pôr do sol é um espetáculo da na-natureza.

**E:** Concordo totalmente.

**J:** As paisagens da Lagoa Mirim parecem pintura.

**E:** Concordo totalmente.

**J:** Há bons locais para descansar no tempo livre.

**E:** Concordo totalmente.

**J:** Na temporada, o portoalegrense opta ir ao Uruguai pelo Chuí ou por Jaguarão pelas paisagens da Lagoa.

**E:** Ah, discordo.

**J:** As paisagens da Lagoa às vezes me causam medo.

**E:** Concordo.

**J:** Os locais são inóspitos.

**E:** Concordo.

**J:** As árvores são altas e nume-numerosas.

**E:** Hum, como tu tem duas afirmações aí, uma eu concordo, a outra eu discordo. Então, eu vou...

**J:** Que seria...

**E:** Eu concordo que são numerosas, mas não são altas.

**J:** Mas não são altas. A paisagem é melancólica.

**E:** Em certos lugares sim. Concordo.

**J:** Quatro, né?

**E:** Quatro.

**J:** Os brasileiros vão mais à Lagoa do que os uruguaios.

**E:** Hum, discordo. Dois.

**J:** Para ir à Lagoa, em termos gerais, é necessário carro com tração nas quatro rodas.

**E:** Discordo.

**J:** Os locais dispõem de infraestrutura necessária. Em média.

**E:** Discordo. O grande público, não.

**J:** A paisagem é monótona.

**E:** Eu concordo.

**J:** O oceano é melhor para banhos e recreação do que a Lagoa.

**E:** Discordo totalmente.

**J:** Os vilarejos me causam estranhamento. Ou estranheza.

**E:** Hum, nem concordo, nem discordo.

**J:** A água da Lagoa Mirim traz energia e movimento. Me deixa agitado.

**E:** Três também. Depende muito.

**J:** A lagoa parece mar, mar aberto.

**E:** Quatro, concordo. Verdade.

**J:** O vento constante é um pro-problema.

**E:** Discordo. Acho que, dependendo da atividade, ou, ou pra onde tu tá indo, pode ser bom (riso).

**J:** Ir exige disposição.

**E:** Concordo.

**J:** Ah, a Lagoa é boa para passar férias com a família.

**E:** Ahm, pra alguns trechos, eu concordo.

**J:** Seria a...

**E:** Quatro.

**J:** Quatro. Esqueci uma... As paisagens são mais naturais que artificiais.

**E:** Sim, concordo totalmente.

**J:** A água, da Lagoa Mirim, traz se-sentimento de causa, de calma e repouso. Me deixa tranquilo.

**E:** É, da mesma forma que a outra eu botei “nem concordo, nem discordo”, essa também. Varia bastante.

**J:** As paisagens da Lagoa Mirim são mais belas para quem busca aventura.

**E:** Eu acho que eu concordo.

**J:** Falta um ponto elevado para observar me-melhor.

**E:** Concordo.

**J:** A água torna a paisagem bela.

**E:** Concordo totalmente.

**J:** A paisagem, da Lagoa Mirim, me parece um jardim.

**E:** Tem trechos que sim. Concordo.

**J:** Nunca vi tempestades lá.

**E:** Discordo totalmente (riso).

**J:** É um local romântico de se estar.

**E:** Tem lugares que sim. Concordo.

**J:** Há o que fazer inclusive no inverno.

**E:** É, três: nem concordo, nem discordo.

**J:** É um lugar para parar, e contemplar.

**E:** Sim, concordo.

**J:** A água geralmente está contaminada.

**E:** Discordo.

**J:** Tem uma pergunta que eu esqueci de fazer antes, que é assim: se tem mais coisas pra fazer no inverno ou no verão, e quais que se pode fazer no inverno e não se pode fazer no verão.

**E:** Bá, boa pergunta... Eu acho que essa questão do, do nível da Lagoa pode talvez influenciar nas atividades, assim. Por exemplo, chegar no Farol de carro. Talvez no verão seja possível, e no inverno, não. Eu acho que seria... tem a parte da pesca também, que tem épocas que tu pode fazer, outras não... mas acho que é isso. O resto tu poderia fazer o ano inteiro...

**J:** Ou as duas...

**E:** ...dependendo muito mais do dia em si do que da estação, né?

**J:** Certo. Trago uma foto aqui, gostaria que tu observasse. É um exercício de imaginação de proje-projeção, OK?

**E:** Tá.

**J:** Como é esta paisagem que você tá vendo? Como é que você descreve ela?

**E:** Aventureiros de jipe, ahm, dirigindo pela beira da Lagoa. É, num dia de pouco vento, é, eu já olho assim já enxergo um pouco de, o jipe me-me, não me, não me atrai porque eu vejo muitos lugares que têm dunas e coisa, e o jipeiro, alguns né, não dá pra generalizar, acabando estragando esses lugares, enquanto que a canoagem é um esporte totalmente diferente, praticamente não tem prejuízo pra natureza. Então, quando eu olho, assim, uma das coisas que me lembra é esse estragar as dunas, estragar a areia. É isso.

**J:** É, onde você pensa que essa foto foi tirada, em que ponto da Lagoa? Uma aposta mesmo.

**E:** Eu iria chutar... de, da Capilha indo pra direção a Rio Grande, por exemplo.

**J:** E onde você acha que essa foto foi achada?

**E:** Num blog de jipeiros.

**J:** E, se você pudesse dar um chute, dos elementos que você tem, que época do ano foi? Não só pela paisagem, mas pelo estilo próprio da viagem.

**E:** Pois é. Não tá fácil de saber. Mas, pelo pouco vento eu chutaria mais pro inverno.

**J:** É bem pra tentar imaginar mesmo.

**E:** Aham.

**J:** Como é e quem é o fotógrafo? Não necessariamente quem tá dirigindo.

**E:** Aham.

**J:** Quem, quem tirou a foto.

**E:** Eu imagino que seja alguém que da turma dos jipeiros, assim, que quis fotografar o momento, né, registrar.

**J:** Esse fotógrafo viajou sozinho ou acompanhado de quem? Tu mesmo falaste do grupo.

**E:** É, eu imagino que eles viajam... Jipeiro geralmente viaja em grupo, com família, filhos, turma de amigos.

**J:** Tentando imaginar essas mesmas pessoas, eles foram exclusivamente pra esse local que você citou, que é entre a Capilha e Rio Grande, ou na mesma viagem eles foram a outros, será?

**E:** Eu imagino que eles fazem, poucos fazem trechos grandes, assim. Imagino que maioria dos jipeiros faz um trecho pequeno de um ou dois dias, assim. Então, eu imaginaria que esse trecho, assim.

**J:** Esse trecho.

**E:** É.

**J:** E que lugares você acha que esse fotógrafo já visitou? É bem de tentar imaginar: ele foi pra Lagoa Mirim, mas onde mais...

**E:** Ah...

**J:** ...ele costuma viajar?

**E:** Esse cara poderia fazer a maior praia do mundo de jipe. Poderia fazer alguns trechos desde a Lagoa dos Patos, como, como o Saco de Tapes ali, que eu já vi jipeiros. Acho que por aí. Aquela zona lá que perto de, de São Miguel lá, já vi jipeiros por lá também.

**J:** E, além de fotografar, essa pessoa o que, que mais ela fez neste local, além de andar possivelmente de jipe? Que outras atividades a pessoa pode ter feito?

**E:** Ah, eu imagino que, se for uma atividade um pouco maior possa acampar, às vezes o pessoal, ahm, acampa, banho de lagoa, se diverte um pouco, refeições. Essas coisas.

**J:** Quanto tempo você acha que essa pessoa ficou entre a Capilha e Rio Grande? Quanto tempo uma, uma pessoa teria ficado?

**E:** De jipe eu imagino que, pra aproveitar bem, de dois a três dias, assim. Acho que é um tempo razoável pra aproveitar.

**J:** E por que você acha que essa pessoa fotografou e postou a foto?

**E:** Ah, eu acho que, ahm, essa coisa da postagem tem dois, dois focos, assim. Um pouco a gente não pode negar que tem o ego, assim, de tu chegar em algum lugar que os outros não chegam. Então, isso enaltece o ego e a gente acaba de alguma forma postando. E outra, é divulgar lugares também que as pessoas acham não podem, que não conseguem, e aí a gente na postagem tu mostra que tu consegue chegar, que é possível, que tem um lugar bonito lá, que vale visitar, assim.

**J:** É... já finalizando, tem algo que eu não tenha te perguntado, e que você gostaria de falar?

**E:** Olha, talvez com esse teu trabalho seria legal a maior divulgação da Lagoa Mirim, como tu falou, assim, ela... acho que por ter menos gente ao seu redor, tem muito pouca divulgação, mas isso é um troço que tem uma dualidade, assim, né, da divulgação. Porque, da mesma forma que tem gente que vai lá e preserva e cuida, e pratica alguns princípios de não deixar nada, tudo que

a gente leva a gente traz de volta, tem pessoas que não vão fazer isso aí. Então, tem um dilema, assim, entre expor alguns lugares e tu conseguir preservar eles. Eu acho que esse é um dilema bem difícil de analisar se a gente deve expor ou não.

**J:** Quando tu faz postagem dum, dum lugar que tu vai, tu pensa nisso? No momento que eu vou tá dando uma visi-visibilidade pra esse local, atrai mais gente...

**E:** Como, quando eu posto, apesar de pessoas que não são da canoagem, assim, elas, é, olharem o blog, eu sei que a maioria, o maior público que acessa o blog é da canoagem, assim. E o pessoal da canoagem tem um princípio, assim, de cuidar da natureza bem forte. Pelo menos os que eu tenho conhecimento, assim. Então, quando eu posto, eu penso mais eu vou tá postando pra esse grupo. Mas se eu fosse pensar que eu tivesse uma, uma divulgação maior, por exemplo, talvez eu não postasse tanto, ou não postasse. Tem vezes que eu já vi que a gente não postou localização de certas coisas para as pessoas não irem lá, tu posta uma foto, mas não diz onde é que é, pra não ter depredação. Então, tem essa questão.

**J:** Ótimo.

**E:** [interação entre o entrevistado uma pessoa em situação de rua suprimida].

**J:** Tem algo que tu não tinha pensado até então a realização dessa, entre-entrevista?

**E:** Olha...

**J:** Que foi surgindo ao longo... que te fez pensar...

**E:** Essa, essa questão, assim, da divulgação ou não, até hoje era fraca pra mim. Quando tu começou a falar, eu comecei a pensar mais. Em divulgar, ou não. Até já tinha visto esse cenário, já te falei, de não divulgação do local em si, apenas da foto. Ali em Itapuã até, tem uma igreja ali, a gente não posta onde é que é para as pessoas não depredarem mais. Já tá em ruínas, né? Então, se qualquer pessoa chegar ali e estragar...

**J:** Então, isso tanto em relação à natureza quanto ao patrimônio...

**E:** Sim!

**J:** Cons-construído. Mesmo que esteja em ruínas, né?

**E:** Sim, eles se confunde bastante, né? O patrimônio que normalmente tem é um patrimônio, apesar de ser construído, né, eu considero um patrimônio meio que histórico, assim. Porque são coisas antigas, né? Então, a gente quer poder ir lá de novo e enxergar isso aí.

**J:** Ótimo! E o que você achou da entrevista... era mais ou menos o que você imaginava, coisas a mais, coisas a menos?

**E:** É, eu achei que foi bem bacana porque, tu conduzindo, assim, é mais fácil pra quem vai responder. Eu gostei, assim, da dinâmica que tu criou aqui. E, realmente, o que tu falou, que tu

tem explicado, exposto na internet, não precisa realmente perguntar. Então, foi bem objetivo, e me permitiu falar também o que eu tinha vontade.

**J:** Isso. Até porque a gente tá sempre aprimorando. Então, eu usei esse instrumento de pesquisa, algumas coisas eu vou manter, mas, né...

**E:** Claro!

**J:** ...se não sair bem, a gente revê. Então, agradeço bastante.

**E:** Valeu, obrigado (riso)



## Entrevista com "Luiza"

Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Rio Grande, 26/09/19

**J:** Vamos iniciar, então, a entrevista com a [nome da entrevistada]. [Nome da entrevistada], fala um pouquinho, se você puder, da sua profissão, da sua trajetória, até chegar aqui.

**E:** Bem, eu sou da primeira turma de Turismo da Universidade Federal, bacharelado em Turismo. Entrei no ano de 2000, eu acho. É, 2000. Era um curso experimental, na verdade. Que deu certo, né, tanto que tá aí até hoje. Quando eu me formei, na época, a gente não sabia nem, praticamente, o que poderia fazer. Todo mundo ou queria dar aula, ou entrar pra uma prefeitura, passar num concurso é, municipal, estadual, alguma coisa assim. Ahm, aí abriu, a Prefeitura aqui de Rio Grande foi uma, ahm, uma inovadora. Foi a primeira prefeitura do estado a abrir concurso pra turismólogo. Então e me formei em 2004, em 2006 eu entrei aqui. Passei em primeiro lugar e aqui estou. Era Secretaria de Turismo, Esporte e Lazer, nós conseguimos desenvolver muitos projetos integrados com o Ministério do Turismo, Banco Mundial, Secretaria de Estado. Conseguimos, é, ter um grande avanço, diagnóstico, plano de turismo, planos de fortalecimento, projetos de qualificação, projetos de sensibilização, promoção. Tínhamos folheteria, tínhamos *site*, tínhamos vídeo, enfim... Participávamos de muitos eventos, pra onde a gente levava o nome da cidade. E, agora, esse ano, ahm, por uma questão... é, de entender que o Turismo não conseguia mais é, desenvolver é, uma trajetória junto com o Esporte, o prefeito achou por bem decretar que o Turismo viesse pra cá, pro Desenvolvimento e Inovação, onde tô desde fevereiro, desenvolvendo um trabalho bem nessa área, voltado pra turismo e desenvolvimento econômico. E aqui estamos. Com uma perspectiva boa, com uma outra realidade, e esperando que a gente possa tirar novamente aquelas coisas que ficaram pra trás, dar uma continuidade, e lançar cada vez mais coisas novas pro bem da cadeia produtiva e da própria cidade.

**J:** É, se pudesse falar um pouquinho, ahm, sobre o quanto na sua opinião, a Capilha aparece ahm, no plano, na política de turismo na estratégia de turismo hoje, em Rio Grande.

**E:** Hoje, ela está aparecendo. É uma das prioridades que nós temos aqui na secretaria. Nós dividimos a cidade em eixos. Então, ficou Centro Histórico, Praias (onde entra a Capilha, a gente não colocou na zona rural), e a própria zona rural que eu acabei de falar, que ficaram as ilhas e o Taim. Então, ahm, a gente pretende dar uma visibilidade maior, até porque nós sabemos que tá tendo um, uma procura em época de veraneio, e as pessoas tão desenfreadamente tomando conta da praia, ficando lixo, não tá tendo uma sustentabilidade ambiental. A própria comunidade, às vezes tá, é, retraída com essa quantidade de público, sem

orientação. Então eu posso te dizer que, hoje, a Capilha é uma prioridade dentro do nosso planejamento.

**J:** Ahm, se você tivesse que enquadrar, então, as pessoas, ahm, que visitam o Taim/Capilha durante o verão, a maioria. Turismo, lazer, esporte? Você...

**E:** Eu acredito que a maioria...

**J:** ...a principal busca.

**E:** ...é lazer, durante o verão, é lazer. No resto do ano a gente pode até vincular a esporte, alguma coisa. Mas no, no verão, te digo com certeza que é lazer.

**J:** Agora as perguntas mais da tua relação com a Lagoa. Tá, mais pessoal. É... que locais da Lagoa você já esteve? Você citou Capilha, tem mais algum que você esteve?

**E:** Só a Capilha.

**J:** Quando eu falo na palavra ou no termo "paisagens lacustres", você já ouviu falar? Que-que vem à tua mente? Paisagens lacustres.

**E:** Paisagem com água (risos).

**J:** Mais alguma coisa?

**E:** Uhm, não, vem. Na verdade, se tu fala, não sei se tu fala em sensação ou que eu penso. De sensação me veio uma questão de paz, de tranquilidade, de bem-estar, de natureza, de uma *vibe* boa.

**J:** Você já visitou outro local semelhante à Lagoa Mirim, que não seja Lagoa Mirim?

**E:** Não...

**J:** Que você possa fazer um comparativo.

**E:** Não. Eu acho que aquele lugar é único.

**J:** Quando, da última, você lembra a última vez que você foi pra Capilha?

**E:** 2016.

**J:** Tá. Que ati, você lembra que atividades você fez?

**E:** Sim, nós tínhamos um projeto aqui na, na antiga Secretaria de Turismo e Esporte. Onde nós íamos pras escolas pra falar de turismo pras crianças. Então, em princípio nos falávamos de patrimônio. E depois, mas por que não mostrar o, não só o patrimônio edificado, histórico...

**J:** Isso.

**E:** ...mas também o patrimônio natural. E aí levamos também, durante um ano inteiro, essas crianças das escolas municipais pra visitarem a Capilha e o Taim. E foi dentro desse projeto que estive lá pela última vez.

**J:** E a [nome da entrevistada]. Ela visita a Capilha/Taim?

**E:** Não. Eu passo por ali.

**E:** Só passa. E tem coisas que outras pessoas fazem na Capilha, no Taim, que você sabe que as pessoas fazem e praticam, e você, [nome da entrevistada], pessoa, gostaria de fazer?

**E:** Hum...

**J:** Tem interesse em alguma atividade?

**E:** ...Só em desfrutar a praia mesmo. Ter contato com a comunidade local, esse tipo de coisa assim. Esportes não é minha praia (riso).

**J:** E o que na sua opinião é bom fazer no verão, e que não é bom fazer no inverno lá, por exemplo?

**E:** O que é bom de fazer no verão? Acho que praticar os próprios esportes náuticos, curtir a praia, o lazer com a família. Tem muito *camping* lá, as pessoas fazem churrasco, aquela integração toda.

**J:** Que esportes náuticos que você lembra?

**E:** Ahm, até *jet ski*, já vimos. Inclusive temos fotos, que tentei procurar pra ti. *Jet ski*, *stand up paddle*, acho mais uma relação desses aí.

**J:** Certo.

**E:** O que é, qual era a outra pergunta?

**J:** O que não é, o que é bom de fazer no verão e que não é bom de fazer no inverno?

**E:** O que não é bom de fazer no inverno? Curtir a praia.

**J:** Isso.

**E:** Porque tem a intempérie do vento, do frio.

**J:** Isso. E o que não se pode realizar hoje como prática de turismo mesmo, na Lagoa Mirim, mas que em outros locais isso é oferecido?

**E:** Não sei te responder isso. Inclusive era isso que tava pensando quando tu veio aqui. Porque eu achei que o trabalho pudesse ter muito a ver com o meio ambiente. Então, te digo que isso são coisas que a gente vai buscar no decorrer da...

**J:** Claro, claro.

**E:** ...do entrosamento do projeto, que a gente pensa pra lá. Só não sei te dizer hoje.

**J:** Não tem... Mas só pra ficar claro que são coisas que tenha porventura vivido ou estando lá como técnica, turismóloga.

**E:** Hum, hum.

**J:** Ou como turista no caso, né. É, esse instrumento é o mesmo, ou muito parecido, para os técnicos e para as pessoas que visitam.

**E:** Hum.

**J:** Então por isso que tem algumas perguntas que se batem nesse sentido. Ahm, na tua opinião, que paisagem que mereceria uma foto, na La-Lagoa Mirim?

**E:** Ai, eu...

**J:** Que fotografia seria essa?

**E:** Aquela da trapiche, escadaria, não sei como a gente chama. Fantástica. E a própria igreja, né? Aquela igreja ali é algo... Eu acho que remete bem às duas coisas que a gente precisa trabalhar ali.

**J:** E qual é, na sua opinião, o principal meio de informação/ divulgação da Lagoa Mirim hoje?

**E:** Hoje? Hoje, eu acredito que a internet mesmo. Tipo, busca em Google...

**J:** Que plataforma?

**E:** ...É, Trip Advisor. Acho que, achamos alguma coisa uma vez por lá. Nosso portal da Prefeitura tem alguma coisa, ainda que mínima, mas tem.

**J:** Ahm, parecido com a pergunta, não essa, a anterior, se nós fôssemos, se nós pedíssemos para os turistas fotografarem paisagem da Lagoa Mirim livremente. Quais seriam as fotografias mais tiradas, de que lugares?

**E:** Eu tenho certeza que a igreja. Por isso eu achei "horrores" uma vez que eu busquei nesse trabalho com as crianças. Eu acho que da própria praia. Porque é...

**J:** Da Capilha.

**E:** ...é lindíssima.

**J:** O objetivo do próximo bloco, eu vou fazer algumas afirmações e aí você vai me responder conforme essa escala, tá? De um a cinco.

**E:** Eu digo o número?

**J:** Isso.

**E:** Ou digo...

**J:** Isso, tu diz o número...

**E:** Tá.

**J:** Que fica mais fácil. E você pode justificar se você achar necessário, tá?

**E:** Tá.

**J:** Ahm, outros locais, com paisagens semelhantes à Lagoa Mirim, têm mais turismo.

**E:** Concordo.

**J:** Todas as afirmações são em relação à Lagoa Mirim, tá? Os barcos de pesca artesanal são belos de se ver.

**E:** Cinco. Concordo totalmente.

**J:** Os turistas contemplam as paisagens sós ou com poucas pessoas em volta.

**E:** Discordo.

**J:** O foco do olhar do turista está na linha do horizonte.

**E:** Hum, nem concordo, nem discordo. Isso aí acho que depende do tipo de turista, né, não uma regra.

**J:** O pôr do sol é um espetáculo da natureza.

**E:** Concordo totalmente.

**J:** As paisagens da Lagoa parecem pintura.

**E:** Concordo totalmente.

**J:** Há bons locais para descanso no tempo livre.

**E:** Concordo.

**J:** Na temporada, o portoalegrense opta ir ao Uruguai, por Jaguarão ou pelo Chuí, pelas paisagens da Lagoa Mirim.

**E:** Por um ou por outro? Eu não entendi.

**J:** Tanto por Chuí, ou por Jaguarão, em função das paisagens da Lagoa.

**E:** Hum, discordo.

**J:** As paisagens da Lagoa Mirim às vezes me causam medo.

**E:** Hum, discordo totalmente.

**J:** Os locais são inóspitos.

**E:** Ah, nem concordo, nem discordo. Alguns realmente são, né?

**J:** Certo. As árvores são altas e numerosas.

**E:** Concordo.

**J:** A paisagem é melancólica.

**E:** Acho que elas não são altas assim. Eu já respondi...

**J:** Tu quer, mas tu quer rever a anterior?

**E:** É, pelo menos a minha lembrança não sei se elas são tão altas assim, né? Bom, fechamos assim.

**J:** Tu ficaria com o número...?

**E:** Ah, pode repetir a pergunta?

**J:** As árvores são altas e numerosas. Ou seja, tá numa mesma afirmação.

**E:** Nem concordo, nem discordo. Acho que são medianas. Não lembro de serem tão altas.

**J:** Você não me respondeu quanto à paisagem melancólica.

**E:** Melancólica?

**J:** Isso.

**E:** Ahm, concordo.

**J:** Os brasileiros vão mais à Lagoa...

**E:** Tudo bem? (cumprimenta colega)

**J:** ...que os uruguaiois? Tu sabes que tem Lago Merín...

**E:** Uhum.

**J:** ...no lado uruguaio.

**E:** Hum, não, pois é, aí eu não sei. Não tenho conhecimento, nem concordo, nem discordo.

**J:** OK, não tem problema. Para ir à Lagoa Mirim, é necessário carro com tração nas quatro rodas.

**E:** Discordo... totalmente.

**J:** Os locais dispõem da infraestrutura necessária.

**E:** Não, discordo. É que depende, né? O que é a palavra necessário, né? Eu acho, tem banheiros colocados agora, né? Aqueles banheiros químicas, alguma coisa assim. Mas, pelo que a praia oferece, pois é... pergunta difícil essa.

**J:** Infraestrutura necessária, na tua opinião.

**E:** Necessária?

**J:** Pro tipo que turismo que se desenvolve lá.

**E:** Eu acho que concordo.

**J:** Tá.

**E:** Eu concordo.

**J:** A paisagem é monótona.

**E:** Uhm, discordo.

**J:** O oceano é melhor para banhos e recreação.

**E:** Concordo.

**J:** Os vilarejos me causam estranhamento. Ou estranheza.

**E:** Discordo totalmente.

**J:** A água me traz energia e movimento. Me deixa agitado.

**E:** Hum, não.

**J:** A água da Lagoa Mirim.

**E:** Não, discordo totalmente.

**J:** A Lagoa Mirim parece mar aberto.

**E:** Da parte da Capilha eu concordo totalmente. Porque a primeira vez que eu vi, pra mim lembrava bem o Cassino.

**J:** O vento constante é um problema.

**E:** Hum, não. Eu discordo. Acho que o vento ajuda. Dependendo da, do tipo de turismo que a pessoa vai desenvolver.

**J:** Ir exige disposição.

**E:** Exige disposição? Ir para lá?

**J:** Ir para a Lagoa Mirim.

**E:** Não, discordo.

**J:** A Lagoa Mirim é boa para passar as férias com a família.

**E:** Nem concordo, nem discordo. Aí a gente cai novamente naquele "depende, né". Tem pessoas que gostam...

**J:** Entendi.

**E:** ...de ficar sozinha, isolada...

**J:** Um perfil.

**E:** ...depende do.

**J:** Mas, você, [nome da entrevistada]?

**E:** Não.

**J:** Pessoa.

**E:** Eu discordo totalmente.

**J:** Tá, tá. As paisagens são mais naturais que artificiais, na tua percepção?

**E:** Concordo totalmente.

**J:** A água da Lagoa Mirim me traz sentimento de causa, de calma e repouso. Me deixa tranquilo.

**E:** Concordo totalmente.

**J:** As paisagens são mais belas para quem busca aventura. As paisagens da Lagoa Mirim.

**E:** Não, discordo. Acho que são belas pra todos.

**J:** Falta um ponto elevado pra observar melhor.

**E:** É, concordo, até.

**J:** A água torna, a água é que torna a paisagem bela.

**E:** Concordo.

**J:** A paisagem da Lagoa Mirim parece um jardim.

**E:** Um jardim?

**J:** Ou lembra um jardim.

**E:** Ah, concordo.

**J:** Nunca vi tempestades lá.

**E:** Não, eu nunca vi mesmo. Então é "concordo totalmente".

**J:** Totalmente. É um local romântico de se estar.

**E:** É, nem concordo, nem discordo. Depende do ponto de vista (riso).

**J:** Há o que fazer na Lagoa Mirim inclusive no inverno.

**E:** Concordo totalmente.

**J:** É um local para parar e contemplar.

**E:** Concordo.

**J:** A água geralmente está contaminada.

**E:** Não tenho conhecimento.

**J:** Agora tem essa figura, que eu gostaria que você olhasse pra ela. Aí eu vou te fazer algumas perguntas, aí é um exercício imaginativo e projetivo.

**E:** Tá.

**J:** São os teus palpites, o que vem à tua mente.

**E:** Tá.

**J:** Como você descreve essa paisagem?

**E:** É, mais aí eu não entendi bem. Como eu descrevo fisicamente o que eu tô vendo?

**J:** Isso.

**E:** Ou emocionalmente?

**J:** Pode ser os dois.

**E:** Na verdade, pra mim são os jipeiros aqui, praticando esporte de aventura. É, tão curtindo muito, a lagoa tá calma, não su, não tanto que fosse ruim pra eles porque eles gostam desse tipo de aventura. Eu acho que tá perfeito pra eles.

**J:** Onde você pensa que, você, acha que essa foto foi encontrada?

**E:** Hum.

**J:** Dentro da internet, no caso. Um chute mesmo.

**E:** Em algum *site* de jipeiros, de trilha, alguma coisa assim.

**J:** Como você sabe, a minha pesquisa é sobre toda a Lagoa Mirim. Em que local da Lagoa Mirim você acha que essa foto foi tirada? Palpite mesmo.

**E:** Na Capilha? (riso).

**J:** Se tivesse que arriscar, que época do ano foi tirada a foto?

**E:** Inverno.

**J:** É, agora tentar imaginar quem é, ou como é esse fotógrafo?

**E:** Eu acho que esse fotógrafo é um nativo. Que tava passeando pela praia ou colhendo alguma coisa, ou trabalhando, e achou interessante essa imagem, e tirou no celular.

**J:** Essa pessoa viajou sozinha pra Capilha, em grupo, que grupo era esse?

**E:** Acho que ela viajou acompanhada de outra pessoa. Sem grupo.



**J:** Você acha que nessa viagem, ahm, ela viajou pra outros lugares que não a Capilha, ou ela ficou?

**E:** Não, ela viajou pra outros lugares também.

**J:** E que outros lugares você acha que essa mesma pessoa conhece?

**E:** Na nossa região, nesse sentido?

**J:** Do mundo, assim, o que vier à mente.

**E:** Eu, a primeira coisa que me vem à mente é a Praia do Cassino.

**J:** Tá.

**E:** Porque ali tem, é uns lugares que mais tem essa prática esportiva, com o pessoal dos jipes.

**J:** E, além de fotografar, no caso você achou que era um nativo, né? Mas essa pessoa que viajou, o que mais você acha que ela fez ali, no local? O que ela pode ter feito, de prática mesmo?

**E:** De prática? Bom, era inverno, ela não tomou banho de mar. Mas acho que ela contemplou bastante a paisagem. Procurou algum lugar pra fazer refeição. Conversou com as pessoas do local, buscou alguma coisa pra comprar, e pra dormir.

**J:** Certo. E quanto tempo você acha que essa pessoa ficou na localidade?

**E:** Hum, acho que na, que na proposta que a gente tem na localidade, acho que ela não ficou um dia inteiro.

**J:** E por que, na sua opinião, você acha que a pessoa tirou e postou a foto, onde ela postou?

**E:** Por que tirou? É como eu te falei, né? Era um nativo, achou interessante, pra divulgar a localidade, tava ali e resolveu tirar. E postou exatamente por isso. Porque acredita na beleza do lugar onde ela mora. Quer tornar isso evidência. E conhece um pouco dessa sacada do turismo, e o que ele pode gerar de benefícios econômicos pra localidade onde ele mora. Eu acho que foi com essa intenção. De trazer mais pessoas, pra desenvolverem esse tipo de atividade, e outras.

**J:** Certo. A gente tá indo pro bloco final. Tem alguma pergunta que, que você eu poderia ter feito, que você achou que eu ia fazer, e não fiz?

**E:** Hum, não, não.

**J:** Sobre o assunto. E tem algo que você não tinha pensado até a entrevista, que você passou a partir das, das perguntas?

**E:** Sim. Eu fiquei pensando na questão da memória, né? Eu não vou lá desde 2016, e teve perguntas que eu realmente me embaralhei pra responder. Tipo, as árvores. E como eu só conheço a Capilha, não conheço as outras partes...

**J:** Claro.

**E:** ...a minha memória, né, ela fico meio falha, assim. Ahm, e isso me dificultou pra responder algumas perguntas.

**J:** Questão da memória mesmo. E bem sinceramente, o que você achou da entrevista?

**E:** Eu gostei, gostei bastante. Achei bem interessante. Acho que abriu vários, ahm, eixos. Que inclusive a gente pode tá trabalhando bem, né? Não só enquanto, como tu falou, tu não vai responder isso só enquanto turismóloga, mas enquanto pessoa.

**J:** Pessoa.

**E:** Né? E me fez refletir e pensar no quanto a gente deixa de prestigiar os locais que tão próximos da gente.

**J:** Te agradeço, [nome da entrevistada].

**Entrevista com "Paulo"**  
**SMTur, Santa Vitória do Palmar, 27/09/19**

**I: Intervenção externa**

**J:** Então vamos iniciar a entrevista com o [nome do entrevistado]. Então, [nome do entrevistado] eu gostaria de saber um pouco mais da tua formação, a tua trajetória, seu ramo, até chegar a este cargo, no caso.

**E:** Bom, eu sou formado em Ciências Sociais. É, Sociologia, Antropologia e Ciência Política. Tenho uma pós em Direitos Humanos e o mestrado em Educação. Esse convite me veio pelo cargo, sou supervisor de Turismo, esse convite veio a partir do prefeito faz cinco meses, né? A partir de um trabalho que eu fiz sobre educação patrimonial, um projeto que saiu lá pela Secretaria de Educação. E eu tenho esse perfil de trabalhar, né, no sentido de, de, com projetos, né? E aí o prefeito achou que eu tinha um perfil de, de, de reformular, vamos dizer assim, o Departamento de Turismo. Que pra ele o Turismo tava muito atrelado à questão da cultura, né, ou eventos específicos, assim. Ele queria algo mais, algo que fosse mais consolidado enquanto política, né, pública. E não política de governo, né? E aí me chamou pra esse desafio aí, estamos aí (risos), com essas...

**J:** Há quanto tempo você tá no cargo?

**E:** Quatro meses.

**J:** Quatro meses.

**E:** Aprendendo.

**J:** Sempre. Estamos sempre aprendendo. É... alguma parceria em torno da Lagoa Mirim ou iniciando, com Rio Grande, e com Lago Merín, no Uruguai?

**E:** Olha, Jaciel, a princípio, a gente, eu tenho conversado com Rio Grande. Até por uma questão de um aplicativo que, que entrou no ar, que é o "Costa Doce tem". E ali a gente tem o cadastro de, de, atrações, atrativos turísticos, serviços turísticos e rotas turísticas. Dentro dessa questão das rotas turísticas, eu entrei em contato com o pessoal que faz, que faz algumas visitas guiadas lá no Taim. E a partir daí eu entrei em contato com Rio Grande também, né, pra gente definir algumas rotas. Eles me passaram, pra mim alimentar esse aplicativo. A princípio a relação que eu tô tendo com eles é essa, é uma relação inicial. E já em relação a Lago Merín, a gente não tem nada específico, mas até a partir dessa tua conversa, eu já me brilhou algumas, algumas ideias, né? Já vou conversar com a Secretária. Que eu conheço Lago Merín, né? Conheço lá, e

a gente tem uma relação, né? Faz cinco, seis anos que eu vou pra lá no verão. Fico um tempo lá, e tenho uma percepção bem bacana daquele lugar.

**J:** Exatamente a pergunta que eu ia fazer. Agora como sujeito, né, pessoalmente falando. Que locais, que lugares da Lagoa Mirim você já esteve como visitante, ou por outras razões?

**E:** É, eu tive, como eu te coloquei, eu tive em Lago Merín, né? Que eu fico lá. Esse ano mesmo, eu passei 25 dias lá, né, na praia. Conheço a Capilha, né? Tive várias vezes ali já, principalmente na questão ali, na volta do cemitério, ali aquela capelinha, um espaço bem bacana. Sempre no verão, quando a gente tá passando ali, eu faço questão de parar ali com as minhas filhas ali, né. Tomo um chimarrão, dou uma descansada (riso). Eu gosto bastante daquele lugar.

**J:** Certo. Se você já ouviu falar, ou o que vem à mente quando eu falo no termo "paisagens lacustres"?

**E:** Paisagens lacustres, pra mim, são a questão das, do entorno, das paisagens de lagoas, né? Do entorno, né, me, quando me vem a Lagoa Mirim, eu penso logo no gado, né? Que tá sempre, que normalmente, quando a gente olha no Porto, assim, as paisagens mais pra baixo que eu conheço também. Ou o espaços que são, as fazendas que tem lá embaixo, que é o Pontal do, Pontal da... meu deus... Pontal do Arroito, né? Umas paisagens belíssimas pra lá, umas figueiras, né? O gado pastando na beira daquela [inaudível], bem bacana.

**J:** É, de todos os locais que você já visitou na Lagoa Mirim, se você pudesse contar uma experiência que mais te marcou. E como foi essa experiência.

**E:** Bom, do que mais me marca normalmente são as na Lagoa, em Lago Merín, né? São experiências que eu passo com a minha família, né? A questão mesmo da estrutura da praia. Uma experiência que eu tive que me marcou bastante, em Lago Merín, foi esse ano. Que eu tava, eu fui pescar, com a minha filha mais, né, velha. Ela tem dez anos. E aí nós fomos pescar no final da tarde, e aí, eu pisei numa garrafa na água. Eu pisei numa garrafa dessas de vidro, que tinha dentro lá da água, e cortou, eu cortei o pé, e aí, eu fui né, eu fui procurar um atendimento lá. E eu fui num postinho médico. O médico não tava no lugar. Deu, ligaram pro médico, falaram, foi um corte superficial basicamente, mas, o médico dez minutos tava lá, me atendeu, o outro dia ligaram, perguntaram como eu estava. Eu achei assim, o postinho, o atendimento foi excepcional, excepcional. E foi uma experiência que me marcou, por quê? Porque eu tava com a minha filha pequena, naquela paisagem final de tarde, eu tava tudo maravilhoso. De repente, eu tive aquele incidente, né, que tu acha assim, né, "minhas férias acabaram". E pior que fui, né, que foi bem bacana o atendimento, e tudo mais.

**J:** E te marcou.

**E:** Me marcou.

**J:** Bom, você já mencionou que já visitou Lago Merín. É, existem semelhanças e diferenças, ahm, do lado uruguaio pro lado brasileiro? E se sim, que diferenças que seriam essas?

**E:** Ah, na paisagem, né? A paisagem, em primeiro lugar. Segundo lugar, o valor que as pessoas lá mesmo... O que é que eu percebo? Tem uma característica em Lago Merín bem interessante. Que eu comparo com a Barra do Chuí. A Barra do Chuí é uma praia brasileira habitado por uruguaios. E Lago Merín é uma praia uruguaia, habitada mais ou menos, basicamente por brasileiros. Totalmente o inverso do que a gente, do que eu já conhecia por aqui. E no caso, o povo, o, o habi, o morador de Jaguarão, ele tem uma identidade, ele tem um amor por Lago Merín muito grande, muito grande! E eu, muitas vezes, percebo que o pesso, que o nosso pessoal de Santa Vitória não se apropria da Lagoa, porque a gente tem duas praias, né? Praia do Hermena e Praia da Barra. Quando a gente...

**J:** Oceânicas, né?

**E:** ...Oceânicas. A gente, então, assim, oh. Principalmente no nosso imaginário. Quando a gente pensa em praia, Hermena e Barra. A gente, né, mergulhão, raras vezes, "não, quando eu me le, não, praia". Ah, mas tem o Porto também. Mas a gente não faz essa. E lá, quando eles pensam em praia, nos vem logo na cabeça deles a Lagoa. Lago, Lagoa.

**J:** E isso porque é mais próximo, ou por que tu acha que eles têm outra relação com a La-lagoa?

**E:** Acho que eles têm outra relação com a Lagoa. Que eles tem outra relação com a Lagoa.

**J:** Interessante.

**E:** Até a questão mesmo do, do, do lixo na praia. Em Lago Merín, é uma praia extremamente organizada, né? E não só, né, por parte do Poder Público, não, não deixar, né, fazer o recolhimento. Não, a gente faz aqui também. Mas, da comunidade frequenta. Lago Merín mesmo tu não vê ninguém jogando lixo no chão! Essa questão do, do, da garrafa, foi um auê! Foi, é. Foi porque, todo mundo "má, como uma, uma, né, uma garrafa dentro d'água". Ficaram apavorado que aquilo tivesse acontecido. Não, não, mas acontece, né? Eles ficaram muito, muito, muito decepcionados que aquilo tivesse acontecido comigo, né? Deixou bem...

**J:** Tu vê.

**E:** Foi por isso que eu, foi uma experiência que me marcou bastante, assim, né? Porque eles ficaram tão preocupados assim, com aquela situação, que não poderia ter acontecido. Como foi ter uma garrafa dentro da água que pudesse machucar o pé? E aí, muitas vezes, né, aqui a gente, né, na nossas praias, a gente vê o pessoal jogando lixo na rua. Vê essas coisas assim, né, como se fosse algo super natural.

**J:** Uma outra relação.

**E:** Outra relação.

**J:** Uma pergunta que não tava aqui, mas acho que é importante a gente trazer em termos de paisagem, em termos de turismo. Tu achas que o fato da Lagoa ser de dois países, isso acrescenta algum apelo turístico, em termos de paisagem, ou indi-indiferente?

**E:** Eu acho indiferente. Eu acho indiferente.

**J:** Se visitou locais semelhantes à Lagoa Mirim.

**E:** Não, não, não.

**J:** De alguma forma, você já citou algumas práticas que você realizou quando está na Lagoa. Você citou tomar chimarrão, por exemplo.

**E:** Pescar.

**J:** Pescar. Que outras práticas são possíveis de realizar? Nas, nas últimas vezes que você foi? Bem assim, o que eu vou lá fazer?

**E:** Ah, já fui passear com meus cachorros, né? Tomar chimarrão, já fui tomar banho na Lagoa, no lado de lá! Isso que é uma coisa muito louca. Geralmente quando eu vou, né, tomo, nunca tomei banho no lado de cá do Porto! Sempre tomei banho do lado de lá. Uma coisa, outra experiência que me marcou, com a Lagoa, foi que eu passei uma vez na balsa de São José, daquela que faz, balsa do... que eu tinha me esquecido de citar. Essa balsa de...

**J:** Cebollatí?

**E:** Cebollatí, não. Passo, mas não é Cebollatí. É lagoa.

**I:** Santa Isabel?

**E:** Santa Isabel, Santa Isabel! Eu tive uma experiência que faz uns oito anos. Foi reaberta a balsa. Aí, saiu uma matéria no Diário Popular, que tinha sido reaberta a balsa, e tal, e tal.

**J:** E hoje esta balsa está aberta?

**E:** Não sei. Não sei, foi uma experiência tão desastrosa (riso).

**J:** Claro.

**E:** Que eu lembro como se fosse hoje, que eu ia passar pro outro lado. E aí, tá, eu vi que tinha sido aberta, foi em julho, acho que era. Julho, agosto. E saiu uma matéria no Diário Popular, que tinha sido reaberta a balsa. E normalmente, quando eu vou pro Uruguai, quando eu vou pra Jaguarão, eu faço o roteiro aqui pelo Uruguai. E aí eu "não, vou experimentar essa balsa pra ver como é que é." E aí eu peguei uma estrada, são 20 quilômetros até chegar na beira da, da Lagoa, né? E é um estreito. Uma, a, passagem de balsa em si dá uns cinco minutos. Só que a estrada estava em péssimas condições. Não tinha condições de trafegabilidade nenhuma. E aí, eu tava sozinho, me meti naquela estrada, tava assim, oh, tenebroso, né? Mas foi bacana passar pela cidade de Santa Isabel, assim, conhecer.

**J:** Claro.

**E:** É uma comunidade bem à parte, bem isolada. Tu conhece?

**J:** Fica em Arroio Grande, né?

**E:** Isso, isso! No município de Arroio Grande. Bem, bem, bem, parece que voltamos no tempo, assim, na questão da paisagem.

**J:** É, o que outros visitantes praticam ou fazem na Lagoa Mirim que você ainda não tenha praticado ou feito, e que, e que gostaria de fazer?

**E:** Ah, esportes aquáticos, principalmente.

**J:** Por exemplo?

**E:** *Jet-ski*, né, *stand up*. Isso aí tem bastante prática na Lagoa.

**J:** E você gostaria de fazer?

**E:** Sim, qualquer um.

**J:** E o que é bom de fazer no verão, e que não é bom de fazer no inverno?

**E:** Ah, principalmente o banho, né? Banho, isso aí é impossível.

**J:** E o que não se pode, porventura, fazer, você sabe alguma coisa que se pode fazer, se realizar hoje na Lagoa Mirim, ou que não é ofertado, mas que é ofertado em outros locais semelhantes?

**E:** Passeios de barco, né? Que aqui mesmo eu já fui pescar, né? Num barco desses pequeninhos. Fui até a entrada do arroio, do, do São Luís aqui, né. E aí tem uma paisagem linda [inaudível].

**J:** E esse barco que você pegou...

**E:** Era um barco de um amigo, uma lanchinha pequenininha.

**J:** Tá.

**E:** Né? Esses barquinhos pesqueiros bem, bem.

**J:** E o trânsito do lado brasileiro para o lado uruguaio não, não tem problema algum?

**E:** Não sei, acho que nós fomos na cara de pau (riso).

**J:** E você, conhecendo o lado brasileiro e o lado uruguaio, no caso, principalmente Capilha, Porto e Lago Merín, que práticas que são realizadas aqui mas que não são realizadas lá, e vice-versa? Se tem alguma diferença naquilo que as pessoas fazem, entre aqui e lá.

**E:** É, lá acho que é essa coisa principalmente do banho, né? Que lá...

**J:** Que você citou antes.

**E:** ...lá é muito banho. Esportes aquáticos eles também realizam, aqui nós também realizamos né? A questão da pesca, também.

**J:** É igual.

**E:** Igual. A questão é se apropriar, essa questão mesmo, ele usado como um balneário.

**J:** Balneário.

**E:** Um balneário. A gente não tem a tradição no lado de cá, de utilizar como balneário. A gente só vai pra lá, toma chimarrão, quando vê tomando banho, a gente fica até assim, "oh, aquele louco lá tomando banho, né?" (riso);

**J:** E que paisagens da Lagoa Mirim, que você conhece ou não, que merecem uma foto?

**E:** Hum.

**J:** Na sua opinião. Se você pudesse me dizer uma.

**E:** Ah, uma figueira que tem lá, no Pontal do, que é fazenda de um amigo meu, né? [inaudível]. Fica no Pontal do Arroito. Ele tem até aqui, mostrar a foto de perfil dele, eu já te mostro... a paisagem... deixa eu quer aqui... [mexe no celular].

**J:** Imagino que poucos conhecem.

**E:** Poucos conhecem, exato.

**J:** E como é o acesso a essa, essa figueira, no caso?

**E:** Ah, é bem, bem complicado. Bem complicado. Oh, aqui, ele mudou [mostra no celular]. Mas é essa aqui é uma paisagem lá da fazenda dele, oh.

**J:** Muito bonito. Fica no pontal, tu falaste, do Arroito, né?

**E:** Pontal do Arroito. Fica bem às margens da Lagoa, pelo lado, aqui, oh, por baixo. Essa aqui é a fazenda dele. A Lagoa fica bem aqui, mais ou menos, oh.

**J:** Lado brasileiro, né?

**E:** Lado brasileiro. Essa aqui é uma confraria que a gente fez com uma choperia, a gente fez no...

**J:** Que interessante, realmente muito bonito. Na tua opinião, qual é o principal meio de informação e divulgação da Lagoa Mirim, hoje?

**E:** Eu acredito que seja na questão mesmo pessoal. "Oh, fulano, oh ciclano". Tem pouco, pouca campanha midiática nesse sentido, né?

**J:** Qual o papel das imagens nisso?

**E:** Ah, é primordial, primordial. Uma realidade, eu já sei porque eu me deparei, né? Bastante triste pra mim quando, quando eu assumi o Departamento, né? Essa pasta do Turismo. Foi a questão que a gente não consegue centralizar as imagens do município, né? As, num único banco de dados.

**J:** Num banco, né?

**E:** Num banco de dados. O material mesmo que eu fiz, que eu te passei, sobre o, o, sobre o mapa do município, a gente foi procurar imagens buscando fotógrafos pedindo imagens. Porque não tinha. Interessante isso porque eu tô lançando, lançamos já, tá começando semana que vem um concurso fotográfico, com vistas a reconhecer esse patrimônio, né? Que é um concurso



voltado pra alunos de nono ano ao terceiro ano. Em parceria com o PET, né? Com o PEP, também. Né, que a gente vai...

**J:** PEP, desculpe?

**E:** Programa de Educação Patrimonial.

**J:** Tá.

**E:** Eles vão, voltado a alunos de nono a terceiro ano. Eles vão ter que, até o final do ano, os anos que particip, que vão participar, eles podem mandar uma imagem cada aluno, né, e tal sobre o município. E na, na, na, na, na. Só que tem a questão de que, pra participar do concurso, eles vão receber um curso. Como condicionante, eles vão receber um curso de fotografia.

**J:** Perfeito.

**E:** E um curso de educação patrimonial, né? Pra limpar os olhos deles pra verem essas paisagens.

**J:** Claro.

**E:** Hoje a gente tem, são 185 alunos inscritos, né? E a gente vai, tá aqui o cronograma, até [busca papel]. Aqui, oh, são, onde vai acontecer.

**J:** As escolas...

**E:** As escolas. E o que que é o intuito desse, desse programa. Despertar neles essa atenção, de reconhecer o que é, o patrimônio deles, né? Patrimônio do município. E ao mesmo tempo a gente ter um acervo, né? Porque, no caso, esses alunos mesmo aqui, oh, aqui, "Escola Bernardo Arriada", onde vão participar 34 alunos, né? Eles normalmente, eles moram nessa zona rural.

**J:** Uhum.

**E:** Eles moram às margens da Lagoa, das lagoas. Eles têm umas imagens fantásticas! O próprio professor mesmo que cedeu parte do curso, eles... Ah, uma outra coisa: o curso é só por celular. É só fotografia de *smartphone*. Até pra democratizar, porque de repente, né, o cara lá, tem uma máquina de 6.000, eles vão receber um curso de técnicas de *smartphone*...

**J:** *Smartphone*.

**E:** ...pra bater foto. E o fotógrafo que, que vai dar o curso, o Bruno, ele é, ele é professor da Estácio de Sá, de Florianópolis. Só que é filho de Santa Vitória, é daqui. E quando ele tava apresentando, né, o trabalho dele, lançando o projeto na Câmara, ele mostrou uma sele, uma gama de imagens dele ali, e tal, de fotos feitas por ele. E todo mundo, assim, "bá, mas oh". Claro, tem fotos da Patagônia, fotos lá da, do Chile, né, do México e o pessoal "bá". Mas olhando assim, essas paisagens. Eu escutei um comentário: "Mas também, viajou o mundo." E depois no final ele falou: "Olha, as imagens que vocês tão vendo daqui, são daqui." São do Município. De Santa Vitória. Por mais que tenham algumas que, claro, chamam a atenção, tão

lá na Patagônia. Mas a maioria são daqui, são das nossas praias, são do nosso Porto (tossido). E aí ele comentou, agora, quando eu tava vindo pra cá, eu passei por uma imagens que também eu depois... Eu voltei pra Pelotas, né, depois dessa fala dele, eu parei pra analisar. Uma imagem de uma figueira saindo de dentro de uma casa antiga que tem aqui, nessa nossa, que era uma antiga escola. Que ninguém sabia. Uma imagem belíssima, belíssima, belíssima! É uma foto, quem for bater aquela foto, com certeza vai dar um belo cartão-postal. É, eu acho que a imagem, ela tem um grande apelo turístico, né.

**J:** E qual seria a sua aposta? Você acha que as fotos mais fotografadas, as fotos mais ganhadoras, ahm, dessas pessoas que moram nos locais... Eles seriam as mesmas que os turistas tirariam?

**E:** Pois é.

**J:** Ou será que são cenas diferentes?

**E:** Eu acho que são cenas diferentes. Acho que são cenas diferentes. Eu acho que, de repente, por eles estarem habituados àquela realidade, todo dia, eles não vão perceber o que o turista percebe.

**J:** Entendi.

**E:** Na minha percepção.

**J:** Certo. A gente vai pra um outro bloco agora, que eu vou fazer uma série de afirmações. E você, tem uma escala aqui, de um a cinco, desde o "discordo totalmente" até o "concordo totalmente".

**E:** Tá.

**J:** Vamos lá. Outros locais com paisagens semelhantes à Lagoa Mirim têm mais turismo.

**E:** Concordo.

**J:** É, todas as perguntas, todas as afirmações são em relação à Lagoa Mirim, tá?

**E:** Tá.

**J:** Que pode ser tanto do Porto, quanto de todos os locais. Os barcos e redes de pesca artesanal são belos de se ver.

**E:** Sim. Concordo.

**J:** Quatro?

**E:** É, quatro.

**J:** Os turistas contemplam as paisagens sós ou com poucas pessoas em volta.

**E:** É... quatro.

**J:** O foco do olhar do turista está na linha do horizonte.

**E:** Três.

**J:** O pôr do sol é um espetáculo da natureza.

**E:** Cinco.

**J:** As paisagens da Lagoa parecem pintura.

**E:** Cinco.

**J:** Há bons locais pra descansar no tempo livre.

**E:** Cinco.

**J:** Na temporada, o portoalegrense opta ir ao Uruguai pelo Chuí ou por Jaguarão pelas paisagens da Lagoa Mirim.

**E:** Dois.

**J:** As paisagens às vezes me causam medo.

**E:** Dois.

**J:** Os locais são inóspitos.

**E:** Um.

**J:** As árvores são altas e numerosas.

**E:** Três.

**J:** A paisagem é melancólica.

**E:** Um.

**J:** Os brasileiros vão mais à Lagoa Mirim que os uruguaios.

**E:** Um.

**J:** Para ir, é necessário carro de tração nas quatro rodas.

**E:** Um.

**J:** Os locais dispõem da infraestrutura necessária.

**E:** Três.

**J:** A paisagem é monótona.

**E:** Um.

**J:** O oceano é, melhor para banhos e recreação.

**E:** Dois.

**J:** Os vilarejos me causam estranheza.

**E:** Quatro.

**J:** A água da Lagoa Mirim traz energia e movimento. Me deixa agitado.

**E:** Um.

**J:** A Lagoa parece mar aberto.

**E:** Dois.

**J:** O vento constante é um problema.

**E:** Três.

**J:** Ir exige disposição.

**E:** Três.

**J:** É boa para passear, para passar as férias com a família.

**E:** Cinco.

**J:** As paisagens são mais naturais que artificiais.

**E:** Cinco.

**J:** A água me traz sentimento de calma e repouso. No caso, da Lagoa Mirim. Me deixa tranquilo.

**E:** Cinco.

**J:** As paisagens são mais belas para quem busca aventura.

**E:** Dois.

**J:** Falta um ponto elevado pra observar melhor.

**E:** Dois.

**J:** A água que torna a paisagem bela.

**E:** Quatro.

**J:** A paisagem lembra, ou parece, um jardim.

**E:** Dois.

**J:** É, nunca vi tempestades lá.

**E:** Um.

**J:** É um local romântico de se estar.

**E:** Cinco.

**J:** Há o que fazer inclusive no inverno.

**E:** Três.

**J:** É um local para parar e contemplar.

**E:** Cinco.

**J:** A água geralmente está contaminada.

**E:** Um.

**J:** Eu te trago, aqui, uma foto. E é um exercício de projeção e ima-imaginação, tá? É, como é esta paisagem? Como você a descreve?

**E:** Ah, eu descrevo, como alguém que tá buscando uma aventura, né? Fazer uma trilha. Se aventurar.

**J:** Ahm.

**E:** De alguma maneira.

**J:** Em que lugar da internet você pensa que essa foto foi encontrada, ou postada?

**E:** Uhm.

**J:** O seu chute.

**E:** Uma travessia de jipe, ou alguma coisa assim. Alguma coisa ligada a esses *off-road*, mundo *off-road*.

**J:** Certo. E em que ponto da Lagoa Mirim você acha que essa foto foi tirada?

**E:** Ai, essa foto acho que foi... aqui na...Capilha, próximo à Capilha, pra esses lados de cá.

**J:** Em que época do ano você pensa que foi tirada a foto?

**E:** Inverno.

**J:** E, como, tentar imaginar como é o fotógrafo. O perfil da pessoa, no caso.

**E:** Ah, o perfil... Bota de borracha, chapéu [inaudível] aventura que ele...

**J:** O fotógrafo ele foi sozinho, foi acompanhado... Que grupo de viagem seria esse?

**E:** Grupo de, acho que ele foi acompanhado, e o grupo é dum, desses jipeiros, desse mundo *off-road* aí.

**J:** Você pensa que esse fotógrafo, essa pessoa, ela foi exclusivamente a este ponto que você diz ser a Capilha, ou ela foi a outros pontos da Lagoa, na mesma viagem?

**E:** Não, foi a outros pontos.

**J:** Que seriam?

**E:** Seria o entorno do Taim, ali, daquela região.

**J:** E que outros locais do mundo você pensa que esse fotógrafo conhece, já foi?

**E:** Alguns outras trilhas de jipe, no estado, nas costas de, mais parte oceânica, assim.

**J:** Além da prática da fotografia e da aventura, que outras coisas a pessoa fez neste local?

**E:** Acredito que ela deve ter feito um churrasco, na beira da lagoa (risos), né? De repente, pescado.

**J:** E quanto tempo você pensa que essa pessoa ficou ali?

**E:** Ah, deve ter ficado uns dois ou três dias nessa aventura dele.

**J:** E por que você pensa que essa pessoa tirou e postou a foto?

**E:** Pra mostrar o que ele fez na, o que ele, né? Como ele se aventurou, né? Tipo, "Olha a ousadia que eu tive fazendo isso."

**J:** Já finalizando a entrevista, algo que eu, ahm, não tenha te perguntado, e que você gostaria de falar?

**E:** Não, acho já falei até demais (riso).

**J:** E tem algo que você não tinha pensado até a realização da entrevista?

**E:** Tem. Exatamente o que eu coloquei antes, Jaciel. A questão da, da...

**J:** Do lado de lá.

**E:** Do lado de lá. De conversar com a secretária, de fazer uma conversa e ver, né. Eu sou, outra coisa curiosa que eu também não coloquei, é que, o meu sogro, como é Jaguarão, ele me coloca que antes, até a década de 50, 60, tinha uma, tinham voos, né, que fazia de Jaguarão a Santa Vitória, via, por cima da Lagoa. Isso é muito, muito...

**J:** Interessante.

**E:** ... muito interessante, assim, dessa.

**J:** E o que você achou da entrevista, da forma como ela foi conduzida, tópicos?

**E:** Muito interessante, bem-conduzida, né? Foi bem leve na questão da, do tempo, bem-utilizado. Maravilhosa.

**J:** Então, tá. Obrigado.

**E:** Obrigado a você, Jaciel.

**Entrevista com "Ricardo"**  
**Café Libre, Pelotas, 25/11/19**

**J:** Estamos, então, iniciando a entrevista com o Sr. [nome do entrevistado]. É, a primeira pergunta Sr. [nome do entrevistado], é se pudesse falar um pouquinho sobre o senhor, sua formação, sua profissão, seu ramo. E como é que o senhor se insere nessas questões de turismo.

**E:** Eu sou aposentado. Na verdade eu trabalhei desde os 18 anos com um escritório de representações. Que eu mantenho funcionando até hoje, só que sou aposentado. E me dediquei por muito tempo à agricultura, à pecuária. E sempre fui um apaixonado por acampar, por cavalgadas, por natureza. E... tinha um descontentamento de ver que nossa região aqui, ela nunca teve uma destinação com o nome turístico. Enquanto a gente conhecia, via toda aquela questão de Serra, de Missões. Eles se promovendo, e nós sempre aqui éramos, nos noticiários, né, classificados até com certo descrédito. A metade pobre, a metade isto, a zona aqui. E aí, nós começamos um trabalho. Fundamos uma associação que se chama Associação Cultural dos Cavaleiros da Costa Doce. Pró-desenvolvimento do turismo e de manter a cultura do gaúcho. E passamos a trabalhar nesse assunto, né? No aspecto mais amplo da sociedade, em todas as atividades, e fazer parcerias. Hoje felizmente nossa região chama-se região turística da Costa Doce. Inclusive ganhou sobrenome agora, por um estudo feito cientificamente, ah, encomendado pelo Sebrae, chama-se “Região turística da Costa Doce”, e o sobrenome “gaúcha”. Realmente, porque se chega a essa conclusão científica realmente, que essa formação do gaúcho, da ocupação do RS, se dá a partir da cidade de Rio Grande. E vai ocupando espaços no estado, né? Então, esse assim seria o básico. O que me envolveu com o turismo, com o conhecimento da região. A paixão pelas águas veio já – eu costumo até brincar com isso – da barriga da minha mãe. Que meu avô, ah, paterno, tinha uma lancha, e, como eu digo, desde que minha mãe tava grávida, andávamos por essas lagoas aqui. E o que que ocorre? Depois a gente vai se desenvolvendo, e crescendo, e aprendendo essa questão de acampar, de conhecer a natureza, de ser a favor da natureza. Não achar que a natureza, porque nós civilizados entre aspas, nós sempre temos uns procedimentos assim que, nós nos colocamos na cadeia como, de ponta, né? E não é essa uma situação muito... (riso). E nem é, nem se pode discutir isso, mas não somos assim, não somos a ponta dessa cadeia. E então, através dos anos – como eu te disse – desde a infância, eu sempre aprendi a acampar, navegar pelo São Gonçalo, e entrar aqui pela direção da Mirim. E correr essa Lagoa dos Patos. E isso aí é o que eu digo, não é? Se fica, esse sentimento vem atávico, já de outras gerações. E se manifesta na gente. Até [inaudível] uma coisa muito particular nas famílias. Porque às vezes tem uma família com número grande de

peessoas, uma ou duas, só tem isso, herdam isso. Eu fico muito feliz de ter dado isso. Às vezes as pessoas comentam inclusive, por exemplo, na minha família: “Engraçado, tu é que saiu assim”. Fico feliz de ter saído assim (riso).

**J:** Muito bom.

**E:** Isso é o básico.

**J:** Esse é o básico. E, se não me engano, o senhor é representante do Turismo e Lazer no Comitê de Bacias.

**E:** Sim, isso. A gente tem, também tem uma cadeira nisso. No Conselho Municipal de Turismo, no Estadual também... Várias atividades. Tudo que tem a ver com questões assim, nós procuramos, essa gestão toda de mineração no Camaquã, a gente procura, né? E opinar porque nós somos aquele, nós moramos aqui, nós vivemos aqui. De repente os nossos descendentes, eu não sei quantas gerações vão estar aqui, mas eu acho que o que a gente puder fazer. Independente de ser ligado sanguineamente à gente, a gente faz pro universo da questão, né?

**J:** Tá certo. E como é que tá o andamento do Plano de Bacias?

**E:** O Plano que Bacias, o que que ocorre com o Plano de Bacias: ele é um estudo muito complicado. Com uma diversidade de, e, de assuntos intrínsecos e de interesses. Que ele, é, ao mesmo tempo que avança, ele encontra dificuldades pra avançar, né? Mas essa questão de estudar, de se discutir o assunto, trazer as questões pra mesa, isso aí só favorece. Porque permite que se desmistifique muitas coisas.... permite que encontre um ponto de equilíbrio. Porque não adianta, os grupos externos, esses não constroem. Na verdade, um fica puxando só pra aquele lado, ou só pro outro. Nós precisamos construir um entendimento de que, nem uma, nem outra das partes é a dona da razão. Tem que se equilibrar nisso aí.

**J:** Isso.

**E:** Então eu acho que avança. O estudo avança. As decisões, no geral, elas são boas. São boas. Essa é a minha avaliação particular, não é? Eu vejo assim, eu até te dou depoimentos, em relação a águas, por exemplo. Eu sou crítico, constante, da questão do saneamento das cidades. Porque olha, tu não imagina o quanto eu viajo nesses lugares assim... Estamos andando a cavalo, coisa muito linda de andar a cavalo. Porque, como não tens velocidade, tu tens dois ganhos. A observação tranquila, e uma visão panorâmica de cima do cavalo muito privilegiada. Que que acontece? Aí tu vê, assim, os lixos na costa, nas praias. Geralmente são lixos urbanos e dos dito “civilizados”. Num sentido assim: tu encontra, tu não imagina, lá no fundão, a 100km daqui encontramos um tubo de tevê encalhado. Tem. Outra coisa que, agora teve um grande problema no Brasil, tá tendo ainda, esse negócio daquele óleo lá, isso é outra coisa. A questão da pesca



tem que ser muito controlada nesse sentido. Outra coisa: dá pra juntar, colecionar liquinhos descartados pelos pescadores.

**J:** Isso o senhor se refere também à Lagoa Mirim, no caso.

**E:** As duas lagoas são, são muito parecidas. Porque elas fazem parte desse ecossistema. A pesca dum lado, do outro... Claro, guardadas as devidas proporções. Até a colônia de pesca daqui, por ser mais próxima de Pelotas, São Lourenço, São José do Norte, tem outra dimensão que lá, dos pescadores da Mirim. Mas os problemas são muito semelhantes. Eu quero dizer o seguinte: a, a, as águas, as águas, na verdade, elas não são consideradas pelo ser humano no sentido de, da importância que elas têm pra nós. A pessoa, se eu tenho 70% de água, né, nesse meu 1m, 70 e poucos, imagina o valor que isso tem? Pra vida.

**J:** Nessa problemática, que o senhor aponta de gestão das águas, na área da Lagoa Mirim, como é que o turismo e o lazer vêm sendo trabalhados, contemplados visto se...

**E:** Aqui tem o *camping* da Capilha. Eu acho que muito bem trabalhado. Ele é muito bem-trabalhado. Ele, inclusive é, a Mirim aqui, ela tem um potencial de turismo, pra turismo enorme. Que é desconhecido. Nós, se tu me permitires, assim, viajar um pouco no nosso assunto, né? Eu vou a determinadas regiões onde se mostra e valoriza-se, e com razão, determinado ponto turístico, que eu vejo assim, lá nós temos um ponto que é capaz de atrair muito mais pessoas, de oferecer muito mais beleza, muito mais tranquilidade, lazer, isso e aquilo. Mas nós não soubemos articular isto, nós transformar isso em produto. Esse, por isso que pra mim a Mirim, no meu ponto de vista, praticamente não tem exploração turística. Não tem.

**J:** E dentro do Comitê de Bacias. Esta fala aparece, hoje?

**E:** Ela aparece muito pouco do turismo. Até porque nós não tínhamos a cultura do turismo. Há uma certa resistência, não é dentro da Bacia. No conjunto, no conjunto político, né. A, a, os políticos preferem trabalhar com evidências, como pintar o cordão da calçada. Lá na costa da Lagoa eles não têm essa evidência. Embora isso aqui não seja importante. Não era nem pra pintar, no meu ponto de vista. Às vezes eles botam tinta. Então, o que que tem que fazer? Assim, que isso aí é repetitivo, não é uma questão minha, é geral. Nós temos que começar na tenra idade. Mostrar pra criançada. Primeira coisa: mostrar pra eles, pra aqueles morador dos rancho, das casas, das granja, eles moram num lugar bonito. Num lugar que tem história. Que muitos invejariam de morar, entendeu? Pra ele gostar daquilo, pra ele ter autoestima, e o turismo é assim. Eu, quando falo, às vezes nas colônias aí, no interior, eu vou, lá mesmo, na Mirim. Num canto lá que tem uma pequena localidade de pescadores. A primeira coisa, assim, que sempre me vem à mente dizer: façam um museu. “Ah, mas fazer um museu, vou juntar...?”. Vai: tudo

que tá jogado na volta da casa de vocês, pega lá, aquele instrumento que não usa mais, que jogaram fora, não é pra pintar ele. Limpa ele pra fazer um museu.

**J:** É uma ideia.

**E:** É uma ideia. Porque quando tu faz um museu, além de mostrar pra mim quando eu vou lá de turista, tu tem que interessar tuas crianças, porque, um museu, o que ele é? Ele é história daquele, que o avô dele veio pescando, do pai, como é que ele chegou ali... A questão das águas, eu tenho outro reparo pra fazer.

**J:** Uhum.

**E:** Há esse grande debate entre o rural e o urbano. Muito bem. Eu não desconheço que há abusos. Mas eu vou te fazer, vou te dizer uma coisa tranquila, uma afirmação que não pesa nada pra mim fazer. Dizer que é um problema, o que o urbano desrespeita os córregos, as, qualquer sanguinha, qualquer curso d'água, uma nascente... É muito mais acentuado isso no urbano do que na população rural. A população rural sabe da dependência disso pra eles.

**J:** Um pouco sobre as suas experiências na Lagoa Mirim. Experiências até, pessoais. Que locais, assim, da Lagoa Mirim que o senhor já esteve?

**E:** Eu vou te dizer: eu já saí daqui dos Oliveira, e fui a cavalo por dentro da Mirim, fui assim a Santa Vitória do Palmar...

**J:** De...

**E:** A cavalo.

**J:** A cavalo.

**E:** Um grupo nosso, a cavalo. Só pra ti veres, em maio isso deve tá fazendo oito anos. Toda rota inclusive posso te mandar.

**J:** Pode mandar.

**E:** Todo o roteiro. O lugar onde dormimos, aonde fizemos a refeição.

**J:** Perfeito.

**E:** Nós saímos daqui, e fomos a Santa Vitória, para chegar em 1º de maio, que o rodeio campeiro deles, lá. Um grupo, nós éramos umas dez pessoas. A cavalo. E nós viajamos, nós viajamos justamente num ano em que a Lagoa estava baixa. Nós viajamos todo o tempo entre os banhados e a Lagoa. Até sair fora da Lagoa, tá? Passamos por todos esses canais de granja. Tenho todos os pontos. Essa a gente sempre faz e, e....

**J:** Documenta.

**E:** ...tem documentado.

**J:** E o senhor já foi, já conhece o lado uruguaio da Lagoa?

**E:** Do lado uruguaio eu conheço muito pouco a Lagoa, do lado uruguaio. Mas, por incursão ali pelo Jaguarão, pra lá, isso aí eu conheço. Eu conheço. Agora, eu conheço a Lagoa assim: tu já teve na barra do Del Rey, lá?

**J:** Não, ainda não.

**E:** Então, eu vou te dizer: tu vai lá, tu sai de dentro dos campos, e passa no Arroio Del Rey, nuns pontos extremos históricos, lá. Inclusive tem o último navio que fazia transporte de cargas pra lá, tu sabe dessa história?

**J:** Sim.

**E:** Tá o mastro dele assim, parece que plantaram o mastro lá. Aquilo ali eu já passei, passei a cavalo. E entrei por dentro e fiz a croa, chama-se “a croa”. Eu sou um grande navegador a cavalo também. Porque a gente tem que conhecer as águas. Então, eu fiz a volta e viemos encerrar aqui... Isso foi outra feita também. Outra feita. Viemos encerrar aqui na Santa Marta, não sei se tu conhece pra lá...? Aqui, no Curral Alto.

**J:** Curral Alto.

**E:** Nós fizemos uma volta, por dentro do município, lá. Fomos na Mangueira, fizemos a volta. E viemos sair aqui na Mirim. Ninguém conhece, se esbarrar, assim.

**J:** Uma bela incursão.

**E:** Lindíssima. E de cima do Farol do Albardão, tu nunca teve lá? Tu enxerga uma pequena faixa de terra. Também, vale a pena. O próprio farol tem uma história fantástica. Os instrumentos...

**J:** O Albardão.

**E:** ...o Albardão.

**J:** E que comparação, tendo conhecido talvez menos o lado uruguaio, e mais o lado brasileiro, mas que comparação o senhor faria, até turisticamente, em termos de paisagem, o lado brasileiro e o lado uruguaio da Lagoa?

**E:** Eu acho que o lado brasileiro é mais fácil de desenvolver turismo do que o lado uruguaio. Até eu tenho convites pra ir acampar. O pessoal passa ali, vai acampar lá do outro lado. Não tem, é só mesmo pra acampar. Não tem muitos atrativos. Agora, o turismo rural, nesse lado de cá... nesse lado de cá tem “n” propriedades que podem oferecer um turismo rural fantástico ali.

**J:** Nessa região

**E:** Nessa região sim!

**J:** Bom, o senhor, né, mora em Pelotas.

**E:** Nasci e me criei aqui. O lugar que nasci chama-se Cacimba do Mato. Hoje é uma zona bem *buena*.

**J:** Hoje é um bairro, né? Que locais semelhantes o senhor visitou, que tem paisagens semelhantes à Lagoa Mirim?

**E:** O que é que ocorre? Eu tenho um estudo, que quando nós fundamos Os Cavaleiros da Costa Doce, eu pedi pro meu professor de Geografia no ginásio – Professor Mário Rosa, pessoa fantástica, hoje ele tá bem idoso – e ele fez pra mim. Porque nós temos um caderno, né, de, com as programações, e a contra-capta a gente imprime aquele estudo. Mostrando milenarmente como se forma essa zona lagunar, aqui. As lagoas, esse próprio canal, como ele se forma, não é? O que que eu quero, o que que eu posso te dizer? Isso faz parte de um sistema só, único, né? Inclusive tem uma coisa assim que, a riqueza nossa aqui no RS, se tu descer pelo outro lado aqui, tu tem 30 e poucas lagoas. Até chegar aqui à Lagoa dos Patos, até chegar ao estreito do oceano, ali, né? Então, isso faz parte tudo do mesmo complexo. E isso não, há milhões de anos que isso foi formado. Isso era um mar, né?

**J:** O senhor já falou bastante, né, sobre suas experiências a cavalo. Mas tem alguma coisa que o senhor gostaria de ter feito na Lagoa Mirim, alguma prática, alguma atividade que o senhor não fez ainda?

**E:** Ah, várias, né?

**J:** Por exemplo...

**E:** Por exemplo: a Mirim, essa travessia que nós falamos, pro Uruguai. Ir pela Mirim, entrar pro Uruguai. E lá no porto uruguaio que vai permitir a navegação, esse estudo que a gente tem do Cebollatí pra cá... Isso são coisas que eu tenho a curiosidade.

**J:** Gostaria de fazer.

**E:** Gostaria de fazer. Eu sei, as correções da calha da Mirim, essa questão toda que é necessária, não? Pra nós fazer esse caminho aqui, né?

**J:** E o que é bom de fazer na Lagoa Mirim, no verão, mas que não é bom de fazer no inverno?

**E:** Bom, aí vai depender muito da personalidade das pessoas. Tem pessoas que gostam das duas estações. Tem pessoas que não gostam do verão, ou não gostam do inverno. Eu, eu sou ser muito, muito... como é que eu vou te dizer? Eu analiso as coisas assim, eu levanto assim, se tá chovendo, não me descontenta. Porque chover faz parte, né? É o mundo, chove, ora faz sol, ora tem vento, ora não. Então, mas tem pessoas que se rebelam com a intempérie. Eu acho assim: por exemplo, na, na, época do evento, é desconfortável. Então eu tenho que reconhecer que é desconfortável, não? Mas inverno ou verão, pra acampar, pra pescar, pra fazer um lazer, de ficar ali, lendo um livro, e tal. Tanto faz se é verão ou inverno.

**J:** Indiferente.

**E:** Depende do que tu exige de conforto. Tem certos confortos, por exemplo: quando eu saio assim eu não quero saber de televisão, de rádio, sei lá eu. Se não, eu saio pra outra coisa.

**J:** E o que que, ahm, não se pode ainda praticar ou fazer na Lagoa Mirim, mas que porventura é ofertado em outros locais com paisagens semelhantes?

**E:** Eu acho que a Mirim, ela tem tudo assim pra é, passeios, passeios embarcados, o próprio uso do *jet ski*, que muitas vezes as pessoas condenam, mas não, é só disciplinar onde tem zona de banho, faixa de segurança, tudo.

**J:** E existe essa prática na Lagoa Mirim, então?

**E:** Ela, ela. Existe muito pouco. Ela deveria de existir mais. E os passeios, por exemplo, os passeios, inclusive, tinha que se fazer convenções com o uruguaio, né? É, pra manter uma linha de troca de turismo. Isso aí é muito óbvio!

**J:** Do lado de lá, né?

**E:** Isto.

**J:** Se comunicar com o lado de lá.

**E:** Exatamente.

**J:** E o senhor observou alguma coisa que as pessoas praticam, ou fazem, de atividade turística no lado uruguaio, que não fazem aqui? Se tem alguma diferença nesse aspecto, ou as práticas são as mesmas?

**E:** As práticas são muito semelhantes. Mas eu acho que nós desfrutamos melhor a nossa água que eles.

**J:** Que eles.

**E:** Eles não têm esse hábito.

**J:** E, que paisagens da Lagoa Mirim, que o senhor conhece, ou não, que merecem uma foto?

**E:** Ah, isso é muito difícil.

**J:** Se o senhor tivesse que escolher uma. Que foto seria essa?

**E:** Olha, aqui na Capilha é muito lindo. Mas eu te falei há pouco lá da barra do Del Rey. A barra do Del Rey inclusive foi um lugar assim que, aqui, que eu vi ao natural, flamingo. Eles migram. Flamingo mesmo! Em fevereiro. Que eles migram, né? Tem foto. De longe, mas tem foto. Eu a cavalo, tirando foto.

**J:** O senhor tiraria uma foto ali, então.

**E:** Ah, sim.

**J:** No Del Rey. Na sua opinião, na sua percepção, qual o principal meio de informação e divulgação da Lagoa Mirim, hoje?

**E:** Eu tenho que ser sincero, né? Não posso... Eu acho que... Porque, o que eu quero entender por divulgação? Da Lagoa Mirim? Uma divulgação que tenha, ah, um objetivo, ou vários objetivos. Mas que ela seja pautada por um programa. Porque... o passo a passo... porque não adianta essas divulgações assim extemporâneas, e depois, some. Some, some. Nós temos que ter uma linha de atuação. E o turismo, sem isso, a planta não cresce.

**J:** Aí antes eu fiz a pergunta sobre a foto que o senhor tiraria. Mas que foto o senhor acha que as pessoas em geral escolheriam na Lagoa Mirim pra clicar, ali?

**E:** Ah, eu acho que tem se explorar mais essa imagem da Capilha. Da capelinha, lá. Porque essa te, te remete assim, tanto a beleza da natureza, já com aquela participação da, da primeira leva de colonização, daquele... Na verdade tu tem que sonhar, né? Tu tem que sonhar. Tu olha aquilo ali e fica vendo “ah, eles vieram pra cá”. Tem um lugar fantástico na beira da Mirim, chama-se Estância dos Provedores. Tu já ouviu falar? Vai visitar. A Estância dos Provedores, ela justamente se chama “Provedores” lá, porque tem uma enseada da Mirim. No tempo do império, tudo que ia pra lá, o império mandava por ali. A, a alimentação, a, inclusive, armamentos, soldados... por isso chama-se “Provedores”. Vai visitar a Provedores! Pede pra visitar. É do tempo da, da, do império. Tu vais ver o típico casarão que tem... o pátio central, totalmente cercado pela casa. Deve de estar, deve ter a mesma coisa. Parreiras com o tronco desse tamanho. O poço, no centro, que era a segurança dos moradores. A, é um, é um museu, e um documentário de uma época. Se tu tira a foto de uma fechadura tu tira, tu sabe que, uma fechadura assim, com a chave. Que era uma arma. O que que eu to te dizendo, é assim: isto é o que completa, entendeu? A questão do turismo, de atrativos pra Mirim. Provedores, por exemplo, tá ali. Eles têm registros, assim, lá, por exemplo: tem uma família que é proprietária, ela tem um veterinário que cuida dessa parte de assistência técnica, além de capataz, esse negócio de campo. E quando nós fizemos essa visita lá, e nós fomos a cavalo, fizemos viagem a cavalo. Na segunda vez que nós fizemos essa viagem pra lá. Eles têm os registros dos gados, como eram vendidos, 200 anos atrás. E as marcas. Então, tinha a tua marca, a minha. E ali dizia: 200 pro fulano, e desenhava lá. Aqueles gados todos eram juntos em grandes tropas pra comercializar. E tá lá os registros, né?

**J:** Os documentos.

**E:** Os documentos. Quer dizer, e quando tu chega ali na Provedores, tu chega naquelas margens ali, aquilo que é negócio assim, que pra um turista, uma pequena apresentação que tu faz assim como eu to te fazendo aqui, começa viajar, a viajar. No tempo das ocupações, os espanhóis vinham até ali. Os portugueses empurravam eles pra lá. Eles empurravam pra cá. E aí vai.

**J:** Seu [nome do entrevistado], nós vamos pra uma parte da entrevista, que eu faço algumas afirmações sobre a Lagoa Mirim, e o senhor me responde, do “um” ao “cinco”, do “discordo totalmente”, “discordo”, “concordo, nem discordo”, ou “discordo”.

**E:** Uhum, uhum.

**J:** Se o senhor quiser responder o número, já. A gente já sabe.

**E:** Tá.

**J:** Outros locais semelhantes à Lagoa Mirim têm mais turismo.

**E:** Tu queres que eu cite?

**J:** Não. O senhor só me responde, ahm, discordando ou concordando, né, que outros locais semelhantes à Lagoa Mirim têm maior turismo.

**E:** Ah, sim. Concordo que outros locais têm mais turismo.

**J:** Os barcos e redes de pesca artesanal, na Lagoa Mirim, são belos de se ver.

**E:** Uhum.

**J:** É o número... quatro?

**E:** Quatro.

**J:** Os turistas contemplam as paisagens estando sós ou estando...

**E:** Até se tu me permite refazer...

**J:** Sim.

**E:** Eles não, não. Belos de se ver, assim. Pequena, uma questão.

**J:** Claro.

**E:** Tu conhece aqui a Z-3, de Pelotas?

**J:** Sim.

**E:** Tu conhece ali o que eles chamam de Divineia? Onde fizeram uma enseada, pra entrar os barcos, pra ficar ali, longe da rebentação.

**J:** Por nome eu não me lembro, mas já estive.

**E:** Chamam Divineia. É um, abriram assim, uma entrada pra lagoa. E fizeram uma ilhota ali.

**J:** Certo.

**E:** Ali os barcos entram, e vão ancorando na volta. Aqui ali com aqueles barcos, e hoje os barcos são bem-pintados, só falta as casas, o morador, isso eu falo lá, falo há vinte anos. Que tem que limpar o terreno deles, que não tem que botar lixo, que tem que pintar as casas. É igual a qualquer vila de pescadores da Europa, que o pessoal paga um monte de dinheiro pra ver, né? O problema é que... Essa beleza falta nos barcos, né?

**J:** Lá da Mirim, né?

**E:** Falta. Então, é “nem concordo, nem discordo”.

**J:** Nem discordo. Três?

**E:** Três, é. Só pra corrigir.

**J:** É, os turistas na Lagoa Mirim contemplam a paisagem estando sós ou com poucas pessoas na volta.

**E:** Ah, com poucas pessoas.

**J:** Seria o número...

**E:** Pode repetir a pergunta?

**J:** Os turistas contemplam as paisagens da Lagoa Mirim estando sós ou com poucas pessoas na volta.

**E:** Concordo.

**J:** Número quatro?

**E:** Uhum.

**J:** O foco do olhar do turista na Lagoa Mirim está na linha do horizonte.

**E:** Concordo.

**J:** É, o pôr do sol é um espetáculo da natureza.

**E:** Concordo. E maravilhoso lá. Tu já viu? Tu tá com a lente assim, e se tu não prestar atenção, tu tá vendo aquele último, quando ver, já sumiu.

**J:** Já sumiu.

**E:** Eu tenho uma série de fotos fazendo isso.

**J:** Essa referência.

**E:** Lá na Costa da Mirim.

**J:** As paisagens da Lagoa Mirim parecem pintura.

**E:** Concordo.

**J:** Há bons locais na Lagoa Mirim para descansar no tempo livre.

**E:** Concordo. Cinco até, pode botar.

**J:** Cinco.

**E:** Uhum.

**J:** Na temporada, o portoalegrense opta ir ao Uruguai pelo Chuí ou por Jaguarão pelas paisagens da, da Lagoa Mirim. Na sua percepção.

**E:** Discordo.

**J:** Dois, né?

**E:** O pessoal vai muito mais por Jaguarão ou Chuí e não lembra das paisagens da Mirim.

**J:** Da Mirim, né. Deixa eu ver aqui qual que foi, e qual ainda não... O vento constante é um problema.



**E:** Esse é aquele caso que eu te digo: “nem concordo, nem discordo”.

**J:** Três, né?

**E:** É.

**J:** Ir pra Lagoa Mirim exige disposição.

**E:** Ir pra Lagoa Mirim existe...?

**J:** Exige.

**E:** Exige, ah, sim! Sim, sim. Concordo.

**J:** Feito. Número... quatro?

**E:** Quatro.

**J:** Falta um ponto elevado pra observar melhor.

**E:** Concordo. Por isso que eu te falei no Farol do Albardão.

**J:** Exato. A vista. A água torna a paisagem bela.

**E:** Sim. Concordo.

**J:** A água geralmente está contaminada. A água da Lagoa Mirim. Imprópria pra banho, no caso.

**E:** Discordo.

**J:** Tá certo. Este aqui, Sr. [nome do entrevistado] é um exercício de projeção e de imaginação a partir desta foto, tá?

**E:** Uhum.

**J:** Eu vou fazer algumas perguntas e o senhor vai me, tentando viajar aqui comigo. Como o descreveria esta, esta paisagem? O que o senhor enxerga aqui?

**E:** Posso fazer uma pergunta?

**J:** Pode.

**E:** Isso aqui é Costa da Mirim?

**J:** Sim. É uma foto da Lagoa Mirim.

**E:** Tá, não. Só queria ter certeza.

**J:** Todas elas são da Lagoa Mirim.

**E:** Certo. Uhum. Que que eu enxergo aqui?

**J:** Isto.

**E:** Na verdade eu to enxergando que tão fazendo uma coisa que é imprópria. Pra costa.

**J:** E onde o senhor pensa, imagina que essa foto tenha sido encontrada? Onde o senhor acha que eu encontrei essa foto?

**E:** Deve de ser em alguém querendo promover turismo.

**J:** E onde o senhor pensa que é este local? Eu lhe falei que é na Mirim. Mas em que ponto da Mirim o senhor acha que foi tirada essa foto?

**E:** Geralmente o pessoal acessa a Mirim ali pelo fundo das granjas. Então eu não tenho a mínima noção pra te dizer onde, sinceramente.

**J:** Tentando imaginar em que época do ano foi feita este, esta viagem? Provavelmente.

**E:** Fevereiro.

**J:** É, como é, ou quem é esse fotógrafo? O senhor consegue imaginar?

**E:** Não consigo.

**J:** O perfil deste... esse...

**E:** Deve ser um fotógrafo de aventuras, né? Mas, quem será? Difícil.

**J:** O senhor imagina que esse fotógrafo foi sozinho, ou ele foi acompanhado de um grupo, de outras pessoas.

**E:** Esses jipeiros geralmente eles andam acompanhados.

**J:** O senhor, é, pensa que o fotógrafo, ele foi exclusivamente a esse local da Lagoa Mirim, ou ele foi a outros locais, na mesma viagem?

**E:** Deve ter ido a outros locais.

**J:** Além de fotografar, o que mais que esse turista fez na estada no local? Provavelmente.

**E:** Como não tem, nem vejo gente dentro do veículo, não posso... Geralmente quem faz isso de carro, gosta do desafio, do obstáculo, né, na natureza. Não vejo que...

**J:** É mais em torno disso, então?

**E:** É, é o desafio, né?

**J:** E quanto tempo o senhor acha que ele ficou nesta, nesta localidade?

**E:** Não deve de ter excedido a meio dia.

**J:** Meio dia. E na sua opinião, por que ele tirou e postou a foto?

**E:** É, mais pra uma afirmação de que o jipe consegue enfrentar a natureza sem, sem se atolar, sem apagar. Isso é normal, até porque eu tenho amigos, e já fui pra lá, com jipeiros.

**J:** Certo, o senhor já acompanhou.

**E:** Eles vibram nesse sentido. Eles procuram aonde pensam que não vai passar pra um desafio, né?

**J:** Certo. Aventura, né?

**E:** Isto.

**J:** O que o senhor achou da entrevista?

**E:** Achei boa a entrevista. Boa, boa entrevista. Achei que as tuas perguntas foram objetivas. Não escondeu nada.

**J:** Então agradeço muito a participação do senhor. Estamos à disposição.

**E:** Eu agradeço tu ter lembrado da minha pessoa, e eu também fico à disposição. E sempre que for possível contribuir, de uma forma ou de outra, né? A gente tá aí pra isso. Temos que preservar essas questões todas da natureza, discuti-las. Até porque discutindo, pode-se achar as soluções.

**Entrevista com "Carla"**  
**Escritório do Sebrae, Pelotas, 25/11/19**

**J:** Vamos iniciar a entrevista com a [nome da entrevistada]. Vou iniciar perguntando é, qual é sua profissão, sua atuação, sua formação, seu ramo.

**E:** Bom, ahm, eu, hoje eu sou gestora de projetos de turismo aqui no Sebrae, desde 2006. A minha formação é, eu sou publicitária, né? Tenho duas graduações. E a segunda graduação é Turismo, né? Sou turismóloga, e tenho um pós-graduação em Marketing. Atuo no Sebrae desde essa época, que eu já citei. Comecei em 2006 fazendo o projeto de turismo chamado, na época, APL de Turismo na Costa Doce. Esse projeto já tinha iniciado em 2002, e eu atuei nele desde então, porque eu era consultora. Prestava serviço para o Sebrae. Então, eu já atuava nesse projeto. Então, quando eu assumi a gestão, que eu vim a ser funcionária do Sebrae, os projetos estavam sendo descentralizados. Os planos regionais, e eu me candidatei a esta vaga, e desde então eu sou gestora do Turismo aqui no Sebrae.

**J:** Você é originalmente de Pelotas, ou de outra cidade?

**E:** Sou de Pelotas. Nasci aqui. E me radiquei aqui. Trabalhei em outros lugares também, trabalhei como consultora, né? Trabalhei pro Sebrae em outros municípios. Fui responsável por fazer diagnóstico em vários municípios. E, mas a gestão realmente é desde 2006 que eu tenho ela comigo aqui, com os meus colegas, parceiros. Não faço esse trabalho sozinha. Trabalho de colaboração com muitas entidades. Muitos parceiros. E com a própria região, né? As pessoas que fazem parte do *trade* turístico, que fazem parte desse arranjo produtivo local... porque é assim que eu acredito na construção, né? Ela tem que ser coletiva.

**J:** Coletiva.

**E:** Se não, a gente não vai muito longe.

**J:** A segunda pergunta, é, qual vem sendo, digamos, o papel, como que a Lagoa Mirim aparece, qual é a identidade que a Lagoa Mirim confere pra essa região em termos de turismo, paisagem... Como é que a Lagoa Mirim vem sendo vista?

**E:** Ahm, a região ela, que é que a gente, que trabalha com a região, na região toda, a gente enxerga: a região tem um grande complexo lagunar, né? De águas doces. E as lagoas fazem parte desse complexo. Mas a Lagoa Mirim fica, indo daqui pra Santa Vitória, fica à nossa direita, certo? Ahm, eu vejo aquele lugar, porque eu conheço a Vila da Capilha, né? A minha frequência na Lagoa Mirim é quando eu vou a Santa Vitória do Palmar, e passo pelo Taim, e vejo todo aquele potencial de natureza. E também quando vou na Capilha, enfim, que tem aquela, aquela, aquele vilarejo ali, e aquelas belezas naturais tão, tão únicas na nossa região,

né? E que ainda não é explorada turisticamente. Eu tenho a impressão que o crescimento tá um pouco desordenado na beira da Lagoa Mirim, ali. Principalmente na Vila da Capilha. Ahm, já vi casas nas dunas, né? Isso preocupa. Eu acho que tem que ter uma preocupação em relação a isso. Ahm, de preservação daquele ambiente que é frágil, né? Mas que ele sim pode ser explorado turisticamente de uma forma sustentável, né? Ahm, Eu vejo que a região, e as pessoas, não valorizam tanto as nossas águas quanto outras pessoas que vêm aqui, né? Ahm, a gente precisa dizer pra, pra região que ela, que é possível trabalhar esportes náuticos e esportes na água, né? Na natureza, e atrair turistas. Acho que isso ainda não é explorado como deveria. Sempre pensando na sustentabilidade do lugar, do meio ambiente, enfim, e das pessoas que trabalham, né, com isso. Então, a Lagoa Mirim é o grande potencial da região ainda pouco explorado. Eu vejo ela assim. Mas também precisa ter uma preocupação de planejar isso direito. "Ah, vamos explorar turisticamente", mas como? Planejar pra não agrida aquele ambiente, e que a gente realmente possa oferecer um, um produto turístico único. De belezas naturais e de preservação da natureza, enfim. Eu acho que dá pra fazer. Só tem que ser bem-planejado.

**J:** Bem-trabalhado. Certo. Bom, você, uma pergunta, o perfil do visitante, né? Na sua opinião, este visitante que procura a Lagoa Mirim, ele é turista, praticante de esporte, de lazer... Como é que a gente poderia enquadrar ele, e por quê?

**E:** Olha, eu não tenho uma informação exata das pessoas que frequentam a Lagoa Mirim. Não posso te dizer exatamente. Mas a percepção...

**J:** Percepção.

**E:** ...é, que se tem, é que as pessoas vão no verão, por causa da praia, da Lagoa Mirim, né? As pessoas vão fazer observação no entorno da Estação Ecológica do Taim, da fauna e da flora daquele ambiente. E que são pessoas que, quem vai à praia não sei se tá preocupado com a preservação. Agora, quem vai fazer observação da fauna e da flora da região, acredito que são pessoas que estão mais preocupadas com a, com o meio ambiente.

**J:** Dois perfis diferentes, então, na sua opinião?

**E:** Acredito que sim. Porque, quem gosta de fazer observação de fauna e flora, enfim, são pessoas mais conscientes em relação a preservar esse ambiente, né? E o turista que vai pra praia só no verão, só, já não tá muito preocupado com isso, assim.

**J:** Na tua opinião, a atitude seria outra.

**E:** Eu acho que sim. Que não, não tanto de preservar. Tanto que a gente vê esse crescimento lá na Capilha de, de algumas, casas de veraneio, pequenas pousadinhas, enfim. Não sei se não tão, não tem uma, me parece que não tem uma preocupação de preservação com aquele lugar. Inclusive eu já conversei com o prefeito de Rio Grande, né? Sobre isso. Ainda essa semana.

Falei com ele. Eu disse que a minha preocupação era essa. Em relação à Vila da Capilha, principalmente. Do crescimento ser desordenado. E não se preocupar com esse ambiente.

**J:** Certo. É, então você citou a Vila da Capilha. Você como visitante, você já visitou outros locais da Lagoa Mirim?

**E:** Não.

**J:** Visitante.

**E:** Como visitante. O que eu visitei foi ali na Estação Ecológica, lá na praia. Fiz uma trilha que ia no entorno da Estação Ecológica, que vai até a Lagoa. Mas foi isso.

**J:** É, se você já ouviu falar, ou quando eu falo no termo "paisagens lacustres", o que vem à sua mente.

**E:** Paisagens lacustres, paisagens à beira da lagoa.

**J:** Da lagoa. O que é que isso te remete? A primeira coisa que vem à sua mente, assim.

**E:** Natureza. Preservada.

**J:** Preservada. Você já falou um pouco sobre a sua experiência na Lagoa Mirim, o que você fez. Você falou das trilhas, e tal. Você fez alguma coisa mais que você tenha feito é, nessa ida, ou nessas idas à Capilha que tenha te marcado. As coisas que mais te marcou.

**E:** Eu levei, na verdade a gente fez uma visita técnica na Estação Ecológica, né? Com artesãs de uma coleção chamada "Bichos do Mar de Dentro", que eu trabalhei, talvez tu conheça. É, pra que elas, essas artesãs, elas reproduzem a fauna e a flora da região através do seu artesanato. Então, eu tava conduzindo esse projeto "Bichos do Mar de Dentro". Foi cinco anos de projetos. E eu levei as artesãs pra interagir com esse ambiente que elas estavam reproduzindo, né? Os animais que habitam ali, a flora daquela região. Então, foi uma experiência muito gratificante, porque elas enxergavam lá aquilo que elas estavam reproduzindo, né? Os bichos vivos lá, né? Elas tão fazem o tahã, por exemplo, em biscuit, em bordado, em crochê. E as chegaram lá e viram as capivaras. E tudo isso foi emocionante pra elas, né? Que algumas conheciam, outras não, né? E elas, algumas que nem conheciam, reproduziam os bichos através dos livros, da informação técnica que a gente levava pra elas. Então foi uma experiência bem legal de ser vivida.

**J:** Te marcou.

**E:** Todo mundo tinha que ter a oportunidade de viver essa experiência.

**J:** Se você é, claro, você tá em Pelotas entre as duas lagoas. E tenho aqui uma pergunta, é, que locais você já visitou com paisagens semelhantes à Lagoa Mirim. Que tem alguma semelhança. Que não seja a Lagoa Mirim.

**E:** Talvez a Laguna dos Patos em São Lourenço do Sul.

**J:** Te lembra?

**E:** Ou em alguns ambientes, não todos, né? Talvez. Ahm, o Porto de Santa Vitória do Palmar. Tem, é Lagoa Mirim.

**J:** É Lagoa Mirim. Aqui eu tinha a pergunta sobre as atividades, mas você já citou as atividades da última vez que você esteve lá, ou que mais te marcou. É, o que outros visitantes teriam feito, mas que você ainda não teve oportunidade de fazer talvez? Alguma atividade, alguma coisa?

**E:** Bom, eu nunca veraneei, nunca fiquei na praia da Lagoa Mirim. Essa é uma atividade que eu fui, passei, voltei. Mas nunca lá, assim.

**J:** Nunca ficaste.

**E:** Pra curtir a Praia da Lagoa Mirim. Nem aqui, nem no Uruguai. Ahm, acho que é isso.

**J:** E tem alguma atividade, alguma prática que possa ser feita, não pode ser feita, ou que não é ofertada na Lagoa Mirim. Mas é sim ofertada em locais semelhantes? Esse que você citou.

**E:** Em São Lourenço do Sul, a Lagoa, na Lagoa tem embarcações que fazem passeios, né? Eu não sei se isso seria permitido na Lagoa Mirim, né? Mas acho que é um belo lugar pra fazer isso, né? Esportes náuticos que não impactem o meio ambiente. Fazer kite, wind, esse tipo que esporte...

**J:** Esporte.

**E:** ...que eu acho que menos impacta, né, o ambiente. Acho que seria bem...

**J:** Pertinente.

**E:** ...pertinente.

**J:** Certo. Eu tenho, eu agora vou pra um outro bloco de, ahm, perguntas. É, que paisagens da Lagoa Mirim, pensar agora numa foto, né? Que paisagens da Lagoa Mirim merecem uma foto? Como é que seria essa foto, se você pudesse apontar, assim?

**E:** O pôr do sol na Lagoa Mirim. As falésias. É, chama falésias?

**J:** Sim.

**E:** Eu acho que um pôr do sol na Lagoa Mirim.

**J:** Mereceria uma foto. E na sua, na sua percepção, qual é o principal meio de informação e divulgação da Lagoa Mirim, hoje?

**E:** Nenhum, não vejo.

**J:** Não há? Certo. Talvez um pouco diferente da questão. Mas, se nós pedíssemos pros turistas fotografarem paisagens da Lagoa Mirim, qual que você acha que seria a paisagem que mais eles tirariam foto?

**E:** Eu vou te responder como turista.

**J:** Uhum.

**E:** Eu faria uma foto da igreja da Capilha com a Lagoa Mirim. Não sei nem se conseguiria fazer isso. Mas eu vejo que tu tem como unir a questão da natureza com a história. Acho que seria uma foto legal.

**J:** Ahm, no seguinte bloco, eu vou fazer uma série de afirmações, tá? E aí você tem aqui, é, do "um" ao "cinco", entre o "concordo totalmente" ou "discordo", né? Aí, se você quiser, você pode me dizer só o número, que aí fica mais fácil. E se quiser justificar ao final, você pode, livremente. Ou ainda dizer que não sabe, ou que não se aplica, tá? Outros locais semelhantes à Lagoa Mirim, com paisagens semelhantes à Lagoa Mirim, têm mais turismo.

**E:** Concordo.

**J:** O quatro. Não, o dois né?

**E:** Concordo é quatro.

**J:** É quatro. Os barcos e redes de pesca artesanal são belos de se ver. Sempre pensando na Lagoa Mirim.

**E:** Concordo.

**J:** Os turistas, da Lagoa Mirim, contemplam as paisagens estando sós ou com poucas pessoas em volta.

**E:** Não sei.

**J:** O foco do olhar do turista está na linha do horizonte.

**E:** Concordo.

**J:** O pôr do sol é um espetáculo da natureza.

**E:** Concordo totalmente.

**J:** As paisagens da Lagoa Mirim parecem pintura.

**E:** Sim.

**J:** Há bons locais pra descansar no tempo livre.

**E:** Discordo.

**J:** Na temporada, é, o portoalegrense opta ir ao Uruguai pelo Chuí ou por Jaguarão pelas paisagens da Lagoa Mirim.

**E:** Discordo.

**J:** É, as paisagens da Lagoa Mirim às vezes me causam certo medo.

**E:** Discordo.

**J:** A, as árvores são altas e numerosas.

**E:** Não sei te dizer.

**J:** É, os locais são inóspitos.

**E:** Não, acho que não.



**J:** É o...?

**E:** Discordo. Dois.

**J:** Dois. A paisagem é melancólica.

**E:** Discordo. Dois.

**J:** Dois. Os brasileiros vão mais à Lagoa que os uruguaios. Na sua percepção.

**E:** Discordo. Acho que os uruguaios vão mais à Lagoa.

**J:** Para ir para a Lagoa Mirim, é necessário carro de tração nas quatro rodas.

**E:** Não sei.

**J:** Os locais na Lagoa Mirim dispõem da infraestrutura necessária.

**E:** Discordo. Acredito que no Brasil não tem. No Uruguai pode ser;

**J:** Pode ser que tenha. É, a paisagem é monótona.

**E:** Não.

**J:** Seria...

**E:** Discordo. Dois.

**J:** Dois. O oceano é melhor para banhos e recreação. Do que a Lagoa, no caso.

**E:** São diferentes. Acho que depende do que tu busca. Acho que "nem concordo, nem discordo".

Três.

**J:** Três. É, os vilarejos me causam estranhamento.

**E:** Discordo. Dois.

**J:** Dois. A água da Lagoa me traz energia e movimento. Me deixa agitado.

**E:** Discordo, dois.

**J:** Dois. A Lagoa Mirim parece mar aberto.

**E:** Concordo. Quatro.

**J:** Quatro. O vento constante na Lagoa é um problema.

**E:** Discordo. Dois.

**J:** Ir pra Lagoa Mirim exige disposição.

**E:** Discordo, dois.

**J:** Ir, ir pra Lagoa Mirim é uma boa opção para passar as férias com a família.

**E:** Concordo. No lado uruguaio onde tem infraestrutura.

**J:** Certo. As paisagens da Lagoa Mirim são mais naturais que artificiais.

**E:** Concordo. Mais naturais.

**J:** A água me traz sentimento de calma e repouso. Me deixa tranquilo.

**E:** Concordo. Quatro.

**J:** As paisagens são mais belas pra quem busca aventura. Ou do ponto de vista de quem busca aventura.

**E:** Nem sempre. Eu acho que... nem concordo... três.

**J:** Três. É, falta um ponto elevado pra observar melhor.

**E:** Concordo.

**J:** Quatro. A água é que torna a paisagem bela.

**E:** Discordo. Não é só a água. Dois.

**J:** É, a paisagem parece com um jardim.

**E:** Quatro.

**J:** Nunca vi tempestades lá.

**E:** Concordo. Nunca vi porque eu nunca fui.

**J:** Uhum. Sim, mas quando você esteve por lá passeando tava um tempo bom.

**E:** Tudo lindo.

**J:** Bom.

**E:** Dias de sol.

**J:** É, a Lagoa Mirim é um lugar romântico de se estar.

**E:** Pode ser se tiver infraestrutura.

**J:** Então você ficaria com a...

**E:** Três.

**J:** Há o que fazer na Lagoa Mirim, inclusive no inverno.

**E:** Discordo.

**J:** É, dois?

**E:** Dois.

**J:** É um local para parada e contemplação.

**E:** Discordo porque não tem infraestrutura pra isso.

**J:** A água da Lagoa Mirim geralmente está contaminada.

**E:** Não sei.

**J:** Então, essa parte a gente encerra. Agora, a foto, ela é um exercício de, vou te mostrar, é um exercício de projeção e imaginação. É realmente a tua percepção, tá. É, nesta foto, como é a paisagem que você está vendo? Como você des-des-descreveria ela?

**E:** Uma lagoa. Infinita. O horizonte bem infinito. E uma intervenção do homem com a natureza. Desse carro. Embora ele possa impactar também, o meio ambiente.

**J:** Onde você, porque essa foto é da Lagoa Mirim. Mas em que ponto, em que local, você acha que essa foto foi tirada?

**E:** Vila da Capilha?

**J:** E em que época do ano foi provavelmente tirada essa foto? Se você tivesse que dar um chute.

**E:** Outono.

**J:** É, tentemos imaginar quem ou como é o fotógrafo que tirou essa foto. O que você consegue observar na própria paisagem, na própria foto?

**E:** Fotógrafo amador.

**J:** Alguma questão em relação ao perfil desse visitante?

**E:** Uma pessoa que gosta de interagir com a natureza.

**J:** É, esse fotógrafo, ele foi, viajou sozinho ou em grupo?

**E:** No mínimo, entre duas pessoas. Acredito eu.

**J:** Uhum. E você acha que esse, nessa viagem ele foi exclusivamente a esse local que você diz ser a Praia da Capilha, ou ele visitou outros locais da Lagoa Mirim, também?

**E:** Acredito que deve ter visitado outros.

**J:** Outros locais. E além de fotografar, que outras atividades você acha que essa pessoa fez?

**E:** Caminhou. Na beira da Lagoa. Comeu em algum lugar. Consumiu alguma coisa. Acho que é isso.

**J:** E quanto tempo ele teria ficado nessa localidade, no caso, a Capilha?

**E:** Um dia.

**J:** E por que você acha que ele tirou e postou a foto? Qual foi a intenção?

**E:** Porque hoje todo mundo quer tirar uma foto, uma boa imagem, e dizer onde é que esteve. As fotos instagramáveis.

**J:** E onde você acha que essa foto é encontrada? Onde você pensa que eu tirei ela?

**E:** Facebook, Instagram. Esse tipo de mídia.

**J:** Plataforma. Então, finalizando já. Tem algo que eu não tenha perguntado e que você gostaria de dizer, que você talvez seria importante para essa pesquisa sobre a Lagoa Mirim?

**E:** Talvez possa contribuir com o teu trabalho mostrando as belezas naturais desse lugar. Mas também incentivando a preservação dele, né? Porque a gente sabe que isso é único. Dentro do estado, do Rio Grande do Sul - vamos localizar assim, né? Só nós temos ela. Isso pra mostrar, ou ali no Uruguai, né? Mas aqui dentro do estado, é uma paisagem única. Ninguém, em outro lugar, vai ter essa paisagem pra mostrar. Então, a preocupação que a gente tem é, sim atrair turistas pra nossa região, mas atrair o turistas que nos ajude, que quer preservar.

**J:** Com este perfil.

**E:** É.

**J:** E tem algo que você não tinha pensado até a realização desta entrevista? Sobre essas questões de turismo e paisagem na Lagoa Mirim?

**E:** Na verdade, nós viemos trabalhando o turismo na região pensando em vários ahm, atrativos que a gente tem na região. Mas sempre com uma preocupação de, de trabalhar em lugares que tenham a infraestrutura, ou incentivar que melhore a infraestrutura desses lugares pra receber as pessoas. Porque não adianta incentivar que venham pra Lagoa, se não tiver uma mínima infraestrutura pra as pessoas ficarem. E pra que elas não cheguem lá e deixam, agridam o meio ambiente. Então, a gente precisa trabalhar, né, as várias formas do, de sustentabilidade, nas dimensões de sustentabilidade. Pensando que as pessoas, a gente quer trazer pra cá, mostrar isso que a gente tem. Mas essas pessoas não querem, elas, mesmo que sejam turistas de aventura, por exemplo, eles precisam de um lugar pra se alimentar, um lugar pra dormir. Ahm, mas que a gente possa fazer uma, receber as pessoas, e também orientar pra que eles preservem esse lugar. Acho que não é só... nós não podemos tá... eu quero atrair turista pra região, eu trabalho pra isso, mas eu não quero atrair o turista que venha aqui pra botar lixo no nosso ambiente, ahm, e não ajudar a preservar. Se não, a gente vai acabar com os nossos atrativos.

**J:** Uma questão que me ocorreu, ao longo da tua fala, ahm, em relação à Capilha. Existe ou existiria alguma relação do turismo que se pretende com a pesca artesanal que ocorre nessa região?

**E:** Eu acho que a gente tem que valorizar a cultura do lugar, tá. Então, assim: qualquer aumento, que a gente trabalha um aumento de fluxo pro lugar, tem que pensar na melhoria da infraestrutura, pra receber. Na educação das pessoas, na educação, ahm, das pessoas que trabalham no lugar, mas também no turista que vai chegar, né? Ahm, e também na preservação da cultura do lugar. E aí entra a gastronomia, né, através da pesca, da cultura daquele lugar. Como as pessoas vivem ali. E é isso que tem que mostrar. Eu não posso chegar lá, eu não chegar num lugar desses e ver algo que não é daquele lugar. Eu não vou oferecer uma experiência diferente pro turista. Eu tenho que oferecer uma experiência que me traga a, que respeite a cultura do lugar. É isso que eu acho que o turista quer ver. Se eu mostrar pra ele o que tiver na serra Gaúcha, por exemplo, ele vai na serra. Ele quer ver coisas diferentes na nossa região. E é a preservação, preservando a cultura desse lugar, é que a gente vai ter oferta turística e experiência turística diferenciada na Costa Doce gaúcha.

**J:** E na sua opinião, o que você achou da entrevista? Era o que você esperava, imaginava?

**E:** Sim. As perguntas que tu fez, sim. Eu não tava esperando que fosse só sobre a Lagoa Mirim.

**J:** Certo.

**E:** Até porque eu não conheço tanto a Lagoa Mirim. Não frequento ela tanto, né. Mas a gente sabe e conhece o ambiente. Sabe da fragilidade, né, do ambiente. E de quanto ele é especial pra nós. Então, é bem legal a gente parar um pouquinho e pensar sobre ela. Só ela, né?

**J:** Só ela.

**E:** Também.

**J:** Mais alguma coisa que você gostaria de falar?

**E:** Não, acho que não. A gente, vou te falar algo que nós estamos fazendo agora. Assim, só pra tu ter o conhecimento. Nós, ahm, fizemos um trabalho junto com o Município, nós contratamos um trabalho do Instituto de Pesquisa e Mercado da Unisinos. E junto com os atores do APL de Turismo, com o *trade* turístico regional, a gente tá construindo um novo posicionamento do Turismo da região Costa Doce.

**J:** Costa Doce.

**E:** Então, essa região passa a ser Costa Doce gaúcha do extremo sul do Brasil. Então, esse é o nosso posicionamento a partir do ano que vem. E trabalhando, ahm, territórios bem específicos pra organização da oferta turística. Então, nós vamos ter o território "um", "dois", "três" e "quatro". Ahm, e o território que eu acho que é o "três", não lembro bem, mas o território "três", que pega os municípios de Chuí, Santa Vitória do Palmar, ahm, Rio Grande, São José do Norte, esse. E Tavares. Esse território vai ser chamado Costa do Mar. E aí olhando pra as questões de preservação desse ambiente, que é preservação das unidades de conservação, né? Ahm, pensando na Lagoa do Peixe, pensando na Estação Ecológica do Taim, e no Refúgio de Lobos e Leões Marinhos ali de São José do Norte. Esse ambiente que a Mirim também faz parte, né?

**J:** Faz parte.

**E:** Então, acho que vai ser um trabalho muito legal. Ano que vem a gente vai estar com um projeto bem grande na região. Pra ver esses quatro territórios. Que aí vai dar uns 15 municípios, ou mais. E um novo posicionamento. Tô achando bem legal o trabalho. Depois vocês vão ter conhecimento dele.

**J:** Claro.

**E:** Porque a gente tá preparando esse relatório agora pra dezembro, pra entregar pra região. Ou no máximo janeiro.

**J:** 2020.

**E:** É. E aí começando um trabalho focado na proposta de desenvolvimento desses territórios. Que a região é muito grande, a diversidade de atrativos que se tem relacionados à cultura dos lugares, relacionado à natureza, à paisagem. Isso tudo nos dá uma, uma diversidade de produto, que a gente acaba... Ou eu mostro tudo, ou como é que eu mostro... Né, o que que eu digo que

dá pra fazer, o que não dá pra fazer. Então, acho que isso vai dar um direcionamento estratégico do turismo pra região.

**J:** Perfeito.

**E:** Eu espero que os governos e os municípios, né, que tão contemplados com esse trabalho que nós investimos, ahm, que eles realmente executem o que tá previsto aí nesse planejamento. Tá bem legal o trabalho.

**J:** Desejo um trabalho nessa nova empreitada, nesse novo posicionamento, né? Agradeço muitíssimo por colaborar com esta pesquisa. Me coloco à disposição.

**E:** Tá bem. Acho legal tu apresentar depois esse teu trabalho na região.

**J:** Com certeza.

**E:** Sabe, é bem importante quando a gente, ahm, participa desse trabalho com vocês. Eu já participei de vários trabalhos, de vários alunos, né? E que eles tragam esse resultado da pesquisa pra, pra comunidade enxergar isso. Porque hoje se faz muitos, tem muito trabalho bom dentro das universidades, mas que muitas vezes ficam na biblioteca. E eu acho que é uma pena isso. Eu acho que os trabalhos deveriam ser executados. Vim pra ponta, sabe? Não ficar só na teoria. Porque isso nos ajudaria muito no desenvolvimento da região. Eu acho que vocês têm condições de trazer isso pra fora, tanto de dentro dos livros, e dentro da monografia que tu vai fazer, sabe?

**J:** É, a minha intenção, em princípio em defendo a tese no começo de 2021. E eu preciso defender primeiro, né? Eu defendo organizar, organizar ou me inserir em algum evento que esteja ocorrendo na região, pra mostrar esses resultados, né? Eu não posso antecipar. Porque na verdade eu tô começando a coletar. Então, depois da análise, a gente consegue compilar e retornar, né, principalmente pra as pessoas que concederam entrevistas, né? Agradeço.

**E:** Tá bem.

**Entrevista com "Pedro"**  
**Café Panemio, Jaguarão, 27/11/19**

**J:** Então, vamos iniciar a pesquisa com o senhor [nome do entrevistado], do Departamento, ahm, de Cerro Largo. É, seu [nome do entrevistado], o senhor poderia começar contado pra gente um pouco sobre a sua trajetória no Turismo, seu ramo, a sua atuação.

**E:** *Bueno, sí. Soy el director de Turismo del Gobierno de Cerro Largo, del Estado de Cerro Largo. Hace diez años. Este, y bueno, eh, es un, es una, muy interesante actividad que se está permanentemente aprendiendo. Y con, bueno, tengo alguns cursos relacionado sobre todo con turismo de naturaleza. Y, me ido preparando durante... bueno, no tengo un doctorado, pero sí alguns talleres y cursos.*

**J:** É, mais especificamente sobre Lago Merín. É, que a avaliação que o senhor tem feito das últimas temporadas, da procura pelo balneário.

**E:** *¿Qué, perdón, qué?*

**J:** Sobre Lago Merín.

**E:** *Sí.*

**J:** Como vem sendo as últimas temporadas de verão...

**E:** *Bueno, en realidad, Lago Merín va a creciendo, este, turisticamente a pasos adelantados. Es más. El gobierno departamental, y el gobierno del alcalde, es como que vamos corriendo de atrás con el crecimiento. Como que vamos mejorando los servicios y nunca són suficientes porque el crecimiento muy rápido. Es un balneário que, los últimos años, con la situación que se están dando en el mundo, y en el país, la tranquilidad y la seguridad que tiene el balneário són una muy buena carta de presentación. Y eso es un atractivo fundamental. Y sobretudo para el turista brasilero que gusta mucho de ese lugar pacífico y tranquilo. Es un balneário que tiene un atractivo muy, muy especial. Es un balneário que ha crecido también en los eventos deportivos, a través de un gran trabajo que está haciendo el alcalde. Y fundamentalmente por las condiciones. Por ejemplo, en el balneário se practica mucho el kitesurf. Porque es un balneário que cuenta permanentemente con vientos adecuados para este tipo de, de actividad deportiva. Y hoy nos encontramos con muchos argentinos que vienen a realizar kitesurf a Lago Merín. Es un balneário que, los últimos años, tiene ya algunos eventos que són tradicionales, como la, muy importante, Reina del Lago, es un evento de belleza donde participan chiquelinas de Paraguay, de Argentina, de Brasil, y de Uruguay. Que lleva 28 años, que no é poca cosa. A los cuales el señor alcalde le ha, le ha, hemos armado una agenda para el verano, de tener, todos los fines de semana, actividades fundamentalmente deportivas. Y ahí ha proliferado*

*mucho do que es, el, mountain bike, el maratón. Y apostamos a que venga la familia. Entonces, se ha constituido que, para una carrera de mountain bike, viene la familia completa del corredor, y passa todo un fin de semana. Es un balneário que tiene un, una población estable de aproximadamente mil personas. Que en verano llega capaz que a diez mil personas. Y que en días de eventos especiales a veces llegamos a veinte, 25.000 personas. Y, ese balneário referente de la zona, ese balneário referente para lo que es el, el estado de Treinta y Tres, de Tacuarembó, obviamente de Cerro Largo, y para la gente brasilera de la zona de acá, de Yaguarón. Que la mayoría, capaz que, me puede corregir el director de Patrimonio, pero la mayoría, capaz que unos 60%, sea brasilero, incluso que tiene propiedades en el balneário.*

**J:** Perfeito. Várias perguntas que eu ia fazer ao senhor, o senhor já me respondeu.

**E:** *Ya está respuesta.*

**J:** O senhor pensa que hoje há uma fixação maior de pessoas residindo no balneário de Lago Merín?

**E:** *Sí, sí, va a creciendo. En ese sentido va a creciendo, en los últimos diez años ha crecido muchísimo. Y se dá, y se dá que encontramos gente radicada en Lago Merín que es alemana, que es, este, de vários países que han encontrado un lugar de tranquilidad y paz. Y que en su jubilación, mayormente, se jubilan y vienen a vivir ahí. Este, es balneário que, este, después te va a explicar el director, pero el clima, es muy especial. Es un aire muy puro y que fue, en sus comienzos, este, se intentava hacer un...*

**IE:** *Una colónia para tuberculosos.*

**E:** *...por la calidad del aire. Entonces, bueno, el turista que viene encuentra esa calidad del aire, encuentra la paz, la tranquilidad. Y un balneário relativamente económico, por estar en la frontera. Este, eso ha proliferado que, tenemos, este mucho más gente radicada. Se han mejorado los servicios. Hoy por hoy, el balneário tiene buenos servicios de escuela. El año pasado se abrió una oficina para pagar contribuciones, etcétera. Tenemos en el balneário hoy instalada una policlínica con médico. Este, se han mejorado los servicios, la conectividad ha mejorado a través las redes. Y eso ha permitido también, este, que la gente vaya a vivir ahí.*

**J:** Perfeito. É, o senhor, como veranista, como turista, o senhor frequenta Lago Merín no verão?

**E:** *Obligado, estoy obligado. Voy todos los veranos porque trabajo. Pero después lo disfruto más en vacaciones de julio, cuando hay menos gente. Yo no soy un amante de la playa. Si no que sí me gusta salir las mañanas, tomar el aire puro, tomar un mate, escuchar los pássaros. Y muchísimo, muchísimo [inaudível] el canto de los pássaros en el balneário es espectacular.*

**J:** E pessoalmente, ou institucionalmente, o senhor já visitou outros pontos da Lagoa Mirim, no lado brasileiro?



**E:** *Bueno, sí. Sí, obviamente me interesa y he ido visitado. Este, incluso siempre pensado en ese intercambio. Lago Merín tiene un punto que es, esse, novedoso. Es el parte más este de todo el Uruguay. Punta Muniz. Donde sale el sol de la pátria. Decimos que sale segundos antes que el resto del país. O sea, tenemos el privilegio que el sol sale en Uruguay ahí, en Punta Muniz. Y, en otro lado, tenemos la desembocadura del río Tacuarí, que también es un lugar muy bello. Y en ese trayecto, de diez, doce kilómetros, para cada lado, tenemos mucha fauna y mucha vegetación, muchos animales. No olvidamos que es una continuación de la Mata Atlántica. Este, y han empezado a descender animales con la colonización que ha tenido en el lado brasileiro. Han aparecido animales, este, en nuestro território que creían extinguidos. Por eso, en el año pasado, se declaró área protegida lo que cierra el río y [inaudível] cinturión. Que es un poquito más adelante. Este, bueno, el gobierno nuestro está permanentemente tratando de cuidar la biología y el balneário en ese sentido.*

**J:** O senhor, é, crê que existem muitas diferenças entre a paisagem no lado brasileiro e a no lado uruguaio?

**E:** *No, basicamente, todo el Río Grande con nosotros somos muy parecidos. Este, el, a ver, a veces podemos encontrar en los de estilos, por, por, por el tipo del descendencia, por los estilos de la construcción, etcétera. Pero, en general, compartimos un mismo paisaje. No veo mucha diferencia.*

**J:** O senhor já ouviu falar, ou é familiarizado, com o termo "paisagens lacustres"? Ou paisagens de lagos? Quando eu falo no termo "paisagens lacustres", ou paisagens de lagos, o que que vem à mente? Primeira coisa que vem à mente.

**E:** *Lago Merín. Sí, este, nos gusta, y lo disfrutamos, este, bueno, lo valoramos mucho. Es una importante reserva de água dulce que tiene el mundo. Y que nosotros debemos cuidarla, ¿no?*

**J:** O senhor pensa que os brasileiros, não em Lago Merín, os outros locais, mais a Lagoa que os uruguaio, valoram mais, ou menos, do que aqui?

**E:** *Y tal, hay un dicho que, no sé se ustedes lo comparten, que dice: "Nunca profeta en sua tierra". Capaz que los brasileiros... este, nosotros lo tenemos, a mí me dijo un turista un día... Yo le preguntaba porqué veraneava en Lago Merín y no el la costa del Uruguay. Y me decía: "Ustedes no saben lo que tienen". Yo, si voy a otro balneário, tengo que al medio día irme con mis hijos a la casa. Tengo que cerrar con llave. Y yo acá dejo los niños tranquilos en el água, que no hay problema, por la profundidad. Dejo mi casa abierta. Y ustedes no valoran el tesoro que tienen. Y yo creo que los brasileiros valoran mucho más eso. La seguridad y la tranquilidad que dá el balneário. Capaz que [inaudível] que vivimos en Melo o Cerro Largo, que lo tenemos ahí y no lo vemos. Creo que sí, que es muy valorado por, por los brasileiros. Por algo invierten*

*ahí. [Inaudível] Cuanto más lejos, lo valoran más. Por eso te decía que, hoy, en Lago Merín se ha radicado gente alemana, gente holandesa, gente de otros países. Que encuentran un lugar, este, diferente que los que están acostumbrados y lo valoran más. Este, capaz que nosotros tenemos que empezar a valorar más nuestras cosas. [Inaudível] pasar con ustedes ahí, brasileños que tienen una costa hermosa, cuando nosotros vamos, decimos: "Que hermoso lugar". Y capaz que ustedes lo tienen [inaudível].*

**J:** E o senhor avaliaria que hoje a infraestrutura básica e a turística do balneário, ela está adequada, ou ainda está faltando?

**E:** *Está faltando. Como te dice al principio de la nota. Siempre vamos corriendo de atrás. El crecimiento ha sido tanto, que nosotros vamos, este, previendo sobre la marcha. Hoy por hoy, en el balneário estaría faltando más infraestructura, que es un problema que tiene el balneário. Que habría que, capaz que, tendríamos que expropiar algunos terrenos, porque no tiene donde expandirse. Porque después son las arroceras. Entonces, como que está encastrado ahí, no hay como expandirse. Pero, es necesario. Lo que pasa es que los países, en lo momento en que vivimos, necesitamos de inversión privada. Y el privado invierte cuando ve que hace falta. Entonces, está pasando en Río Branco. Río Branco, hace diez años, no tenía lo que tiene hoy. El, el inversor ha empezado a ver que esta zona es muy próspera. Y hoy, en Río Branco, que está un poquito más acá, construyó un shopping, va a construir un hotel cinco estrellas, viene un casino, viene una terminal. Y Lago Merín está faltando un poco más infraestructura.*

**J:** O senhor pensa que o turismo de fronteira, o turismo de compras, ele complementa o turismo no Balneário...

**E:** *Sí.*

**J:** ...ou são dois turismos diferentes?

**E:** *No, yo creo que se complementan. Porque cuando o turista viene de compras, nosotros tenemos experiencia, cuando vamos a las ferias, promocionar el departamento - que hemos sido sobretudo a la Fenadoce, en Pelotas, que es una feria que nos ha dado mucho resultado, y en Esteio - y después nos hemos encontrado con gente nos dicen: "Estamos todos los fines de semana a lo freeshop, y no sabíamos que, a veinte kilómetros, teníamos ese balneário". Y cuando les encuentro en verano, me dicen: "¿Te acuerdas, que férias me promocionaste?". O sea, que yo creo que se complementan, porque está muy cerca. Y como que, bueno si voy al freeshop el domingo de tarde, voy mañana al balneário y ya aprovecho. O sea, que se complementan todos los, yo creo que ha estado, el turismo en general, todas las, los tipos de turismo se complementan perfectamente.*

**J:** Perfeitamente. O senhor já me comentou várias atividades, algumas atividades que as pessoas praticam, como *kitesurf*, né? O que que o turista que vai a Lago Merín faz, na praia? Que atividades ele participa?

**E:** *Bueno, que nosotros hemos ido, este, adecuándonos a las necesidades del turista. El balneario tiene un, un problema, por decir, algun problema, es balneario que mucha gente viene a descansar. Que hay gente que se jubila e viene al balneario buscar tranquilidad. Y es un balneario que, en verano, viene mucha juventud. Entonces, es difícil, de hacer en la balanza, para que los dos estén tranquilos. El joven quiere ruido, y la gente mayor quiere tranquilidad. En ese sentido, se ha ido trabajando, y en los últimos años, se ha llegado a un acuerdo, este, y en la playa, funciona un DJ permanentemente con música. Obviamente que se tuvo que adecuar los decibéles. Se tuvo que colocar los parlantes mirando hacia el agua. Y, de esa manera, se empezó a convivir en paz. Este, es balneario que tiene, durante el verano, fundamentalmente, a parte de las actividades deportivas, en la playa, hay permanentemente fútbol, tenis, hay actividades para los jóvenes, y hay actividades a parte de DJ, la tarde y la noche. Creo que se va complementando las actividades, así como ponemos una mountain bike, también se pone una exposición de fotografías, se pone una exposición de cuadros. O sea, es muy variada la propuesta. Tratando de combinar para los dos públicos. Que a veces la misma gente nos dice: "Todos lo disfrutamos, pero nuestros hijos no saben que hacer". Entonces, se ha ido balanceando: ni una cosa, ni la otra.*

**J:** Muito bem. Deixa eu ver aqui... das paisagens da Lagoa Mirim, vamos pensar na Lagoa Mirim como um todo. Que paisagens, na sua opinião, merecem uma foto?

**E:** *¿Merecen la foto?*

**J:** Que foto seria essa?

**E:** *Y són muchas. Este, ni que hablar que la...*

**J:** Se tivesse que escolher uma.

**E:** *Escoger una.*

**IE:** *¿Del balneario?*

**E:** *¿Del balneario, o...?*

**J:** Lagoa Mirim.

**IE:** *Da salida del sol.*

**E:** *Da salida del sol en Punta Muniz. Creo que...*

**IE:** *La salida del sol y la luna llena. Sai de dentro d'água.*

**E:** *Lo otro es más común. Es un balneario que puede ver mucho. Creo que ese sol e esa luna este, es espectacular.*

**J:** Na sua opinião, essa paisagem merece uma foto?

**E:** *Sí.*

**J:** Na sua opinião, na sua percepção...

**IE:** *Un mirador [inaudível], que después tuvimos [inaudível].*

**J:** Na sua percepção, qual o principal meio de informação e divulgação dos turistas que vêm à Lagoa Mirim?

**E:** *Perdona.*

**J:** O principal meio de informação e divulgação.

**E:** *Bueno, a ver. Nosotros, el los últimos diez años, hemos apostado fuertemente en visitar todas las ferias. Este, importantes, en el lado brasileiro, hemos ido, bueno, como te dice, a Pelotas, a Porto Alegre, a San Pablo. Este, de Argentina. Y todas las ferias, este, importantes, turísticas, dentro del país. Eso ha sido lo más efectivo por el boca a boca. Después, hoy por hoy, con las tecnologías, este [inaudível] ve una foto y multiplica. Pero, y digamos y, el turista más fuerte, ese que transmite. Entonces, también, eso ha dado resultado de gente que ha venido y que ha promocionado el balneario. O sea, que es un combo de varias cosas, ¿no? Pero llevamos más fé en ese turista que viene, que se siente bien, y transmite luego.*

**J:** Certo. E nessas feiras que o senhor esteve, o alvo era por, diretamente o turista, ou por agentes de viagem, outros agentes?

**E:** *Bueno, hemos hecho de todo tipo. Por ejemplo, en Esteio, más allá de los turistas, este, un almuerzo siempre con una agencia de viajes. Y hemos trabajado también con, con, este, bueno, obviamente, con, con toda la prensa, ¿no? Este, estar en la Red Globo, estar en Bandeirantes, ha sido fundamental. Este multiplicador, pero, después el boca a boca, ¿no? En las ferias, este, quien levanta un antiguo folleto, y poder chalar. Porque, venderle el producto, eso ha sido fundamental. Creo que eso no pasa de moda. A pesar de todas las tecnologías, poder tener el cara a cara con el turista ha sido importante.*

**J:** Perfeito. Nós vamos pra uma, pra uma terceira parte da entrevista. Que eu faço uma série de afirmações pro senhor, e aí o senhor me responde entre o "discordo totalmente", "discordo", "não concordo, nem discordo", "concordo" e "concordo totalmente."

**E:** *Ahí está, dále.*

**J:** Aí o senhor pode responder só o número. Um, dois, três, quatro ou cinco.

**E:** *Me complicas, pero vamos hasta, dále.*

**J:** É, pra ver como o senhor se posiciona diante dessas afirmações. É, as perguntas são sobre a Lagoa Mirim como um todo, com a experiência que o senhor tem. É, outros locais, semelhantes à Lagoa Mirim, têm mais turismo.

**E:** *Sí.*

**J:** O senhor concorda, discorda?

**E:** *¿Que tienen más turismo?*

**J:** Outros locais com paisagens semelhantes tem mais turismo que a Lagoa Mirim.

**E:** *Concuerto.*

**J:** Número...

**E:** *Cuatro.*

**J:** É, os barcos e as redes de pesca artesanal são bonitos de se ver.

**E:** *Concuerto, sí.*

**J:** Os turistas que vêm à Lagoa Mirim, eles contemplam estando sós (*solos*), ou com poucas pessoas em volta.

**E:** *Concuerto. Disfrutan mucho la puesta de sol, la salida de la luna. Sólo, sin familia.*

**J:** O foco do olhar do turista está na linha do horizonte.

**E:** *El foco, ¿traducirme?*

**IE:** *La línea del horizonte. Así que...*

**J:** *¿Para dónde el turista mira, en la línea del horizonte?*

**IE:** *Sí.*

**J:** *Principalmente.*

**E:** *Sí, sí. Concuerto. Cuatro.*

**J:** Ah, é, as paisagens da Lagoa parecem pintura.

**E:** *Concuerto totalmente. Cinco.*

**J:** Há bons locais para descansar no tempo livre.

**E:** *Con, cuatro.*

**J:** Na temporada, as pessoas que vêm de Porto Alegre, passam pelo Chuí ou por Jaguarão, por conta da, das paisagens da Lagoa. O senhor concorda com essa afirmação?

**E:** *Si los turistas entran por Chuy ou por Yaguarón...*

**J:** Devido...

**E:** *Debido al turismo...*

**J:** ...às paisagens da Lagoa?

**E:** *No.*

**IE:** *No, no es debidamente conocido para que...*

**E:** *Concuerto, y no concuerto. Trés. Són pocos. Te agrego algo. Hoy, en la reunión con los doce municipios de acá, y tienen lo mismo problema. El problema que vemos, que el turista brasileiro viene de Porto Alegre, o más lejos, salta a Punta del Este y no pasa, ni por Yaguarón,*

*ni por Cerro Largo. Tenemos que ver como hacemos, el turista que hace esto, que venga por cá, ni que sea un día para seguir.*

**J:** Perfeito.

**E:** *Es un problema que lo vemos la región.*

**J:** Algumas paisagens da Lagoa Mirim causam certo tipo de medo. Concorda, discorda?

**E:** *No, no. El dois.*

**J:** É, alguns locais são inóspitos.

**E:** *Locales son inóspitos...*

**IE:** *¿Inóspitos, la laguna? Tampoco.*

**E:** *No. Discordo. Dois.*

**J:** As árvores são altas e numerosas.

**E:** *¿Los árboles? Sí, concordo. Cuatro.*

**J:** A paisagem é melancólica.

**IE:** *Melancólico, no, no. Sería triste, melancólico.*

**E:** *No, no. Depende como pensamos este melancólico. Este, una hermosura, una cierta, puede haber, pero no triste. Son dos cosas.*

**J:** O senhor ficaria com o número...

**E:** *Y le ponemos un três.*

**J:** Os brasileiros vão mais à Lagoa Mirim que os uruguaiois.

**E:** *Sí, concordo. Cuatro.*

**J:** Para ir à Lagoa Mirim, é necessário um carro com tração nas quatro rodas.

**E:** *No. Un carro?*

**IE:** *Sí, sí. Nas cuatro ruedas. Allá en Rocha, como aquellos que van...*

**E:** *Ah, no, no, hay.*

**J:** *Off-road.*

**E:** *O sea, no precisa.*

**J:** *Dois?*

**E:** *Dois. O sea, hay ruta.*

**IE:** *Como le llaman allá?*

**E:** *Sí, sí, en la arena, lo...*

**IE:** *Sí, sí, aquellos cuatro por cuatro, dos pisos.*

**J:** Os locais dispõem da infraestrutura necessária.

**E:** *Y, el três. Falta, porque hay mucha gente.*

**J:** A paisagem, às vezes, é monótona.

**E:** *Trés.*

**IE:** *Capaz que sí.*

**J:** O oceano é melhor para banhos e recreação do que a Lagoa Mirim.

**E:** *¿El que me decís?*

**J:** O oceano...

**IE:** *Ah, no, no. Dos.*

**J:** Os vilarejos me causam estranhamento.

**E:** *¿El qué?*

**J:** *Los pueblos...*

**IE:** *Los pueblos chicos. Los vilarejos...*

**E:** *¿Me causan qué?*

**J:** Estranhamento. Estranheza.

**E:** *No, dois. Por, a ver. Para la Laguna, quieren eso, le gusta eso. Al contrario, buscas eso.*

**J:** A água da Lagoa me traz energia e movimento. Me deixa agitado.

**E:** *Sí, concordo. Cuatro.*

**J:** A água da Lagoa Mirim parece mar aberto.

**E:** *Sí, cuatro. Parece un mar de tán grande.*

**J:** O vento constante é um problema.

**E:** *No, dos. Se aprovecha. Se aprovecha, y incluso la Laguna tiene una ventaja. En verano, se disfruta mucho el calor. Pero a la noche se duerme perfectamente por esa brisa que no necesitaras este, aire condicionado.*

**J:** Ir à Lagoa Mirim exige disposição.

**E:** *¿Ir a Laguna Mirim?*

**J:** *Necesitas disposición.*

**E:** *No, no. Discordo. Dos.*

**IE:** *Está al alcance de la mano. Está cerquita.*

**J:** A Lagoa é boa para passar as férias com a família.

**E:** *Sí. Cinco.*

**J:** As paisagens são mais naturais que artificiais.

**E:** *Cinco.*

**J:** A água da Lagoa me traz sentimento de calma e repouso. Me deixa tranquilo.

**E:** *Cinco.*

**J:** As paisagens são mais belas para que aqueles que buscam aventura.

**E:** *Cuatro.*

**J:** Falta um ponto elevado para observar melhor.

**E:** *Cuatro. Lo tuvimos [inaudível] por problema.*

**J:** A água torna a paisagem bela.

**E:** *El agua...*

**J:** Torna a paisagem bela.

**E:** *Sí. Cuatro.*

**J:** A paisagem da Lagoa Mirim parece um jardim.

**E:** *Cuatro.*

**J:** É, nunca presenciei, nunca vi tempestades lá.

**E:** *Cuatro. Nunca.*

**J:** É um local romântico de se estar.

**E:** *¿Es un lugar romántico? Cinco.*

**J:** Há o que fazer na Lagoa Mirim inclusive no inverno.

**E:** *Cuatro.*

**J:** É um local para parar e contemplar.

**E:** *Cuatro.*

**J:** A água geralmente está contaminada.

**E:** *Dos. No está contaminada.*

**J:** Eu vou fazer algumas perguntas pro senhor. Que são perguntas de imaginação e projeção, tá? Pro senhor tentar imaginar uma situação.

**E:** *Sí.*

**J:** Como é esta paisagem que o senhor está vendo? Como o senhor descreve esta paisagem?

**E:** *¿Esto?*

**J:** Esta paisagem.

**E:** *¿Este paisaje, como lo describo? Y, me preocupa, por el vehículo en la laguna. En la Laguna no permitimos.*

**J:** Certo.

**E:** *Lo que veo acá es un atentado a la naturaleza con el vehículo dentro del agua.*

**J:** Onde o senhor imagina que essa foto foi tirada? Onde ela foi encontrada, onde acha que eu encontrei esta foto?

**E:** *Pienso que en el este. No creo que sea la Laguna porque, a ver, que normalmente vemos el horizonte y no hay tanto oleaje.*

**J:** Esta foto é da Lagoa Mirim, mas em um de seus pontos, né? Onde o senhor imagina que é este local? Se o senhor tivesse que dizer, assim, onde foi tirada essa foto, o ponto exato?



**E:** *¿Punto exacto? ¿En la Laguna Merín?*

**J:** Sim. Na Lagoa Mirim, mas aonde?

**IE:** *Ni idea.*

**E:** *No conozco donde puede ser. No ubico.*

**J:** Algum?

**IE:** *Pode que sea una competencia de cuatro por cuatro.*

**E:** *Muchos años ha sido una competencia, ya está prohibido.*

**J:** Sim. Mas quando eu falo Lagoa Mirim, eu falo toda.

**E:** *Toda, toda, toda.*

**J:** Quando o senhor pensa que foi tirada essa foto?

**E:** *Invierno.*

**J:** O senhor consegue imaginar quem é ou como é esse fotógrafo desta foto?

**E:** *Imaginar, como...*

**J:** Imaginar como é o fotógrafo desta foto. Quem é...

**E:** *Me imagino un fotógrafo, o familiar del jeep, o un fotógrafo de actividad deportiva. Una competencia.*

**J:** O senhor imagina que esse fotógrafo, ahm, viajou acompanhado, em grupo, sozinho?

**E:** *Sí.*

**J:** Um grupo. O senhor imagina que essa pessoa foi somente a esse local, ou nesta viagem ele foi a outros locais também?

**E:** *¿Este fotógrafo? A otros. Actividades ahí.*

**J:** Além de fotografar, que mais este fotógrafo fez nesta localidade?

**E:** *¿Qué fue lo más interesante?*

**J:** O que mais ele fez. Que práticas, que atividades ele teria feito?

**E:** *¿Lo del jeep? Lo de la competencia, lo deportivo, no la naturaleza.*

**J:** Alguma atividade mais que ele teria feito neste local?

**E:** *No, veo eso, veo una competencia de jeep. O familia que van en jeep, pero no un amante de la naturaleza.*

**J:** Quanto tempo o senhor imagina que o fotógrafo ficou nesta, nesta localidade?

**E:** *Poco tiempo.*

**J:** Mais ou menos?

**E:** *Un día. Una actividad, un día.*

**J:** E na sua opinião, por que ele teria tirado e postado esta foto?

**E:** *¿Por qué tiró?*

**J:** É, por que tirou, e por que postou?

**E:** *Y me imagino que si es fotógrafo que promociona actividades deportivas de los jeeps y los cuatro por cuatro, por eso.*

**J:** Ah, a última parte da entrevista. Há algo que eu não tenha perguntado, e o senhor gostaria de ter falado?

**E:** *No, creo que ha sido muy completa. Este, muy completa.*

**J:** E tem, há algo que o senhor não tinha pensado até fazer esta entrevista? Algo que a entrevista lhe fez pensar?

**E:** *¿Algo que no lo hubiera pensado? La foto del jeep. Porque no me imagino. Porque pensando en Lago Merín, un jeep en el agua... Porque se vigila mucho eso.*

**J:** E o que o senhor achou da entrevista? O que o senhor acha da entrevista?

**E:** *Muy completa y muy abierta. Muy profesional. Y digamos que, al no encontrar nada que me faltó decir, que la entrevista fue muy buena.*

**J:** Agradeço a participação.

**E:** *Yo agradezco el café.*

**J:** *Muchas gracias.*

**Entrevista com "Amélia"**  
**Nema, Rio Grande, 16/01/2020**

**J:** Estamos iniciando, ahm, hoje, a entrevista com [nome da entrevistada], aqui do Nema. [Nome da entrevistada], você poderia começar contando pra gente um pouquinho da sua profissão, seu ramo, sua atuação aqui no Nema.

**E:** Bom, eu sou oceanóloga. Fiz mestrado em Gerenciamento Costeiro. Ambos na FURG: Oceanologia e mestrado. E eu atuo aqui no Nema desde 2011. Eu entrei aqui voluntariamente, passei pelo estágio, como técnica, e hoje eu tô em coordenação de projeto. Mas atuo em diferentes linhas aqui dentro, né? Porque a gente sobrevive de projetos. E cada coordenador tem um tema. Por exemplo, é, tartarugas marinhas, penípedes... E aí a gente vai em busca de editais, de patrocínios, pra executar ações, né? Então, hoje eu atuo muito aqui dentro na parte da educação ambiental e da gestão. Não muito da parte científica de monitoramento, assim, vou pra esse lado mais do humano em relação ao meio ambiente. É o que eu acabei me especializando, e que eu tenho mais conforto de trabalhar, que eu gosto mais de trabalhar. Não sei se respondeu?

**J:** Respondeu.

**E:** Tá.

**J:** A segunda pergunta é sobre a sua atuação em relação à Capilha. A sua ou do Núcleo em relação à Capilha.

**E:** Tá.

**J:** Talvez o que já foi feito, o que vem sendo feito realmente naquela...

**E:** Aham.

**J:** ...naquele local.

**E:** Sim. É... historicamente, o Nema atua ali no Taim, né? Unidade de conservação super importante na cidade, né?

**J:** Exato.

**E:** Ela está... Tá OK?

**J:** Tá OK.

**E:** E... Eu não saberia te...

**J:** Não tem problema. É aquilo que tu tiver...

**E:** ...de *linkar* todos os projetos que já foram executados lá no Taim. Mas teve um, que foi bem importante, né? Que foi uma agenda ambiental, que fizeram lá. Trabalharam com a comunidade. Tiveram ações auxiliando na própria gestão da unidade de conservação. Pra

montar um conselho, participação dentro do conselho lá do Taim. E tô falando Taim/Capilha, né?

**J:** Taim/Capilha. Abarca.

**E:** É. E... atualmente, assim, nos últimos anos que eu estou aqui, a gente tem recebido vários grupos de universidades, de escolas, pra realizar ações de um trilha guiada, né? Não é no foco do turismo. Seria mais no foco da educação ambiental, de olhar pra aquele ambiente, a gente perceber a paisagem, a fauna, a flora. Trazer uma concepção daquele meio ambiente ali, com a nossa vertente. E levar essas crianças, ou jovens, adultos, idosos - que já aconteceu também -, pra conhecer o Taim. Um dos pontos que a gente visita é a Capilha, né? A gente passa ali pela igrejinha, vai por baixo, faz a trilha todinha, dá a volta, vê as falésias. E aí retorna ali por trás. Então, a gente sempre, é um dos nossos pontos. E a Lagoa Mirim, com a sua beleza, né, ali. Sempre chamou muito a atenção: a criançada adora brincar nas dunas, bem ali. Então, é um ponto obrigatório de passagem quando a gente trabalha no projeto "Trilhas interpretativas". E, desde o ano passado, a gente tem um projeto, então, um projeto de educação ambiental com a comunidade pesqueira, de quatro localidades em Rio Grande. São Miguel e Bosque - que é aqui, mais central, na beira da Lagoa dos Patos - é, Ilha dos Marinheiros e da Torotama, já ouviu falar?

**J:** Já.

**E:** E Capilha. Que é a única que é na Lagoa Mirim, né? E a gente teve agora que fazer, nesses últimos meses, um diagnóstico dos pescadores que moram lá. Então, a gente fez uma série de perguntas. A relação deles com aquele meio. E ano que vem a gente vai fazer três oficinas lá, com eles. De acordo com o diagnóstico, a gente delimitou os temas de interesse deles, e a gente vai promover oficinas pra eles. E também tá previsto nesse trabalho fazer um dia "D". Que é tipo um mutirão de limpeza porque ali tem muito a ver com a questão dos resíduos. E aí vai ter essa limpeza da orla da Capilha. Lá da Lagoa. Que vai ser um dia pra mobilizar a comunidade em geral. Então, é o que tem de mais recente. E, não necessariamente Capilha, mas o Nema tem um trabalho de muitos e muitos anos, tô procurando aqui pra ver se tem alguma embalagem. Depois eu pego. Que é o "Arroz Amigos do Taim". Que é um arroz orgânico, uma produção que eles começaram pequeninhos, e agora já tá crescendo. Vai pra Tio João. Todo arroz orgânico integral da Tio João tem o *loguinho* do Nema. Que é um trabalho difícil. Mas que rendeu aí, boas parcerias lá na região do Taim. E é o Cléber que tem mais a ver, que saberia te dizer mais, né? Mas eu sei que essas certificações são processos bem delicados, que precisa de várias normas, várias.... E o Nema sempre conseguiu auxiliar ali, a produção de produtores que aderiram ao orgânico. E tem ido super bem. Acho até que tem uma perspectiva de aumentar

talvez essas áreas. E... o Nema também atua no Conselho da Unidade de Conservação. Então, sempre que tem alguma demanda ali da, da UC, na região, o Nema ajuda. Então, acho que teria isso, assim, de mais recente, na Capilha. Aí depois, levantamento histórico, a gente pode...

**J:** Claro.

**E:** ...pesquisar aqui. Como eu não sei tudo (riso)...

**J:** Eu ia te perguntar, ahm, talvez algo não tão recente, que tem a ver com a minha pergunta seguinte, que é sobre turismo e lazer.

**E:** Uhum.

**J:** Como é que o turismo e o lazer vem sendo incorporado ao cotidiano da Capilha, e como é que o Nema enxerga isso? E questões de ordenamento territorial... se existe um plano sendo pensado pra aquela região?

**E:** Bom, em relação ao turismo, a gente, acho que não só eu "Nema", mas eu "pessoa", eu moro em Rio Grande há dez anos. Então, eu não sei como era antes. Mas, o que eu tenho observado, é que a cada ano a Capilha tá mais cheia, tem mais turistas, mais *motor homes*, mais infraestrutura.

**J:** Em alguma época do ano?

**E:** No verão, principalmente. Agora a gente tava fazendo as nossas entrevistas, em dezembro, e a gente via a preparação da comunidade já pra receber os turi, os veranistas, né? Muita casa já construída pra alugar, né? O que descaracteriza, um pouco, ali, a comunidade. Não sei, alguns gostam, porque vivem disso. Outros, já, se estressam um pouco. Até me marcou que um pescador, a gente perguntou da questão do resíduo, e falou que o único lixo que aparece ali é só, é proveniente do turismo. Que, durante todo o ano, eles cuidam, é limpinho. E aí, que no verão, extrapola, né, a questão dos resíduos sólidos. Então, eu acho que essa comunidade ela tá crescendo nesse sentido, do turismo. Por uma observação fácil, assim, da questão estrutura, de casas, de *campings*. E eu vi um assim super moderno, que é pra *motor home*. Então, me chamou a atenção. Eles realmente estão estruturando pra, pro turismo.

**J:** Se eu não tô enganado, a Capilha tá na zona de amortecimento do Taim. O que esse fato, o fato de estar numa zona de amortecimento, pode limitar em termo de urbanização turística ali?

**E:** Poxa, que pergunta difícil! Eu não, não tô tão familiarizada com a lei de criação do Taim e das regras pra zona de amortecimento. Mas eu imagino, pensando em unidade de conservação em geral, que o lazer ele é compatível com a zona de amortecimento.

**J:** Lazer.

**E:** Mas, tu tem que ter toda uma infraestrutura preparada, né? Por exemplo, lá não tem saneamento. Não tem uma coleta que aumenta no período do verão. Acho que mantém o mesmo

número de caminhões também, não sei, né? Eu acredito que, quando a gente tem uma atividade assim tão grande, tem que ter esse investimento e esse regramento ali do que vai acontecer. E eu não sei muito, pois é, infelizmente eu não participei do conselho lá do Taim. De que, de como a Unidade relaciona, ali, por exemplo. Com essa questão do turismo.

**J:** Com essa questão, né?

**E:** Eu sei que relacionam muito ali com os pecuaristas, com o pessoal da pesca. Agora, como é que é essa questão do turismo, eu não sei bem. Não vou saber te responder o que é que tá previsto de ordenamento pra aquela área. Mas, se quiser, eu posso dar uma pesquisada, e depois eu posso...

**J:** A gente pode buscar, também.

**E:** ...dar minha opinião sobre essa leitura.

**J:** É, e você se considera um turista, praticante de lazer, na área da Capilha, ali no local?

**E:** Não. Eu nunca fui como... tô tentando lembrar se eu já fui alguma vez como lazer. Eu acho que só fui pra trabalhar. Assim, todas as vezes eu fui, mesmo no verão, eu estava, ou como monitora de trilha, ou (riso) fazendo alguma outra atividade. Mas...

**J:** Pesquisando?

**E:** ...não que eu não queira (riso). Eu acho aquele lugar lindo! Não sei porque eu nunca fui pra passar o dia. Assim, acampar... Acho que pela distância, talvez.

**J:** Talvez. E quanto, você conhece outros pontos da Lagoa Mirim, que não a Capilha, que você já esteve, como turista, ou por outras razões?

**E:** Não, não conheço.

**J:** Capilha mesmo, né?

**E:** Capilha, na Lagoa Mirim... não conheço.

**J:** De uma visita sua à Lagoa Mirim, você teve alguma experiência que mais te marcou?

**E:** Hum...

**J:** As primeiras coisas que vêm à tua mente?

**E:** Eu acho que a questão dinâmica da Lagoa, né? Porque eu já fui em diferentes épocas, e é incrível, assim. Porque, ela é gigantesca, né? Parece um mar! Um dia a gente foi, faz pouco tempo isso, e tava muito ventoso esse dia. A água tava lá em cima! Com ondas, aquela coisa bem mexida, assim. Então, me chama a atenção essas experiências de como ela é dinâmica, né? De como o vento o vento influencia a Lagoa e a paisagem, né, que ela vai estar formando ali. Então, eu acho que não saberia te dizer uma marcante, que mais me marcou porque todas marcam, na verdade. Mas, em relação à paisagem, assim, foi com certeza um dos pôr, pôr de sol mais lindo que eu já vi, ali na...

**J:** Algum em especial?

**E:** É...

**J:** Alguma ocasião em especial?

**E:** Na verdade, eu estava até trabalhando, né? A gente estava fazendo essa monitoria de trilhas. E aí o último ponto é lá. Então, depois, e o pessoal ia voltar de ônibus, e a gente estava de carro. E a gente se estendeu, pra ver o pôr do sol, ali. Então, querendo, ou não, é uma forma de lazer, né?

**J:** Claro.

**E:** Foi pós-trabalho. E aí, ficamos ali observando até tarde, e estava lindíssimo.

**J:** E você acha que tem um tipo diferencial o pôr do sol ali?

**E:** Ah, eu acho (riso).

**J:** Você saberia dizer qual seria?

**E:** O diferencial? Nossa! (riso). Não sei. As cores, é, eu acho que, tu não tem interferência ali de luzes. É um ambiente tão natural, ainda. Selvagem, assim. Então, dependendo da época que você vai, é só a Lagoa, realmente, o pôr do sol e as dunas. Acho que isso que me chamou mais atenção, assim.

**J:** Se você já visitou algum local, que não a Lagoa Mirim, e que tem paisagens semelhantes a ela?

**E:** Hum.

**J:** Que você pudesse comparar.

**E:** Parecido com a Lagoa Mirim? Acho que uma lagoa que eu fui, que é Lagoa Negra, no Uruguai. Que chama Laguna Negra. Que fica ali no distrito de Rocha. Ali, pertinho, sabe? E é parecido. Agora pensando... eu achei parecido essa questão do fim do dia. Da vastidão.

**J:** Me conta um pouco mais sobre essa, essa experiência, nessa paisagem que você citou.

**E:** Ali na, nessa oportunidade, eu estava viajando, de férias, ali. E nós fomos conhecer a Laguna Negra. E provavelmente tem a mesma inclinação (riso), porque o pôr do sol... por isso eu te falei que eu me lembrei, né? É meio parecido com a Lagoa Mirim. Também foi muito especial estar naquele lugar (riso), com amigos.

**J:** Faz quanto tempo isso, que você foi pra...

**E:** Foi 2018. Foi em 2018, Carnaval.

**J:** O que outras pessoas, o que outros visitantes praticam na Lagoa Mirim, que você porventura não teve oportunidade de fazer, mas gostaria de fazer?

**E:** Eu gostaria de acampar um dia lá. Ahm, praticar esportes náuticos, que eu já vi que o pessoal...

**J:** Por exemplo?

**E:** É, tem *stand up*, eu vejo que tem muita gente que vai pra lá com esse intuito. Ou velejar, né? Conheço pessoas que fazem isso. Deixa eu ver, o que mais? Na verdade, acho que é isso.

**J:** E o que é bom de fazer no verão na Capilha, e não é bom de fazer no inverno (e vice-versa)?

**E:** Eu acho que no verão, se a pessoa quer ir pra descansar, assim, por exemplo. Eu vou acampar e vou ficar tranquila... talvez não seja tão fácil porque tem mais pessoas.

**J:** No verão?

**E:** É. Acho que talvez o movimento seja maior, então tu tá indo com o intuito de relaxar... Porque eu já vi, realmente fica muito cheio, né? É que nem a praia, aqui (riso). Então, acho que nesse intuito, quando tu vai no verão, não consegue... vai ter barulho, sons diversos. Agora, no inverno, tu já vai conseguir. Mas, em compensação, no inverno é muito frio, né? Tem um vento muito forte. Então, acampar ali deve ser complicado (riso). Aqueles ventos ali, com aquela areia.

**J:** Bastante vento, né?

**E:** É, o vento é muito marcante aqui na nossa região, né?

**J:** É uma característica.

**E:** É, então, acho que pra tudo tem que pensar como é que vai estar o vento (riso).

**J:** E o que não se pode realizar na Lagoa Mirim, que não é ofertado, mas em outros locais semelhantes, é sim ofertado? Alguma coisa que você lembre?

**E:** Que não pode?

**J:** Que não é ofertado, que não se pode realizar.

**E:** Ah, que não é.

**J:** Que não é oferecido na Lagoa Mirim, mas que em locais de paisagens semelhantes, sim, é possível fazer. Que lá não tem essa...

**E:** Entendi.

**J:** ...essa possibilidade.

**E:** Deixa eu pensar. Nossa, não me vem nada na cabeça. De repente, seria interessante se tivesse, eu não sei se tem, uma recepção mais, tipo assim, pro turismo. Ter pessoas ali pra falar do lugar, ter um pouquinho mais de investimento em informação ali. Ter mais placas de repente. Ter mais lixeiras. Alguém ali cuidando, assim, é, pra dar assessoria aos turistas. Falar do ambiente, entende?

**J:** Seria uma atividade como se fosse um passeio guiado?

**E:** É, ou um ponto de, tipo, "atendimento ao turista" ali. Com, de repente, com coisas pra separação de lixo, quando a pessoa vai embora, ela vai lá deixa o seu lixo reciclável. Não sei.



Algum *folder* explicativo da área. Alguns painéis interativos com os ecossistemas locais. Coisas assim, que eu acho que poderiam melhorar ainda mais do ponto de vista do turismo, do ecoturismo.

**J:** Em termos de atividades, passeios, que poderiam ser ofertados, e ainda não são?

**E:** Pois eu não sei se existe uma tendência, assim, por exemplo, dos esportes náuticos. De alguém que fique ali, e alugue uma prancha. Não sei como é que é. Porque, como eu te disse, eu não frequento tanto.

**J:** Não tem problema.

**E:** Mas, seria interessante, de repente. Ter um passeio de barco, de caiaque.

**J:** Que em outros locais tem.

**E:** É. Mas uma coisa, claro, regrada, com certifica, né? Que a pessoa tenha autorização pra aquilo, né? Um estudo do impacto que aquilo vai gerar. Mas seria interessante, né? Fazer um passeio na Lagoa.

**J:** E pensando na Lagoa Mirim como um todo, que paisagens que você conhece, ou não, que merecem uma foto? Ou que paisagem é essa? Merece uma foto.

**E:** Eu acho que lá de cima da passarela. Eu acho lindo o contraste da areia branca com a Lagoa. Eu acho aquela paisagem maravilhosa. E uma seria, virado de costas pra Lagoa, das falésias. Eu acho muito bonito também.

**J:** Merecem uma foto?

**E:** Sim (riso).

**J:** Qual é, na sua opinião, o principal meio de informação e divulgação da Lagoa Mirim hoje, junto aos turistas? Que você acredita que seja.

**E:** Não sei nem se tem, um meio de divulgação da Lagoa Mirim (riso). Agora, me pegou. Nunca vi muita coisa. Existe? (riso).

**J:** Depois a gente conversa.

**E:** (Riso). Acho que de repente as pessoas quando postam fotos e marcam a localização é uma forma de divulgar o lugar, né? Mas eu nunca vi um investimento na tevê: "Ah, venha...". Sabe? Eu nunca vi.

**J:** Diferente da pergunta anterior, se nós pedíssemos pra os turistas fotografarem a Lagoa Mirim, livremente, quais seriam as mais fotografadas? E quais seriam as menos? Pra pensar a Lagoa Mirim como um todo. Qual seriam as *top one*?

**E:** Acho que de repente uma foto na água. Não sei. Seria uma bem-fotografada. Um pôr do sol.

**J:** Na água fazendo algo? Ou somente a água.

**E:** Acho que fazendo algo, né?

**J:** Por exemplo?

**E:** Sei lá, tomando um banho (riso). Ou costumam manter os barquinhos atracados.

**J:** Isso na...

**E:** Na Lagoa Mirim, ali na Capilha. Né, que tem a comunidade pesqueira que deixa ali os barquinhos. Aí fica uma paisagem bem típica de rede social (riso).

**J:** E alguma que você acha que seria a menos fotografada? De menos interesse. Que envolvesse a Lagoa Mirim.

**E:** Eu não sei ali, se essa parte das falésias é muito valorizada. Até porque ela tá sendo bem antropizada, assim, ao longo do tempo. Erodindo bastante. O pessoal passa muito ali pelo, talvez não seja tão...

**J:** Tão fotografadas. Agora, nós vamos pra uma parte seguinte da entrevista. Funciona assim: eu faço algumas afirmações, sempre sobre a Lagoa Mirim, tá? E aí você responde, do "um" ao "cinco", é, discordando totalmente e concordando totalmente. E se você quiser justificar sua resposta, pode, tá?

**E:** Tá.

**J:** Outros locais, com paisagens semelhantes da Lagoa Mirim, têm mais turismo.

**E:** Três.

**J:** Os barcos e redes de pesca artesanal são belos de se ver.

**E:** Cinco.

**J:** Os turistas contemplam as paisagens da Lagoa Mirim estando sós ou com poucas pessoas em volta.

**E:** Repete, por favor?

**J:** Os turistas contemplam as paisagens da Lagoa Mirim estando sós ou com poucas pessoas em volta.

**E:** Hum, dois.

**J:** O foco do olhar do turista está na linha do horizonte.

**E:** Quatro.

**J:** O pôr do sol é um espetáculo da natureza.

**E:** Cinco.

**J:** As paisagens da Lagoa parecem pintura.

**E:** Cinco.

**J:** Há bons locais, na Lagoa Mirim, para descansar no tempo livre.

**E:** Cinco.

**J:** Na temporada, o portoalegrense opta ir ao Uruguai pelo Chuí ou Jaguarão, em função das paisagens da Lagoa.

**E:** Três.

**J:** As paisagens às vezes me causam medo.

**E:** Um.

**J:** Os locais são inóspitos.

**E:** Quatro.

**J:** As árvores, ahm, são altas e numerosas.

**E:** (Riso). Me pegou porque, se a gente pensar nas exóticas que tem ali, elas são altas. Mas as nativas normalmente tem umas mais medianas.

**J:** Do que você conhece da Lagoa Mirim, a tendência...

**E:** Vou pôr "três", então (riso). Eu já vi os dois.

**J:** A paisagem é melancólica.

**E:** Quatro.

**J:** Os brasileiros vão mais à Lagoa Mirim que os uruguaiois.

**E:** Três.

**J:** Para ir à Lagoa Mirim, é necessário carro com tração nas quatro rodas.

**E:** Dois.

**J:** Os locais dispõem da infraestrutura necessária.

**E:** Dois.

**J:** A paisagem é monótona.

**E:** Quatro.

**J:** O oceano é melhor para banhos e recreação.

**E:** Um.

**J:** Os vilarejos me causam estranhamento.

**E:** Um.

**J:** A água da Lagoa Mirim me traz energia e movimento. Me deixa agitado.

**E:** Dois.

**J:** A Lagoa parece mar aberto.

**E:** Quatro.

**J:** O vento constante é um problema.

**E:** Um.

**J:** O, ir exige disposição.

**E:** Quatro.

**J:** É, é boa para passar as férias com a família.

**E:** Cinco.

**J:** As paisagens são mais naturais que artificiais.

**E:** Cinco.

**J:** A água me traz sentimento de calma e repouso. Me deixa tranquilo.

**E:** Cinco.

**J:** As paisagens são mais belas para quem busca aventura.

**E:** Quatro.

**J:** Falta um ponto elevado pra observar melhor.

**E:** Dois.

**J:** A água é que torna a paisagem bela.

**E:** Três.

**J:** A paisagem da Lagoa Mirim parece, ou lembra, um jardim.

**E:** Três.

**J:** Nunca vi tempestades lá.

**E:** Um.

**J:** É um local romântico de se estar.

**E:** Cinco.

**J:** Há o que fazer, inclusive no inverno.

**E:** Quatro.

**J:** É um local para parar e contemplar.

**E:** Cinco.

**J:** A água está contaminada.

**E:** Dois.

**J:** Agora eu vou te dar um foto, e vou fazer contigo um exercício de projeção e de imaginação, certo?

**E:** Uhum, certo.

**J:** É, primeiro, se você pudesse descrever essa paisagem, como é esta paisagem, que é de algum ponto da Lagoa Mirim?

**E:** Uhum. Eu observo uma, um uso, que muito típico aqui da nossa região, né? Que é essa questão dos carros, na praia. Independente se é de água doce ou se é aqui, no Cassino. Então, eu vejo um carro que, provavelmente, tem esse foco mais de aventura, por ser tipo um jipe. Não sei o nome, a marca. Mas, ou é de um morador que utiliza essa área e quer [inaudível]. Na imagem, uma questão mais de aventura mesmo.

- J:** E onde você pensa que eu baixei essa foto? De onde você pensa que eu baixei?
- E:** De alguma rede social.
- J:** Alguma em mente?
- E:** Facebook. Não sei (riso).
- J:** E onde você imagina que é este local? Um chute. Sabemos que é na Lagoa Mirim.
- E:** Um chute, tipo "Rio Grande"? Ou Uruguai. Não. Ou é mais...
- J:** Se você puder, o mais específico possível.
- E:** Na Capilha.
- J:** Em que época do ano essa foto teria sido tirada?
- E:** Essa luz, esse céu limpinho. De repente, na primavera (riso). Não sei.
- J:** E como é, ou quem esse fotógrafo? Se você tivesse que descrever este fotógrafo.
- E:** Como é e quem é?
- J:** Um perfil dele ou dela.
- E:** Hum, bom, eu acho que ele, que essa pessoa viu beleza nesse ato da, do movimento das águas aí no carro. Não sei. Gostou da paisagem. Não sei, não sei como delimitar esse perfil.
- J:** Um perfil, assim. O que é que ele faz da vida, o que você quiser.
- E:** Deve ser visitante desse lugar, não sei, turismo. Talvez (riso). Observador.
- J:** Observador. Ele foi acompanhado de um grupo, ele foi sozinho, em dupla?
- E:** Ele pode até ter ido com essa pessoa. Tirou a foto pra ele. Pode ter sido em grupo.
- J:** Grupo, de quantos, mais ou menos?
- E:** Nossa, seis (riso). Chutando.
- J:** Esse fotógrafo, ele foi exclusivamente a esse local, ou ele foi a outros, na mesma viagem?
- E:** Acho que em outros. Deve ter feito um caminho aí, percorrendo essas paisagens. Não sei.
- J:** Que outros locais esse fotógrafo conhece? Pode ser qualquer local.
- E:** Bom, ele deve conhecer a região ali da fronteira. Chuí, Uruguai. Essa parte mais próxima da Lagoa. Não sei se Rio Grande, talvez. Cassino (riso).
- J:** E além de fotografar neste local, que outras coisas ele pode ter feito?
- E:** Ué, ele pode ter apreciado ali, a paisagem. Feito, o pessoal tem bastante costume de fazer churrasco ali. Passar o dia. Acampar. Não sei (riso), acho que é isso.
- J:** Quanto tempo você pensa que ele ficou nesta localidade?
- E:** Uma noite e um dia. Um dia.
- J:** E por que na sua opinião ele teria tirado, ou ela, teria tirado e postado a foto?
- E:** Pra registrar a viagem, a aventura (riso).
- J:** Já finalizando a entrevista, há algo que eu não tenha perguntado, e que você gostaria de falar?

**E:** Não. Eu gostaria, de repente, de pegar um materialzinho pra você. Pra te auxiliar aí, na sua pesquisa.

**J:** Perfeito.

**E:** Algum material que a gente tenha produzido mais ali do Taim. Daí, se tu quiser aguardar um pouquinho.

**J:** Ia me auxiliar bastante. Só mais uma...

**E:** Ah, tá. Achei que tu tinha (riso)...

**J:** E tem algo que tu não tinha pensado até então, até a realização desta entrevista, ao longo das perguntas?

**E:** Sim. Com certeza. Na verdade, a maioria das perguntas eu não imaginava que tu ia fazer (riso). Bem diferente, né, porque assim, seu foco, seu olhar pro turismo, é diferente do nosso, assim. Essas questões, por exemplo, o que é que essa pessoa tava fazendo, tu não pensa, né? Tu simplesmente vê a foto. Interessante.

**J:** E o que você achou da entrevista, em termos gerais?

**E:** Achei diferente (riso) do que eu imaginava. Como eu te disse. Bem completa, acho.

**J:** Agradeço a tua disponibilidade.

**E:** Imagina, merece.

**J:** E nos colocamos à disposição.

**E:** Eu vou pegar as coisinhas pra você, tá?

**J:** Obrigado.

**Entrevista com "Angélica"**  
**Praça da igreja da Capilha, Rio Grande, 17/01/20**

**J:** Vamos iniciar, então, a nossa entrevista com a [nome da entrevistada], que trabalha e que mora na Capilha. É, você poderia falar um pouquinho mais sobre a sua trajetória, o que você faz... Você mora aqui, não é?

**E:** Moro. Moro aqui na Capilha, fixo fazem 18 anos. Fui criada na cidade. Minha família é original daqui, meu pai. E aí, quando eu tive a possibilidade, eu vim pra cá de vez. Estudei, me formei, mas procurei voltar pra morar aqui.

**J:** Se formou em que área?

**E:** Em Gestão Ambiental. Fiz estágio com a Estação Ecológica do Taim, e dali só aumentou ainda a vontade de trabalhar com o turismo local, né?

**J:** Certo.

**E:** Mostrar os lugares, as paisagens diferentes que a gente tem aqui na região.

**J:** Sobre as tuas atividades, o que você tem feito em termos de turismo?

**E:** Turismo, a gente fez um curso preparatório com a Estação Ecológica do Taim. No caso, dando certificado de monitora local. Atualmente, tô fazendo curso de técnica em Guia de Turismo pra poder ampliar a área...

**J:** Onde, onde você cursa?

**E:** No Senac, agora. Então, esse curso abriu caminhos pra gente receber escolas, particulares, é, pessoas que tão passando de carro, curiosos, alguma coisa assim. Eles nos indicam. Chega na Estação, pede informação, eles dão o telefone, entram em contato. Indicação, desse como tu chegou até mim.

**J:** Exato.

**E:** Pessoas conhecidas indicam. Mas a maioria é trabalho de escolas e pesquisas, que vem direto na Estação. Então, eu trabalho com turismo, numa empresa que eu tenho, de turismo de aventura. Que é caminhar em torno das paisagens da Estação Ecológica do Taim e Capilha.

**J:** Certo.

**E:** Alguma outra atividade além da caminhada, no momento?

**J:** Não, relacionado ao turismo, assim, seria essas duas. O turismo ali pela Estação Ecológica, que tu faz um passeio, tu faz uma rota demarcada. E o turismo de aventura que é...

**E:** Essa trilha tem algum nome específico?

**J:** Tem várias. A trilha passando, na verdade são passeios, que são mais leves. O passeio da Capilha, que a gente visita a capela, falésias e a Lagoa. Tem o passeio do Tigre, onde a gente caminha mais próximo ao banhado, tem mais acesso, assim, visual, o colorido das aves, e tudo. Tem o da Nicola, que a gente chega mais próximo das capivaras, que a gente consegue ver jacaré e as aves. E tem a trilha da Figueira, que aí sim: são três horas de caminhada pelo meio do barro, banhado, mas é muito legal.

**E:** É mesmo.

**J:** As trilhas foram formatadas pelo Nema?

**E:** Junto, o Nema fez um processo, é, bem antigo. E a gente consegue, a gente faz umas adaptações, e consegue usar ele até hoje, assim.

**J:** Que legal. Se você se considera, em algum momento, ou em algum ponto da Lagoa Mirim, turista ou visitante da Lagoa?

**E:** Se eu?

**J:** Isso. Se você pratica turismo e lazer do trabalho?

**E:** Sim, bastante.

**J:** Bastante? Que atividades que você se envolve?

**E:** A gente faz muito, a gente trabalha com a ideia de escola. Então, a gente faz muita coisa de praia, faz passeio, fotos com a escola local. E trago amigos pra conhecer, caminhadas na beira da praia, que é muito bom. Mais a modo de conhecer mesmo.

**J:** Sim.

**E:** Sem compromisso com o passeio.

**J:** Que outros locais, ahm, você já esteve em outros locais da Lagoa Mirim, fora a Capilha?

**E:** Lagoa Mirim, o Porto de Santa Vitória.

**J:** Santa Vitória.

**E:** É.

**J:** E, você ouviu falar no termo "paisagens lacustres"?

**E:** Mais ou menos. Não...

**J:** Paisagens de lago. O que é que vem à tua mente, quando eu falo "paisagens de lago"?

**E:** Entendo que seja em torno do lago. Pegando um pouco interno, externo, assim, de dentro da lagoa. Fazendo...

**J:** É isso que te vem à mente? É, dos, de quando você visitou a Lagoa Mirim. Se puder contar uma experiência que mais te marcou. Tanto aqui, quanto do Porto. Um dia que foi marcante pra ti.



**E:** Aqui, o que marca muito, assim, é quando tu chega, tu vê esse, essa lagoa assim. Parece que não tem fim, né? Que tu não consegue enxergar os finais dela, devido à grande... mistura com o céu, com a Lagoa, assim. Então, tu fica no, muitos, um horizonte que não tem fim, assim. Muito bonito, assim.

**J:** Tem algum episódio, algum dia, em especial que você lembre, que você gostaria de contar?

**E:** Não creio que seja um, mas são vários.

**J:** Vários.

**E:** O pôr do sol aqui em cima, cada dia, é um mais bonito que o outro.

**J:** Não tem, um digamos assim?

**E:** Não (risos). Fica difícil dizer um. Mas o pôr do sol, aqui é muito bonito.

**J:** Certo. Você já visitou paisagens semelhantes à Lagoa Mirim, em outros pontos, outros locais?

**E:** A Lagoa Mangueira.

**J:** A Lagoa Mangueira.

**E:** A Lagoa Mangueira é bem parecida com a Mirim.

**J:** É... qual foi a experiência mais recente com a Lagoa Mangueira? Tu lembra há quanto tempo foi, como foi?

**E:** Foi em abril.

**J:** Uhum.

**E:** Foi em abril. A gente foi fazer um passeio lá que tava muito... Também dentro da empresa, tudo com trajeto demarcado, tudo ecológico, tudo certinho. Mas a gente foi fazer um passeio lá de...

**J:** Certo.

**E:** Lá, durante só dia, né? Passamos o dia na beira da Lagoa Mangueira, depois viemos embora.

**J:** Pela tua empresa, no caso, né?

**E:** Sim, foi.

**J:** É, o que é que os visitantes fazem na Lagoa Mirim, que você ainda não teve oportunidade de, de fazer? Que você gostaria de fazer.

**E:** Na verdade, tem um pessoal que vem, assim, de lancha, mas eu não tenho vontade.

**J:** Não tem?

**E:** Tenho medo de andar. Tem essas coisas, assim, não gosto muito, não.

**J:** Dos esportes, no caso, né? E o que é bom fazer no verão, na Lagoa Mirim, e não é bom de fazer no inverno (e vice-versa).

**E:** No verão, é sentar, com a Lagoa calma, assim que nem tá hoje, tranquila. Sentar, tomar um chimarrão, botar uma sombra, e ficar curtindo o lugar. No inverno, não é possível fazer isso porque é frio.

**J:** Não é bom. Tem alguma coisa boa de fazer no inverno, que é melhor de fazer do que no verão?

**E:** Sentar aqui onde a gente tá, assim. Continua... tu fica num lugar mais abrigado, do frio da Lagoa, tá sempre geladinho essa parte aqui. E aqui no inverno a paisagem também é bonita.

**J:** Também é bom.

**E:** É.

**J:** É, deixa eu ver aqui. Que paisagens da Lagoa Mirim, que você conhece ou não, ou que paisagem, merecem uma foto?

**E:** As falésias. O pouco que ainda resta delas aqui na Lagoa. Merece realmente um foto.

**J:** Merece uma foto. Na sua opinião, na sua percepção, qual o principal meio de informação e divulgação da Lagoa Mirim, hoje?

**E:** É, conversa informal, assim. Indicação, como diz o popular, de boca a boca. Porque tu começa a procurar certas, não tem muitas pesquisas, não tem muitas informações... corretas. Então, é uma informação mais de popular, mesmo, de boca a boca, que dá mais efeito (riso).

**J:** E se nós pedíssemos pros turistas fotografarem paisagens da Lagoa Mirim livremente. Quais seriam as mais foto, as mais fotografadas por eles?

**E:** A Lagoa, bastante gente vem só pra tirar foto. E nas dunas, nas falésias, nessa parte que pega assim.

**J:** Tu acha que seria a foto mais clicada, no caso?

**E:** Sim. A Lagoa é a primeira.

**J:** Sim.

**E:** Depois, a parte dos barrancos.

**J:** Daqui, no caso?

**E:** Daqui a gente tem a parte mais, né, a Capilha tem esse acesso fácil às dunas e às falésias. Então, aqui seria mais fácil, e bem mais bonito de tirar foto (riso).

**J:** Certo. É, vou te fazer agora uma, é uma outra parte da pesquisa, algumas afirmações. Aí você me responde do "um" ao "cinco", "discordo" até o "concordo". Aí, se você quiser, você pode complementar com alguma justificativa tua, tá?

**E:** Tá bem.

**J:** Outros locais com paisagens semelhantes à Lagoa Mirim têm mais turismo.

**E:** Não. É "cinco", desculpa. Não, desculpa (riso). É "discordo". Porque aqui tem mais, porque o que tem mais próximo aqui não tem acesso (celular toca).

**J:** A dois. Os barcos e as redes de pesca artesanal são belos de se ver.

**E:** Quatro.

**J:** Nos turistas, na Lagoa Mirim, contemplam as paisagens sós ou estando com poucas pessoas em volta.

**E:** Cinco.

**J:** O foco do olhar do turista está na linha do horizonte.

**E:** Três.

**J:** O pôr do sol é um espetáculo da natureza.

**E:** Cinco.

**J:** As paisagens da Lagoa parecem pintura.

**E:** Cinco.

**J:** Há bons locais para descansar no tempo livre.

**E:** Cinco.

**J:** Na temporada, o portoalegrense opta ir ao Uruguai pelo Chuí ou Jaguarão em função das paisagens da Lagoa Mirim.

**E:** Três.

**J:** As paisagens às vezes me causam medo.

**E:** Dois.

**J:** Os locais são inóspitos.

**E:** Quatro.

**J:** As árvores são altas e numerosas.

**E:** Hum, dois.

**J:** A paisagem é melancólica.

**E:** Um.

**J:** Os brasileiros vão mais à Lagoa do que os uruguaios.

**E:** Quatro.

**J:** Para ir à Lagoa Mirim, ou para vir, é necessário carro com tração nas quatro rodas.

**E:** Três.

**J:** Os locais dispõem da infraestrutura necessária.

**E:** Um.

**J:** É, a paisagem é monótona.

**E:** Um.

**J:** O oceano é melhor para banhos e recreação.

**E:** Um (riso).

**J:** Os vilarejos me causam estranhamento.

**E:** Um.

**J:** A água da Lagoa Mirim me traz energia e movimento. Me deixa agitado.

**E:** Não concordo. Me deixa bem leve (riso). É um.

**J:** Um. A Lagoa parece mar aberto.

**E:** Não, não. Um. Um.

**J:** A Lagoa parece mar aberto.

**E:** É um. É bem parada, é bem tranquila.

**J:** O vento constante é um problema.

**E:** Um.

**J:** Ir à Lagoa Mirim exige disposição.

**E:** Um.

**J:** É boa para passear, passar as férias com a família.

**E:** Cinco.

**J:** As paisagens são mais naturais que artificiais.

**E:** Cinco.

**J:** A água me traz sentimento de calma e repouso. Me deixa tranquilo.

**E:** Cinco.

**J:** As paisagens são mais belas para quem busca aventura.

**E:** Cinco.

**J:** Falta um ponto elevado para observar melhor.

**E:** Um.

**J:** A água é que torna a paisagem bela.

**E:** Cinco.

**J:** As paisagens parecem um jardim.

**E:** Não, aqui, não.

**J:** Da Lagoa Mirim.

**E:** Três.

**J:** Nunca vi tempestades lá.

**E:** Um.

**J:** É um local romântico de se estar.

**E:** Cinco.

**J:** Há o que fazer inclusive no inverno.

**E:** Quatro.

**J:** É bom local para parar e contemplar.

**E:** Cinco.

**J:** A água geralmente está contaminada.

**E:** Um.

**J:** Agora eu vou te dar uma foto, pra você observar. E é um exercício de projeção e de imaginação. Essa foto foi tirada em algum ponto da Lagoa Mirim, tá? Ahm, começando, ahm, se pudesse começar descrevendo essa paisagem. O que você enxerga nela. Como é esta, esta paisagem?

**E:** É um lugar tranquilo como a gente tá acostumado aqui na Capilha. Com um pessoal que não é muito bem-educado passando de jipe por dentro da água (risos). Que a gente tem bastante. que passa por dentro da água. Quadriciclo, que eles passam por dentro da água. Não é o fato não de não poder andar na praia. E sim por dentro da água deixando resíduos de óleo, essas coisas assim. Não, não me agrada muito, não.

**J:** Certo. E onde você imagina que essa foto foi encontrada? De onde que eu baixei ela?

**E:** Internet. Google, alguma coisa assim.

**J:** Algum *site* específico, que tipo de *site* específico?

**E:** Creio que não, assim. Porque tu bota, qual relação poderia ter, assim? Eu não sei pessoal, alguma coisa...

**J:** Dos locais da Lagoa Mirim, onde você acha que é este local? Que foi tirada a foto.

**E:** Parece aqui essa região que a gente tem aqui, né? Por ser uma água bem tranquila, assim. Baixa e poucas ondas.

**J:** Certo. Em que época do ano você imagina que foi tirada essa foto?

**E:** Inverno.

**J:** Inverno. Por?

**E:** Pela cor da água. Exceto se tem alguma referência com a impressão. Mas é, a cor da água seria inverno.

**J:** Certo. E, como você imagina que é, ou quem é este fotógrafo? Imaginar o fotógrafo, o perfil dele. Tentar imaginar o que essa pessoa, o que ela faz, enfim.

**E:** O fotógrafo?

**J:** Isso.

**E:** Pode ser uma pessoa que tava tentando ficar tranquila ali, e passa um momento, ele fica meio que indignado porque... Seria no caso eu, tirando uma foto dessa (riso). Poderia ser bem parecido comigo.

**J:** E esse fotógrafo, ele viajou sozinho? Ou que grupo de viagem foi esse? É, duas pessoas?

**E:** Creio que família, assim.

**J:** E esse fotógrafo, ele foi exclusivamente a esse local, ou foi a outros locais também, na mesma viagem?

**E:** Creio que ele tava assim com família, descansando. Seria só por aí mesmo.

**J:** E que outros locais você imagina que esse sujeito conhece? Que outros locais esse sujeito viajou, já?

**E:** De repente, Uruguai. Algum passeio. Por estar na rota da Lagoa poderia ser Uruguai.

**J:** Além de fotografar, que outras atividades você imagina que esse fotógrafo fez nesta localidade?

**E:** Um turismo mais local, assim. De repente conhecendo a região. Os passeios, mostrando... No caso, como a gente é vizinho da Estação Ecológica, poderia ter ido ali, já, é.

**J:** E quanto tempo você imagina que esse sujeito ficou nesta, nesta localidade?

**E:** Creio que o dia.

**J:** O dia. E por que na sua opinião, é, você, ele tirou e postou a foto?

**E:** Por motivo de ele tá passando por dentro da água e não ser, uma coisa legal, digamos assim, né? Meio invasivo, porque não combina com essa, andar por dentro da água, mesmo.

**J:** E, ele visitou outras localidades nessa mesma viagem, ou foi exclusivamente pra esse lugar?

**E:** Creio que pra cá.

**J:** Ahm, pra cá. Já finalizando a entrevista, tem algo que eu não tenha perguntado, e que você gostaria de falar?

**E:** Acho que conversamos bastante. Acho que consegui passar um pouco do que...

**J:** Claro.

**E:** ...do que eu gosto, do que eu admiro aqui na região. E, tranquilo, acho que foi isso.

**J:** Foi isso. E tem algo que não, que você não tinha pensado até realizar esta entrevista?

**E:** Creio que essa foto me deixou um pouco angustiada. Fica uma coisa mais... Fiquei bem impressionado, digamos.

**J:** Pensando.

**E:** Porque ainda há uma falta de consciência, né? Vamos, vamos passear, vamos conhecer, mas sem, sem invadir, sem prejudicar, assim. Porque é um lugar que é natural, né? E tem muitos, a paisagem aqui é única. Então, não tem muito o que fazer. Pessoal vem abusar, não é, não é bom.

**J:** E o que você achou da entrevista?

**E:** Interessante. Um trabalho bem diferente. Ahm, curioso, porque também o local vem de fora aqui, tem curiosidade pelo lugar.

**J:** Então tá, agradeço bastante, viu?

**E:** Eu que agradeço, quando precisar, às ordens.

**J:** A gente também.

**Entrevista com "Ludovica"**  
**Residência, Santa Vitória do Palmar, 20/01/20**

**J:** Vamos iniciar, então, a entrevista com a Professora [nome da entrevistada], aqui de Santa Vitória do Palmar. [Nome da entrevistada], pra iniciarmos, né, gostaríamos de saber mais sobre a sua profissão, sua formação, sua trajetória, seu ramo.

**E:** Bom, boa tarde, Jaciel. Eu tenho minha formação primeira em Letras (Português e Espanhol) pela FURG, né? Aí depois eu fiz a graduação em bacharel em Turismo pela UFPel, né? E o mestrado e o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras da FURG, História da Literatura, né? Estou aqui em Santa Vitória desde 2010, desde o primeiro ano da criação do curso de Turismo.

**J:** Tu és a atual decana?

**E:** Estamos entre eu e a Professora [nome da outra professora].

**J:** Tá.

**E:** Por questões, tipo, a Professora [nome da outra professora] foi a primeira professora substituta, né? Mas no período da nossa nomeação foi nos, foi no mesmo, foi nos mesmos dias.

**J:** Entendi.

**E:** Se for ver, contando com o substituto seria ela. A gente está dividindo este (riso) posto, né? Então, acho que por dias de assinatura, do termo de posse, alguma coisa assim, né? Não sei o que eu, gostaria...

**J:** Em que tu atua na área do Turismo, no ensino, na pesquisa e na extensão? Gostaria que você falasse um pouco aqui em Santa Vitória do Palmar.

**E:** Bom, aqui no, ahm, no curso, né? A gente já trabalhou em várias frentes, né? Ah, hoje, ah, se for observar, eu trabalho muito relacionado à questão da extensão. Até por alguns projetos, ahm, que a gente tem pelo PET, né? Ahm, eu tenho um projeto de pesquisa, mais relacionado com a minha formação de pós-graduação, né? Que é a pesquisa da viagem, né? Ahm, e as ações também relacionadas ao ensino, né? Ahm, a minha área inicial no Turismo sempre foi a ideia do planejamento, né? Só que chegando aqui no curso, até por necessidade, né, eu comecei a trabalhar muito com a questão do patrimônio, né? Então, é uma área que eu também tô descobrindo, né? E que eu acabo, muitas vezes, ahm, fazendo mais projetos, principalmente de extensão, relacionados à questão do patrimônio turístico e voltado aqui pra Santa Vitória, né?



**J:** É, tendo em vista o objeto de pesquisa, é, você frequenta há muito tempo o Porto de Santa Vitória do Palmar? Você foi desde o início?

**E:** O Porto acho que foi um dos primeiros locais que eu conheci aqui de, em Santa Vitória, né? Até porque a nossa proximidade do campus, ahm, era um pouquinho mais próximo agora do que era antes, o Porto, né? E eu gosto muito de frequentar, né? Até momentos de lazer, né? Passeios de bicicleta, pela distância que tem, então, principalmente no verão. Às vezes, eu vou todos os dias ao Porto, né? Ahm, algumas coisas relacionadas a alguns eventos que acontecem, né? E sempre tá dentro, digamos, do roteiro que a gente faz quando recebe alguma visita, alguém. Tanto profissional, quanto pessoal, né?

**J:** De alguma forma, tu falaste isso. Mas, no Porto, tu te sente turista, praticante de lazer, uma esportista?

**E:** Eu acho que uma praticante de lazer, né? Acho que a parte do turista já passou, né? Esportes, eu acredito que digamos relacionados ali à prática, não, né? Chega ali, dá uma descansada, né? Ahm, se observa que existe alguns praticantes de esportes mais náuticos, alguma coisa relacionada.

**J:** Que esportes você observa lá? Esportes náuticos?

**E:** Eu vejo o pessoal, algumas vezes, com *jet ski*, né? *Stand up*, ahm, e também alguns pequenos barcos, que eu não sei muito classificar. Mas o pessoal tem ali, que tu identifica que não são os pescadores, né?

**J:** Certo.

**E:** A pesca que entra nesse, ahm. Aqui em Santa Vitória, em duas estâncias, também fazem margem com a Lagoa.

**J:** Tu lembra o nome?

**E:** A da Figueira Torta, né? A outra não vou lembrar. Ahm, e aqui pelo Uruguai nessa nossa divisa que tem com São Miguel, né?

**J:** E dos locais que você visitou na Lagoa Mirim, como um todo. É, nos conte a experiência, o dia que mais te marcou.

**E:** Eu acredito que até por ter sido meu primeiro contato, ainda quando eu morava em Rio Grande, que foi conhecer, ahm, ali, a Praia da Capilha, né?

**J:** Que ano foi isso?

**E:** Eu acredito que deva ter sido 2004, 2005, né? Que eu ainda tava fazendo a graduação em Letras, né? Então, acredito que pela beleza do local, né? A gente até foi fazer um acampamento. Ahm, e eu acho que por descobrir a questão mais história ali da vila, da capela mesmo, né? E pela beleza do local. Acho que isso me chamou muito a atenção, né,

nesse primeiro contato. Uma das imagens que eu mais tenho é quando eu vim pra Santa Vitória, que também não conhecia Santa Vitória, eu tinha essa noção do Taim, né? Relacionado ali com o Taim e com a Capilha. Então, tipo, quase que fazia uma analogia com Santa Vitória, que agora a gente sabe que tem um olhar diferenciado, né?

**J:** [Nome da entrevistada], quando eu falo do termo "paisagens lacustres", o que é que vem à tua mente?

**E:** Paisagens lacustres...

**J:** Paisagens de lagos.

**E:** ...de lagos. Eu acho que esteticamente vem uma questão relacionada muito forte a uma harmonia entre água e elementos de fauna, né? Ahm, tipo, pássaros, né? Uma vegetação também mais, ahm, característica, né, do local. Ahm, e não tem como não, ahm, relacionar a esse meu tempo aqui em Santa Vitória, né? Acho que a questão do pôr do sol, também eu acho que é algo que marca muito, digamos, nessa ideia de paisagem. Não sei se é isso a pergunta. Ahm, então acho que essa, essa lembrança visual de uma harmonia, né, ahm, de uma imagem harmônica, agradável. A ideia de tranquilidade. Não sei se cabe na resposta.

**J:** Sim.

**E:** Mas, por exemplo, boa parte das minhas leituras da tese eu fiz aqui na beira da Lagoa. E eu pegava e ia pra lá, e muito relacionado com essa ideia da tranquilidade, né? Porém, os dias de, digamos, de mais movimento, sábado e domingo, que tem aquela poluição do povo. Então, era um dos períodos que eu não ia. E isso me incomodava, né? Parece que aquela intromissão, digamos do som, ahm, de pessoas, até de alguém fazendo algum esporte não relacionado àquela característica que tu tem do pescador local. Era algo que parecia uma poluição: aquilo me incomodava muito. E eu comecei a me dar conta, por exemplo, esse olhar da tranquilidade de, de num aprazível, assim, pra gente passar um momento.

**J:** Ótimo. Você já visitou algum outro local com paisagens semelhantes às da Lagoa Mirim?

**E:** Eu não sei se a gente poderia classificar como semelhante. Eu fiz meu estágio na Ilha da Pólvora, ali em Rio Grande, né? Que fica no estuário da Lagoa dos Patos, né?

**J:** Certo.

**E:** Então, tem algumas coisas que se assemelham, né? Alguma coisa da vegetação rasteira, né? Mais assim esses arbustos, alguma coisa assim. Ah, ahm, a predominância de determinadas aves, né? Algumas espécies... então, tem essas características, né? Mas

eu observo que ali tá um pouco, ahm, como é que eu vou dizer? Mesclado com a proximidade, digamos, do município de Rio Grande, né? Até a questão do Porto. Então, acho que, semelhante, aqui acho que é algo mais voltado pra natureza. Que não tem muito essa interferência urbana do espaço, né? Seria um outro, um exemplo que me veio agora, à mente, essa...

**J:** Claro.

**E:** ...essa experiência.

**J:** E o quão recente foi essa experiência?

**E:** Ahm, essa parte do meu estágio foi o período que eu conheci, foi no período da faculdade. 2014, 2015, né? Mas, agora até por umas questões de trabalho, né, tipo, visitação ao Museu Oceanográfico, até o próprio CCMar, né? A última vez que eu visitei foi...

**J:** Tu te lembra a última vez que tu visitou?

**E:** Visitei agora em novembro, novembro.

**J:** Certo. E como é que foi essa última experiência especificamente? Esse último dia que você esteve lá.

**E:** Eu acho que, assim, a questão de estar num período saindo do inverno, um dia meio saindo do inverno pro verão, então a questão do vento, né, nublado, aquele ar da Lagoa, né? Eu acho que isso chama muito a atenção, né? Eu acredito assim, que, por estar numa atividade profissional, tu não tem aquela imersão do espaço, tu ter essa conexão com o local. Então, tenho mais a lembrança de como tava o clima, né? Do que tava acontecendo na volta.

**J:** E quando foi a última vez que você esteve na Lagoa Mirim?

**E:** No Porto de Santa Vitória... hoje nós estamos na...

**J:** Segunda?

**E:** ...segunda-feira? Sábado.

**J:** Tá. E você poderia me listar o que você fez lá.

**E:** Eu fui no finalzinho da tarde, né? Ahm, tinha saído pra fazer outras coisas na rua e vi que, voltando pra casa, tava aí o sol, o pôr do sol. E eu resolvi dar uma chegada ali no Porto, né? Ahm, eu cheguei ali não tinham muitas pessoas. Ahm, fui ao trapiche. Ahm, circulei ali pelo trapiche.

**J:** Caminhaste.

**E:** Caminhei, né? Fiz várias fotos, pegando todos os momentos até o sol, como é que a gente diz? Até sol já lá. E aí fiquei até esse momento do crepúsculo.

**J:** Mais alguma coisa que você tenha feito? Mais alguma atividade?

**E:** Não. Cheguei, né, caminhei ali pelo trapiche, caminhei um pouco ali na volta, e depois vim pra casa. Uma visita rápida.

**J:** Rápida?

**E:** Nem um hora, mais ou menos.

**J:** E o que outros visitantes praticam na Lagoa Mirim, que você porventura não tenha tido a oportunidade de fazer, e gostaria?

**E:** Eu acredito assim que, eu nunca tomei banho ali, né? Então, eu tenho uma curiosidade de banhar ali da Lagoa. Que eu vejo que outras pessoas, principalmente agora no verão, tu vê pessoas tomando banho na Lagoa.

**J:** E quanto tu foste na Capilha, tu tiveste essa experiência?

**E:** Tive essa experiência. De tomar banho na Lagoa, né?

**J:** Fora isso, outra atividade que você gostaria de fazer? Que outras pessoas fazem.

**E:** Eu acredito que a questão também relacionada, talvez um passeio de barco, alguma coisa assim. Acho que seria bem interessante, né?

**J:** Certo. E o que é bom de fazer no inverno, digo, no verão, e que não é bom de fazer no inverno (e vice-versa)? Quando a gente pensa "Lagoa Mirim"?

**E:** Eu acho que no inverno, a gente, ahm, embora eu goste mais, digamos, das cores da Lagoa em si, no inverno, né? Mas eu acredito que tu não consegue ficar muito tempo ao livre, pelo frio, pelo vento, né? Então, como a gente sempre precisa se deslocar de um transporte particular, tu vai de carro, ou de moto, ou de bicicleta. Eu vou de carro, né, no inverno. Então, tu acaba ficando muito tempo dentro do carro só observando, né? Como, digamos, da vidraça do carro.

**J:** Isso no inverno?

**E:** No inverno. E aí eu observo que a gente tem esse contato mais. De tu levar uma cadeira, sentar nos próprios bancos que têm lá. Então, eu acho que essa interação, e até tu consegue passar mais tempo, né? Tomar um chimarrão, né, uma conversa. Ou mesmo até, indo de bicicleta, digamos, no inverno, tu pára lá só pra tomar uma água, tu já vai embora, né? Ahm, no verão, não. Às vezes tu pára ali mais pra, mais tempo de descanso, pra observar a paisagem, né? Até às vezes por ter mais pessoas, né? Encontra um conhecido, alguma coisa assim. Então, no verão, o tempo de permanência me parece que é maior.

**J:** Maior.

**E:** É interação com o espaço. No inverno, tu, acho que não se deixa de frequentar. Eu acredito que eu frequento mais no inverno, né? Pela proximidade da cidade. Então, tu não

vai tanto à praia, né? Mas tu fica muito tempo recluso dentro do carro. Principalmente eu. Tu até sai, dá uma caminhada, mas tu não fica ao ar livre, né?

**J:** E o que não se pode realizar hoje na Lagoa Mirim, mas é que ofertado em locais semelhantes? Um deles, você citou a Ilha da Pólvora. Mas em outros locais e paisagens semelhantes, que sim, é possível fazer.

**E:** Eu acredito que a pessoa que chega ali. Porque, por exemplo, se tu vai com uma expectativa de repente, ahm, fazer um passeio guiado, né? Ou muitas vezes tu imagina, ahm, e aí por vir de uma região que essa proximidade tanto do mar ou como da lagoa não era tão grande, né? Esse imaginário que tu vai chegar no local, tu vai ter à disposição um passeio de barco. Então, acho que essas duas coisas tu não tem aqui.

**J:** Que eu outros locais tem.

**E:** Que em outros locais a gente, observa, por exemplo...

**J:** Por exemplo?

**E:** ...São Lourenço. Tu já consegue ter esse trabalho maior. Pelotas já tem algumas iniciativas de passeio náutico. Rio Grande, né? Então, eu observo que isso não tem, pelo menos nessa região da Lagoa, de Santa Vitória, que abrange Santa Vitória. Ahm, e também essa questão, ahm, de ter o espaço preparado. Como não tem alguém que te recepcione, né? Dê informações pra aquele visitante, né? "Que Lagoa é essa?", "Qual sua extensão?", "Que questão histórica tem relacionada?", "Qual é a utilidade dela, econômica, pra região, que foi?". Então, acho que isso falta muito pra quem chega. Porque, em outros locais, né? Às vezes não é uma informação tão detalhada, mas tu consegue ter, né?

**J:** Ahm, agora sobre fotografia e imagem. Que paisagens da Lagoa Mirim, que você conheça ou não, merecem uma foto?

**E:** Eu acho que uma das primeiras imagens relacionadas à capela da Capilha, né? Acho que tem essa questão, desse marco histórico que é relacionado à colonização. Tu consegue fazer um ângulo com as águas da Lagoa. Acho que seria interessante.

**J:** Merecem uma foto?

**E:** Merecem uma foto, né? O pôr do sol aqui do Porto de Santa Vitória, né? De repente não só com a inserção do prédio, do trapiche, né? Mas acho que é uma marca que valeria a pena, né? E acredito que também, ahm, que às vezes a gente não percebe muito. Mas essa inclusão de quem realmente faz a Lagoa um espaço de vivência. Que é aquele morador local, o pescador, né? Então, a gente ali como se fosse um canal, que os barcos entram. Então, que acho que, eu pelo menos fotografo muito aqueles espaços ali. Da

chegada dos barcos ou ancorados, né? Porque às vezes a gente só tira foto lá no trapiche. E esquece-se um pouquinho antes, né?

**J:** Exatamente. Mas, se pedíssemos pra os turistas fotografarem livremente da Lagoa Mirim, quais seriam as mais fotografadas? Que podem coincidir com essa que você falou, ou não.

**E:** Eu acredito que do pôr do sol.

**J:** Aonde?

**E:** Pelo que eu observo, né, de algum ângulo em cima do trapiche, hoje. Pensando aqui no Porto de Santa Vitória, né? Pegando essa relação mais da água e do sol, né? Céu, sol. Tirando um pouco a construção. Digamos, como se fosse retirar a intervenção humana.

**J:** Essa seria, então, na tua opinião, a fotografia da Lagoa Mirim mais tirada?

**E:** Tirada.

**J:** Tá. Na sua opinião, na sua percepção, qual é o principal meio de informação e divulgação da Lagoa Mirim, hoje?

**E:** Eu acredito que as redes sociais. Não acredito que por um trabalho institucional, né? Mas por esse público que vai, visita, que faz a foto, né? Ou que, alguns eventos relacionados, que acontecem nesse espaço.

**J:** A gente vai pra uma outra etapa agora. Eu vou lhe entregar uma foto, não, desculpe. Essa etapa eu faço algumas afirmações. Ahm, aí nós temos uma escala. Ahm, desde o "discordo totalmente" até o "concordo totalmente". Tu podes, se quiseres, falar só o número. E se, você pode dizer que não sabe, ou não tem uma opinião. Ou ainda, ahm, complementar, explicar o porquê, se você achar necessário.

**E:** Tá.

**J:** Outros locais com paisagens semelhantes têm mais turismo. Sempre pensando "Lagoa Mirim".

**E:** Ah, eu concordo.

**J:** Os barcos de pesca e redes, ahm, os barcos e redes de pesca artesanal são belos de se ver.

**E:** Concordo totalmente.

**J:** Os turistas contemplam as paisagens sós, ou estando com poucos em volta. Pensando "Lagoa Mirim".

**E:** Concordo.

**J:** O?

**E:** Quatro.

**J:** Quatro. O foco do olhar do turista está na linha do horizonte.

**E:** Concordo totalmente. Cinco.

**J:** O, as paisagens da Lagoa parecem pintura.

**E:** Concordo.

**J:** O pôr do sol é um espetáculo da natureza.

**E:** Concordo totalmente.

**J:** Há bons locais para descansar no tempo livre.

**E:** Discordo. Totalmente. Acho que faltam espaços que aconcheguem, né? Ahm, que protejam, que dêem conforto pro visitante.

**J:** Na temporada, o portoalegrense opta ir ao Uruguai pelo Chuí ou Jaguarão em função das paisagens da Lagoa.

**E:** Pensar um pouquinho. Pode repetir?

**J:** Na temporada, o portoalegrense opta ir ao Uruguai pelo Chuí ou Jaguarão, e não por outros corredores, em função das paisagens da Lagoa.

**E:** Na temporada? Discordo totalmente. Um.

**J:** As paisagens às vezes me causam medo.

**E:** Não. Discordo totalmente.

**J:** Os locais são inóspitos.

**E:** Que aí depende, né (riso)? Nem concordo, nem discordo.

**J:** Pensando "Lagoa Mirim".

**E:** É, Lagoa Mirim.

**J:** A paisagem é melancólica.

**E:** Concordo. Quatro.

**J:** Os brasileiros vão mais à Lagoa que os uruguaios. A Lagoa Mirim.

**E:** Lagoa Mirim, tá. Concordo, quatro.

**J:** Para ir, é necessário carro de tração nas quatro rodas.

**E:** Discordo.

**J:** Os locais dispõem da infraestrutura necessária.

**E:** Discordo totalmente.

**J:** A paisagem é monótona.

**E:** Discordo.

**J:** O oceano é melhor para banhos e recreação.

**E:** Nem concordo, nem discordo.

**J:** Os vilarejos me causam estranhamento.

**E:** Discordo.

**J:** A água, da Lagoa Mirim, me traz energia e movimento. Me deixa agitado.

**E:** Concordo.

**J:** É, a Lagoa parece mar aberto.

**E:** Discordo.

**J:** O vento constante é um problema.

**E:** Discordo. Dois.

**J:** Ir exige disposição.

**E:** Concordo. Quatro.

**J:** É boa para passar as férias com a família.

**E:** Concordo. Quatro.

**J:** As paisagens são mais naturais que artificiais.

**E:** Concordo.

**J:** A água me traz sentimento de calma e repouso. Me deixa tranquilo.

**E:** Concordo.

**J:** As paisagens são mais belas para quem busca aventura.

**E:** Nem concordo, nem discordo.

**J:** Falta um ponto elevado para observar melhor.

**E:** Discordo.

**J:** A água torna a paisagem bela.

**E:** Concordo totalmente.

**J:** A paisagem lembra ou parece um jardim.

**E:** Concordo.

**J:** Nunca vi tempestades lá.

**E:** Discordo.

**J:** É um local romântico de se estar.

**E:** Concordo.

**J:** Há o que fazer inclusive no inverno.

**E:** Concordo.

**J:** É um local para parar e contemplar.

**E:** Concordo totalmente.

**J:** A água geralmente está contaminada.

**E:** Discordo.



**J:** Agora sim, a foto. Eu vou lhe dar uma foto. Da Lagoa Mirim. E aí a gente vai fazer um exercício de projeção e de imaginação de uma situação. Primeiro, como é essa paisagem? Como você descreve?

**E:** Nós temos um veículo "jipe", né? Trafegando, acredito que pela margem, né? Adentrando um pouco a Lagoa. Ahm, dá impressão que é um dia mais, pelas ondas, assim, com um pouco de vento. Mais característico.

**J:** Onde você imagina que esta foto foi encontrada, baixada?

**E:** Em algum *site*, ou alguma página, relacionada a algum, alguma, algum passeio de jipe, alguma coisa assim.

**J:** Onde é este local? Em que ponto da Lagoa Mirim?

**E:** Talvez nas proximidades da Capilha.

**J:** É, que época do ano foi tirada a foto provavelmente?

**E:** Outono-inverno.

**J:** Como é ou quem é o fotógrafo? Tentar imaginar essa pessoa.

**E:** Poderia até ser um morador local. De repente. Admirado com esse carro, alguma coisa assim.

**J:** Sobre o grupo da viagem. É, o fotógrafo, agora. Pensando que ele tá numa viagem. Ele foi, foi acompanhado, de quem?

**E:** Ele faria parte do grupo?

**J:** Caso o fotógrafo, né? Você pensou que pode ser um local. Não tem problema. Mas pensando que é um viajante. É, que grupo de viagem é esse? Ele viaja sozinho, viaja acompanhado, de quem?

**E:** Acho que poderia viajar acompanhado, relacionado a, talvez ou a familiares, ou a pessoas com o mesmo interesse, né? No roteiro, na aventura.

**J:** Certo. Esse viajante, ele foi exclusivamente a esse local que você diz ser Capilha, ou ele foi a outros, na mesma viagem?

**E:** Acredito que outros, se fosse a ideia de uma trilha. Um passeio.

**J:** Que outros locais ele teria ido?

**E:** Eu acho, talvez, pelo Taim. Ou até contornando as próprias margens da Lagoa. De repente, de Rio Grande a Santa Vitória, nessa margem.

**J:** Que outros locais no mundo, como um todo, você acha que esse fotógrafo conhece? Alguns, assim. Pensar.

**E:** Talvez alguns países da América Latina.

**J:** Por exemplo?

**E:** Uruguai, pensando próximo aqui. Argentina, Chile, né?

**J:** Além de fotografar, o que mais ele fez, neste local? Que práticas, que atividades?

**E:** Talvez desfrutar de um banho da Lagoa, ou fazer algum passeio pra reconhecer a região, né?

**J:** Quanto tempo ele teria ficado nessa localidade?

**E:** De um a dois dias. Pra alguém de fora.

**J:** E por que, na sua opinião, ele tirou e postou a foto?

**E:** Talvez pela rusticidade que ela representa, né? Digamos, essa interferência do homem [sic] com a natureza, né? Até pela própria curiosidade de um veículo trafegando pelas margens.

**J:** Ahm, já finalizando. Tem algo que eu não tenha perguntado, e sobre o que você gostaria de falar? Como um todo, durante a entrevista, tendo em vista o assunto nosso, que é "turismo e paisagem na Lagoa Mirim". Uma pergunta talvez que você até esperava que eu tivesse feito? Que gostaria de falar?

**E:** Talvez algo relacionado à percepção, como observar o usuário, né? Não só minha percepção como usuária, mas de outros sujeitos que se relacionam com o espaço, talvez. Esse olhar do outro sobre o local.

**J:** E tem algo que você não tinha pensado, ahm, até a realização desta entrevista?

**E:** Acho que essa dinâmica da foto. De parar pra tentar observar. Porque a foto acaba, até com a minha observação do que não aconteceu, né? Ahm, o olhar das pessoas, digamos, tentando imaginar o porquê daquela situação, o porquê ele agir daquela forma no local, né? Acho interessante.

**J:** O que você achou da entrevista?

**E:** Eu achei que ela foi abrangente, né? Ahm, e que proporcionou não só um momento de reflexão sobre o espaço, né? Mas também, ahm, de fazer essa, não uma comparação, né? Mas trazer outros locais relacionados à questão da Lagoa, de uma paisagem, ahm, semelhante, né? Então, ter esse olhar, essa comparação, né? Dessa reflexão sobre outros espaços, né? E a forma que se relacionam como trabalham o local.

**J:** Tá. Agradecemos bastante.

## APÊNDICE E - DADOS DA ESCALA LIKERT

	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	
A1. Outros locais...	5	4	4	4	4	4	3	2	4	A1. Outros locais...
A2. Os barcos...	4	5	4	4	3	4	5	4	5	A2. Os barcos...
A3. Os turistas...	5	2	4	3	4	4	2	5	4	A3. Os turistas...
A4. O foco...	5	3	3	4	4	4	4	4	5	A4. O foco...
A5. O pôr do sol...	5	5	5	5	4	5	5	5	5	A5. O pôr do sol...
A6. As paisagens...	5	5	5	4	4	4	5	5	4	A6. As paisagens...
A7. Há bons...	5	4	5	2	5	4	5	5	1	A7. Há bons...
A8. Na temporada...	2	2	2	2	2	3	3	3	1	A8. Na temporada...
A9. As paisagens...	4	1	2	2		2	1	2	1	A9. As paisagens...
A10. Os locais...	4	3	1	3		2	4	4	3	A10. Os locais...
A11. As árvores...	3	3	3	2	1	4	3	2	4	A11. As árvores...
A12. A paisagem...	4	4	1	2	2	3	4	1	4	A12. A paisagem...
A13. Os brasileiros...	2	3	1	2	1	4	3	4	4	A13. Os brasileiros...
A14. Para ir...	2	5	1	3	2	2	2	3	2	A14. Para ir...
A15. Os locais...	2	4	3	2	1	3	2	1	1	A15. Os locais...
A16. A paisagem...	4	2	1	2	1	3	4	1	2	A16. A paisagem...
A17. O oceano...	1	4	2	3	1	2	1	1	3	A17. O oceano...
A18. Os vilarejos...	3	1	2	2	1	2	1	1	2	A18. Os vilarejos...
A19. A água...	3	1	1	2	3	4	2	1	4	A19. A água...
A20. A Lagoa...	4	5	2	4	2	4	4	1	2	A20. A Lagoa...
A21. O vento...	2	2	3	2	3	2	1	1	2	A21. O vento...
A22. Ir exige...	4	2	3	2	4	2	4	1	4	A22. Ir exige...
A23. É boa...	4	3	5	4	5	5	5	5	4	A23. É boa...
A24. As paisagens...	5	4	5	4	5	5	5	5	4	A24. As paisagens...
A25. A água...	3	5	5	4	5	5	5	5	4	A25. A água...
A26. As paisagens...	4	2	2	3	4	4	4	5	3	A26. As paisagens...
A27. Falta um...	4	4	2	4	4	4	2	1	2	A27. Falta um...
A28. A água...	5	4	4	2	4	4	3	5	5	A28. A água...
A29. A paisagem...	4	4	2	4	2	4	3	3	4	A29. A paisagem...
A30. Nunca vi...	1	5	1	4	5	4	1	1	2	A30. Nunca vi...
A31. É um...	4	3	5	3	5	5	5	5	4	A31. É um...
A32. Há o...	3	5	3	2		4	4	4	4	A32. Há o...
A33. É um...	4	4	5	2	5	4	5	5	5	A33. É um...
A34. A água...	2	3	1	3	2	2	2	1	2	A34. A água...
	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	

## APÊNDICE F - POSTAGENS NO TRIP ADVISOR

### CAPILHA

Lugar lindo maravilhoso!	
Águas calmas e rasas!	Muito bom pra ir com a família principalmente crianças ! Água rasa e vento maravilhoso ! Só n tem muita sombra !
	Lugar muito diferente. Um vasta faixa de areia, uma lagoa que mais parece mar. Uma ventania incrível. Muito diferente! No entanto, tinham algumas famílias acampadas, mesmo sem a estrutura necessária, e chegamos na hora do banho, ou seja, numa laguinho formado elas tomavam banho! Que triste! Espero que possam ir antes que o turismo sem regras polua o lugar!
Uma paisagem peculiar!	
Casal - cansado do Cassino	Sou de SP e acostumada muito a lindos passeios pelo Brasil, etc. Por conta de trabalho, e enjoada de estar no bairro do Cassino busquei opções neste site para ver se achava algo diferente para fazer aqui nesta cidade ( combinar que aqui é complicado..). Encontrei comentários sobre esta “ praia” e lá fomos nós. A estrada até lá eu ja achei bonita, dia lindo, ensolarado, cheia de muito verde, animais. Saindo da estrada principal, alcançamos a “ praia”. Apesar do Cassino estar lotada (festa de Iemanjá), aqui vazio. Areia fininha, poucos turistas, barulho de som - zero (obrigada amigos) é uma vista lindíssima. Areia branca, água doce ( é uma lagoa Mirim) e você curte muito! Você precisa levar tudo que gosta numa praia, inexistente estrutura, mas que lugar magnífico! Água mansa, doce, cerveja gelada, famílias educadas, sol gostoso, marido amoroso. Que mais você precisa? Adoramos este lugar.
Roots, muito bonito, nenhuma estrutura	Fiz a viagem em um dia de sol mas muito frio. Haviã 3 grupos familiares por lá, o lugar é lindo, mas não imagino como fica durante a época de temporada. Se quiser se hospedar, ha poucas opções assim como de alimentação, mercados etc. De forma geral é próximo a uma pequena vila. Vale a pena a visita à igreja (dizem ser a mais antiga do RS ainda de pé) onde podem ter uma boa vista da lagoa. Mesmo em época de temporada imagino um lugar ideal para família ou grupos que queiram ficar em um lugar simples mas acolhedor. Vale a pena esticar um pouco mais (20km) conhecer o trecho da BR 101 que passa pela Reserva do Taim (procure antes sobre atividades para visitantes em época de temporada). Por ali ficam aves, capivaras, tartarugas, jacarés e outros muitos animais isolados pela cerca que os protege (ou tenta se proteger) da rodovia.

Belo passeio	Lugar bonito. Muito simples, mas íntegro, bonito, ermo. Se estiverem passando por perto vale a pena perder uma hora para conhecer!
Lugar bonito, mas com pouca estrutura	A praia localizada na Lagoa Mirim, no município de Rio Grande/RS, é muito bonita e tranquila; pode-se transitar de carro na beira da praia, acampar, fazer esportes, etc. Entretanto, como única estrutura próxima da praia observa-se a existência de alguns banheiros químicos. Mesmo assim, a fluência de público é bem grande e famílias montam suas barracas e puxadinhos na faixa de areia próxima da praia, trazendo suas caixas com alimentos e bebidas para usufruir das belezas e tranquilidade do lugar.
pousada aconchegante e familiar, praia incrível	super recomendo ,praia maravilhosa ,principalmente pra que vai com crianças...lugar exuberante!!!! A pousada e maravilhosa ,a dona super hospitaleira !!!
Praia da Capilha: A melhor Praia da Lagoa Mirim	Realmente essa praia é show!! Um pouco antes do acesso a Estação Ecológica do Taim tem o acesso a localidade da Capilha, um pequeno vilarejo às margens da Lagoa Mirim, local próprio para passar o dia ou mesmo acampar. Sossegado, águas límpidas.... uma beleza!!!
diversão às margens da Lagoa Mirim	excelente praia da Lagoa Mirim. Distante cerca de 70 km do centro de Rio Grande. Lugar para curtir coma família. natureza exuberante, tranquilidade os pontos fortes do local. Nem á pra cobrar uma rede de serviços mais forte no local, já que o charme do lugar é, de certa forma, a sensação de isolamento. na vila próxima há comércio e também uma boa pousada. Muitos frequentadores preferem, contudo acampar às margens da lagoa.
Praia da Capilha	Ótimo lugar para quem quer descansar, levar a família. Um lugar calmo, com ótimas casas para alugar. O pôr do sol é maravilhoso, vale a pena conferir.
Às portas do Taim	Às portas da estação ecológica do Taim, fica esta pequena vila, cuja atração é a bela capelinha que lhe dá o nome.
Lagoa	A Capilha é uma localidade entre as cidades de Rio Grande e Santa Vitória do Palmar, possui uma bela lagoa de água doce e ao final de tarde o pôr-do-sol é incrível de se observar, ideal para quem quer acampar e descansar.
Opção para fugir da Praia do Cassino	Eu que não sou fã da Praia do Cassino recomendo a praia da capilha (que é lagoa na verdade) para quem busca alternativa de lazer. Ano passado, fiz minhas fotos do Pre Wedding e ficaram belíssimas. Para quem gosta de água doce e ficar longe de barulho é uma boa opção.
Muito bom	ótimo lugar para quem quer fugir de praias lotadas dos perigos do mar. Praia de água doce de fácil acesso próximo a reserva ecológica do taim
Tranquilidade	passamos o carnaval na capilha, foi ótimo para curtir a natureza e a tranquilidade de um pequeno vilarejo. praia de água doce, super calma e rasa por uma boa extensão.

	vilarejo possui várias casas para alugar, ficamos em um chalé de um senhor com apelido de seu negrinho, bem bom, simples, mas com tudo que precisávamos. de negativo só o lixo deixado na praia, principalmente, por quem acampa no local, e não tem praticamente opção de comida pra comprar, levamos tudo pra fazer.
Lugar maravilhoso, lagoa fantástica, fauna e flora riquíssimas...	Ficamos na Pousada da Capilha, fomos muito bem atendidos pelos proprietários, Sr. Delamar e Sra. Elis Regina, eles são muito atenciosos e generosos, conhecem bem a história da vila. O Sr. Delamar é nativo de lá, é Comendador. Tivemos bons encontros e agradáveis momentos de boa conversa. A lagoa é incrível, a natureza é encantadora. enfim... É lugar para se conhecer sem vacilar...
Praia ainda não descoberta pela maioria	Ainda é uma praia quase desconhecida no RS, apenas o pessoal da região conhece a Praia da Capilha, pena que a infra-estrutura ainda permita que se acumule a sujeira e o lixo dos que a utilizam. Os governantes devem melhorar urgentemente a estrutura básica para os que a utilizam, sob pena de ter problemas em breve, como segurança, praia contaminada, etc.
Um pôr do sol único. Não perca a oportunidade de ver! Agradeça a natureza!	Recomendo fortemente esse lugar. Coloque no GPS pois não tem placas indicativas. Se curte acampar, paz, comunhão com a natureza e pôr do sol, achasse o lugar! A praia de água doce com extensão de 4km e areia firme, ideal para correr. Leve tudo que precisar. O vilarejo não possui muita infra-estrutura. Leve sua comida. Pode-se acampar em toda a extensão da praia. Você verá o sol derretendo na água e um jogo de cores incrível. Depois curta seu acampamento.
Melhor lagoa da região sul!	Uma imensidão de água doce com uma praia também extensa e um visual exuberante. Eis uma boa descrição para esse lugarzinho escondido entre rio grande e o chuí, mas nem tudo são elogios, falta estrutura para os turistas, restaurante bem limitado e alguma urbanização básica como alguns abrigos para o sol. Mas vá sem preconceitos. Recomendo!
Pôr do Sol perfeito	A Capilha é um pequeno e, ao mesmo tempo, grandioso paraíso dos pampas. Uma praia de água doce e limpa, cristalina e um pôr do Sol de tirar o fôlego. Inclusive, o mais bonito que já vi em minha vida foi nesse lugar.. o Sol laranja esbanjando luz no horizonte e beijando as águas límpidas da Lagoa Mirim. Amo!
Passeio	Local para passear e estar em contato com a natureza, a medida certa para quem gosta de estar em contato natural com o universo de ambientes naturais.
Lazer	ótima praia de água doce, com excelente localização (+ou- 90 km do centro), água calma, excelente para crianças, velejar, remar, etc. fraca estrutura para comércio.

Tranquilidade	A Capilha é um lugar fantástico, um dos últimos lugares onde se pode encontrar uma natureza quase intocada. Não espere encontrar uma estrutura turística, vá preparado (mas cuide do local, a natureza agradece). Se possível, um acampamento no lugar é bem interessante!
Prainha ao lado da Reserva Ecológica	A beira da lagoa, a capilha é um belo lugar pra descansar, a água parada proporciona uma boa região para alguns esportes nauticos como kitesurf. Fica ao lado da reserva ecológica do Taim, lugar imperdivel para quem está conhecendo a região.
Lugar lindo, paraíso da natureza.	Esta praia é uma praia de água doce pois é na lagoa Mirim, se anda com água pela cintura por metros a dentro, não deve chegar a 2 metros de fundura no local mais fundo, areia branquinha e água limpa.
Surpreendentemente linda!	Passamos pela Capilha no retorno de uma viagem de feriado no Uruguai e foi surpreendente. O lugar é lindo e de uma paz incrível. A água calma, clara e quente. Foi uma daquelas surpresas que fazem valer a viagem. Perfeito!!
Lugar de paz - Lagoa - Praia da Capilha - linda e calma	Um visual incrível, lindíssimo, calma, familiar, agradável, água limpa, realmente vale muito a pena conhecer. A viagem também é maravilhosa, estrada excelente, passagem desnumbrante.
Calma e linda. Quer mais o quê?	A ideia era conhecer de perto a Lagoa Mirim, mas nos deparamos com um pacato vilarejo, com casinhas rústicas, algum comércio e muita, mas muita tranquilidade. Também ao pé da Lagoa encontra-se a Capela que dá nome ao Vilarejo. Uma pena que completamente abandonada. Vale a pena passar um dia, aproveitando á balneabilidade da Lagoa Mirim e tranquilidade do local.

Fonte: Trip Advisor Disponível em: <<https://www.tripadvisor.com.br/>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

## LAGO MERÍN

Banho no Lago Mirin	Quem estiver por aqui, tem esta, como uma boa opção pra tomar um banho de lagoa. Quem não tiver acesso à praia pode matar a saudade com esse banho de lagoa. Local de bom acesso com agua super quente minimizada pelo grande volume de vento, o ano inteiro e o tempo todo. Pelo calor excessivo do sol no verão o vento é peça fundamental pra harmonizar a temperatura. Local tem opções para lanche mas para trip viajantes menos exigentes. Vale conhecer.
É bom.	Estivemos na baixa temporada. Nada estava aberto. Mas é um lindo lugar de águas limpas e convidativas. Estava um pouco frio e não entramos na água. Diz que na alta temporada é muito procurado. Não precisa de carta verde para chegar até ali. São apenas 22Km da fonteira.
Incrível	Otimo local para passear com a familia e filhos pequenos!!! Aguas transparentes, bem rasas, tranquilas, otimo ambiente.

Tranquilidade	A Lagoa é perfeita para quem busca tranquilidade, sol e águas calmas. Alternativa de camping, casas para aluguel e proximidade a cidade de Jaguarão e Rio Branco, sendo possível passar apenas o dia. Mais facilidade em encontrar lanches do que refeição.
Paraíso	A praia é muito bonita. As águas calmas e tranquilas são ideias para quem quer descansar e ficar sossegado. A comida local também é muito boa. Um lugar ideal para relaxar e apreciar a natureza e a gastronomia uruguaia.
Apenas circulando pela estrada que costeia o lago.	Bonito este lago, que apesar de estreito- na parte próxima ao comercio , parece um bom local para desfrutar.
Beleza natural de águas navegáveis.	Estrutura de balneário com água de lagoa próprio para banhos onde crianças podem brincar nas margens com cuidado sem grandes preocupações.
Bem movimentado	Local bem movimentado com cabanas para alugar o ano todo. Tranquilo e com jeito de Interior. Senti falta de bons locais para Almoçar. Algumas famílias usam suas casas, pequenas, como um restaurante selfservice . Povo Amigável. A Praia é razoável. no fim da tarde tinha muito vento. Uma atração para visitar quando for fazer compras em Rio Branco. Recomendo para Família.
Praia tranquila!	Maior parte da minha família mora no Uruguai, e aos finais de semana a gente ia para a "Laguna" aproveitar um pouco. Quanto a estrutura não tem nada, não tem restaurantes, nem bares. Mas é um clima agradável, tranquilo, pra ficar um final de semana sossegado.
Um local pitoresco a 20 km de Jaguarão	Um local muito interessante para refrescar-se durante o calor do verão. No inverno, o Hotel possui piscina térmica. A 20km de Rio Branco onde há free shop e uma excelente parrillada.
Excelente no verão	Praia de água doce, muito tranquila, mas bem movimentada, lugar muito bom para nadar. Não fica longe da fronteira, existem vários restaurantes e cabanas,
Legal	Balneário bem estruturado, com alguns comércios abertos inclusive na baixa temporada. Local de paz e tranquilidade, há cerca de 20km do centro da cidade. Recomendo, sobretudo no verão.
Lugar de paz e tranquilidade	Espero voltar no verão.

Fonte Trip Advisor. Disponível em: <<https://www.tripadvisor.com.br/>>. Acesso em: 30 abr. 2020.



## APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DAS NOTAS DE CAMPO

**Data: 4/1/20 (sábado)**

**Lago Merín, Uruguai**

1. (Vento soprando). Notas de campo, do primeiro dia de campo, aqui em Lago Merín. Eu [es]tive ontem aqui pra fazer uma visita prévia, ahm, dia três, hoje é dia quatro... Estive ontem à tarde aqui. A estrada ela é tá re-recapada, o asfalto recapado, o movimento é relativamente intenso. Cheguei aqui, fiz um pequeno trecho de orla a pé. O movimento é razoável, a praia, ela não está lotada. O vento é razoável. Ahm, ontem e hoje estava nublado, com alguma possibilidade, é, de chuva. Ahm, o que eu mais observei na areia foram algumas práticas balneares [sic]. Não sei se existe este termo, mas eu pensei nelas, são as mais típicas, né? É... sentar e contemplar, ahm, tomar um mate, é, usando, usando roupas de banho. O próprio banho. Algumas crianças com boia vi hoje. Alguma caminhada de pé descalço. Hoje, eu já observei algumas pessoas tirando foto. Não são muitas, não tem um ponto muito específico, parece. Mas, parece, sempre apontando pra água. As ondas são razoáveis, eu fiz um vídeo ontem. É... quanto a isso [vento soprando].
2. [vento soprando]. Algumas práticas que poderiam acontecer em qualquer lugar, num *shopping*, numa praça, em casa, que é usar o celular. É bastante, é bastante comum ver isso. Ouvindo música também...
3. Esqueci de comentar: ontem eu vi, é... *windsurf*, *kitesurf* lá no finzinho [sic] da praia. Eu nunca sei qual é qual. Mas eu acho que é *windsurf*.
4. As pessoas que fotografam, elas olham a foto, elas dão instruções, elas combinam como as pessoas vão fazer a foto. Pelo menos foi esse o caso que eu vi, as pessoas se comunicam de longe, combinar como vai ser essa foto. Geralmente, [inaudível] tomando banho.
5. Me faz lembrar o texto do Gomes, que diziam que esses arranjos na praia têm nada de permanente, são muito móveis. E é verdade. Aqui, o tempo todo, pessoas chegando, novas pessoas, novos arranjos, novas territorialidades formam esse espacinho [sic] da areia, [inaudível] espaço pessoal, [inaudível] você não se pode chegar, ou não, aproximar ou não, e... isso é bem característico das praias. [ondas]. Talvez mais do que dos parques, não sei. Porque as pessoas trazem objetos, e por meio deles, eles demarcam, né, esse território. E isso também se dá em função é, em função dos outros, né? Até onde vai o do outro. Então, eu consigo demarcar o meu. Mais apertado, mais espaçoso...

6. Acabei de um, um casal iniciando uma corrida aqui. É, outras questões de foto, é, são as famílias, né? A foto "álbum de família", convívio com a família, convívio dos mais velhos com os mais, com os bebês, é, bastante convívio mesmo.
7. Pra mim tá ficando bastante evidente como é quase im-pos-sível, pelo menos nesse cenário, nesse contexto, uma observação não participante. Porque as pessoas começam a me observar, eles sabem o que eu tô fazendo, eu tô vestido de alguma forma, eu tô portando alguns objetos, eu tô disposto, aqui na areia, de uma certa forma. Eu tô bem no meio aqui, e eu tô participando da cena. E das atividades, da mesma forma, como as outras pessoas, tô aqui sentado, tô olhando, tô curtindo o vento. Então, é quase impossível uma observação não participante.
8. Dá pra ter bem claro como essa experiência, esses ambientes, ela é multi, multissensorial. A gente não pode acessar a experiência turística somente pela paisagem visual, fotografada [inaudível] de uma forma visual. É, a gente fecha os olhos e sente o vento batendo, a gente escuta o vento batendo, as ondas... A gente sente a areia, a gente sente o calor, a gente sente o frio. Então, a experiência é mais do que a gente enxerga na água, embora a água também seja um apelo visual. Talvez ela seja um apelo visual exatamente pelo, pelo multissensorial que ela tem.
9. O que notei aqui é que tô aqui há duas, eu acho, e não passou nenhum vendedor ambulante vendendo nada. Passou apenas uma criança, mas não chegou a oferecer. Tem muita coisa na beira da praia, ahm, alimentação, lanches, ahm, alguns produtos como boia, alguns produtos pra praia. Mas, vendendo, não ninguém aqui, não.
10. Saiu o sol agora de tarde, tinha dado uns pingos, é, agora depois do meio dia, eu fiquei na praia mais ou menos das 9:30 até meio dia. Aí, fui almoçar, dei uma volta, tomei um sorvete, agora a praia parece não tão cheia. Eu não sei se as pessoas não estão dormindo, ou almoçando em casa. Vamos ver se daqui a pouco mais, lá pelas três ou quatro horas, as pessoas vêm, ou não.
11. Continuando com as observações da tarde, do primeiro dia, aqui em Lago Merín, ahm, não sei se eu coloquei, mas a prática de bronzear-se também é bastante presente. Tô vendo um bote, que depois vou ver exatamente o que é, é um bote vermelho. Ahm, animas de estimacão na praia. Crianças, alguns idosos, pessoas adultas. Também vi um salva-vidas e um fiscal da prefeitura, não sei exatamente do que. Mas passou um bom tempo conversando com o salva-vidas. Grupo de amigas adolescentes também veio à praia.
12. É, de fato, agora são três horas e tá chegando gente, tá ficando mais cheia a praia. Vamos ver o quão cheia ela fica.

13. Eram antes das três e meia e eu já tinha finalizado [a entrega de] todos os meios cartõezinhos. E aproveitei tomar um banho, a água não tava gelada. Tava uma água refrescante. Não tinha buraco. A água obviamente não é salgada. A gente não precisa [inaudível] tanto. E é bom, porque a maré [sic] não fica tão alta, né. O espaço da areia, não é um espaço muito largo. Mas tem um...

14. Agora chegaram um grupo de adolescentes, de jovens. Uns quatro ou cinco, provavelmente é brasileiros, com uma caixa de som, uma caixa de bebida. E tá ouvindo o som deles, *funk*.

15. Será que conflita com a territorialidade das famílias? Hoje de manhã, vi tanta família. Ainda tem bastante, bastante criança, mas será que conflita? Ele é bem, um grupo de amigos, mesmo, né? Agora tô vendo outro, de amigas, amigos. Geralmente separados por sexo [sic]. Ou duplas de amigas, também.

16. Ah, eu esqueci também que eu vi o dono jogando graveto pra lagoa, pro cão buscar. É um animal grande, branco [inaudível].

17. Engraçado, parece que sem querer eu vim pro *point* mais jovem, aqui. Porque é perto da casa dos salva-vidas.

18. Bom, primeira coisa: é, acho que passaram duas pessoas por mim vendendo coisa. É, uma delas voltou com um, com a caixinha vazia, parecia ser um salgado. A outra, eu tô pensando aqui se eu vou conseguir realmente acessar as *performances*. Talvez eu posso falar de *performances* turísticas, práticas balneares [sic]. Ou performatividade. A menos que eu veja que aquilo que apareceu nas fotos, tá nos textos, é aquilo que re-realmente feito, né? Aí posso até falar assim "tá difícil a gente, a gente aferir isso, né?". Por exemplo, a pessoa tomando cerveja. A gente pode dizer que isso também tem a ver com o comercial de cerveja, né? Mas não é só isso. É, me faz lembrar a tese, a dissertação do Maurício, que as pessoas fazem aquilo que elas fariam em qualquer lugar, independente é, da paisagem. Então, talvez eu tenha que separar realmente em duas partes. Até que ponto eu vou poder reunir a percepção estética, dos, os significados estéticos, das práticas de fato realizadas, né? Vamo ver.

19. Talvez a praia tenha atingido o ápice de movimentação agora, às 4:30. Talvez as últimas pessoas estejam chegando agora. Agora a praia está mais cheia, não chega a estar lotada. Passando nos banheiros, tava, eles têm banheiros limpos, aberto das oito às 22. [inaudível] Depois eu tenho que visitar a sede distrital de Lago Merín.

20. Outra coisa: os grupos, né? Difícil ver uma pessoa sozinha. Caminhando sozinha também. É, geralmente são acompanhados, né? Talvez o grupo médio de quatro a cinco pessoas, um pouco mais, ou um pouco menos que isso.

21. Outra coisa que eu tinha observado de manhã, que as fotos, muita gente tira quando chega aqui pela entrada principal, né? Chega aqui, se depara com a água, e tira. E bastante forte o álbum de família. A maioria é álbum de família mesmo.

22. Você vê que a *selfie* é uma nova *performance* turística. Às vezes pede pra tirar, mas muitas vezes tira *selfie* da própria família, não só de si próprio, né?

23. Ah, sim, sobre a procedência. É, tanto na abordagem com as pessoas, quanto observando os carros, a maioria esmagadora é do Uruguai. É um território uruguaio no próprio Uruguai. Os carros brasileiros, ahm, Pelotas, Por-Porto Alegre, aqui da região sul do estado, Jaguarão. Mas não chega a ser maioria. E eu vi um carro de Vidal Ramos, Santa Catarina, aqui na rua.

24. E talvez tão, tão ou mais importante do que falar sobre a *performance*, é fazer uma auto-etnografia, né? O que que eu fiz, como eu me comportei... Acho que em nenhum momento meu comportamento fica invisível, né? É, tá sempre sendo visto, comparado. Então, o que que eu fiz, né? Sentei, tinha uma cadeira, não tinha guarda-sol. Tava de camiseta, depois fiquei de, é, de um tempo. Tomando sol. Tomei um banho rápido porque tinha que, não podia deixar sozinhas as coisas. É, enfim, sem camisa, de sunga, de calção, caminhando devagar, abordando as pessoas devagar. É, tomei um chimarrão agora, que é o que as pessoas fazem, mas não é o mesmo mate uruguaio, né? Tomei um refri, é, almocei, não aqui, mas num restaurante. Agora de manhã eu tinha tomado café na praia, né? Trouxe um café e vim, vim tomando. Que eu me lembre, basicamente, né, e caminhei, por fora, pela orla, até a parte su, do centro pro sul, andei de carro na rua principal, né? Então meu ponto foi de manhã na entrada, e de tarde, por duas horas, perto do Restaurante Las Cañas.

**Data: 5/1/20 (domingo)**

**Lago Merín, Uruguai**

25. Segundo dia, Lago Merín, domingo. É, passan, chegando aqui, na estrada, passamos por duas bicicletas. E mais perto, gente correndo. Hoje tá ensolarado. É, parece menos vento, menos onda. E a praia parece mais cheia. Cheguei aqui às 10:34 aqui.

26. Assim como eu vi ontem, é, jogos com bola, na água ou na terra. Crianças, adultos.

27. Aqui na entrada da praia, eu tenho que olhar melhor, mas tem acessórios praia, roupas de banho, de brinquedos de água.
28. *Selfie* no guarda-sol tomando chimarrão.
29. Eu vi passar uma lancha. Ontem eu falei sobre a disposição das pessoas, das cadeiras na praia. Nada tem de definitiva, mas é móvel. Mas hoje a gente observa um casal sentado no mesmo lugar, fazendo as mesmas coisas [inaudível] [vento soprando].
30. Tem gente também com uma tenda, com cadeiras e mesa. Parece que vão passar o dia, porque... De novo, uma senhora fazendo uma foto ou um vídeo panorâmico, bem na entrada principal, bem no acesso onde as pessoas provavelmente deixam o carro. Ela não estava vestida com roupas de praia, ela tá com roupas normais. Eu observei isso ontem. É onde as pessoas tiram a foto.
31. Esqueci de falar ontem, mas aqui na entrada também vi gente de Santa Maria (o carro, né). E um carro de Florianópolis também.
32. E... e essa pessoa que veio tirar foto, ela não ficou um minuto na praia. Ela veio tirar uma foto panorâmica e um vídeo e foi embora.
33. Exceto essas pessoas que vêm à praia pra tirar só a foto, que tiram uma foto da paisagem, ocasionalmente uma *selfie*. Que as pessoas tiram *selfie* mais na *performance* do que elas tão [sic] fazendo, do momento da praia, dessas práticas, do que propriamente da paisagem. Muitas fotos são *selfies* e são, não são voltadas pra água.
34. O que poderia ter aqui é, é o chuveirinho pra gente limpar os pés. Se bem que não é muito longe da praia, né? Tem nos restaurantes, e tal. E outra coisa que dá, dá pra sugerir pra eles, é, saquinhos pros cocôs de cachorro. Eu não sei se eu falei aqui já, mas eu pisei num, na praia, ou próximo. E poderia, bom, já que os cachorros vêm, né, se eles são tão bem-vindos, que tem que fazer campanhas pras pessoas se conscientizarem, com o apoio de uma empresa de ração de cães, por exemplo.
35. Meio-dia, e a família de brasileiros já tá saindo. Por causa do sol forte, eu acho.
36. Em compensação, tem outros chegando.
37. Em compensação, tem outros chegando [inaudível] meio-dia [inaudível].
38. Eu vi poucas lixeiras. Apesar disso, tem pouco lixo. Pouco lixo. Só aqui na beira da praia eu vejo um tubo com lixo, mas é não é separado. E tá cheio. Ahm, ontem também, passeando, são, ahm, recipientes de lixo grande [sic], mas nada separado.
39. Mais uma *selfie*. É, às vezes, ahm, voltado só pra si, pra areia, às vezes voltado pra linha da costa. E, pode parecer de-detalle, né, mas, que eu tô destoando aqui, porque só eu que tô de sunga. Tá todo mundo de calção, alguns calções da moda, assim, calções de

banho, né? A maioria sem camisa, alguns com camisa. Mas esse é o traje oficial: calções mais floridos, né?

40. E antes que eu, que eu esqueça, né, o que parece tão dado, e tão óbvio, uma *performance* consolidada do turismo hoje, mas nem sempre foi assim. Se a gente pensar, então, que o balneário surgiu nos anos 30, pra aposentados de Melo... a gente vê muitos ônibus de Melo, né. Parece que é regular uma vez por dia no Flotta Bus. Mas era mais voltado ao turismo, né? Ao bem-estar, às amenidades. Hoje é mais recreativo mesmo, né? Então, essas *performances* vão mudando, e quem sabe mudem, com o tempo, é... Novas *performances* virão, novos públicos, né? Acabo de ver duas, idosas indo embora agora, meio-dia. Idosas geralmente vestindo maiô.

41. E é curioso como que eu já vô [sic] analisando. É difícil só relatar, né? A gente já vai analisando, vai lembrando de alguns conceitos teóricos, vai lembrando de outros estudos, de outras, de outras teorias mesmo. Mais pessoas indo embora agora de meio-dia. Uma criança com uma pranchinha ali de surfe, mas é mais *body board* mesmo. Um pranchas infláveis.

42. A questão dos trajes, tem que ver aquele documentário, ahm, sobre os trajes esportivos, né? Que nem sempre eles foram assim. Se hoje eles parecem tão confortáveis, e tão bem-desenhados pra aquela prática, ou seja, não teria traje melhor, pra melhorar o desempenho dos-esportes, mas eles foram inventados, foram sendo desenvolvidos. Talvez hoje eles mudem menos, mas também depende da disponibilidade de tecidos, de toda uma indústria, de um agendamento da mídia, da indústria, a própria moda, né? Aliás, esqueci de falar isso, mas é, moda mesmo, né? E sobre análise junto, o que, aonde eu vou chegar, né, a questão do palco, é... eu acho que tem a praça muito forte, um imaginário urbano "praça", porque é de comunhão, é de diversão juntos. Mas é palco de algumas *performances* de aparecer. Talvez isso seja mais presente com jovens, e com os adultos, né? Da praça, do reunir-se, do palco, do ver e ser visto. E os idosos talvez é menos presente, né? Talvez é mais a questão da amenidade, do bom-estar e do convívio com a família também.

43. Acabei de ver agora, provavelmente uma filha tirando foto pra uma mãe, né? Ela tá deitada de bruços, tomando banho de sol, de chapéu, numa esteira, de óculos de sol. Ela tá relativamente longe da, da água. Talvez mais importante seja a areia. Aí ela checa a imagem, e levanta. Eu não acompanhei, mas parece que ela fez essa pose exatamente pra, pra foto, né? Não necessariamente ela tenha passado muito tempo, ahm, no sol, né? E as pessoas tomando chimarrão, casais, casais jovens. É [inaudível] chimarrão.

44. Eu registrei várias fotos em sequência de uma família. É, uma vó, uma filha, a filha mais velha, um bebê. Elas tiram uma foto na área, voltado pra água. Depois, eles obrigatoriamente parece "não, temos que tirar uma foto na água, né?". Aí tem uma boia, não sei se eu tô, tirando uma foto com a boia, bebê na boia, ou não. Mas durou um tempinho ali. Até não sei se [inaudível] uma foto perfeita, o bebê chora, é, é, complicado. Mas a foto sai. Aí depois a vó também vai tentar tirar uma foto.

45. Engraçado que, de repente deu um surto de foto. Parece que um vê, o casal tava sentado há um tempão tomando chimarrão. Aí vem a família, tirar uma foto clássica de família na água. Aí eles também resolvem tirar uma foto [inaudível] deles ou não. Mas tem esse surto, esse *outbreak*, é, a *selfie*, romance, né? O outro era família. Na verdade, essa família, ela já tava aqui, mas ela foi pra água. Agora não sei se chegou, não deu pra acompanhar bem se chegou, mas parece que sim, que chegou agora.

46. Ontem tinha visto poucos, mas hoje eu vi um ambulante vendendo roupas femininas, roupas de banho, sabe? Saídas de banho...

47. É, como é difícil a gente se tornar espectador, né? É difícil observar e a gente se torna espectador que forma, enfim, parte de um espetáculo, né? Tinha uma família ali, reunida, eu tentei chegar mais perto da sombra, todo mundo reunido, mas acabei me aparecendo demais. Agora me afastei um pouquinho. Ah, a sensação é que eu continuo sendo observado, mas tu-tudo parece que sendo observado. Quando a gente passa protetor solar, a quantidade que eu passo, que protetor eu tô passando... Ahm, o que eu visto, tudo. É, realmente, espectador... de espectador para ator.

48. Tem aquele barco inflável com motor que eu vou ter quer ir lá ver o que que é aquele bote vermelho... E agora eu vi, a primeira vez, *stand up paddle*. Mas é somente um guri! Ele tem aparentemente um colete salva-vidas. E tá lá, vamos observá-lo.

49. Uma prática que eu já tinha observado ontem nos, nas muretinhas, e nuns pontos um pouco mais reservados, que é a *marijuana*, né? Hoje, hoje eu vi de novo.

50. Tem três jovens ali fazendo uma brincadeira com a garrafa, de enterrar a garrafa, depois você tem que ir por cima. Aí o outro coloca a garrafa, e o outro tem que ir até lá. Pegar ela, e colocar em outro lugar.

51. Agora vi também duas pessoas praticando caiaquismo lá no meio da lagoa. Com bote salva-vidas também.

52. Acabei de ver a autoridade de trânsito ali fazendo a fiscalização do meu carro. Então tem isso aqui. [inaudível] Agora não tô vendo ninguém tomando chimarrão!

53. São 3:35, a praia tá *full*, tanto na água, quanto em terra. Os salva-vidas observando, também até que ele agora levantou pra dar uma, uma aconselhada, não sei. Tá bem cheio, tem som alto... Ahm, não chega a lotar como ontem, mas, bastante gente. Num domingo ensolarado, né? Agora eu vejo *jet ski*. Também não tínhamos visto ainda. E engraçado que é tudo um, um, um, não é vários, mas é um.

54. Falei que tava *full* mas ainda tem gente chegando. E aquilo que acontece lá na outra parte parece que não acontece aqui. As pessoas chegarem, tirarem uma foto. Que [inaudível] no acesso à praia.

55. Esqueci antes de falar [inaudível] bastante barulho.

56. E continua a chegar gente. Imagino que até às quatro chegue gente. Anoitece tarde também. E o que me ocorreu agora, em termos teórico-práticos, é que, bom, se tem um quê de hábito, que parece às vezes que eu não me encaixo nesse, nesses hábitos daqui. É porque existe uma balé do lugar, né? Então, esses dois conceitos estão inter-relacionados. Ahm, por mais que as pessoas não sejam daqui de Lago Merín, ou não sejam de Río Branco, algumas são de Jaguarão, mas em geral são uruguaias do Departamento de Cerro Largo, né? Que, que reproduzem os seus hábitos, né? O seu *habitus*.

57. Vi também um ambulante vendendo picolé com os carrinhos de picolé com luzinha e tudo [música ao fundo].

58. São quase cinco horas, digo quatro horas, e eu tô deixando a praia. É, que eu não sei, das duas, uma, ou as duas coisas ao mesmo tempo, ou eu tô começando a saturar, ou está ficando saturado em termos de novas observações, novos *insights*, *perform*. Ou, minha vista tá ficando mais acurada, ou mais apurada. Amanhã, pra observar as *performances*, quem sabe eu observo mais o contato com a água, eu não sei. Mas [inaudível].

59. E também vi carros argentinos voltando, e agora voltando de Lago Merín, no contra-fluxo, indo pra Lago Merín, tinha bastante gente. Bastante gente de carro, um trânsito relativamente pesado. É, e outra coisa que eu vim pensando, é que semioticamente, por Peirce, é, a forma como as pessoas tiram a foto, a composição daquela fotografia, ou a pose, ela em si já é a interpretação daquela paisagem.

**Data: 6/1/20 (segunda-feira, feriado de Reis Magos no Uruguai)**

**Lago Merín, Uruguai**

60. Notas de campo do dia três, em Lago Merín. Realmente, cada dia parece único. Hoje tá ensolarado, tem promessa de chuva pro meio-dia. Mas, aquela expressão "mais parado



que água de poço" poderia ser "mais parado que água de lagoa". Tá bem calma a água, bem calma mesmo. Bastante gente tomando banho, algumas pessoas chagando já. Umás pessoas parando e contemplando ali na entrada, que é o ponto principal de chegada e concentração. O chimarrão, que a gente observa, que a gente observa de manhã, hoje se repete de manhã. E é isso. Tranquilidade, é como eles falam.

**61.** Eu também registrei ali [em fotos] a acessibilidade na praia. Parece ser uma cadeira adaptada. Eles aproveitam a, aquela calçadinha de madeira pra chegar até a água. Isso é bem importante, que poderia ser visto, se nas outras partes da Lagoa, se a Lagoa é acessível como um todo, ou não, né?

**62.** Também um rapaz ali com uma rede de pesca, parece que pega uns peixinhos mesmo, com ela, com esposa também.

**63.** Questão do hábito, é, hoje eu vejo, pelo terceiro dia aquele casal de Porto Alegre, que eu vi, desde o primeiro dia. E, no mesmo lugar. E, também, desde ontem, um casal uruguaio que também, no mesmo local.

**64.** E sentado bem na beira da água eu vejo que até às vezes eu atrapalho as pessoas que querem caminhar, que querem caminhar de pé descalço, em contato com a água, né?

**65.** Além da sunga que só eu tinha, a prática de ouvir música com fone de ouvido também ser uma exclusividade minha. As pessoas, ou ouvem a água, ou ouvem um som próprio, ou o som de um barzinho que ontem tocou ali, perto do área dos jovens.

**66.** Na parte da introdução, eu não sei se eu vou acabar, não vou acabar fazendo um apanhado geral do que tá por vir em termos de conteúdos, de arranjo de conceitos. No final, eu vou acabar apontando pra questão das identidades, da praça e do palco, uma identidade provisório do veranista, né? Acho que é mais turista, é do veranista.

**67.** Outro *insight* teórico-prático é que essa questão da *performance*, talvez ela caiba nesse tipo de turismo, talvez mais do que outros. Que os tipos de turismo cênico, com trilhas pra observação, belve-belvederes, talvez o sensual no turismo, se faça presente exatamente nesse tipo de turismo balnear, com água, sol, vento e areia. E outros talvez seja mais cênico. Não é que a paisagem não importe: ela importa mas ela não esgota, novamente, a experiência turística desse tipo de turismo, né?

**68.** Aquela moça que tava sentada há um tempão ali na beira da água, agora dois rapazes e uma criança se juntaram a ela. Talvez pra socializar, ou pra replicar aquilo.

**69.** Casal tirando foto, parece mais uma pessoa tirando foto dela. Ela observa, é difícil contra a luz do sol. E a foto é tirada com os apetrechos da praia, ou seja, é uma paisagem, mas é uma prática. Quero mostrar o que eu tô fazendo, não só o que eu estou vendo.

70. Fotos mesmo dentro da água, das crianças. Uma moça com água na boia, sentada. Tem as poses, né? Sentada na boia de pernas batendo, uma *selfie*. Hoje dá pra tirar de dentro da água que não tem vento, né?

71. Não tinha reparado, mas ali junto do cadeirante, tinha uma pessoa obesa também, que precisava de ajuda. Ahm, o que dá pra perceber [inaudível] volta. É de três, é um triciclo né, na verdade. Bom, pelo menos tem o acesso, mas não tem autonomia, não.

72. E o tempo de permanência dessas pessoas foi de pelo menos 45min., do cadeirante e da obesa.

73. Pra ver como as pessoas sentem, né, pelo corpo mesmo. Elas entram na água, fazem uma expressão de frio, molhando um pouco, jogando um pouquinho de água nos ombros, vão andando devagar... Um pouquinho mais fundo, até um momento em que elas vão, mergulham, né? Mas como tá muito quente, naquele contraste com a água mais gelada, embora a gente depois se acostume bom, bem, com certeza mais, menos frio que a água do oceano.

74. Agora vi um pai fazendo um buraco na areia pro filho, provavelmente pra brincar de castelo de areia, alguma coisa assim.

75. Então, hoje é feriado, tem até uns lugares fechados. Alguns lugares vão fechar amanhã. E hoje eu vi bastante carros da Região Metropolitana de Porto Alegre, alguns carros. E de Jaguarão, menos, porque hoje é dia útil pra eles, né? Parece que aquela lotação extra de ontem foi em função de Ja, de Jaguarão, mesmo.

**Data: 7/1/20 (terça-feira)**

**Lago Merín, Uruguai**

76. Dia quatro, cheguei às onze [inaudível] uma manhã. Dos quatro dias, hoje é o dia mais calmo. Sol, água bem calminha, mas, menos gente, já. Tem espaço na areia aqui. Claro, como a Lagoa oscila, né, não é sempre que vai ter esse espaço todo. Mas, agora tem espaço na areia pra mais gente aqui. Eu consegui estacionar inclusive na sombra.

77. Agora o grupo de jovens pegou colchões inflável, provavelmente que eles usam até pra dormir, pra boiar na água.

**Dia 18/1/20 (sábado)**

**Capilha, Rio Grande**

78. Chegamos aqui na Praia da Capilha. Dia "um", Capilha. Próximo das 2h. Não tinha tanta gente. A areia não tá lotada. Mas bastante carro, bastante moto. Tem uma via no meio, que é onde os carros passam. Bastante barraca, gazebo, como a gente viu na foto. Algumas pessoas fazendo churrasco aqui mesmo. O restaurante que nós fomos não tava lotado. Possivelmente, porque as pessoas costumam fazer, aqui mesmo, sua, assar sua carne. A água bastante calma; poucas pessoas na água, no momento. Eu observei guarda-vidas, também. Lá, ao fundo, algumas pessoas fazendo canoagem. Por ora é isso.

79. (Barulho de criança). Vimos bastante carro de Pelotas, vimos um carro uruguaio. Mas a maioria realmente é brasileiro. E agora eu acabei de ver um *jet ski*, e alguém sendo puxado por, pelo *jet ski*. Pessoas ouvindo música; cães também.

80. (Barulho de água). E homens, em geral, portando, vestindo um calção, uma bermuda.

81. Então, duas *performances* dissonantes, que eu acabei de fazer. Uma, é que é deixar o carro estacionado na pracinha. Porque a maioria das pessoas não deixa lá. O estacionamento tava vazio, mesmo com sombra. E chegando aqui, aqui é que o movimento tá. E onde as pessoas geralmente chegaram de carro. E a segunda, então, que também tem a ver com esta, é a caminhada. Eu não vejo as pessoas caminhando por aqui. Eu só vejo as pessoas estacionando bem próximo à praia, praticamente dentro da água. Algumas pessoas estão no meio da água porque tem um canal no meio; com a baixa da Lagoa, formaram uns cômodos de areia no meio, né? E aí os carros podem passar, principalmente carros com tração nas quatro rodas, né? E as pessoas, com cadeiras praticamente dentro d'água, porque a água, a maré não sobe. Acabou de passar um carro de polícia aqui, né? Brigada, também com tração. É, realmente as pessoas não chegaram agora; então, elas não foram e voltaram, elas ficaram aqui durante o meio-dia. Ahm, talvez até trouxeram barracas pra dormir, descansar. São feitas, as refeições então são feitas aqui. As pessoas trazem as suas caixas com comida, bebidas. E tu não vê pessoas subindo até ali, ao comércio, pra buscar as suas bebidas, seu sorvete, e tal. É bem tranquilo o movimento. E acabei de ver um carro com caçamba atrás, as pessoas sentadas, com cadeiras sentadas atrás. E passeando, e falando: "A gente não vai pela, pela Vila, a gente vai pela praia!". Então, essa opção por transitar pela praia, né? Algumas *selfies* no carro. *Selfies* também voltadas pra água, debaixo das suas barracas. Ou também em cima da falésia, né? Que também tira da água, um pouco mais elevado. Ahm, são marcantes as falésias, a linha de transmissão bastante proeminente na parte sul. É, as falésias talvez em si não apareçam mesmo, confirmando que a moça me disse ontem. A água está baixa, está calma. Não tem problema com maré. E embora a moça me dissesse ontem, a moça

que me abriu a igreja, que ela tá alta esse ano, pelas chuvas de setembro e outubro. E que, quando ela fica realmente baixa, fica visível um antigo atracadouro do trânsito da Lagoa que ia pro Uruguai, inclusive, né? Realmente, o movimento se concentra aqui, e não há muita ligação com a Vila. Outra coisa também que talvez se diferencie do verão pro inverno, é que no inverno, os aventureiros que por aqui passam, vinculam a imagem da Capilha com o Taim. E talvez agora no verão essa vinculação não aconteça. Talvez as pessoas que vêm de Rio Grande, Pelotas, talvez não vão até o Taim, ou não vinculam essa imagem turística e fotográfica com o Taim. Coisa que no inverno aconteça com maior frequência.

**82.** Outra coisa que eu observei: que lá em Lago Merín acho que eu não observaria, é, pessoas andando de moto pela praia, inclusive pela água. De longe eu nem sabia se era uma moto aquática ou uma moto mesmo, né? Parece aqui, pela maioria ser de Rio Grande, Pelotas, que se tenta reproduzir a, um pouco o que é o Cassino, né? Vejo poucas pessoas descendo pela passarela porque, realmente, a maioria vêm de carro mesmo, né?

**83.** Eu também vi pesca.

**84.** Quatro coisas: outra coisa que a gente observou foram redes de pesca, além das varas de pesca; *stand up paddle*.

**85.** Vi também o quadriciclo, e algumas pessoas que realmente chegaram pra tarde. Talvez estivessem em alguma casa, ou chegaram só pra passar a tarde aqui, vindas Pelotas e Rio Grande.

**86.** Finalizando, eu observei ali apenas um ambulante. Provavelmente haitiano alguma, alguns produtos que costumam vender na rua, nas cidades.

### **Dia 19/1/20 (domingo)**

#### **Capilha, Rio Grande**

**87.** Dia "dois", Capilha. O posto tava uma loucura. Tinha um grupo de jipeiros. É, uma camiseta era "BGyra", com "y". "B" mudo, Pelotas. E tinha uma excursão também da empresa da foto que eu tirei, que ônibus tá estacionado lá na Vila. Acho que é de Pelotas, ou Rio Grande, também. Lotou o restaurante, não tinha mais mesa. Mas, agora que passou, tá tudo certo. Mas o pátio do posto tava cheio. Porque no domingo o restaurante da Jaque não abre, que é um restaurante que caminhoneiros param, mas que os turistas vão também.

88. Então, com os ônibus que vieram, né? Eu vi dois motoristas deitados no bagageiro dormindo. Com isso, o movimento aqui na sorveteria cresceu bastante. Nem comparar com ontem. Que tá bem, tem bastante gente. E também a questão da moda, né, calções, como eu já tinha falado, bermudas, e chapéu de palha também começa a aparecer. Eu vi também uma lancha, e até um trator transitando na praia.

89. Sabe que, na praia, na praia, eu não vi lixo. Mata de restinga. Apesar de não ter muitas lixeiras, não.

90. Tá até meio difícil ficar no sol, até o vento, o vento parou. Que o vento chega mais tarde, né, então... até, e na Vila tem menos vento ainda, do que aqui na praia.

91. Outra coisa é que a água chega a estar rasa demais: tu tem que andar muito até poder nadar!

92. Sabe que, em termos de paisagem sonora, aqui o som do motor aqui se sobressai ao som das águas: a água tá muito calma. E os motores, tanto na praia, quanto da água, sobressaem-se ao vento e água, que são sons naturais. Em Lago Merín, me lembro de ouvir as pessoas, obviamente, assim como aqui. Mas, como tinha vento, tinha ondas. Você ouvia o som das águas. E não ouvia motores, né, porque os carros estavam distantes. E *jet ski* não me lembro se eu vi.

93. Quatro e quinze. Tô indo embora. Tem bastante gente, algumas pessoas chegando, outras indo embora. A passarela bastante disputada pra fotos. Essa questão da altura realmente propicia uma vista melhor. As pessoas têm que esperar as outras passarem pra poder tirar foto. Os ônibus de excursão continuam aqui. E aqui realmente predomina o sotaque rio-grandino, pelotense, né? Sotaque diferente do que se escuta em Lago Merín, por exemplo, né? Não tem tanta interferência do estrangeiro, como se tem lá. Os de Jaguarão, ou de outras cidades próximas.

94. Última curiosidade que eu vi na saída, e talvez por isso tem que caminhar mais pra ver as coisas. É um carro, um carro até relativamente novo, bom, vendendo sorvete e picolé. Que é uma coisa que eu realmente nunca tinha visto. Não sei se no Cassino tem isto, mas aqui eu vi. E faz algum sentido, pela extensão da praia.

### **Dia 21/1/20 (terça-feira)**

#### **Porto Pindorama, Santa Vitória do Palmar**

95. Bom, eu não ia gravar nada sobre o domingo [19/1/20]. Porque ia ser só uma visita informal. Pra mim mesmo, no caso, né? Mas eu vi no final de tarde no domingo. Ahm,

era um dia relativamente quente. É, eu vim pela avenida, pelo acesso normal, que tava bastante cheio. É, bastante gente vindo no caminho do Porto. É, provavelmente saindo da praia e chegando até aqui. É, chegando aqui, havia guardas de trânsito dizendo que nós devíamos retornar. Ou seja, no entorno do prédio do Porto, onde geralmente as pessoas estacionam, não havia lugar. Porque estava havendo um show. Eu até perguntei pro guarda, é, se tava acontecendo algum evento; ele me contou isto. É, naquele dia eu fui um pouco mais, é, um pouco antes de chegar ao Porto, eu estacionei ali. Tirei umas fotos bem bonitas. Um pôr do sol mais bonito. Porque parece que o caimento do sol é outro no verão. Então, ali tinha alguns barcos, alguns carros, e eu tirei uma foto. Então, tinha bastante gente realmente no Porto. É, havia música, o restaurante estava aberto. É, o caminho a gente vê, é, palmares, né? Não é tomado por eles, mas há alguns. É, depois voltei pra casa, depois de tomar um chimarrão. Então, até pra ver que a minha prática, tentando me invisibilizar enquanto observador, ela também muda. De acordo com o sítio.

**96.** Hoje, então, dia um, oficialmente, de observação do Porto. É, o caminho tava bem mais tranquilo, né? A gente passa, observa a Vila do Porto, a comunidade do Porto. É, já de cara eu percebo que, dos três sítios, é o mais sinalizado. Porque desde o centro da cidade, até aqui, há uma sinalização. Indica, né, que estou no Porto de Santa Vitória e estou na Lagoa Mirim. Não está completamente vazio. São 3:25 da tarde. Há algumas famílias de Santa Vitória. Domingo eu observei um que outro carro de fora. É, os, ahm, os carros, né, os carrinhos que vendem comida não estão funcionando. Mas o restaurante está aberto. Depois eu vou lá conferir. E eu acabo adotando, novamente, uma postura é, diferente dos outros sítios, porque eu estou dentro do carro conversando, né? Apesar de haver bancos. Hoje, na cidade está bastante ventoso; aqui não é tanto. A água está nublada, né? Tempo nublado, como eu disse.

**97.** Agora vejo um casal circundando o prédio do Porto. Vestido, não parece ser daqui, parece ser de Porto Alegre, ou algum lugar assim.

**98.** É, de fato, eles chegaram num carro de elite, né? É, estão como se estivessem viajando e passeando aqui. Não estacionaram onde a maioria estaciona; estacionaram atrás. Mas estão aqui nos bancos. Lanchando, e com.

**99.** É, eu ia comentar antes sobre os barcos, né? Que uns estão na casa dos pescadores. No canal tem alguns poucos. Mas agora eu vejo um sendo rebocado por outro aqui na Lagoa, de pesca, da própria comunidade.

**100.** O casal, que é bronzado, veste óculos bonitos, da moda. Já levantou: não ficou cinco minutos. E alimentou o cachorro com a comida que eles trouxeram: um sanduíche e um bolo.

**101.** Acabou de passar um carro dos bombeiros de Santa Cruz do Sul.

**102.** Agora três senhoras chegam, tiram várias fotos a partir do trapiche, *selfies* também.

**103.** Aqui eu observo, que não todos, mas a maioria, descem e fazem o percurso no trapiche. Talvez custe, leve uns cinco minutos. Então, lá em tenho a passarela, aqui em tenho o trapiche; em Lago Merín eu não me lembro de um local como este, de contemplação da própria Lagoa. Porque tudo está na linha da praia [lá]. Do próprio balneário. Então, onde pensar essa interpretação do patrimônio, ou melhor, da paisagem.

**104.** São pessoas de moto, de carros populares, né, carros mais simples. Tomando uma cerveja; o bar está aberto. Ahm, repleto de produtos, mas não tem clientes agora. Todas são visitas às vezes de dez minutos. Se escutam crianças, então tem crianças, casais, não vi ninguém sozinho até agora.

**105.** Não posso esquecer que eu fiz uso do banheiro. E tava bem sujo; com algumas depredações. Então, a qualidade é bem pior do que eu encontrei em Lago Merín. Até mesmo os banheiros químicos na Capilha. E o movimento é constante, né? Sempre tem quatro, cinco carros aqui. Pelo menos neste horário: são quinze para as cinco.

**106.** (Vento soprando). Agora, perto das cinco, um casal, digo, duas amigas tomando chimarrão. Jovens, né? Algumas pessoas consumindo na lanchonete. O pessoal que veio tomar banho, veio sem toalha de banho. Veio sem nada. E também um carro do Uruguai, que fez mais ou menos a mesma visita e algumas fotos.

**107.** Acabo de ver uma *performance* fotográfica do casal, digo, pai e filho com o carro, né? Com o carro na paisagem. Da Lagoa Mirim.

**108.** Do lado do trapiche, uma bandeja, é, de papel, que sugere oferendas, assim como uma garrafa de cidra, pela metade, em cima de um banco.

**109.** É, uma figura solitária, um cara, ahm, um pouco mais velho, uma caminhonete boa. Parou, comeu um crepe, sentou, caminhou pelo trapiche e foi embora.

**110.** Aqui no Porto tem dois locais. Dois estabelecimentos. Um vende lanche, outro é restaurante. E o dono da lanchonete me contou que há dezesseis anos vinha no Porto vender, né? Todo domingo, mesmo com tempo ruim. Disse que acreditava que o Porto um dia daria certo. E está aqui há três anos. E com movimento razoável. Agora eu tô embora, são 6:30 da tarde. Não tem um pôr do sol bonito, porque tá bastante nublado. E parece ter menos gente agora do que no horário que eu vim antes.

111. Eu já havia finalizando, mas, passando aqui na beira do canalzinho, uma *troller* de Florianópolis, com um *jet ski* estacionado. Um senhor e uma senhora sentados.

112. Outra coisa, que reparando melhor na placa daquele carro, daquele cara que veio sozinho. Parece que é da União Europeia. Ele pagou em pesos uruguaio, um dinheiro bem novinho. Mas era da União Europeia. Eu vou checar. E outra é que nós vimos um pai e filho chegando de bicicleta, fazendo a volta e retornando pra cidade.

### **Dia 22/1/20 (quarta-feira)**

#### **Porto Pindorama, Santa Vitória do Palmar**

113. Porto, dia de observação "dois". Agora são 17:40. Hoje cheguei um pouco mais tarde. O tempo está menos nublado, menos ventoso. As pessoas que estão aqui não são as mesmas de ontem. Vejo, de novo, dois carros do Uruguai, dois carros da região metropolitana. Os demais, de Santa Vitória do Palmar. Alguns sentados no meio do trapiche. Crianças, casais, novamente.

114. (Vento soprando). No trapiche, observo algumas pessoas pescando com vara.

115. (Vento soprando). Algumas pessoas chegam de moto: dois jovens amigos.

116. (Vento soprando). Dois casais de idosos também é um público.

117. Só um detalhe que eu acabei de observar (vento soprando). Um carro que vem de fora, um carro é bom, viu? E tem grupos de viagem diferentes. Houve uma interferência, e perdi o que eu estava falando. Com um violão, violão, do lado do carro.

118. Um quarto carro do Uruguai, de Garzón. E um do Mato Grosso.

119. Agora chegou um carro (barulho de motor). Uma Captiva de Santa Maria. Vamos ver que grupo de viagem é este.

120. Hoje novamente vejo um ciclista, diferente do que eu vi ontem. Solitário. Com capacete, tênis. Também só dá a volta no Porto. E a camisa amarrada na cintura.

121. É, mesmo no verão, a gente percebe a importância do carro, né? Algumas pessoas, né, elas não ficam o tempo todo no carro, mas, às vezes, ficam um bom tempo no carro. Com o carro fechado. Eu tô com as janelas abertas, mas as pessoas estavam com a janela fechada. Ou caminham e voltam pro carro. Muitas vezes, os bancos que estão bem de frente pra Lagoa, pro pôr do sol, estão vazios. Mas as pessoas estão dentro do carro.

122. O carro de Santa Maria até ficou um tempo razoável: ficou uma hora. Agora que o pôr do sol tá quase ocorrendo, eles foram embora. Duas mulheres, com um bebê e uma criança.



123. Duas horas após eu chegar aqui, com o sol se pondo, eu me despeço do Porto, por hoje.

**Dia 23/1/20 (quinta-feira)**

**Porto Pindorama, Santa Vitória do Palmar**

124. Terceiro dia de campo no Porto. O dia mais ensolarado, hoje. E curiosamente, ou não, um dos dias mais vazios. De fora, somente um carro do Uruguai. E de São Lourenço do Sul.

125. Do meio do trapiche, o casal, com dois filhos, ahm, tira uma foto ou um vídeo 360 graus. Panorâmico. E a filha, deve ter uns oito anos, fazendo uma pose como se fosse pulando. Pra capturar no ar a foto (canto de um pássaro).

126. Trazer os cachorros é algo que eu não tinha observado ainda. Que é mais comum nas praias. Que os cachorros que eu vi por aqui, que andam por aqui, alguém trouxe os cachorros. Provavelmente um casal de Rio Grande.

127. Ahm, no banheiro, é difícil identificar o gênero "masculino" ou "feminino". É, embora a gente saiba que tem essa divisão. O museu está aberto de quarta a domingo. E, no dia de hoje, a senhora que atendeu ali falou que boa parte são do Uruguai.

128. Novamente, hoje observo a prática de pesca com vara na ponta do trapiche. Por mais de um grupo.

129. Novamente, é recorrente essa prática da pesca. Tá chegando um grupo de amigos, senhores e rapazes, indo pro, provavelmente aqui pro trapiche pescar.

**Dia 24/1/20 (sexta-feira)**

**Porto Pindorama, Santa Vitória do Palmar**

130. Hoje, o último dia de pesquisa aqui no Porto. Cheguei às 5h. Um sol brilhando. É, tão cheio quanto ontem, ou seja, não está tão, tão cheio. Algumas sentadas em suas cadeiras de praia, provavelmente com família; não na parte da frente do Porto, mas na sombra atrás, com cadeiras de praia. Algumas pessoas caminhando no trapiche e outras tomando banho na Lagoa, debaixo deste.

131. Dois amigos que vieram de moto pro Porto. Uma coisa que eu não tinha observado enquanto vestimenta é uma mulher com óculos de sol e um chapéu. Desses que a gente vê na praia; um chapéu pequeno.

132. Outra *performance* que eu observei é, pegar o chapéu pra ele, né? É, tava com a mulher, e, pra tirar a foto, usou o chapéu.

133. Duas adolescentes vestidas com biquíni estavam indo tomar sol aqui na frente do Porto. Mas, aparentemente, a tia deles não deixou. Eram duas adolescentes, elas ficaram mais no, no lado ali. Novamente, umas crianças tomando banho, ahm, na Lagoa. E são, quase sempre, meninos. Ficam um bom tempo se banhando. E parece ser bem raso, e água, quente.

134. Novamente, observo a pesca no trapiche. Dois senhores, ahm, e suas varas de pesca. Não são simples. Um deles inclusive com uma bengala. E uma cadeira de praia.

135. Tirando foto novamente com o chapéu. Dessa vez no trapiche. Só que está assim, tem que segurar porque se não, voa. E realmente, não é só vestir o chapéu, mas evitar que voe.

136. (Barulho de crianças). O banco realmente acaba demarcando o local pra captura da imagem, né? E as pessoas também tem diversão fazendo isso, dentro desse ato.

137. É, agora os guris tão pulando do trapiche. Alguns com mais medo, outros com menos. Primeiro verificaram se não tinha pedra, e tão aproveitando. E eu tirei algumas fotos daquelas duas moças, a distância. Aí, uma forma de se aproximar foi oferecer pra que eu tirasse uma foto. E pedi outro delas, mesmo que eu não use essa foto. Pra conversar um pouco. Então, são pessoas que vêm de fora, vêm de Fortaleza, uma delas. Mas, moram aqui há tempo. Vieram em função de trabalho, e tal.

138. Hoje foi a primeira vez que eu vi um barco motorizado. É, singrando as águas da Lagoa. Um cena que eu vi, ao chegar aqui, foi, é, pescadores pintando os barcos ali no canal.

139. Aqui, ao lado, mais nos fundos, uma outra criança. É, com alguns equipamentos de natação, colete, pé de pato. Agora tão aproveitando a água.

140. Mais lá dentro do canal, também uma criança aproveitando pra nadar, e os pais tirando foto.

141. Uma prática pode ser, ahm, andar a pé levando as bicicletas consigo, no próprio trapiche. Só apenas contornam de bicicleta e retornam.

142. Na parte sul e sudoeste é possível observar as eólicas.

**Dia 23/1/20 (sábado)**

**Capilha, Rio Grande**

**143.** Assim como tá gravado em vídeo, né, eu fiz um acesso hoje de carro. Porque eu notei que eu teria outro acesso à praia, se eu viesse de carro. Ahm, por onde os carros entram, e não... Diferentemente de quando eu deixei o carro na praça da igreja, e desci a passarela andando. Então, aqui você vê realmente movimento de carros. É, alguns deles próximos da água. Outros, um pouco mais distantes. É, há um trânsito leve de carros pela praia. Como se houvesse uma estrada, porque tem que cuidar bastante onde passar. Porque o carro pode atolar. Chama a atenção a patrula fazendo o seu trabalho pra deixar a areia mais propícia ao tráfego de carros. Observo, as pessoas geralmente vêm em grupos. Não somente um carro. Aqui vejo grupos de pessoas mais jovens. É, todo mundo, um guarda-sol ou mais. Improvisando alguma coisa que tape o sol. Muitos deles com gazebo, churrasqueiras; é, outros trouxeram uma pequena lancha, *jet ski, stand up...* de uma forma independente, nos grupos. E não um serviço sendo ofertado. Hoje o dia está bem mais nublado que nos outros dias. A água está um pouco mais agitada do que nos outros dias que eu vim pra Capilha. As pessoas parecem estar aproveitando da mesma forma; jogando vôlei na água, em roda. Com suas boias, crianças, algumas pessoas mais velhas.

**144.** Diferentemente do outro dia, em que não foi possível observar pessoas caminhando ou correndo, hoje eu vejo pequenas duplas ou trios fazendo uma caminhada. Não sei se é pelo horário, pelo nublado. Hoje não tem vento, esqueci de falar também. Não tem vento. Está abafado. A água tá uma temperatura bem boa pro banho. Uma temperatura bem agradável. Observei que, inclusive as pessoas que trazem as suas canoas, seus remos, para praticar canoagem aqui na Lagoa, eles portam inclusive os coletes salva-vidas. Adultos e crianças devidamente equipados.

**145.** Mesmo quando se tem somente um carro, eles podem estar levando dois casais, no caso. Que combinaram de vir à praia, ou mesmo um casal, é menos comum. Também no vídeo, barracas, né? Barracas, provavelmente de pessoas que passam o final de semana. É, há barracas isoladas e há barracas em conjuntos relativamente grandes.

**146.** É, da água, desse ponto, o que se observa da praia, são essas falésias. Ainda com bastante vegetação rasteira. Ahm, tem uma faixa que são eucaliptos. Tem uma mata. Então, você não observa, pelo menos desse ponto, a urbanização. A urbanização está atrás disso. Mas sim, se vê umas casas que avançam um pouco mais em direção à praia. E na parte sul, a única verticalidade, que seria a linha de transmissão. São mais de dez que são possíveis de ver. Pelo menos dez torres que se consegue enxergar daqui. Se vê crianças,

sendo ajudadas pelos seus pais, praticando a canoagem. Outras crianças maiores o fazem sozinhas.

**147.** É, apesar de hoje a paisagem, o cenário, estar um pouco diferente, não se ouve o vento, mas se ouvem as ondas, né? É, não se ouve tanto o motor do carro, ou da moto aquática. É, me parece que há ainda, pelo menos nesse ponto, em dias como este, uma certa harmonia entre os carros, pedestres, os banhistas. Porque, assim como eu já havia visto, não há um trânsito de pedestres intenso. As pessoas estão no carro e vão pra água.

**148.** O que é bastante comum, que é previsível isso, as pessoas estarem ouvindo suas músicas no carro. Quando elas passam, quando elas estão paradas, sempre, ou muitas vezes, tendo uma trilha sonora que é de agrado dos passageiros ou motorista.

**149.** Também tem as *selfies* do grupo de viagem. Voltado pra água. As pessoas com roupa de banho, obviamente com roupa que ficam, que passam o dia.

**150.** A coisa que se observa nas caminhadas é caminhar de pé descalço, né? É, tem a ver com uma facilidade maior, obviamente, pra fazer isso. Mas também um contato com a areia, com a água. É, que se observa bastante.

**151.** Observei até um micro-ônibus que parece pra essa finalidade de férias mesmo. Uma grande barraca, uma lona. Inclusive roupa secando. Novamente eu observei as churrasqueiras. Aqui temos umas goleiras improvisadas onde pré-adolescentes jogam futebol. Ahm, aqui onde a urbanização tá mais perto, perto da praia, digo, da capela, eu observo casas relativamente novas realmente com escadas, *decks* e acessos pra praia.

**152.** Frescobol também uma prática, um esporte observado.

**153.** Carros inclusive com reboques pra levar os apetrechos imagino pra pernoitar, pra ficar na Vila.

**154.** Apesar do trânsito relativamente harmonioso, você vê crianças cruzando do local onde elas estão, mais pro fundo, é, até a beira da água. Então esse trânsito pode ser, sim, perigoso.

**155.** Com as nuvens aumentando bastante, depois de uma tarde abafada, algumas pessoas, muitas na verdade, já começam a recolher o guarda-sol. Guardar suas coisas. Não sei se eu já falei isso, mas as churrasqueiras que as pessoas trazem também.

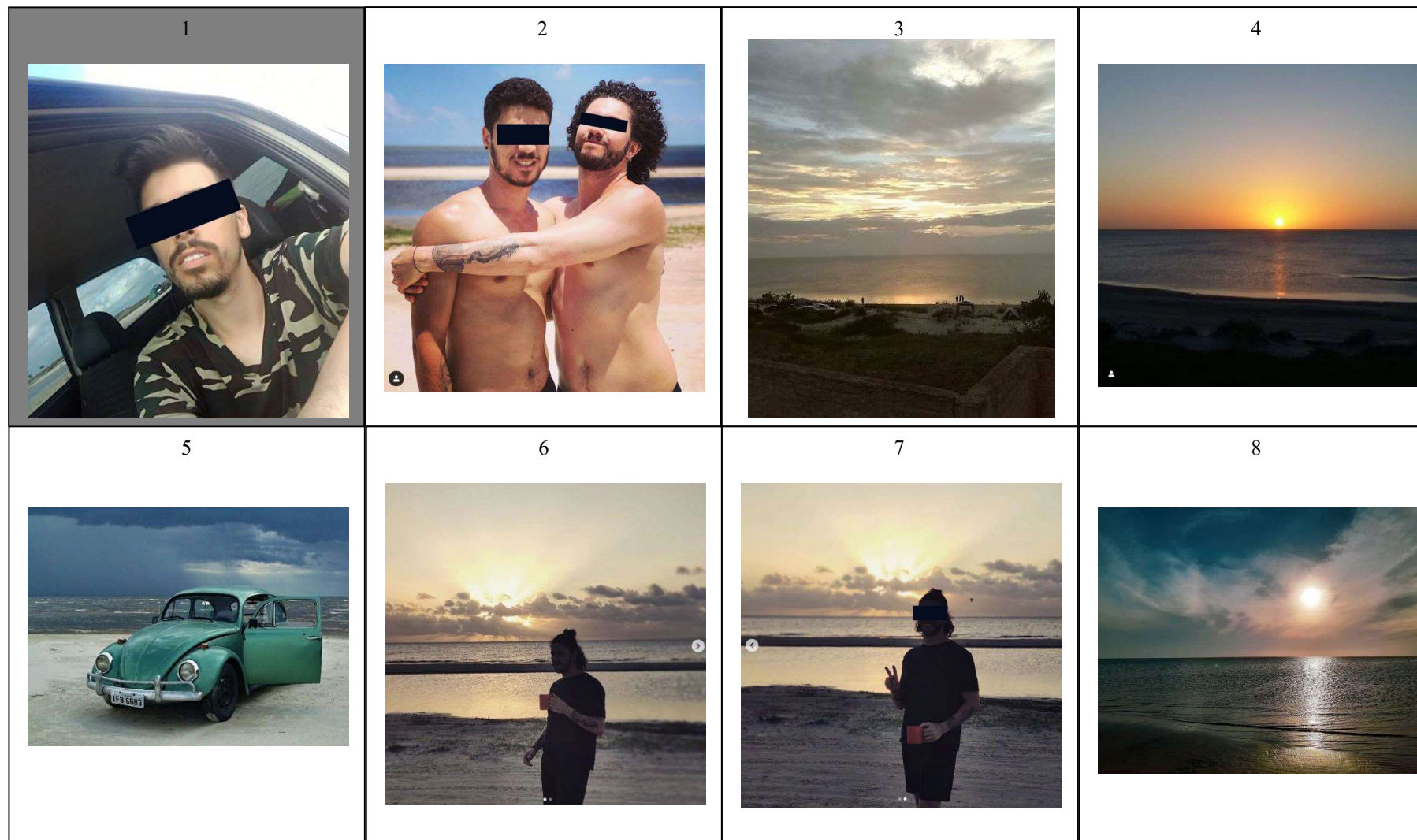
**156.** Uma coisa curiosa que eu observei, meio aleatória, também. É a venda de cadeiras de madeira, aquelas encaixadas, simples, a 25 reais. Não entendi muito bem o propósito disso, aqui. Mas também foram trazidas por um reboque: elas são dobráveis.

**157.** O trecho é norte [sic], acessível por carros, se encerra quando um alagadiço começa.

**158.** E, eis que a chuva começa, com pingos grossos.

**159.** Interessante ver o trabalho coletivo das pessoas pra desmontagem dos gazebos; retirar os guarda-sóis, as suas caixas térmicas. Algumas pessoas que estavam debaixo do gazebo, permanecem.

APÊNDICE G – GALERIA DE FOTOGRAFIAS ANALISADAS  
CAPILHA



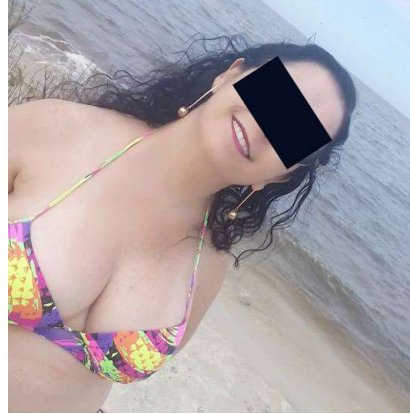
9



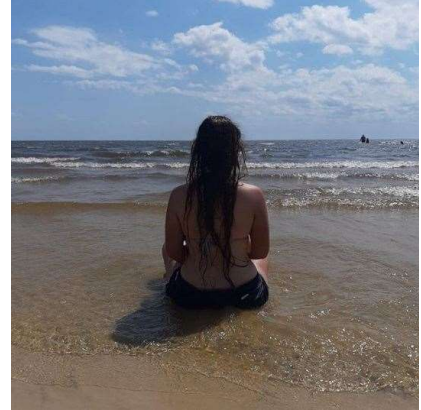
10



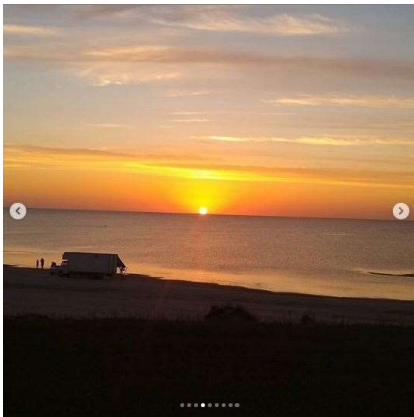
11



12



13



14



15



16



17



18



19



20



21



22



23



24





25



26



27



28



29



30



31



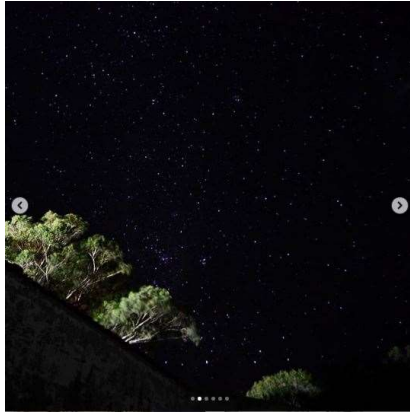
32



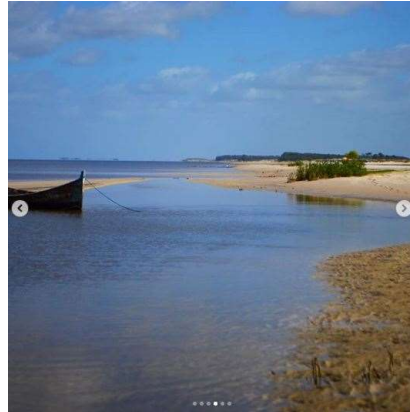
33



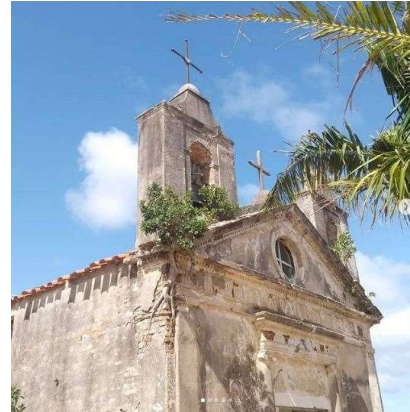
34



35



36



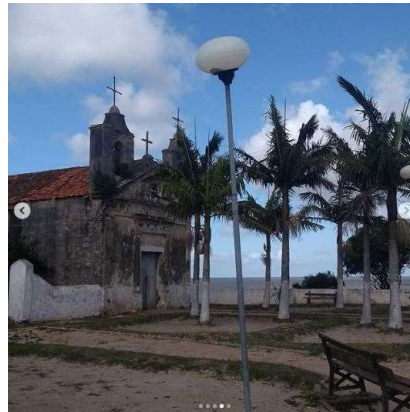
37



38



39



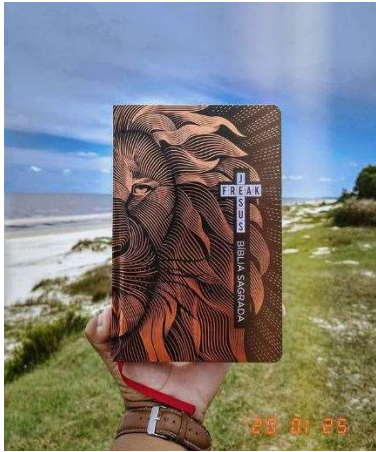
40



41



42



43



44



45



46



47



48



49



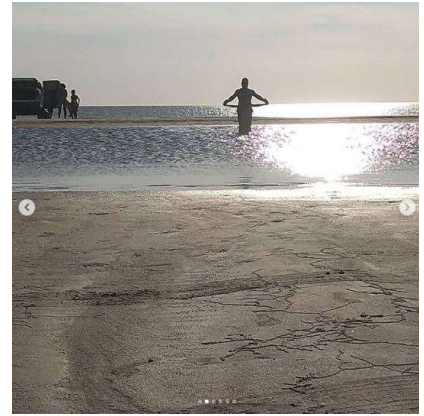
50



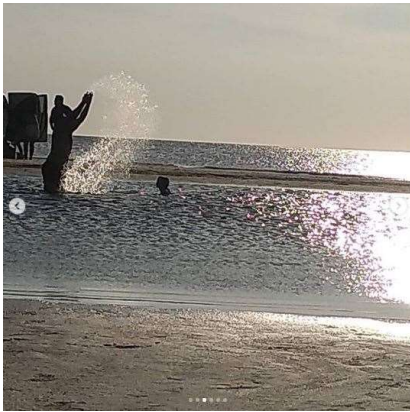
51



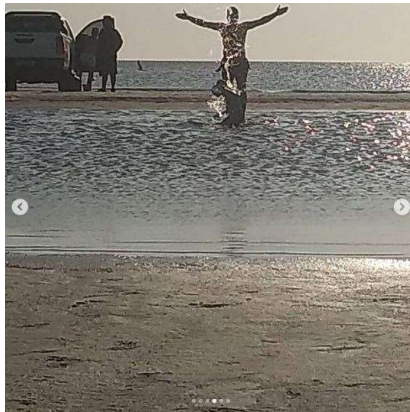
52



53



54

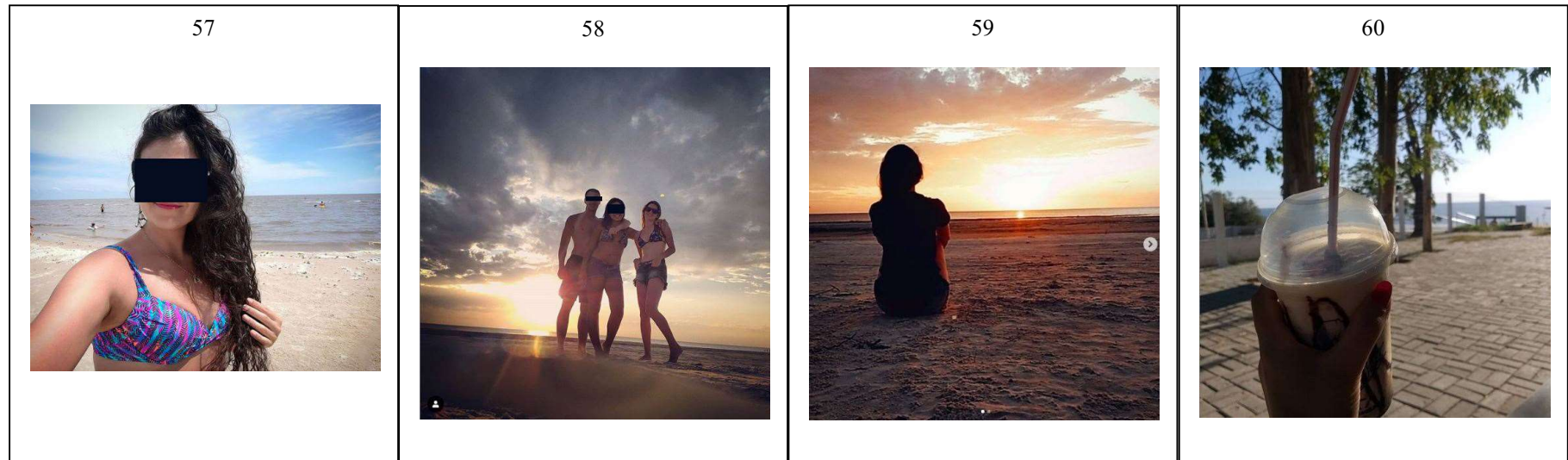


55



56





Fonte: Elaboração do autor (2020), a partir da adaptação de fotografias postadas publicamente no Instagram. Disponível em: <<http://www.instagram.com>>. Acesso em: 16 maio 2020.

**APÊNDICE G – GALERIA DE FOTOGRAFIAS ANALISADAS**  
**LAGO MERÍN**

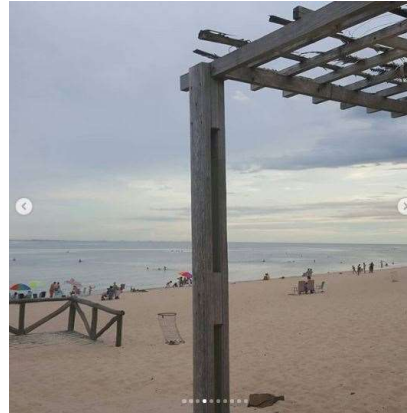
61



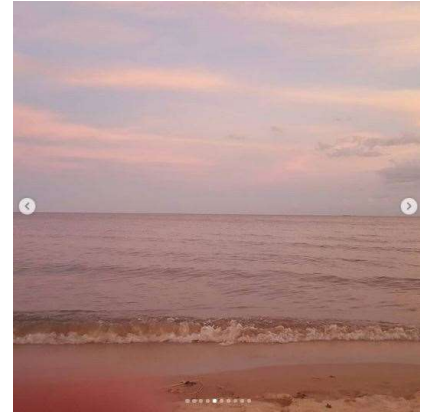
62



63



64



65



66



67



68



69



70



71



72



73



74



75



76





Fonte: Elaboração do autor (2020), a partir da adaptação de fotografias postadas publicamente no Instagram. Disponível em: <<http://www.instagram.com>>. Acesso em: 16 maio 2020.



**APÊNDICE G – GALERIA DE FOTOGRAFIAS ANALISADAS  
PORTO PINDORAMA**

79



80



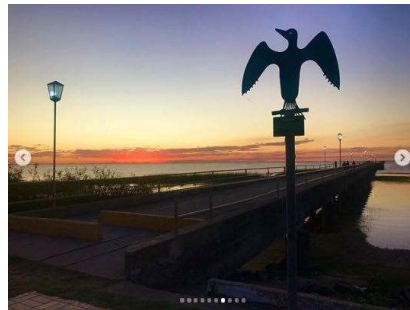
81



82



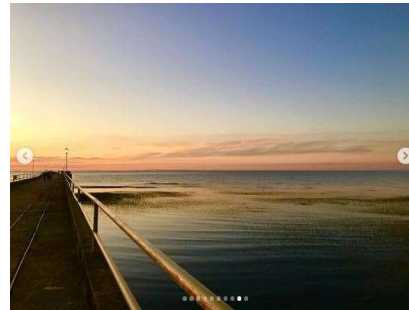
83



84



85



86



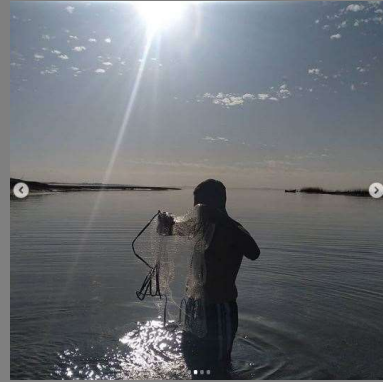
87



88



89



90



91



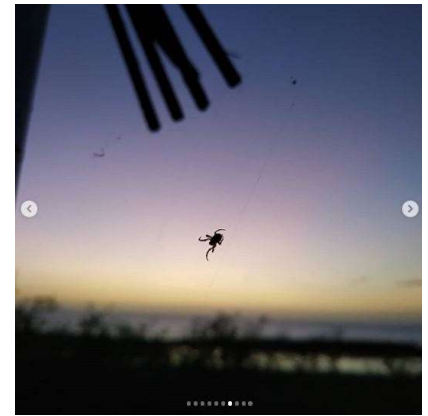
92



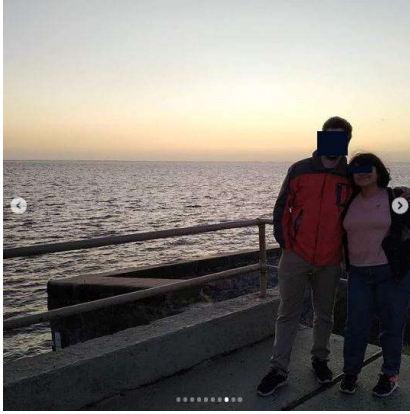
93



94



95



96



97



98



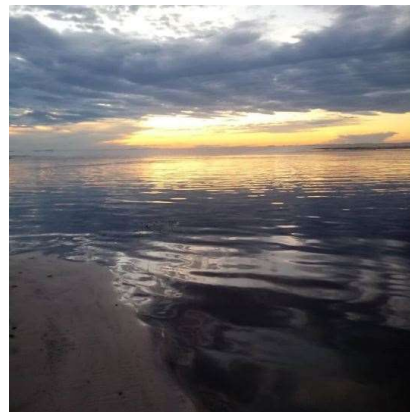
99



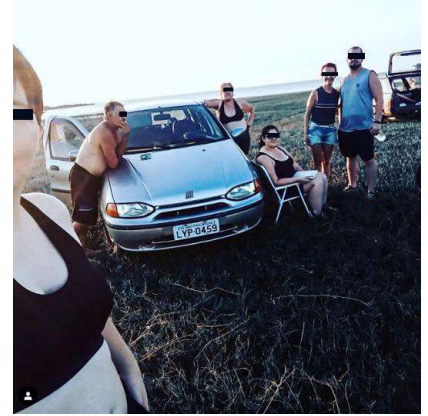
100



101



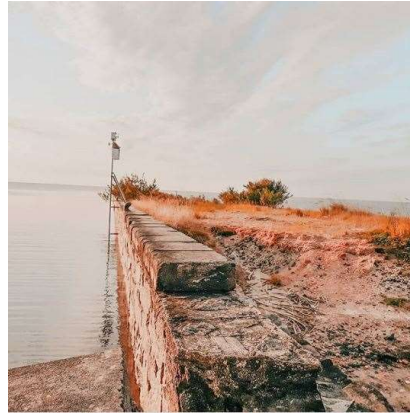
102



103



104



105



106



107



108



109



110



111



112



113



114



115



116

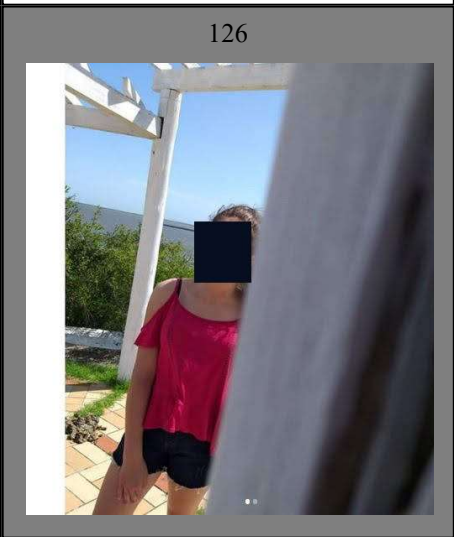
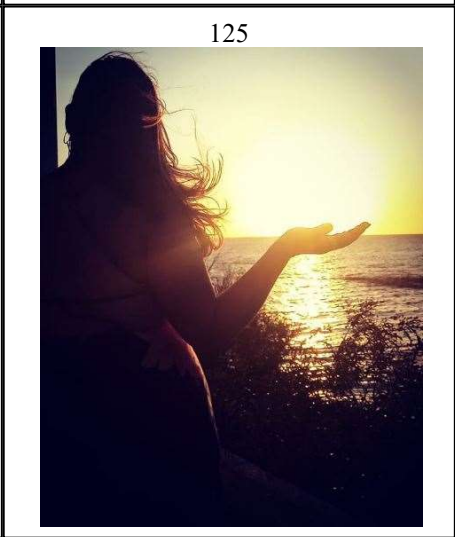
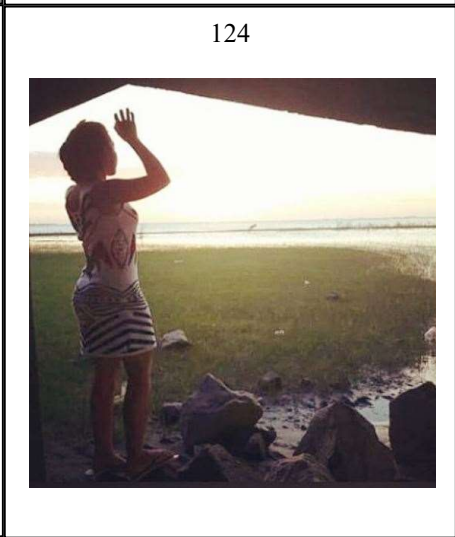
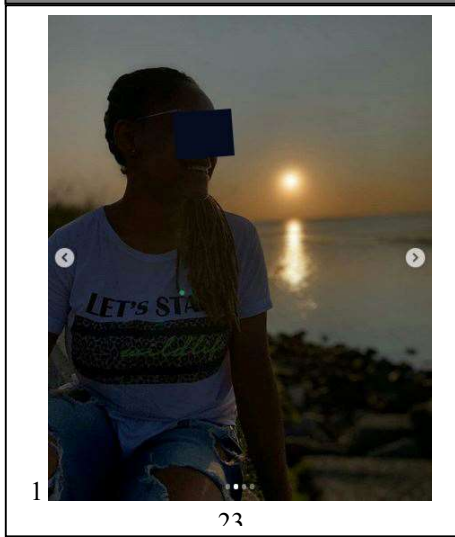
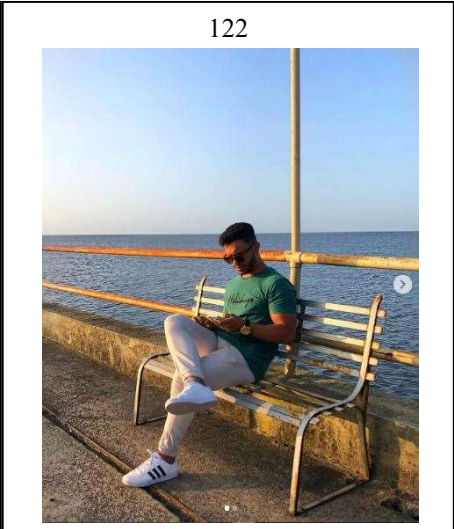
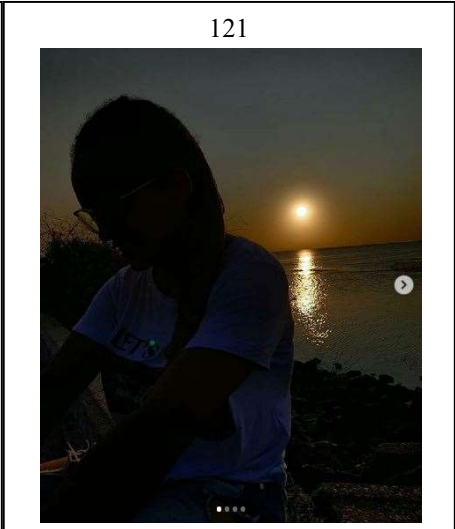
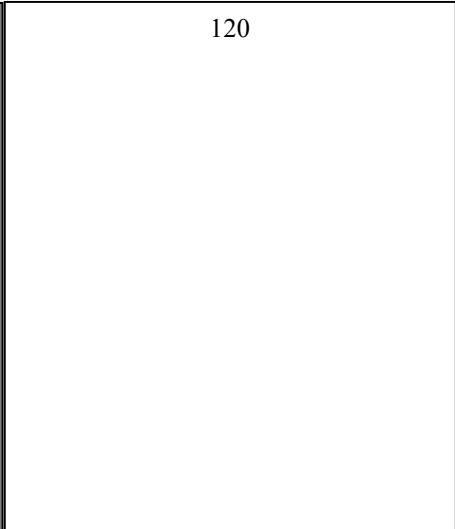
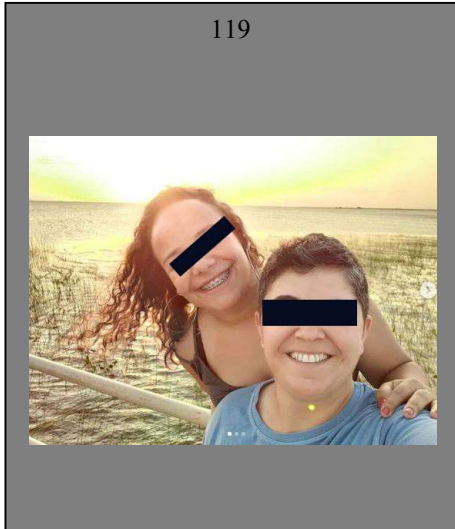


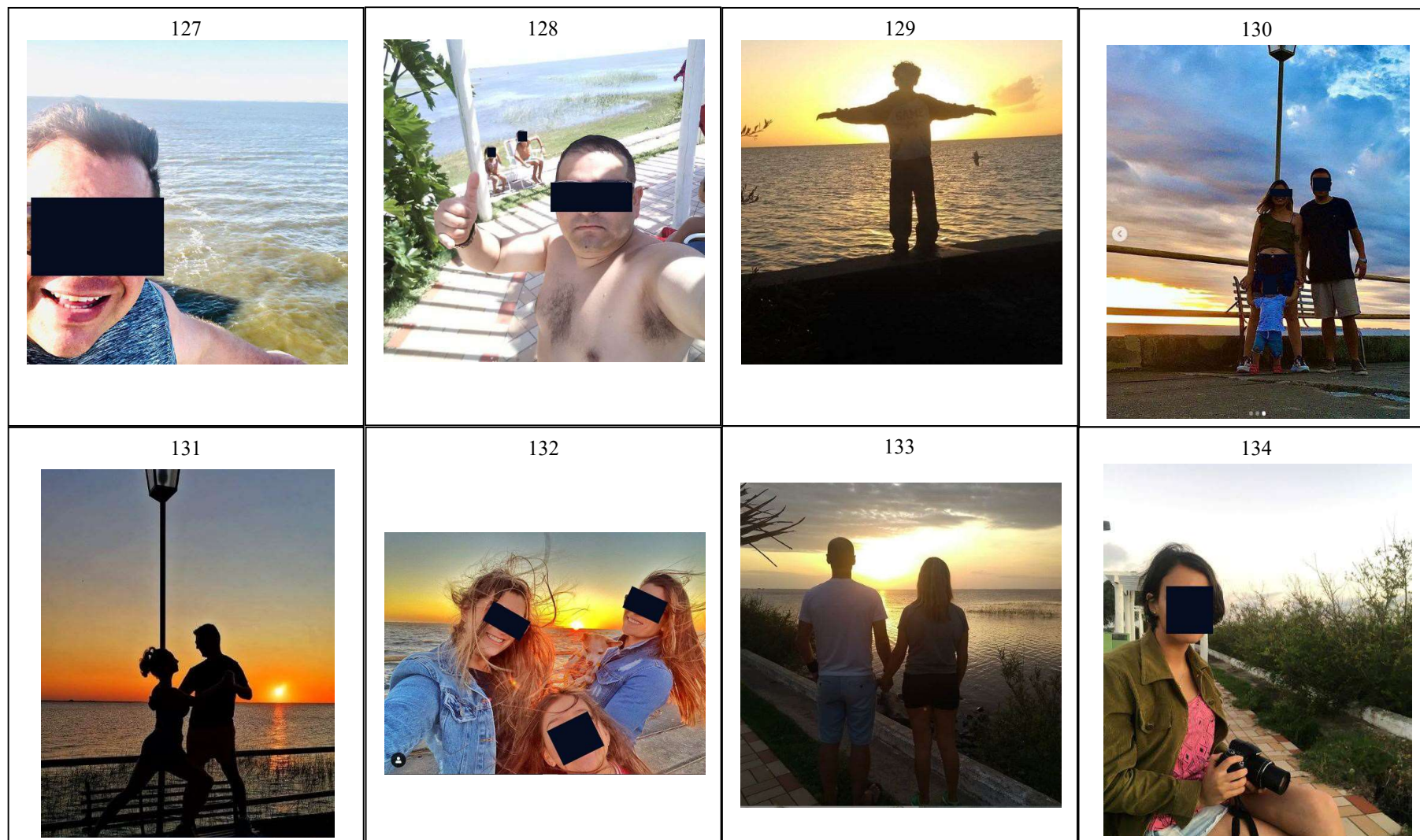
117



118







Fonte: Elaboração do autor, a partir da adaptação de fotografias postadas publicamente no Instagram. Disponível em: <<http://www.instagram.com>> (2020). Acesso em: 16 maio 2020.

**ANEXO****ANEXO A – Rol de atribuições da Comissão da Lagoa Mirim - CLM**

- a) estudar diretamente ou através de entidades nacionais ou internacionais os assuntos técnicos, científicos, econômicos e sociais relacionados com o desenvolvimento da área da Bacia da Lagoa Mirim*
- b) apresentar aos governos a descrição completa e pormenorizada dos estudos, planos e projetos de obras e serviços comuns*
- c) gestionar e contratar, com prévia autorização expressa dos governos em cada caso, o financiamento de estudos e obras*
- d) supervisionar a execução de projetos, obras e serviços comuns e coordenar seu ulterior funcionamento*
- e) celebrar os contratos necessários para a execução de projetos aprovados pelos governos, requerendo destes, em cada caso, sua autorização expressa*
- f) propor a cada um dos governos a realização de projetos e obras não comuns relacionados com o desenvolvimento da Bacia da Lagoa Mirim*
- g) formular sugestões aos governos acerca de assuntos de interesse comum relacionados com o desenvolvimento econômico e social da Bacia*
- h) constituir os órgãos subsidiários que se estime necessários, dentro dos termos previstos no Estatuto*
- i) propor a cada um dos governos projetos de normas uniformes sobre assuntos de interesse comum relativos, entre outros, à navegação; prevenção da contaminação; conservação, preservação e exploração dos recursos vivos; e colocação de tubulações e cabos subfluviais e aéreos*
- j) as demais funções que lhe sejam atribuídas pelo Tratado e as que as partes contratantes convenham em outorgar-lhe, por troca de notas ou outras formas de acordo.*

(ALBA, 2010, p. 26)